
ALEXANDRE LOPES MARTINS COELHO




ALCEU SANT'ANNA DE ALMEIDA
1948
EX-LIBRIS


ALEXANDRE LOPES MARTINS COELHO

LOT
Nº 287

SALE 159

Richard Margolis
International
Numismatic Library

March 6, 2021



Kolbe & Fanning
Numismatic Booksellers
numislit.com

Tel: (614) 414-0855
Fax: (614) 414-0860

orders@numislit.com

141 W. Johnstown Road
Gahanna, OH 43230-2700


ALCEU SANT'ANNA DE ALMEIDA
1948
EX-LIBRIS

Medalhas Portuguesas

— E —

Estrangeiras referentes a Portugal

ARTHUR LAMAS

MEDALHAS PORTUGUESAS

E

ESTRANGEIRAS REFERENTES A PORTUGAL

MEMÓRIA HISTÓRICA E DESCRITIVA

BASEADA NA

COLECÇÃO INICIADA

POR

JOSÉ LAMAS

VOLUME I

Parte I: Medalhas Comemorativas



1916
Tipografia de Adolpho de Mendonça
46, Rua do Corpo Santo, 48
LISBOA

À

MEMÓRIA

DE

MEU PAI

PREFÁCIO

O Sr. José Lamas, meu falecido Pai, foi um dos amadores da Numismática que mais se distinguiram no passado século. Tendo começado a dedicar-se ao estudo desta Sciencia cerca do ano de 1860, conseguiu organizar, pouco a pouco, com extraordinária perseverança, uma das mais notaveis colecções de moedas e medalhas do nosso País, e da qual muitas vezes se utilizou Teixeira de Aragão para os seus estudos.

Meu Pai não amontoava moedas e medalhas ao acaso, ou por capricho: reuni-as com método, estudava-as, dispunha-as por ordem, e nunca se recusava a mostra-las, tanto aos outros coleccionadores, como aos simples curiosos, tendo assim contribuido poderosamente para o desenvolvimento do gosto pela Numismática entre nós. A sua colecção de moedas era típica do processo de coligir então adòtado, o qual consistia na formação das séries atendendo-se sómente aos tipos principais e despresando-se as variantes das datas. Não sendo, por isso, muito extensa era, contudo, uma das mais completas da sua época. Dela organizei, em tempo, um catálogo [1] que, apesar de incorrecta e levemente feito, dá ideia aproximada do seu merecimento.

A sua colecção de medalhas, que hoje me pertence e tenho trâtado de aumentar, vai agora ficar catalogada no presente trabalho, ao qual dei algum desenvolvimento na esperança de que ele possa servir de subsídio, embora modesto, à Medalhistica Portuguesa.

---

(1) *Catalogo Descriptivo das Moedas Portuguesas e outras que formam parte da collecção que foi organizada por José Lamas*, Lisboa, 1903.

Classificação das Medalhas

À qual ficará subordinado o presente trabalho

A. — **Comemorativas de factos, de personagens a quem foram dedicadas, de monumentos, etc.**

O estudo das medalhas compreendidas nesta classe constituirá o assunto da *primeira parte* e do *primeiro volume* da obra, e será feito por ordem cronológica. A indicação das datas das medalhas, logo a seguir aos numeros de ordem das respectivas descrições, facilitará a consulta do livro. Quando, porêm, as medalhas não tiverem as datas inscritas será a referida indicação substituida pelas letras: s. d. (sem data).

B. — **De galardão ou recompensa:**

a) por *serviços humanitários;*

b) por *serviços patrióticos*, como por exemplo, as que se conferiram tanto a individuos da classe militar como da civil, por motivo de certas e determinadas campanhas, as exclusivamente militares, etc.

c) por *serviços politicos;*

d) por *serviços ou actos de caracter scientifico, artistico, literario e industrial:*

1) *diversas,*
2) *de exposições,*
3) *privativas das escolas*;

e) por *diversos serviços;*

f) relativas *a exercicios desportivos;*

C. — **Medalhas-Insignias:**

a) das *Ordens: religiosas, militares e civis;*
b) de *corporações, ou agrupamentos de carácter religioso;*
c) de *corporações humanitárias;*
d) de *corporações de caracter patriótico;*
e) de *partidos politicos;*
f) de *corporações de carácter scientifico, literario, artistico e de congressos;*
g) de *corporações de classe;*
h) de *corporações várias.*

D. — **Religiosas ou cultuais, vulgarmente denominadas verónicas ou veneras.**

APENDICE

I. — *Tésseras: contos para contar, «jetons», senhas, fichas e tentos;*
II. — *Ensaios, provas, estudos de gravadores e medalhas defeituosas;*
III. — *Medalhas estrangeiras conferidas a portugueses;*
IV. — *Medalhões;*
V. — *Medalhas projectadas que não chegaram a executar-se.*

Temos a consciencia de que a classificação que acabámos de apresentar não é perfeita; mas vimo-nos forçados a adòta-la por não termos conseguido organizar outra melhor, e por não conhecermos nenhuma que nos satisfaça.

A cada uma das classes, acima mencionadas sob as letras A. B. C. e D., corresponderá uma *parte* do nosso trabalho, o qual ficará, portanto, dividido em *quatro partes* e um *apendice*. Ás subdivisões das classes corresponderão *capitulos e parágrafos* do referido trabalho.

Nesta classificação as *condecorações* — ou medalhas destinadas a serem usadas ostensivamente por certas e determinadas pessoas, em virtude de leis especiais —, não constituem uma classe á parte; ficam dispersas por entre as medalhas de galardão e as insignias.

ABREVIATURAS

Æ .... *Cobre.*
AR.................. *Prata.*
Aragão .... *Livro de Aragão: Descrição geral e historica das moedas.*
Armand .... *Livro de Armand: Les Médailleurs Italiens,* etc.
Arq. .... *Arquivo.*
AV.................. *Ouro.*
B. c. .... *Bem conservada.*
Bib. .... *Bibliotéca.*
Bib. Nac. .... *Bibliotéca Nacional.*
Bibl. .... *Bibliografia.*
BR. .... *Bronze.*
Cap. .... *Capitulo.*
Cat. .... *Catálogo.*
Com.[va] .... *Comemorativa.*
Conf. .... *Confronte.*
Ded.[da] .... *Dedicada.*
Fig. .... *Figura.*
fl. .... *folha.*
Hist. Gen. .... *Historia Genealogica da Casa Real.*
I. é .... *Isto é.*
Liv. .... *Livro.*
Loc. cit. .... *Lugar citado.*
Lopes Fernandes ..... *Livro de Lopes Fernandes: Memoria das Medalhas.*
M. b. c. .... *Muito bem conservada.*
M. c. .... *Mal conservada.*
Med. Ill. .... *Medallic Illustrations of the history of Great Britain.*
Ms. ou ms. .... *Manuscrito.*
Ob. cit. .... *Obra citada.*

P. pag. pgs.	*Página, páginas.*
PB.	*Chumbo ou estanho.*
℞.	*Reverso.*
R. c.	*Regular conservação.*
S. d.	*Sem data.*
Sgs.	*Seguintes.*
S. v.	*Sub verbo.*
T. ou t.	*Tomo.*
Teixeira de Aragão	*Vid. retro: Aragão.*
V. ou v.	*verso.*
Van-Loon	*Livro de Van-Loon: Histoire Métallique des XVII Provinces des Pays-Bas.*
Vid.	*Vide.*
Vol.	*Volume.*

INTRODUÇÃO

As medalhas conservam, apesar das injúrias do tempo, a gloriosa fama da nossa Nação no Templo da Imortalidade.

(Extracto de um discurso do Marquês de Abrantes. Bibl. Nac., ms. n.º 685 fl. 26 v.).

SUMÁRIO: — I Origem e expansão da medalha. — II A Medalha em Portugal: — *a)* Fabrico — *b)* Estudo; — *c)* Ensino oficial; — *d)* Centros de Numismática e exposições; — *e)* Coleccionação; — *f)* Comércio — *g)* Bibliografia.

I. — **Origem e expansão da Medalha** — A medalha moderna, ou propriamente dita (1), foi criada em Italia, no tempo do *Renascimento*, por Antonio Pisano (e não Vítor, como durante muito tempo se supôs), artista de raro engenho e pintor exímio, vulgarmente conhecido por Pisanello, que nasceu em Verona no ano de 1397.

Foi entre os anos de 1438 e 1439 que ele executou a primeira medalha a qual contem no anverso o retrato do Imperador do Oriente, João VII Paleologo, a quem foi dedicada.

Pisanello teve discipulos e continuadores muito notaveis, que conseguiram, durante os seculos XV e XVI, conservar em Italia, com mais ou menos brilho, a nova arte. Tais foram, entre muitos outros: Matteo dei Pasti, Paolo da Ragusa, Giovanni Boldù, Sperandio, Cristoforo Geremia, Caradosso, etc. etc.

---

(1) Por *medalhas* antigas são vulgarmente designadas as moedas, gregas, romanas, etc., porque, em geral, elas eram, como as verdadeiras medalhas, essencialmente comemorativas.

Da Italia expandiu-se a arte da medalha, primeiramente para França, onde foi cultivada com feliz exito por Germain Pilon, Guillaume Dupré e outros, e depois para a Alemanha, onde floresceu com notavel explendor e um certo carácter de originalidade, por impulso de artistas eminentes, como foram, por exemplo: Heinrich Reitz, Friedrich Hagenauer, e Albrecht Dürer.

Por fim generalizou-se o uso da medalha em todas as nações cultas, tendo, porêm, adquirido algum desenvolvimento na Holanda e na Inglaterra.

Modernamente coube à França a glória de renovar brilhantemente a arte da medalha, fundando uma nova escola, que teve por precursores: Oudiné, Chapu, Degeorge e Ponscarme, e que foi definitivamente estabelecida por Daniel Dupuis, Chaplain e Roty. A medalha deste ultimo, com fórma de placa, que representa os funerais de Carnot, é uma das obras primas desta escola.

As primitivas medalhas, que em regra tinham módulos bastante grandes, eram feitas com modelos de cera que se reproduziam no metal — bronze ou chumbo — pelo processo da fundição. No seculo XVI começaram a ser feitas, tambem, por um outro processo, que depois se generalizou, e que ainda hoje se adòta: o tipo passou a ser primeiramente gravado a buril num bloco de aço denominado punção, e em seguida transmitido, sucessivamente, para um cunho, e para um disco de metal, por meio de um aparelho denominado *balancé*.

Actualmente o fabrico da medalha está muito aperfeiçoado: o artista limita-se a esculpir o tipo que ela ha-de conter, com as proporções aumentadas, numa substância plástica, para obter o primeiro modelo o qual é em seguida *formado* em gesso e depois reproduzido em bronze por meio da galvanoplastia. Aplicando-se este ultimo modelo a uma máquina denominada *torno de reduzir*, consegue-se um punção, *reduzido* às proporções desejadas, com o qual se faz depois o cunho, com o auxilio do *balancé*. Por fim faz-se neste mesmo aparelho a *cunhagem* da medalha.

A invenção dos processos novos não fez, porêm, desaparecer totalmente o uso dos antigos, pois que ainda hoje se fazem medalhas fundidas e gravadas, do mesmo modo que no seculo XVI continuaram a fazer-se medalhas fundidas, depois de inventado o *balancé*.

Alêm destes processos, que são os principais, podem ainda mencionar-se mais dois: o da gravura directa no metal e o da galvanoplastia.

Para o estudo da historia geral da medalha, consultem-se as seguintes obras:

Fr. Lenormant. — *Monnaies et Médailles.* — Nouvelle édition — Paris. S. d. (Bibliothèque de l'enseignement des Beaux-Arts publiée sous la direction de M. Jules Comte); 1 vol.

Jean de Foville. — *Pisanello et les Médailleurs italiens.* Paris. S. d. 1 vol.

Ambrosoli-Gnecchi. — *Manuale Elementare di Numismatica.* Milano — 1915; 1 vol.

Alfred Armand. — *Les Médailleurs Italiens des Quinzième et Seizième siècles.* Deuxième edition — Paris, 1883-87; 3 vol.

Cornelius von Fabriczy. — *Medaillen der Italienischen Renaissance. Leipzig;* 1 vol.

C. F. Keary. — *British Museum. Department of Coins and Medals. A Guide to the exhibition of Italian Medals.* — Second edition. — London: 1893; 1 vol.

Procès-verbaux et Mémoires du Congrès international de Numismatique et d'Art de la Médaille Contemporaine tenu à Bruxelles les 26, 27, 28 et 29 Juin 1910, publiés par Alph. de Witte et Victor Tourneur. Bruxelles 1910. Vid. neste livro os seguintes trabalhos: *La Medaglia nel Rinascimento Italiano,* por S. Ricci, p. 449; *La Médaille en Angleterre au XIXe siècle,* por L. Forrer, p. 187; *La Médaille en Belgique depuis* 1830. Résumé de son histoire, por A. de Witte, p. 203; *L'Art de la Médaille en France depuis un quart de siècle,* por A. de Foville, p. 665; *La Renaissance de la Médaille en France.* Essai bibliographique, por F. Mazerolle, p. 749; etc.

Alphonse de Witte. — *La Médaille en Belgique au XIXe siècle.* Bruxelles, 1905; 1 vol.

Victor Tourneur. — *Catalogue des Médailles du Royaume de Belgique.* Bruxelles, 1911 — Tome premier.

II. — **A Medalha em Portugal.** — *a)* Fabrico. — Pelo estudo a que neste capitulo, e no resto do trabalho, vamos proceder ver-se-ha que muitas das medalhas referentes ao nosso País teem sido fabricadas por estrangeiros, quer residentes lá fóra, quer no Reino; que alguns destes ultimos que tiveram a seu cargo o ensino da gravura na Casa da Moeda, não conseguiram, ou não quizeram formar escola, nem sequer incutir nos seus discipulos o gosto pela medalha; e que dentre os raros portugueses já falecidos, que a esta se dedicaram, houve apenas tres, João de Figueiredo, Francisco de Borja Freire, e José Arnaldo Nogueira Molarinho, cujo mérito relativo se pode salientar, se se atender à pobresa do nosso meio.

Quizemos ver esboçada a formação, no Arsenal do Exercito de Lisboa, onde a influência de medalheiros estrangeiros menos se tem feito sentir, não diremos de uma escola mas, ao menos, de uma tendência para o fabrico da medalha com certo carácter regional ou mesmo acentuadamente português. O *Mestre* João de Figueiredo, que alí trabalhava, podia ter sido o fundador dessa escola ou o iniciador dessa tendência; mas, infelismente, nada disto sucedeu. No entanto, não deixa de ser curioso notar-se que naquele estabelecimento do Estado, se tem mantido até hoje o uso tradicional, de um ou outro gravador... se lembrar de fazer medalhas.

Conclue-se, portanto, que a arte da medalha tem sido cultivada em Portugal com a desorientação e desleixo que caracterizam os nossos costumes, não sendo por isso possivel divídir a sua historia, que a seguir vamos esboçar, em periodos mais ou menos definidos, quer pelo predomínio de algum artista eminente, quer pelo florescimento de uma escola, ou ainda por qualquer facto notavel que tivesse contribuido para o seu aperfeiçoamento ou para a sua decadência.

*

Pode dizer-se, de um modo geral, que as medalhas própriamente ditas só começaram a fazer se definitivamente em Portugal nos principios do século XVIII, no reinado de D. João V, pois que as tentativas para a execução delas no nosso País, anteriormente realizadas, não tiveram seguimento.

Parece que a primeira tentativa foi empreendida no reinado de D. João IV, em que se fez, com a tecnica da medalha, uma moeda comemorativa especial, denominada *Conceição*, que se cunhou em honra da Imaculada e que se crê ter sido destinada ao pagamento a esta do

tributo anual de 50 cruzados, a que aquele Monarca se obrigou, por si e seus sucessores, quando a tomou por Padroeira do Reino, na Provisão de 25 de Março de 1646. A respeito desta moeda sabe-se o seguinte [1]: os cunhos estão datados de 1648; a 3 de Dezembro de 1649, autorizou-se a Casa da Moeda de Lisboa a receber um engenho, trazido de França por Antonio Routier, no qual se supõe que ela se cunhou; na gravura de um ferro para a Imagem da Virgem gastaram-se tres mil réis; por Aviso do Conselho da Fazenda, de 5 de Dezembro de 1650 mandaram-se cunhar alguns exemplares, de ouro e de prata, o maior numero possivel, que deveriam estar concluidos até ao dia 8 do mesmo mês, consagrado a Nossa Senhora da Conceição, depreendendo-se do referido Aviso que outros exemplares haviam sido anteriormente cunhados; e por Decreto de 9 de Outubro de 1651 ordenou-se que ela corresse como moeda, valendo cada exemplar de ouro, 12$000 réis, e de prata 600 réis. Consta, alêm disto, que a cunhagem da mesma moeda se continuou durante os reinados de D. Afonso VI e de D. Pedro II, e que este ultimo mandou reformar os cunhos, provavelmente pelo abridor Roque Francisco.

Nos reinados de D. Afonso VI e de D. Pedro II, fizeram-se as seguintes enigmáticas peças, com certo aspecto de medalhas:

a) ALPHONSVS. VI. REX. PORTVGAL. Busto deste Monarca, um pouco voltado à esquerda.

℞. — IN. HOC. SIGNO. VINCES. 1659. Armas do Reino. (Diâmetro: 49 milímetros?). Vem estampada na obra de Lopes Fernandes, n.º 16 e na *História Genealógica,* tomo IV, *tábua* E E, n.º 2. Diz o autor desta ultima obra a p. 490, que: «Esta Medalha mandou bater ElRey D. Affonso VI. e pa»rece a tinha o Marquez de Abrantes, porque não vi, senão esta mesma »chapa, que mandey tirar, em que se vê o retrato do dito Monarca com »a letra: *Alphonsus VI. Rex Portugaliæ;* e no reverso a costumada Ins»cripção usada nas Moedas Portuguezas: *In hoc signo vinces* 1659».

É para notar que esta peça não venha mencionada na: *Relação do*

---

(1) Vid.: *Noticias de Portugal,* de Manuel Severim de Faria, edição de 1740, acrescentada por D. José Barbosa, p. 183; João Bautista de Castro: *Mappa de Portugal,* tomo I, parte 1.ª Cap. XII, p. 181; Manuel Bernardo Lopes Fernandes: *Memoria das Moedas,* p. 183, e *Memoria das Medalhas,* n.º 15; Teixeira de Aragão: *Descripção das Moedas,* vol. I p. 91 e vol. II, p. 11, n.º 13, p. 17, p. 23, p. 66, e p. 280, doc. n.º 139; Alberto Pimentel: *Historia do culto de Nossa Senhora em Portugal* p. 247; *Historia Genealógica da Casa Real,* tomo IV, p. 287 e 490.

dinheiro, que se fabricou no Reyno de Portugal desde o tempo delRey D. João IV. até o anno de 1734, dada por Francisco da Costa Solano, Cavalleiro do habito de Christo, Contador do Tribunal dos Contos, e Thesoureiro da Casa da Moeda da Cidade de Lisboa, publicada no tomo IV da *História Genealógica da Casa Rial*, a p. 286 sgs..

b). PETRVS. D. G. PORTVGALIÆ. ET. ALGARBIÆ. PRINC. Busto do Príncipe, voltado à direita.

℞.—IN. HOC. SIGNO. VINCES. RESPICIAM. ET. VIDEBO. Armas Riais portuguesas, assentes na cruz da Ordem de Cristo. No bórdo: VT: PORTET: NOMEN: MEVM: AD: EXTERAS: GENTES (1): 1677. (Diâmetro: 40 milímetros?). Vem estampada na *História Genealógica*, IV, *tábua* EE, n.º 3, e p. 490, e em Lopes Fernandes, n.º 17, e descrita no *Catálogo da Colecção de Eduardo Carmo*, feito pelo Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, p. 159. É nesta ultima obra que a legenda do bórdo vem mencionada.

D. Antonio Caetano de Sousa no *loc. cit.* da sua *História Genealógica*, diz que viu «esta Medalha de ouro, e foy parar ao poder do Mar»quez de Abrantes, a qual El Rey Dom Pedro II. sendo Principe Regente »do Reyno, mandou fazer com o seu retrato, como se vê estampada, com »a letra: *Petrus Portugaliæ et Algarbiorum Princeps;* e no reverso: *In »hoc signo vinces, Respiciam et videbo*».

Na *Relação do dinheiro*, acima referida, encontra-se a seguinte nota referente à mesma peça (*Hist. Gen.* t. IV, p. 290): «Fabricarão-se Meda»lhas de ouro em a Casa da Moeda de Lisboa de pezo de huma onça e »sete oitavas de ley de vinte e dous quilates,que conforme o pezo a ra»zão de mil e seiscentos reis a oitava, correspondente ao dinheiro no »tempo presente, vale 24U000 reis, tendo de valor intrinseco vinte e dous »mil e quinhentos reis por ser a mil e quinhentos reis a oitava. Estas »Medalhas de huma banda são com o retrato, e em roda com a inscrip»ção: *Petrus Dei Grat. Portug.* et *Algarb. Princeps*, e da outra banda »as Armas Reaes, e em os lados, e fins dellas a Cruz da Ordem de Christo »com a inscripção em roda: *In hoc signo vinces: respiciam, et videbo*».

O Padre Antonio Pereira de Figueiredo tambem descreveu a peça de que nos estamos ocupando, nos *Elogios dos Reis de Portugal*, p. 223, dizendo irreflectidamente que ela se fez para comemorar o malogrado casamento de D. Isabel, filha de D. Pedro II, com o Duque de Saboia, asserção que não tem fundamento algum, como o provou o Sr. Dr. Pedro

(1) Supomos que esta legenda é extraída da Biblia.

Augusto Dias, no *catalogo*, já citado, p. 160, nota 1. Vid. tambem no *Portugal no Cabinet des Médailles* as observações que alí fizemos, em nota, a propósito da medalha descrita sob o n.º 13.

Julga o Sr. Dr. Pedro Dias que existe qualquer relação entre esta peça e a reforma do tipo da moeda, realizada durante a Regencia de D. Pedro. É possivel que assim seja, e se a data de 1677 naquela inscrita, corresponde à da gravura dos cunhos, nada mais natural do que o ter-se feito a cunhagem só no ano seguinte, no novo engenho então mandado adòtar na Casa da Moeda pelo Conde da Ericeira (1).

A legenda do bordo, *ut portet nomen meum ad exteras gentes*, sugere-nos, porêm, uma outra lembrança: ainda nos ultimos anos do Regimen Absoluto havia entre nós o costume, certamente tradicional, de se brindarem os diplomatas extrangeiros, quando se retiravam da corte, com barras de ouro, que lhes eram entregues pela Casa da Moeda, como consta de vários *avisos* dados nesse sentido ao Provedor deste estabelecimento. ¿Não será, por isso, licito supor-se que tanto a pseudo-medalha de que tratamos, como a de D. Afonso VI e, tambem ainda, a chamada dobra de 24 escudos de D. João V, se tivessem feito para serem dadas aos referidos diplomatas, em vez das barras de ouro?

No reinado de D. Pedro II, fez-se, tambêm, supõe-se que em Lisboa, um medalhão, unico, para ser colocado no tumulo de S. Francisco Xavier, o qual parece ser obra de ourivesaria toscamente executada, como se depreende das estampas que dele veem publicadas, por exemplo, no livro de Lopes Fernandes, n.º 131 e no folheto de Viriato A. C. B. de Albuquerque: *Casa Professa e Igreja do Bom Jesus*, etc. Nova Goa — 1890, entre as pgs. 36 e 37.

Não se sabe a data em que foram executadas as medalhas-insignias dos *Escravos do Santissimo Sacramento*, vulgarmente conhecidas por *medalhas do desacato de Santa Engracia*, sendo possivel que algumas delas sejam anteriores ao reinado de D. João V.

*

Foi no reinado de D. João V, que, como acima dissémos, as medalhas começaram a fazer-se definitivamente em Portugal. Assim, a 17 de Novembro de 1717 lançaram-se solénemente no alicerce do convento de Mafra, junto da pedra fundamental, doze medalhas, talvez fundidas, as

(1) Teixeira de Aragão: *Descripção das Moedas*, I, p. 62.

quais, segundo as descrições feitas por alguns autores, tinham quatro tipos variados (1). Não se fizeram senão aqueles exemplares e ignora-se quem foi o artista que as lavrou (2).

Por Aviso de 11 de Março de 1720 ordenou-se que a Casa da Moeda se mudasse para a *Ribeira da Junta do Comércio*, e que o Provedor se informasse «da forma em que são as Casas da Moeda de fóra d'este »reino, para que se possa fabricar esta na (forma?) que mais fôr con»veniente» (3).

A mudança efectuou-se ainda no mesmo ano e os processos de fabrico das moedas melhoraram-se, a partir dessa epoca, com a adòção de novos engenhos. Para complemento desta importante reforma, da qual resultou a introdução definitiva da medalha no nosso País, resolveu-se contratar um gravador estrangeiro para vir trabalhar na nova oficina. Com esse intuito convidou-se primeiramente, segundo consta, o gravador sueco Rög (4), autor de uma medalha, adiante descrita sob o n.º 17, p. 18, datada de 1716, feita em Paris e dedicada a D. João V; mas essa tentativa ficou sem efeito, provavelmente por falta de acordo entre o Governo e o artista. Contratou-se por isso um outro gravador, o francês Antonio Mengin, o qual tendo chegado a Lisboa pelo ano de 1720, foi primeiramente nomeado abridor de cunhos, em 26 de Maio de 1721, e, anos depois, abridor geral das medalhas e cunhos de moedas destes Reinos (5).

Dotada assim a Casa da Moeda com os elementos necessarios para a fabricação de medalhas, lembrou-se o Marquês de Abrantes, que então começava a dedicar-se na Academia Rial da Historia aos estudos da Medalhistica, como adiante se dirá, de apresentar a seguinte proposta, na *Junta* que os censores da referida Academia realizaram, sob a pre-

(1) Fr. João de S. Joseph do Prado: *Monumento Sacro da fabrica... de Mafra*, p. 6 e sgs.; Fr. Claudio da Conceição: *Gabinete Historico*, VIII, p. 106; *O Panorama*, de 22 e 29 de Fevereiro de 1840; Lopes Fernandes: *Memoria das Medalhas*, pag. 23 e 24; Teixeira de Aragão: *Descrição das Moedas*, II, p. 69, nota 3; Francisco Xavier da Silva: *Elogio funebre de D. João V*, p. 230.

(2) Não podia ter sido Antonio Mengin, como dizem alguns autores, por que este só tres anos depois veio para Lisboa.

(3) Teixeira de Aragão: *Descripção das Moedas*, I, p. 64.

(4) Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. Roeg.

(5) Sobre a biografia de Antonio Mengin, vid. Teixeira de Aragão: *Descripção das Moedas*, vol. I, p. 76; *Lista de alguns artistas portugueses*, pelo Bispo-Conde, D. Francisco, p. 54; e *Collecção de Memorias Relativas Os Gravadores*, etc., por Luis Gonzaga Pereira, livro manuscrito, adiante citado na bibliografia.

sidencia dêle, em 20 de Agosto de 1721 (1): «Como lhe tocava fazer (2) »as medalhas achava preciso que se fizesse huma para se publicar na Aca- »demia (3) dos annos de El-Rey visto que o tempo não permitia que »fosse na de sette de setembro (4), e que El-Rey se agradava muito disto »e que se fizesse de prata para os Academicos, e de ouro para El-Rey, e »que elle Marquês daria conta do que ella havia conter que devia ser »sobre a instituição da Academia».

Escolhido pelo próprio Marquês o tipo para a medalha, que é semelhante ao de uma outra romana, do Imperador Vespasiano, e feita a conveniente adaptação do tipo por Vieira Lusitano, encarregou-se Antonio Mengin de a executar, e ordenou-se, por Aviso de 3 de Outubro de 1721, que a cunhagem se fizesse na Casa da Moeda. (Vid. adiante a medalha descrita sob o n.º 19, a p. 20).

Pela mesma epoca foi o mesmo artista incumbido pelo Governo, de abrir os ferros para uma outra medalha, comemorativa da vitória alcançada em 1717 pela esquadra portuguesa que foi ao Levante em auxilio do Papa, combater com os turcos (5).

Diz Gonzaga Pereira, nas suas *Memorias*, já citadas, que ouvira dizer aos seus antigos colegas que, a instancias de Mengin, veio para Lisboa, com o fim de o ajudar na gravura dos cunhos da medalha da Academia Rial da Historia, o gravador, provavelmente francês, *Francisco Martheau* (6), o qual se conservou pouco tempo em Portugal e foi autor, segundo o testemunho de Agostinho de Abreu Parada, antigo discipulo de Mengin, dos reversos das duas medalhas acima referidas.

Até ao fim do reinado de D. João V, 1750, nada mais se fez em Portugal, digno de menção, com respeito a medalhas (7), constando apenas que a 4 de Junho de 1746 se concedeu licença a Mengin para cunhar algumas verónicas de latão (8).

---

(1) Bibliotéca Nacional, Ms. n.º 685, fl. 85.

(2) I. é, estudar.

(3) I. é, sessão academica.

(4) Aniversario da Rainha.

(5) Vid. *Historia Genealogica*, IV, *Tábua* GG. n.º 2; Aragão, *ob. cit.* II, p. 69, nota 2; e Lopes Fernandes: *Memoria das Medalhas*, n.º 29.

(6) Evidentemente é o mesmo individuo que vem mencionado em Aragão, *ob. cit.* I, p 77, com o nome de *Francisco Marteau* ou *Marto*.

(7) Teixeira de Aragão, *ob. cit.* II. p. 87, nota 5, publicou um Aviso, datado de 30 de Agosto de 1735, em que se ordenou a Mengin de abrir o cunho para uma medalha de que já se lhe havia entregado o risco, o qual segundo diz Gonzaga Pereira, *ob. cit.* era de Vieira Lusitano. Não se conhece, porêm, nenhuma medalha feita nesta data.

(8) Aragão: *ob. cit.* I, p. 77.

No reinado de D. José (1750-1777), a arte da medalha conservou-se quasi completamente abandonada até ao ano de 1772, em que Mengin, por motivo de falecimento, deixou de ser primeiro gravador da Casa da Moeda. As medalhas referentes ao atentado contra a vida do Monarca e à Igreja de Nossa Senhora do Livramento, são as unicas que nos ocorre mencionar como tendo sido feitas durante tão longo periodo. Do seu fabrico foi incumbido Mengin, mas parece que este pouco mais fez do que gravar e assinar o anverso de uma delas. O resto do trabalho, cujo mérito artistico é bastante inferior, foi executado por seu filho, Paulo Aureliano Mengin, unico dos seus discipulos que fez medalhas, e que consideramos tambem autor de uma outra medalha dedicada ao Marquês de Pombal pelo contador do Rial Erario, Luis José de Brito, a qual está datada de 1772 (vid. adiante n.º 35 p. 44).

Antonio Mengin não deixou para seus sucessores senão alguns discipulos sem mérito artistico e pouco instruidos na arte da medalha, devido a ele ter-se esquivado a ensinal-os convenientemente [1]. Não estando, portanto, nenhum deles em condições de o poder substituir no lugar de primeiro gravador da Casa da Moeda, foi neste provido, por indicação do nosso embaixador em Venesa [2], um outro estrangeiro, o flamengo José Gaspart, com o qual se fez contrato em 17 de Julho de 1773 e que ficou, como o seu antecessor, obrigado a ensinar a sua arte.

José Gaspart, que nas horas vagas construia pianos, relogios de sol e outros objectos curiosos, mas que era principalmente, segundo consta, um eximio gravador de pedras finas, tambem se dedicou à gravura de medalhas, tendo, porêm, o costume de não as assinar. Apesar disso, não nos resta duvida de que foi ele quem fez as que por ordem do Senado da Camara, se cunharam na Casa da Moeda, em 1775, para comemorarem a inauguração da estátua equestre.

---

(1) Cyrillo Volkmar Machado, na sua *Collecção de Memorias* etc. diz a p. 277 e 278 que: «No tempo do Senhor D. João o 5.º esteve aqui o insigne Mangem, a quem forão succedendo os seus discipulos: hum delles foi João Gomes Baptista, de quem temos visto excellentes medalhas».

Volkmar Machado escrevia muitas vezes de memória, ao correr da pena e irreflectidamente, e por isso a sua obra nem sempre inspira confiança, como sucede no caso presente. Medalhas assinadas por João Gomes Baptista (ou João Baptista Gomes) não existem, e dentre as que não teem assinatura nenhumas lhe podem ser atribuidas por serem os autores delas mais ou menos conhecidos. Quais teriam, pois, sido as *excellentes medalhas* que Volkmar Machado viu? O erro foi repetido por Raczynski, *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, p. 115-116 s. v. *Gomez*, e por Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, I, p. 78.

(2) Bispo Conde, D. Francisco: *Lista de alguns artistas* etc p. 56, e Gonzaga Pereira, *ob. cit.*

Alêm da vinda deste artista para Lisboa, sucedeu ainda no final do reinado de El-Rei D. José um outro facto muito notavel da história da medalha no nosso País: foi o aparecimento das celebres medalhas alusivas, tambem, à estátua equestre, gravadas por João de Figueiredo e feitas com a porcelana então descoberta por Bartolomeu da Costa.

José Gaspart e João de Figueiredo foram quasi que os unicos artistas que durante o reinado de D. Maria I, e parte da Regencia do Principe D. João, se dedicaram à medalha.

Dentre as medalhas feitas pelo primeiro, durante esse período, cujo numero é, porêm, bastante reduzido, as mais conhecidas são as que se referem à Igreja do Santissimo Coração de Jesus (Estrela), nas quais colaboraram tambem Amaro Marques e Francisco Xavier de Figueiredo. Fez, alem dessas, a do casamento de D. João com D. Carlota Joaquina, e uma outra que se relaciona com a industria das sedas. José Gaspart, de acordo com o seu contrato, ensinou a gravura em pedras finas a dois discipulos e a de cunhos a outros dois; mas nenhum deles se dedicou à medalha. Faleceu em 1812, com 85 anos de idade.

João de Figueiredo tinha a sua oficina na Arsenal do Exercito, onde em 1784 se construiram dois possantes *balancés* de bronze, artisticamente ornamentados, nos quais se cunharam não só as medalhas por ele feitas, como tambêm, posteriormente, as de outros gravadores.

O *Mestre Figueiredo* tinha bastante habilidade e foi, como gravador de armas, um artista muito distinto, segundo dizem; mas faltavam-lhe estudos especiais para poder ser, como medalheiro, um artista eminente. No entanto, conseguiu executar com extrema delicadeza as celebres medalhas alusivas à estátua equestre, feitas com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa, e produzir muitas outras, que não são destituidas de mérito artistico. De resto, foi ele o primeiro português de valor que se dedicou à medalha; e isso basta para que à sua memória se prestem as devidas homenagens.

Dentre outros, foram seus discipulos seu filho Francisco Xavier de Figueiredo e Cipriano da Silva Moreira, que em trabalhos de gravura de medalhas se limitaram a auxiliar outros artistas. Francisco de Borja Freire, que veio a ser um artista regular, parece que, sendo ainda muito novo, tambem estudou com ele, mas durante pouco tempo.

João de Figueiredo faleceu em 1809 com 84 anos de idade.

Conhecidas vulgarmente por *ensaios do gravador José Antonio do Vale* (Lopes Fernandes, n.os 70, 71, e 72), existem tres medalhinhas datadas

de 1799 e 1800, tendo uma delas o retrato do Principe Regente, D. João, e as outras duas o de D. Maria I (1).

José Antonio do Vale (2) era, segundo se diz, um distintissimo gravador de pedras finas que havia feito os seus estudos em Roma e que então pretendia obter um lugar de gravador na Casa da Moeda. Não estando, porêm, habilitado para exercer esse cargo, por não ter a prática suficiente de gravar em metais, foi para Londres, por conta do Governo, aperfeiçoar-se nesta especialidade; mas, faltando-lhe paciencia para estudar, voltou para o Reino, em 1799, a bordo de um navio inglês, que os franceses aprisionaram. Retido por esse motivo em França durante algum tempo, conseguiu depois dalí fugir, chegando a Lisboa em 1800. É isto narrado por Gonzaga Pereira no seu livro manuscrito já citado.

Deve ter sido então que ele apresentou as referidas medalhas, para provar a sua competencia para o lugar que desejava e que ele executou com os mesmos instrumentos de que se servia para gravar as pedras finas.

O seu trabalho parece não ter agradado, o que não impediu que o nomeassem dois anos depois, por Decreto de 25 de Janeiro de 1802, não só gravador da Casa da Moeda, como tambem professor de uma escola de gravura que na mesma data se criou. Diz-se que Vale dispunha de excelentes empenhos.

Para a especialidade da medalha a criação desta escola e a nomeação de Vale para o cargo de professor dela foram absolutamente inuteis. No entanto aqui deixamos registado o Decreto acima referido por ser um documento historico bastante curioso:

«Decreto da instituição da Escolla de Gravura (3).

»Copia || Para promover o adiantamento da Impressão Regia, e se po- »derem conseguir todos os fins a que se propôs o Alvará de 24 de De- »zembro de 1768 do seu Estabelecimento, e o Decreto de 7 de Dezembro »proximo passado. Sou Servido ordenar que alli se institua huma Escolla »de Gravura, para cuja direcção Nomeio o Celebre Artista Bartolozzi, com »o encargo, não sóm.te de executar as obras que lhe forem ordenadas »pela Direcção Geral da dita Impressão Regia, mas de instruir, e ensinar »na sua arte, as pessoas, que p.a o mesmo fim lhe forem propostas: E »vencerá de Pensão annual seiscentos mil reis desde o dia em que come-

(1) Num exemplar de uma delas que vimos no *British Museum*, lê-se a assinatura do autor, a qual falta nos exemplares que possuimos e em outros que conhecemos.

(2) Gonzaga Pereira, *ob. cit.*; Teixeira de Aragão, *ob. cit.* I, 86.

(3) Arquivo da Casa da Moeda: Livro XII fls. 1 v.º

»çar a exercer o seu Emprego; tendo por Ajudante p.ª o poder substituir »na sua falta a Gregorio Francisco de Queiroz, que vencerá tambem a »mesma Pensão de seiscentos mil reis: Outrosim Hey por bem Nomear »para Abridor annexo ao Real Jardim Botanico para executar as obras »q lhe forem encarregadas a João Caetano Revara; e p.ª Abridor de »Cunhos, e de Medalhas na Caza da Moeda a José Antonio do Valle, os »quaes vencerão da mesma sorte de Pensão vitalicia a quantia de seis- »centos mil reis cada hum desde o tempo em que lhes foi suspensa igual »Pensão que percebião pela Repartição da Policia. O Conselheiro de »Estado, Ministro, e Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, Pre- »zidente do Real Erario, e nelle Meu Lugar Tenente, Inspector Geral da »Impressão Regia, e do Real Jardim Botanico o tenha assim entendido, »e o faça executar com as ordens necessarias. Palacio de Queluz em 25 »de Janeiro de 1802 = Com a Rubrica do Principe Regente Nosso Se- »nhor = Manoel Travassos da Costa Araujo·/. Carvalho».

Assinada por H. VASSALLO, e datada de 1802, existe uma medalha sem grande mérito, que vem estampada na obra de Lopes Fernandes, n.º 132. Diz o Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, no *Catalogo* da colecção de Eduardo Carmo, p. 170 nota 1, que, segundo lhe foi comunicado pelo Conselheiro J. Baptista Ribeiro, Vassalo era um gravador de Lisboa e que a medalha era destinada aos alunos da Academia de desenho e pintura do Porto.

Durante o tempo em que a Familia Rial se conservou no Brasil — 1807-1821 —, fizeram-se no Reino, segundo cremos, umas tantas medalhas interessantissimas, sem duvida, sob o ponto de vista histórico, mas destituidas completamente de valor artistico. Lembraremos para exemplo, as seguintes: medalha-insignia dos estudantes de Coimbra alistados no Batalhão Academico, uma outra conferida aos habitantes de Olhão, e uma terceira dedicada pelo Senado e habitantes do Porto ao Coronel inglês, Nicolau Trant.

No *Diario das Cortes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza*, vol. I, p. 115, diz-se que na sessão de 19 de Fevereiro de 1821: «O senhor »Presidente (que era o Arcebispo da Baía), apresentou huma Medalha, em »Memoria da Politica Regeneração Portugueza offerecida ao Soberano »Congresso Nacional por Manoel Corrêa, natural da Cidade do Porto [1]. »Mandou-se fazer na Acta honrosa menção».

---

[1] Este Manuel Correia é provavelmente o mesmo que, segundo um apontamento particular do Dr. Teixeira de Aragão, executou o desenho para a medalha que a cidade do

Esta medalha é sem duvida a mesma que vem mencionada, mas não descrita, num folheto cujo autor se assina M. C. J. (evidentemente Manuel Correia J. (?), intitulado: *Patriotismo por Antonomasia, offerecido ao Excellentissimo, e Reverendissimo Senhor D. Frei Vicente da Soledade Castro. Dignissimo Arcebispo Primaz da Bahia, Deputado da Nação Portugueza em Cortes, ec. ec. ec. Sincero, e verdadeiro Amigo da Religião, da Constituição, e da Patria. Por hum Cidadão Portuense, e Constitucional. Porto: Na Imprensa do Gandra. 1822.* Folheto de formato pequeno, com 43 páginas e precedido de uma estampa com duas gravuras, que é possivel terem sido tambem feitas pelo mesmo Manuel Correia.

E' numa carta dirigida ao Arcebispo da Baía e reproduzida no começo do folheto, que se encontram as iniciais do nome do autor dêste, e que vem mencionada a medalha nos seguintes termos:

«Exm.º e Rm.º Snr. Como he público o favor extraordinario, que re»cebi de V. Ex.ª em appresentar ao Augusto Congresso a *Medalha*, que »eu fiz, e lhe dirigí dos Primeiros Heroes da nossa Regeneração, (1) era »indispensavel dar eu segundo as minhas forças algum testemunho do »meu reconhecimento, sendo a gratidão hum dever impreterivel.

»(1) As palavras formaes do mesmo Exm.º Snr. ao Auctor da Medalha em Carta sua »de 21 de Fevereiro de 1821, são as seguintes« Recebi a Carta de V. m, e logo pelo Cor»reio a excellente Medalha, a que a Carta se referia. Huma, e outra me encheo ao mesmo »tempo de consolação, e de tristeza, vendo por huma parte os seus relevantes merecimen»tos em toda a especie de Cultura, e d'Artes, sobre o que depõem o bello desenho da sua »medalha, cujo merecimento, ainda sómente por ser a primeira cunhada em memoria da »nossa Regeneração, e seus primeiros Heróes, nenhuma outra posterior poderá roubar-lhe; »e vendo por outra parte esquecido este seu merecimento, e a V.m. tão abandonado da me»lhor fortuna, que merecia. Tive a honra, e prazer de a apresentar em Cortes, e fui indisi»velmente satisfeito do applauso, e devido acolhimento, com que ella foi recebida pelo »Augusto Congresso, que a fez passar á Commissão das Artes, e mandou dirigir a V. m. »mui especiaes louvores, como lerá em nossos Papeis Publicos».

»Della com effeito fallou o Diario da Regencia N.º 44 a 20 de Fevereiro de 1821, e ou»tros».

Guiados por esta ultima indicação consultámos o referido numero do *Diario da Regencia*, onde apenas encontrámos a seguinte noticia referente à medalha:

«Cortes=Vigessima sessão, 19 de Fevereiro... Apresentou o mesmo

Porto dedicou ao Principe Regente, em 1799, adiante descrita sob o n.º 79 (vid. p. 97 e 101), e que é tambem apontado pelo Bispo-Conde, D. Francisco, na *Lista de alguns artistas* p. 19, e por Raczynski, *Dictionnaire historico-artistique du Portugal*, p. 54, como autor de uma gravura que representa o tumulo de Santa Mafalda, feita em 1792. Manuel Correia parece que era professor de instrução secundaria no Porto.

»Sr. Presidente huma medalha de Cobre, feita por hum artifice Portuguez, »seu compatriota, dizendo ser a primeira que se tinha feito, em memoria »da gloriosa época da nossa Regeneração. O Sr. *Alves do Rio* pedio se »fizesse honroza mensão na acta, o que foi approvado... foi remettida »à Commissão das Artes».

Esta medalha não é conhecida. Supomos, porêm, que era dela uma prova que ha pouco tempo apareceu na Casa Liquidadora da Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus, para ser vendida em leilão, mas que foi roubada, juntamente com outros objectos de valor, por uns malfeitores que alí entraram de noite por meio de arrombamento.

Pelo rápido exame que fizémos a essa prova, recordamo-nos apenas que ela era de chumbo ou estanho, que estava bastante gasta, que tinha um módulo grande, e que o tipo de uma das faces representava um ou dois generais, a cavalo e com a farda da epoca, aparentando um deles estar ferido. As legendas estavam gastas nalguns pontos; no entanto conseguimos lê-las, em grande parte, e copia-las para um papel, que, felizmente, ainda possuimos. Eram as seguintes: Anverso, na orla:

Para eterno monumento da gloriosa restauração de Portugal travada felizmente no Porto em 24 d'agosto de 1820 — commandando o exercito os exc. gnr. Sebastião Drago Valente de Brito Cabreira e Bernardo Correia de Castro Sepulveda.

Reverso, na orla: *Nem eu sei qual he mais excellente, se ser do mundo rei, se de tal gente.* No alto, uma inscrição em latim, que não conseguimos decifrar, por estar bastante gasta.

Desde a data do regresso da Familia Rial do Brasil, 1821, até à da morte de El-rei D. João VI, 1826, desenvolveu-se bastante o uso das condecorações, e fizeram-se, entre outras, as duas medalhas destinadas ao monumento do Porto consagrado à revolução de 1820, as das *Chagas de Lamego,* as que se destinaram a recompensar as pessoas que tomaram parte na celebre Vilafrancada (medalhas da *Poeira*), etc., cujo valor artistico é insignificante ou nulo.

Outro tanto não sucede com uma medalha que parece ter sido feita em Portugal nessa mesma época, por um desconhecido, que é um trabalho de valor. Referimo-nos à celebre medalha comemorativa da Vilafrançada *(Poeira)*, adiante descrita sob o n.º 116, p. 152.

Pelo ano de 1823 veio para Lisboa, ou já cá estava então, um gravador francês, Jean Joseph Dubois, que naquele ano requereu para cunhar

nos engenhos da Casa da Moeda a *medalha nacional* por ele gravada [1]. Este artista fez depois, em 1826, a medalha comemorativa da outorga da Carta Constitucional, e em 1829, a que à Academia Rial das Sciencias dedicou a D. Miguel, sendo por fim obrigado a saír do Reino por se achar envolvido na celebre questão, entre o governo de D. Miguel e o francês, que motivou a vinda ao Tejo, em 1831, de uma esquadra francesa [2].

A Casa da Moeda estava então bastante decadente, não produzindo senão medalhas banais. Na fabrica de Santos Leite trabalhava-se, porêm, activamente, nas condecorações destinadas aos militares e civis que haviam tomado parte nas campanhas da Guerra Peninsular e em outras.

Francisco dos Santos Leite era o proprietário de uma oficina, cremos que muito importante, de joalharia e objectos de esmalte, situada na *Quinta dos Quatro Olhos*, em Braço de Prata, onde se fabricaram não só as referidas condecorações no tempo de D. João VI, como tambem, outras, especialmente as da *Rial Efigie*, no tempo de D. Miguel [3]. Tinha, alêm disso, uma loja ou escritório, na Rua do Ouro, n.º 25, como consta de uns anuncios publicados na *Gazeta de Lisboa*, de 17 de Junho de 1829, p. 591, e na *Ordem do dia*, de 1 de Dezembro de 1820.

Por morte de Francisco dos Santos Leite, cuja data ignoramos, a oficina, cremos que já em decadencia, passou para um sobrinho dele, Vicente Leite, ao serviço do qual esteve, como caixeiro, Joaquim Augusto da Costa, que depois veio a tornar-se independente fundando uma nova oficina de condecorações, que ainda ha pouco tempo existia e que pertencia a seu filho o Sr. Frederico Gaspar da Costa.

A de Vicente Leite fechou, pouco mais ou menos, cerca do ano de 1860.

Por volta de 1820 (?), Francisco dos Santos Leite contratou para vir trabalhar na sua oficina como esmaltador, um artista francês tambem gravador, Augusto Fernando Gerard [4], o qual depois de concluir o contrato

---

[1] Teixeira de Aragão, *ob. cit.* I, p. 89. *Medalha nacional* era um dos vários nomes por que era vulgarmente designada a medalha da *Poeira* ou da Fidelidade ao Rei e à Patria.

[2] A pag. 175 nota 1, deste trabalho, citámos algumas obras que se referem a Dubois; mas deixámos de mencionar, por esquecimento, mais a seguinte que é muito importante: *Relação dos Successos occorridos no Tejo, e Documentos officiaes ácerca das operações da esquadra franceza desde 8 de Julho até 15 d'Agosto de 1831. Folheto escripto pelo Vice-Almirante Roussin, commandante da força naval que hostilizou a Nação Portugueza. Annotações a esses mesmos Documentos, etc., etc. Lisboa: 1832.*

[3] Deu-nos muitas informações a respeito desta oficina o conhecido esmaltador, o Sr. Ernesto Taborda.

[4] *O Occidente*, vol VI, n.º 162 de 21 de Junho de 1883. (Biografia e retrato).

continuou a viver em Lisboa, onde faleceu, com 86 anos de idade, em 29 de Maio de 1883.

Já no tempo de Vicente Leite tambem esteve como aprendiz na mesma oficina um outro gravador, Feliciano Avelino Peres, que depois trabalhou por conta própria.

Trataremos mais adiante destes dois artistas para passarmos agora a tratar de novo da Casa da Moeda.

Tendo falecido, a 4 de Setembro de 1826, Cipriano da Silva Moreira, que durante muitos anos havia desempenhado o cargo de abridor extranumerário da Casa da Moeda, requereu seu sobrinho, Francisco de Borja Freire, para ser nomeado gravador numerário do mesmo estabelecimento.

A este pedido opôs-se o seu colega Caetano Alberto Nunes de Almeida, que, julgando-se com mais direitos ao lugar, requereu que se abrisse concurso, sendo atendido. Apareceram então tres concorrentes: Francisco de Borja Freire, Caetano Alberto Nunes de Almeida e Luis Gonzaga Pereira, aos quais foi comunicado pelo Provedor, em 4 de Outubro de 1826, por meio de oficio, que o concurso se achava aberto a partir dessa data e que a prova a apresentar seria uma medalha com o busto de Minerva (1).

Gonzaga Pereira entregou o seu trabalho concluído ainda em 1826, Borja Freire entregou-o no decorrer do ano de 1827 e Caetano Alberto no fim dêste ano.

A forma como se procedeu à apreciação e classificação das provas consta do seguinte Termo (2):

«Aos vinte dias do mez de Março do anno de mil oitocentos vinte e »oito nesta Real Caza da Moeda pelo Provedor della Luiz da Silva Mou»zinho de Albuquerque forão mandados vir á sua prezença os Praticantes »da Arte de Abridores dos Cunhos, Armas, e Medalhas da mesma Caza »Francisco de Borja Freire, Caetano Alberto Nunes de Almeida, e Luiz »Gonzaga Pereira com os Mestres Abridores da mesma Caza da Moeda »Simão Francisco dos Santos, e Jozé Antonio do Valle, e os Abridores »do Real Arcenal do Exercito Antonio Joaquim de Figueiredo, e Fran»cisco Jozé de S.ta Ritta, convocados pelo sobredito Provedor para exa»minarem, e vottarem nos Ponsoens de medalhas, que os referidos Pra»ticantes separadamente havião aberto para entrarem em concurso

(1) Possuimos na nossa colecção dois tipos desta medalha.

(2) Arquivo da Casa da Moeda, fl. 33 do livro I da Matricula dos praticantes de abridores.

»sobre os seus merecimentos; e ordenando o mesmo Provedor aos refe-»ridos Mestres examinassem as provas dos ditos Ponsoens que os mes-»mos Praticantes apresentarão, e decidissem de seu merecimento, e per-»feição; ao que procedendo, foi finalmente decidido por vottos unanimes »que a prova feita pelo Ponsão aberto pelo Praticante Francisco de Borja »Freire era a mais perfeita: E para constar o referido mandou o dito »Provedor lavrar o prezente Termo por mim Escrivão da Receita e Des-»peza da mesma Caza, que assignou com os ditos Vottantes: Lisboa dia »e era ut supra.=Luiz da S.ª Mouzinho de Albuquerque, Simão Fran.co »dos Santos, Jozé Antonio do Valle, Antonio Joaquim de Fig.do, Fran.co »Jozé d'Santa Ritta, Antonio Carvalho Esc.ão da Rec.ta e Desp.za».

Não se conformando, porêm, com esta decisão, o Infante Regente, D. Miguel, fez expedir à Casa da Moeda a seguinte:

»Portaria do Thezouro Publico, para o Provedor desta Caza, commu-»nicar, a Francisco de Borja Freire, Caetano Alberto Nunes de Almeida, »e Luiz Gonzaga Pereira, todos Discipulos da Arte de Abridores da Real »Caza da Moeda, que não tendo algum delles chegado á perfeição, com »que devem ser dezempenhados os seus trabalhos, continuem os concor-»rentes nos mesmos trabalhos, até chegarem a merecer o accesso que »pretendem.

»O Senhor Infante Regente, a quem forão prezentes as Medalhas »executadas, pelos tres Discipulos da Real Caza da Moeda, Francisco de »Borja Freire, Caetano Alberto Nunes de Almeida, e Luiz Gonzaga Pe-»reira, junta ao officio do Provedor da mesma Caza de 20 do corrente, »aprezentados no concurso a que se procedêo para o Provimento do Lu-»gar de Abridor, vago por obito de Cypriano da Silva Moreira: Manda »em Nome d'El-Rey, participar ao referido Provedor, que não tendo al-»gum delles chegado á perfeição, com que devem ser dezempenhados se-»melhantes trabalhos, continuem os concorrentes nelles até que por sua »pericia, cheguem a merecer, o accesso que pretendem. O que o mencio-»nado Provedor lhes commonicará. Palacio da Ajuda em 24 de Março de »1828=*Conde da Louzãa D. Diogo*=Cumpra-se, e registe se: Lisboa »em 27 de Março de 1828=*Albuquerque*=*Penaguião*» (1).

Pouco tempo depois mandou-se proceder a novo concurso e que nele

(1) Arquivo da Casa da Moeda, liv. XIV do Registo Geral (1823-1834), fl. 71.

servisse de modelo a medalha de Camões, gravada por Caqué, adiante descrita com o n.º 113, como consta dos seguintes diplomas:

«Portaria do Thezouro Publico para o Provedor desta Caza novamente »pôr a concurso, o Lugar de Abridor de cunhos desta Caza, vago pelo »fallecimento de Cypriano da Silva Moreira.

»O Senhor Infante Regente em Nome d'El-Rey, Manda remetter ao »Provedor da Caza da Moeda, o requerimento incluzo de Francisco de »Borja Freire, em que pede o Lugar de Abridor de cunhos da mesma »Caza, vago por fallecimento de Cypriano da Silva Moreira, a quem o »supplicante succedêo, como serventuario interino, conservando comtudo, »o ordenado que actualmente percebe; para que pondo-se novamente a »concurso o provimento daquelle Lugar suba o rezultado delle á Prezença »do Mesmo Serenissimo Senhor, a fim de S. A. Rezolver o que for ser- »vido. Palacio d'Ajuda em 22 de Abril de 1828=*Conde da Louzãa D.* »*Diogo*=Cumpra-se, e registe-se: Lisboa em 5 de Mayo de 1828=*Albu-* »*querque*=*Penaguião*» (1).

«Avizo da Secretr.ª d'Estado dos Negocios da Fazenda para a Meda- »lha incluza do Poeta Luiz de Camões, servir de Proclama, que deve ser- »vir de Baze ao concurso mandado abrir, por Portaria de 22 de Abril p.º »p.º de 1828.

»Levando á Real Prezença do Senhor Infante Regente, o officio, que »o Provedor da Caza da Moeda, derigio, pela Secretaria d'Estado da Fa- »zenda em data de cinco de Mayo do corrente anno, exigindo o Progra- »ma, que deve servir de Baze, ao concurso mandado abrir por Portaria »de 22 de Abril proximo passado, para o Provimento do Lugar de Abri- »dor de cunhos, e Medalhas, vago na mesma Caza por fallecimento de »Cypriano da Silva Moreira; Ordena o Mesmo Senhor que a Medalha in- »cluza do Poeta Luiz de Camões, sirva de Modêllo, para o referido con- »curso, revertendo com as que se abrirem no mesmo estado em que se »acha. Palacio de Nossa Senhora d'Ajuda em 12 de Mayo de 1828= »*Conde da Louzãa D. Diogo*=Cumpra-se, e registe-se: Lisboa a 14 de »Mayo de 1828=*Antonio Carvalho*=servindo de Provedor. *Penaguião*» (2).

Êste concurso concluiu-se em 1830, tendo dêle desistido Luís Gonzaga Pereira como consta da seguinte: «Reprezentação do Prov.or da Caza »(relativo ao concurso que S. Mag.de mandou abrir nesta d.ª Real Caza

---

(1) Arquivo da Casa da Moeda, liv. XIV do Registo Geral, fl. 71 *v.*

(2) *Ibidem*, fl. 72.

»da Moeda entre os Praticantes de Abridor de medalhas e cunhos). Pa»rece haver sido dirigida p.ª a Secret.ª d'Est.º dos N. da Fazenda.

»Ponho na prezença de V. Ex.ª para que se digne ellevallas ao conhe»cimento de Sua Magestade as copias do Programa (1) do concurso que »o Mesmo Augusto Senhor Mandou abrir nesta Real Caza da Moeda en»tre Praticantes de Abridor de medalhas e cunhos Francisco de Borja »Freire, e Caetano Alberto Nunes d'Almeida, pois que o terceiro requereo »ser delle dispensado, assim como envio o mesmo Programa. V. Ex.ª »Mandará o que for servido. Real Caza da Moeda em 26 de Fevereiro de »1830. = *Antonio Joaquim Regis de Alpoim Serrão* = *Sousa Baptista*» (2).

Concluido o concurso havia então já duas vagas, por ter falecido, em 12 de Janeiro de 1830, o gravador Simão Francisco dos Santos, sendo por isso nomeados, por Decreto de 5 de Março de 1830, Borja Freire para o lugar de segundo gravador e Caetano Alberto para o de terceiro.

Estes concursos deram origem a uma contenda entre os pretendentes Caetano Alberto e Gonzaga Pereira, tendo sido a desistência dêste motivada, como êle próprio o diz, por injúrias que lhe dirigiu o seu antagonista. Não querendo, porêm, dar-se por vencido, Gonzaga Pereira resolveu-se em 1833 a gravar tambêm a sua medalha-prova, igual à dos outros concorrentes, e assim conseguiu o ser nomeado terceiro abridor, por Decreto de 21 de Agosto dêsse ano (3).

Lopes Fernandes, a p. 94 da sua *Memória*, referindo-se a êste concurso e à medalha de Caqué, diz: «Cada um destes tres pretendentes gra»vou esta medalha, pondo-lhe no reverso a mesma data de 1821, como se »achava no modêlo, abrindo depois o Sr. Freire outro reverso para a sua »medalha, pondo-lhe a verdadeira data de 1830 em que foi gravada, com »o qual se cunharam alguns exemplares, sendo esta a mais perfeita das »tres então cunhadas».

Na Lista de alguns artistas portugueses, diz tambêm o Bispo-Conde, a p. 14, que Caetano Alberto «Em concurso, que se abrio na caza da moe»da... gravou huma medalha de Camões». «Tem o an. 1821».

Em vista das afirmações de Lopes Fernandes concluimos que uma

(1) Isto deve entender-se como sendo as medalhas copiadas, de acôrdo com o Programa.

(2) Arquivo da Casa da Moeda, liv. XIV do Registo Geral, fl. 99.

(3) Luis Gonzaga Pereira escreveu em 1839 um *Resumo dos artistas gravadores da Casa da Moeda*, que se publicou, segundo êle diz, no *Jornal das Familias*, n.º 2, ano de 1841, parecendo que foi dêsse trabalho, antes de publicado, que se serviu o Bispo-Conde, D. Francisco, para a sua *Lista de alguns artistas portugueses*. Vid. esta obra, a pp. 54 e 57.

Alêm disso, Gonzaga Pereira deixou tambêm, manuscrita, uma *Collecção de Memorias*, que adiante vai citada na Bibliografia.

medalha que possuímos de Borja Freire, é a que foi por êle modificada em 1830, a qual contêm uma particularidade que não sabemos explicar: é a assinatura de *Durand edidit* que não figurava na medalha de Caqué que lhe serviu de modêlo.

Com respeito à medalha de *Almeida* (Caetano Alberto), só sabemos que o nosso exemplar está datado de 1830, não tendo elementos para contestar que êle tivesse feito uma primeira datada de 1821, como afirmam os dois autores acima citados.

Francisco de Borja Freire foi um artista bastante habil (1). Em 1836 foi a Londres, por ordem do Governo, aperfeiçoar-se na sua arte com o gravador Taylor, e em 1842, foi nomeado, por falecimento de José Antonio do Vale, primeiro abridor interino da Casa da Moeda, lugar que passou a exercer definitivamente em 1853.

Faleceu em 12 de Janeiro de 1869, tendo feito entre outras, as medalhas, da chegada ao Tejo de D. Miguel, de Camões, da Sociedade de Flora & Pomona, da febre amarela, da primeira exposição agricola, do nascimento de D. Pedro V, etc.

Luis Gonzaga Pereira (2), alêm da medalha-prova para o concurso a que acabámos de nos referir, fez uma outra, em 1833, dedicada a El-Rei D. Pedro IV, tendo, porêm, revelado em ambas elas manifesta falta de aptidão para essa especialidade da gravura.

Voltemos agora a ocupar-nos de Gerard (3), e de Feliciano Avelino Peres.

Augusto Fernando Gerard viveu muitos anos e trabalhou muito em vários generos de gravura.

Segundo o seu biógrafo, ele foi autor de várias notas para os bancos de Lisboa e do Porto, e das chapas de cobre para titulos da Junta do Credito Publico, de vários selos em relevo para dignidades eclesiasticas e secretarias, etc.

Em 12 de Outubro de 1859 Gerard fez e assinou uma *Relação* de

(1) Aragão: *ob. cit.* I, p. 87; Bispo-Conde: *Lista de Alguns Artistas*, p. 55.

(2) Vid. as obras citadas na nota antecedente e as *memorias* manuscritas feitas pelo próprio artista, já atrás citadas.

(3) No vol. VI d'*O Occidente*, n.º 162, de 21 de Junho de 1883, já citado, onde vem publicada a biografia de Gerard, diz-se que este nasceu em Paris, em Agosto de 1796, na freguezia de Santo Eustaquio, e que cursou na Escola de Belas-Artes da mesma cidade. Ha tempo, estivemos na referida Igreja onde nos foi dito que o cartorio tinha desaparecido por ocasião de uma determinada revolução. No arquivo da Escola de Belas-Artes da mesma cidade, onde tambêm estivemos, nenhuns indicios encontrámos sobre a estada alí do citado artista.

cunhos de medalhas por ele gravados até essa data, da qual a seguir publicamos um resumo [1].

1823 — Um cunho da medalha para a Sociedade Promotora da Industria Nacional, executado debaixo da direcção de Domingos Antonio de Sequeira;

1837 — Um dito para a Academia de Belas-Artes de Lisboa, com o busto da Rainha D. Maria II;

1851 — Um dito para a Academia de Belas-Artes do Porto, com o busto da Rainha D. Maria II;

1852 — Um dito por ordem do Ministério dos Negocios Estrangeiros para a medalha destinada a premiar acções meritórias. (Posteriormente fez um outro cunho do reverso, com a legenda modificada);

1856 — Um cunho para a medalha da inauguração do caminho de ferro de léste, por ordem do Ministro das Obras Publicas, o Marquês de Loulé;

1856 — Um dito, por ordem de El-Rei D. Pedro V, para as medalhas dos alunos das Escolas Riais, de Mafra e das Necessidades;

«NB. Em 1856 a Academia das Bellas Artes de Lisboa mandou cunhar »medalhas com o cunho do Busto de S. M. El-Rei, pertencente as meda»lhas das Escolas acima d.º porem com o reverso proprio da Academia»;

1858 — Um dito por ordem da Camara Municipal do Porto para uma medalha destinada a premiar os alunos da Escola Popular de Canto, e um outro com um reverso diverso para uma medalha oferecida ao fundador da Escola pela referida Camara;

1858 — Um dito para o Liceu da Celestial Ordem Terceira da S.S. Trindade da cidade do Porto;

«NB. estas ultimas duas medalhas para a Cidade do Porto forão cunha»das lá, na officina do Bulhão».

---

(1) A *Relação* pertenceu a Lopes Fernandes, tendo sido feita, ao que parece, a pedido deste. Hoje está em poder do nosso amigo, o Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, que por várias vezes nos tem fornecido valiosos subsidios para o nosso trabalho.

Desde 1859, em que esta lista foi feita, até 1883, em que faleceu fez ainda o mesmo artista mais algumas medalhas, sendo, porêm, o numero delas bastante reduzido. Recordamo nos por exemplo, das seguintes: comemorativa da Exposição Agricola do Porto, em 1860; da Expedição de Angola, Militar de D. Luis, da Exposição Industrial de Lisboa, de 1863, e da do Porto, de 1861, etc.

Ha quem diga que Gerard, dois meses antes de falecer (contando já 86 anos de idade), ainda gravou a medalha da Sociedade Promotora do Apuramento das Raças Cavalares. Essa medalha não está, porêm, assinada, e segundo nos consta, foi-lhe efectivamente encomendada, mas ele encarregou outro gravador de a executar.

Gerard foi um bom artista e dizem que tambem tinha um belo caracter, e que estava sempre pronto para auxiliar e ensinar os seus colegas.

Feliciano Avelino Peres, afastou-se do seu patrão, Vicente Leite, cerca do ano de 1860.

Teve várias oficinas de joalharia sendo uma delas no Largo da Abegoaria e outra na Rua do Ouro. Passados anos deixou de trabalhar por falta de vista, tendo de viver com os poucos rendimentos que tinha e com o auxilio de associações. Quando fechou a oficina vendeu ao seu, então, aprendiz, o Sr. Ernesto Taborda[1], as ferramentas do oficio e vários cunhos, entre os quais se contavam os que tinham servido para *as cruzes da campanha* (Guerra Peninsular), que ele havia comprado ao seu antigo patrão Vicente Leite.

Feliciano Peres não foi um medalheiro notavel, pois que se limitou a fazer algumas medalhas banais, como por exemplo, as da divisão auxiliar a Hespanha, e umas miniaturas das das Campanhas da Liberdade e da de salvação de D. Maria II; no entanto não podemos deixar de o mencionar entre os gravadores portugueses.

Este gravador nasceu em Lisboa, na freguezia de Santo André, pelo ano de 1821 e em 22 de Outubro de 1833, contando 12 anos de idade, foi admitido como aluno da Casa Pia, por ordem do Intendente Geral da Policia [2], de onde saiu em consequencia de ter acabado o tempo de aprendiz, em 7 de Abril de 1843.

Nos documentos que lhe dizem respeito existentes no arquivo da Casa

---

[1] Foi por intermedio deste conhecido esmaltador que conseguimos saber vários pormenores da vida de Feliciano Avelino Peres.

O Sr. Taborda esteve durante muitos anos a trabalhar na casa do Sr. Frederico Gaspar da Costa, fabricante de condecorações, e ultimamente foi para o Brasil.

[2] Vid. no arquivo da Rial Casa Pia de Lisboa, e no Livro das admissões de 1832 a 1834, os processos n.os 1059 e 1060.

Pia, figura com o nome de Feliciano Avelino, filho de Manuel Joaquim Pires e de Balbina Rosa. O seu verdadeiro apelido devia ser portanto Pires e, segundo nos disse o Sr. Taborda, dele usou durante muito tempo.

Feliciano Peres teve uma vida bastante acidentada, pois que, tendo-se envolvido nas lutas da Maria da Fonte, foi preso e degredado para Africa. Durante a viagem entreteve-se a fabricar instrumentos para o seu oficio e a gravar, em moedas de 10 réis, o desenho do brigue que o conduzia. Foi depois de regressar da Africa que ele mudou o apelido de Pires para Peres.

Manuel de Morais Silva Ramos [1] foi um serralheiro, gravador e ourives, natural da Covilhã, e aluno da Casa Pia de Lisboa [2], que durante alguns anos esteve estabelecido no Porto com oficina de ourivesaria. Recordamo-nos de terem sido por ele feitas, entre os anos de 1852 e 1860, as seguintes medalhas: comemorativa da visita da Familia Rial ao Porto, dedicada à memoria de Carlos Alberto Rei da Sardenha, e a da Rial Sociedade Humanitaria do Porto.

Silva Ramos foi um mau medalheiro, por falta de estudo; mas parece que teve bastante vocação e habilidade para a gravura tipografica pois que chegou a ser preso por suspeitas de ter sido o autor de umas chapas para o fabrico de notas falsas.

José Arnaldo Nogueira Molarinho foi um dos mais notaveis gravadores portugueses, pelo grande numero de medalhas que produziu, e pela disposição natural que tinha para a arte da medalha; no entanto, nunca passou de um artista mediocre, por falta de estudo.

Nascido em Guimarães a 25 de Setembro de 1828, foi depois trabalhar para o Porto, como ourives, e alí faleceu com 79 anos de idade, em 15 de Fevereiro de 1907 [3].

Foi cerca do ano de 1860 que ele começou a gravar medalhas, e até ao fim da vida nunca deixou de se dedicar a esse genero de trabalho. Não nos sendo, por isso, possivel indicar aqui a lista completa das suas medalhas, lembraremos contudo, as seguintes: comemorativa da inauguração do Palacio de Cristal, da expedição de Angola, das Campanhas da Liberdade, aos restauradores de 1640, da exposição agricola de Braga,

(1) Aragão, *ob. cit.*, I, p. 90.

(2) Vid., no arquivo deste estabelecimento, o livro V da matricula dos alunos, fl. 199, n.º 1297.

(3) Vid. *O Primeiro de Janeiro* de 16 de Fevereiro de 1907; e Teixeira de Aragão, *ob. cit.*, I, 90.

a Ernesto Biester, da ponte de D. Maria Pia, dos Caminhos de Ferro, do Minho e do Douro, das estátuas de D. Pedro IV, do Porto e de Lisboa, dos centenários da reforma da Universidade e de Camões, etc.

Desde 1867 existe no Porto uma sociedade ou companhia intitulada *Aurificia*, que se encarrega de mandar abrir cunhos para medalhas e que toma a responsabilidade da cunhagem delas, para o que possue um *balancé* (1).

E' neste aparelho que teem sido cunhadas quasi todas as medalhas feitas no Porto, e até mesmo algumas feitas em Lisboa.

Supomos que foi expressamente contratado no estrangeiro para vir trabalhar nas oficinas dessa sociedade, um gravador chamado Carlos Preyer (2), que assina as seguintes medalhas mandadas gravar por aquela Sociedade, respectivamente em 1867, 1872 e 1878: a D. Pedro IV, a Sua Santidade Pio IX, a D. Pedro II, Imperador do Brasil, a El-Rei D. Luis e uma outra a Sua Santidade Pio IX. Existe ainda uma outra, do Monte-Pio Operario da Fabrica Aurificia, datada de 1872, que não está assinada, mas que foi provavelmente por ele feita tambêm.

No dia 6 de Dezembro de 1864 o Director da Casa da Moeda de Lisboa dirigiu ao Ministério da Fazenda, um oficio acompanhado de um relatório em que iam indicados os empregados da Casa da Moeda que pela sua idade avançada, ou por motivo de doença, deviam ser reformados (3). Eram, o primeiro gravador Francisco de Borja Freire, que então contava 70 anos de idade e 50 de serviço, e Luis Gonzaga Pereira, que tinha 68 anos de idade e 51 de serviço, e que se achava paralítico.

Passava-se isto num momento em que a Casa da Moeda entrava num periodo de reforma e se reconhecia a necessidade de nela se estabelecer uma oficina de gravura, onde houvesse o numero necessario de gravadores e onde se preparassem outros para poderem suceder depois aos antigos (4).

Estas razões determinaram o Governo português a contratar na Belgica o gravador Carlos Wiener para vir exercer e ensinar a sua arte na Casa da Moeda de Lisboa (5).

---

(1) Vid. um prospecto que a companhia distribue e o *Inquerito Industrial de 1881 — Inquerito directo, segunda parte — Visita ás fabricas, livro segundo*, p. 101.

(2) Algumas pessoas pouco ilustradas do Porto chamam-lhe Carlos Pereira.

(3) Arquivo da Casa da Moeda, livro 22 B da correspondencia expedida, fl. 281 v. e 282.

(4) Conf. o Relatorio que precede o Decreto de 7 de Dezembro de 1864.

(5) Vid. Lamas: *Le Séjour à Lisbonne de Charles Wiener.*

O contrato, entre o Governo português e o artista, foi assinado em Bruxelas, em 7 de Setembro de 1864 e ratificado por Decreto de 29 do mesmo mês. Continha tres artigos, compreendendo o primeiro as obrigações do artista, o segundo as do Governo, e o terceiro disposições especiais.

Carlos Wiener obrigou-se: 1.º a dirigir na Casa da Moeda de Lisboa uma escola pratica de gravura; 2.º a encarregar-se de todos os trabalhos de gravura necessarios para a Administração da Casa da Moeda, e para a Sub-Inspecção Geral dos Correios, e bem assim de todos os outros que lhe fossem encomendados pelo Governo; 3.º a formar, no praso de tres anos, pelo menos dois alunos, com a capacidade necessaria para lhe sucederem; 4.º a não abandonar as suas funções e a cumprir todas as suas obrigações, durante seis anos.

O Governo português, obrigou-se: 1.º a pagar a Carlos Wiener os ordenados fixos de 720$000 réis por ano; 2.º a pagar-lhe alêm destes ordenados, pela confecção de novos tipos de moedas e de estampilhas, os seguintes preços: por cada punção para as moedas de ouro, prata, ou cobre, 26$000 réis; por cada matriz para moedas de prata ou cobre, 2$000 réis; por cada matriz para moedas de ouro, 3$200 réis; e pela reprodução de cada punção, 12$000 réis; 3.º a pagar-lhe ainda mais as despesas da viagem e a quantia de 180$000 réis por ano para o aluguer de casa; 4.º a regular as despesas de instalação da escola, segundo os planos e indicações do artista; 5.º a garantir a este o seu lugar, durante seis anos.

Wiener chegou a Lisboa, supomos que no fim do ano de 1864 (Novembro), e logo em seguida tratou de instalar a escola e de a prover de modelos e de instrumentos e tambêm de um *torno de reduzir*, que ainda não havia na Casa da Moeda (1). Na escola matricularam-se: o Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, que depois veio a ser primeiro gravador, Azedo Gnecco, que se especialisou na gravura tipográfica, e Augusto Carlos de Campos J.or, falecido em 17 de Novembro de 1891 sendo segundo gravador. Dentre os tres apenas o primeiro fez medalhas.

Carlos Wiener, que já então gosava de fama de grande artista e que depois foi muito considerado, certamente com justiça, pelos seus compatriótas, não conseguiu, porêm, levar a cabo o encargo. Fez, é certo, algumas medalhas que não são destituidas de valor: a da exposição internacional do Porto, e a da Sociedade Promotora das Belas-Artes; mas não tendo conseguido gravar convenientemente o busto de El-Rei D. Luis que devia figurar nas novas moedas de 5$000 réis, apesar dos esforços que nesse sentido empregou, viu-se obrigado a pedir ao Governo que lhe

(1) Este aparelho ainda alí existe. Está assinado: *Contamin Ing.r Mecanicien à Paris* 1865.

rescindisse o contrato, o que aquele fez, por Decreto de 5 de Junho de 1867.

Ficou então exercendo as funções de primeiro gravador na Casa da Moeda, Frederico Augusto de Campos, que tinha bastante habilidade para a gravura, mas que fez medalhas detestaveis, como por exemplo, a da exposição agricola distrital de Santarem, em 1880, e a da exposição agricola da Rial Tapada da Ajuda, em 1884. Campos faleceu, com 78 anos de idade, em 29 de Julho de 1895. Estudou desenho com Domingos José da Silva e praticou, ora com José Antonio do Vale, ora com Borja Freire, e tambem com Gonzaga Pereira, cuja competencia para a arte da medalha era nula, como já dissemos.

Campos teve por discipulo a Casimiro José de Lima, que ha pouco tempo faleceu sendo director da Casa da Moeda, e que fez, como curioso, a medalha da Sociedade de Geografia, a do monumento do Buçaco e uma outra dedicada ao director da Casa da Moeda, Oliveira e Sousa.

Feitas (supomos que no Porto), entre os anos de 1877 e 1880, por um gravador natural de Aveiro, falecido por volta de 1882, José de Sousa, existem as seguintes medalhas de insignificante mérito: das exposições, de aves e vinicola, realisadas, respectivamente, em 1877 e 1880, no Palacio de Cristal do Porto, comemorativa do tricentenário de Camões, mandada cunhar pela comissão dos festejos do Porto, em 1880, e uma prova do anverso de uma outra, que não ficou concluida, dedicada à memoria de José Estevão [1].

A assinatura de um outro gravador, tambem de pouco mérito, de cuja biografia ainda nada sabemos, mas que supomos ter residido igualmente no Porto, entre os anos de 1894 e 1896, Manuel Carvalho Figueira, encontra-se nas seguintes medalhas: comemorativa do centenário do Infante D. Henrique — 1894 —; da exposição insular e colonial realizada em 1894 no Palacio de Cristal do Porto, da Associação Humanitaria do Porto, módulo reduzido, feita em 1896, e das exposições horticolo-agricolas realizadas em 1896 no Palacio de Cristal do Porto (de colaboração com J. J. GLZ. COELHO).

Em Lisboa trabalhou durante alguns anos um gravador que, a partir de certa época, foi, pode dizer-se, o substituto de Gerard, e que gosou

---

[1] Vid. *A Arte Portugueza — Revista mensal de Bellas-Artes publicada pelo Centro Artistico Portuense, Anno* I, 1882, p. 68-69.

da fama de grande artista. Foi Cassiano Augusto Vidal da Maia, natural da vila de Azeitão, nascido em 8 de Outubro de 1844, e bátizado na freguezia de S. Lourenço daquela vila, em 7 de Janeiro do ano seguinte [1].

Este gravador, tendo aprendido a sua arte isoladamente, pois que não havia mestres na escola de gravura do Arsenal do Exercito, aonde esteve matriculado, trabalhou cerca de um mês, apenas, com Leipold, na Imprensa Nacional, e foi depois nomeado gravador da Direcção Geral dos Trabalhos Geodésicos, aonde se conservou até ao fim da vida. Faleceu repentinamente nas Caldas da Rainha, em 1 de Setembro de 1895.

Maia fez muitas dezenas de sinetes, carimbos, selos, etc. e gravou mapas, como por exemplo, a carta topográfica da cidade do Porto. Alêm disso executou tambem uma espada que El-Rei D. Luis ofereceu ao Imperador da Alemanha, e entre outras, as seguintes medalhas: comemorativas dos centenários, de Camões (várias), do Marquês de Pombal, e de Santo Antonio (várias), dedicada pela Associação Comercial do Porto ao Sr. Conselheiro Beirão, e a da Sociedade de Beneficencia Brasileira em Portugal.

Cassiano Maia tendo sido incontestavelmente um gravador habil e dextro, foi, contudo, um medalheiro de muito pouco mérito.

A medalha está sendo actualmente executada em Portugal por duas espécies de artistas, adòtando uns o processo antigo da gravura, e outros o moderno da escultura. Os que adòtam o primeiro processo, são, entre outros, os seguintes srs: Venancio Pedro de Macedo Alves, Domingos Alves Cevens do Rego, José Sergio de Carvalho e Silva, e Guilherme Augusto dos Santos, todos quatro da Casa da Moeda, respectivamente, primeiro gravador reformado, primeiro gravador efectivo, segundo gravador, e praticante, e Manuel da Silva Lucio, do Arsenal do Exercito.

Os que adòtam o segundo processo são os srs.: José Simões de Almeida (sobrinho), João da Silva, José Pais da Costa Mota, e Francisco dos Santos.

Dentre estes ultimos devem, porêm, destacar-se os dois primeiros, José Simões de Almeida (sobrinho), e João da Silva, não só por serem dois artistas-medalheiros de muito mérito, como tambem por terem introduzido em Portugal a moderna arte da medalha. Costa Mota e Francisco dos Santos são principalmente estatuários, aliás muito distintos,

---

[1] Estas datas e muitas outras particularidades da biografia de Cassiano Maia, que temos apontadas, foram-nos indicadas por um irmão dele, o Sr. Viriato Maia.

Vid. tambem o *Almanach Illustrado*, de Pastor, ano de 1896, p. 51.

mas que pouco se teem dedicado à medalha. Recordamo-nos de ter sido executada por Costa Mota apenas uma medalha, da qual se fez só um ou dois exemplares, comemorativa da segunda estátua de Sousa Martins; Francisco dos Santos fez um dos projectos, que não foi aprovado, para a medalha do centenário da Guerra Peninsular, que é um trabalho de muito valor artistico, e mais uma medalhinha ligeira, destinada a uma festa de estudantes da Escola Médica de Lisboa ([1]).

Ha ainda um outro artista (amador), distintissimo a vários respeitos, cultor de diversos ramos das Belas-Artes, e muito importante coleccionador de moedas e medalhas, que se tem tambem dedicado, com feliz exito, à arte da medalha. E' o nosso amigo, D. Fernando de Almeida.

O fabríco de condecorações e insignias de sociedades fez-se, até ha pouco tempo, em Lisboa, principalmente nas oficina sdo Sr. Frederico Gaspar da Costa, onde tambem se cunharam algumas medalhas comemorativas e de galardão, tais como, a do Congresso telegráfico internacional, as do Instituto de Socorros a Naufragos, e militar de D. Amelia, tendo sido, porêm, os cunhos destas ultimas gravados no estrangeiro. O Sr. Frederico Gaspar da Costa tem um *balancé*.

Um ourives, Eloi de Jesus, estabelecido no Chiado, tambem vendeu em tempo, condecorações e algumas medalhas militares que ele mandava fabricar.

Em Lisboa, as medalhas destinadas a prémios de regatas e de outros exercicios desportivos, são em grande parte editadas pelo Sr. João Anjos, proprietário de uma ourivesaria, situada na Rua Larga de S. Roque, sendo os cunhos de algumas gravados pelo Sr. Manuel da Silva Lucio. Em tempos, tambem se trabalhou muito nesse mesmo género, numa outra ourivesaria da Rua da Prata, pertencente ao Sr. Vitaliano Cesar de Jesus.

No Porto, as mesmas espécies de medalhas teem sido em regra executadas numa oficina de gravura, fundada em 1870, sob a firma de Brito & Valença Sarramayou, e que hoje pertence aos Srs. Valença Sarramayou & Santos. O antigo gravador desta casa era o sócio dela Inácio Alves de Brito, o actual é o sócio Antonio Rodrigues dos Santos.

Nas oficinas do conhecido gravador Freire, estabelecido na Rua

---

([1]) As biografias dos Srs. José Simões de Almeida (Sobrinho), João da Silva, Domingos Alves do Rego e José Sergio de Carvalho e Silva, foram publicadas por Forrer, segundo indicações que lhe fornecemos, no seu *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. V. A biografia do Sr. Alves já havia sido publicada por Forrer num volume anterior e encontra-se, tambem, em parte, no jornal: *O Occidente*, vol. XX, n.º 683, de 20 de Dezembro de 1897, p. 274 e 280.

do Ouro, em Lisboa, teem-se feito algumas medalhinhas, por ocasião de centenários, etc.

Na mesma rua ha uma outra casa, intitulada: *A Mascotte*, pertencente ao Sr. Eduardo Bátista, onde se fabricam carimbos e se vendem fonógrafos, pela qual teem sido editadas várias medalhas, especialmente de aluminio e de prata, destinadas a romarias, etc.

No Porto trabalha um gravador de apelido Gama que fez, entre outras, umas medalhinhas do centenário da India.

A execução dos desenhos dos tipos das medalhas, foi por vezes confiada a alguns pintores notaveis, como por exemplo: Vieira Lusitano, que adaptou à medalha da Academia Rial da Historia o tipo de uma outra romana, Felix da Rocha, que parece ter colaborado na medalha do Colegio dos Nobres [1], (Nossa Senhora da Conceição), e Domingos Antonio de Sequeira, que inventou o tipo de uma outra destinada a ser conferida em premio pela Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Sobre o ensino da gravura de cunhos de moedas e medalhas não deve deixar de mencionar-se a existencia de uma aula destinada a ministral-o na Academia de Belas-Artes, de Lisboa [2], devendo, porêm, notar-se que de tal ensino, mais nominal do que real, nenhuns resultados práticos se teem obtido.

Damos aqui por terminado o nosso estudo sobre o fabríco das medalhas em Portugal, pois que não nos é possivel, nem vale a pena, mencionar alguns gravadores de categoria modesta, que uma vez por outra, e como meio de poderem ganhar a sua vida, se teem lembrado tambem de fazer medalhas.

b) — Estudo. — As primeiras tentativas para o estudo metódico das medalhas em Portugal, foram realizadas no século XVIII, no seio da Academia Rial da História, pelo Marquês de Abrantes, Rodrigo Anes de Sá Menezes e Almeida. Até então, afóra uma ou outra indicação avulsa, como por exemplo, a descrição de uma medalha do Cardial D. Jorge da

---

(1) Volkmar Machado: *Collecção de Memorias*, etc., p. 270.

(2) Para a historia desta Academia, consulte-se, por exemplo: *Observações sobre o actual estado do ensino das Artes em Portugal* — Lisboa, 1875; *Relatorio dirigido ao Ministro do Reino, pela Commissão nomeada por Decreto de 10 de Novembro de 1875 para propor a reforma do ensino artistico* — Lisboa, 1876; e Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos scientificos*, etc.

Costa, feita por Manuel Severim de Faria, nas suas *Noticias de Portugal* [1], ainda nenhum português tinha feito estudos especiais sobre o assunto, não obstante alguns escritores se terem já ocupado do estudo das moedas [2].

Os motivos que levaram o Marquês a dedicar-se ao estudo das medalhas, foram por ele expostos na oitava *conferencia* da Academia, que se realizou debaixo da presidencia dele, em 18 de Março de 1721: falando da obrigação que cada um dos academicos tinha de apresentar o estado de adiantamento dos seus trabalhos, disse, que de si «pouco podia »dizer, pois se lhe não encarregara mais, que a compozição da empreza, »e do sêllo da Academia, ao que logo obedecera; porém que para de»monstrar que sacrificava de boa vontade a sua inhabilidade ao commum »interesse d'esta grande obra, se encarregava de reduzir a dous volumes »a descripção de todas as medalhas [3], e moedas que desde que se intro»duzio no mundo esta especie até o presente, se tem publicado neste »Reyno, e a collecção das mais dignas inscripçoens antigas, e modernas, »que nos pertencem, pois que humas, e outras contem noticias, que es»tampadas, e manuscriptas em metaes, e em marmores conservão apezar »das injurias do tempo a gloriosa fama da nossa Nação no templo da »immortalidade» [4].

Infelizmente, porêm, o Marquês faleceu, deixando a sua obra incompleta; mas um outro academico, não menos ilustre, D. Antonio Caetano de Sousa, «não querendo que ficasse sepultado o trabalho de Varão tão »excellente», resolveu amplial-a e publical-a, em 1738, no tomo IV da sua

---

(1) Discurso VIII, no final da biografia do referido Cardial.

(2) Poderá parecer muito natural que assim tenha sucedido, visto que as medalhas só começaram a fazer-se definitivamente em Portugal, no começo do seculo XVIII, como já tivemos ocasião de dizer; no entanto, não deve esquecer-se que, durante os seculos XVI e XVII, haviam já sido feitas no estrangeiro, bastantes medalhas referentes ao nosso País, às quais podiam, ao menos, ter aludido os referidos escritores.

(3) Esta palavra (medalhas) refere-se tanto às antigas, romanas, como ás modernas, ou propriamente ditas, portuguesas.

(4) Biblioteca Nacional, Ms. n.º 685, fl. 26 v. Este discurso foi mandado imprimir, segundo consta do mesmo ms., fl. 30 v.

Em conformidade com o plano traçado, começou o Marquês os seus trabalhos pelo estudo das moedas, e na *conferencia* de 13 de Agosto de 1722 disse ele o seguinte: «agora »desejava mostrar que se não descuidava das moedas Portuguezas dando á Academia á »imitação dos catalogos huma synopesis de mais de cento e vinte moedas dos nossos Reys, »cunhadas nos tres metaes, e que a muitos dos Academicos era notorio que a improvisa »ausencia de hum artifice lhe difficultara a execução deste intento, mas que já outro traba»lha, e esperava que poderia conseguir o que desejava de sorte, que satisfaça a curiosidade »publica». Bibl. Nac. Ms. n.º 686, fl. 231.

monumental *Historia Genealogica da Casa Real*, declarando muito honradamente, que *publicamente confessava no grande teatro do mundo*, que lhe haviam servido de base os estudos do primeiro. (*Ob. cit.* p. 104, 105).

Ficou assim o País dotado com mais uma obra de Numismática, muito importante e notavel, e na qual pela primeira vez em Portugal apareceram medalhas estampadas e descritas metódicamente [1].

As estampas das medalhas publicadas na *Historia Genealógica*, foram umas mandadas gravar pelo Marquês de Abrantes e outras por D. Antonio Caetano de Sousa, distinguindo-se umas das outras por não terem sinal algum as do primeiro e estarem orladas por um filete as do segundo. São ao todo vinte, e graças ao referido sinal, facilmente se vê que foram apenas sete as medalhas que o Marquês conseguiu reunir, e trese as que D. Antonio Caetano de Sousa acrescentou. Nisto se resume a obra dos dois ilustres académicos a cuja memória não podem negar-se as devidas homenagens, não só por terem sido eles os primeiros que entre nós trataram do assunto, como tambem pelo esforço que empregaram para lhe darem o maior desenvolvimento possivel. Os seus nomes nunca deixarão, por isso, de ocupar os lugares mais proeminentes na Historia da Medalhistica Portuguesa.

Em seguida à Historia Genealógica, até meados do século XIX, publicaram-se pouquissimos trabalhos sobre medalhas, sendo, contudo, alguns deles bastante interessantes, como, por exemplo, os seguintes: uma lista das medalhas de El-Rei D. João V, encorporada no *Elogio funebre e historico* daquele Monarca, por Francisco Xavier da Silva (1750); o prospecto de Bouch (1795); o folheto explicativo da medalha comemorativa do casamento de El-Rei D. João VI (1785), um outro referente à medalha dedicada pelo Senado do Porto ao Principe Regente, em 1799; e as estampas das medalhas dedicadas pela Academia Rial das Sciencias, à Rainha D. Maria I (1783), e a D. Miguel (1829).

Em 1861, Manuel Bernardo Lopes Fernandes, patrocinado pela Academia Rial das Sciencias, publicou a sua *Memoria das Medalhas*, etc. que é no seu genero a obra mais importante e notavel que se tem feito no nosso País, e da qual muitas vezes nos servimos.

Lopes Fernandes não se limitou, como D. Antonio Caetano de Sousa,

---

[1] Um ano antes, em 1737, tinha Bento Morganti publicado na sua *Numismalogia*, p. 20 e 21, a estampa e descrição de uma medalha, comemorativa da vinda do Arquiduque Carlos, de Austria para Lisboa; mas o intuito desse autor foi simplesmente apresentar aos leitores um exemplo de uma *inscrição*, espécie de letreiro que ele pretendia definir, e que na medalha se achava claramente caracterizado.

a fazer uma simples lista de medalhas. Fez as descrições destas acompanhadas de curiosas noticias historicas, referiu-se, de quando em quando, aos gravadores que as executaram e citou ou transcreveu, por vezes, alguns documentos que lhes respeitam. A obra de Lopes Fernandes está hoje antiquada, e tem, sem duvida, defeitos; mas não deixa, por isso, de ser muitissimo interessante, util, e valiosa. E' por ela que ha mais de meio século se teem principalmente guiado, tanto os coleccionadores como os estudiosos.

Desde 1861, para cá, teem-se feito alguns catálogos, como, por exemplo, os das colecções: de El-Rei D. Luis (*Histoire du Travail*), pelo Dr. Teixeira de Aragão; de Eduardo Carmo, pelo Sr. Dr. Pedro Augusto Dias; da Sociedade de Martins Sarmento, de Guimarães, pelo Abade de Tágilde, Freitas Costa; e de Alexandre Leitão, por ele próprio; algumas monografias, disseminadas por várias revistas como, por exemplo: *O Archeologo Português* e o *Boletim das Bibliotecas e Arquivos*, firmadas pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha, por nós e por outros escritores.

Na *Descrição Geral e Historica das Moedas*, do Dr. Teixeira de Aragão, encontram-se tambem muitas notas, descrições, e estampas de medalhas.

De todas estas obras, e de outras de que temos conhecimento, daremos adiante mais desenvolvida noticia na *Bibliografia*.

c) — Ensino oficial. — O ensino oficial da Medalhistica no nosso País tem sido ministrado numa *cadeira de Numismática*, cujos fundamentos foram lançados por Decreto de 22 de Outubro de 1836 (1).

Neste diploma o Governo, tomando em consideração que as prelecções da cadeira de diplomática deviam estender-se ao ensino da numária, da numismática e da lapidária, de conformidade com o Alvará de 21 de Fevereiro de 1801, o que só poderia verificar-se utilmente, na presença de uma colecção bem ordenada; e desejando promover entre nós a organização de semelhantes colecções, e o estudo dos seus respectivos conhecimentos, que, achando-se quasi perdidos em Portugal, eram cultivados, com particular atenção, em todas as outras nações civilisadas; criou no Rial Arquivo da Torre do Tombo um gabinete de moedas e medalhas, destinado para uso

---

(1) Vid. Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos Scientificos*, vols. VI, p. 254, e 260 a 264; X, p. 366 a 371; XIV, p. 270; XVII, p. 425; Dr. J. Leite de Vasconcelos: *Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotéca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889*, p. 12.

dos alunos da aula de diplomática, e para o estudo prático da numária e da numismática, o qual deveria constar das seguintes séries:

1.ª de moedas e medalhas romanas achadas em Portugal; 2.ª de moedas e medalhas dos reis suevos e godos, preferindo-se as que se tivessem descoberto no território português; 3.ª de moedas e medalhas arabes, encontradas em Portugal; 4.ª de moedas e medalhas dos reis de Lião, Castela, e Galiza; 5.ª de moedas e medalhas portuguesas desde a fundação da Monarquia; 6.ª de moedas e medalhas fenicias, celticas, gregas, ou desconhecidas, que se descobrissem em Portugal.

O gabinete seria organizado com moedas e medalhas duplicadas existentes na Casa da Moeda e na Bibliotéca Nacional e com quaisquer outras que se fossem adquirindo gratuitamente, por troca, ou por compra. A sua conservação e guarda ficaria, depois de inventariado e descrito, a cargo do oficial maior do Arquivo da Torre do Tombo, sob a inspecção do respectivo guarda-mór.

A distinção entre *numária e numismática* adòtada no Decreto cujo conteudo acabámos de expôr, foi estabelecida por João Pedro Ribeiro [1], e tendo sido este, professor da cadeira de Diplomática, é licito supor-se que foi ele quem redigiu, ou, pelo menos, inspirou a redacção do referido diploma.

Por *Numária* entendia o erudito escritor, a *Sciencia das Moedas*, e por *Numismática* a das *Medalhas*. Tal distinção não pode, porêm, admitir-se, como judiciosamente demonstrou o Dr. José Leite de Vasconcelos [2].

Por Portaria de 19 de Dezembro de 1844, o ensino da Numismática passou a ser feito, a instancias do Bibliotecário-mor, o Dr. José Feliciano de Castilho, na Bibliotéca Nacional num curso publico e gratuito de dois anos, que se inaugurou solénemente no dia 24 do mesmo mês, com mais de vinte alunos, e na presença do Ministro do Reino.

Da leitura das prelecções desse curso, que deveriam realizar-se uma vez por semana, durante os primeiros quatro meses, e duas durante os restantes, foi encarregado o Conservador de manuscritos e antiguidades, Francisco Martins de Andrade.

O *Programa* do curso vem apenso à Portaria de 19 de Dezembro de 1844 que o criou.

Dez anos depois, em 1854, propôs o Governo ao Parlamento, a criação definitiva de uma cadeira para o ensino da Numismática, cuja fre-

---

(1) *Dissertações Chronologicas e Criticas*, etc. Tomo IV. Parte I, p. 2.

(2) *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotéca Nacional de Lisboa* — Cursos de 1894-95 e 95-96, p. 5.

quencia devia ser exigida como habilitação indispensavel para o provimento de certos empregos publicos, e que seria professada na Bibliotéca Nacional, por possuir esta um precioso repositório de moedas e medalhas, adaptado a prestar util serviço no estudo prático da Numismática.

Para justificar a sua proposta disse o Ministro que a apresentou, que, posto que em Portaria de 19 de Dezembro de 1844, se tivesse ordenado que o Conservador ajudante encarregado da repartição de manuscritos e antiguidades da Bibliotéca Nacional de Lisboa, désse neste estabelecimento prelecções de Numismática, e que, não obstante esse curso haver sido frequentado com maior ou menor numero de alunos, e regido sempre com proficiencia por aquele funcionário, se reconhecera que semelhante meio não era suficiente para promover e animar em Portugal o estudo da referida disciplina, pelo modo que convinha à cultura das letras e das sciencias.

A proposta, que tem a data de 1854, foi depois convertida em lei, sendo esta mandada executar por Carta de Lei de 19 de Julho de 1855.

Em virtude deste diploma ficou *criada* na Bibliotéca Nacional de Lisboa, uma cadeira de Numismática, regida por um empregado da mesma Bibliotéca, e a cuja frequencia ficaram obrigados todos os oficiais ajudantes do referido estabelecimento.

Continuou a rege-la o mesmo professor que anteriormente regia o curso, Francisco Martins de Andrade.

Passados trinta e dois anos, a cadeira foi incorporada num curso de bibliotecários-arquivistas, instituido por Decreto de 29 de Dezembro de 1887, artigo 13, e desde então até 1911, foi regida com notavel proficiencia pelo Dr. José Leite de Vasconcelos.

Para se poder avaliar a forma como este erudito professor se desempenhou do encargo, consultem-se os seguintes trabalhos por ele publicados:

a) Série de seis opusculos, subordinados ao titulo de *Elencho das Licões de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa de 1888 a 1911, por J. Leite de Vasconcellos* — I — XXIII — cujos dois primeiros foram impressos na tipografia do jornal: *O Dia*, em 1889 e 1894 e sendo os quatro ultimos separatas dos volumes II, III, VII, XV e XVII de *O Archeolo Português*.

b) *Numismatica Nacional — Lição inaugural do curso de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa no anno lectivo de 1888-1889* — por J. Leite de Vasconcellos. Lisboa, 1888.

c) *Esboço da História da Numismática Portuguesa*, por J. Leite de Vasconcellos — Lisboa, 1890. Separata da *Revista de Educação e Ensino*, vol. V, (1890), p. 329-336. Ficou incompleto.

Pela leitura do ultimo fascículo do *Elencho* vê-se que as medalhas foram particularmente estudadas na cadeira de Numismática, desde 1906 até 1911.

d) — Centros de Numismática e exposições. — Por duas vezes se tentou formar *Centros de Numismática*, isto é pontos de reunião para os coleccionadores, negociantes e amadores de moedas e medalhas, poderem trocar impressões entre si; mas ambos eles tiveram curta duração. O primeiro foi instituido por iniciativa do Sr. Alberto Gavazzo, em Novembro de 1894, e instalou-se na Rua da Madalena, n.º 38 [1]; o segundo organizou-se, alguns anos depois, e teve a sua séde na Casa Liquidadora da Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus.

Para compensar a falta de uma sociedade própriamente de Numismática existe na Rial Associação dos Arqueologos Portugueses uma *secção*, destinada exclusivamente ao estudo desta Sciencia e à Sigilografia, a qual tendo sido instituida pelos novos estatutos da referida Associação, em 1909, apenas, porêm, se reuniu uma unica vez até à presente data.

Nos meados do seculo XIX fizeram-se em Lisboa umas exposições denominadas *filantrópicas*, nas quais por vezes figuraram, entre vários outros objectos, medalhas de Lopes Fernandes. Em 1898, por ocasião de centenário da India, realizou-se uma exposição exclusivamente numismática, no antigo Bazar Católico (hoje Casa Liquidadora), da Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus. Na exposição histórica organizada por ocasião do Centenário da Guerra Peninsular no Muzeu de Artilheria, tambem figuraram medalhas referentes áquela guerra.

e) — Coleccionação — Por via de regra as colecções numismáticas são constituidas por moedas e medalhas conjuntamente; mas ha exemplos de algumas formadas unicamente com qualquer das duas espécies. O numero dos amadores de moedas tem sido, porêm, maior do que o dos de medalhas.

Ha noticia da existencia de colecções de moedas, em Portugal, já no século XV [2]; de medalhas só começaram a fazer-se no século XVIII, sendo uma das mais antigas a do Marquês de Abrantes, a qual, segundo consta do prospecto de Bouch, foi vendida por morte dele, em Inglaterra a um ourives irlandês, Daniel Coningham, e continha peças rarissimas,

---

(1) *O Archeologo Português*, I, p. 303.

(2) Epoca do aparecimento das primeiras medalhas.

como por exemplo, as pseudo-medalhas de D. João IV, D. Afonso VI, e D. Pedro II.

Uma outra colecção muito notavel, do fim do século XVIII e principio do século XIX, foi a do abade Charles François Garnier, capelão da Igreja de S. Luis Rei de França.

Nas colecções numismáticas de D. Manuel Caetano de Sousa, de D. Antonio Caetano de Sousa e de D. Fr. Manuel do Cenáculo, Bispo de Beja, tambem existiam medalhas.

Dentre as colecções organizadas no decorrer do século XIX, ocorre-nos mencionar as seguintes: de El-Rei D. Luis (catalogada); da Bibliotéca Nacional de Lisboa (catalogada); da Academia Rial das Sciencias de Lisboa; do Museu Etnológico Português (catalogada); do Museu Municipal da Figueira da Foz (catalogo manuscrito); do Museu Municipal de Azuaga, em Vila Nova de Gaia; do Museu de Artilheria; da Casa da Moeda; do Museu Arqueológico do Carmo (catalogada); do Museu da Sociedade de Martins Sarmento, em Guimarães (catalogada); de Manuel Bernardo Lopes Fernandes; do Dr. Teixeira de Aragão; de José Anastacio da Costa e Sá; de Francisco de Paula Ferreira da Costa, do Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau; do Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana (catalogo manuscrito); do Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro; do Sr. Antonio Pedro de Andrade; de Alexandre Leitão (catalogada); de Eduardo Carmo (catalogada); do Sr. Conde do Ameal; de Ciro Augusto de Carvalho; da Bibliotéca Municipal do Porto (catalogada); de José Gregorio Barbosa; de José J. Colaço; do Sr. José Ferreira Braga; do Sr. D. Fernando de Almeida; do Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima; do Sr. José de Ascensão Guimarães (hoje encorporada na nossa), etc.

Alguns estrangeiros, alem do abade Garnier, já citado, teem tambem feito colecções de medalhas portuguesas, como por exemplo, Cesar Famin, consul de França; Julius Meili; a Senhora Viscondessa de Cavalcanti, etc.

Tambem temos conhecimento da existencia de colecções de medalhas portuguesas nos seguintes museus estrangeiros: British Museum, de Londres (muito pequena); Cabinet des Médailles, de Paris (catalogada por nós); Universidade de Leide; Museu Imperial da Ermitage, em S. Petersbourg, etc.

f) — Comércio. — Não é possivel indicarem-se todos os lugares aonde as medalhas aparecem à venda, porque o acaso tanto pode fazel-as aparecer no mostruário de um ourives de qualquer vila sertaneja, como numa loja de cambios, ou nas mãos de qualquer particular.

Existem, porêm, alguns sitios aonde habitualmente se faz negócio

com èlas, sendo o mais importante, em Portugal, a Casa Liquidadora da Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus, em Lisboa, aonde se teem realizado muitos leilões, tanto de moedas como de medalhas, préviamente anunciados por meio de bons catálogos.

Na importante casa de J. Schulman, na Holanda, aonde se adquirem muitas medalhas portuguesas, foram vendidas em leilão, entre outras, as colecções de Julius Meili, de Ciro Augusto de Carvalho, etc.

Nas casas de Spink & Son, de Londres, de Charles Dupriez, de Bruxelas, de Étienne Bourgey, de Paris, de Adolph Hess Nachfolger, de Frankfurt a. M. e outras, tambem estrangeiras, aparecem muitas vezes à venda medalhas referentes ao nosso País.

---

g) — Bibliografia

N. B. — Faltando-nos tempo para a organização de uma bibliografia medalhistica, tanto quanto possivel, completa, limitamo-nos, por via de regra, a apontar na lista que se segue, as obras que sobre o assunto possuimos, e só por excepção apontaremos algumas outras, que por serem importantes, não podem deixar de ser mencionadas. Os titulos das que não possuimos, serão precedidos de uma estrelinha: *.

Obras de carácter geral:

N.º 1 — *Historia Genealogica da Casa Real Portugueza* — por D. Antonio Caetano de Sousa. O tomo IV, impresso em Lisboa — 1738 —, é consagrado à Sigilografia e à Numismática, e contém uma lista anotada de vinte medalhas, cujas estampas veem publicadas em apenso ao volume.

N.º 2 — *Memoria das Medalhas e Condecorações Portuguezas e das Estrangeiras com relação a Portugal* — por Manuel Bernardo Lopes Fernandes. Esta obra foi publicada nas *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa, Classe de Sciencias Moraes, Politicas e Bellas Lettras*, nova serie, tomo III, parte 2.ª, Lisboa, 1865. Dela se fez, porêm, uma tiragem à parte, muito limitada (cremos que de 50 exemplares apenas), que está datada de 1861. Tem 144 páginas contendo as 20 ultimas um *Aditamento*. Em apenso, tem um *album* com 51 *estampas*, em que se acham reproduzidas, por meio da litografia, 148 medalhas cujas descrições são feitas no texto.

Monografias publicadas isoladamente ou em opusculos e revistas:

N.º 3 — * *Almanach de Lembranças Madeirense para 1901*. (Estudo sobre as senhas denominadas da *Madeira)*. Não possuimos nem conhecemos ainda este livro cuja existencia nos foi comunicada pelo Sr. Conselheiro Manuel Francisco Vargas.

N.º 4 — *Centenario de uma medalha da Guerra Peninsular — Medalha-insignia usada pelos estudantes da Universidade de Coimbra que se alistaram no Batalhão Academico do tempo dos Franceses* — por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XIII, 1908, p. 138, sgs. Uma estampa com seis figuras. Tiragem à parte de 300 exemplares.

N.º 5 — *Contos para Contar* ([1]), por Julius Meili e uma introdução por José Leite de Vasconcelos — *O Archeologo Português*, V, p. 52, sgs.; *outro trabalho* sobre o mesmo assunto, firmado pelo Sr. Arsenio Alvares da Silva, na mesma revista e no mesmo volume, p. 168-169; *outros artigos* sobre o mesmo assunto, firmados por Manuel Joaquim de Campos, na mesma revista, VII, p. 289 sgs., e X, p. 358 sgs.; *outro artigo* sobre o mesmo assunto, por Cesar Famin, na mesma revista, vol. XIX, p. 41.

N.º 6 — *Medalha commemorativa do centenario da reforma da Universidade*, por S. M. (Simões *de Castro*, Dr. Augusto Mendes). Estampa e historia, no *Panorama Photographico de Portugal*, publicado sob a direcção de Augusto Mendes Simões de Castro, 1871 a 1874, 4 volumes; vol. III, p. 23-24. Vid. a p. 96 do mesmo volume um *aditamento* à historia da medalha.

N.º 7 — *Medalha Portuense de 1821*... por Alberto Bessa. *O Tripeiro* — 2.º anno, n.º 67, 1 de Maio de 1910, p. 485. (Medalha de deputado da Nação Portuguesa em Côrtes).

N.º 8 — *Medalha da Sociedade Economica de Ponte de Lima* (século XVIII), pelo Dr. José Leite de Vasconcelos. (Gravuras). *O Archeologo Português*, XVIII, 1913, pgs. 102 a 106, e p. 208, (apendice).

N.º 9 — *Medalha commemorativa do Congresso de Numismatica* (1900), distribuida ao Dr. José Leite de Vasconcelos — por Manuel Joaquim de Campos. *O Archeologo Português* IX, p. 41, (estampa).

N.º 10 — *Medalha commemorativa da primeira exposição internacional do Palacio de Cristal do Porto. (Dissertação para a cadeira de Numismática)*. Por Eugenio Candido Xavier. — Cinco páginas. — *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, 1909. Tambem se publicou em separata.

([1]) Incluimos este assunto na bibliografia da Medalhistica por que dele tencionamos tratar, em apendice, no nosso trabalho.

N.º 11 — *Medalha (Uma) Portuguesa inedita — Da collecção organizada por José Lamas*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, x, 1905, p. 1 a 6. Duas estampas com as duas faces da medalha. Tiragem à parte de 50 exemplares apenas.

N.º 12 — *Medalhas de Salvação Portuguesas, existentes na collecção organizada por José Lamas — Apontamentos historicos*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, x, 1905, p. 72 sgs. Tres estampas com oito figuras. Tiragem à parte de 100 exemplares.

N.º 13 — *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catharina de Bragança, Rainha de Inglaterra — Collecção organizada por José Lamas*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, x, 1905, p. 301 sgs. Duas estampas com sete figuras. Tiragem à parte de 100 exemplares.

N.º 14 — *Medalhas de D. Miguel — Collecção organizada por José Lamas*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, xi, 1906, p. 2, sgs. Quatro estampas com 16 figuras. Tiragem à parte de 200 exemplares.

N.º 15 — *Medalha (A) Miguelina da Academia Real das Sciencias de Lisboa — Divagações Numismaticas*, por Xaxier da Cunha. *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, 5.º ano, 1906, p. 129, sgs. Este interessantissimo estudo, é como que um complemento ao nosso trabalho intitulado: *Medalhas de D. Miguel.* Tambem se publicou em separata.

N.º 16 — *Medalhas de D. Miguel*, por J. M. do Carmo Nazareth. Artigo publicado em *O Oriente Portuguez — Revista da Commissão Archeologica da India Portugueza* — vol. iv — 1907 — Numero de Abril — Nova Goa — Imprensa Nacional — 1907 — pag. 129 a 134.

Este artigo é como que um aditamento a um outro que por nós foi publicado no *Archeologo Português* de 1906, com o mesmo titulo, e dá noticia historica e documental de uma medalha da *Rial Efigie* de D. Miguel destinada aos habitantes de Damão.

N.º 17 — *Medalhas da Guerra da successão de Hespanha referentes a Portugal — Collecção organizada por José Lamas,* por Arthur Lamas. *O Archeologo Português,* xi, 1906, p. 167, sgs. Uma estampa com quatro figuras. Tiragem à parte de 100 exemplares.

N.º 18 — *Medalha commemorativa da instituição da Academia Real da Historia Portuguesa*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, xii, 1907, p. 52 sgs. Quatro estampas com oito figuras. Tiragem à parte de 200 exemplares.

N.º 19 — *Medalha de D. Carlos I, commemorativa da acclamação, para galardoar serviçaes*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XII, p. 159 sgs. Duas estampas, reproduzindo-se numa, a medalha, e na outra, um documento. Tiragem à parte de 200 exemplares.

N.º 20 — *Medalha commemorativa do casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e do da Infanta portuguesa D. Marianna Victoria com D. Gabriel de Hespanha.— Collecção organizada por José Lamas*. Por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XII, 1907, p. 289 sgs. Duas estampas e um *fac-simile* de um folheto. Tiragem à parte de 700 exemplares ([1]). A separata publicou-se com o titulo de: *Medalha commemorativa do casamento de D. João VI.*

N.º 21 — *Medalha (Uma) de Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena, Grão-Mestre português da Ordem de S. João de Jerusalem, inedita no livro de Furse. Da collecção organizada por José Lamas*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XIII, 1908, p. 1, sgs. Uma estampa. Tiragem à parte de 200 exemplares.

N.º 22 — *Medalhas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XIV, 1909, p. 324, sgs. Cinco estampas. Tiragem à parte de 400 exemplares.

N.º 23 — *Medalha do Cardeal D. Jorge da Costa. Da collecção organizada por Vasset*. Por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XV, 1910, p. 25 sgs. Uma estampa. Tiragem à parte de 300 exemplares.

N.º 24 — *Medalha dedicada pelo Comércio do Sal, ao Ministro da Fazenda, A. M. de Fontes Pereira de Melo. (Da colecção iniciada por José Lamas)*. Por Arthur Lamas. Uma estampa. *O Archeologo Português*, XVII, 1912, p. 251, sgs. Não se fez tiragem à parte.

N.º 25 — *Medalha comemorativa do Monumento do Buçaco, dedicada ao exército Luso-Britanico. (Da colecção iniciada por José Lamas)*. Por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XVIII, 1913, p. 3. sgs. Não se fez tiragem à parte.

N.º 26 — *Medalhas Camonianas. Da colecção iniciada por José Lamas*. Por Arthur Lamas. Onze estampas com 35 gravuras. *O Archeologo Português*, XIX, 1914, p. 93 sgs. Não se fez tiragem à parte.

([1]) Quinhentos foram por nós vendidos, com prejuizo, é claro, ao conhecido livreiro da Rua Augusta, o Sr. Antonio Maria Pereira.

N.º 27 — *Medalha dedicada pela cidade do Pôrto ao Principe Regente, em 1799.* (*Da colecção iniciada por José Lamas*). Por Arthur Lamas. Uma estampa. *O Archeologo Português*, XIX, 1914, p. 251, sgs. Não se fez tiragem à parte.

N.º 28 — *Medalhas Commemorativas da Fundação da Egreja do Santissimo Coração de Jesus — 1779* — (*Da collecção iniciada por José Lamas*). Por Arthur Lamas. Monografia publicada em *O Rosario* (Revista mensal illustrada), Anno VII, n.º 84 — Setembro — 1914 — pgs. 432 a 439. Não se publicou em separata.

N.º 29 — *Medalha (A) Escolar do Collegio do Corpo-Santo. Noticia Numismatica*, por Xavier da Cunha. Coimbra, 1907. — Separata do *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes.*

N.º 30 — *Medalha (A) de Casimiro José de Lima em homenagem a Sousa Martins* — por Xavier da Cunha. *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, 2.º anno, 1903, p. 112. Publicou-se tambem em separata.

N.º 31 — *Moedas e Medalhas do reinado (de) D. Carlos I. Junqueira (Lisboa), Fevereiro de 1908.* — Por Arthur Lamas. Noticia publicada na revista italiana: *Rassegna Numismatica* — Anno V, n.º 1, pgs. 23 a 31. Por falta de cuidado nas emendas por nós indicadas nas provas, este artigo saiu com bastantes gralhas. Não se fez separata.

N.º 32 — *Desacato (O) na Igreja de Santa Engracia e as insignias dos «Escravos do Santissimo Sacramento»*, por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, X, 1905, p. 224 sgs. Uma estampa com duas figuras. Fez-se uma tiragem à parte de 100 exemplares.

N.º 33 — *Sete medalhas da Guerra Peninsular (existentes no Gabinete Numismatico da Biblioteca Nacional de Lisboa*, por José Leite de Vasconcellos. *O Archeologo Português*, XVI, 1911, 139 sgs. Duas estampas com sete figuras. Fez-se tiragem à parte. Este trabalho contem as descrições, acompanhadas de notas historicas, das medalhas, e um apendice, dividido em seis capitulos assim intitulados: I *Os Franceses numa lenda popular portuguesa. Lendas congeneres.* II *Classificação medalhistica. (Com relação principalmente a Portugal).* III *Caracter historico das medalhas antigas e de algumas modernas.* IV *As palavras «Ròliça», «Vimeiro», e «Buçaco».* V *Da Medalhistica em Portugal.* VI *Ampliações bibliographicas.*

N.º 34 — **Summario de varia historia*... por Ribeiro Guimarães. Vol. III, p. 183 sgs.: *Dois italianos benemeritos.* (Comunicação do falecido bibliófilo, Anibal Fernandes Tomás). Noticia historica de duas medalhas de ouro oferecidas por D. João VI a dois italianos que restituiram ao Governo Português a Igreja e Hospital de Santo Antonio, em Roma, que eles haviam comprado ao Governo intruso de Napoleão. Possuimos um exemplar de cobre da medalha.

Descrições e estampas avulsas, autos, folhetos e prospectos que se distribuiram com as medalhas, ou que serviram para anunciarem a venda delas, relatórios de despesas feitas com medalhas, diplomas de concessão (1), etc.:

N.º 35 — *A Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos — Homenagem dos Empregados da Casa Commercial Anjos & C.ª* MCMVII. Folheto-Album de luxo, com uma bela fotografia da medalha dedicada a Teixeira Lopes pelos referidos empregados.

N.º 36 — *Apontamentos para a Historia da Medalhistica Portuguesa. O fisico francês Bouch.* Por Henrique de Campos Ferreira Lima. *O Archeologo Português*, XIX, 1914, p. 371. Neste interessante trabalho, do qual se fez uma tiragem à parte de 25 exemplares, veem reproduzidos, o retrato de Bouch e um prospecto curiosissimo que este fez distribuir pelo publico, em 1795, com o fim de lhe anunciar que se encarregava de fabricar e vender por subscrição, dois grandes quadros, contendo um deles reproduções de 29 medalhas portuguesas, cuja lista vinha indicada no *prospecto*, e o outro reproduções de medalhas inglesas.

N.º 37 — «*Auto*» da cunhagem da medalha comemorativa do tricentenario de Camões, mandada cunhar pela Grande Comissão Portuense dos festejos. Impresso avulso (0,m333×0,m220).

N.º 38 — *Centenario da India — Medalha official da Commissão executiva do Centenario — Preços...* Impresso avulso (0,m114×0,m09).

N.º 39 — *Diploma* de concessão da medalha de D. Carlos 1.º, para galardoar serviçais.

---

(1) Dentre os diplomas de concessão omitimos, por não terem grande importancia, os que se referem às medalhas conferidas em premio pelos júris de exposições.

N.º 40 — *Diploma* de concessão da medalha dos direitos da Realeza (ou da Fidelidade ao Rei e à Patria). Fotografia de um exemplar que pertence ao Sr. Vitorino Ribeiro, do Porto.

N.º 41 — *Lamina que representa La Medalla acuñada con motivo de los Augustos Desposorios de los serenísimos señores infantes de España etc.* Dispensamo-nos de fazer a descrição minuciosa deste rarissimo folheto porque ele vai descrito e reproduzido neste mesmo trabalho, respectivamente a pag. 82 e a seguir à pag. 94.

Temos, porêm, a acrescentar que depois de impresso o texto, conseguimos obter um exemplar em perfeitissimo estado de conservação, pela quantia de 4$500 réis. A parte escrita em hespanhol foi reproduzida, como documento, n.º XXIII, no fim de um livro, que tambem possuimos, e adiante vai citado, intitulado: *Memorias Historicas de los desposorios, viages, entregas y respectivas funciones de las Reales Bodas etc.* (Vid. adiante, p. 94), por D. Bernardino Herrera. Madrid, 1787.

N.º 42 — *Medalha (A) a João de Deus — Relatorio e contas,* por Joaquim de Araujo. — Porto, Imprensa Portugueza — 1893. Folheto de 15 páginas.

N.º 43 — *Marquez de Pombal—Medalha Commemorativa do Primeiro Centenario do Marquez de Pombal.* Impresso avulso (0,m21 × 0,m136), com a descrição da medalha.

N.º 44 — *Medalha commemorativa do 4.º Centenario da Descoberta do Brazil, offerecida e dedicada ao Povo Luso-Brazileiro,* por Julius Meili. Impresso avulso (0,m171 × 0,m158), para acompanhar a medalha e que tem a descrição desta.

N.º 45 — *Medalha commemorativa do quinquagesimo anniversario da fundação do Collegio de Campolide.* Impresso avulso, para acompanhar a medalha e que contêm a descrição desta. (0,m252 × 0,m195).

N.º 46 — *Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou cunhar por occazião da mercê que S. M. lhe fez, dotandoa liberalmente, e honrandoa com o seu Augusto Nome e immediata protecção.* Impresso avulso, com a estampa da medalha, o qual foi encorporado nas seguintes obras: *a*) *Almanach para o Anno de* M.DCC.LXXXVI. Lisboa — Na off. da Academia Real das Sciencias; *b*) *Collecção Systematica das Leis e Estatutos por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisboa, desde o seu estabelecimento até ao tempo presente. Lisboa, 1822,* por Francisco Manoel Trigoso d'Aragão Morato (assinado no fim da introdução).

N.º 47 — *Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou cunhar para perpetuar a memoria da sublime honorificencia, que El-Rei Nosso Senhor lhe fizera Dignando-se continuar a sua Presidencia, que tinha assumido sendo ainda Infante, não obstante a Sua Exaltação ao Throno.* Impresso avulso, com a estampa da medalha.

N.º 48 — *Oração dirigida Ao Muito Alto E Muito Poderoso Senhor D. João Principe Regente de Portugal, Pelo Desembargador Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, Offerecendo-lhe A Medalha, Que a Cidade do Porto mandou Cunhar Para Memoria Do Dia, Em Que o Mesmo Senhor Se Dignou De Começar A Reger Estes Reinos No Seu Real Nome. Lisboa, Na Offic. Da Casa Litteraria Do Arco do Cego. Anno* M.DCCC. Folheto de 14 páginas, precedido de uma bela gravura da medalha e que com esta se distribuiu.

N.º 49 — *Prospecto-anuncio* para uma medalha do centenário do Marquês de Pombal feita por Cassiano Maia. (Esboço da medalha).

N.º 50 — * *Prospecto de Bouch.* Vid. supra n.º 36: *Apontamentos para a Historia da Medalhistica Portuguesa.*

N.º 51 — *Relação Geral dos Condecorados com a Medalha de D. Pedro e D. Maria, — Precedida do decreto da sua creação — do que nomeia a commissão classificadora — das instrucções respectivas — e dos modelos da medalha. Porto — Imprensa Popular de J. L. de Sousa — Bomjardim 69.* Folheto de 68 páginas. No nosso exemplar falta o *modelo da medalha.*

N.º 52 — *Relatorio e Contas da Commissão que tomou a seu cargo a homenagem ao prof. Miguel Bombarda pela organisação do XV Congresso Internacional de Medicina* — Lisboa Officina Typographica — 7, Calçada do Cabra, 7 — 1907. Folheto de 16 páginas.

Catálogos para estudo, só de medalhas:

N.º 53 — *Catalogo das medalhas e senhas portuguesas do Museu Ethnologico,* por Arthur Lamas. *O Archeologo Português,* XIV, 1909, p. 84 sgs. Tres estampas com nove figuras. Tiragem á parte de 100 (?) exemplares mandada fazer pelo próprio Museu, onde está á venda.

N.º 54 — *Collecção — Numismatica — Medalhas e Condecorações Portuguezas e Estrangeiras referentes a Portugal,* por Alexandre José dos

Santos Leitão. Porto — Typographia Central — 1897. — Neste livro, que tem 143 páginas, descrevem-se, muito resumidamente, 481 medalhas do autor.

N.º 55 — *Lista das medalhas portuguesas, ou relacionadas com Portugal, existentes no Gabinete Numismatico da Bibliotéca Nacional de Lisboa, e que serviram de objecto às lições de 1906 a 1910.* Pelo Dr. José Leite de Vasconcellos. *O Archeologo Português*, XVII, 1912, p. 63. Uma estampa. Esta mesma lista foi publicada no ultimo fasciculo do *Elencho das Lições de Numismatica dadas na Bibliotheca Nacional de Lisboa, por J. Leite de Vasconcellos.*

N.º 56 — *Medalhas e Condecorações Portuguezas e algumas estrangeiras referentes a Portugal que possue o Museu Municipal do Porto, por Manuel Joaquim Pereira, guarda do mesmo.* Porto — 1898. Livro com 108 páginas, que contém a descrição de 321 medalhas e um *indice.*

N.º 57 — *Portugal no «Cabinet des Médailles de Paris» — Catalogo das medalhas.* Por Arthur Lamas. *O Archeologo Português*, XIII, 1908, p. 315 sgs. Cinco estampas com quinze figuras. Neste trabalho fazem-se alusões a moedas; mas é propriamente um catálogo só de medalhas. Tiragem à parte de 300 exemplares.

Catálogos para estudo, de moedas e medalhas:

N.º 58 — *Catalogo da Collecção de Moedas e Medalhas Portuguezas e outras pertencente a Eduardo Luiz Ferreira Carmo*, por P. A. D. (Pedro Augusto Dias). Porto — 1877. Tem 232 páginas. Descrição de 153 medalhas (desde p. 159 a 194).

N.º 59 — *Catalogo das Moedas e Medalhas Portuguezas e Estrangeiras existentes na Collecção da Sociedade Martins Sarmento — Organisado por J. de Freitas Costa e Abbade de Tagilde* — Porto, 1900. Publicado na *Revista de Guimarães*. Tambem se publicou em separata, num folheto de 100 pgs.

N.º 60 — *Catalogo das Moedas e Medalhas que pertenceram ao fallecido colleccionador Abilio Augusto Martins — Coimbra — Imprensa Academica — 1889.* Folheto de 16 páginas. As medalhas, cujo numero é de 32, acham-se apenas sucintamente indicadas nas duas ultimas páginas.

N.º 61 — *Catalogo das Moedas e Medalhas do Museu do Carmo* (da Rial Associação dos Arqueologos Portugueses), por Arthur Lamas. Publicado em 1907-1908 no *Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes*, Quarta Série —: tomo X, p. 511-535, 632-647, 712-724, e tomo XI, p. 47-71. Fez-se uma tiragem à parte para ser vendida por conta do Museu do Carmo.

N.º 62 — *Description des Monnaies, Médailles et autres Objets d'Art concernant L'Histoire Portugaise du Travail par A. C. Teixeira de Aragão*. Paris, 1867. (Catalogo da colecção numismática de El-Rei o Senhor D. Luis, que figurou na Exposição Universal de Paris de 1867). Separata.

Este trabalho, vulgarmente designado por *Histoire du Travail*, publicou-se primitivamente no *Catalogue spécial de la section portugaise*. (Exposition Universelle de 1867 à Paris).

Catálogos de caracter comercial, sendo alguns deles feitos no estrangeiro:

N.º 63 — *Casa Liquidadora — Antigo Bazar Catholico — de Maria Guilhermina de Jesus — 93, 95 Avenida da Liberdade, 97, 99 — Collecção de Moedas Portuguezas que hão de ser vendidas no leilão que terá logar no dia 14 de outubro de 1900 e dias seguintes*. A pag. 13 e 14 tem uma lista de 33 medalhas.

N.º 64 — *Casa Liquidadora etc. Catalogo de uma importante collecção de moedas portuguezas... e de medalhas portuguezas e estrangeiras para serem vendidas em leilões que se realisarão nos dias 26, 27, 28 e 30 de Maio de 1901.*

N.º 65 — *Casa Liquidadora etc. Catalogo de uma importante collecção de moedas portuguezas, etc. e de medalhas, jetons, pesos e senhas portuguezas para serem vendidas em leilões que hão de começar no dia 5 de Janeiro de 1902 ás 11 horas da manhã, etc.*

N.º 66 — *Casa Liquidadora etc. Catalogo de uma importante collecção de moedas portuguezas etc. e de medalhas, jetons, pesos e senhas portuguezas para serem vendidas em leilões que hão de começar no dia 18 de Janeiro de 1903, etc.*

N.º 67 — *Casa Liquidadora, etc. Catalogo de uma importante collecção de moedas portuguezas, etc. e de medalhas, contos para contar, pesos e*

senhas portuguezas para serem vendidas em leilões que hão de começar no dia 17 de abril de 1904 etc.

N.º 68 — *Casa Liquidadora etc. — 7.º leilão de moedas e medalhas — Catalogo de uma collecção de moedas etc. e medalhas portuguezas e estrangeiras — illustrado com 4 estampas. A collecção será vendida em leilões que se realisarão Domingo 28 de Janeiro de 1906 ao meio dia e dias seguintes ás 7 horas da noite.*

N.º 69 — *Catalogo dos productos expostos (na Exposição industrial de 1888), pela Empreza Industrial Portugueza.* A p. 18 anuncia os seguintes medalhões para venda: Camões, Castilho, Pombal, Herculano, Vítor Hugo, Pio IX e Camões com o Jau.

N.º 70 — *Catalogo Descriptivo das Moedas e Medalhas Portuguezas que formam parte da collecção do Visconde de Sanches de Baena. Lisboa — 1869.* Folheto de 62 páginas numeradas e mais uma, inumerada, com *abreviaturas*. Este catalogo foi coordenado pelo Dr. Teixeira de Aragão [1], e distribuiu-se para servir de guia da venda em leilão das espécies nele referidas.

N.º 71 — *Catalogo de uma Collecção de Moedas e Medalhas raras e de moveis, louças, sedas, pinturas, gravuras, etc. que se deve vender em leilão em Lisboa no Bazar Catholico — Estabelecimento de commissões e agencia de leilões de Leiria & C.ª na Rua da Escola Polytechnica, 12, 14, 16 e 18 — Primeira Parte — Moedas e Medalhas — No dia 30 de Dezembro de 1891 e dias seguintes até se concluir o leilão.*

N.º 72 — *Catalogo illustrado — 8.º leilão de moedas e medalhas — direcção de Maria Guilhermina de Jesus — Casa Liquidadora.* — (Leilão de 3 de Junho, e dias seguintes, de 1910).

N.º 73 — *Collection Cyro Augusto de Carvalho — Monnaies et Médailles Portugaises — Septembre 1905 — Vente à Amsterdam — Expert J. Schulman — Catalogue Illustré avec 8 planches.*

N.º 74 — *Collection de feu le Dr. Jules Meili à Zurich — Seconde Partie — Médailles et Jetons portugaises ou ayant rapport au Portugal. Série fort remarquable se rapportant à la Guerre de 80 ans et à la Guerre*

---

(1) Vid. *Descrição Geral das Moedas*, I, p. 96.

Péninsulaire. Vente, Lundi le 10 Octobre 1910 et jours suivants sous la direction et au bureau de l'expert J. Schulman, Keizersgracht 448 — Amsterdam.

N.º 75 — *Collection Joaquim José Judice dos Santos... vente à Amsterdam, sous la direction de l'expert J. Schulman, Lundi 26 Mars 1906, etc.*

Esta obra é um catalogo enorme, dividido em tres partes e ilustrado, no qual se encontram mencionadas umas tantas (muito poucas), medalhas referentes a Portugal e outras estrangeiras. Supomos, porêm, que muitas delas não pertenceram a Judice dos Santos e que foram incluidas no catalogo para serem mais facilmente vendidas.

N.º 76 — *Consulado Geral de Portugal no Rio de Janeiro — Espolio de Joaquim Gomes de Souza Braga — Catalogo da Collecção Numismatica pertencente ao mesmo espolio organisado por Augusto de Souza Lobo por ordem do mesmo consulado. Rio de Janeiro — 1906.* Contêm a descrição muito sucinta de dez medalhas portuguesas, apenas (p. 238-239).

N.º 77 — *Portugal et Brésil — Monnaies, Médailles, Decorations, Livres Numismatiques en vente aux prix marqués chez J. Schulman.* N.º LVI — avril — 1912.

Notícias, estampas, e anuncios referentes a medalhas dispersos por várias publicações:

N.º 78 — *A collecção de desenhos e pinturas da Bibliothéca d'Evora em 1884*, por Gabriel Pereira. Lisboa, 1903. (Catálogo com 24 páginas, em que veem indicados vários desenhos-projectos para medalhas, de Vieira Lusitano).

N.º 79 — * *Annaes do Municipio de Lisboa*, 1859, n.ºs 31 e 42. Medalha da febre amarela. Vid. sobre esta medalha o jornal: *A Federação*, vol. VII, 1862, n.ºs de 26 de Abril (as medalhas e as associações), de 16 de Agosto, e de 18 de Setembro.

N.º 80 — *Annaes da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes — 1863-1879, Lisboa 1879.* Pag. VI, medalhas obtidas pela associação; p. VII, medalha de honra; e p. XV, medalha-insignia. Vid. tambem o *Boletim* da Associação, 2.ª serie, 1876, n.º 10, e o tomo X, da 4.ª serie, n.º 9, p. 501; *estatutos* da associação, edição de 1879 (estampa do anverso da medalha para os socios laureados, na capa); *estatutos* de

1909, art. 5.º; *Diario de Noticias*, de 5 de Abril de 1906; *Memoria historica da Fundação, Progresso e Trabalhos da Real Associação* etc. *desde a sua instituição até o anno de* 1889... p. 21 e 22 (medalha comemorativa do 25.º aniversário). Vid. adiante: *Étude sur quelques monuments*, etc.

N.º 81 — *Annuario da Universidade de Coimbra. 1872-1873.* — Contêm uma estampa da medalha comemorativa do Centenário da reforma da Universidade, mandada cunhar pelo corpo docente desta escola.

N.º 82 — *Annuario da Universidade de Coimbra — Anno Lectivo de 1882 a 1883.* — E' precedido de uma estampa da medalha comemorativa do Centenário do Marquês de Pombal mandada cunhar pela Universidade de Coimbra.

N.º 83 — *Anuncio* para venda da medalha de Bombarda. Suplemento ao n.º 31 de *A Medicina Contemporanea*, anno XXVI, 1908. (Estampa).

N.º 84 — *Archivo Historico Portuguez* — vol. I, p. 20 sgs. artigo intitulado: *A Porcelana em Portugal*, pelo Sr. D. José Pessanha. Medalhas feitas com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa. (Estampas).

N.º 85 — * *Archivo Pittoresco:* **vol.** II, p. 42 (referencia ás medalhas da estátua equestre), p. 44 sgs. (referências às medalhas do combate naval com os turcos no reinado de D. João V); **vol.** III, p. 168 (gravura da medalha dedicada por D. Pedro II a S. Francisco Xavier); **vol.** IV, p. 305 (medalhas populares que se penduraram no ataúde de D. Pedro V — febre amarela e Sociedade Humanitaria do Porto), p. 360 (medalha de ouro para premiar a obra do Barão de Forrester, — *Prize essay on Portugal*); **vol.** VI, p. 8, (medalha da exposição do Porto, de 1861), p. 88, (medalhas: de D. João IV — aos restauradores —; de D. Pedro e D. Maria, algarismo 4 —; e apontamentos biograficos de Molarinho); **vol.** VII, p. 272 (medalhas da exposição agricola de Braga); **vol.** VIII, p. 158 (historia de uma medalha portuguesa, por Alberto Telles: historia de uma heroina de Angra, condecorada com a medalha da Sociedade humanitaria do Porto); **vol.** X, p. 224 (medalha do monumento de Camões em Lisboa), p. 168 (medalha da exposição universal de Paris de 1867); **vol.** XI, p. 203, 2.ª coluna, in fine, (referencia ás insignias dos reis de armas). Sobre estas ultimas vid. um mapa feito por Luis Gonzaga Pereira existente no Museu de Artilheria onde elas veem estampadas assim como várias outras medalhas.

N.º 86 — *A Restauração de Portugal, opusculo historico publicado sob os auspicios da Commissão central primeiro de Dezembro de 1640 e dirigido por L. A. Palmeirim.* Lisboa, 1885. In-folio de 36 páginas. (A pag. 33 tráz a estampa da insignia da comissão central).

N.º 87 — * *Artes e Letras (revista)*, vol. I, p. 80. (Medalha da Sociedade promotora das Belas-Artes). Comunicação do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

N.º 88 — *Casa Professa e Igreja do Bom Jesus onde se venera o corpo do Glorioso Apostolo das Indias S. Francisco Xavier — Memoria Historico-Descriptiva illustrada com estampas.* — Nova Goa — Imprensa Nacional — 1890, por Viriato A. C. B. de Albuquerque. Entre as pgs. 36 e 37 tem intercalada uma folha em que estão reproduzidas as duas faces do medalhão oferecido por D. Pedro II para o tumulo de S. Francisco Xavier.

N.º 89 — *Catalogo dos objectos particulares collocados na Exposição Philantropica, 1851.* (Mencionam-se neste catalogo muito poucas medalhas. Cremos que existem outros catalogos).

N.º 90 — *Ceramica Portugueza*, por José Queiroz. Pag. 178 sgs.: (Medalhas feitas com a porcelana descoberta por Bartolomeu da Costa).

N.º 91 — * *Collecção Camoneana de José do Canto — Tentativa de um catalogo methodico e remissivo.* — Lisboa, 1895. Pag. 317 a 319 — Lista de Medalhas Camonianas.

N.º 92 — *Colecção de medalhas de Connel* (anuncios da sua venda em leilão). Vid. *O Archeologo Português*, XVI, 1911, p. 205 (Extractos do *Diario do Governo*, de 10, e de 23 de Fevereiro de 1836). Posto que nos anuncios se fale só de *medalhas antiquissimas*, e portanto romanas, gregas, etc., é provavel que na colecção, que estava avaliada em 5:000$000 rs. existissem tambem algumas medalhas modernas portuguesas.

N.º 93 — *Collecção Systematica das Ordens do Exercito desde 1809 até 1858...* coordenada por Vital Prudencio Alves Pereira. Quatro volumes. No volume II, p. 15 sgs. trata das *Condecorações* e veem reproduzidas em estampa algumas delas.

N.º 94 — *Condecorações britânicas da Guerra Peninsular — A medalha de Vitória* (a proposito da concessão desta ao General Silveira). Ca-

pitulos x e xi do livro: *Comemoração da Batalha de Vitória...* Lisboa, 1914, pelo Sr. General João Carlos Rodrigues da Costa.

N.º 95 — *Descripção Geral e Historica das Moedas cunhadas em nome dos Reis, Regentes e Governadores de Portugal*, por A. C. Teixeira de Aragão. Tres volumes: 1874, 1877, e 1880. Contêm importantes noticias, e estampas de medalhas.

N.º 96 — *Diccionario Bibliographico Portuguez...* de Brito Aranha. Vol. xv (várias referencias a medalhas camonianas); vol. xix *(Medalhas cunhadas para o centenario pombalino em Lisboa e Coimbra)*, a seguir à pag. 184 J.

N.º 97 — * *Documentos para a historia das Cortes Geraes da Nação Portugueza*, tomo vi, p. 684 a 687, (Referencias à medalha da Imperial e Rial Efigie). Comunicação do Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas.

N.º 98 — *Elogios dos Reis de Portugal, em latim, e em portuguez...* por Antonio Pereira de Figueiredo. A p. 223 refere-se a uma pseudo-medalha de D. Pedro II, que o autor diz, erradamente, ter sido cunhada para comemorar o projectado casamento de D. Isabel com o Duque de Saboia.

N.º 99 — *Elogio funebre, e historico... de D. João V,...* por Francisco Xavier da Sylva. Lisboa, 1750, pags. 229 a 231: lista das medalhas cunhadas no tempo de D. João V.

N.º 100 — *Elogio Historico de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança...*, pelo Marquês de Rezende. Primeira edição, de 1837. A pag. 10, e nota 21, alude-se à medalha dedicada pela cidade do Porto ao Principe Regente, em 1799, a qual está, porêm, erradamente descrita. Vid. a edição da mesma obra, publicada em 1867, com o titulo de: *Elogio Historico do Senhor Rei D. Pedro IV*, p. 5, e nota 17 (a p. 51), onde a medalha vem correctamente descrita.

N.º 101 — *Excerptos Historicos e collecção de documentos relativos á Guerra da Peninsula*, por Claudio de Chaby. Volume v, pgs. 1177 in fine, a 1189: medalhas da Guerra Peninsular. Vid. tambem no volume iv, entre pgs. 840 e 841, a estampa colorida da medalha inglesa da mesma Guerra.

N.º 102 — *Fastos da Real Associação Central de Agricultura Portugueza*, Lisboa, 1882. (Estampa colorida da medalha de serviços à associação e gravura da medalha destinada para prémios).

N.º 103 — *Festas jubilares da definição dogmatica da Immaculada Conceição no Sameiro — Braga* — 1854-1904. Folheto ilustrado, de 63 páginas. (Na capa, que é colorida, vem estampada a medalha comemorativa do quinquagésimo aniversário da definição do Dogma da Imaculada e da peregrinação ao Sámeiro).

N.º 104 — *Gabinete Historico*, por Fr. Claudio da Conceição: **vol.** VIII, p. 106 (medalhas do convento de Mafra); **vol.** XIV, 2.ª edição, p. 42 (medalhas do atentado contra a vida de El Rei D. José); **vol.** XVI, 2.ª edição, p. 326 (referência à medalha comemorativa da reconciliação com a Santa Sé).

N.º 105 — * *Gazeta Medica de Lisboa*, *Setimo anno*, 1859 — *tomo primeiro*, 2.ª série, p. 223 e 288. Medalha da febre amarela, conferida pela Camara Municipal de Lisboa.

N.º 106 — * *Historia de Portugal Restaurado, etc.*, por D. Luis de Menezes — Conde da Ericeira. Lisboa, 1679 — tomo I, livro V, pag. 310 in fine. (Referência às medalhas dadas por D. João IV aos oficiais da esquadra de Ruyter).

N.º 107 — *Historia do Culto de Nossa Senhora em Portugal*, por Alberto Pimentel. (Pag. 247, descrição e estampa da moeda comemorativa denominada: *Conceição)*.

N.º 108 — *Historia dos Estabelecimentos Scientificos Litterarios e Artisticos de Portugal*, por José Silvestre Ribeiro, 18 volumes contendo o ultimo os indices. Esta obra contem muitas referencias e descrições de medalhas, as quais podem ser facilmente encontradas visto que os indices estão explendidamente organizados.

N.º 109 — * *Historia Geral dos Jesuitas*, por Lino de Assunção, p. 577 (estampa da medalha comemorativa da extinção da Companhia de Jesus).

N.º 110 — *Historia Portugueza* = *D. Miguel em Portugal* = *Historia Contemporanea* = *Motivo da sua exaltação causa da sua decadencia.* Pag. 167, referências curiosas à medalha da *Poeira*.

N.º 111 — * *Jornal da Sociedade dos Amigos das Letras. Anno de* 1836, n.º 2, p. 55. Referência a uma medalha concedida por D. João VI aos habitantes de Cabo Verde que ofereceram cavalos para o exercito, por ocasião da Guerra Peninsular. (Comunicação do falecido bibliofilo, Anibal Fernandes Tomás).

N.º 112 — *Mappa de Portugal antigo, e moderno*, pelo Padre João Bautista de Castro — tomo primeiro, p. 181 (descrição da moeda comemorativa denominada: *Conceição).*

N.º 113 — *Medalha comemorativa do Congresso de Medicina.* Estampa e anuncio na capa (p. III), d'*A Medicina Contemporanea*, anno XXV, 1907, n.º 18.

N.º 114 — *Medalha comemorativa da visita da Familia Rial ao Porto, em 1852*, (estampa). *O Tripeiro*, 3.º ano, n.º 107, de 1 de Julho de 1913, p. 553.

N.º 115 — *Medalha comemorativa do 4.º centenario do descobrimento do Brasil (oferecida e dedicada ao povo Luso-Brasileiro*, por Julius Meili). Descrição, estampa e noticia, publicadas pelo Dr. José Leite de Vasconcelos, n'*O Archeologo Português*, V, p. 120. N. B. Na mesma revista, vol. VI, p. 209, vem um aditamento à referida noticia.

N.º 116 — *Medalha cunhada em honra de D. Antonio Manuel de Vilhena*, por Ribeiro de Sousa. Revista intitulada: *A Arte*, que se publicou em Lisboa, em 1879, p. 164-166. (Estampa da medalha e biografia de Vilhena).

N.º 117 — *Medalha do Instituto de Socorros a Naufragos.* Estampa, nos *Serões — Revista mensal illustrada, vol. I, Março — 1901 — n.º 1*, p. 12; Vid. tambem: *Regulamento dos serviços de soccorros a naufragos* aprovado por Decreto de 7 de Maio de 1903; e *Reorganização dos serviços de Soccorros a Naufragos, aprovada por Decreto de 18 de Junho de 1901.* (Ha outros diplomas referentes ao assunto, que não possuimos).

N.º 118 — *Medalha de ouro oferecida pela colonia portuguesa do Rio de Janeiro ao comandante do cruzador «D. Amelia». Os Serões*, n.º 47, p. 428.

N.º 119 — *Medalha de ouro entregue em sessão soléne de 30 de Maio de 1903, pela Sociedade Protectora dos Animais, do Porto, á Sr.ª D. Alice Hulsenbos. O Zoophilo* — (Orgão das sociedades protectoras dos animais de Portugal), ano 27 n.º 6, de 15 de Junho de 1903. Estampa.

N.º 120 — *Medalha dedicada a Teixeira Lopes* (estampa). *Os Serões*, vol. VII, 1908, n.º 41, p. 308.

N.º 121 — *Medalha de Bombarda*, (estampa). *Os Serões*, — vol. VII, 1908, n.º 41, p. 307.

N.º 122 — *Medalha da aclamação de S. M. El-Rei o Senhor D. Manuel II. Serões*, n.º 43, Janeiro de 1909, p. 76 (estampa).

N.º 123 — *Medalha destinada a ser lançada nos alicerces do monumento que se projectou erigir no Porto, consagrado à revolução de 1820: O Tripeiro*, 3.º ano, 1913, n.os 100, 101 e 103 (estampa neste ultimo); * *O Conimbricense*, n.º 5714, de 30 de Agosto de 1902.

N.º 124 — *Medalha de D. Fr. Caetano Brandão*. Descrição no *Boletim das Bibliothecas e Archivos*, 6.º anno, 1907, p. 12.

N.º 125 — *Medalhas do Conde da Ribeira*. Alusão n'*O Archeologo Português*, II, p. 28. Vid. adiante: *Relação da entrada publica*, etc. e retro n.º 17.

N.º 126 — *Medalhas de D. Miguel* (Rial Efigie), de *D. Maria II, D. João VI, e D. Pedro IV*, oferecidas ao Museu Etnológico Português pelo Sr. Dr. Pedro Augusto Dias, do Porto. Noticia descritiva e acompanhada de estampas, assinada por Manuel Joaquim de Campos. *O Archeologo Português*, XI, 1906, p. 294-295.

N.º 127 — *Medalha denominada: Tostão de Santo Antonio. Relatorio e contas do exercicio de 1894-95 do Asilo oficina da Associação protectora da Infancia de Santo Antonio de Lisboa*, p. 18. Vid. tambem: *O Asylo-oficina Santo Antonio de Lisboa*, por J. C. Costa Goodolphim. p. 14.

N.º 128 — *Medalha-insignia da Sociedade dos Arquitectos portugueses. Annuario* da referida Sociedade, ano I, p. 69 e 70 (projectos apresentados), ano II (estampas nas capas, e historia a p. 37); ano III (estampas nas capas e no frontispicio). Estatutos art. 28.

N.º 129 — *Medalha-insignia do Congresso de Medicina de Lisboa: Programme*, folheto de 31 páginas, p. 30; *Os Serões*, n.º de Março de 1906, (estampas ampliadas), p. 216 (anverso), p. 226 (reverso); *Boletim das Bibliotecas e Arquivos Nacionais*, 6.º ano, 1907, p. 138 (descrição).

N.º 130 — *Medalha oferecida ao director da Casa da Moeda em 1904.* Estampa na *Illustração Portugueza* (1.ª série), n.º 22, de 4 de Abril de 1904, p. 352.

N.º 131 — *Medalha offerecida pela «Sociedade de Musica de Camara» á eximia pianista Sr.ª D. Ernestina Freixo. A Arte Musical*, anno VIII, numero 170, de 31 de Janeiro de 1906, p. 20. Estampa. E' uma *medalha industrial* francesa, com a dedicatória gravada.

N.º 132 — *Medalhas offerecidas aos musicos Lœvensohn e Daëne, pela Sociedade de Musica de Camara. A Arte Musical*, anno IX, n.º 198, de 31 de Março de 1907, p. 83. Eram *medalhas industriais* francesas, com as dedicatórias gravadas.

N.º 133 — *Medalha* unica, com forma de placa, oferecida como lembrança a Sua Alteza o Principe Rial, o Senhor D. Luis Filipe, pela Companhia do Caminho de Ferro de Benguela, por ocasião da sua visita a Africa, em 1907. Reproduzida num *Catalogo* que os Srs. *Leitão & Irmão, Joalheiros da Corôa*, organizaram para a *Exposição Nacional do Rio de Janeiro, em 1908.*

N.º 134 — *Minerva Lusitana*, n.º 40, (22 de Setembro de 1808). Descrição da medalha-insignia do Batalhão academico do tempo dos franceses.

N.º 135 — *Noções historicas, economicas, e administrativas sobre a producção, e manufactura das sedas em Portugal*, por José Accursio das Neves. A p. 381, referencia ás *medalhas das sedas*, e a p. 401, nota, referencia ao *segredo de ondear as fitas dos hábitos das Ordens militares.* Comunicação do nosso amigo Henrique de Campos Ferreira Lima.

N.º 136 — *Noticias de Portugal escritas por Manoel Severim de Faria.* No final da biografia do Cardial D. Jorge da Costa, descreve-se uma medalha que diz respeito a este personagem. Vid pag. 262 da segunda edição, e tomo II, p. 246, da terceira.

N.º 137 — *O Atheneu Commercial de Lisboa*, por Victor Ribeiro. Estampa da medalha comemorativa da fundação do Ateneu, entre pags. 14 e 15.

N.º 138 — *O Arquivo da Misericordia de Lisboa na Exposição Olissiponense de 1914*, por Victor Ribeiro. Catálogo publicado no *Boletim da*

Segunda Classe, da Academia Rial das Sciencias de Lisboa, vol. VIII, p. 483-547, e tambem em *separata*. A pag. 530 do Boletim, e 50 da separata, vem mencionado o seguinte: «*Medalha.* — Aos presos protegidos pela Mi- »sericordia, e de quem esta tratava em juíso, era dada ou passada uma »medalha para juntar aos autos. Requerimentos diversos, 1825-1841-1842».

N.º 139 — *O Centenario do Infante D. Henrique no Porto*, por Firmino Pereira. Quarta Parte, pag. 289 sgs. *Medalhas comemorativas.*

N.º 140 — * *O Instituto* (de Coimbra), vol. XXIX, n.os de Maio e Junho de 1882, p. 520-521. (Medalha do Centenário do Marquês de Pombal — estampa).

N.º 141 — * *O Jardim Litterario*, vol. VI (1850), p. 277 e 278: *medalha oferecida pela Academia Rial das Sciencias à Rainha D. Maria I*; vol. VII (1851), p. 274 e 275: *as cruzes de ouro e prata ao exercito português que fez a Guerra peninsular*, artigo assinado por Metello. Comunicação do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

N.º 142 — *O Magisterio Português*. Anno 3.º — Porto, 3 de Março de 1906, n.º 68, p. 139 (referência a uma medalha de prata para ser oferecida ao aluno que obtivesse o prémio instituido por Henrique Midosi).

N.º 143 — * *O Mundo Elegante, 1.º anno*, n.º 6, Porto, 1 de Janeiro de 1859, p. 48: medalha dedicada pela Camara Municipal do Porto a Jacopo Carli, de Verona. (Estampa).

N.º 144 — * *O Occidente*: **vol.** II, 1879 p. 88: medalha da exposição de rosas do Palacio de Cristal do Porto; pag. 101: medalha conferida a Serpa Pinto pela Sociedade Portuguesa «Serpa Pinto» de Pernambuco; pag. 131: medalha conferida a José Cinatti pela Camara Municipal de Evora, em 1867; **vol.** III, pag. 148: medalha do tricentenário de Camões, do Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro; **vol.** IV, pag. 72: medalha do tricentenário de Camões, dedicada à Imprensa por Molarinho; **vol.** V, pag. 152: medalha mandada cunhar pelos estudantes de Lisboa por ocasião do centenário do Marquês de Pombal; **vol.** VI, pags. 142 e 144: biografia e retrato de Gerard, e medalha do Caminho de Ferro de Léste por ele feita; **vol.** XII, pag. 172 e 176: medalha comemorativa da abolição da escravatura no Brasil, mandada cunhar pela colonia portuguesa de Pernambuco; pag. 208: medalha do centenário do Marquês de Pombal, feita por Cassiano Maia; pag. 272: medalha da exposição universal de Pa-

ris de 1889; vol. XV, pag. 197: medalha do centenário do descobrimento da America por Cristovão Colombo (estrangeira); vol. XIX, pag. 64: medalha da Exposição de Antuerpia conferida ao Ocidente; vol. XXII, pgs. 206 e 209: medalhão de prata oferecido a Elvino de Brito (conf. *Diario de Noticias*, de 13 de Julho de 1899); vol. XXIII, p. 64: medalha oferecida pelos professores e estudantes da Escola Politecnica à filha de Camara Pestana; pag. 100: medalha do centenário do descobrimento do Brasil, mandada cunhar por Julius Meili, p. 265: gravura que representa a cerimonia da entrega das medalhas a Capelo e Ivens, em S. Carlos, em 1 de Outubro de 1885; vol. XXIX, pag. 75: medalha de honra da Associação dos Arqueologos, conferida a Sousa Viterbo; pag. 238: medalha do Caminho de Ferro de Léste; vol. XXXI, pag. 54: medalha dedicada a Teixeira Lopes, feita por Simões de Almeida (Sobrinho).

N.º 145 — *Narração da inquisição de Goa, escripta em francez por Mr. Dellon; vertida em portuguez* .. por Miguel Vicente d'Abreu,... Nova-Goa, 1866. (A pag. 172: Descrição da medalha dos familiares do Santo Oficio). Vid. tambem: Fr. Pedro Monteiro: * *Historia da Santa Inquisição do Reyno de Portugal* em 2 tomos, e * *Noticia Geral das santas inquisiçoens*, etc., a p. 379 sgs. do tomo III da *Collecçam dos documentos, e memorias da Academia Real da Historia.*

Sobre o emblema do Santo Oficio: vid.: *Historia verdadeira da inquisição*, por D. Francisco Xavier G. Rodrigo — tradução do hespanhol pelo P.e Manoel José Gonçalves Preza, tomo I p. 240; *Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses*, 2.ª série, 1875, n.º 8, p. 125 (estampa do selo da inquisição), e *Panorama photographico de Portugal*, tomo I, p. 140.

N.º 146 — *Os Judeus portugueses em Amsterdam*, pelo Dr. Mendes dos Remedios. Pags. 5 e 6: descrição de uma medalha comemorativa da encorporação da Biblioteca de Montezinos na do Seminario Português-israelita; e pag. 19: descrição de uma medalha comemorativa do bi-cen-centenário da inauguração de uma sinagoga.

N.º 147 — *O Paço de Cintra — desenhos de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Amelia — apontamentos historicos e archeologicos do Conde de Sabugosa.* Estampas, e referências aos *contos para contar*, a pags. 84-85.

N.º 148 — *Medalhas dadas por D. João V, com a sua efigie: Historia Genealogica da Casa Real*, tomo VIII, p. 67.

N.º 149 — *Monumento sacro da fabrica, e solemnissima sagração da Santa Basilica do Real convento, que junto á villa de Mafra...* escrito por Fr. João de S. Joseph do Prado, Lisboa 1751. A pgs. 6-8 descrevem-se as medalhas lançadas nos alicerces do convento.

N.º 150 — *Nummismalogia, ou breve recopilação de algumas medalhas dos emperadores romanos etc. etc. Parte primeira, offerecida A' Magestade Delrey Nosso Senhor D. João V.* Por Bento Morganti. Lisboa Occidental, M.DCC XXXVII. A pags. 20 e 21 vem a descrição e estampa de uma das medalhas comemorativas da vinda do Arquiduque Carlos, de Austria para Lisboa.

N.º 151 — *Obras de Luiz de Camões*, pelo Visconde de Juromenha, **vol.** I, pag. 433 sgs. (Descrição de medalhas camonianas).

N.º 152 — * *O Panorama*, **vol.** II, p. 324 (retrato de Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena, copiado de uma medalha); **vol.** III, p. 32 (liquido para bronzear medalhas); **vol.** IV, p. 29 (medalha da Academia Rial da Historia); p. 375 (medalha da Academia Rial das Sciencias); **vol.** VI, ou 1.º da 2.ª serie, p. 16 (modo de limpar medalhas velhas); p. 280 (processo galvanico para copiar medalhas); **vol.** VIII, ou 3.º da 2.ª serie, p. 48 (projecto de Pinheiro Ferreira para a criação de medalhas insignias para tres novas ordens nacionais); p. 120 (contos para contar); **vol.** X, ou 2.º da 3.ª serie, p. 100 (medalhas raras, estrangeiras); **vol.** XIV, ou 1.º da 4ª. serie, p. 392 (noticia resumida sobre museus, gabinetes de medalhas, etc).

N.º 153 — *O Patriotismo Academico consagrado ao illustrissimo e excellentissimo senhor D. João de Almeida de Mello de Castro, 5.º Conde das Galvêas etc.*, por Ovidio Saraiva de Carvalho e Silva, bacharel formado em leis, etc. Rio de Janeiro — na Impressão Regia — 1812. — Por ordem de S. A. R. Um volume com 168 páginas. A pag. 75 tem a descrição da medalha-insignia dos estudantes da Universidade de Coimbra que organizaram o batalhão academico do tempo dos franceses.

Esta obra é como que uma segunda edição, modificada e aumentada, do folheto: *Narração das marchas e feitos do corpo militar academico* etc. Coimbra, 1809.

N.º 154 — *Os Caminhos de Ferro em Portugal — 1856-1906 — Synopse. Lisboa — Imprensa Nacional 1906* [1]. — *Chronica*, publicada na *Revista de*

(1) Titulo da separata.

Obras Publicas e Minas—Tomo XXXVII, n.os 439 a 441, p. 478, sgs. Este trabalho, cujo autor foi o falecido engenheiro e coleccionador de medadalhas, Luciano de Carvalho, fez-se para comemorar o quinguagenario dos Caminhos de Ferro Portugueses e divide-se em quatro partes intituladas: A Obra; Os Homens; As Medalhas; Os Livros. Contem as descrições e estampas de seis medalhas portuguesas referentes aos Caminhos de Ferro. Publicou-se em separata.

N.º 155 — *Outros tempos ou velharias de Coimbra*, por Augusto d'Oliveira Cardoso Fonseca, 1911. A pag. 27 refere-se a uma medalha de ouro oferecida ao Dr. Antonio Feliciano de Castilho. (Comunicação do nosso amigo Henrique de Campos Ferreira Lima).

N.º 156 — *Patriotismo por antonomasia, offerecido ao excellentissimo e reverendissimo senhor D. Frei Vicente da Soledade Castro etc., por hum cidadão portuense, e constitucional.* Porto — Na Imprensa do Gandra, 1822. Folheto de formato pequeno, com 43 páginas, e precedido de uma estampa com duas gravuras. Numa carta que lhe serve de Prefacio e que está assinada por M. C. J. (Manuel Corrêa J.?), dá-se noticia de uma medalha, feita pelo autor do folheto, e por ele dedicada aos *Primeiros Heroes da nossa Regeneração.*

N.º 157 — * *Porto Illustrado, 1.º anno*, 1863 — n.º 3, p. 24: medalha da Exposição Industrial portuense. (Comunicação do nosso amigo Henrique de Campos Ferreira Lima).

N.º 158 — *Primeiro Centenario da Guerra Peninsular — Exposição historica comemorativa — Catalogo.* Lisboa 1910 — Desde pag. 47 até pag. 65, contem as descrições, com algumas notas e gravuras, de medalhas referentes á Guerra Peninsular.

N.º 159 — *Relaçam da entrada publica que fez em Paris aos 18 de Agosto de 1715 O. E. Sr. Dom Luiz da Camara Conde da Ribeyra Grande...* por Alexandre de Gusmão. Paris, 1715. A p. 14-15 descreve e trata das medalhas — *jetons* — do Conde da Ribeira.

N.º 160 — *Relatorios da Directoria do Gabinete Português de Leitura no Rio de Janeiro*, de 1878, 1879 e 1880. (Medalha comemorativa do Tricentenario de Camões, mandada cunhar pelo Gabinete).

N.º 161 — * *Resumo Historico da maravilhosa vida, conversões, e mi-*

lagres de S. Francisco Xavier, apostolo defensor, e patrono das Indias, por Felippe Neri Xavier — Nova Goa — Imprensa Nacional, 1859 (1.ª edição; ha uma 2.ª edição de 1861).

Contem a estampa da medalha oferecida por D. Pedro II para o tumulo de S. Francisco Xavier.

N.º 162 — * *Revista Popular*, vol. III, Maio de 1850, n.º 5 p. 37: verónica dada pelo Papa a D. João V. (Lopes Fernandes p. 27). Vid. na mesma revista, *loc. cit.* referencias á colecção de Cesar Famin.

N.º 163 — *Senhas de prata para a Assembléa estrangeira : Apontamentos da vida d'um homem obscuro*, p. 100. Noticia da existencia delas.

N.º 164 — *Sociedade Nacional de Bellas Artes — catalogo illustrado da 7.ª exposição de pintura, esculptura... etc.; abril a maio de 1909.*

(Medalha de D. Fernando de Almeida, dedicada a Simões de Almeida Junior; placa de João da Silva: os funerais de Atala (estampas); e referencias á medalha do 2.º monumento de Sousa Martins, de José P. Costa Mota).

N.º 165 — *Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal*, por José Alberto Corte Real, Manuel Antonio da Silva Rocha e Augusto Mendes Simões de Castro, pag. 127 e 128 (medalha comemorativa da visita do Imperador do Brasil ao Porto em 1872).

Obras que tratam de biografias de gravadores de medalhas:

N.º 166 — *A Alvorada* (Jornal de Guimarães), n.º 73, anno 2.º 11 de Abril de 1912 (apontamentos biograficos de Molarinho),

N.º 167 — * *Arte Portuguesa*, revista do Porto, 1882, pags. 68-69. Trata do gravador José de Sousa. (Comunicação do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima).

N.º 168 — *Collecção de Memorias, relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal, recolhidas e ordenadas por Cyrillo Volkmar Machado, etc.* Lisboa, 1823. Um volume com 330 páginas numeradas, e uma inumerada com erratas. No começo tem uma bela estampa com o retrato

do autor, assinada por: *M. Servam Pintou em 1791, e Queiroz G. de S. Mag. Fidel. sculp. em 1823.*

N.º 169 — *Dictionnaire Historico-Artistique du Portugal...* par le Comte A. Raczynski. Paris, 1847. Um volume.

N.º 170 — *Le Séjour à Lisbonne de Charles Wiener*, por Arthur Lamas. Artigo publicado na *Gazette numismatique française, dirigée par Fernand Mazerolle — Année 1910 — 2.e Livraison*, pgs. 127 a 141. Fez-se uma tiragem à parte bastante abundante.

N.º 171 — *Lista de alguns artistas Portuguezes colligida de escriptos e documentos*, pelo Bispo Conde, D. Francisco. Lisboa, 1839. Folheto de 59 páginas, incluindo um *suplemento*. Separata do jornal: *O Recreio*.

N.º 172 — * *Obras poeticas de Ramos Coelho*, Lisboa 1910. Pags. 194, 195, e nota a pag. 791. Poesia dedicada ao gravador Frederico Augusto de Campos, por ele ter sido substituido na Casa da Moeda por Carlos Wiener. (Comunicação do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima).

N.º 173 — *Simões de Almeida* (Sobrinho). *Os Serões*, **vol.** VII, 1908, n.º 41, p. 307, sgs.

Regulamentos, estatutos, e leis que tratam de medalhas:

N.º 174 — *Alvarás das Ordens Militares precedidos de uma descripção da epocha da sua fundação e acompanhados de mappas demonstrativos das quantias que têem a pagar nas differentes repartições os agraciados com as ditas ordens e com os titulos nobilitarios...* por João José de Alcantara... Lisboa, 1861. Folheto de 16 páginas.

N.º 175 — *Estatutos da Associação Humanitaria Luiz de Camões, 10 de Junho de 1888*, capitulo VIII — Medalhas, e art. 4.º, n.º 4.º (Instituição, forma de concessão, descrição e estampa de uma medalha para recompensar serviços à Associação).

N.º 176 — *Estatutos*, aprovados por Alvará de 10 de Setembro de 1819, da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Vila Viçosa. (Estampas com as gravuras das insignias).

N.º 177 — *Estatutos do Club Naval de Lisboa*, de 1892, capitulo XVIII e estatutos de 1898, cap. XVI.

N.º 178 — *Estatutos do Collegio Real de Nobres da corte, e cidade de Lisboa.* Anno de M.DCC.LXI. Titulo VI, n.º 8 in fine: medalha-insignia (hábito)

N.º 179 — *Estatutos e Regulamento da Real Sociedade Humanitaria*, do Porto, aprovados por Decreto de 12 de Outubro de 1852, e Alvará de 7 de Fevereiro de 1854. Medalha-insignia, art. 18 do regulamento, e medalha para premios, art. 19. Vid. tambem o Regulamento de 12 de Setembro de 1881 e as *disposições* feitas em 1895, relativas a concessões de prémios.

N.º 180 — *Estatutos da Sociedade Portuguesa da Cruz Vermelha*, de 7 de Maio de 1908. *Capitulo VIII* (artigos, 43 a 51) *Recompensas e distinctivos.* Estampas coloridas das medalhas.

N.º 181 — *Liga Naval Portuguesa — Regulamento dos Serviços de sport nautico*, aprovado em Portaria Regia de 8 de Junho de 1904. Capitulo IX, artigos 68 a 73 (estampa).

N.º 182 — *Legislação sobre Condecorações compilada e annotada* por José Eulogio de Souza Velloso — Alferes do quadro privativo das forças ultramarinas, archivista geral da secretaria militar — Nova Goa — Imprensa Nacional, 1905. Tem 119 páginas e um *indice*.

N.º 183 — *Medalhas conferidas em premios no Real Colegio Militar. Ordem do Exercito* de 1863; *Regulamento literario*, aprovado por Decreto de 3 de Novembro de 1886, capitulo VII, arts. 50 a 64, e modelos a pgs. 31-33; *e Regulamento interno*, aprovado por Portaria de 12 de Outubro de 1901, capitulo II.

N.º 184 — *Noticia Historica das Ordens Militares e Civis portuguezas e legislação respectiva desde 1789 edição illustrada com estampas em chromo-lithographia* coordenada por Aleixo Tavano e José Augusto da Silva. Lisboa — Imprensa Nacional, 1881. Tem 78 páginas, um indice, e estampas coloridas.

N.º 185 — «*Panificia*» *Sociedade cooperativa de Respons. Limitada*, (do Porto). *Estatutos. Porto*, 1910. Art. 53, estabelece o uso de senhas

metálicas para o computo do bonus de consumo correspondente a cada socio.

N.º 186 — *Regulamento da Companhia dos Incendios do Porto* (aprovado em sessão plenaria da Camara Municipal do Porto, em 10 de Janeiro de 1888), Capitulo VI: Serviço de senhas etc.

N.º 187 — *Regulamento do Corpo de Bombeiros Voluntarios do Porto.* Aprovado nas assembleias de 4, 5 e 28 de Março de 1901. Capitulo II arts. 31 e sgs. Recompensas. (Medalha de serviços humanitarios).

N.º 188 — *Regulamento das gratificações ao pessoal de enfermagem da Misericordia do Porto*, aprovado em 1900-01. Instituiu uma medalha para os enfermeiros, que foi extinta em 1911. (Vid. O *Relatorio da commissão administrativa da Santa Casa da Misericordia do Porto na gerencia de 1 de Julho de 1910 a 31 de Dezembro de 1911, apresentado pelo Provedor Antonio Alves Cálem Junior*, (p. 79).

N.º 189 — *Regulamento para o serviço de remonta geral do Exercito*, aprovado por Decreto de 28 de Junho de 1902. Artigos 144 a 165 (especialmente os arts. 153 e 155), e modelo *U*, a p. 89. Vid. *Alterações publicadas na Ordem do exercito* n.º 6 (1.ª serie), de 16 de Abril de 1904.

N.º 190 — *Regulamento interno do Lyceu da Celestial Ordem 3.ª da SS. Trindade no Porto.* Porto, 1858. Pag. 10 — Premios (artigos, 17 a 25: medalhas destinadas a premios).

N.º 191 — *Relatorio e Decreto de 7 de Dezembro de 1864 que reformou a Casa da Moeda e Papel Sellado.* Lisboa — Casa da Moeda e Papel Sellado — 1895. Refere-se á escola de gravura na Casa da Moeda e à vinda de Carlos Wiener para Lisboa.

N.º 192 — *Sociedade de Geographia de Lisboa. Estatutos e Regulamentos.* Nova edição. Lisboa, 1892. Art. 8.º do *Regulamento geral* (medalha-insignia); *Medalha d'honra da Sociedade aprovada em sessões de 21 de abril 1870, e 22 de dezembro*, 1883, p. 23 e 24 (inumeradas).

Manuscritos:

N.º 193 — * *Apontamentos para a Historia do Porto por Henrique Duarte e Souza Reys.* — Obra manuscrita em varios volumes, existente

na Bibliotéca municipal do Porto. Num dos volumes tem desenhada a medalha oferecida em 1821 por João Teixeira de Melo aos deputados da Nação.

N.º 194 — * *Auto da cunhagem da medalha de Garrett*. Bibliotéca Nacional, caixa n.º 31, doc. n.º 1.

N.º 195 — * *Catálogo da Colecção do* Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana, escrito por este mesmo ilustrado coleccionador. E' um precioso catálogo descritivo e historico, que contem muitas noticias cuidadosamente coligidas pelo autor.

N.º 196 — * *Catalogo da collecção de moedas e medalhas portuguezas offerecidas pelo benemerito abbade de Guinchães, Fortunato Casimiro da Silveira e Gama ao Muzeu Municipal da Figueira da Foz* — por A. A. D. S. (Antonio Augusto Duarte Silva). Manuscrito. Possuimos uma copia da parte referente ás medalhas, extraída de uma outra que pertenceu ao falecido bibliofilo, Anibal Fernandes Tomás. Neste catálogo veem mencionadas algumas medalhas bastante raras, posto que a colecção seja pequena.

N.º 197 — * *Colecção de Memórias Relativas Os Gravadores de Cunhos, e Medalhas Nacionaes, e Estrangeiras O Serviço da C. da Moeda de Lisboa desde 1551. Com o resumo das suas Obras, e Serviços feitos á Nação Portugueza. Com a Discripção das Medalhas Historicas Nacionaes, Desde a Regencia do Infante D. Pedro Em 1428. Acrésse hum Cathalogo Historico de todos os Artistas. Em Bellas Artes, Recopilação de muitas Obras, por Luiz Gonzaga Pereira Segundo Gravador da Caza da Moeda* — Lisboa Anno de 1857. Livro manuscrito muito interessante e util, posto que esteja escrito com pouco criterio, e que por isso deva ser consultado com bastante cautela. Contem 192 páginas. Pertence ao nosso amigo, D. Fernando de Almeida. Note se que a descrição das medalhas historicas nacionais, desde a regencia do Infante D. Pedro, anunciada no titulo, não se encontra na obra.

N.º 198 — * «*Descripção de 29 Medalhas Portuguezas, escriptas por José* »*Anastacio da Costa e Sá*, a qual me foi dada por Antonio Joaquim Mo»reira». Titulo, escrito por Lopes Fernandes, de um trabalho manuscrito que lhe pertencia e que hoje pertence ao nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima. Possuimos uma cópia.

N.º 199 — * *Documentos relativos ás Medalhas da Academia Real das Sciencias*. Arquivo da Academia — 5-49-3.

N.º 200 — * *Medalha oferecida por Luis XVIII de França a D. Miguel.* Bibliotéca Nacional, cod. n.º 600 (B. 9-48) fl. 206-207. (Comunicação do falecido numismático Manuel Joaquim de Campos). E' uma leve referencia á medalha comemorativa da visita de D. Miguel á casa da Moeda de Paris.

N.º 201 — * *Pensamentos para medalhas sendo alguns de D. Tomás Caetano do Bem.* Bib. Nac. Ms. n.º 426, fl. 24 a 28, (medalha do combate naval com os turcos, 1717; dedicada ao Marquês de Pombal em 1772, e da estátua equestre).

N.º 202 — * *Medalhas portuguezas e estrangeiras* (apontamentos com a letra de Antonio Ribeiro dos Santos). Bibliotéca Nacional, manuscritos, caixa n.º 25, n.º 23.

N.º 203 — * *Mercê ao filho do coronel D. Eustachio Viola, senhor de Atis, assistente em França, d'uma medalha de ouro pendente de um colar com a efigie real, para a ter com o habito de Christo em consideração a seu pae ter sido morto no assalto de Salvaterra e para se conservar a memoria de tão esforçado capitão, em 11 de Setembro de 1643.* Arquivo da Torre do Tombo, L.º 1.º de Portarias fl. 423. (Comunicação do Sr. Pedro de Azevedo).

N.º 204 — *Monumento Sacro das cerimonias ecclesiasticas e civis que se praticaram na solemne imposição da primeira pedra e sumptuosa sagração da Real Basilica do Convento do Santissimo Coração de Jesus. Praticado e composto pelo Beneficiado Francisco José Braga Lage, primeiro Mestre de Ceremonias da SantaIgreja Patriarchal.* Livro manuscrito com 135 páginas. De página 34 a 39 trata das medalhas comemorativas da Igreja do Santissimo Coração de Jesus (Estrela). Este livro faz parte da nossa livraria.

N.º 205 — * *Relação dos cunhos de medalhas que gravou Augusto Fernando Gerard, em Lisboa.* Antografo, datado de 1859, que pertenceu a Lopes Fernandes e que hoje pertence ao nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima. Possuimos uma copia.

Obras várias:

N.º 206 — *A Questão da concessão das Medalhas Militares ao General Lobo D'Avila — Porto — Typographia de Antonio José da Silva Teixeira*

— *Rua da Cancella Velha, 62 — 1868.* Folheto de 68 pgs. e de formato grande.

Vid. tambêm: *O General Francisco de Paula Lobo d'Avila e os seus detractores — memoria redigida por seu filho Rodrigo Lobo d'Avila* — Lisboa — Typographia Universal — 1865.

N.º 207 — * *Commendas (As), poema heroe-comico-satyrico em cinco cantos, por* *** (Aires de Gouvêa, Bispo de Betsaida). Lisboa, 1849. Ainda não possuimos nem vimos este trabalho de cuja existencia temos conhecimento por um catálogo de uma livraria do Porto.

N.º 208 — *Compromisso da Irmandade das Escravas de Nossa Senhora da Conceição — novamente impresso, Lisboa, 1870. (Irmandade de ilustres senhoras deste Reino erecta na Rial Capela das Necessidades).* Folheto de formato pequeno, com 53 páginas. A p. 14, lê-se: «Neste dia »da sua particular Festa trarão todas (as irmãs) em sinal da Escravidão »huma medalha da Senhora ao peito: e no discurso do anno occulto o »seu Bentinho, ou Escapulario, de cor azul, appropriada já ao mesmo mys»terio da Conceição, para o qual se procurará a benção, e as graças do »Bentinho de Nossa Senhora do Carmo».

N.º 209 — * *Decreto do Marechal Soult*, Duque de Dalmacia, datado de 8 de Abril de 1809, em que promete à cidade de Braga mandar cunhar uma medalha comemorativa do facto de ela se ter revoltado contra o General Silveira. Impresso avulso que pertenceu ao falecido bibliofilo, Anibal Fernandes Tomás. Possuimos uma cópia.

N.º 210 — *Diario das Cortes Geraes e Extraordinarias da Nação Portugueza.* Procure-se no *Indice geral alphabetico dos nove tomos* etc. apenso ao tomo II, da 2.ª legislatura, as palavras: *Cruz de Campanha, medalhas e fitas* (referencias às medalhas da Guerra Peninsular); vid. tambem, vol. I, p. 115 (medalha dedicada por Manuel Corrêa aos herois da Regeneração); vol. I, p. 671 (medalha oferecida por Teixeira de Melo para servir de insignia aos deputados da Nação), e vol. II da 2.ª legislatura, p. 323-324 (requerimento dos bachareis para poderem usar a medalha-insignia do batalhão academico do tempo dos franceses).

N.º 211 — *Ensaio sobre a origem, significação e privilegios da medalha ou cruz de S. Bento pelo R. P.e Dom Prospero Guéranger... traduzido do francez por um sacerdote da diocese de S. Sebastião do Rio de*

Janeiro. — *Rio de Janeiro. S. d.* Um volume com 224 páginas e de pequeno formato.

N.º 212 — *Inventario dos Livros de Numismatica da Bibliotheca Nacional de Lisboa, por Gabriel Pereira. Boletim da Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes, Quarta série*, tomos VII, p. 186, XI, p. 725.

N.º 213 — *Livros sobre Numismatica pertencentes á livraria do fallecido Dr. Teixeira d'Aragão, que se hão vender no leilão de moedas que se effectua nos dias 17 e seguintes do mez de abril no antigo Bazar Catholico, Avenida da Liberdade n.os 93 a 113. Lisboa, 1904.* Folheto de formato pequeno, com 8 páginas.

N.º 214 — *Manual das Congregações das Filhas de Maria* — 2.ª edição — *Lisboa 1907.* — A p. 78 tem a formula da *Benção das medalhas.*

N.º 215 — *Medalha miraculosa (A)* — *Sua origem, historia, diffusão e resultados ou Nossa Senhora das Graças e os actos da sua misericordia* — *Edição revista e augmentada sobre a do Padre Aladel, da Congregação da Missão* — *Prefaciada e vertida em portuguez por Francisco d'Azeredo Teixeira d'Aguilar* — *Conde de Samodães* — *Com um additamento referente ao quinquagessimo anniversario da mesma medalha miraculosa* — *Porto* — *1884.* Um volume de 362 pgs. e mais uma com *erratas.*

N.º 216 — *Noticia historica sobre a origem e effeitos da nova medalha aberta em honra da Immaculada Conceição da Santissima Virgem, geralmente conhecida debaixo do nome de medalha milagrosa, seguida de huma novena: Traduzida do Francez da 4.ª Edição de Paris, por hum indigno servo da mesma Senhora. Quarta impressão. Lisboa... 1842.* Folheto de formato pequeno, com 52 páginas e uma gravura no começo.

N.º 217 — *Novena de Nossa Senhora da Conceição. Com huma breve noticia historica no principio sobre a Origem, e effeitos da Nova Medalha da Senhora da Conceição, geralmente conhecida pelo nome de Medalha Milagrosa. Composta em Francez, por M. *** ... Traduzida em Portuguez por hum indigno Devoto da Senhora. Lisboa: Na Imprensa Nacional, 1836.* Folheto de pequeno formato, com 87 páginas, e uma gravura no começo.

N.º 218 — *Poesia e Numismatica*, pelo Dr. José Leite de Vasconcellos. Duas gravuras sendo uma colorida, e reprodução *fac-simile* de um folheto. *O Archeologo Português*, XI, p. 65 sgs. Fez-se tiragem à parte. (Alusão ao costume de se lançarem moedas e medalhas nos alicerces dos monumentos).

N.º 219 — *Poesia e Numismatica*. (Alusões a medalhas, feitas em várias poesias e versos). Por Henrique de Campos Ferreira Lima. *O Archeologo Português*, XVIII, p. 97-101.

N.º 220 — *Prospecto-anuncio*, de grande formato, para a *Grande exposição no Centro Numismatico que abre ás 12 da manhã e fecha ás 4 da »tarde nos dias dos Festejos da Descoberta da India na Liquidadora de »Leiria & C.ª* (Hoje Casa Liquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus).

N.º 221 — *Summario das Indulgencias, que o SS. Padre Pio P. P. Sexto concedeo ás veronicas de S. Bento — Por Decreto da Audiencia do dia 10 de Janeiro de 1776. — Lisboa — Anno M.DCC.LXXVIII*. Folheto de formato pequeno, com 15 páginas.

Obras estrangeiras em que se dão notícias de algumas medalhas referentes a Portugal:

N.º 222 — *Alusão à medalha oferecida por D. João IV aos comandantes dos navios da esquadra de Ruyter*. Artigo firmado por Vicente Almeida d'Eça, e publicado na revista holandesa: *Het Nederlandsche Zeewezen*, Março de 1907, p. 111-112.

N.º 223 — *An Historical and Critical Account of A Grand Series of National Medals. Published under the Direction of James Mudie, Esq. And Dedicated By Permission To His Most Excellent Majesty George the fourth. London — 1820.*

Descrição, historia e estampas de 40 medalhas, sendo algumas delas referentes à Guerra Peninsular.

N.º 224 — *Bibliothèques de feu Mr. le Dr. Jules Meili à Zurich et d'une succession à Amsterdam. Numismatique antique et moderne etc. dont la vente aura lieu jeudi le 5 Octobre 1911... au bureau... de J. Schulman... Amsterdam.*

N.º 225 — *Biographical Dictionary of Medallists — compiled by L. Forrer.* Obra importantissima, ainda não concluida, da qual estão já publicados cinco volumes da tiragem à parte. A primeira impressão é feita no *Monthly Numismatic Circular* (publicação da Casa de Spink & Son de Londres), com o titulo de *Biographical Notices of Medallists.* Contem biografias de muitos gravadores portugueses.

N.º 226 — *Catalogo das Medalhas Brazileiras e das estrangeiras referentes ao Brazil da collecção numismatica pertencente á Viscondessa de Cavalcanti. 2.ª edição augmentada e illustrada. Pariz — 1910*, pela Senhora Viscondessa de Cavalcanti. Dois volumes, sendo um de *texto* e o outro de *estampas.* N'esta importante obra, que é tão interessante como luxuosa, encontram-se historiadas e estampadas várias medalhas referentes a Portugal.

N.º 227 — *Catalogue de Monnaies et Médailles du Portugal et de ses Colonies en vente aux prix marqués chez L. Fuldauer — Singel 84 — Amsterdam. N.º 28 — Décembre — 1910.*

N.º 228 — *Chemins (Les) de Fer autrefois et aujourd'hui et leurs Médailles Commémoratives... Bruxelles — 1905.* Por Auguste Moyaux. (Medalhas referentes aos Caminhos de Ferro Portugueses). Um volume ilustrado.

Esta obra, que é muito interessante, tem um suplemento, feito pelo mesmo autor, intitulado: *Catalogue des Médailles Commemoratives de Chemins de Fer de tous les pays — Supplément — Bruxelles .. 1910.* Um volume.

N.º 229 — *Coins and Medals of the Knights of Malta — Arranged and described by Canon H. Calleja Schembri, D. D.,... London... 1908.* Um volume.

(Descrições, historias e estampas de medalhas referentes a Grão-mestres portugueses da Ordem de Malta).

N.º 230 — *Collection Le Maistre — Collection renommée et unique de monnaies et médailles se rapportant à la Paix. = Pax in Nummis. Octobre 1913.* Dont la vente aura lieu à Amsterdam... sous la direction de J. Schulman. Vid. tambem o livro *Pax in Nummis* feito por este falecido negociante de moedas.

N.º 231 — *Collection de Mr. Alvaro de Araujo Ramos, de Bahia. Monnaies du Portugal... Médailles du Portugal e du Brésil... catalogue illustré de 8 planches, vente, lundi le 15 mars 1909 .. sous la direction... de J. Schulman.*

N.º 232 — * *Etude sur quelques monuments portugais, d'après des notes de M. le Cr. da Silva... par M. M. Paul Sédille et Charles Lucas. — Extrait du Compte-rendu stenographique du Congrès international des architectes.* Palais des Tuilleries — 3 août 1878 — Paris — Imprimerie Nationale — 1881. Pertence ao nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima. A pag. 14 traz a estampa da insignia da Rial Associação dos Arqueologos Portugueses, e noticias muito importantes e curiosas para a historia dela.

N.º 233 — *Exposition Internationale et Universelle de Bruxelles en 1910... Groupe II: Beaux-Arts Classe 9.B: gravure en médailles = Salon International de la médaille contemporaine — Catalogue.* A pags. 141-143 e 156 traz a lista das obras expostas pelos medalheiros portugueses.

N.º 234 — *Histoire Metallique des XVII Provinces des Pays Bas, depuis l'abdication de Charles-Quint, jusqu'à la paix de Bade en MDCCXVI. Traduite du Hollandais de Monsieur Gerard Van Loon.* Cinco volumes com numerosas gravuras de medalhas no texto, sendo algumas destas referentes a Portugal. A edição holandesa tem um suplemento.

N.º 235 — *Histori der Nederlandsche Vorsten.... Frans van Mieris.* Tres volumes com numerosas gravuras de medalhas no texto, sendo algumas destas referentes a Portugal.

N.º 236 — *Historical Record of Medals and Honorary Distinctions conferred on the british navy, army & auxiliary forces, from the earliest period, by George Tancred* — London — 1891. — Um volume (Medalhas de galardão inglesas e algumas portuguesas, relativas à Guerra Peninsular).

N.º 237 — *Le Journal de la Monnaie des Médailles — 1697-1726 — publié par F. Mazerolle. (Gazette Numismatique Française,* 1897, p. 329, e anos seguintes). Possuimos uma das pouquissimas tiragens à parte deste interessante trabalho por amavel oferta do Sr. Fernand Mazerolle. A unica referencia ao nosso País que nele se encontra é a seguinte: N.º 100.

«—**Le Marquis de Cascaes, ambassadeur de Portugal.**—Il a été »frapé des jetons à six pans pour le marquis de Cascaes, ambassadeur »de Portugal, qui ont d'un côté ses armes et de l'autre, son chifre. La »couronne est fleuronnée, mais les fleurons ne sont pas à l'ordinaire».

N.º 238 — *Le Portugal à l'Exposition* (1900). Anuncios e estampas da medalha do centenário de Garrett.

N.º 239 — *Les Médailleurs Italiens des Quinzième et Seizième Siècles*, par Alfred Armand.—Deuxième édition—Paris—1883-1887. Tres volumes. Nesta importante obra encontram-se descritas bastantes medalhas referentes ao nosso País, feitas pelos medalheiros italianos.

N.º 240 — *Medallic Illustrations of the History of Great Britain and Ireland to the Death of George II* — compiled by the late Edward Hawkins, and edited by Augustus W. Franks, and Herbert A. Grueber. Dois volumes — Londres 1885. Entre outras medalhas referentes a Portugal, encontram-se descritas nesta obra as de D. Catarina de Bragança.

N.º 241 — *Mémoires Numismatiques de l'Ordre Souverain de Saint Jean de Jérusalem illustrées avec les medailles et monnaies frappées par les Grands Maîtres de l'Ordre par Edouard Henri Furse. Rome...* M.DCCC.LXXXV. Um volume. (Medalhas dos Grão-Mestres portugueses da Ordem de Malta).

N.º 242 — *Monthly Numismatic Circular* (da casa de Spink & Son, de Londres). Na secção destinada a biografias de gravadores teem vindo publicadas várias medalhas referentes a Portugal, e nos n.os de Março a Maio de 1911, vol XIX, anunciou à venda a medalha do centenário da Guerra Peninsular, publicando a estampa dela.

N.º 243 — * *Notizie storiche intorno alla vita ed ai tempi di Beatrici di Portogallo, Duchessa di Savoia*, pelo Barone Gaudenzio Claretta, p. 108-9. (Referencia a medalhas dedicadas à referida Princesa).

N.º 244 — *Numismatische Sammlung von Julius Meili = Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen — (1822 bis 1889)* — 1890.

Album com XXXVII estampas, nas quais se acham reproduzidas pela fotogravura, 229 medalhas brasileiras, sendo algumas delas referentes a Portugal. As medalhas estão descritas sumariamente no começo do livro

N.º 245 — *Ordres de Chevalerie et Marques d'Honneur publié par Auguste Wahlen — Bruxelles — 1844.* Um volume. De pag. 177 a 188 trata das *Ordens* e das Medalhas de galardão portuguesas. As insignias das primeiras são reproduzidas a côres.

N.º 246 — *Relation officielle de la réception de Sa Majesté Carlos 1.er Roi de Portugal à l'Hotel de Ville de Paris.* Paris 1908. A pag. 45 descreve-se uma medalha oferecida ao Soberano de Portugal.

N.º 247 — *Sylloge* || *Nvmismatvm Ele-* || *Gantiorvm* || *Quæ* || *Diuersi Impp: Reges, Principes* || *Comites, Respublicæ* || *Diuersas ob causas ab Anno 1500,* || *ad Annum usq. 1600 cudi* || *fecerunt* || *Concinnata & Historica narratione* || *(sed breui) illustrata* || *Opera ac Studio* || *Ioannis Iacobi Lvckii* || *Argentoratensis.* || *Cum gratia et priuilegio Sacræ* || *Cæsareæ Maiestatis* || *Argentinæ* || *Typis* || *Reppianis* || *1620.* Um volume. Esta obra é escrita em latim e ilustrada com muitas gravuras de medalhas, tendo cada uma delas a seguir a respectiva historia. Tem 383 páginas e mais duas suplementares com os n.os 377 e 378.

Contem algumas medalhas referentes a Portugal, como, por exemplo, uma de D. Sebastião, p. 270; outra de Filippe II de Hespanha, sobre a conquista de Portugal, p. 279; mais uma outra, bem como o *cruzado* de D. Antonio, Prior do Crato, a p. 287 etc.

N.º 248 — * *Les tirailleurs belges au service du Portugal en 1832 et 1834,* par J. Th. Timmermans. Gand, 1900. Referencia às medalhas conferidas pela Rainha D. Maria II aos regimentos belgas, a p. 80. Comunicação do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

Além das obras que acabámos de apontar, possuimos ainda muitos recórtes de jornais, com estampas e noticias referentes a medalhas.

PRIMEIRA PARTE

Medalhas comemorativas

PRIMEIRA PARTE

Medalhas comemorativas

N.º 1—Sem data—**Dedicada à memória da Infanta D. Leonor.** Na orla, entre duas circunferências de pontos, a seguinte legenda, escrita com letras góticas: LEONORA·FILIA·EDUARDI·REG·PORTUGAL. FRID·III·IMPER·UXOR: Círculo, limitado por uma circunferência arqueada, no qual se vê a figura da Infanta-Imperatriz, sentada de frente num trono ornamentado, e revestida com as competentes insignias: coroa, scetro na mão direita, globo encimado por uma cruz na mão esquerda, e manto com bordados na gola e franjas em baixo.

℞.—Na orla, entre duas circunferências de pontos, a primeira parte da legenda, que é precedida de uma cruz: UT·ROSA FLORES·SPLENDORE·CORUSCO·PRÆFULGET. Círculo, limitado por uma circunferência arqueada, que contêm em volta a segunda parte da legenda, tambem precedida de uma cruz: SIC·LEONORA. VIRTUTUM·AMATO·CHORO·PRÆSTAT· Ao meio, uma rosa espalmada cujas pétalas estão iluminadas por vários raios de luz que partem do centro. A legenda desta face é igualmente escrita com letras góticas.

AV. Diâmetro: 52,5 milímetros; M. b. c. Rara. E' cunhada numa chapa de ouro muito delgada e maleavel.

Bibliografia: Hist. Gen. da Casa Real: IV, tábua BB. (estampa); Van Mieris: *Histori der Nederlandsche Vorsten*, etc., I, p. 65, (estampa); Lopes Fernandes: *Memoria das Medalhas*, n.º 2 (estampa).

Esta medalha faz parte da conhecida série das *Medalhas dos Judeus*, feita no século XVII por uns ourives judeus de Praga. Vulgarmente é conhecida por *Medalha da Rosa*.

*

A Infanta D. Leonor, que era filha de D. Duarte, Rei de Portugal, nasceu em Torres Vedras, no dia 18 de Setembro de 1434, «terça feira amanhecente tres oras despois de meya noite», como consta da *Lembrança, que escreveo El-Rey D. Duarte, dos nascimentos de seus filhos*, transcrita na *Hist. Gen.* t. I das *Provas*, p. 540, e do *Catalogo Chronologico Historico, Genealogico e critico das Rainhas de Portugal e seus filhos*, por D. José Barbosa, p. 359, onde êste autor *examina o anno em que nasceu a infanta D. Leonor*. Casou com o Imperador da Alemanha Frederico III, no tempo em que seu irmão D. Afonso V governava em Portugal, sendo êsse casamento festejado com o maior esplendor que póde imaginar-se.

Em 9 de Agosto de 1451 realizou-se em Lisboa o casamento por procuração, nos Paços do Duque, junto a S. Cristovam; em 20 de Outubro do mesmo ano embarcou D. Leonor no Cais da Ribeira, indo desembarcar a Leorne, no dia 1 de Fevereiro de 1452. Dêste porto seguiu para Siena onde se encontrou com o Imperador seu esposo, seguindo depois ambos para Roma, e aí, no dia 16 de Março de 1452, na Igreja de S. Pedro, receberam, com grande solenidade, a benção do Papa Nicolau V. Tres dias depois foram ainda coroados pelo mesmo Pontífice.

D. Leonor, que foi bisavó de Carlos V, faleceu em Neustadt, em 3 de Setembro de 1463, sendo sepultada no mosteiro de Cister da mesma cidade.

Tanto na *Hist. Gen.* como na obra de Lopes Fernandes, veem estampadas mais duas medalhas alusivas a D. Leonor.

Encontram-se muitas notícias interessantes àcêrca dêste notavel casamento, nas cartas, relatórios, diários de viagem, etc., que os embaixadores encarregados de conduzirem a Infanta, dirigiram aos seus soberanos (publicados na *Hist. Gen.*, t. I das *Provas*, p. 585 sgs.), no livro de Luciano Cordeiro, intitulado: *Uma sobrinha do Infante, Imperatriz da Allemanha e Rainha da Hungria*, e num curioso estudo do Dr. Levy Maria Jordão, que tem o seguinte título: *Memoria sobre a Camera cerrada*.

N.º 2 — Sem data — **Ded.ª ao Infante D. Duarte. Reprodução galvanoplástica.** Nos arcos de cima e do lado direito da orla, a legenda: EDVARDVS . EDVARDI . ET . ISABELAE . INFANTV . FILIVS. Busto do Infante, truncado pela cintura, voltado à esquerda, com armadura, cabeça descoberta, barba a despontar e gorjal de fôlhos. Com o braço direito em flexão, sustenta o bastão de

comando e com o esquerdo, que está descaído, segura um capacete de plumas, que está cortado pela orla. Entre o cotovelo do braço direito e o bastão, a assinatura: F·V.

℞. — Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: HAVD SIMPLEX VIRTVTIS OPVS. Por fóra da legenda, circunferência de pontos. No exergo, que está separado por frizo, a assinatura: BOM (abreviatura de *Bombarda*, Andrea Cambi). Palas de pé, voltado à esquerda, com capacete. Com a mão direita estendida, segura uma lança e um ramo de oliveira e com a esquerda, que está descaída, sustenta um escudo.

Æ. Diâmetro: 69 milimetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Armand: *Les Médailleurs italiens*, III, p. 99 (descrição); Lamas: *Portugal no Cabinet des Médailles de Paris*, n.º 5 (estampa).

Êste exemplar é reprodução do que existe no Cabinet des Médailles de Paris, feita por nossa ordem. Segundo Armand, *loc. cit.*, existe um outro no Gabinete Rial de Parma. A diversidade de técnica e de assinaturas, que se nota nas duas faces, e ainda o facto de o mesmo reverso figurar em uma outra medalha dedicada ao Marquês de Pescaire e de Guast (Armand, III, 95 96, s. v. d'Avalos), faz supôr que esta medalha seja combinação apocrifa de duas medalhas diferentes.

*

Do casamento de D. Manuel I com D. Maria de Castela, sua segunda mulher, houve um infante com o nome de D. Duarte, que casou com uma filha do Duque de Bragança, D. Jaime, chamada D. Isabel. Dêste matrimónio provieram trés filhos: D. Maria, que veio a ser Princesa de Parma; D. Catarina, que pretendeu a corôa de Portugal quando morreu o Cardial D. Henrique, e que casou com o sexto Duque de Bragança, D. João; e, finalmente, o Infante D. Duarte, que nasceu postumo em Almeirim, no mês de Março de 1541. E' o retrato dêste último que figura na medalha acima descrita.

Dizem as crónicas que êle herdou de seu pai importantes terras e o título de Duque de Guimarães; na côrte, onde desempenhava o alto cargo de condestavel, davam-lhe o tratamento de excelência, e tratavam-no com certas distinções. Acompanhou El-Rei D. Sebastião durante a primeira jornada a Africa.

Em 1572 foi nomeado generalissimo de uma poderosa esquadra, que devia partir de Lisboa para ir a França auxiliar os católicos desta nação, a qual não chegou a saír do porto de Lisboa, por ter sido em grande parte destruida por um temporal; mas essa fatalidade não impediu de certo que o nome de D. Duarte ficasse conhecido na Europa, e isso levou talvez os medalheiros italianos a fazerem uma medalha em sua honra.

D. Duarte faleceu em Evora, no dia 28 de Novembro de 1576, e ali ficou sepultado.

N.º 3 — 1570 ([1]) — **Ded.ᵈᵃ a El-Rei D. Sebastião. Reprodução galvanoplástica.** Na orla, escrita em dois arcos de círculo concentricos, a legenda, que começa em cima e é precedida de um florão: SEBASTIANVS DG REX · POR-TVGALIÆ · ARABIÆ IN || DIÆ ET AFRICÆ ANNO ÆTATIS XVI. Busto de D. Sebastião, truncado pela cintura, visto de frente, com penteado para trás e traje da época: gola alta, apertada, e tufos nas mangas junto dos ombros. Tem o braço esquerdo em flexão e a respétiva mão aberta e assente no peito. Com a outra mão, que está apoiada no ventre, segura as luvas. Junto do braço direito há uma esféra armilar e um livro aberto.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SERENA CELSA FAVENT.

Molusco, preso à respétiva concha, a nadar sôbre o mar. No campo, do lado direito, em cima, a lua em quarto crescente e sete estrelas. O tipo desta face representa a divisa e empresa de D. Sebastião.

Æ. Diâmetro: 45 milimetros. M. b. c. Rara.

Bib.: Ioannis Iacobus Luckius, *Sylloge Numismatum Elegantiorum*, etc., p. 270 (estampa); Lopes Fernandes, n.º 10 (estampa).

Os exemplares autenticos são extremamente raros; existem, porém, alguns que, como o nosso, são feitos por meio da galvanoplastia, o que facilmente se reconhece pelo som, pelo aspéto e ainda pela linha de junção das duas faces que, mais ou menos distintamente, se observa no bordo.

([1]) Esta data não está inscrita na medalha; mas é como se estivesse, porque na legenda diz-se que ela foi feita quando D. Sebastião, cujo nascimento ocorreu em 1554, contava 16 ânos de idade.

Esta medalha deve ser de origem estrangeira. E' absolutamente destuida de mérito artistico.

Teixeira de Aragão, contestando o que Fr. Manuel dos Santos diz a respeito da existência de uma moeda de ouro chamada *Ducatão*, que teria sido cunhada no reinado de D. Sebastião, julga provavel que houvesse equívoco com esta medalha. (1)

Conforme o uso da época, D. Sebastião adotou uma empresa que, segundo as gravuras publicadas por D. Antonio de Sousa (2) e Manuel de Faria e Sousa (3), era apenas constituida por oito estrelas e a divisa: *Celsa Serena Favent.*

Não havendo, portanto, acôrdo entre as gravuras e o tipo do reverso da medalha, no qual, além dos elementos agora apontados, figuram os outros que indicámos na respétiva descrição, parece que os autores referidos não tinham perfeito conhecimento da empresa.

A diferença do número de estrelas foi já assinalada por Teixeira de Aragão. (4)

Existem alguns *contos para contar,* atribuidos vulgarmente ao reinado de D. Sebastião, cujo tipo de uma das faces parece ter certa relação com a referida empresa. São os que têm gravado um escudo com *cinco* estrelas.

Pouco tempo antes da partida de D. Sebastião para a Africa as armas do Reino passaram a ter a corôa fechada e por essa mesma ocasião: «Foi recommendado a Jeronimo Corte-Real e a D. João de Mafra e a »outro fidalgo, que não soube o nome, que inventassem o que poria »el-rei no timbre de suas armas novas, com que n'esta jornada havia »de sahir. Accordaram que pozesse abaixo das armas reaes dois piramides ao modo de columnas, e de um d'estes ao outro pozessem umas le»tras que dissessem: — Amor, fé, amor.» (5)

*

D. Sebastião, 16.º dos Reis portuguêses, nasceu em Lisboa, a 20 de Janeiro de 1554, dia de S. Sebastião, tendo sido, por isso, batisado com êste nome. Era filho postumo do Principe D. João e da Princesa D. Joana. Foram seus Avós, pelo lado materno, o Imperador Carlos V, de Austria, e pelo lado paterno, El-Rei D. João III e sua mulher a Rainha D. Catarina.

---

(1) Aragão: *Descrição geral e histórica das moedas,* I, p. 282.

(2) *Hist. Genealógica,* III, p. 624.

(3) *Europa Portuguêsa,* III, jnnto do retrato de D. Sebastião.

(4) *Ob. cit.* I, p. 275, nota 2.

(5) A. Herculano: *Opusculos,* VI, p. 111.

Em 11 de Junho de 1557 herdou o trono, por morte de seu avô, D. João III, contando apenas três ânos de idade, ficando, por êsse motivo, a regência do Reino entregue, a princípio, a sua avó, D. Catarina e depois ao Cardial D. Henrique. Em 20 de Janeiro de 1568, tendo completado 14 ânos, assumiu o govêrno da nação. No âno seguinte foi o país assolado por uma terrivel epidemia, que ficou sendo conhecida na História pelo nome de *Epidemia da Peste Grande.*

Sonhando desde os primeiros ânos da sua vida na conquista da Africa, logo que se viu senhor do poder, tratou de empreender essa arriscada aventura, que teve como consequência a derrota das suas tropas, em 4 de Agosto de 1578, nos campos de Alcacer-Kibir, onde êle proprio encontrou a morte, depois de ter combatido com muita bravura.

Os seus supostos restos mortais vieram ânos depois para Portugal, estando depositados na Igreja de Belem.

N.º 4 — 1588 — **Com.ª da destruição da Invencível Armada.** Na orla, entre duas circunferências de pontos e precedida de um florão, a legenda: .DVRVM.EST.CONTRA.STIMVLOS.CALCITRARE.. Na parte de cima do campo, em duas linhas curvas: O.COECAS.HOMINVM.MENTES || O.PECTORA.COECA. O Papa, o Rei de Hespanha, um Cardial, um Bispo e outros altos personagens coroados, ao todo 10, com os olhos vendados, sentados em semi-círculo e com os pés assentes sôbre as aguçadas pontas de ferro de uma *carda.*

℞. — Na orla, entre duas circunferências de pontos e precedida de um florão, a legenda: (T)V.DEVS.MAGNVS.ET.MAGNA.FACIS.TV.SOLVS.DEVS. Na parte de cima do campo, em duas linhas curvas: VENI.VIDE.VIVE. || .1588. Sôbre o mar revolto, uma poderosa esquadra de galeões, alguns dos quais estão a quebrar-se de encontro a um rochedo, que se ergue ao centro.

AR. Diâmetro: 51,5 milimetros. M. b. c. Rara. Tem em cima um orificio que corta a primeira letra da legenda do reverso.

Bibl.: Van Loon, *Histoire Metallique,* I, p. 384 n.º 1 (estampa); *Medallic Illustrations of the history of Great Britain,* I, p. 144, n.º 111 (descrição); *Catálogo das medalhas do Museu Etonológico,* n.º 1 (estampa).

As legendas das orlas são extraídas, com leves alterações, da Biblia, sendo a do anverso, dos *Actos dos Apostolos,* IX-5, e a do reverso, dos *Salmos,* LXXXV-10.

*

Filipe II de Hespanha, 1.º de Portugal, depois da morte de sua segunda mulher, a Rainha Maria de Inglaterra, teve a pretensão de conquistar êste Reino e de se opôr ao desenvolvimento do protestantismo, que ali era patrocinado pela Rainha Isabel. O assassinato de Maria Stuart foi o pretexto de que se serviu o ambicioso e cruel Monarca para a realização do seu projecto.

Organizou para êsse fim uma poderosa esquadra, que denominou *Invencivel Armada*, a qual dificilmente teria sido vencida, se a Providência não tivesse contribuido em parte para a sua destruição.

Com efeito, saída do Porto de Lisboa em 27 de Maio de 1588, logo se dividiu, em consequência do mau tempo, indo alguns navios arribar à Corunha, perdendo se outros. Chegando, por fim, ao Canal da Mancha, alí foi atacada pelos ingleses, que, conseguindo estabelecer o terror na marinhagem, obrigaram muitos navios a fugirem para o mar largo, onde um grande temporal os fez dispersar ou afundar.

N.º 5 — Sem data — **Ded.da à Infanta D. Catarina de Bragança, Rainha de Inglaterra**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: .CAROLVS·II·D·G·MAG·BRIT·FRAN·ET·HIB·REX. Busto de Carlos II, Rei de Inglaterra, vestido com armadura, voltado à direita, com grande cabeleira e corôa de louro que está atada, junto da nuca, com um laço. Sôbre a armadura, em cujo ombro direito está gravada uma cabeça de lião, tem lançado um manto, que envolve o busto e se prende por cima da cabeça de lião. Por baixo desta, no campo, a assinatura: GB. (George Bower).

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: .CATHARINA.D·G·MAG·BRIT·FRAN·ET·HIB·REG. Busto de D. Catarina, voltado à direita, com penteado liso no alto da cabeça e caracois caídos sôbre o pescoço; na parte de trás da cabeça está presa no cabelo uma corôa de cinco pontas, e em volta do pescoço vê-se um colar de pérolas, atado junto da nuca com um laço. Sôbre o vestido, que é decotado, tem um manto, que se prende na frente com um broche.

No bórdo tem impressa em relêvo a seguinte inscrição: SIC·SINE·FINE·DVOS·AMBIAT·VNVS·AMOR.

AR. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Medallic Illustrations, I, p. 482, n.º 93 (descrição); Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina*, fig. 1.ª (estampa).

Segundo o livro *Medallic Illustrations*, *loc. cit.* n.ºs 93 e 94, existem alguns exemplares com o bórdo liso e outros com esta inscrição: HINC PROGENIEM · VIRTVTE · FVTVRAM · EGREGIAM · ET · TOTVM · QVAE · VIRIBVS OCCVPET.ORBEM. Conhecia o autor daquela obra um exemplar que tinha ORBVM em vez de ORBEM.

N.º 6 — Sem data — **Outra dedicada à mesma Infanta.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: CAROLVS.II.DEI.G.MAG.BRI.FRAN.ET.HIB.REX. Busto de Carlos II, voltado à direita, com cabeleira grande e corôa de louro, que está atada, junto da nuca, com um laço. Veste armadura, sôbre a qual tem lançado um manto, que se prende sôbre o ombro direito, onde vagamente se distingue parte de uma cabeça de lião.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: .CATHARINA.D.G.MAG.BRI.FRAN.ET.HIBER.REGINA. Busto de D. Catarina, voltado à direita, com a cabeça adornada de pérolas, e dois caracois caídos para um e outro lado do pescoço. Sôbre o vestido, que é decotado e muito simples e que se prende sôbre o ombro direito com um broche, tem lançado um manto tambem simples e leve.

AR. Diâmetro: 43 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, *ob. cit.*, II, p. 471, n.º 1 (estampa); *Medallic Illustrations*, I, p. 489, n.º 111 (descrição); Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina*, fig. 2.ª (estampa).

Segundo o livro *Medallic Illustrations*, *loc. cit.*, esta medalha foi feita por John Roettier, por ocasião do casamento de D. Catarina, e é talvez o célebre *Golden medal*, visto ter-se cunhado em ouro, comemorado em verso por Waller. Os cunhos estão no Museu Britânico.

N.º 7 — Sem data — **Variante da medalha antecedente.** O anverso é igual ao reverso da medalha antecedente.

℞. — Na orla, a legenda: PIETATE (do lado esquerdo) INSIGNIS

(do lado direito). Imagem de Santa Catarina, de frente e de pé, a segurar com a mão esquerda os copos de uma espada que tem a ponta apoiada no chão, e a sustentar com a mão direita uma palma. Sôbre a cabeça projectam-se raios de luz, que rompem por entre nuvens. Tem vestido e manto lisos. Aos pés, que estão descálços, vê-se a roda quebrada que serviu para o seu martírio. Ao fundo, ergue-se, do lado direito, uma montanha sôbre a qual se divisa uma ermida. O chão é coberto de ervas, vendo se à esquerda, junto da roda, um tronco velho caído e um arbusto.

AR. Diâmetro: 43 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Hist. Gen. IV tábua FF (estampa); *Med. Ill.* I, p. 490, n.º 113 (descrição); Lopes Fernandes, n.º 18. Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina,* fig. 3.ª (estampa).

Há uma variante desta medalha que tem na legenda do anverso, HIB... em vez de HIBER, e no busto três caracois caídos para trás no pescoço. *Med. Ill.* I, 490, n.º 112.

N.º 8 — Sem data — **Outra dedicada à mesma Infanta.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: CAROLVS·II·D·G·MAG·—BRIT·FRAN·ET·HIB·REX. Busto de Carlos II, voltado à direita, sem vestuário, com cabeleira, e corôa de louro que se prende com um laço, junto da nuca. No exergo, um monograma formado com as letras J. R., assinatura do gravador John Roettier.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: CATHER·D·G·MAG·BRIT·—FRAN ET·HIB REGINA. Busto de D. Catarina, voltado à direita, com vestido muito simples, decotado e preso sôbre o ombro direito com um broche. Tem o cabelo atado atrás e dois caracois caídos para as costas.

AR. Diâmetro: 35 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, *ob. cit.* II, p. 471, n.º 2 (estampa); *Hist. Gen.* IV tábua FF, n.º 3 (estampa); Lopes Fernandes, n.º 20 (estampa); Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina,* fig. 4.ª (estampa). *Med. Ill.* I, p. 489, n.º 110.

Existe uma variante sem assinatura do gravador e com um só caracol caído para as costas do busto (*Med. Ill.* I, p. 488, n.º 109).

N.º 9 — Sem data — **Outra dedicada à mesma Infanta.** Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo: .CAROLVS.II. ET . CATHARINA . DG . MAG — BRIT . FR . ET . HIB REX . ET . REGINA. Bustos conjugados de Carlos II e de D. Catarina, voltados à direita. O busto do Rei, que está no primeiro plano, tem cabeleira grande e o pescoço nu, o da Rainha, que se vê só em parte, tem um leve vestuário.

℞. — Na orla, em cima, a legenda: MAIESTAS ET AMOR. Espessa nuvem na qual estão sentados: do lado esquerdo, Venus, nua e com o Cupido às costas, e do lado direito, Jupiter, nu da cintura para cima, com barbas e cabelos compridos e a segurar um feixe de raios com a mão esquerda, que está apoiada numa aguia. Cada uma das figuras estende à outra a sua mão direita.

AR. Diâmetro: 27 milímetros. B. c. Não é comum.

Bibl.: Med. Ill., I p. 481, n.º 92 (descrição); Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina*, fig. 5.ª (estampa).

Parece que esta medalha foi gravada por George Bower. Existe uma variante em que as figuras do reverso estão em posições contrárias, isto é, Jupiter do lado esquerdo e Venus do direito.

Esta variante vem estampada em Van Loon, *ob. cit.*, II, p. 471, n.º 3, e descrita no livro *Medallic Illustrations*, I, p. 481, n.º 91, onde tambem se diz que a legenda *Majestas et Amor* é extraída de Ovidio, *Metamorphoses*, livro II, 846.

N.º 10 — Sem data — **Outra dedicada à mesma Infanta.** Na orla, em baixo, a legenda: PACE TRIVMPHANS. Busto de Carlos II, voltado à esquerda, com cabeleira grande, corôa Rial, manto e colar da Ordem da Jarreteira. No campo, do lado esquerdo, a letra C (Carolus), e do lado direito, R (Rex), ambas encimadas por corôas Riais. Em tôrno da orla, cercadura ornamental.

℞. — Na orla, em cima, a legenda: FVTVRI . SPES . Busto de D. Catarina, voltado à esquerda, com parte do cabelo penteado em espiral e caído para as costas, e outra parte saliente na parte posterior da cabeça, onde se prende uma corôa com cinco bicos. No vestido, que é decotado, vêem-se em cima tres florões. No campo, em frente do busto, está colocada uma corôa Rial. Em tôrno da orla, cercadura ornamental. Esta medalha costuma

ter uma argola para se suspender. A do nosso exemplar partiu-se, deixando, porêm, vestígios de ter existido.

AR. Tem forma oval, medindo o eixo maior 32 milímetros e o menor 27,5. B. c. Não é comum.

Bibl.: Med. Ill., I, p. 483, n.º 96 (descrição); Lamas, *Medalhas, dedicadas à Infanta D. Catarina*, fig. 6.ª (estampa).

Julga o autor do livro *Medallic Illustrations* que estas medalhas se vendiam pelas ruas, por ocasião do casamento de D. Catarina. São muito toscas.

As seis precedentes medalhas podem considerar-se comemorativas do casamento de D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra, existindo muitas outras referentes ao mesmo facto, que ainda não lográmos obter. No livro, já citado, *Medallic Illustrations*, descrevem-se nada menos de 28. A série, de que fazem parte exemplares de ouro, que ainda aparecem, é, pois, dificil de completar e muito dispendiosa. A mais completa que conhecemos, em colecções particulares, é a que pertence ao Sr. Conde dos Olivais e de Penha Longa.

Outras medalhas se fizeram em Inglaterra, alusivas tambem a D. Catarina, sem comtudo comemorarem o seu casamento. Temos uma delas, que a seguir descrevemos.

N.º 11 — 1670 — Alusiva à expansão colonial da Inglaterra. Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: CAROLVS·ET·CATHARINA·REX·ET·REGINA. Bustos conjugados dos dois Soberanos, voltados à direita. O busto do Rei, que aparece no primeiro plano, tem o pescoço nu e cabeleira caída para as costas; está vestido com uma armadura rica, que tem vários ornatos, entre os quais sobresáe, na frente, uma cabeça de lião. O busto da Rainha figura no segundo plano, bastante encoberto com o do Rei.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em cima e é precedida de uma cruz: DIFFVSVS·IN·ORBE·BRITANNVS·1670. Globo terrestre, onde se vêem gravadas as diversas partes em que êle se divide e a linha do equador.

AR. — Diâmetro: 43 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Hist. Gen., tábua FF, n.º 2 (estampa); Lopes Fernandes, n.º 19 (estampa); *Med. Ill.*, I, p. 546, n.º 203 (descrição);

Lamas: *Medalhas dedicadas à Infanta D. Catarina*, fig. 7.ª (estampa).

Alude esta medalha à expansão colonial da Inglaterra, para a qual contribuiu em parte o dote de D. Catarina. Foi feita por John Roettier.

Nas estampas publicadas na *Hist. Genealógica* e na obra de Lopes Fernandes, notam-se entre outros os seguintes êrros: os VV foram alterados para UU e a palavra BRITANNVS foi substituida por BRITANICUS.

*

A Infanta D. Catarina de Bragança, era filha de D. João IV. Nasceu em Vila Viçosa a 25 de Novembro de 1638, dia de Santa Catarina, sendo-lhe por isso dado êste nome. Em 1656 recebeu, por doação do Rei, seu Pai, numerosas terras e, pouco tempo depois, serviu de instrumento da nossa política, que por essa ocasião estava bastante agitada, pretendendo-se por meio do seu casamento assegurar o trono de D. Afonso VI. Neste sentido muito trabalhou a Rainha D. Luisa de Gusmão, depois da morte de D. João IV, que faleceu em 6 de Novembro de 1656.

Depois de algumas tentativas malogradas, foi por fim ajustado o casamento com o Rei Carlos II de Inglaterra, por meio de um tratado celebrado entre as duas nações em 23 de Junho de 1661, no qual se estipulou que o dote de D. Catarina seria de 800 contos de réis e as cidades de Tanger e Bombaim.

Em 23 de Abril de 1662, D. Catarina embarcou no Terreiro do Paço, para bordo da nau *Great Charles*, seguindo para Inglaterra no dia 25 acompanhada de uma esquadra inglêsa de 20 navios, comandada pelo Conde de Sandwich.

Alguns dias depois da sua chegada a Portsmouth, celebrou-se o casamento com grande aparato, em 31 de Maio de 1662, realisando-se a entrada soléne dos Soberanos em Londres, a 3 de Setembro seguinte.

Poucos anos depois da morte do marido, que faleceu a 16 de Fevereiro de 1685, voltou D. Catarina para Lisboa aonde chegou no dia 20 de Janeiro de 1693, tendo feito a viagem por terra, e aqui continuou sempre a receber do govêrno inglês a pensão anual de 30:000 libras.

Residiu, a princípio, no palácio de Alcantara e, por último no da Bemposta, por ela mandado construir.

Em Maio de 1704, quando D. Pedro teve de partir para a Beira, para combater o exercito de Berwick, foi-lhe entregue a Regência do Reino, que novamente assumiu durante a perigosa enfermidade de que foi atacado El-Rei seu irmão.

Em 31 de Dezembro de 1705 faleceu D. Catarina, no seu palácio da Bemposta, vítima de uma cólica, com 67 anos de idade, sendo o seu corpo depositado na Igreja de Belem, donde modernamente o transferiram para S. Vicente de Fóra. (1)

N.º 12 — 1703 — **Com.va da vinda do Arquiduque Carlos, de Austria para Hespanha.** (Guerra da sucessão de Hespanha). Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: CAROLVS · III · D · G REX HISPAN · ARCH · AVST. Busto do Arquiduque, voltado à direita, com grande cabeleira e vestido com rica armadura. Ao pescoço tem pendente o colar da Ordem do Tosão de ouro. No corte do braço a assinatura: P. H. M. (Philipp Heinrich Müller).

℞. — No arco superior da orla, a legenda: NON INDEBITA POSCO REGNA MEIS FATIS, que é extraída de Vergilio, *Eneida*, liv. VI-66 67. No exergo, que está separado por friso, em quatro linhas horisontais: A PATR · ET · FRAT · A · A · || CESSION · FACTA · XII · || SEPT · HISP · PETIT · || 1703. O Arquiduque, vestido de guerreiro romano, desembarca de uma galeota que tem a popa alta e ornamentada, e caminha para a esquerda, sôbre uma ponte que liga aquela com a terra firme. Tem os braços estendidos e com êles segura um escudo e uma espada, em atitude de protecção, por cima da cabeça da *Hespanha*, a qual se vé representada por uma mulher vestida à antiga, e que está sentada no chão, junto do escudo das suas armas e de um coelho, simbolo da timidez.

O Arquiduque vem acompanhado de Marte, que tráz espetado na lança um saióte de armadura, e da Justiça, que conduz a competente balança, os quais se conservam ainda dentro da galeota.

Por detrás da *Hespanha*, vê-se um guerreiro caído e um outro a fugir, o qual tem o capacete encimado por um galo e leva, metido no braço, o escudo da França.

Æ. Diâmetro: 42,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, *ob. cit.* IV, p. 402. Existem exemplares que têm no bordo a seguinte inscrição: AVSPICIBVS QVE DIIS TANTI

(1) Para a biografia de D. Catarina, vid. Conde de Sabugosa, *Donas de tempos idos*, p. 235 e segs.; *Archivo Pittoresco*, tomo XI; Benevides, *Rainhas de Portugal*, II, p. 89; e *História Genealógica da Casa Real*, tomo VII, p. 281 e tomo IV das Provas, pag. 820 e 827.

COGNOMINIS HÆRES OMINE SVSCIPIAT, QVO PATER, ORBIS ONVS e há tambem uma variante que tem o busto de frente (Van Loon, IV, 403).

N.º 13 — 1703 — **Outra comemorativa do mesmo facto.** No arco superior da orla, a legenda: PARCERE · SVBIECTIS · ET · DEBELLARE · SVPERBOS, extraída de Vergilio, *Eneida*, liv. VI, 853. No exergo, que está separado por friso, a data: CIϽIϽCCIII. Globo terrestre com as palavras HISP · [ania] e LVSIT · [ania] gravadas e colocado sôbre o mar, entre dois grupos de navios de guerra, que têm as velas entufadas e bandeiras desfraldadas nos mastros.

Por cima, paira uma aguia grande, de asas abertas e a despejar uma cornucopia, que ela segura com a garra direita, sôbre a parte do globo que tem inscrito HISP[ANIA]. Com a outra garra sustenta uma espada e no bico tem preso um raminho de oliveira.

℞. — Em quatorze linhas horizontais, a inscrição: FELICI · ADVENTVI || CAROLI · III · || HISPANIARVM · REGIS || QVVM · PROEECTIONEM · (sic) MARITIMAM || E · BATAVIAE · ORIS · DEO · AVSPICE || ET · VENTIS · SECVNDIS · SVSCIPERET · IN || LVSITANIAM · VT · DEBITVM · SIBI || SOLIVM · HISPANIAE · FOEDERATORVM || ARMIS · AC · CONSILIIS · AIDVTVS || VIRTVTE · DVCE · AC · VITRICE || IVSTITIA SIBI · VINDICARET || ATQVE · PROFLIGATO · HOSTE || BONIS · AVIBVS || CONSCENDERET.

AR. Diâmetro: 49 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, *ob. cit.* IV, p. 406, n.º 1 (estampa); Bento Morganti, *Nummismalogia*, 1.ª parte, p. 21 (estampa); Lopes Fernandes, n.º 22 (estampa).

N.º 14 — 1703 — **Outra comemorativa do mesmo facto.** Na orla, a legenda, que começa em baixo do lado esquerdo e é interrompida no exergo: CAROLVS · III · HISPANIAR · INDIAR · REX · CATHOL. No exergo, a assinatura: I · BOSKAM · F. Cabeça do Arquiduque, voltada à direita, laureada e com grande cabeleira.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: LIBERATOR · ET · ULTOR. No exergo, em quatro linhas, CAROL · III · HISPAN · REX || BRITAN · BATAV · Q · CLAS · || IN LUSIT PROFICISC · || MDCCIII. Pode-

rosa esquadra de galeões, com bandeiras desfraldadas e velas entufadas, sôbre a qual paira uma aguia de azas abertas e a segurar um ramo de oliveira, com o bico e um feixe de raios, com as garras.

AR. Diâmetro: 44 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, IV, p. 406, n.º 2 (estampa), *Med. Ill.* II, p. 251, n.º 42 (descrição).

*

Com a morte de Carlos II, que faleceu sem descendencia em 1 de Novembro de 1700, a corôa de Hespanha, em virtude de disposição testamentária dêste Monarca, passou para seu sobrinho, Filipe de França, Duque de Anjou, que foi aclamado em Madrid com o título de Filipe V. Não agradando tal escolha a varias nações da Europa, por lhes não convir o aumento de poderio da Familia Bourbon, à qual Filipe V pertencia, por ser neto de Luis XIV, formaram entre si uma *Grande Aliança*, em que entraram a Suecia, a Saboia, a Holanda e a Inglaterra, com o fim de tirarem o trono àquele e colocar em sem lugar o Arquiduque Carlos de Austria, segundo filho do Imperador Leopoldo I, o qual logo tomou o título de Carlos III.

Por exigência da Inglaterra, sendo as negociações feitas pelos célebres Methwen, D. Pedro II, de Portugal, que a princípio se comprometera a defender a Hespanha e a França sua aliada, rompeu bruscamente os tratados que nesse sentido havia feito e entrou tambem para a *Grande Aliança*, por meio do tratado de 16 de Maio de 1703, no qual se estipulou, entre outras disposições, que o Arquiduque viesse para Portugal a fim de, mais prontamente, poder entrar em Hespanha, na primeira oportunidade. Com efeito, em 12 de Setembro de 1703, saíu o pretendente Carlos, de Austria para Inglaterra, de onde duas esquadras reunidas, uma inglesa, outra holandesa, comandadas pelo almirante Roock, o conduziram para Lisboa, onde chegou a 7 de Março de 1704, sendo aqui recebido por D. Pedro II com honras de Rei e excepcionais provas de atenção. Neste mesmo ano Berwick, que comandava o exercito inimigo franco-hespanhol, invadiu a Provincia da Beira, e D. Pedro II, deixando a regência do Reino entregue a sua irmã a Rainha de Inglaterra, D. Catarina de Bragança, foi ao encontro dêle para o repelir. Pouco tempo depois seguiu o Arquiduque o mesmo caminho, na esperança de poder logo entrar em Hespanha; mas não o tendo conseguido, voltaram ambos para Lisboa, indo o Arquiduque residir para o Palacio de Belem, então propriedade

do Conde de Aveiras, e ali se conservou até 23 de Junho de 1705 em que embarcou para ir para Barcelona.

As derrotas sofridas pelos aliados em Almanza, Vila Viciosa e outras, que não compensaram as vitórias por êles alcançadas em Barcelona, Madrid, Saragoça e outras, para as quais muito concorreram os heroicos esforços dos generais portuguêses, Marquês das Minas e Conde da Ribeira, e ainda o facto de o Arquiduque ter sido chamado a suceder no trono de Austria, obrigaram os aliados a tratarem da paz, para o que se reuniu um Congresso em Utrecht, no ano de 1713, do qual resultou o reconhecimento de Filipe V, como Rei de Hespanha.

Portugal, que pouco mais obteve do que a restituição da colónia do Sacramento, fez os seus tratados de paz, com a França, a 11 de Abril de 1713 e com a Hespanha em 6 de Fevereiro de 1715. (1)

Durante o desenrolar desta perniciosa guerra, deram-se muitos episódios notaveis que ficaram comemorados por medalhas, as quais, mais ou menos directamente interessam a Portugal. Os artistas aguardavam com avidez as noticias vindas dos campos de batalha e, logo que tinham conhecimento de algum facto importante, tratavam imediatamente de o registar no metal, enaltecendo-o ou satirisando-o, conforme as suas paixões políticas.

Entre os vários medalheiros que dêsse trabalho se ocuparam, tornou-se notavel Cristiano Wermuth, gravador da Casa da Moeda de Gotha, que montou uma oficina em sua propria casa no ano de 1699, na qual se trabalhou activamente durante o período da guerra.

Para se comemorar o 25.º aniversário da paz de Utrecht, cunhou-se uma medalha, que adiante se descreve no lugar competente. Na secção dos *contos* e *senhas*, tambem adiante descrevemos algumas peças referentes ao mesmo facto, entre as quais se destacam umas muito interessantes, conhecidas por medalhas do Conde da Ribeira.

As duas que a seguir vão descritas ainda se relacionam com a Guerra da Sucessão de Hespanha.

N.º 15 — Sem data — **Ded.da a D. Pedro II.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: PETRUS.II.D.G.PORTUGAL.REX. Busto de D. Pedro II, voltado à direita, laureado, com grande

(1) De uma nota do livro: *Guia histórico do Viajante no Bussaco*, do Sr. Dr. Augusto Mendes Simões de Castro, 3.ª edição, p. 124, consta que na Biblioteca da Universidade existe um manuscrito (n.º 601), intitulado: Relação da chegada do Archiduque Carlos de Austria a esta côrte de Lisboa em o dia 7 de março de 1704, escripta pelo Duque de Cadaval D. Nuno Alvares Pereira.

cabeleira e vestido com armadura, e manto que se prende sôbre o ombro. Junto do corte do braço a assinatura: CIL (Chistoph Iacob Leherr?)

℞. — Na orla, a legenda: SIC·SE NOVISSE·IUVABIT. No campo, dois sóis, um dos quais aparece com todo o brilho e o outro obscurecido por uma densa nuvem. A estas duas figuras chama Lopes Fernandes, *ob. cit.* p. 19, «o sol e um globo entre nuvens» e Aragão, *Descrição das moedas*, II, p. 42 (estampa), «o sol e a lua.»

AR. Diâmetro: 17,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Parece que esta medalha faz parte de uma série feita nas oficinas de Wermuth, como observa Lopes Fernandes. No entanto, nenhuns elementos pudémos ainda obter para a sua história, nem mesmo o catálogo das obras de Wermuth, por êste publicado.

N.º 16 — 1708 — **Com.va do Casamento de D. João V.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: IOH·V·DG·REX·PORT·&·ALG. Busto de D. João V, voltado à direita e com grande cabeleira.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: MAR·ANNA·D·G·PORT·REG. No exergo, a data, mal gravada e um pouco confusa: 1708. Busto de D. Mariana, voltado à direita e com leve manto sôbre os ombros. Na parte posterior da cabeça tem uma corôa Rial.

AR. Diâmetro: 14,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Van Loon, *ob. cit.* V, p. 96 (estampa com o diâmetro um pouco maior do que o do nosso exemplar).

Esta medalha é evidentemente de origem estrangeira.

*

O casamento de D. João V com D. Mariana de Austria, irmã do Arquiduque Carlos, pretendente ao trono de Hespanha, realizou-se em Viena a 9 de Julho de 1708, por procuração, e em Lisboa, a 27 de Outubro seguinte, por palavras de presente, tendo sido muito festejado em ambas as côrtes.

Foram as conveniências políticas que determinaram a escolha desta Princesa para consorte do Rei de Portugal, por se supôr que o Arquiduque ficasse a governar em Hespanha.

E' para admirar que para comemoração do casamento de um Soberano que tanto amava o fausto e a grandeza, apenas se cunhasse uma medalha de módulo tão reduzido.

N.º 17. — 1716. — **Ded.ᵈᵃ a D. João V.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: IOANNES V·D·G· — PORTUGAL ET·ALG·REX. No exergo, a assinatura: RÖG FEC.

Busto de D. João V, voltado á direita, laureado, com cabeleira e vestido com armadura rica, sôbre a qual está lançado um manto, que se prende sôbre o ombro direito, de onde pendem cinco franjas que têm gravadas as quinas e castelos das armas portuguêsas.

℞ — No arco superior da orla, a legenda, que é extraída de um verso de Martial (1): ET LATET, ET LUCET. No exergo, que está limitado por um friso, a data: MDCCXVI.

Sôbre o friso que separa o exergo, um segmento da esfera terrestre, com a Europa, a Asia e parte da Africa, desenhadas.

Por cima o sol, a emitir fortes raios luminosos que irrompem por detrás de uma nuvem muita espessa que o encobre. No campo, de cada lado da esfera, ha uma nuvemzinha.

No bordo tem gravado um punção, seguido da palavra CUIVRE, o que indica que a cunhagem se fez na Casa da Moeda de Paris.

Æ. Diâmetro: 70,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 28 (estampa).

Os primitivos exemplares desta medalha são rarissimos e já o eram no tempo em que Bouch publicou o seu *Prospecto*, como nêste se declara. Quasi todos os exemplares conhecidos foram cunhados depois do tempo de Napoleão III, visto terem gravado no bordo a indicação do metal de que são feitos, em obediência a uma lei que só nessa epoca se publicou.

Por uma saliência que se nota no reverso, junto da nuvemzinha do lado esquerdo, depreende-se que o respectivo cunho está quebrado, e,

(1) Liv. IV, *epigr.* n.º 32, vol. I, p. 352 da edição de Friedlaender, Leipzig, 1886. Vid. tambem Picinello, *Mundus symbolicus*, tradução latina de Augustino Erath, tomo II, p. 27, cap. XIV, e tomo I, p. 31.

por isso, não será facil aplical-o, caso ainda exista, na cunhagem de mais exemplares.

Não se sabe o motivo porque o gravador norueguês Rög cunhou esta medalha; mas pode supôr-se que êle a tivesse dedicado a D. João V como simples homenagem particular, quando foi convidado para vir trabalhar para Lisboa ([1]).

N.º 18 — 1717 — Com.va do Combate naval com os Turcos. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: IOANNES·V·REX — PORTVG·ET·ALGARB.

Busto de D. João V, cujo tronco está completamente voltado para a direita e a cabeça só a 3/4, com cabeleira grande, encaracolada, e vestido com armadura.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: QVA·DATA·PORTA·IVVAT. No exergo, que está limitado por friso, em quatro linhas horizontais: FVSIS·FVGATISQVE·TVRCIS ‖ LVSIT·CLASSIS·SVBSID· ‖ AD·TÆNARVM·P· (promontorium) ‖ 1717. Navio de guerra antigo, com as velas enfunadas e a bandeira portuguesa desfraldada na popa, a navegar entre duas colunas que estão colocadas junto de dois rochedos muito altos.

Æ. Diâmetro: 48,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Hist Gen. IV, tábua GG, n.º 3 (estampa); Francisco Xavier da Silva: *Elogio funebre de D. João V*, p. 230 (descrição); Lopes Fernandes, n.º 30 (estampa).

Esta medalha foi feita em Roma.

Na Casa da Moeda de Lisboa tambem se cunhou uma outra, comemorativa do mesmo facto, que é muito rara. Vid. *Hist. Gen.* IV, tábua GG, n.º 2; Aragão, II, p. 69, nota 2; e Lopes Fernandes, n.º 29.

Na *Bib. Nac.* (secção de ms. n.º 426, fl. 24), existe uma folha de papel, manuscrita, com letra do seculo 18, que talvez se relacione com esta medalha. E' escrita em italiano e contem vários «*Pensieri per la Meda-»glia di S. Maesta di Portogallo.*»

([1]) Vid. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. Roeg, Michael.

*

Receando que a Ilha de Corfú caísse em poder dos turcos, que já se havíam apoderado da Morêa, Clemente XI pediu socorro a D. João V, que prontamente lhe enviou uma esquadra, a qual saíu do porto de Lisboa em 5 de Julho de 1716, sob o comando do Conde do Rio Grande, Lopo Furtado de Mendonça, dirigindo-se primeiramente a Leorne, a fim de aí receber ordens daquele Pontifice.

Chegando, porêm, a Corfú, como os turcos tivessem levantado o cêrco à Ilha e os ventos contrários impedissem que ela se reunisse às esquadras de Veneza, do Papa e de outras nações, teve de recolher a Portugal sem ter combatido, entrando no Tejo a 25 Novembro do mesmo ano.

No ano seguinte, tendo os turcos atacado novamente os cristãos, foi outra vez a esquadra portuguesa prestar o seu auxílio a êstes, saindo de Lisboa em 28 de Abril de 1717, para se reunir em Corfú com as esquadras aliadas.

Deu-se o encontro com as forças inimigas em 19 de Julho de 1717, junto do Cabo de Matapan. Ao aproximar-se a esquadra turca, bastante poderosa, os navios portuguêses, com dois de Malta e uma fragata veneziana, formaram em linha de combate, conseguindo assim resistir ao ataque de 16 navios turcos, desde as 8 horas da manhã até ás 5 da tarde. Por fim, o Conde de S. Vicente, imediato da esquadra, auxiliado pelo Conde do Rio Grande e por Pedro de Sousa de Castelo Branco, rompendo a linha do inimigo, atacou êste, tão violentamente, que o obrigou a fugir, com grandes perdas.

A 6 de Novembro seguinte, entrou a esquadra portuguesa no Tejo, com bastantes avarias (1).

N.º 19 — 1720. — Com.va da Instituição da Academia Rial da Historia. No arco superior da orla, a legenda: IOANNES.V.LUSITANORUM.REX. No exergo, que não está limitado por friso, a assinatura: A.MENGIN.

Busto de D. João V, voltado à esquerda, laureado, com grande cabeleira, e vestido com armadura rica, e manto de arminhos que se prende com um broche de pedras preciosas, sobre o ombro esquerdo, no qual está gravada uma cabeça de lião.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: «.HISTORIA.RESURGES. No exergo, que está limitado por friso, em tres linhas

(1) *Hist. Gen.* VIII, p. 214 e segs. Elogio funebre de D. João V, p. 119 e segs.

horizontais: REG . ACAD . HIST . LVSIT . || INSTIT . VI . ID . DEC . || CIϽIϽCCXX.

D. João V, voltado à esquerda, de pé, laureado, com grande cabeleira, e vestido com armadura e manto de arminhos, cuja extremidade arrasta pelo chão; com a mão esquerda, que está junto da cintura, sustenta uma préga do manto e o scetro e com a outra mão segura a da *Historia*, que na frente dêle está representada por uma mulher descalça, com os braços nus e vestida com simplicidade, a qual tem o joelho direito firmado no chão e está a segurar com a mão direita uma pena, para escrever num papel que se vê por detrás dela, junto do pé.

Está em atitude de se levantar com o auxílio da mão do Soberano.

AR. Diâmetro: 49,5 milimetros. M. b. c. Muito rara. Tem em cima um pequeno orifício.

Bibl.: Hist. Gen. IV, tábua GG, n.º 1 (estampa); Lopes Fernandes, n.º 31 (estampa); Lamas: *Medalha comemorativa da Instituição da Acad. Rial da Hist.* (estampa); *Panorama*, t. IV (1840), p. 29-31 (descrição e noticia a respeito da Academia).

Esta medalha foi cunhada na Casa da Moeda de Lisboa, com autorização de D. João V, como consta do seguinte Aviso (1):

«Reg.to de hum Aviso do Secretario de Estado e ordem do Vedor da »faz.da, e desp.o desta Caza p.a q. nella se lavrem medalhas de ouro e prata »com o retrato de S. Mag.de q. Ds. g.de

»S. Mag.de q. Ds. g.de he Servido q. V. Ex. mande cunhar na Caza da »moeda huma medalha feita com o retrato de S. Mag.de por occazião da »instituição da Academia Real da Historia Portugueza, e que se lavrem »de ouro doze, e de prata cento e vinte q. se entregarão a An.o Rebello »da Fonseca das quais nos dará conta e assim a despeza dos metais, e »do lavor como a dos cunhos, e do official q. os esculpe as.im conforme »o seu ajuste se deve pagar o trabalho de os gravar tudo se satisfaça »pello thezr.o da Caza ficando nella os cunhos p.a se puderem lavrar mais

(1) Arquivo da Casa da Moeda, livro II do Registo Geral (1687 a 1723), fl. 264 v. Tivemos conhecimento da existencia deste Aviso por uma nota inédita do dr. Teixeira de Aragão, lançada à margem do exemplar da obra de Lopes Fernandes que lhe pertencia, e que hoje está em poder do nosso amigo, D. Fernando de Almeida.

»medalhas semelhantes quando S. Mag.[de] assim o ordenar, e conservará »tambem o thezr.º algumas medalhas já feitas p.ª o cazo em q. S. Mag.[de] »as queira em breve tempo, e quando estas se gastarem se fabricarão logo »outras p.ª q. sempre se achem promptas quando S. Mag. as quizer. »Ds. g.[de] a V. Ex.ª. Paço a tres de outubro de mil sette centos e vinte e hum. »P.[l] Marques de Frontr.ª Diogo de Mendonsa Corte Real». (Seguem-se os despachos do Vedor da Fazenda e do Provedor).

A determinação Régia foi cumprida, pois que ainda hoje existem na Casa da Moeda os seguintes ferros:

1) Punção com o retrato de D. João V, que serviu para o cunho do anverso.

2) Cunho do anverso, assinado pelo gravador.

3) Punção com as figuras do reverso levemente variadas das que estão na medalha, sendo a variante mais notavel a ausência do scetro na mão do Rei.

4) Outro punção com as figuras do reverso, no qual está o scetro, mas falta a parte do manto que fica pendente do braço que o Monarca tem estendido. Não obstante esta circunstância, parece que foi êste o que serviu, pois que, alêm de se ajustar no cunho com que se bateu a medalha, era costume antigamente, segundo nos informou pessoa competente, deixarem-se os punções incompletos, e gravar-se depois no próprio cunho o que faltasse.

5) Matriz dêste último punção.

6) Um cunho do reverso, em bom estado e no qual se ajusta a nossa medalha.

7) Outro cunho do reverso, quebrado, que varía do antecedente nas dimensões das letras das legendas. Cremos que fosse inutilizado intencionalmente, por conter uma imperfeição notavel: a data do exergo não se ajustava ao centro, ficava mais desviada para o lado da figura da *História*, de modo que, para se corrigir esse defeito, foi preenchido um pequeno espaço que restava do outro lado, com dois arabescos, sem graça nem simetria.

Os cunhos que serviram para bater a medalha devem, pois, ser os que vão indicados sob os n.[os] 2 e 6.

O autor da medalha foi o 1.º gravador da Casa da Moeda, Antonio Mengin.

Dos livros de registos da Academia consta que a ideia de se cunhar a medalha partiu do Marquês de Abrantes. Assim, na junta dos censores, que teve lugar em 20 de Agosto de 1721, disse ele o seguinte: «Como

»lhe tocava fazer (1) as medalhas achava preciso que se fizesse huma »para se publicar na Academia (2) dos annos de El-Rey visto que o tempo »não permitia que fosse na de sette de setembro, e que El-Rey se agra- »dava muito disto e que se fizesse de prata para os Academicos, e de »ouro para El-Rey, e que elle Marquês daria conta do que ella havia »conter que devia ser sobre a instituição da Academia (3).»

Vê-se desta acta que havia intenção de se entregar a medalha a El-Rei na sessão de 7 de Setembro, a qual deveria realizar-se no Paço, por ser o dia do aniversário da Rainha. A falta de tempo determinou, porém, o adiamento da entrega, que se fez na conferência do dia dos anos do Soberano, em 22 de Outubro de 1721.

Realizou-se esta solenidade no Paço, com a magnificência própria da época. A Familia Rial sentou-se em rico trono, coberto com docel, e as damas, os oficiais e o resto da côrte, acomodaram-se nos seus respectivos lugares. Para os académicos havia um recinto reservado, dentro da teia.

Findo o beija-mão, o Marquês de Abrantes, na sua qualidade de director, em discurso laudatório, dirigiu ao Monarca as felicitações pelo seu aniversário natalício, e em seguida, pela ordem alfabética dos nomes, vários académicos leram os seus trabalhos. Coube o primeiro lugar a Martinho de Mendonça de Pina e de Proença, seguindo-se-lhe depois o P.e Fr. Miguel de St.a Maria, Fr. Pedro Monteiro e o P.e D. Rafael Bluteau.

Por último, tornou a falar o Marquês de Abrantes que começou o seu discurso por oferecer a D. João V a medalha comemorativa da instituição da Academia, dizendo o seguinte: «Offerece Senhor a V. Mag.de esta »Real Academia a sua primeira Medalha, é nella da parte principal figu- »rado o decorozo aspecto de V. Mag.de com o gloriozo titulo do seu »Augusto nome nestes termos: *Joannes V Lusitanorum Rex*.

»Da outra parte da Medalha se reprezenta V. Mag.de em pé revestido »da Real purpura, dando a mão ao simulacro, ou figura da Historia, para »que se levante, com tão soberano arrimo do abatido estado, em que de »muitos tempos a esta parte jazia, dizendo-lhe a inscripção: *Historia* »*Resurges*.

»E na parte inferior se lê notado o tempo, em q. V. Mag.de creou esta »Academia: *Regia Academia Historiae Lusitanae instituta VI Idus* »*decembris* CIƆIƆCCXX. Medalha semelhante publicou o senado Romano »em tempo do Emperador Vespasiano, com a differença porem, que a »figura, a quem o Emperador dava a mão, era a de Roma, tanto inferio-

(1) Isto é, estudar.
(2) Isto é, sessão academica.
(3) Bibl. Nacional. Ms. 685, fl. 85.

»res huma e outra, quanto são mais estimaveis o simulacro da Historia, »que o symbolo de Roma, a imagem de V. Mag.de que o retrato de hum »Emperador dos Romanos... ([1])»

Foi o próprio Marquês de Abrantes que se quiz encarregar da escolha do tipo da medalha; mas, para levar a efeito êsse desejo, viu-se obrigado a destruir certas observações, que alguns dos seus colegas lhe fizeram, quando apresentou a primeira prova: da acta da junta dos censôres, de 8 de Outubro de 1721, consta que «o Marquês de Abrantes leo hum »discurço em que convencia de pouco efficazes as duvidas que dous Aca»demicos pozerão á medalha que estava feita, e sojeitando-se a censura »da conferencia se assentou que na medalha proposta se não devia mudar »nada por estar composta com toda a felicidade e acerto» ([2]).

De facto assim era. A medalha continha um bonito pensamento, embora não fosse original.

Do discurso que o Marquês de Abrantes proferiu na presença de D. João V, vê-se que o ilustre academico se inspirou em uma medalha romana, a qual nos não foi difícil conhecer, em virtude dos elementos de que dispomos. Assim, da segunda parte dêsse discurso, deduz-se:

1) que a medalha era do Imperador Vespasiano;

2) que êste dava a mão à figura de Roma, para ajudal-a a levantar-se;

3) que era semelhante à nossa;

4) que foi dedicada ao Imperador pelo Senado Romano.

Ora, procurando no livro de Cohen ([3]) as descrições das medalhas de Vespasiano, aí se encontra uma que contêm todos os elementos acima expostos, sendo por conseguinte essa a que inspirou o Marquês.

Cohen descreve-a assim: «IMP·CAESAR VESPASIANVS AVG·P·M·T·P·P· »P·COS II. Sa tête laurée à droite. ℞. — ROMA RESVRGES· Vespasien lauré »debout, donnant la main à Rome agenouillée qui lui est présentée par »un soldat. F·G·B·».

([1]) A descrição da solenidade, bem como o discurso, encontram-se no livro dos registos das conferências da Academia Rial da Historia, cujo original manuscrito existe na Bibliotéca Nacional, com o n.º 685, fl. 119 v. e segs. O discurso vem na página 124, e é curioso que antes do começo deixaram um espaço em branco, precisamente o necessário para nêle ser desenhada a medalha, em tamanho natural, o que infelizmente não fizeram. Vid. tambem a *Colleçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia*, ordenadas pelo Conde de Villar Maior, tomo I, no capítulo que traz as noticias da Academia .. de 22 de Outubro de 1721. (As páginas dêste livro não estão numeradas).

([2]) *Bib. Nac.* Ms , n.º 685, já citado, fl. 111 v.

([3]) *Description Historique des Monnaies frappées sous l'Empire Romain*, tomo I p. 317, n.º 391.

No exergo tem mais as letras S C. (Senatus Consultus).

A semelhança das legendas dos reversos ainda mais corrobóra o nosso parecer.

Na medalha da Academia foi eliminado o soldado, porque nela não convinha representar senão os dois personagens que lá figuram: o Monarca e a História.

Para melhor se poder fazer o confronto fizémos estampar na *figura n.º 1* uma dessas medalhas romanas, copiada de uma reprodução que dela existe na Bibliotéca Nacional (1).

Na *figura n.º 2*, apresentamos o reverso da mesma ao qual mandámos eliminar o soldado; a semelhança com a medalha da Academia é completa.

Pelo exame que fizémos a uma interessante colecção de desenhos de Vieira Lusitano, que existe na Biblotéca pública de Evora, convencemo-nos de que êste artista não foi extranho à execução da nossa medalha, pois que entre êles aparece o seguinte projecto, que vai reproduzido em tamanho natural na *figura n.º 3:* à direita, um anjo, que sustenta, com a mão esquerda, um livro e coloca, com a outra mão, uma coroa de louro sôbre a cabeça de D. João V, que está de pé sôbre um trono coberto com docel, e vestido de Imperador Romano, com manto. Aos seus pés está ajoelhada a *Academia*, personificada, sôbre cuja cabeça êle estende o manto, com o braço direito. A *Academia* segura um tronquinho com duas romãs (2) e tem por detrás de si muitos livros amontoados. Legenda: MERCES VIRTVTVM, e no exergo: ACADEMIA HISTORIÆ || PROTECTIONE SVSCE || PTA 1720.

Nota-se que esta legenda alterou outra que primitivamente existiu, da qual ainda restam vestigios.

Este desenho a sanguina, apenas esboçado, contêm, em resumo, o pensamento da medalha: *o Rei, de pé, a estender a mão sôbre a cabeça da Academia, que na frente dêle está ajoelhada.*

Conclue-se, assim, que o Marquês de Abrantes, ao pretender adaptar à medalha da Academia o tipo da romana, se dirigiu a um artista de valor, como era Vieira Lusitano (3). Este projecto representa, certamente, o primeiro ensaio que depois sofreu modificação.

---

(1) Ha tambem um exemplar na Bib. da Universidade, que vem descrito no *Catálogo das moedas romanas*, feito pelo sr. Dr. Mendes dos Remedios, p. 59, n.º 79.

(2) A romã simbolisa a união dos academicos, porque êstes devem agrupar-se com tanta ordem como os bagos daquella. É por isso um dos atributos da *Academia*. Vid., por exemplo, Cesare Ripa — *Nova Iconologia*, p. 2.

(3) Como se sabe, Vieira Lusitano foi muito protegido pelo Marquês, que o levou na

Faz parte de um quadro que contêm cinco desenhos, coládos em cartão, dispostos com simetria e adornados de filetes. Na parte superior está ornamentado com os emblemas da pintura, atravessados por uma fita, em que se lê: PENSAMENTOS ORIGINAIS DO INSINGNE (sic) VIEIRA. Tanto a disposição dos desenhos, como a parte ornamental, são obra de um antigo coleccionador.

Na *figura n.º 4* vae reproduzido esse quadro, em tamanho mais pequeno, para que o leitor possa ver o lugar que nele ocupa o projecto (1).

No dia 22 de Outubro de 1722, pelo motivo do aniversario de D. João V, houve nova conferencia no Paço, e «antes que principiasse este acto »mandou o Director, que foi o Marquês de Abrantes, que o Porteiro da »Academia distribuisse pelos Academicos a medalha que tinha composto »na instituição da Academia (2).»

Em um dos citados livros de registos, (3) encontra-se uma outra nota, muito vaga, que diz: «sobre se se hão de dar as estampas da medalha »se mandou que se publiquem sem ordem». Ter-se-hiam publicado estampas da medalha?

No livro das despesas (4) tambem figura a seguinte verba: «0600—Por »dourar hûas medalhas.»

E' possivel que os academicos tivessem usado a medalha ao peito, como insignia, mas nada podemos diser a tal respeito.

Notaremos, finalmente, que a alteração da legenda do reverso para *Historia Resurgens*, em vez de *Resurges*, e a eliminação da assinatura do gravador, tem sido um erro quasi geral de todos os escritores, que fizeram gravar ou descreveram a nossa medalha.

---

sua companhia para Roma, quando para lá foi como embaixador. Havia, pois, entre ambos íntimas relações de amizade.

Vid. o interessante poema: *O Insigne Pintor e Leal Esposo Vieira Lusitano*, pelo próprio Vieira, e *Amores de Vieira Lusitano*, por Julio de Castilho (Visconde de Castilho).

Este esplendido livro contêm preciosas noticias biograficas daquele pintor e fixa várias datas que só puderam ser determinadas à custa de laboriosas investigações. A época em que o projecto da medalha foi feito coincide com a estada de Vieira em Lisboa.

Acerca do ordenado dêste, vid. na Bibliotéca Nacional o ms. n.º 716, fl, 7.

(1) Com respeito aos Desenhos de Vieira Lusitano, vid. Gabriel Pereira: *Estudos Eborenses, fasciculo* que trata *de Exposições de Arte Ornamental, p. 20; e A collecção de desenhos e pinturas da Bibliotheca de Evora em 1884.* A numeração actual dos desenhos já não corresponde á deste ultimo folheto.

(2) *Bib. Nac.* Ms. n.º 686, fl. 306 in fine.

(3) *Ibidem.* Ms. n.º 685, fl. 119 v.

(4) *Ibidem.* Ms. n.º 714, fl. 9.

Estampa A

Fig. n.º 1

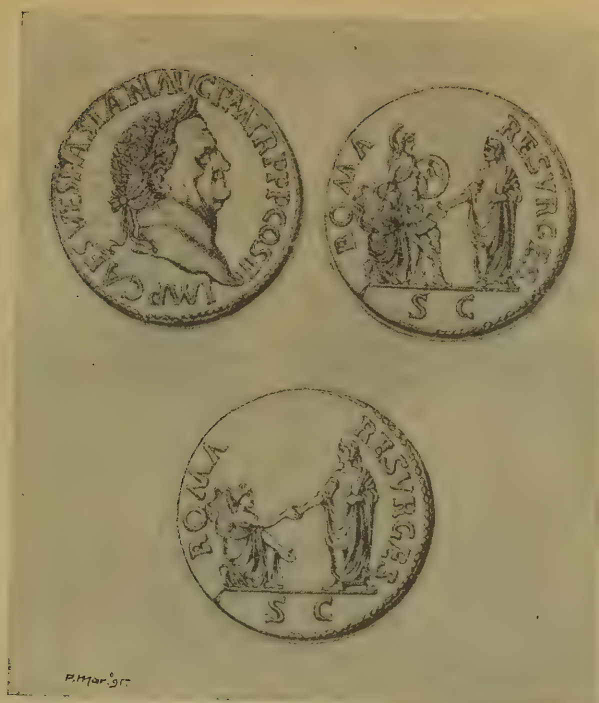


Fig. n.º 2



Fig. n.º 3

Estampa B

Fig. n.º 4

*

A Academia Rial da Historia, uma das mais notaveis agremiações literarias que tem havido em Portugal, foi instituida por D. João V, em 8 de Dezembro de 1720, dia de Nossa Senhora da Conceição, por iniciativa de D. Manuel Caetano de Sousa.

Em 4 de Janeiro de 1721, aprovaram-se os Estatutos por que ela havia de reger-se, nos quais se estabeleceu o seguinte: o numero dos academicos, cuja eleição ficava dependente de confirmação regia, seria de 50; o seu fim era o de escrever a Historia de Portugal, devendo começar pela eclesiastica; todos os anos, a 9 de Dezembro, haveria eleições para os cargos de Director e de Censores; o lugar de Secretario era perpetuo; desde o 1.º de Maio até ao fim de Setembro, aos Domingos, de quinze em quinze dias, pelas 4 horas da tarde, haveria sessões geraes, podendo alem dessas os censores realizarem com o director as que quizessem; para auxiliarem os academicos haveria oficiais e escreventes em numero suficiente; nos dias dos aniversarios do Rei e da Rainha, realizar-se-hiam, no Paço, conferencias literarias.

D. João V, como protector da Academia, dotou-a com uma renda anual de um conto de reis, mandou vir do estrangeiro tipografos e gravadores, isentou as obras por ela publicadas de licença do Desembargo do Paço, assistiu a muitas conferências e pôs ao dispor dos academicos todos os arquivos do Reino. Por Decreto de 14 de Agosto de 1721, proíbiu que se destrüissem quaisquer documentos de interesse para a Historia, não sendo esquecidas as moedas nem as medalhas.

Esta notavel Adecamia se não cumpriu á risca o seu programa, não deixou, por isso, de prestar relevantes serviços à Historia do nosso País, produzindo numerosas obras de vulto, que ocupam um lugar de honra na bibliografia portuguesa.

A' Medalhistica tambem ela prestou assinalados serviços por ter iniciado, como já dissemos, o estudo desta especialidade em Portugal.

N.º 20 — 1721 — Com.va do projectado casamento de Luis XV, Rei de França, com a Infanta de Hespanha, depois Rainha de Portugal, D. Mariana Vitória. No arco superior da orla, a legenda: LUD·XV FR·ET NAV·REX.:.MAR·ANN·VICT·HISP·INF· No exergo, que está limitado por friso, em duas linhas horizontais: LUDOVICI MAGNI || PRONEPOTES. Bustos de fronte, de Luis XV, que está do lado esquerdo e vestido com armadura,

e da Infanta, que tem um vestido decotado. No córte do braço do Rei, a assinatura: I·BLANC. (Jean Le Blanc).

℞. — No arco superior da orla, a legenda: PIGNUS TRANQUILLITATIS PUBLICÆ. No exergo, que está limitado por friso: M·DCC·XXI. No campo, do lado direito, em baixo, a assinatura: D·V. (Duvivier). O Himeneu, voltado à esquerda, com ásas e facho sôbre uma nuvem, conduz a pequena Infanta, que está vestida com traje de côrte, e aperta a mão da *França*, que na frente dela está representada por uma mulher bastante alta, vestida à antiga, com manto e corôa e que tem por detrás de si um escudo com trés flores de lis (armas da França), flores que tambem matisam o manto. Êste exemplar não tem marca nenhuma gravada no bordo, concluindo-se por isso que foi cunhado antes do tempo de Napoleão III.

Æ. Diâmetro: 41 milimetros. M. b. c.

Bibl.: Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire, p. 216, n.º 31 (descrição).

N.º 21 — 1722 — Com.va da entrada da mesma Infanta em Paris. Anverso igual ao da medalha antecedente.

℞. — Na orla, em cima, a legenda: FEL·ADVENT·MAR·ANN·VICT·HISP·REG FIL. No exergo, que está limitado por friso, em duas linhas horizontais: LUTETIÆ [1] II MART· ‖ M·DCC·XXII. No friso que separa o exergo, a assinatura I·B. (Jean Le Blanc). Carro triunfal, escoltado por três cavaleiros e puxado por quatro cavalos, que conduz a Infanta para um arco de triunfo que se ergue do lado direito. Por cima dela, vê-se o Himeneu voando nos ares. Bordo, liso.

Æ. Diâmetro: 41 milimetros. M. b. c.

Bibl.: Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire, p. 216, n.º 33 (descrição) [2].

Apesar de se conservarem no Museu Monetário da Casa da Moeda de

(1) Antigo nome da cidade de Paris.

(2) Nêste mesmo livro, p. 253, n.º 16º vem indicada uma medalha comemorativa das festas dadas no *Hotel de Ville* em honra da Infanta e na *Revue Numismatique*, quatrième serie, tome 18, pag. XV vem reproduzida uma outra, que comemóra os festejos que se realizaram em Madrid, para solenizar o projectado casamento de Luiz XV com a Infanta.

Paris, parece que os cunhos destas duas últimas medalhas não estão em estado de servirem, porque não os vemos apontados no Catálogo: *Médailles en vente à la Monnaie de Paris.*

*

No âno de 1721 ajustou se oficialmente o casamento da Infanta de Hespanha, D. Mariana Vitória, a qual apenas contava 3 anos de idade pois que havia nascido em 1718, com o Rei de França, Luis XV, que tinha 11 anos, e resolveu-se, tambem, envial-a para Paris, a fim de ali ser convenientemente educada para o alto cargo que lhe destinavam.

A Infanta chegou a estar durante alguns mêses em Paris, onde fez a sua entrada soléne no âno de 1722; mas, por fim, tendo o governo francês resolvido desfazer o projectado casamento, por conveniências politicas e intrigas da côrte, em que tomou parte muito activa o Cardial Dubois (1), voltou para Madrid.

Alguns anos depois, foi D. Mariana Vitória Rainha de Portugal, por ter casado com El-Rei D. José, quando êste era ainda Principe do Brasil, em 1728.

N.º 22 — 1725 — **Ded.da a Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena, Grão Mestre da Ordem de Malta. Reprodução galvanoplástica**

Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo, F.D.AN·MANOEL—DE.VILHENA. MM· (Magister Maximus). Na orla, em baixo, do lado esquerdo, a data: MDCCXXV. Busto de D. Antonio de Vilhena, voltado à direita, com grande cabeleira e vestido com uma armadura que tem gravada, no peito, uma cruz da Ordem de Malta, e do lado direito, junto do braço, um lião rompante, que é um dos simbolos das Armas dos Manueis.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: TERRAQ·MARIQVE· No exergo, em duas linhas, a legenda: FORTES·CREANTVR· ‖ FORTIBVS., extraída de Horacio, Lib. IV, ode IV.

No primeiro plano, ao centro, um guerreiro antigo, de pé, com capacete, e com uma cruz de Malta gravada no peito; com a mão direita, empunha uma espada e com a outra segura um escudo que contêm um dos simbolos das armas dos Vilhenas: duas mãos a segurarem espadas e presas a dois coutos de águias.

(1) Vid. *Memoires Complets et authentiques* du Duc de Saint-Simon, edição Hachette-1858, vol. 19, cap. X.

Aos pés do guerreiro vê-se um lião rompante, que faz parte das armas dos Manueis, e várias armas, e do lado direito, duas tábulas, estando em uma délas gravada uma corôa de louro e na outra a palavra: ÆTERNITAS, rodeada de uma serpente que tem a cauda metida na boca (simbolo da Eternidade).

No segundo plano, avista-se o mar, no qual flutua, do lado direito, um navio de guerra antigo com as velas enfunadas e quatro bandeiras nos mastros.

No lado esquerdo, ao fundo, ergue-se um forte, com duas bandeiras, sôbre o qual se lê, na orla, a palavra: MANOEL.

Æ. Diâmetro: 95 milimetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 129 (estampa); *A Arte*, (Revista ilustrada que se publicou em Lisboa no ano de 1879), p. 164-166 (estampa); Furse: *Mémoirs Numismatiques de l'Ordre Souverain de Saint Jean de Jérusalem*, p. 349-350, (estampa); Canon H. Calleja Schembri, D. D.: *Coins and Medals of The Knights of Malta*, p. 208, estampa 13.

N.º 23 — 1736 — **Outra dedicada ao mesmo personagem.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: F.D.AN.MANOEL—DE VILHENA.M.M. Busto de Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena, voltado à direita, com grande cabeleira e vestido com armadura, que tem gravada no peito uma Cruz da Ordem de Malta.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: GRATI. EQVITIS. — MONVMENTVM. No exergo, a data: MDCCXXXVI. Estátua pedestre de D. Antonio de Vilhena, assente num pedestal simples que tem quatro degraus na base. Na estátua está D. Antonio de Vilhena vestido de Grão Mestre da Ordem de Malta, com a competente cruz gravada no peito; tem cabeleira grande e manto. Com a mão direita segura um rolo de papel.

Æ fundido. Dourada. Diâmetro: 82 milimetros. M. b. c. Muito rara. Em cima tem um orificio.

Bibl.: Lamas: *Uma Medalha de Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena... inedita no livro de Furse* (estampa); Canon H. Calleja Schembri, D. D.: *Coins and Medals of the Knights of Malta*, p. 209, estampa 14.

Esta medalha, que é extremamente rara, relaciona-se com a estátua levantada em honra de Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena [1], em Malta, a qual esteve primitivamente colocada no Forte «Manuel» e se encontra actualmente em Floriana, para onde a mudaram em 1887. Quando se fez essa mudança encontrou-se nos alicerces da estátua um exemplar desta medalha juntamente com um outro da que anteriormente descrevemos [2].

*

Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena foi um dos quatro portuguêses que ocuparam o alto cargo de Grão-Mestre da Ordem do Hospital de São João de Jerusalem, vulgarmente designada por Ordem de Malta [3]. Nasceu em Lisboa, no ano de 1663, sendo filho dos Condes de Vila-Flor, D. Sancho Manuel e D. Ana de Noronha [4]. Entrou muito novo para a Ordem, começando logo no principio da sua carreira militar a dar provas de valor.

Um dos primeiros lugares graduados que alcançou foi o de comandante das galés, da esquadra que partiu para a conquista da Morêa. A pedido de D. Pedro II, foi agraciado pelo Papa Inocêncio XII com a Gran-Cruz da Ordem, como consta do *Breve Annuimus perlibenter*, de 10 de Outubro de 1964 [5]. Depois de atingir os mais altos lugares, foi por fim

---

(1) *Annales Historiques de l'Ordre Souverain de S.t Jean de Jerusalem*, Saint Petersbourg, 1799, pp. 4-5.

(2) Schembri: *ob. cit*, p. 209.

(3) Os outros tres foram: *D. Afonso de Portugal*, filho ilegitimo de D. Afonso Henriques, que foi eleito em Margate e governou pouco tempo, por ter abdicado (1194-1195); *Luis Mendes de Vasconcelos*, eleito aos 80 anos de idade. Apenas governou seis mêses (1622-1623) *D. Manuel Pinto da Fonseca*, que exerceu o lugar com distinção (1741-1773).

(4) D. Antonio Caetano de Sousa: *Memórias históricas e Genealogicas dos Grandes de Portugal*, p. 623-626.

(5) Encontrámos êste *Breve*, que a seguir transcrevêmos, no Arquivo da Torre do Tombo (*Breves, maço:* 42, n.º 9):

«INNOCENTIUS P. P. XII

»Carissime in Xpõ fili noster salutem, et Aplicam Benedictionem. — Annuimus perlibenter »filialibus Maiestatis tuae precibus conferendo Dilecto filio equiti Antonio Manoel ordinis »Hierosolymitani Magnam Crucem; nihil enim gratius accidere nobis potest opportunitatibus, »testatum re ipsa faciendi, quo apud nos in pretio sint officia tua. Venerabilis frater Georgius »Archiepiscopus Rhodiensis noster apud Te Nuncius sensus hac de re nostros fusius expli»cabit Maiestat. tuae, cui laeta cuncta faustaq. à Deo impensè. precamur, ac Aplicam »Bened.nem amantissimè impertimur. Data Romae apud stãm Mariam Maiorem sub Annulo »Piscatoris die x octobris MDCXCIV. Poñtus nostri Anno Quarto. = *Marius Spinula*».

Nas costas deste documento, está escrito o endereço nestes termos:

«Carissimo in Xpõ filio nostro Petro Portugalie et Algarbior. Regi (Ill.i ?)».

Como informação do seu conteudo tem mais o seguinte: «Breve do Papa Innocencio XII «q. principia *Annuimus perlibenter* pela qual certifica a El Rey D. Pedro II de haver feito «Gram Crus da Ordem de Malta a D. Antonio Manoel de Vilhena, por quem o mesmo Rey «lhe havia suplicado. Dado em Roma a 10 de outubro de 1694».

eleito Grão-Mestre, em 19 de Junho de 1722, por unanimidade de votos, em recompensa dos seus serviços e por ter profundos conhecimentos dos negócios da Ordem.

Nos primeiros anos do seu governo, foi a ilha de Malta atacada por 10 navios turcos, comandados por Abdi Pachá. Vilhena, depois de os repelir, houve-se com tal diplomacía, que conseguiu fazer com a Turquia um tratado de paz, do qual resultaram gerais benefícios.

Desembaraçado de tão poderoso inimigo, empregou a sua marinha em proteger os navios mercantes no Mediterraneo, livrando os assim dos continuos ataques dos piratas africanos.

Por ocasião do casamento de D. José com D. Mariana Vitória, enviou a Portugal o embaixador Fr. Venceslau, Conde de Harrach, que fez a sua entrada pública em Lisboa no dia 22 de Outubro de 1728 [1].

Junto da cidade de La Valette edificou um bairro, que ficou sendo conhecido por *Bairro de Vilhena*, onde fez edificar asilos para velhos dos dois sexos.

Para defesa do porto Marsamuscetto e do respectivo lazareto, construiu na margem oposta à da cidadela, um importante *forte*, a que se poz tambem um dos seus nomes — Manuel — cujas peças foram oferecidas por D. João V. A êste forte se alude na penultima medalha que descrevemos.

Fr. D. Antonio Manuel de Vilhena, tendo exercido o governo da Ordem durante 14 anos, faleceu em 12 de Dezembro de 1736, ficando sepultado em sumptuoso túmulo de bronze, na Catedral de S. João, em Malta, numa capela do lado da Epistola [2].

Usando dos direitos de Soberania inerentes à Ordem, D. Antonio de Vilhena tambem cunhou moedas em seu nome, como o haviam feito os seus antecessores. Foi durante o seu governo que o sistema monetário de Malta sofreu alteração.

Alêm das que descrevemos, existem outras medalhas referentes a D. Antonio de Vilhena as quais vêem estampadas e descritas nos livros de Furse e de Schembri, já citados, onde tambem se encontram outras relativas a Fr. D. Manuel Pinto da Fonseca. No Cabinet des Médailles de Paris existe uma medalha dedicada ao Grão Mestre Luis Mendes de Vasconcelos, que aqueles dois autores não apontaram nas suas obras, e que foi por nós descrita e estampada no nosso trabalho: *Portugal no Cabinet des Médailles de Paris.*

---

(1) Francisco Xavier da Silva: *Elogio funebre e historico de D. João V.*, p. 261.

(2) Joaquim H. da Cunha Rivara: *De Lisboa a Gôa*, etc. p. 12; J. A. Pimenta: *Datas memoraveis*, artigo publicado no *Correio da Noite*, de 28 de Maio de 1909, que contêm uma bastante desenvolvida, de Vilhena.

N.º 24 — 1738 — **Com.va do 25.º aniversário da paz de Utrecht.** Na orla, em cima e à direita, a legenda: V·LUSTR: FŒD: BELG: PACE STABIL: No exergo, em duas linhas: XI·APRIL· || MDCCXXXVIII. No friso que separa o exergo, a assinatura: N·V·SWINDEREN·F. (Esta última letra, que é a abreviatura de Fecit, está bastante afastada da assinatura do gravador). A *Paz*, personificada, vestida à antiga, descalça, sentada nos degraus do Templo de Jano, que se ergue do lado esquerdo, impede que as portas dêste se abram (1), impelindo-as por baixo com a parte inferior de uma lança, que ela segura com a mão direita, e que está ornamentada na ponta, com um barrete frigio e dois ramos, um de palmeira, outro de oliveira. A mesma figura pisa com o pé direito, que está descalço, uma espada e dois estandartes e, com a mão esquerda, ampára umas tábulas nas quais se lê a palavra: EU || AN || GE || LI || UM. Junto dela está deitado um lião, coroado, e a segurar um feixe de setas; um pouco mais afastado, jaz, prostrado, o deus *Marte*, representado por um guerreiro antigo, com capacete e escudo, o qual tem as mãos presas por detrás das costas e os pés ligados por uma corrente de ferro, que se prende no chão. Por cima vôa a *Fama*, em direcção ao Templo, a qual sopra em duas tubas, ornamentadas com bandeiras que têem gravadas as seguintes inscrições: IUBI || LATE || XXV. O Templo, do qual apenas se vê a frontaria, está encimado pela cabeça bifronte do deus a quem é dedicado.

℞.— Na orla, a legenda, que se interrompe em cima, começa do lado direito, e está escrita sôbre uma fita: ORBIS CHRISTIAN: QUIETE INTER SE COMPOSITA· Armas da Austria, da França, da Hespanha, da Inglaterra, de Portugal, da Dinamarca e da Polonia, em escudos ovais, coroados, simetricamente dispostos e suspensos de várias fitas, que se enlaçam e formam uma espécie de rêde no campo da medalha.

AR. Diâmetro: 56 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Med. Ill. II, p. 525, n.º 85 (descrição); Schulman: *Pax in Nummis*, apud catálogo da *Collection Le Maistre:* n.º 514 (descrição).

Esta medalha foi feita na Holanda, para comemorar o 25.º aniversário da paz de Utrecht.

(1) O Templo de Jano, em Roma, tinha as portas abertas durante a guerra e fechadas em tempo de paz.

N.º 25 — 1755 — Com.^va do grande terremoto de Lisboa. No arco superior da orla, a legenda: TERRÆ MOTVVM VI· D·i·NOV· MDCCLV. Ao centro, a *Cidade de Lisboa*, representada por uma mulher, coroada de torres, nua da cintura para cima, voltada à esquerda e sentada num terreno acidentado em que ha algumas ervas e plantas, olha aterrada para um rochedo, que se ergue ao fundo, do lado esquerdo, do qual saem por dois sitios, em cima e na base, linguas de fogo, raios e fumo; tem a mão direita aberta e colocada em frente do peito, em atitude de querer afastar o perigo, e a esquerda apoiada num caduceu e numa urna que derrama agua, na qual está inscrita a palavra TAGVS. (Simbolisa o rio Tejo, em latim Tagus). Em frente da *Cidade*, está colocado ao alto um escudo que tem gravado um navio. (Armas da Cidade de Lisboa).

Em baixo, veem-se mais duas chamas a brotarem de uma brecha, no terreno.

℞.—No campo, em cima, escrita numa fita, a legenda: LISBONA. No exergo, que está separado por friso, a assinatura do gravador: HOLTZHEY·FEC. Vista do rio Tejo e ao fundo a da Cidade de Lisboa, como ela era antes do terremoto. No primeiro plano, estão em linha tres navios grandes, com as velas armadas, tendo o do lado esquerdo desfraldada a bandeira holandesa, o do centro a inglesa, e o da direita a hespanhola. No rio veem-se ainda mais dois navios grandes, tres barcos de vela pequenos e um escaler.

AR. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 39 (estampa); *Med. Ill.* II, p. 678, n.º 393 (descrição).

Para socorrer as vitimas do terremoto, a Inglaterra, a Holanda e a Hespanha, enviaram ao Tejo navios com mantimentos; a esse socorro se alude no reverso da medalha. A vista da cidade que figura tambem na mesma face, deve ser copiada de alguma gravura holandesa da época.

N.º 26 — 1755 — Outra, comemorativa do mesmo facto. No arco superior da orla, a legenda: ERDBEBEN HIN UND WIEDER. MARCI. 13. No campo, em cima: LISABON. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas: UNTERGANGEN AM TAG || ALLERHEILIGEN || 1755. Vista da cidade de Lisboa, a desmoronar-se e a arder.

℞.—No arco superior da orla, a legenda: DIE WASSERWOGEN WERDEN BRAUSEN. Vista do mar agitado, com um navio de vela, ao centro, e outro ao fundo, do lado esquerdo. Á direita ergue-se um farol e por cima, no campo, nuvens.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 40 (estampa).

N.º 27 — 1755 — **Outra, comemorativa do mesmo facto.** No arco superior da orla, a legenda: ERDE STADT VND MENSCHEN BEBEN. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas: LISSABON DAS || SCHICKSAL || RVHRT. Sôbre o friso: A. 1755.—D·I NOV. Vista de mar e ao fundo a da cidade de Lisboa (talvez imaginária). Do lado direito, um segmento de um globo, atravessado por uma foice, sôbre o qual está agáchado e firmado com o pé direito, o *Tempo*, representado por um velho de barbas, voltado à esquerda, aládo, nu e com uma fita pendurada no corpo; tem a mão direita estendida e a segurar uma ampulheta e a esquerda aberta e erguida, em atitude de impôr moderação a uma força invisivel, que naturalmente é a do *Destino*.

℞.—Nos arcos de cima e do lado direito da orla, a legenda: SCHAV WAS GLEICHE WIRKVNG FVHRT. No exergo, que está separado por friso, a assinatura: P·H·G (Paul Heinrich Gœdecke).

Figura de um homem, de pé, voltado à esquerda, com saióte, e mangas arregaçadas, a segurar com a mão esquerda, que está descaída, uma foicezinha, e a apontar com a outra mão para uma planta florida que está colocada sôbre um plinto, dentro de um vaso.

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c. Rara.

Existem duas variantes desta medalha, que vêem indicadas no catálogo da colecção de Meili, publicado por Schulman, sob os n.os 2881 e 2882.

N.º 28 — 1755-1756 — **Outra, comemorativa do mesmo facto.** No arco superior da orla, a legenda: HAEC FACIES LISBONAE NOBIS MIRANDA. No exergo, que está separado por friso, em quatro linhas horizontais: TREMENDA TERRARVM || CONCVSSIONE || CAL. NOV·A·MDCCLV || PERCVLSAE. No friso, do lado direito, a assina-

tura: LOOS·F. Vista do rio Tejo e, ao fundo a da cidade de Lisboa, como ela era antes do terremoto. A meio do rio ha uma séta, voltada à esquerda, para indicar a direcção da corrente. No lado esquerdo, junto da orla, vê-se um navio de vela.

℞.—No arco superior da orla, a legenda: MISERA MALORVM SOCIETATE. No exergo, que não está separado por friso, a data: MDCCLVI. Circunferência de nuvens a envolver um globo terrestre, que tem inscrito: EUROPA ‖ AFRICA, nos pontos em que estas divisões da terra estão desenhadas.

AR. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 41.

Esta medalha deve ter sido feita na cidade de Magdeburg, na Alemanha, porque foi ali que, na respectiva casa da moeda, trabalhou o seu autor, Daniel Friedrich Loos, como gravador, desde 1756 até 1767 (1).

Alem de comemorar o terremoto de Lisboa, alude esta medalha a outras calamidades que houve na Europa e na Africa no ano seguinte, 1756, e que foram, entre outras, novos terremotos, guerras, inundações na Holanda, etc.

As letras mais salientes da legenda do anverso, dispostas noutra ordem, formam a data MDCCLIIII, cuja significação não é facil de explicar, por não coincidir com a data do terremoto.

N.º 29 — 1755-1757 — **Outra, comemorativa do mesmo facto.** No arco superior da orla, a legenda: SCHRECKLICHES ERDBEBEN. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas horizontais: ZV LISSABON· ‖ D 1·NOV·1755· ‖ 1756. Vista do rio Tejo sobre o qual navega o deus Nétuno, a empunhar o seu tridente, com o corpo voltado á esquerda, montado numa baleia e a fugir da cidade de Lisboa, que, a desmoronar-se e a arder, se avista ao fundo. No campo, em cima, uma nuvem.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: KRIEGS GEFAHR DARNEBEN. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas horizontais: HAT SICH DIESE ‖ ZEIT BEGEBEN ‖ A.º 1757.

No friso, do lado esquerdo, a assinatura: P·H·G· (Paul Heinrich Gœdecke). Amontoado de troféus e armas de guerra, sôbre o qual paira o *Tempo*, representado por um velho de barbas,

(1) Forrer; *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. Loos, Daniel Friedrich.

voltado á esquerda, aládo e a segurar com a mão direita uma foice que está apoiada no ombro. Sôbre a cabeça tem uma ampulheta.

AR. Diâmetro: 40 milímetros. Está um pouco gasta e tem em cima um orificio.

Esta curiosa medalha não só comemóra os terremotos de Lisboa de 1755 e de 1756, como tambem alude ao perigo da guerra que, pouco tempo depois, veiu juntar-se áquela desgraça. A guerra que então começou (1757) foi a de *Sete anos*.

N.º 30 — Sem data — **Outra, comemorativa do mesmo facto**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: IOSEPHUS·I·D·G·REX PORTUG·ET ALG· No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: I·G· MÖRIKOFER·F· Busto de D. José, voltado à esquerda, laureado, com cabeleira grande, gola de fôlhos, armadura, e manto, que se prende sôbre o ombro esquerdo. No peito, junto da gola, vê-se, com o auxílio da lente, uma cara de velho.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: DEVS VLTOR ET TVTOR. O exergo, que está separado por friso, não tem inscrição. Do lado direito, a Lusitania, representada por uma mulher vestida com leves roupagens, coroada de torres, de pé, numa praia, com o corpo de frente e a cabeça voltada á esquerda, pisa um guerreiro antigo, o deus Marte; com a mão esquerda, segura um escudo oval com as armas portuguesas, que está apoiado no chão, e com a outra aponta para a cidade de Lisboa, para onde tambem olha, a qual, a desmoronar-se e por detrás do rio Tejo, se avista ao fundo, do lado esquerdo. No lado direito ergue-se um monte, encimado por uma arvore. No campo, aos lados da figura, veem-se duas nuvemzinhas.

Æ. Diâmetro: 34 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Esta medalha não tem data nem indicação do motivo porque foi cunhada; mas não resta duvida que ela alude ao terremoto de Lisboa de 1755, por ter a vista da cidade a desmoronar-se. E' de origem estrangeira.

A submissão do deus Marte e o dizer-se na legenda que Deus não só foi *ultor* como tambem *tutor*, dão, porêm, a entender que ela se refere,

além daquele facto, a qualquer outro posterior, como póde ser, por exemplo, a vitória alcançada em 1762 pelos portugueses na guerra com os hespanhoes.

*

No dia 1 de Novembro de 1755 sentiu-se um pavoroso terremoto em grande parte da Europa, da Asia, da Africa e da America, cuja maior intensidade incidiu sobre Portugal, especialmente sobre Lisboa, onde os efeitos foram terriveis, como póde calcular-se pelas narrações de pessoas que presenciaram tão estranho fenomeno.

Na capital do Reino festejava-se tranquila e despreocupadamente, e com o habitual explendor, o dia de todos os Santos. Cerca das nove horas e quarenta minutos da manhã, ouviu-se um prolongado ruido subterrâneo e, logo a seguir, sentiu-se um violento abalo da terra, que daí a instantes se repetiu com maior violência e que durou alguns minutos.

De repente, toda a cidade ficou envolvida em densa nuvem de pó, causada pelo desabar dos edificios — tão densa que chegava a encobrir a luz do sol, — e os habitantes, subitamente atacados de pavor, de susto ou de loucura, começaram a fugir sem destino, ou a correr com desespero; alguns caíam, outros morriam debaixo das casas que abatiam desordenadamente e dos Templos, que se achavam repletos de fieis. A terra, de vez em quando, tremia de novo e, por isso, algumas paredes que tinham resistido aos primeiros sacões, desmoronavam-se pouco a pouco, matando a quem apanhavam.

A ideia da fuga para o mar acudiu a muitos desgraçados; mas, chegando á praia, tiveram de retroceder em vertiginosa carreira, porque as ondas, tendo aumentado de volume a ponto de parecerem enormes montanhas, entrando pela cidade, tudo arrasavam, tudo destruiam.

A confusão e o desalento eram indescritiveis! E, como se isto não bastasse, manifestou-se tambem o incendio em alguns palacios e casas, que foi lavrando pouco a pouco e que, por fim, converteu a cidade toda em enorme braseiro. Pratas, joias, livrarias e outras riquezas, acumuladas durante séculos em casas fidalgas, ficou tudo, num instante, consumido e devorado pelas chamas. Assim foi destruido o Paço da Ribeira residência da Familia Rial, escapando esta, por acaso, por se achar no palacio de Belem.

Serenados os primeiros terrores, começou o exodo para os arredores da cidade, onde se armaram barracas de campanha, porque ninguem queria viver debaixo de telha. Durante a noite o espetáculo tomou um aspecto ainda mais sinistro. Do alto da Cotovia (hoje Praça do Principe

Rial), e de outros pontos elevados, aonde muita gente se acolheu, causava horror a vista da cidade, envolvida pelas labaredas e rolos de fumo. O povo, aterrado, implorava a Misericordia Divina, entoando em coro o *Bemdito*, o *Miserere*, a *Ladainha* e outras orações (1). De espaço a espaço ouviam-se gemidos e gritos ou a voz de algum ferido ou moribundo, que, de entre os escombros, pedia socorro. A esses desgraçados acudiam os frades e outras pessoas caridosas. No meio de toda esta tragedia, bandos de malfeitores, alguns fugidos das prisões, aproveitavam-se da ocasião para matar e roubar!

Não é possivel saber-se o numero exacto das pessoas que pereceram em consequência desta catástrofe; mas, segundo o parecer de Moreira de Mendonça, (2) êsse número não é superior a 10000. Quasi toda a cidade, principalmente a baixa, ficou destruida. Durante muito tempo sentiram-se, de vez em quando, varios outros tremores de terra, tendo sido alguns deles bastante violentos.

Tratando de *enterrar os mortos e de cuidar dos vivos*, Sebastião José de Carvalho e Melo, ministro de D. José, empregou sábias e energicas providências, que evitaram a peste, a fome e o roubo (3).

N.º 31 — 1760 — **Com.va do atentado contra a vida de El-Rei D. José e da fundação da Igreja de Nossa Senhora do Livramento.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida no exergo: A · PERICULIS · CUNCTIS · LIBERA · NOS. Imagem de Nossa Senhora do Livramento, de frente, com corôa rial e manto, de pé sôbre uma nuvem e a sustentar, no braço esquerdo, o Menino Jesus, que tambem tem corôa; com o outro braço, que está estendido, suspende uma parte do manto. A seus pés está colocada a imagem de S. José, voltada à esquerda, em atitude de devoção, com o joelho direito firmado na nuvem e com o competente bordão florido apoiado no ombro. Tem as mãos abertas, estando a direita sôbre o peito e a esquerda descaída ao longo do corpo.

℟. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: ACCEPTI · BENEFICII · HOC · POSUIT · MONUMENTUM. No exergo, que está separado por friso,

(1) Jacome Ratton: *Recordações*, p. 26.

(2) *Historia Universal dos Terremotos*, p. 113 e segs.

(3) Amador Patricio de Lisboa: *Memorias das principaes providencias, que se derão no terremoto, de 1755.*

em duas linhas, a data: ANNO·DOMINI || MDCCLX. Vista exterior da Igreja.

AR. Diâmetro: 45 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Fr. Claudio da Conceição: *Gabinete Historico*, XIV, p. 43 da 2.ª edição (descrição); Lopes Fernandes, n.º 42 (estampa).

N.º 32 — **Outro exemplar**, igual ao antecedente, em relação ao tipo e ao metal, mas com 38 milímetros de diâmetro. M. b. c. Raro.

N.º 33 — **Outra, comemorativa do mesmo facto.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: IOSEPHUS·I·PORT·—ET·ALGARB·REX. No exergo, que está limitado por uma espécie de mesa, recurvada na frente, numa linha curva, a data: ANN·REGNI·SUI·X. Armas Riais portuguesas da época, cujas ornamentações são diferentes em cada um dos lados e formam em baixo uma curva, voltada para a esquerda.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: IN·HONOREM·B·V·M·LIBERATRICIS·ET S·IOSEPH·FUN. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas: BETHLEM·AN·DOM || MDCCLX. Planta da Igreja.

AR. Diâmetro: 45 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Fr. Claudio da Conceição: *loc. cit.* na medalha antecedente (descrição); Lopes Fernandes, n.º 43 (estampa).

Existe ainda uma outra medalha, que não possuimos, referente ao mesmo assunto. Tem no anverso o busto de D. José com a legenda em volta, e no reverso uma inscrição. Vid. Lopes Fernandes, n.º 44.

Todas estas medalhas são hoje extremamente raras, e por isso supomos que Lopes Fernandes se enganou dizendo que elas eram muito vulgares, confundindo-as, talvez, com as da Igreja da Estrela.

A cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa aonde se conservam os cunhos bem como o seguinte Aviso que lhes diz respeito [1]:

---

[1] Citado pelo Dr. Teixeira de Aragão, ob. cit. II, p. 93-94, nota n.º 5. *Arquivo da Casa da Moeda*, livro IX do *registo geral*, (1759 a 1774), fl. 39 v.

«Sua Mag.e he Servido que V.m.ce faça pronto ao Abridor Antonio »Mangim p.a fazer as medalhas que S. M. tem Ordenado dando V. m.ce »Ordem ao Ferreiro da Caza p.a que os faça na forma que o Abridor lhe »mandar. Deos guarde a V. m.cê Paço 23 de Mayo de 1760. Fran.co Xavier »de Mendonça Furtado. Snr. Prov.or da Caza da Moeda».

Apesar de o encarregarem oficialmente de fazer as medalhas, consta que Antonio Mengin delegou parte do trabalho, se é que não foi todo, em seu filho e discipulo, Paulo Aureliano Mengin (2). O que é certo é que a assinatura do pai só figura no anverso da medalha que não possuimos, assinatura que, por descuido, Lopes Fernandes, eliminou na estampa que publicou na sua obra.

Estas medalhas formam uma série que, para estar completa, deve conter, segundo cremos, exemplares de ouro, de prata e de cobre, com dois módulos e três tipos diversos.

*

Depois do terremoto de 1755, a Familia Rial Portuguesa foi residir para uma grande barraca de madeira, que se construiu no alto da Ajuda, de onde El-Rei D. José costumava saír ás vezes de noite, ocultamente, acompanhado do seu fiel amigo e criado, Pedro Teixeira. Na noite de 3 de Setembro de 1758, deu El-Rei um dêsses passeios, e, quando regressava a palácio, no momento em que a sége que o conduzia transpunha a porta da Quinta, chamada *Porta do Meio*, alguem disparou contra êle três tiros de bacamarte, dos quais dois o atingiram no braço direito. Pouco antes, um outro tiro havia sido dirigido ao cocheiro.

Sentindo-se ferido, ordenou D. José que a sége retrocedesse, para o conduzir a casa do cirurgião-mór, que morava na Junqueira, livrando-se assim de um terceiro grupo de conspiradores, que mais adiante o esperava. Antes de receber curativo, confessou-se e depois de pensado, voltou para o palácio da Ajuda, entregando daí a dias a regência do Reino a sua Esposa a Rainha D. Mariana Vitória.

Durante os tres meses que durou o curativo guardou-se rigoroso segredo do acontecimento, fazendo-se constar que a doença de El-Rei provinha de uma quéda, e na ante-câmara Rial, Sebastião José de Carvalho e Melo, recebia e informava, amavelmente, os altos personagens da côrte, incluindo aquêles que êle julgava implicados no atentado, ácerca da marcha da doença. Em 9 de Dezembro, porêm, achando-se o Monarca livre

(2) Bispo-Conde: *Lista de alguns artistas*, p. 57.

de perigo, apareceu um edital em que se dava conhecimento ao público da verdadeira causa da doença, e um decreto que ordenava a prisão dos culpados. Por outro decreto da mesma data criou-se tambem o *Tribunal da Inconfidência*, que, reunindo-se em 12 de Janeiro de 1759, condenou à morte, como autores ou cumplices da conspiração, o Duque de Aveiro, o Marquês de Tavora, pai, a Marquesa de Tavora, mãi, o Marquês de Tavora, filho, um irmão dêste, José Maria, o Conde de Atouguia, Antonio Alvares Ferreira, guarda-roupa do Duque, José Policarpo de Azevedo, que conseguiu fugir, Manuel Alvares Ferreira, Braz José Romeiro, e João Miguel. No dia seguinte, 13 de Janeiro, executou-se a sentença, em Belem, tendo sido infligidas aos supliciados horriveis torturas. Foi um acto de excessiva vingança e crueldade, que a Historia condena, e que nunca deixará de manchar de negro a memória do Marquês de Pombal que o ordenou.

Em acção de graças, por não ter morrido em consequência dêste atentado, mandou El-Rei D. José construir uma Igreja, dedicada a Nossa Senhora do Livramento e a S. José, em Belem, proximo da Ajuda, crê-se que no mesmo local aonde aquêle foi cometido. A cerimónia da benção da cruz e a do lançamento da primeira pedra dêste monumento, que vulgarmente é conhecido por *Igreja da Memória*, realizaram-se com grande aparato, tendo-se para êsse fim construido um enorme barracão de madeira, ricamente ornamentado com belos veludos e panos de Arrás.

A 2 de Setembro de 1760 benzeu-se a cruz, solénemente, na presença da Familia Rial, do alto clero e da nobreza, e no dia seguinte, aniversário do atentado, laçou-se a primeira pedra, com a mesma assistência e igual aparato.

Depois de várias cerimónias, foi a pedra colocada sôbre uma rica padiola de madeira e conduzida processionalmente para o local que lhe estava destinado, pelo próprio Monarca e outros membros da Familia Rial. Antes de a assentarem, o esmoler-mór deitou na cavidade em que ela havia de ficar, doze das medalhas comemorativas da cerimónia supra descritas, sendo seis de ouro e outras tantas de prata, as quaes foram em seguida dispostas em fórma de cruz, por um mestre de cerimónias. Por fim o Patriarca deitou cal, que El-Rei aspergiu com agua, servindo-se de uma vassoura com cabo de ouro, e dois pedreiros assentaram a lápide, conchegando-a com cal e pedras miudas, que o Rei e os fidalgos lhes traziam em cestos de vime dourados.

Depois desta cerimónia benzeram-se os caboucos, houve missa, e *Te-Deum*, executado por cantores italianos, oração de graças, benção soléne e concessão de cinco anos de indulgência.

A Igreja, cujo risco é do arquitecto João Carlos Bibiena, concluiu-se no reinado de D. Maria 1.ª. E' toda de marmore (1).

N.º 34 — 1770 — **Com.va da reconciliação com a Santa Sé.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: CLEMENS — XIV·PONT·M·A·II· Busto do Papa, com barrete e estóla, voltado à direita.

℟. — No arco superior da orla, a legenda, cuja primeira silaba está destacada do resto da palavra: RE — FVLSIT·SOL· No exergo, que está separado por um friso, em duas linhas: CONCORDIA· || A·MDCCLXX·

Ao centro, o Papa, de pé, revestido das suas insignias, abraça um guerreiro antigo, que personifica *Portugal* e que tem apoiada no ombro esquerdo uma cruz processional, cuja base assenta no chão. Por detrás do Papa e por êle pisada, roja-se na terra a *Inveja* (?), representada por uma mulher(?) apenas coberta com um pano e que está a morder a mão direita.

Por detrás do guerreiro vê-se um dragão (timbre da Casa de Bragança), a segurar com os dentes um escudo oval com armas Riais portuguesas.

Ao fundo, do lado esquerdo, aparece o sol, a romper por entre nuvens.

AR. Diâmetro: 33 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 48.

Cremos que esta medalha foi feita em Roma. Fr. Claudio da Conceição diz, no *Gabinete Historico*, vol. XVI p. 326, que ela apareceu nessa cidade no dia 29 de Junho de 1770, «*dia da festa de S. Pedro, em que o »Santo Padre cantou missa*».

O tipo do anverso, tendo por baixo a palavra *Concordia* foi aplicado, como detalhe ornamental, numa gravura da epoca, em fórma circular, a qual só conhecemos indirectamente por uma reprodução publicada na *História de Portugal* de Pinheiro Chagas, 3.ª edição, vol. 7.º p. 380.

*

Por motivo da guerra movida pelo Marquês de Pombal contra a Companhia de Jesus, as boas relações entre Portugal e a Santa Sé estiveram

(1) Fr Claudio da Conceição no *Gabinete Historico*, tomo XIV, 2.ª edição de p. 35 a 54 dá *uma Noticia da fundação da Igreja da Memória*.

interrompidas durante dez anos, tendo servido de pretexto para o rompimento o não ter o Nuncio em Lisboa, Acciajuoli, iluminado o seu palacio por ocasião dos festejos do casamento da Princesa do Brasil, depois D. Maria 1.ª, com seu tio o Infante D. Pedro, que se realizou em 6 de Junho de 1760. Poucos dias depois dêste incidente, em carta datada de 14 do mesmo mês, e assinada pelo Secretário de Estado, D. Luis da Cunha, era o Nuncio intimado a sair do Reino, *via recta*, no praso de quatro dias, devendo, porêm, embarcar imediatamente, logo que recebesse a carta, para a *outra-banda* do Tejo, para o que já estavam preparados os riaes escaleres.

Em 1770 reconciliaram-se as duas cortes, por se mostrar o Papa Clemente XIV, que então ocupava o solio pontificio, disposto a ceder ás exigencias do Marquês de Pombal.

A noticia de que o Nuncio havia chegado a Lisboa e de que tinha sido benignamente acolhido por D. José, foi imediatamente transmitida para Roma, por um correio expresso, onde, em sinal de regosijo, houve varios festejos nos dias 24 e 25 de Setembro de 1770. Cantaram se *Te-Deum* em quasi todas as Igrejas, e os Principes, os Nobres e os Cardiais, iluminaram vistosamente os seus palacios. O Pontifice brindou a Igreja de Santo Antonio dos portugueses com a *Rosa de Ouro* e foi lá, acompanhado de deslumbrante cortejo, assistir a um *Te-Deum* (1).

N.º 35 — 1772 — **Ded.ᵈᵃ ao Marquês de Pombal.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é duas vezes interrompida em baixo: SEB:JOS: DE CARVALHO E MELLO MARCH: DE — POMBAL. — Busto do Marquês, voltado à direita, com grande cabeleira encaracolada, e vestido com leves roupagens que lhe deixam o pescoço descoberto e que se prendem sobre o ombro com um broche.

℞. — No arco superior da orla, a legenda que é duas vezes interrompida: HAEC — META — LABORUM. No exergo, que está separado por friso, a data: MDCCLXXII. Hercules de pé do lado direito, coberto com uma pele de lião, a pisar a *Hidra de Lerna*, e apoiado na sua maça, oferece, com a mão direita, estendida, os *pomos de ouro* à Cidade de Lisboa, que na frente dêle

(1) *Compendio do que passou na Corte de Roma depois da chegada do correio extraordinario que levou os despachos relativos á abertura da communicação com o Reino, e Dominios de Portugal, etc.* Lisboa, 1770. Folheto de 26 pags. A pag. 17 começa a: *Relação das sagradas funções, e festas publicas, etc.*

está representada por uma mulher coroada, e com vestes riaes, sentada num trono e com o braço direito firmado num escudo oval das armas portuguesas, junto do qual se vê um dragão (timbre das armas da Casa de Bragança). No alto paira a *Fama*, a voar para a direita, a colocar uma coroa de louro sobre a cabeça de Hercules e a soprar na competente tuba, de cuja extremidade saem raios luminosos, que incidem sobre a cabeça da *Cidade*.

AR. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 49 (estampa).

N.º 36 — **Outro exemplar**, igual ao antecedente, em relação ao tipo e ao diâmetro.

PB. S. c.

Lopes Fernandes, *ob. cit.* p. 38, diz que viu uma medalha semelhante a esta, mas com menor diâmetro e datada de 1771, na colecção de Francisco de Paula Ferreira da Costa. Não conhecemos nenhum exemplar desta variante. Diz o mesmo autor, a pag. 37 *in fine*, da referida obra, que a medalha foi mandada gravar por Luis José de Brito, contador geral do Rial Erario, e por este dedicada ao Marquês de Pombal, en sinal de gratidão, e que se fizeram exemplares de ouro, de prata e de cobre. Estas indicações vêem apontadas num trabalho manuscrito sobre medalhas, feito por José Anastacio da Costa e Sá, que pertenceu a Lopes Fernandes e está hoje em poder do nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

A medalha, que não tem assinatura, deve ter sido feita, segundo cremos, por Paulo Aureliano Mengin. Está, sem dúvida, mal executada, mas a composição do tipo do reverso, é bastante interessante.

Na secção de manuscritos da Bibliotéca Nacional (n.º 426, fl. 28), existe uma folha de papel escrita, segundo o inventário daquela secção, por D. Tomás Caetano do Bem, na qual este autor apresenta, ao que parece, duas ideias para o projecto da medalha, que a seguir publicamos:

«1

»Effigie do Exm.º S.r Marquez de Pombal. Ao redor: Sebast. Jos. Carv. »Mell. Pombalen. Dynastes. No reverso Figura de Hercules, em pé, com »Pelle de Leão no braço esquerdo. Ao seos pés, e da parte direita, huma »Hydra: na mão direita a Clave, pizando com esta o corpo da Hydra na

»mão esquerda hum rayo trisulco. Ao redor: Max. Lusitaniae Praesidium, »ac Ornamentum. Ao pé(1): Perduellium Furore Restincto.

»2

»A mesma Effigie. Ao redor Sebastian. Jos. Carv. Mell. Pombalen. »Dynastes. No reverso. Hum Carvalho; e no meio dos ramos, ao Longe, »huma Estrella. Aos Lados deste duas Figuras: na parte direita, a Figura »da Justiça, com as Balanças na mão direita; e na Esquerda a espada. »Na parte esquerda, huma Figura Consular, com a Toga Romana, e »Coroada de Louro: no braço esquerdo o caduceo de Mercurio; e Com a »mão direita, pendurando no mesmo Carvalho hum Escudo, das Armas de »Portugal em que se vera pintada huma coroa Imperial, e hum Sceptro, »atravessado. Ao redor: Firmitas Lusitani Imperii. Ao pé: Regio Admi»nistro.

No mesmo ano de 1772, fez-se uma outra medalha dedicada ao Marquês de Pombal, e que hoje é extremamente rara. Havia um exemplar na coleção de Meili, em cujo catálogo, publicado por Schulman, vem estampada e descrita sob o n.º 2896. Tem no anverso o busto do Marquês, sem legenda, e no reverso a inscrição: VIVE NOSSO || BOM REY QUE || FES O CARVALHO || CONDE MARQUES. No exergo: T.EL.(?) X^{RA} || 1772. Br. Diâmetro: 42 milimetros.

Seria interessante saber-se o motivo que levou o contador Luis José de Brito a dedicar uma medalha ao Marquês.

*

Sebastião José de Carvalho e Melo, nasceu no dia 13 de Maio de 1699. Depois de cursar leis em Coimbra e de ter servido no exercito, como cadete, dedicou-se à carreira diplomática. Foi enviado extraordinario em Londres e em Viena, onde casou, pela segunda vez, com a Condessa de Daun. El-Rei D. José, tendo subido ao trono em 1750, seguindo o conselho que D. Luis da Cunha lhe enviou de Paris, nomeou-o seu primeiro ministro, cargo que êle desempenhou com bastante zelo durante todo o reinado daquêle Soberano, fundando escolas, reformando a Universidade, reorganizando o exército, desenvolvendo a agricultura, o comércio e a indústria, reedificaddo a cidade de Lisboa depois do terremoto de 1755 e conseguindo engrandecer a sua Patria, de modo que a tornou respeitada pelas nações estrangeiras. Vendo nos jesuitas e nos nobres dois obsta-

(1) Curiosa expressão que significa exergo.

culos para a realização dos seus planos, derrotou-os, mas por fórma bastante odiosa e antipática, pois que levou um dos primeiros, o Padre Malagrida, ás fogueiras da Inquisição, e fez perecer no cadafalso, com horriveis torturas, parte dos segundos.

Em recompensa dos seus serviços foi agraciado pelo Soberano com os titulos de Conde de Oeiras, em 1759 e de Marquês de Pombal, em 1770.

Logo que D. José faleceu, em 24 de Fevereiro de 1777, foi o Marquês demitido do seu cargo e julgado por um tribunal, que o condenou na pena de desterro na sua casa em Pombal, onde veio a falecer em 8 de Maio de 1782, com 83 anos de idade.

N.º 37 — 1773 — Com.va da dissolução da Companhia de Jesus. No arco superior da orla, a legenda: CLEMENS XIV PONTIF. MAX. Busto do Papa, voltado à direita, com barrete e estóla e em atitude de lançar a benção.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: NVNQVAM NOVI VOS DISCEDITE A ME OMNES. No exergo, que está separado por fríso, em tres linhas horizontais: EXAVG SOC·IESV MEMOR· || MDCCLXXIII || PS·CXVII 23· Imagens de Cristo, com resplendor, de S. Pedro, que segura as chaves do ceu, e de S. Paulo, todas tres com suas togas e voltadas à direita, tendo a primeira a mão erguida, em atitude de repelir tres jesuitas que, vestidos com habitos taláres e do lado oposto, caminham em fila para a direita mas a olharem para trás.

AR. Diâmetro: 45 milimetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes n.º 52 (estampa); Lino d'Assumção: *Historia Geral dos Jesuitas*, p. 577 (estampa).

No reverso desta medalha vem citado o salmo CXVII 23, que diz o seguinte: *A Domino factum est istud: et est mirabile in oculis nostris.* A citação não se refere, portanto, à legenda da orla, como poderia supôr-se.

N.º 38 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: CLEMENS. — XIV. PONTIF·MAX. Busto do Papa, voltado à direita, com tiàra e vestes pontificais.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: ICH HABE EVCH NIE ERKANT.

WEICHETALLE. (Esta legenda é uma tradução alemã da que está escrita em latim na orla do reverso da medalha antecedente). No exergo, que está separado por friso, em tres linhas: DIE ABSCHAFVNG: || DER IESVITEN || 1773. O tipo desta face é copiado do da medalha antecedente.

PB. Diâmetro: 33 milimetros, M. c.

Existe uma variante desta medalha que tem o busto do Papa sem tiára e a lançar a benção. Conf.: *Cat. de Meili publicado por Schulman*, n.º 2904.

N.º 39 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: CLEMENS XIV·PONT·MAX. Busto do Papa, com barrete e competentes vestes, voltado à direita.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SALVS — GENERIS — HVMANI. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas: JESVITARVM SOCIET. || DELETA. || MDCCLXXIII. No friso que separa o exergo, do lado direito, a assinatura: T. V. BERCKEL. F. Globo terrestre sobre o qual está sentada a *Fé*, representada por uma mulher vestida com leves roupagens, descalça, a segurar uma cruz processional, com a mão direita, e um raminho de oliveira, com a esquerda. Tem o corpo de frente e a cabeça voltada para uma pomba envolvida por um resplendor (simbolo do Espirito Santo), que se vê na orla, do lado direito, entre as duas ultimas palavras da legenda.

AR. Diâmetro: 39 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Aragão, *ob. cit.* II, p. 94 (estampa).

Esta medalha, que é uma obra de arte de muito valor, foi feita, provavelmente, na Holanda pelo notavel gravador belga Theodore Victor van Berckel.

*

A Companhia de Jesus é uma importante instituição religiosa que se fundou no ano de 1534, por iniciativa de Santo Inácio de Loióla, com o fim de promover a instrução e de prégar o Evangelho aos infieis. Em 1540 Paulo III aprovou-lhe os estatutos e nêsse mesmo ano El-Rei D. João III admitiu-a em Portugal, para onde vieram logo os padres Simão

Rodrigues e S. Francisco Xavier, que no ano seguinte embarcou para a India, levando comsigo apenas o seu Breviario. Devido à sua extraordinária disciplina e à inteligência dos seus associados, conseguiu a Companhia adquirir, com o decorrer dos tempos, bastante força e influencia, em quási todo o mundo, e isso deu origem a que os seus inimigos lhe promovessem no século XVIII, uma violentissima campanha, com o fim de a derrotarem, na qual tomou parte muito activa o Marquês de Pombal que, vendo nos jesuitas um obstáculo para a realização dos seus planos, não só os expulsou do Reino, acusando-os de terem sublevado os indios da América e de terem tomado parte na conspiração contra o Monarca, como tambem interrompeu as relações com a Santa Sé, durante dez anos, por esta não se mostrar disposta a ceder ás suas exigências. Em 1768, tendo morrido Clemente XIII, foi eleito Papa, no fim de três mêses de renhida luta, Clemente XIV, que satisfazendo os desejos do Marquês, e dos govêrnos que com este faziam causa comum, extinguiu a Companhia de Jesus, por Breve de 21 de Julho de 1773. Em 9 de Setembro seguinte recebeu esse diploma o régio beneplácito, acontecimento que, por ordem do Marquês, o povo de Lisboa celebrou durante três dias, cantando, dançando, fazendo fogueiras e iluminando as casas e as ruas.

Anos depois a Companhia reconstituiu-se.

N.º 40 — 1775 — Com.ᵛᵃ da inauguração da estátua equestre de El-Rei D. José. No arco superior da orla, a legenda: MAGNANIMO — RESTITUTORI. No exergo, que está separado por friso, a data: MDCCLXXV. Vista da estátua equestre, voltada à direita, e da parte superior do respectivo pedestal, em cujo lado direito tem o competente grupo alegórico, que representa um cavalo (a *Europa*), a atropelar um homem (a *Africa*), e seguro pela redea pelo *Triunfo*(¹). Na frente, vê-se o busto do Marquês de Pombal, encimado pelas armas riais da época.

O busto do Monarca está de perfil e a cabeça do homem toca no chão.

℞. — No arco superior da orla, a legenda, que é precedida de um ornato e está separada do campo por um arco de circulo: POST FATA RESURGENS. No exergo, que está separado por

(¹) Joaquim Machado de Castro: *Descripção analytica da execução da Estátua Equestre*, pgs. 10-11, 31-32.

friso: OLISIPO. Cópia do baixo relevo de Machado de Castro, que está colocado no monumento, do lado do norte.

AR. Diâmetro: 46 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 53 (estampa).

N.º 41 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

N.º 42 — Variante da medalha antecedente. As diferenças mais notaveis são as seguintes: o busto do Monarca está voltado a $^3/_4$, e não de perfil, e o homem atropelado pelo cavalo, tem o tronco erguido, em vez de estar completamente deitado no chão.

AR. Diâmetro: 46 milímetros. M. b. c.

N.º 43 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

O baixo relevo que vem reproduzido nos reversos destas medalhas, contêm uma alegoria que o seu autor descreve da seguinte fórma na sua já citada obra, *Descripção analytica*, p. 194 a 197: «Na estampa XVIII. »exponho o desenho deste *Baixo-relevo*, em cuja *Invenção Poetica*, ten»do-me proposto representar a *Generosidade Regia* com que Sua Mages»tade acudio ao seu Povo naquelle espantoso desastre, imaginei a scena »em hum como Peristyllo, ou Varanda magestosa, semelhante áquellas em «que se fazem as Acclamações dos nossos Reis; na qual se visse o »Throno, e a dita Virtude personalizada em huma Real Donzella, sobre »o mesmo Solio. A coroa desta figura, he de imperiaes fechados; indi»cando assim, ser do Soberano, e não de algum dos Titulos subalternos: »vestida com habitos magestosos, á heroica; e a seu lado hum Leão; sym»bolo desta Virtude. Depois desta figura, tem o primeiro lugar na imagi»nativa, e para a expressão do sujeito, a *Cidade de Lisboa*, cahida, como »em deliquio; a qual se distingue por hum escudo, que se finge ter em»baraçado antes da quéda; e nelle se divisão as Armas da mesma *Ci»dade*, para se dar a conhecer por ellas a imaginaria pessoa a quem per»tencem. O *Governo da Republica*, mostra cooperar em acudir á *Cidade;* »porém como não póde sem authoridade superior á sua, o *Amor da Vir»tude* o conduz á presença da *Generosidade Regia*, que benigna, e prom-

»ptamente lhe facilita os meios, dando-lhe nos Cofres do *Commercio*, o »recurso para as despezas; e na *Providencia Humana*, e *Arquitectura*, »as direcções para o bom exito de tamanha empreza.

»A *Cidade*, he personalizada em huma veneravel Matrona, adornada »com vestes magnificas, segundo a prática dos Artistas, e com o referido »escudo.

»O *Governo da Republica*, em hum varão, vestido de couraça, armado »com capacete, e lança; e além disto hum ramo de oliveira. *O Amor da »Virtude*, em hum menino allado, coroado de louro, e huma estrella, »tendo na mão esquerda tres coroas do mesmo louro, e com a direita »pegando, como conductor, pelo braço ao *Governo da Republica*.

»O *Commercio* se representa em hum varão, vestido ao antigo uso Por»tuguez, abrindo hum cofre, e offerecendo as riquezas, que nelle se desi»gnão, á *Generosidade Regia:* e junto a si tem huma segonha, e duas »mós; que são seus symbolos. A *Providencia Humana*, e *Arquitectura* »se personalizão em fim, com duas Matronas; a primeira, coroada de »espigas de trigo com hum leme, e duas chaves na mão esquerda: e a »segunda com hum papel, em que se vê a planta da nova reedificação; »vendo-se-lhe tambem na mão direita hum esquadro, e hum compasso, »que são os seus distinctivos. A' excepção da figura da *Cidade*, se acha »em Ripa (1) a razão destes symbolos.»

Estas medalhas foram mandadas fazer pelo Senado da Camara de Lisboa, do qual era presidente o Conde de Oeiras. Não estão assinadas, mas não póde haver duvidas de que o seu autor foi o flamengo José Gaspart, que dois anos antes tinha sido contratado para vir trabalhar para Lisboa, como primeiro gravador. A cunhagem foi abundantissima e fez-se na Casa da Moeda, com autorização superior, como consta dos seguintes Avisos (2):

«Registo de hum Avizo arespeito da manufaitura das Medalhas.

»Pode V. m.cê mandar fundir, e cunhar na Caza da Moeda desta cid.e »todas as Medalhas de Ouro, e Prata q representão a Estatua Equestre »de El Rey Meu Senhor, q o Conde de Oeyras Presidente do Senado da »Camara lhe participar seremlhe necessarias, com o qual se entenderá »v. m.cê sobretudo, o q pertencer ás sobreditas Medalhas p.a q sejão fei-

(1) O autor refere-se a Cesare Ripa: *Nova Iconologia*, que já citámos supra.

(2) *Arquivo da Casa da Moeda*, liv. x do Registo Geral, fl. 41. Estes Avisos vêem citados em Aragão: *ob. cit.* II, p. 96, nota 2.

»tas com a mayor perfeição que couber no possivel: E o custo do Ouro, »e da Prata carregará V. M.cê nas despezas ordinarias da Caza da Moeda »com as separaçaõens, e declaraçaõens necessarias. Deos guarde a v. m.cê »Paço em 20 de Mayo de 1775 Marquês de Pombal.

»Registo de outro Avizo do Conde de Oeyras arespeito das d.as meda- »lhas.

»Na conformidade das Reaes Ordens que S. Mag.de foi servido encar- »regar-me para a destribuição das Medalhas de Ouro, e Prata da Real »Estatua Equestre do mesmo Senhor. Tenho regulado serem precisas »duzentas, até duzentas e sessenta Medalhas de Ouro, e mil, até mil e »duzentos de Prata, as quaes mandará v. m.cê fazer entregar a Estevam »Antonio de Montes, assignando nos livros competentes os conhecimen- »tos de Recibo que forem necessarios. Deos guarde a V. M.cê Sitio de »N. Senhora da Ajuda em 21 de Mayo de 1775. Conde de Oeyras, S.or »Dez.or José Gomes Pinheiro, Prov.or da Caza da Moeda. Dom.os dos S.tos »Elvas».

As medalhas ainda hoje não são raras aparecendo por vezes nos mercados alguns exemplares de ouro. Tambem se cunharam muitos exemplares de cobre, posto que a eles se não refiram os Avisos acima transcritos.

No já citado manuscrito n.º 426 da *Bib. Nac.* está encorporada uma folha, que tem o n.º 27, escrita segundo o inventario daquele estabelecimento, por D. Tomás Caetano do Bem, e que contêm, ao que parece, varias ideias para o tipo da medalha, que não foram aprovadas. Publicamos a seguir esse documento, visto que ele interessa não só á historia da medalha como tambem ao estudo da epoca em que ela se fez:

«Medalhas,

»1.

»Busto, ou Retrato de Sua Magestade; e ao redor: Josephus Lvsita- »niae Rex Fidelissimvs Avg. P. P. No reverso; a Effigie da mesma Es- »tatua Equestre. Ao redor: S. P. Q. O. Reg. Opt. Max. Ao pe: D. V.

»2.

»Effigie de Sua Magestade. Ao redor: Josephus I. Lvsitaniae Rex Fi- »delissimvs. No reverso: Huma Ara ou Pyramide, em sima desta, hum

»circulo, formado de huma vara, com folhas de Oliveyra: aos lados do »circulo, e Ara, duas Figuradas (sic): na parte direita a Figura da Lusi»tania a mão esquerda, segurando o circulo; e o braço direito estendido, »e na mão o Escudo das Armas de Portugal. Da parte esquerda, a Figura »da Cidade de Lisboa; a mão direita, Segurando o Circulo; e o braço es»querdo estendido, e na mão o Escudo das Armas da Cidade de Lisboa: »e no meio do d.º circulo estas palavras VOT. PVB. Ao redor: Aeternae Lvsita»norvm Gloriae Ao pé. Popvlorvm Amor, et Benevolentia.

»3

»Busto, que representa Sua Mag.de Ao redor Josephvs Lvsitan. Rex »Fidelissimvs. No reverso: A Figura do Sol, em forma humana, nua »e rayos de luz ao redor de toda a cabeça: sentada em hum carro, »tirado por quatro cavallos, todos quatro iguaes, e na mesma linha »postos: na mão esquerda do sol, as Redeas dos cavallos; e na direita, »hum Sceptro. Diante do Sol, em alto, e por sima dos cavallos, huma »Estrella, semelhante á da manhaa: por baixo do carro, e cavallos, nu»vens, e ar: abaixo deste, ou no fundo, hum Paiz ameno; e ao lado deste, »a Figura do Tejo, sentada no chaın; na mão esquerda, hum Quarta, lan»çando a agoa, e no barro da quarta as Armas de Portugal; e na mão »direita, huma Cornucopia de muitos Ramos, com flores, e muitos fructos: »ao redor. Felicitas Temporvm. Ao pé. Anno M.D.CC.L.XX.V.»

*

A estátua equestre de El-Rei D. José, que está situada ao Centro da Praça do Comercio, em Lisboa, e que é um dos mais notaveis monumentos que no seu genero existem em todo o mundo, foi solénemente inaugurada em 6 de Junho de 1775, dia do aniversario natalicio daquele Soberano, tendo havido nessa ocasião deslumbrantes festejos que vêem descritos desenvolvidamente em varios folhetos e livros que se publicaram então, e posteriormente (1).

---

(1) Entre varios outros trabalhos, serviram-nos de guia os seguintes: *Carta, ou narração conciza da festividade feita na cidade de Lisboa na collocação da Estatua equestre do nosso Fidelissimo monarca: com a expozição das figuras, de que se orna a baze, em que descança a mesma estatua. Lisboa na offic. de Antonio Rodrigues Galhardo.* Folheto de 11 paginas, assinado no fim por A. d. S. R.

Narração dos applausos com que o juiz do Povo e Casa dos Vinte-Quatro festeja a felicissima inauguração da Estatua Equestre etc. Lisboa, 1775. Folheto de 32 pags.

Ao romper a alvorada do dia 6, salvaram as fortalezas e os navios de guerra, e á tarde realizou-se a cerimónia da inauguração, estando a majestosa Praça repleta de povo e de tropa, e as janelas do edificio que a circunda, ocupadas por altos personagens, muitas senhoras, embaixadores estrangeiros, prelados, etc. A Familia Rial tambem assistiu á festa, na varanda do torreão do lado ocidental, mas oculta por uma cortina, por não lhe ser permitido pela etiqueta o assistir oficialmente. O descerramento da estátua foi feito pelo Marquês de Pombal, que chegou á Praça do Comercio pelas 4 horas da tarde, acompanhado de um magnifico cortejo de 200 dignitarios, vistosamente entrajados com casacas de seda e de veludo. Descerrada a estátua, fez-lhe o Marquês profunda reverência e ao mesmo tempo o Rei de Armas «Portugal», ergueu o primeiro *viva*. Caminhou depois o Marquês cinco passos, fez nova reverência e o Rei de Armas «Algarve», levantou segundo *viva;* por fim ainda o Marquês avançou outros tantos passos, para fazer terceira reverência, tendo sido então o *viva* entoado pelo Rei de Armas «Goa». Emquanto os *vivas* eram calorosamente repetidos em coro pela multidão, tocavam-se os clarins e oboés da Casa Rial, troavam os canhões em terra e no mar, estalavam muitas girandolas de foguetes, e das janelas lançavam-se centenares de impressos com poesias alusivas ao acontecimento [1].

---

[1] E' muito curiosa e interessante a serie de poesias, elogios e discursos que nessa ocasião se escreveram, em português, francês, hespanhol, latim e hebraico. Apareceram versos de Filinto Elisio, de Antonio Diniz da Cruz e Silva, e de outros poetas e escritores de fama, juntamente com trabalhos de anonimos sem valor, entre os quais se podem citar para exemplo, um soneto *acrostico-centrico,* dedicado ao Monarca pela companhia comica hespanhola e o seguinte epigrama:

Quando na idade futura,
Ao caminhante estrangeiro,
Se disser que esta Figura
He retrato verdadeiro
Do Maior e Melhor Rey,
Dirá elle: Então já sei
Ser o Rey José Primeiro.

Machado de Castro, o notavel escultor da estátua, tambem compoz uma ode; mas quem mais se salientou foi talvez o padre Antonio Pereira de Figueiredo, que, alem de outros trabalhos, escreveu um discurso dedicado ao Conde de Oeiras, outro dedicado ao Marquês de Pombal, e um *Parallelo de Augusto Cesar e de D. José o Magnanimo Rey de Portugal,* trabalho de pesado estilo, que ocupa 35 paginas impressas. Nicolau Tolentino, apesar de ridicularisar essa abundancia de versos na sua sátira: *O Bilhar — todos os versos leu da estátua equestre* — não resistiu tambem a publicar o seu soneto: *Ao faustissimo dia da Inauguração da Estatua Equestre d'El-Rey Fidelissimo o Senhor D. José I.* Na *Bib. Nac.*

A' noite houve vistosas iluminações, cantou-se no Paço da Ajuda a opera de Jommelli, *Demofoonte*, e o juiz do Povo e a Casa dos Vinte-Quatro, deram uma bela festa, com ceia, baile e musica, que se repetiu nas duas noites seguintes. Pelas mesmas autoridades foi tambem organizado um majestoso cortejo, que no dia 7 desfilou diante do monumento. Nele figuravam sete carros alegóricos, cujos quatro primeiros representavam as «*quatro Partes mais conhecidas do Orbe*» e eram acompanhados pelos ranchos de dançarinas do Campo de Sant'Ana, da Ribeira do Peixe, das *Hortelôas* e das *Collarejas*. Na noite de 7, deitou-se fogo de vistas de um carro alegórico, que representava o *Templo do Sol*, e realizou-se uma grandiosa festa nas salas da Alfandega, dedicada ao Soberano, que se dignou assistir, pelo Senado da Camara. Representou-se a opera: *l'Eroe Coronato*, de Gaetano Martinelli, dançou-se e serviu-se lauta ceia. Nas mesmas salas, que se achavam ricamente ornamentadas, e iluminadas com 4000 luzes, houve no dia 13 uma outra festa, dedicada ao povo, tambem pelo Senado, que terminou por uma magnifica ceia que custou 40 contos de réis.

No dia 8 foi o exercito prestar homenagem ao monumento, cantando-se á noite, nas salas da Junta do Comercio, a opera: *O Monumento Imortal*, cuja letra era de Teotonio Gomes de Carvalho e a musica de João de Sousa.

Os principais trabalhos de escultura, que se admiram no monumento foram executados pelo eminente escultor Joaquim Machado de Castro; os outros fizeram-se debaixo da sua direcção. O desenho do projecto tinha sido executado pelo arquitecto Eugenio dos Santos, encarregado das obras de reconstrução da cidade. Dirigiu os trabalhos da fundição o Brigadeiro Bartolomeu da Costa.

Em 15 de Maio de 1775 foi a Familia Rial ver a estátua, que ainda se conservava dentro do forno, ficando a Rainha tão mal impressionada, que exclamou: *o rosto da figura está horrendo!* Desse pequeno defeito nenhuma culpa tinha, porêm, Machado de Castro, pois que tendo-lhe sido terminantemente negada licença para retratar directamente o Soberano,

---

existe uma importante colecção destes trabalhos, na secção de literatura, (n.os 3343-44. azues) sob a designação, de: *Colecção de escritos sobre a estátua equestre.*

O entusiasmo pela inauguração da estátua não era porêm geral, pois que houve alguem que, ocultamente, lá foi colocar alguns pasquins.

Um deles, aludindo ao facto de ter sido aproveitado para a estátua o bronze de um sino quebrado, dizia o seguinte: *Já fui sino e fui badálo; agora sou rei e cavalo.* O Dr. Teixeira de Aragão tinha este pasquin apontado á margem do seu exemplar do livro de Lopes Fernandes.

teve de guiar-se pelo retrato deste gravado nas moedas e numa estampa de Carpinetti.

A condução da estátua desde o Arsenal, onde se fundiu, até ao sitio em que se acha, fez-se com grande pompa, gastando tres dias a percorrer esse trajecto.

Durante o seguimento dos trabalhos preparatórios para a fundição da estátua equestre, Bartolomeu da Costa, que os dirigia, teve ensejo de proseguir com mais actividade, no estudo dos materiais que melhor garantia de resistência podessem oferecer a temperaturas elevadas, a fim de os aplicar na construção do enorme forno em que havia de fundir-se a estátua de D. José, chegando à conclusão de que essa propriedade existia numa porcelana finissima, que, segundo as inscrições das medalhas adiante descritas, ele proprio descobriu, e segundo alguns autores, baseados no testemunho de Jacome Ratton, apenas aplicou, pois já havia sido descoberta nas margens do Vouga, por um francês chamado Drouet (1).

Com essa porcelana fez o notavel gravador do Arsenal do Exercito, João de Figueiredo, algumas medalhas muito interessantes, e tambem uns pseudo-camafeus, que apesar de se destinarem a broches e aneis, podem considerar-se como medalhas, visto estarem tão intimamente relacionados com aquelas.

De umas e outros possuimos alguns exemplares na nossa colecção, que a seguir descrevemos:

N.º 44 — 1775 — **Outra referente à Estátua equestre de El-Rei D. José.** Placa de porcelana com a fórma de um rectangulo encimado por um ornato, na qual está gravado no anverso, um complicado aparelho que se compõe de alavancas, traves, roldanas e cordas, e que assenta sôbre duas grandes vigas de madeira, cujas extremidades voltadas para o observador, estão irregularmente cortadas; dêsse aparelho pendem grossas correntes de ferro e algumas cordas, que envolvem e suspendem a estátua equestre, a qual está voltada para a esquerda e a saír da embocadura de um forno, cortado na frente, para se poder vêr o interior. No angulo inferior do lado esquerdo, veem-se quatro peças isoladas do aparelho, entre as quais se destaca uma roldana, que tem gravada a letra C. No campo, em frente da estátua, paira uma figurinha

(1) Jacome Ratton: *Recordações*, p. 308; D. José Pessanha: *A Porcelana em Portugal*, *Archivo Historico*, vol. I p. 20 e segs.; José Queiroz: *Ceramica Portuguesa*, p. 181 e segs.

aláda, certamente a da *Fama*, que estende a mão esquerda na direcção da cabeça do cavalo e toca numa tuba, ornamentada com um pano em que estão gravadas as quinas. No angulo inferior, do lado direito, lê-se num papel desenrolado, a seguinte inscrição, em cinco linhas verticais: FUNDIDA EM 15 || DE OUTUBRO DE || 1774. COLOCA || DA EM 26 DE || MAYO DE 1775. Em baixo, em duas linhas quebradas, que são interrompidas por uns ferros que sustentam as patas do cavalo, lê-se: ABERTA — COM ASISTE-N-CIA ·E DESE || NHO — DO INVENTOR — EM 1775. No alto, por cima do aparelho, em duas linhas, está escrito mais o seguinte, numa tira de papel cujas extremidades estão enroladas: SUSPENDIDA EM 20 || DE MAYO DE 1775. Em vários, pontos, estão gravadas as seguintes letras: um E e um L, em duas alavancas colocadas do lado direito; um C, junto de uma corrente de ferro; um L, no alto, por cima do aparelho, e um E, no lado direito em cima, perto das cordas. Em volta da orla há uma cercadura ornamental.

℞. — Na orla tem uma cercadura igual á do anverso e no campo, dentro de uma outra cercadura, com rosas, lê-se a seguinte inscrição, em 20 linhas horisontais: MAQUINA, COM QUE SE SUSPENDEO, || ELEVOU POR HUM ANGULO RECTO || FORA DA CAZA DA FUNDIÇÃO, || PARA SE POR NO CARRO DE TRANS || PORTE, A REAL ESTATUA EQUES || TRE DE S. MAGESTADE FIDELISSI || MA O SENHOR D. IOZE PRIMEIRO || FUNDIDA DE HUMA SÓ VES SEM || A MENOR FENDA EM A REAL FUN || DIÇÃO DE ART.RA NA INTENDENCIA || DO THEN.TE GENERAL DA ARTR.A DO || REINO MANOEL GOMES DE CARV.O || E SILVA. INVENTADA PELLO BRI || GADEIRO BARTHOLOMEU DA || COSTA, O PRIMEIRO, QUE EM POR || TUGAL ACHOU PORCELANA, E DES || COBRIO ESTA NO MESMO TEMPO || EM QUE IDEAVA, E CONTINUAVA || O TRABALHO DE FUNDIR || A REAL ESTATUA. No exergo, entre as duas cercaduras e em duas linhas horizontais, lê-se ainda mais o seguinte: LIS — BOA || GRAVADA NO ARCENAL R. DO EX — ER — CITO · POR IOÃO DE FIGUEIREDO.

Este nosso exemplar está resguardado por duas tampas de vidro, fixadas num caixilho de bronze, com argola, o qual, pelo aspecto geral e pelo estilo de um belo ornato que tem em cima, se depreende ter sido feito no seculo XVIII.

Porcelana. M. b. c. Rara. Dimensões da placa: altura: 11 centimetros, largura: 6,5 centimetros. Dimensões do caixilho: altura: 14,7 centimetros; largura: 7,5 centimetros.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 54 (estampa); D. José Pessanha: *ob. cit.* p. 90 (estampa I e II, n.º 1); José Queiroz: *ob. cit.* p. 179-80 (gravuras n.os 139-140).

Esta medalha fez-se não só para comemorar a descoberta da porcelana, atribuida na respectiva inscrição a Bartolomeu da Costa, como tambem para dar ideia do engenhoso aparelho que este mesmo inventou, para elevar a estátua do forno em que havia sido fundida, para ser colocada no carro que a transportou ao seu destino.

Diz o Bispo-Conde, D. Francisco (1), que João de Figueiredo foi coadjuvado na execução da medalha, pelo seu discipulo Cipriano da Silva Moreira. Não consta que esta tenha sido «*impressada* (isto é, cunhada), *em varios metaes*» como afirma Volkmar Machado (2). Existem, é certo, alguns exemplares de cobre; mas esses são reproduções, modernamente feitas pelo processo da galvanoplastia.

N.º 45. — Reprodução galvanoplástica da medalha antecedente
Æ. M. b. c.

N.º 46 — Outra que se relaciona com a antecedente. Medalha rectangular. Armas Riais portuguesas, ornamentadas. Em baixo, a legenda, escrita nas pontas de uma fita: LISBOA — 1773.

℞. — Em cima ha um ornato, que tem ao centro uma carranca, no qual está suspenso uma especie de pendão, franjado, que contêm a seguinte inscrição, em sete linhas horizontais: DESCUBER || TO PELO || THEN.E CORO || NEL BAR || THOLOMEU || DA COS || TA. Em baixo, enlaçam-se dois ramos de roseira, cada um com sua flôr. Em ambas as faces, ha nas orlas cercaduras simples com florõezinhos nos angulos, que estão truncados.

Porcelana. Altura: 53 milímetros; largura: 4 milímetros. M. b. c. mas torcida pela acção do calor da cosedura. Muito rara.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 91, estampa I, n.os 2 e 3; José Queiroz, *ob. cit.* p. 178, gravuras n.os 137 e 138.

---

(1) *Lista de Alguns Artistas portugueses*, p. 55.
(2) *Colecção de Memorias relativas ás vidas dos pintores... e gravadores.* p. 279.

N.º 47. — Outra que se relaciona com as antecedentes. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: REAL ESTATUA EQUESTRE DE S. MAGESTADE FIDELISSIMA D·IOZE·I. Estátua equestre, com o pedestal truncado pela cimalha, voltada à esquerda. No exergo, a data: LISBOA·ANNO 1775.

℞. — Quadro ornamentado segundo o estilo da época, semelhante aos que se usam nos altares, no qual se lê a seguinte inscrição, em dez linhas horizontais: PRIMEIRA PORCELANA || ACHADA EM PORTUGAL || EM 1773·DESCUBERTA || PELO BRIGADEIRO || BARTHOLOMEU DA || COSTA NO MESMO || TEMPO EM QUE CON || TINUAVA O TRABA || LHO DE FUNDIR A RE || AL ES-TATUA. Na orla, em baixo: (GRAVADA NO ARCENAL) REAL DO E(XERCITO·IOAO DE FIG.DO) Esta medalha tem as seguintes côres: branca, nos tipos e nos letreiros, cinzenta, no fundo ou campo, e acastanhada, no bordo e rebordo.

Diâmetro: 78 milímetros. B. c. mas fendida nalguns pontos. Muito rara.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 91, estampa III; José Queiroz, p. 181 (estampa).

Desta medalha têem-se feito algumas imitações, especialmente de gesso, com as quais se devem acautelar os coleccionadores inexperientes.

N.º 48. — Outra que se relaciona com as antecedentes. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: MARIA I ET·PETRUS·III·PORTUGALIAE·REGES. No exergo, a assinatura: I·FIGUEIREDO·1780. Bustos dos Soberanos, conjugados, laureados, vestidos com belos fatos da época e voltados à direita. O busto da Rainha, que figura no primeiro plano, está decotado e enfeitado com brinco, colar de pérolas e um broche. Sôbre o ombro direito vê-se caído um comprido caracol do cabêlo e junto da nuca tem um laço a prender a corôa de louro. O busto do Rei ostenta ao peito a Cruz da Ordem de Cristo.

O tipo e a legenda, têm côr branca, o campo e a assinatura, acastanhada e o rebordo, azulada.

℞. — Liso e branco.

Porcelana. Diâmetro: 49 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 125, estampa IV, n.º 1; José Queiroz, p. 182, gravura, 143.

O tipo desta medalha é copiado do anverso de uma das medalhas comemorativas da fundação da Igreja do Santissimo Coração de Jesus, que adiante se descreve.

N.º 49 — **Outra que se relaciona com as antecedentes.** Placa oval com o busto laureado de D. Maria I, de côr branca sôbre fundo acastanhado, voltado a $^3/_4$ para a esquerda.

℞. — Liso, branco e com vestigios da seguinte inscrição: (IOÃO DE FIGUEIREDO·FECIT LISBOA ARCENAL REAL DO) EXERCITO 1782.

Porcelana. Eixo maior: 22 milímetros; eixo menor: 16. M. b. c.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 92, n.º IV, estampa II n.º 2, José Queiroz, *ob. cit.* p. 182, n.º 145.

N.º 50. — **Outro exemplar** semelhante ao antecedente, no qual se consegue lêr mais algumas palavras da inscrição. M. b. c.

N.º 51. — **Outro exemplar,** semelhante aos dois antecedentes, com o fundo e reverso azulados. Não tem inscrição.

Eixo maior: 24 milímetros; eixo menor: 20. M. b. c.

N.º 52· — **Outra que se relaciona com as antecedentes**. Placa oval com um busto masculino, laureado, com casaca da epoca e manto, voltado a $^3/_4$ para a esquerda.

℞. — Liso.

O fundo e o reverso são acizentados; o busto é branco.

Porcelana. Eixo maior: 25 milímetros; eixo menor: 20. M. b. c.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 124 n.º I, *est.* II n.º 4. José Queiroz: *ob. cit.* p. 182, n.º 144.

Julga o Sr. D. José Pessanha que o personagem retratado nesta medalha é o Principe D. José, e não El-Rei D. José, como supõe o sr. Joaquim de Vasconcelos.

N.º 53. — Outra que se relaciona com as antecedentes. Placa oval com o busto do Principe D. João, voltado à esquerda e com uma trança do cabelo caída para as costas.

℞. — Liso.

O fundo e o reverso são azulados; o busto é branco.

Porcelana. Eixo maior: 22,5 milímetros; eixo menor: 17. M. b. c.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 171, n.º III, *est.* IV, n.º 5; José Queiroz, *ob. cit.* p. 183, n.º 148.

N.º 54. — Outra que se relaciona com as antecedentes. Placa oval com um busto masculino, voltado à direita, com traje da epoca, e manto que se prende sobre o ombro com um broche. Ao peito ostenta uma cruz da Ordem de Cristo. O cabelo está em parte caído para as costas e atado com uma fita. No córte do braço, a assinatura: J. M.

℞. — Liso.

O fundo e o reverso, são azulados; o busto é branco.

Porcelana. Eixo maior: 23 milímetros; eixo menor: 18. M. b. c.

Bibl.: D. José Pessanha, *ob. cit.* p. 171, n.º IV, estampa, IV, n.º 6; José Queiroz, *ob. cit.* p. 183, n.º 149.

A assinatura: J. M. que se lê nesta medalha, é como diz o Sr. D. José Pessanha, de João Manso Pereira, professor de humanidades no Rio de Janeiro e quimico muito distinto, que, tendo conseguido descobrir uma porcelana especial, com ela fez esta e outras medalhas, semelhantes ás que Bartolomeu da Costa havia feito anteriormente.

N.º 55. — Outra que se relaciona com as antecedentes. Placa oval com um busto masculino voltado á direita, e muito parecido com o da medalha antecedente, mas com outra disposição de roupas, e sem assinatura.

O busto e o reverso são brancos; o fundo, azulado.

Porcelana. Eixo maior: 27 milímetros; eixo menor: 22.
M. b. c.

N.º 56 — 1779 — **Com.ᵛᵃ da fundação da Igreja do Santissimo Coração de Jesus.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: ACCEPTI·BENEFICII·HOC·POSUIT·MONUMENTUM. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais: ANNO·DOMINI || MDCCLXXIX. Vista do frontispicio da Igreja, sem torres nem estátuas, vendo-se tambem o zimbório. As torres não figuram na medalha porque a sua colocação no edificio foi ordenada depois de concluida a cunhagem, e durante o seguimento das obras.

℞. — Na orla, a legenda: VESTIGIUM· (do lado esquerdo), TEMPLI· (do lado direito). Ao centro, a planta da Igreja.

AR. Diâmetro: 51,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, *ob. cit.* n.º 55 (estampa); Lamas: *Medalhas comemorativas da Igreja do Santissimo Coração de Jesus* (artigo publicado em *O Rosario*, ano VII, n.º 34, p. 432, estampa 1).

N.º 57 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo.

Æ. Diâmetro: 53 milímetros. M. b. c.

N.º 58 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo.

Æ. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c. Tem o cunho resaltado.

N.º 59 — **Outra comemorativa do mesmo facto.** Na orla, a legenda: que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: MARIÆ·I·ET·PETRO·III·PORTUGALIÆ·REGIBUS· Bustos dos Soberanos, conjugados, laureados, vestidos com belos fatos da época, e voltados à direita. O busto da Rainha, que figura no primeiro plano, está decotado e enfeitado com brinco, colár de pérolas e um broche. Sobre o ombro direito vê-se caido um comprido caracol do cabelo, e junto da nuca tem um laço a prender a coroa de louro. O busto do Rei ostenta ao peito a Cruz da Ordem de Cristo. A orla é levemente contorneada.

℞. — Tabela ou moldura semelhante às dos quadros que nos altares contêem o Evangelho e a Epistola, ricamente ornamentada segundo o estilo da época e na qual se lê a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais: SANCTISSIMO · CORDI · || IESU · || PRIM. TEMPLUM · || AEDIFICATUM · || PIO · PAPA · VI · A moldura assenta numa especie de cimalha de pedestal, muito simples, e que tem inscrita, em duas linhas, a data: ANNO · DOMINI · || MDCCLXXIX · Orla, levemente contorneada.

AR. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 57 (estampa); Lamas *ob. cit.* p. 433, estampa 2).

N.º 60 — Outro exemplar com o tipo semelhante, mas feito com outro cunho, pois que a legenda do anverso está assim redigida: MARIA. I · ET · PETRO · III · PORTUGALIAE · REGIBUS. Notam-se, alêm destas, outras diferenças, como, por exemplo, no córte do braço da Rainha, na posição do broche, nas dimensões das letras da data no reverso, etc.

Æ. Diâmetro: 52 milímetros. R. c.

N.º 61 — Outro exemplar com o tipo igual ao do antecedente.

PB. Diâmetro: 51 milímetros. R. c.

N.º 62 — Outro exemplar com o mesmo tipo do dos dois antecedentes mas com menor módulo.

AR. Diâmetro: 46,5 milímetros. M. b. c.

N.º 63 — Outro exemplar igual ao antecedente.

Æ. M. b. c.

N.º 64 — Outra comemorativa do mesmo facto. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: IPSI · CULTUS · GLORIA · ET · IMPERIUM · Ao centro, num circulo de raios luminosos, um coração com chama na parte superior, metido numa coroa de espinhos e com uma chaga aberta do lado esquerdo da qual escorrem tres gotas de sangue. De entre os raios luminosos, aparecem sete cabeças de anjos, alá-

das, quatro das quais estão simetricamente dispostas no alto, e as tres restantes agrupadas em triangulo, por baixo do coração.

℞.—No campo, em sete linhas horizontais a inscrição: CUI. BENEFICIUM. || ACCEPTAE.PROLIS. || DEBETUR. || AD.IMPERII.LUSITANI. || FIRMIOREM. || STABILITATEM. || A.D.MDCCLXXIX. Em cima ha uma ornamentação, feita com panos e uma fita, e em baixo, outra, feita com dois ramos de videira e dois mólhos de espigas de trigo, atádos com um laço. Os ramos de videira e as espigas de trigo, simbolisam o Santissimo Sacramento.

Æ. Diâmetro: 52 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 56 (estampa); Lamas, *ob. cit.* p. 434 (estampa).

N.º 65 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo e diâmetro.
PB. M. c.

N.º 66 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo mas com módulo menor.
AR. Diâmetro: 46 milímetros. M. b. c.

N.º 67 — **Outro exemplar** igual ao antecedente.
Æ. Dourado. M. b. c.

N.º 68 — **Outro exemplar** igual ao antecedente.
Æ. M. b. c.

N.º 69 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo e diâmetro do antecedente, sendo, porêm, mais espesso e tendo no bordo serrilha de traço obliquo, toscamente gravada.
Æ. M. b. c.

N.º 70 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo do das antecedentes, mas com menor módulo.
Æ. Diâmetro: 39 milímetros. M. b. c.

Estas medalhas foram executadas na Casa da Moeda de Lisboa, pelo artista flamengo, José Gaspart, ajudado por Amaro Marques e Francisco Xavier de Figueiredo e com elas se gastaram, só de uma vez, 4.899$552 réis, como consta dos seguintes documentos, que, segundo indicação do Dr. Teixeira de Aragão [1], fomos copiar á Casa da Moeda: [2]

«Avizo para se cunharem nesta Caza da Moeda as Medalhas p.ª o novo »Templo do Santissimo Coração de Jezus. A Raynha Minha Senhora he »servida ordenar que vm.ᵉ sem perda de tempo mande abrir pelos Mestres »Abridores dessa Caza os Ponçoens de retrato, e cunhos necessarios para »se cunharem as Medalhas das qualidades, e com as inscripçoens que »declara o papel que será cõeste, para o que voltão tambem approvados »os debuxos que fizerão os Abridores Jozé Gaspar, e Amaro Marques, »que lhes deverão servir para se regularem por elles: A mesma Senhora »he tambem Servida ordenar se cunhem athé cento e cincoenta Medalhas »de Ouro de todas as differentes qualidades; seis centas de prata, e outro »igual numero de cobre: Dando-me vm.ᵉ conta pelo Real Erario da »importancia do Ouro, e da prata q se despender no fabrico das mesmas »Medalhas, para o fazer prezente a mesma Senhora, afim de mandar »satisfazer a sua importancia: As despezas da fundição, e todas as mais »que se fizerem no fabrico das ditas Medalhas, mandará vm.ᵉ Satisfazer »pelo Rendimento dessa Caza, e lançar no Livro em que se lanção todas »as outras ordinarias della. Deus guarde a vm.ᵉ Junqueira, em 12 de »Agosto de 1779.=Marquez de Angeja=Senhor Jozé Gomes Ribeiro= »Cumprase, e Registese. Lisboa 18 de Agosto de 1779.=Ribeiro=Antonio »Carvalho.

«Decreto para o Thezourei(ro)-Mor do Erario Regio pagar ao desta »Caza a quantia de 4:899$552 reis pelo custo do Ouro e Prata q̃ se »despendeo nas Medalhas.

«O Marquez Prezidente do Meu Real Erario ordene ao Thezoureiro »Mor delle entregue a Jozé Antonio Vieyra do Vadre, Thezoureiro da Caza »da Moeda quatro contos oitocentos noventa e nove mil quinhentos »cincoenta e dous reis pelo custo do Ouro, e Prata das Medalhas que »mandei cunhar na mesma Caza no anno proximo passado: E com seu »conhecimento de recibo se levarão em conta ao referido Thezoureiro »Mor por este Decreto somente, sem embargo de quaesquer Leys, ou »dispoziçoens em contrario.

---

(1) Vid. *Descripção geral e historica das moedas*, vol. II p. 105, nota 2.
(2) Arquivo da Casa da Moeda, liv. X do registo geral, fl. 130 e 130 v.

«Palacio de Nossa Senhora da Ajuda em quinze de Janeiro de mil »setecentos e oitenta.=Com a Rubrica da Raynha Nossa Senhora= »Cumprase, e Registese. Lisboa em 18 de Janeiro de 1780.=Com a Ru- »brica do Marquez Prezidente do Erario Regio. Regd.º a fl. 52. *Antonio »Carvalho.*»

A cunhagem das medalhas foi, pois, abundante, como se prova com o Aviso acima transcrito, e, por isso, não admira que ainda hoje frequentemente apareçam à venda nos mercados muitos exemplares, incluindo alguns de ouro.

Supomos que a série completa compreende:

1) exemplares com tres tipos distintos;

2) exemplares cujos módulos se reduzem a tres, em relação ás medalhas que têem por tipo o Sagrado Coração de Jesus, a dois ás que têem por tipo os bustos conjugados e a um só ás que têem por tipo o frontispicio do Templo;

3) exemplares de ouro, de prata, de cobre e de estanho, com cada um dos tipos e módulos indicados;

4) exemplares que têem por tipo os bustos conjugados, com variantes nas legendas e no proprio tipo.

Bastantes exemplares estão bem cunhados, mas em grande parte deles notam-se certas imperfeições de cunhagem, tais como: falta de regularidade nas espessuras, má impressão dos cunhos, resaltos nas letras das legendas e desigualdade dos módulos, de modo que estes só podem fixar-se por média, respectivamente, em 52, 46 e 39 milímetros.

*

O nascimento do Principe D. José, que ocorreu a 21 de Agosto de 1761, obrigou a Rainha D. Maria I a cumprir o voto que ela fizera, por ocasião do seu casamento com seu tio o Infante D. Pedro, de mandar construir, caso tivesse descendencia, um Templo e um convento, dedicados ao Santissimo Coração de Jesus; mas como então ainda governava El-Rei D. José, o cumprimento do voto só poude efectuar-se alguns anos depois, quando aquela Soberana ocupava o Trono.

O local destinado aos novos edificios e á respectiva cêrca, foi um terreno que fazia parte do antigo Casal da Estrela, pertencente á Casa do Infantado, que D. Pedro III, na qualidade de administrador, subrogou, ás religiosas carmelitas descalças, da regra de Santa Tereza de Jesus,

ás quais o Convento se destinava, por escritura de 19 de Outubro de 1779, recebendo em troca, para si e seus sucessores, o direito de padroado *honorifico* do mesmo convento. D. Maria I confirmou este acto por Alvará de 22 de Outubro do mesmo ano. Foi uma maneira de se sofismar a lei, que não permitia a alienação daqueles bens.

Não agradando á Rainha o primeiro projecto para o Templo, feito pelo arquitecto Mateus Vicente de Oliveira, foi encarregado o major Reinaldo Manuel dos Santos de apresentar um outro, que, sendo aprovado, se executou (1).

A superintendencia administrativa da grandiosa obra esteve a cargo do inspector das Obras Publicas, Anselmo José da Cruz Sobral, que, ao terminar a sua missão, recebeu em recompensa a Carta de Conselho, uma Comenda da Ordem de Cristo e as madeiras que haviam servido para andaimes, tapumes e outras aplicações, as quais eram tantas que chegaram para com elas se construirem os predios situados no Chiado, entre as ruas de S. Francisco e Nova do Almada (2).

O Templo, que custou muitos milhares de cruzados, foi sagrado em 15 de Novembro de 1789. E' todo de marmore e encimado por um alto zimborio do qual se disfruta magnifico panorama. Tem, além disso, duas torres laterais, que não figuravam no projecto e que se mandaram construir durante o seguimento das obras. Os trabalhos de escultura que o ornamentam foram executados por Machado de Castro e por outros artistas da Escola de Mafra. No altar de Nossa Senhora da Lapa existe um quadro a oleo com o Coração de Maria, pintado pelas Princesas D. Maria Benedita e D. Mariana.

Na capela-mór, do lado do Evangelho, está colocado o tumulo de D. Maria I, que custou quatro contos de réis e foi executado pelo escultor italiano Luis Chiari.

As primeiras freiras entraram para o convento em 6 de Julho de 1781, havendo por esse motivo grande festa que terminou por um jantar que lhes foi servido pelas Pessoas da Familia Rial.

Para o sustento das religiosas e para a decente manutenção do culto na Igreja, foi o convento dotado, primeiramente, por Alvará de 20 de Outubro de 1779, com oito moios de trigo do Almoxarifado de Azambuja e depois, por Carta de doação de 13 de Janeiro de 1781, com os seguintes bens: Igreja de Barcos, sita no Bispado de Lamego, do padroado Rial, com todos os dizimos, reditos, proventos e demais bens pertencentes á

(1) Vid. a critica que Herculano fez do Templo, no seu artigo *Monumentos Patrios* publicado nos *Opusculos*, II, p. 13.

(2) Jacome Ratton — *Recordações* p. 348.

sua administração; pensões anuais de 1.200$000 réis, 400$000 réis, 600$000 réis, 200$000 réis, 300$000 réis e 500$000 réis, respectivamente desmembradas dos rendimentos das Igrejas de Miranda do Corvo, Penela, S. Pedro, S. Salvador, S. Tiago e St.ª Maria; Reguengo de Tavira, e Capela de St.ª Catarina em Benavente, que pertencia á Corôa, etc.

Por Carta de doação da mesma data, 13 de Janeiro de 1781, fez a Rainha doação da Igreja e Convento ás religiosas carmelitas descalças, determinando que este tivesse perpetuamente a denominação de *Convento do Santissimo Coração de Jesus*.

Pretendeu D. Maria I por essa ocasião criar uma nova Ordem militar, intitulada do *Coração de Jesus;* mas como não poude realizar o seu intento, contentou-se em reformar as Ordens já existentes, ordenando que ás respectivas veneras se juntasse um coração e que os dignitarios delas assistissem á festa anual do Coração de Jesus.

Possuimos um livro manuscrito que trata desenvolvidamente das cerimónias que se realizaram por ocasião da benção da Cruz e da colocação da primeira pedra do Templo, da sagração deste, etc. e onde tambem se encontram transcritos os Alvarás, escripturas e Cartas de doação referentes ao Convento, aos quais já acima aludimos. Tem 135 paginas e é todo escrito com a mesma letra que é boa.

Não tem data, mas não é muito antigo, porque se refere a um facto sucedido em 1858. O seu titulo vem assim designado na folha do rosto: «*Monumento Sacro das Cerimonias Ecclesiasticas e Civis que se praticaram na solemne imposição da primeira pedra e sumptuosa Sagração da Real Basilica do Convento do Santissimo Coração de Jesus.*

Praticado e composto pelo Beneficiado Francisco José Braga Lage, primeiro Mestre de Ceremonias da Santa Igreja Patriarchal.»

Não podendo alargar demasiadamente esta noticia, extratamos deste livro apenas certas passagens que mais nos interessam, resumindo-as ou transcrevendo-as a seguir.

A cerimónia do lançamento da primeira pedra realizou-se, com extraordinario aparato, no dia 24 de Outubro de 1779, na presença da Familia Rial, do Alto Clero e da Corte.

A Igreja estava então «desígnada em todo o seu alicerce que era em »forma crucifira, como devem ser os templos; os alicerces demarcados »somente que apenas se conheciam pelo pouco rebaixo que lhe deram; »o pavimento todo plano, porem atraz do altar-mór que havia ser a »pouco espaço de cinco palmos entre o dito altar e uma trincheira ou »parapeito que se erigiu de madeira fixa na terra que tomava toda a »largura da capella mór, estava o alicerce da parede capital mais subter-

»raneo, de sorte que importava o rebaixo deste alicerce; a altura do dito »pavim.to da trincheira ou altar couza de dez palmos mais ou menos, »para o que pelos lados do futuro altarmór a proporcionada distancia »se descia para o mesmo alicerce pela parte da epistola por uma escada »de madeira larga de tres degráos, fazendo ainda bastante declive do »mesmo terreno para o dito alicerce em que se havia collocar a primeira »pedra, e da outra parte que era a do evangelho, se descia por um declive »da mesma terra, a que a architectura chama rampa».

A primeira pedra foi assente pelo Cardial Patriarca, D. Fernando I, que a colocou no local acima designado dentro de uma caixa ou cavidade. Era «*cubica, mas mais alta e não como em forma de dado de jogar*, tam»bem de marmore branco bem polido de quatro faces e duas de topo, »teria pouco mais de palmo de altura e de grossura nos topos tambem »pouco mais de palmo.»

Em duas faces tinha inscrições e cruzes e nas outras sómente cruzes.

Juntamente com a pedra fundamental depositaram-se na referida cavidade varias caixas de ouro que continham a escritura e o Alvará da doação do terreno, relicarios de *Agnus Dei* e vidrinhos com o *Santo Chrisma* e com o *Santo oleo*. «Na mesma correnteza se collocaram duas »caixas de ouro redondas e lizas com suas tampas em forma cylindrica, »porem maiores no diametro que seria de tres dedos, quanto désse lugar »a accomodar-se em cada uma seis medalhas que ficaram unidas e »sobrepostas umas ás outras, que vinha a fazer outra tanta altura, como »de diametro, e as suas tampas eram avulsas, como a dos Santos Oleos, »sem ter feixos ou gonzos. Em cada caixa se comprehendiam as ditas »seis medalhas, as duas de cobre por baixo, por cima destas duas de »prata e superiormente duas de ouro. A qualidade destas doze medalhas »como temos dito, eram dos tres metaes, quatro de ouro, quatro de prata »e quatro de cobre, eram de bom feitio e de excellentes cunhos, unifor»mes na grossura e na grandeza, (1) cuja forma orbicular, era igual ás »moedas ou dobrões de cinco moedas, que no tempo do Augustissimo »Rei o Senhor D. João 5.º, se cunharam; porem a forma da chapa era mais »delgada, mas suppria a grossura na extremidade com uma moldura »circular de uma e outra parte, e liza em lugar de sarrilha da moeda »corrente; tinham varios emblemas, imagens e inscripções as melhores »eram aquellas em que se insculpia de bom relevo levantado=O Santis»simo Coração de Jesus=circulado de nuvens e resplendores com algumas »linguas de fogo. Em outras se levantavam no mesmo relevo as imagens

(1) Conclue-se, portanto, que nos alicerces não ficaram depositados senão exemplares do módulo maior de cada tipo.

»de meio corpo ou bustos da Rainha e d'Elrei, a Rainha pela parte de »fóra. Em outras se via então de baixo relevo, o prospecto ou frontaria »da nova igreja.»... «Estas seis medalhas, duas de ouro, duas de prata, »duas de cobre, tinham o Coração de Jesus, e no reverso a letra que já »dissemos. As outras seis, tres, uma de ouro, outra de prata, outra de »cobre tinham os retratos da Rainha e d'Elrei e no reverso a letra já re- »ferida. As outras tres, uma de ouro, outra de prata, outra de cobre tinham »a planta do templo e no reverso o frontispicio já referido»... «Estas »medalhas como para a benção referida se pozeram em um pratinho de »prata dourada, somente as seis que tinham insculpido o Coração de »Jesus, se collocaram depois da benção de S. Em.cia nas suas caíxas »da maneira e forma seguinte: Primeira caixa: no fundo duas de cobre, »uma que tinha o lavor da planta do convento e outra do Coração de »Jesus, mais em cima as duas de prata, uma dos bustos reaes, outra do »Coração de Jesus, e ultimamente as duas de ouro, uma da planta e »frontispicio do convento e outra do Coração de Jesus.

»Segunda caixa: no fundo duas de cobre como a forma da primeira »caixa, porem com esta divisão, uma que tinha o lavor dos bustos reaes, »outra do Coração de Jesus; em cima destas as de prata, uma da planta »e frontispicio do convento, outra do Coração de Jesus; em ultimo lugar »as de ouro, uma dos bustos reaes, outra do Coração de Jesus. Ficando »assim tambem ordenadas que em todas as duas caixas foram os tres »designos, ficando em todos os metaes superiores as do Coração de Jesus.

»Tendo concluido a forma das medalhas pertence tambem aqui fallar »dos dinheiros que dissemos terem-se collocado na cavidade da pedra; »eram estas doze duzias dos mesmos metaes que eram as medalhas, mas »de dinheiro corrente e do cunho do actual reinado, doze de cada »qualidade, a maior moeda era de 6$400; outra duzia de 3$200, outra »de 1$600, 800, 1$200, 480 até aqui foram as de ouro; seguem-se as de »prata de 240, 120, 60 reis; as de cobre de 10, 5 e 3 reis, cuja somma »importava totalmente em 169$416, a qual somma não se deve attender »por importante para esta acção, mas sim o serem divididos os dinheiros »pelo mysterioso numero de doze vezes doze. Não entraram aqui dinheiros »de moedas e meias moedas, ou de cinco moedas, ou 12$000, por se não »ter feito cunho delles neste reinado».

Em outro lugar do livro diz-se que estes dinheiros foram lançados, pelo Cardial Patriarca, na «concavidade superior da dita pedra de cobertura» (1).

(1) Acerca do antigo uso de se lançarem moedas e medalhas nos alicerces dos edificios, vide um interessante artigo, publicado no *Archeologo Português*, xi, p. 65, pelo nosso amigo o dr. José Leite de Vasconcellos.

N.º 71 — 1782 — **Dedicada à memória de Camões pelo Barão de Dillon.** Na orla, a legenda: LUIZ DE (do lado esquerdo), CAMOENS. (do lado direito). Busto de Camões, laureado, de frente, com gorjal de fôlhos e vestido com armadura.

℞. — Dentro de uma coroa de louro, fechada em cima e atada em baixo com um laço, a inscrição em sete linhas horizontais: APOLLO || PORTUGUEZ || HONRA || DE || ESPANHA || NASCEO 1524 || MORREO 1579 (1). No exergo, que está separado por um friso em que assenta a base da coroa, tem mais a seguinte legenda em quatro linhas: OPTIMO POETÆ || I. (OANNIS) T. (ALBOT) BARO DE DILLON || DEDICAVIT || 1782.

Æ. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Vem estampada nas seguintes obras: Lopes Fernandes, n.º 62; *Memoirs of the life and writings of Luiz de Camões* by John Adamson, F. S. A. 2 vols. London 1820, o anverso no frontispicio do 2.º vol. e o reverso no do 1.º; *Bibliotheca Lusitana; or catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal*; *forming part of the Library* of John Adamson, o anverso a p. 67 e o reverso a p. 72. Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 1.

N.º 72 — **Outro exemplar,** tambêm de cobre, mal conservado e furado em cima.

A respeito desta medalha nada mais podemos acrescentar ao que já é conhecido; por isso nos limitamos a compendiar em seguida as informações que colhemos em vários autores que dela trataram.

«Esta medalha, diz o Visconde de Juromenha (2), foi aberta pelo pae »de Mr. Young, gravador residente em Holborn, o qual examinou, a pedido »de Mr. Adamson, os papeis de seu pae para noticias relativas a esta »medalha. Veiu gravada no *Gentleman's Magazine*, Abril 1784, e ahi se »diz que o retrato da medalha tinha sido reproduzido de um quadro de »que era possuidor o Marquez de Niza, nono descendente de Vasco da »Gama, o descobridor da India e o heroe do *Poema*. Foi tambem gravada »na obra de Clarke: *Progress of maritime Discovery*, e na obra de

(1) Note-se que a data do falecimento de Camões foi modernamente fixada em 10 de Junho de 1580, pelo Visconde de Juromenha.

(2) *Obras de Luís de Camões*, vol. I, p. 433.

»Mr. Adamson — Sir John Talbot Dillon, Baronet, foi Barão do Sacro »Imperio, e falleceu em 1805; o seu actual representante é Sir John »Dillon, Baronet, de Lismullen, co. Meall, que herdou tambem o titulo »estrangeiro».

No final da biografia de Camões publicada nos *Retratos, e elogios dos Varões, e Donas, que illustraram a Nação Portugueza*, Lisboa, 1817 diz-se: «O Barão de Dillon pela muita estima, que fazia do grande CAMÕES, »a quem intentava traduzir na sua lingua Ingleza, mandou fundir em »Inglaterra, e lhe dedicou uma medalha de bronze com o seu busto em »uma face, e o nome LUIZ DE CAMÕES; e da outra no meio da coroa de »louro a letra Portugueza: Apollo Portuguez, Honra de Hespanha, nasceu »1524, morreu 1579, e abaixo as palavras Latinas; Optimo Poetae J. T. »Baro de Dillon dedicavit 1782. O P. Thomaz José de Aquino, Bibliotheca- »rio da R. Meza Censoria, que com toda a diligencia imprimiu expurgadas »de todos os erros das edições anteriores as Obras do nosso Poeta em »Lisboa na officina Luisiana pelos annos de 1779, e 1780 em 4 vol. 8.º gr., »e outra vez na officina de Simão Thaddeo Ferreira 1782, e 1783 em 5 »vol. 8.º peq., sem contradicção a mais completa de todas as edições, »que delle tem sahido, mandou tambem em memória do sobredito Barão »fundir em Lisboa pela Ingleza outra semelhante medalha, que fez publicar »em 1793».

Brito Aranha fez reproduzir no seu *Dicionário Bibliográfico*, vol. XIV, a seguir à p. 98, uma estampa, assinada por *Lucius sculps 1795*, na qual se representam as duas faces da chamada medalha de Tomás José de Aquino, acompanhadas da seguinte indicação: THOMAS IOSEPHUS AQUINIUS || CLARISS. BARONIS MEMOR. || OLISIPONE. || ITERUM || ÆRE INCIDI || C. || 1793. Diz o referido autor que a estampa foi aberta a buril em chapa de cobre e que «tambêm serviu para a que foi empregada na obra *Retratos »e elogios de varões e donas*» (1).

Nunca vimos nenhum exemplar da chamada medalha de Tomás José de Aquino, cuja existência é confirmada pela inscrição que acompanha a gravura de Lucius e pelo testemunho do autor dos *Retratos e elogios*. Não podemos portanto verificar quais as diferenças que podem existir entre ela e a de Dillon, senão confrontando esta com a estampa, como fez Brito Aranha, processo que julgamos pouco seguro devido ao pouco escrúpulo que os artistas tinham antigamente em reproduzirem com fidelidade as medalhas nas estampas. Dêsse confronto vê-se que na

(1) Tendo consultado alguns exemplares desta obra não encontrámos em nenhum deles incluída a referida estampa, talvez por estarem incompletos, pois que, como diz Inocêncio (*Dicionário Bibliográfico*, vol. VII, p. 141), a obra poucas vezes aparece completa.

de Dillon o nome do Poeta está assim escrito: CAMOENS e na estampa CAMÕES.

As primeiras linhas das inscrições dos reversos estão assim dispostas:

Na de Dillon:	Na de T. de Aquino:
APOLLO PORTUGUEZ HONRA DE ESPANHA	APOLLO PORTUGUEZ HONRA DE ESPANHA

O Visconde de Juromenha nas suas *Obras de Luís de Camões*, já citadas, vol. I, p. 434, referindo-se a Tomás José de Aquino diz: «Reproduziu a medalha do Barão de Dillon; é mais grossa e feita em Lisboa »no anno de 1793, como se pode ver na obra intitulada: *Retratos e elogios »dos Varoens e Donas Portuguesas*».

Lopes Fernandes, a p. 50 da sua *Memória das medalhas* referindo-se igualmente ao padre Aquino, diz: «Mandou tambem cunhar, em Lisboa, »no anno de 1793, uma medalha dedicada a Luiz de Camões, que vimos »de prata, perfeitamente similhante á que mandou fazer o Barão de Dillon, »e se conhece por ser um pouco mais grossa, como consta da biographia »d'este nosso poeta, escripta por Pedro José de Figueiredo, e impressa em »Lisboa 1817, na collecção dos *Retratos e Elogios dos Varões e Donas*».

Tanto o Visconde de Juromenha como Lopes Fernandes não encontraram entre as duas medalhas nenhuma outra diferença senão a grossura; mas, salvo o devido respeito, cremos bem que nem um nem outro estudou o assunto convenientemente para poder fazer tal afirmação.

N. 73—1783—**Ded.**[da] **pela Academia Rial das Sciencias à Rainha D. Maria I.** No arco superior da orla, a legenda: STABILITAS. ARTIVM. No exergo, que está separado por friso: MDCCLXXXIII.

Do lado direito, ergue-se um trono atapetado, com um só degrau, sobre o qual está sentada, numa cadeira antiga, a Rainha D. Maria I, com manto de arminhos, coroada e voltada à esquerda. Tem o braço esquerdo apoiado no da cadeira e o direito estendido para entregar uma coroa de louro à *Academia* personificada, que na frente dela se apresenta de pé, vestida de Minerva, com capacete e lança, e com um escudo oval das armas

portuguesas verticalmente colocado junto de si. Tem o braço direito estendido, para receber a coroa que a Rainha lhe oferece, e o esquerdo firmado numa coluna lisa e encimada por um mocho, a qual simbolisa a *estabilidade da Academia*. A seus pés veem-se, em monte, uma pira, uma esfera, uma lira, livros, etc.

Junto da cadeira está caída uma cornucopia a despejar flores. Entre esta e o pé posterior da cadeira, lê-se a assinatura do gravador: I. FIG.DO (João de Figueiredo).

℞. — No campo, em seis linhas horizontais, a inscrição: MARIÆ. AVGVSTÆ || LVSITANORVM. REGINÆ || FAVTRICI. ET. ORNATRICI. SVÆ || ACADEMIA. SCIENT. OLISIP. || REGIO. AVCTA. ÆRE || ET. NOMINE. Por cima desta incrição, ha tres coroas de louro, atadas com um laço, para simbolisarem a união das tres classes em que e Academia primitivamente se dividia, e por baixo dois ramos de carvalho, atados da mesma forma.

AR. Diâmetro: 72 milímetros. M. b. c. Rara neste metal.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 59 (estampa); *Panorama*, IV (1840) p. 376 (descrição); Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos scientificos*, II, p. 58 (descrição); Lamas: *Medalhas da Academia Rial das Sciencias* (estampa). Vid. alem destas, outras obras adiante citadas.

N.º 74 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

No Aviso de 13 de Maio de 1783 D. Maria I declarou-se protectora da Academia Rial das Sciencias de Lisboa, concedendo-lhe tambem o título de RIAL; e no Decreto de 18 de Novembro do mesmo ano, estabeleceu-lhe uma dotação, que consistia na terça parte dos lucros de uma lotaria que a Santa Casa da Misericórdia de Lisboa era autorizada a realizar anualmente e cujo capital era de 360000 cruzados (1).

Foi para comemorar estes dois factos, conjuntamente, que a Academia mandou cunhar a medalha acima descrita, a qual foi executada na oficina de fundição do Arsenal do Exército, pelo artista João de Figueiredo. Cunha-

(1) Vid. a este respeito: *As Lotarias da Misericordia e a Academia das Sciencias*, erudito e interessante trabalho do nosso amigo Victor Ribeiro, publicado no: *Boletim da Segunda classe da Academia*, vol. VII (1913), p. 276 e segs.

ram-se exemplares de ouro, de prata, de cobre e de estanho, sendo muito raros os de ouro e raros os de prata; de cobre e de estanho ainda aparecem alguns. No Museu de Artilharia ainda hoje existem, expostos na Sala da Europa, os seguintes ferros que lhe dizem respeito: punção com as figuras do anverso; tres cunhos do anverso, estando dois deles fendidos; e um cunho do reverso.

A medalha tem a data de 1783 por ser a do ano em que se deram os factos que ela comemora; mas só se concluiu em 1785, sendo essa a razão por que só foi publicada no *Almanaque* de 1786 que adiante vai citado. Para a entrega do exemplar destinado á Rainha, que era de ouro, fixou-se o dia do aniversário da sua aclamação, 13 de Maio de 1785, tendo-se realizado essa cerimónia em Vila Viçosa, onde então estava a côrte, por causa da troca das Infantas, D. Mariana Vitória e D. Carlota Joaquina de Bourbon. O próprio Duque de Lafões, presidente da Academia, se encarregou de fazer a entrega, e de distribuir em seguida vários exemplares á Familia Rial e ás pessoas da côrte. No mesmo dia houve em Lisboa sessão da Academia, presidida pelo Visconde de Barbacena, no fim da qual se mostrou aos sócios uma das referidas medalhas.

Vêem estas noticias publicadas na *Gazeta de Lisboa, de 17 de Maio de 1785, n.º 20*, e no 2.º *Suplemento* á mesma *Gazeta*, de 21 de Maio do referido ano. Nêste último número vem uma descrição da medalha, que convem reproduzir aqui, por ser muito elucidativa: «A medalha que a »Academia mandou cunhar, para perpetuar a memoria da Regia protecção, »que lhe foi concedida, representa a Rainha N. S. sentada em huma »cadeira, dando a Minerva huma coroa de louro, em sinal da adopção »que se dignou fazer da Academia, concedendo-lhe o titulo de *Real:* e »tendo ao pé de si o *cornucopiæ* derramando frutos, para significar a »liberalidade com que dotou a mesma Academia. A figura de Minerva em »pé, tendo encostadas a si as Armas de Portugal, e ao pé os attributos »das Sciencias e Artes, que a caracterizão como Academia das Siencias »*Portugueza*, recebe com a mão direita os Reaes dons, e com a esquerda »s'apoia (sic) sobre um pedestal, para mostrar que delles resulta a sua »estabilidade. Sobre o pedestal se vê o mocho de Minerva, para mais a »dar a conhecer... No reverso... Em sima da inscripção ha tres coroas »de louro entrelaçadas, que signifição a união das tres classes, de que se »compõe a Academia. Em baixo dous ramos de carvalho com frutos, dão »a conhecer os que já produzem, e promettem produzir os trabalhos da »Academia.»

Referentes a esta medalha existem na Bibliotéca da Academia (5-49-3), alguns documentos com várias ideias para o tipo que ela devia ter, acom-

panhadas de críticas de alguns sócios, os quais a seguir publicamos, por serem bastante curiosos e por auxiliarem a interpretação da medalha:

a). Uma folha de papel de carta, sem assinatura nem data. Comtêm o seguinte:

«Huma Oliveira com fructo e com as raizes sahindo debaixo do throno »da Rainha, a qual terá na mão direita o sceptro e na esquerda huma »coroa de folhas da mesma arvore, em acção de a pôr na cabeça de »Minerva, que com os seus symbolos da Academia se representará reve- »rente ante o ditto throno, e por letra: *Nec longum tempus et ingens* »*Exiit ad coelum ramis felicibus arbos.* Virg. Georg. II. 80.

»Parecerá talves comprida, e poderselhe-hia cortar o *nec longum tempus* »*et*, se bem que algũa cousa diz como allusão de estar já dantes plan- »tada.

»Tambem se lhe puderia accommodar outra letra, que vem a ser: »*Ne quis sit lucus, quo se plus jactet Apollo.* Id. Ecl. VI. 73.

»Ou estoutra, pondo a Minerva em acção de apontar para a sobreditta »arvore: *Carpent tua poma nepotes.* Id. Ecl. IX. 25.

»E se esta letra se julgar, que não quadra bem á oliveira, pudersehia »mudar esta para outra arvore cheia de formosos fructos. No reverso: »*Mariae. I* || *Lusitan. Regin.* || *Academia. Scient. Olisipon.* || *Regio. No-* »*mine.* || *Ac.* || *Praesidio. Decorata. Atque* || *Aucta* || *Anno*».

b). Quatro paginas de papel almaço, estando a primeira escrita com letra boa e as restantes com letra pessima:

«Ideias p^a^ a Medalha

»Hũa figura q represente a Rainha com a inscrição *Mariae I. ou* »*Mariae I annus VII.* no reverso hũa coroa de oliveira, hum dos sym- »bolos da Academia, e dentro a inscrição, *Academ. Olisip. Nomine. Et.* »*Liberalitate. Regia. Amplificata.*

»Outra

»A Figura como está acendendo o fogo na ara, e a Letra *Sopitos.* »*Suscitat. Ignes.* e no reverso dentro da coroa acima dita, *Mariae. I.* »*Quod. Academiam. Olisip. Nomine. Et. Liberalit. Regia. Amplificaverit.* »*Monumentum. Posteris. S.*

»Outra

»Hũa figura q represente a Academia com os seus symbolos, ou hũa »só destas duas coisas encostada a hũa columna: hũa fig.ª da Raynha »em acção de proteger isto m.^mo com hũa Letra q diga, *Totum. Muneris. »hoc Tui. est.* no reverso *Stabilitas. Artium*, ou *Artibus. vel Stabilitis »vel Revocatis.*

»Outra

»A Figura da Raynha protegendo com o escudo real a Academia »symbolizada nos seus attributos, e na mão direita hũa cornucopia cõ a »Letra acima, *Totum Muneris. hoc. Tui. Est.* no reverso, *Mariae. I. »annus VII.*

»A medalha com a inscrição *Non jam sine matre* não nos pareceo »bem. Na outra do espelho ostorio, ainda q parece pouco simples, con- »cordaremos acrescendo mais votos, e descobrindo-se hũa inscrição q »aclare mais o pensam.^to e q seja mais propria p.ª ella do q a outra, »*Sopitos. Suscitat. Ignes.*

»Isto he o q parece aos P.^es Joaq.^m de Foyos e José de Azevedo.

(A parte que se segue é escrita com letra má). »Não me agrada na »2.ª Idea a expressão *Annus VII* em nominativo. Porq. em nominativo »só deve ir o objecto da inscripção, e não as suas circunstancias. Por- »tanto eu dissera, *Anno VII.* em ablativo. Taõbem me não agrada na »Inscripção do reverso, *Regio Nomine et Liberalitate Amplificata:* porque »devendo a conjuncção *Et* atar os dous ablativos num mesmo modo de »significar, quem lê *Regio Nomine et Liberalitate Amplificata* a primeira »cousa que lhe occorre he Amplificada pelo Nome e Liberalidade Real: »quando o que se intenta dizer he Amplificada com o Nome Real: no »qual sentido já o outro ablativo *Liberalitate* não concorda no modo de »significar com o outro *Regio Nomine.* Pelo que o conjuncto dos tais »ablativos faz a òração ou equivoca, ou impropria. Por que ou se hade »construir Amplificada com o Nome e Liberalidade Real, o que he im- »proprio: ou Amplificada pelo Nome e Liberalidade Real, o que he muito »diverso do que se quer dizer.

»Não me agrada a segunda tenção, 1.º porque ara e fogo assoprando- »se só pode ser symbolo de sacrificios ou amores, 2.º porque a letra do »reverso não concorda com a de diante, 3.º porque *Sopitos Suscitat ignes* »entendido da Rainha nega ao Duque a gloria de Fundador. 4.º porque »suppoeẽ Portugal antes da Academia na ignorancia em que o suppoz »Theodoro de Almeida na oração da Abertura.

»Não me agrada a terceira, nem a quarta: «porque nem os symbolos »nem as letras exprimem o motivo da Medalha que he ter a Rainha »declarado Real a Academia, e tel·la como dotado com certo fundo de »renda.

»Nestes termos como a simplicidade e a clareza são as primeiras e »talvez unicas virtudes, que constituem hũa boa inscripção, ou seja em »pedra, ou seja em medalha: Eu cingindo·me ao motivo, á ocasião, e ao »fim da nossa Medalha, e fugindo de Allusões symbolicas, e por isso mes- »mo quasi sempre escuras: Poria na frente a Rainha com coroa e scetro, »e ao orredor a letra: FRAUTRICI ET ORNATRICI SUAE: e nas costas a »figura da Academia com as suas Insignias, e de redor a letra: ACADEMIA »SCIENT. OLISIPON. REGIO ET ÆRE [1] AMPLIFICATA. ET NOMINE DECORATA. »ANNO REGNI VII.

»A Academia não quer dizer outra cousa, senão que dedica hũa Me- »dalha á Rainha como a sua Toutora, pela Tença pecuniaria que lhe »assinou, e como a sua Honradora por causa do Titulo de Real que foi »servida dar·lhe. Isto em termos he o que significa a Medalha e a letra, »que delineei, onde a letra do reverso concorda admiravelm.te com a da »frente. Nem se me pode oppor ir em Dativo a primeira Letra, *Fautrici* »et ornatrici suae: por que já os mais senhores socios convierão que se »podia dizer em dativo *Mariae. I.*

»O que não obstante se agradar mais o nominativo eu não teria du- »vida de mudar a letra da frente, e em lugar de *Fautrici et Ornatrici* »*Suae* pôr: *Maria I. Lusit. Regina:* no qual cazo a letra do reverso — »*Academia Scient. Olisipon. Regio et Aere amplificata et Nomine decorata* se pode muito bem construir em ablativo absoluto.»

c). Duas paginas separadas:

«Na pressa que me pede o Sr. Visconde occorrem·me tres tenções »para a parte anterior da Medalha, conservando-se sempre na posterior »a letra *Non jam Sine Matre.*

»1.ª O Busto da Rainha em throno, sem mais letra que esta: *O et* »*praesidium et dulce decus meum.* Onde quem falla, he a Minerva figura »da Academia, dirigindo o seu dito á Rainha sua declarada protectora e »Honradora.

»2.ª O Busto da Rainha em throno, com a seguinte Inscripção decla »rativa do motivo, por que se cunhou a Medalha. *Mariae I. Lusitanorum*

---

[1] Á margem do documento, para explicação do emprego deste termo, ha a seguinte nota: «Todos vem que AERE se toma aqui por dinheiro».


Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou
cunhar por occazião da mercê que S. M. lhe fez, dotandoa libe=
ralmente, e honrandoa com o seu Augusto Nome e immediata
protecção
STABILITAS.ARTIVM.
MDCCLXXXIII
MARIAE.AVGVSTAE.
LVSITANORVM.REGINAE.
FAVTRICI.ET.ORNATRICI.SVAE
ACADEMIA.SCIENT.OLISIP.
REGIO.AVCTA.AERE
ET.NOMINE.

Fig. n.º 5

»*Reginae Academiam Scientiar. Olisipon. Regio Titulo ornanti, atque a* »*de Suam Declaranti.*

»O que tudo julgo que caberá numa medalha *Maximi moduli.*

»3.ª O Busto da Rainha em throno, com a letra que primeiro lembrei: »*Veteres Revocavit Artes.*

»E seja qualquer que for a letra que se adopte, sempre ou na parte »antica, ou na postica deve exprimir-se o anno MDCCLXXXIV.

»Hũa vez assentado que depois de *Mariae Aug. Lusit. Reginae* se »deve acrescentar *Fautrici et Ornatrici Suae;* pede necessariamente o »reciproco *Suae,* que a oração do reverso *Academia Scient. Olisip. Regio* »*Aucta Aere et Nomine* se entenda não em ablativo absoluto, mas em »nominativo. De sorte que a pôr-se por extenso aquelle *Olisip.* se deve »escrever em nominativo *Olisiponensis.* Que esta he a orthografia, que »dos mesmos marmores Romanos estabelecerão Goes e Rézende. *Olisipo,* »sem *U*, sem *Y*, e só com um *P.*

»E *salvo meliori,* eu posera o anno no fim da Inscripção do Reverso, »e não onde vai *Stabilitas Artium*».

Esta medalha foi reproduzida por meio de gravura, numa folha de papel avulsa, que se incorporou no *Almanach* de 1786 — Lisboa *na officina da Academia Real das Sciencias,* a qual teve de ser dobrada para se acomodar ao formato do livro, que é pequeno. Na *figura n.º 5* fizémos reproduzir essa estampa, que tem escrita por cima a seguinte indicação. *Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou cunhar por occazião damercê que S. M lhe fez, dotandoa liberalmente, e honrandoa com o seu Augusto Nome e immediata protecção.*

O autor da gravura, God.º (Godinho), colocou a sua assinatura junto do pé posterior da cadeira, em vez da do autor da medalha, que devia figurar nesse lugar.

A mesma estampa, desdobrada, foi depois tambem encorporada na *Collecção Systematica das leis e estatutos, por que se tem governado a Academia Real das Sciencias de Lisboa,* etc. Lisboa, 1822, publicada por Francisco Manoel Trigozo d'Aragão Morato.

*

A Academia Rial das Sciencias de Lisboa foi instituida no tempo da Rainha D. Maria I, por um grupo de homens ilustres, devido á iniciativa do Duque de Lafões, D. João Carlos de Bragança.

Começou a nova Associação por elaborar um *Plano de estatutos* de uma «Academia de Sciencias, consagrada á gloria e felicidade publica,

para adeantamento da Instrucção Nacional, perfeição das Sciencias e das Artes e aumento da Industria Popular», a qual se dividiria em tres classes.

Com este primitivo *Plano*, que os proprios autores consideravam incompleto, julgou a Academia poder governar-se nos seus primeiros passos, resolvendo completá-lo a pouco e pouco, conforme a experiência fosse indicando, por meio de *assentos*, até que uma nova lei organica fosse aprovada.

No Aviso de 24 de Dezembro de 1779 a Soberana aprovou o *Plano*, que só foi substituido, depois de muito alterado por numerosos assentos, pelos Estatutos de 15 de Outubro de 1834. Vigoraram estes até 15 de Abril de 1840, sendo nesta data reformados.

Em 23 de Junho de 1851, o Governo nomeou uma comissão encarregada de examinar as leis organicas da Academia e de propor as alterações que nelas julgasse conveniente introduzir. Elaborou essa comissão uns novos Estatutos, que foram aprovados por Decreto de 13 de Dezembro de 1851 e que ainda hoje vigoram, juntamente com o Regulamento de 22 de Outubro de 1852, com os Decretos de 11 de Abril de 1855, de 30 de Setembro de 1856, de 19 de Janeiro de 1859, de 22 de Março de 1865, de 4 de Junho de 1866, de 30 de Outubro de 1872 e com o Regulamento para a admissão de socios, de 4 de Julho de 1868.

Pela nova reforma as classes foram reduzidas a duas: de Sciencias matematicas, fisicas e naturais; e de Sciencias morais, politicas e de Belas-letras; cada uma das quais se dividiu em quatro secções.

N.º 75 — 1785 — Com.ª do Casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e do da Infanta portuguesa, D. Mariana Vitória, com D. Gabriel de Hespanha. No arco superior da orla, a legenda: AUGUSTA. CONNUBIA. DIUTURNÆ. FELICITATIS. PIGNORA. Dois *Genios*, de pé, junto de uma ara circular ornamentada, seguram, por cima do fogo, quatro corações em chamas. No alto, paira sobre uma nuvem, o Himeneu, a segurar o competente facho com a mão esquerda, e a colocar, com a outra mão, uma coroa de rosas sobre os corações. Ao fundo, do lado esquerdo, veem-se representados, o edificio do Terreiro do Paço e a estátua equestre; à direita divisa-se o palacio rial de Madrid. Junto do *Genio* do lado esquerdo ha uma urna tombada, a derramar agua e que tem inscrito: TAG. Simboliza o rio Tejo (em latim *Tagus*). Junto do

segundo *Genio*, ha outra urna, que tem inscrito: MANZ. Simboliza o rio Manzanares. Na ara está gravada a data: 17-85, e no exergo, em duas linhas, lê-se: MATR. 27. MART || OLISIP. 12. APRIL. São estas as datas em que se realizaram os casamentos *por procuração*, referindo-se a primeira ao casamento de D. João com D. Carlota Joaquina, que se celebrou em Madrid, e a segunda ao de D. Mariana com D. Gabriel, que se realizou em Lisboa, na Capela Rial da Ajuda.

℞. — Ao centro, em cinco linhas, a seguinte inscrição, que está envolvida por uma coroa de rosas, atáda em baixo, para simbolizar *união*: GEMINATAM || POPULORUM || LAETITIAM || GRATULATUR || C.C.F.N.L.H. Estas ultimas seis letras são as iniciais do nome, titulo e cargo do oferente da medalha: C(arolus) C(omes) F(ernan) N(unensis) L(egatus) H(ispaniae).
AR. Diâmetro: 42,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: *Lamina que representa la medalla acuñada...*, folheto adiante citado e reproduzido; *Memorias historicas de los desposorios*, etc. livro que adiante vai citado (estampa); *Suplemento extraordinario à Gazeta de Lisboa, de 24 de Junho de 1785* (descrição); *Relação das festividades .. que o Conde de Fernam Nunes... deu novamente... nos dias 15 e 18 de Junho* (descrição); *Prospecto de Bouch* (descrição); Lopes Fernandes, n.º 63; Lamas: *Medalha comemorativa do casamento de D. João VI* (estampa).

Esta medalha foi feita em Lisboa, pelo primeiro gravador José Gaspart, por ordem e à custa do Conde de Fernão Nunes, D. Carlos José Gutierrez de los Rios, embaixador de Hespanha que na Corte de Lisboa negociou os casamentos que naquela se comemoram. A cunhagem fez-se na Casa da Moeda, onde existem ainda os seguintes Avisos que lhe respeitam: (1)

«Reg.to de hum Avizo sobre hũa medalha do Embayxador de Hes»panha — Ao Abridor Gaspar mandou o Embayxador de Hespanha fazer »hũa medalha, o qual me pede lha deixe cunhar nessa Caza da Moeda; »o q. v. m.e lhe facilitará, praticando neste cazo o mesmo que em outros »similhantes se tiver observado. Deos guarde a v. m.e Lumiar 6 de

(1) *Arquivo da Casa da Moeda*, liv XI do *Registo Geral*, fl. 3 e 4 v. Estes Avisos vêem citados, mas não transcritos, na obra do Dr. Teixeira de Aragão, t. II, p. 122. Com estes documentos desvaneceu este ilustre numismatico as duvidas que Lopes Fernandes tinha, acerca do local onde a medalha havia sido cunhada.

»Junho de 1785.=Marquez de Anjeja=Sr. José Gomes Ribeiro=Cum-»prasse e registesse. Lisboa 6 de Junho de 1785.=Ribeiro=Antonio »Carvalho.

»Avizo para nesta Caza da Moeda se vender o ouro de q. necessitar »o Embaixador de Hespanha p.ª humas medalhas=Vossa mercê mandará »dar á ordem do Embaixador de Hespanha o ouro de que necessitar para »as Medalhas que pertende cunhar nessa Caza da Moeda; praticando a »este respeito o mesmo que se custuma praticar com as mais pessoas, a »quem v. m.ce manda dar dessa Caza o ouro de que necessitão. Deos »guarde a v. m.ce Lumiar 17 de Junho de 1785.=Marquez de Angeja.= »Sr. José Gomes Ribeiro.=Antonio Carvalho.»

A medalha foi distribuida juntamente com um folheto muito interessante, do qual mandámos fazer um *fac-simile*, pelo processo da zincogravura, que publicámos em 1907, no *Archeologo Português*, vol. XII, apenso ao nosso trabalho sobre a medalha comemorativa do casamento de D. João VI, e que novamente publicamos no fim desta noticia.

Encontrámos esse folheto na Bibliotéca Nacional, encorporado numa *Miscelanea* em cuja lombada se lê: *Obras várias* e que figura no catálogo da secção de *Historia* com o n.º 14:868 (preto). Tem as paginas divididas em duas colunas, estando a do lado esquerdo escrita em hespanhol e a do lado direito em francês. Para evitarmos repetições escusadas diremos o seu titulo apenas na primeira destas linguas. E' o seguinte: «*Lamina »que representa la medalla acuñada con motivo de los augustos desposo-»rios de los serenísimos señores Infantes de España, Doña Carlota, y »Don Gabriel, y los señores Infantes de Portugal Don Juan, y D.ª »Mariana Victoria, celebrados en las cortes de Madrid y Lisboa en los »dias 27 de Marzo, y 12 de Abril del año de 1785, explicacion y circuns-»tancias de ellos.*» Não tem data nem indicação do lugar onde foi impresso; mas não deve haver duvidas de que foi impresso e distribuido em Lisboa juntamente com a medalha. A estampa desta vem gravada no alto da primeira pagina, e está assinada por «*Joaquim Pro....*»

O folheto é muito raro, e tendo-o procurado debalde em varias bibliotécas, tanto publicas como particulares, vimo-nos forçados a reproduzir o exemplar da Bibliotéca Nacional, que por fatalidade tem um grande defeito: um inconsciente encadernador ao cortar-lhe as margens, aparou-as de tal modo que em algumas paginas o texto ficou ofendido! A estampa da medalha e a assinatura que está junto dela, tambem foram atingidas! No *fac-simile* nada alterámos, por isso, o leitor terá de completar as palavras cortadas, o que, felizmente, não è dificil. Em algumas paginas ha numeros escritos a tinta, alguns dos quais estão riscados. Essa nume-

ração deve ser antiga. Por baixo do L inicial do frontispicio ha um traço a tinta, e ao lado esquerdo da mesma letra, um ponto.

No final do folheto, diz-se: «*la grabó D. Joseph Gaspar, primer Gra-»bador de la Casa de la Moneda de Lisboa, á 7 de Junio de 1785.*» Combinando esta data com as datas dos Avisos acima transcritos — 6 e 17 de Junho — depreende-se que a cunhagem dos exemplares de cobre ou de prata é que começou logo no dia seguinte ao da recepção, na Casa da Moeda, do primeiro Aviso, pois que a cunhagem dos exemplares de ouro só poderia ter começado depois da autorização concedida no segundo Aviso, que é datado de 17 de Junho.

Consta ainda do mesmo folheto que «*la invencion de esta medalla es »del Abate Garnier...*» Cumpre-nos, pois, dar breve noticia biográfica deste personagem. O P.e Charles François Garnier foi durante cerca de 40 anos capelão da Igreja de S. Luis, em Lisboa. ([1])

Nasceu em França, na Lorena, e era doutor em Teologia. Em Portugal desempenhou um papel importante na alta politica ([2]) e era muito estimado na sociedade. Foi coleccionador de moedas e de medalhas, bem como de outras antiguidades, como se prova com as referências feitas ao seu notavel museu, nos Almanaques de Lisboa, desde o ano de 1789 até 1803. Bastante tempo depois da sua morte, diz o Dr. Teixeira de Aragão, o Consul de França, Cesar Famin, tambem numismatico, tratou de indagar o destino que havia levado aquele museu, mas nada conseguiu saber. Posteriormente, porêm, averiguou o Sr. Pedro de Avezedo, que o museu foi vendido em leilão, como consta da *Gazeta de Lisboa*, ano de 1805, supl. ao n.º 39 e n.º 47; e ano de 1807, supl. ao n.º 11. Das medalhas de Garnier serviu-se Bouch para fazer as suas reproduções. O antigo capelão de S. Luis, dedicou-se com extraordinario zelo ao trabalho de reconstruir a Igreja, depois do terremoto, presidindo aos trabalhos, pagando aos operarios, modificando o plano, conforme as necessidades de momento, constando que foi ele proprio quem pintou o tecto, o que

---

([1]) A Igreja e confraría de S. Luis, Rei de França, foram instituidas em Lisboa, no meado do seculo XVI, «*pera Remedio e sustemtação das pesoas da dita nação que uiuiam »nesta cidade e a ela vinhão cõ suas mercadorias e outros negocios.*» (Vid. a este respeito uns documentos publicados pelo Sr. Pedro de Azevedo no *Archeologo Português*, vol. XVI, p. 214). A Igreja construiu-se junto, mas fóra, das antigas portas de Santo Antão. No reinado de D. Sebastião ardeu, tendo-se depois feito uma outra que caiu com o terremoto, a qual, dez anos depois começou a ser reconstruida, devido aos esforços empregados pelo embaixador de França em Lisboa, o Conde de Saint-Priest, que deu ele proprio o plano do novo Templo. Anexo à Igreja ha um edificio, no qual esteve instalado o hospital que a confraria mantem. Modernamente foi esse hospital transferido para a Rua de Luz Soriano.

([2]) Como se depreende das cartas que ele escreveu sobre assuntos politicos, citadas por Latino Coelho, na *Historia politica e militar*, t II, pp. 58, 61 e outras, em notas.

não é para admirar, pois que tinha especial vocação para as Belas-Artes, sabendo pintar e desenhar. Faleceu a 14 de Junho de 1804 tendo sido sepultado, no dia seguinte, na propria Igreja. ([1])

A medalha de que tratamos, figurou num dos quadros que Bouch publicou em 1795, com o seguinte letreiro por baixo: «*Epoca memoravel* »*nos Annaes da Hespanha e Portugal.*»

Ha uns quadros que têem as duas faces da medalha estampadas em folha (?) e coladas a par sobre uma chapa de madeira forrada de papel azul. Em volta têem caixilho de madeira preta, com argola para se suspenderem. Possuimos um desses quadros, que vai reproduzido em tamanho natural na *figura n.º 6*, e temos conhecimento da existencia de mais dois: um na Academia Rial das Sciencias e outro no Museu Etnologico a quem foi oferecido por um irmão nosso.

*

A antiga rivalidade entre Portugal e a Hespanha, que tão prejudicial foi a estes dois países, ao passo que originava, de quando em quando, sanguinolentas lutas, dava tambem lugar a sucessivas *alianças de familia*, por meio de casamentos de soberanos e principes das respectivas côrtes. Á custa destas alianças se pretendia, por vezes, assegurar a paz; á sombra delas se ocultava, tambem, a ideia da realização do sonho de conquista, que tanto preocupou as duas nações!...

Foi com intuitos pacificos que se negociou o casamento do Infante D. João, depois D. João VI, com D. Carlota Joaquina de Bourbon.

A execução de certas disposições de alguns artigos do tratado de paz assinado em Utrecht, entre Portugal e a Hespanha, no ano de 1715, e outros motivos, haviam provocado tão graves desinteligencias entre os dois reinos vizinhos, durante o reinado de D. José, que, ao subir ao trono sua filha, a Rainha D. Maria I, a guerra parecia inevitavel.

Não correram tão satisfatoriamente, como era para desejar, as negociações diplomaticas que se empreenderam com o fim de evitar esse desastre, que no horizonte se delineava com sombrio aspecto. Iniciou-se, é certo, a discussão de um tratado preliminar de aliança e de paz, mas as imposições da Hespanha eram de tal modo desfavoraveis a Portugal, que não foi possivel chegar-se a acordo seguro.

Julgou-se então que só com a presença da Rainha viuva em Madrid se poderia resolver a contenda. Irmã de Carlos III, Rei de Hespanha, e

([1]) Vid. no Arquivo da Igreja o livro do registo dos obitos. No mesmo arquivo existe um livro manuscrito onde colhemos alguns apontamentos para a biografia de Garnier, cuja consulta nos foi amavelmente concedida por Mr. Désirè Caullet.

Mãi da Soberana de Portugal, era, na verdade, D. Mariana Vitória a melhor medianeira que para esta questão se poderia eleger.

Realizou-se a viagem da Rainha áquela capital em 1777 e no ano seguinte, a 11 de Março de 1778, assinava-se, no *real sitio* do Pardo, um tratado entre as duas nações. Alguns meses depois voltou a Rainha viuva para Portugal, convencida de que tinha levado a bom termo a sua dificil missão.

Não se contentou, porêm, D. Mariana Vitória, com este simples acordo. Querendo lançar as bases para uma aliança mais intima do que aquela que ostensivamente acabava de ser estipulada, aproveitou a oportunidade para negociar com seu irmão, Carlos III, o ajuste do casamento de seu neto, o Infante D. João, com uma Infanta hespanhola. Para que a aliança ficasse mais estreita, combinou-se tambem que a Infanta portuguesa D. Mariana Vitória casasse com um principe hespanhol. Estes enlaces seriam complemento, e ao mesmo tempo penhor, do tratado do Pardo; mas sobre este assunto guardou-se rigoroso segredo, como convinha, emquanto o Infante D. João, ainda criança, não atingisse a idade de poder contraír matrimónio.

A importancia que se ligava a estes enlaces não admitia, porêm, grandes delongas; por isso, decorridos apenas dois anos, em 1780, iniciaram-se as negociações, quasi oficiais, para os projectados casamentos.

Tratou-se então da escolha de consortes para os Infantes portugueses, tendo sido dirigidas as primeiras tentativas no sentido de casar o Infante D. João com uma filha do Grão-Duque da Toscana, a qual era neta de Carlos III; com D. Mariana Vitória casaria um filho segundo do mesmo Grão-Duque.

Mas a breve trecho todo este plano se modificou em consequencia de graves questões que surgiram entre os Grão-Duques da Toscana e o Rei de Hespanha, e que ainda para mais, se complicaram com a morte da Rainha viuva de D. José, principal influente na realização deste projecto.

As novas negociações que, após curta interrupção, se entabolaram entre D. Maria I e Carlos III, deram por fim em resultado o ajuste do casamento do Infante D. João com D. Carlota Joaquina de Bourbon, e da Infanta D. Mariana Vitória com D. Gabriel, irmão do Principe das Asturias.

Era D. Carlota Joaquina neta do Rei de Hespanha, Carlos III e filha do Principe das Asturias, que depois foi Carlos IV, e de sua mulher D. Maria Luisa de Parma. Nasceu em 25 de Abril de 1775.

O Infante D. João, depois Principe Regente e Rei de Portugal, era o terceiro filho de D. Maria I e de D. Pedro III. Nasceu em Queluz, em 13 de Maio de 1767.

D. Mariana Vitória era irmã de D. João. Nasceu a 15 de Dezembro de 1768.

Tratavam deste negocio em Madrid, como embaixador português o Marquês de Louriçal, e como plenipotenciario hespanhol o Conde de Florida Blanca. (1)

Iniciou-se a serie de ostentosas formalidades, com que são revestidos os casamentos de pessoas de tão elvada gerarquia, com a assinatura dos artigos preliminares dos tratados matrimoniais, que se efectuou em Aranjuez no dia 2 de Maio de 1784. Estes artigos serviram de base para as escrituras definitivas, que depois se assinaram. (2)

No dia 27 de Março do ano seguinte, num Domingo de Pascoa, fez o embaixador português a sua entrada publica em Madrid, para pedir oficialmente a mão de D. Carlota Joaquina, realizando-se esta cerimónia com grande aparato, segundo o uso da epoca.

Com luzido cortejo se dirigiu o Marquês para o palacio rial, saindo de sua casa, por lhe ter sido dispensado o vir de fóra da cidade, como era costume. Grande numero de pagens, gentis-homens e lacaios, soberbos coches de gala e belos cavalos, ricamente ajaezados, figuravam nesse cortejo de deslumbrante aspecto, que seguiu em muito boa ordem, por entre compacta massa de povo, pela rua da *Hortaleza*, onde o embaixador residia, *Puerta del Sol*, *cale Mayor* e por fim entrou pelo arco da *Armeria*.

O *estado* do embaixador compunha-se de seis cavalos e quatro coches, «muy primorosos y de exquisito gusto», puxados por quatro cavalos cada um.

Quando chegou ao palacio, foi o Marquês de Louriçal conduzido á presença do Rei, que na sala da audiencia o aguardava rodeado da côrte. Em seguida dirigiu-se á sala do Principe das Asturias e depois á da Princesa, onde tambem estava a noiva, D. Carlota Joaquina e, por fim, depois de ter cumprimentado as outras pessoas da Familia Rial nas respectivas salas, retirou-se para casa com o mesmo cortejo.

Á tarde visitou, cerimoniosamente, Florida Blanca, que a seguir lhe retribuiu a visita. Ainda no mesmo dia, 27 de Março de 1785, se assinaram as escrituras e se celebraram os desposorios de D. João com D. Carlota Joaquina.

---

(1) Vid. Latino Coelho: *Historia politica e militar de Portugal*, t. II, p. 1 e sgs., onde vem desenvolvida e proficientemente estudado o assunto até aqui tratado.

(2) Estes artigos preliminares bem como diversos outros diplomas relativos aos dois casamentos, tais como: procurações, ratificações, cartas-patentes, escrituras definitivas, etc., estão no Arquivo da Torre do Tombo, na caixa dos tratados matrimoniais Nas escrituras figuram as assinaturas das pessoas das duas familias riais, hespanhola e portuguesa.

A soléne outorga das escrituras realizou se no *Salão dos Reinos*, com assistencia da Familia Rial, da côrte e de muitas pessoas distintas. Para a celebração dos desposorios estava preparado um altar em uma das salas do palacio, onde o Patriarca das Indias recebeu os noivos.

Representou o Infante D. João, nesta cerimónia, o Rei Carlos III. Foram padrinhos os Principes das Asturias e testemunhas os Infantes D. Gabriel, D. Antonio, D. Maria Josefa e D. Luis.

Por tão faustoso acontecimento recebeu o Rei de Hespanha as felicitações da cidade de Madrid, por intermedio dos seus representantes.

Á noite deu o Marquês de Louriçal notavel festa, para a qual convidou cêrca de duas mil pessoas. Para esse fim teve o embaixador de ampliar o seu palacio, mandando construir no jardim um grande salão, que estava esplendidamente ornamentado, e cujo risco era do arquitecto D. Pedro Arenal.

Houve refrescos, *serenata*, ceia, que foi servida em pequenas mesas distribuidas pelas salas, e, por fim, grande baile que terminou no dia seguinte. Igual festa se repetiu no dia 29. Nas janelas do palacio tocava-se musica e cantavam-se córos, para divertimento do publico.

O dia 28, segundo dos festejos, foi destinado para o beija-mão geral, que esteve muito concorrido.

Em 29, de manhã, deu-se beija-mão aos *conselhos*, e á tarde, foi a Familia Rial, com soléne cortejo, ao Santuario de Nossa Senhora da Atocha, dar graças por tão feliz acontecimento. Quando regressou ao palacio viu as soberbas iluminações da cidade. (1)

Em 1 de Abril chegou a Lisboa a noticia oficial de que em Madrid se haviam celebrado os desposorios do Infante D. João com D. Carlota Joaquina, havendo por esse motivo soléne *Te-Deum* na Capela Rial da Ajuda e as costumadas demonstrações de regosijo, durante tres dias, que foram de grande gala. Iluminou-se a cidade, os sinos repicaram e as fortalezas e os navios salvaram.

---

(1) Acêrca do que se passou em Madrid, vid. o folheto que foi publicado em suplemento á *Gazeta de Madrid*, de 1 de Abril de 1785, intitulado: *Noticia de las funciones y Fiestas con que se ha celebrado el Desposorio de la Serenissima Señora Infanta Doña Carlota Joachina, nieta del Rey, hija de los Principes Ntros. Sres. con el Serenissimo Señor Infante de Portugal Don Juan, hijo de la Reyna y del Rey Fidelissimos.* Tem 11 paginas. Bib. Nac. Historia n.º 14868 (preto).

Deste folheto fez-se uma tradução em português: *Noticia das funçoens, e festas com que em Madrid se celebrou o despozorio da Serenissima Senhora Infanta D. Carlota Joaquina, neta del Rei Catholico, filha dos Serenissimos Principes das Asturias; com o Serenissimo Senhor Infante de Portugal D. João, filho dos Reis Fidelissimos. Fielmente traduzida do seu original impresso em Madrid para satisfazer ao dezejo dos bons portuguezes, que se interessão pela gloria da sua Nação.* Lisboa 1785. 23 paginas. Temos um exemplar.

No dia 4 do mesmo mês recebeu a Familia Rial as felicitações do corpo diplomatico, da nobreza, do senado da Camara e das Academias: da Historia e das Sciencias. ([1])

Em relação aos desposorios da Infanta D. Mariana Vitória com D. Gabriel, celebrou-se em Lisboa cerimónia identica á que se tinha realizado em Madrid para os desposorios de D. João com D. Carlota.

Foi encarregado pela côrte de Hespanha da missão de pedir oficialmente a mão da Infanta portuguesa, o Conde de Fernão Nunes, D. Carlos José Gutierrez de los Rios, fidalgo muito ilustre e da primeira nobreza, o qual fez a sua entrada publica em Lisboa, em 11 de Abril de 1785. Tendo sido dispensado de vir de fóra da cidade, saiu do *palacio do Rocio*, que lhe foi cedido, e daí dirigiu-se para o palacio da Praça do Comercio. Ás duas horas e meia da tarde começou a desfilar o majestoso cortejo que o acompanhava no qual se encorporaram 75 vistosos coches de gala, muitos criados e lacaios com librés, soberbos cavalos bem ajaezados, etc. Grande concurso de povo admirava a magnificencia deste cortejo. Na Praça do Comercio alguns regimentos, comandados pelo Marquês das Minas, faziam a guarda de honra.

Na escada do palacio foi o embaixador recebido por tres fidalgos que o introduziram na sala da audiencia onde a Rainha o aguardava, sentada no trono e rodeada da sua côrte.

Depois de entregues as cartas credenciais, com as costumadas formalidades, em um breve discurso fez o Conde de Fernão Nunes o pedido da mão da Infanta, e depois de obter resposta afirmativa da Soberana, dirigiu-se aos aposentos do Rei, do Principe, da Princesa e das Infantas, cada um dos quais estava em sala separada. Terminadas estas audiencias voltou, com as mesmas formalidades, para o *palacio do Rocio*, e aí ofereceu um *refresco* ao Marquês de Castelo-Melhor, fidalgo que nesta cerimónia desempenhava as funcções de *conductor*. Em seguida foi o embaixador visitar o Secretario de Estado, Visconde de Vila Nova da Cerveira, o qual, daí a pouco lhe retribuiu a visita. Tanto um como outro ofereceram *refrescos*. Á noite houve iluminação geral na cidade, descargas de artilharia e repiques de sinos.

No dia 12, pelas 11 horas da manhã, assinaram-se as escrituras no palacio da Ajuda, tendo sido avisados para assistirem a este acto os fidalgos, titulares e grandes do reino, bem como alguns prelados que se encontravam em Lisboa. Fez de notario o Visconde de Vila Nova da Cerveira, por estar doente o ministro competente, Aires de Sá e Melo.

Ás quatro horas da tarde do mesmo dia, 12 de Abril de 1785, realiza-

[1]) Vid. o segundo suplemento da *Gazeta de Lisboa*, de sabado 9 de Abril de 1785.

ram-se os desposorios de D. Mariana Vitória com D. Gabriel, na Capela Rial da Ajuda. Sairam as Pessoas Riais do palacio, acompanhadas pelo embaixador e por numeroso sequito, dirigindo-se para a Capela por uma *passagem coberta*. A noiva era conduzida pela mão da Rainha.

O Patriarca, depois de ter recebido a procuração para D. Pedro III representar o noivo, e a dispensa de parentesco concedida pelo Papa, fez as perguntas do estilo. D. Mariana Vitória, antes de responder, ajoelhou-se e beijou as mãos de seus pais. Foi madrinha a Rainha D. Maria I.

Cantou-se em seguida um *Te-Deum* e houve benção soléne.

Quando esta festa terminou dirigiu-se o embaixador aos aposentos da Infanta, para lhe entregar o retrato do noivo.

Á noite queimou se belo fogo de vistas na Praça de Belem, que foi presenceado pela Familia Rial, pela côrte e por muito povo. Toda a cidade se iluminou.

A seguir ao fogo houve *serenata* no salão de música do palacio da Ajuda, cantando-se um drama lirico, alegórico aos dois casamentos, intitulado: *Iminei dei Delfi*, cuja letra era de Gaetano Martinelli e a musica de Antonio Lial Moreira, mestre do Seminario de Lisboa.

O dia 13 foi destinado à receção oficial, à qual foram admitidas as duas Academias: da Historia e das Sciencias.

Á noite o Conde de Fernão Nunes ofereceu à côrte sumptuosa festa no *palacio do Rocio*. Representou-se o drama lírico: *Os desposorios de Herculos e Hebe*, do qual se distribuiram exemplares impressos pelos convidados. A letra deste drama foi escrita em Roma; a música era de Jeronimo Francisco Lima, tambem mestre do Seminario de Lisboa. Serviu-se lauta ceia e houve baile, que terminou no dia seguinte ás sete horas da manhã. (1)

A troca das Infantas, conforme se combinára, realizou-se em Vila Viçosa, no dia 8 de Maio de 1785. Para esse fim partiu D. Carlota Joaquina de Aranjuez com luzido acompanhamento, em 27 de Abril, isto é, dois dias depois de ter completado dez anos de idade. A 22 do mesmo mês embarcou a Familia Rial Portuguesa no Caes de Belem.

A 7 de Maio chegou D. Carlota Joaquina a Badajoz, onde a foram cumprimentar alguns fidalgos portugueses, bem como o embaixador hes-

(1) Acêrca do que se passou em Lisboa por ocasião dos desposorios de D. Mariana com D. Gabriel, vid o folheto: *Noticia das solemnes, e magnificas funçoens com que se celebrou na sempre Augusta cidade de Lisboa o despozorio da Serenissima Senhora Infanta Dona Marianna Victoria com o Serenissimo Senhor D. Gabriel Infante de Hespanha, nos dias 11 12 e 13 de Abril de 1785, exposta fielmente para gosto do respeitavel publico, com a demonstração de tão pompoza festividade. Lisboa,* MDCCLXXV (por engano, pois deveria ser, 1785.) Bib. Nac. Historia, *Cartas e Noticias*, n.º 15:225.

panhol. No dia seguinte de manhã seguiu para Vila Viçosa, onde já estava a côrte.

O Infante D. João foi esperar a sua noiva ao caminho. Quando a avistou, apeou-se, e com ela esteve conversando, durante cinco minutos, encostado à portinhóla do coche.

A chegada da Infanta a Vila Viçosa foi imponente. O largo principal estava repleto de povo, e muitos regimentos faziam guarda de honra.

Quando parou o coche que a conduzia, o Infante D. João abriu a portinhóla e ofereceu o braço à sua esposa para a ajudar a subir até o alto da escadaria do palacio, onde a Familia Rial estava reunida. A meio da escada veio ao encontro dos noivos o Principe D. José. (1)

Depois de receber muitos abraços e muitas provas de carinho, foi D. Carlota Joaquina repousar durante alguns instantes. Em seguida cantou-se um *Te-Deum*. Quando este findou, trocaram-se as Infantas com o seguinte cerimonial: em uma das salas do palacio juntaram-se o Duque de Almodovar, o Conde de Valadares e muitos outros fidalgos, o primeiro como representante da Hespanha, e o segundo como representante de Portugal. Saiu o Duque de Almodovar da sala, onde daí a instantes voltou trazendo pela mão D. Carlota Joaquina. Proferido um breve discurso, foi a Infanta entregue ao Conde de Valadares e por este conduzida aos aposentos que lhe estavam destinados. Pouco depois voltou o Conde acompanhado de D. Mariana Vitória, a qual foi entregue ao Duque, com identicas formalidades.

Este acontecimeuto festejou-se durante alguns dias. A Familia Rial jantou em publico, houve *picaria* em que tomaram parte o Principe D. José e o Infante D. João, montados em soberbos cavalos de raça portuguesa, etc.

No dia 10 fez se entrega das joias (2) e dos enxovais.

No dia 11, que coincidia com o aniversario de D. Gabriel, a Familia Rial deu beija-mão ás pessoas da côrte e houve *serenata*, na qual tomou parte uma das Infantas, que cantou duas árias.

Partiu D. Mariana Vitória para Hespanha, com numeroso acompanha-

---

(1) Vid *Relação da chegada da Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina a Villa Viçosa e das circumstancias que precederam e se seguiram*, na *Gazeta de Lisboa* de 1785. Figanière, na sua *Bibliographia Historica Portuguesa*, p 106, n.º 563, cita um folheto com o mesmo titulo.

(2) Por curiosidade apresentamos a lista dos principais presentes que D. Carlota Joaquina recebeu: De D. Maria I, um pár de brincos com pingentes de brilhantes, um colar de brilhantes e um ramo de pedras preciosas; de D. Pedro III, uma grande pluma de diamantes; do Principe do Brasil, D. José, dois aneis de brilhantes; da Princesa do Brasil, uma pluma de brilhantes; da Infanta D. Mariana, uma pluma de esmeraldas e brilhantes; da outra Infanta, um relogio; do noivo, dois braceletes com monogramas.

mento, no dia 12, chegando a Aranjuez em 23 de Maio (1785) depois de ter feito viagem triunfal. Nesse mesmo dia ratificou-se solénemente o seu casamento com D. Gabriel, facto que foi novamente festejado. (1)

Depois da partida da Infanta para Hespanha, ainda a Familia Rial se conservou em Vila Viçosa, até o principio de Junho. A 8 deste mês veio desembarcar no cais de Belem, onde era esperada por muito povo. No dia seguinte, 9 de Junho de 1785, foi solénemente ratificado, na Capela Rial da Ajuda, o casamento do Infante D. João com D. Carlota Joaquina. Para se festejar este acto cantou-se á noite no Paço uma opera nova, intitulada: *Neptuno ed Egle*, cuja musica, *admiravel*, era de João de Sousa Carvalho. Durante tres dias houve iluminações, descargas de artilharia, etc.

O Conde de Fernão Nunes, que não acompanhou D. Mariana Vitória para Hespanha, quis celebrar este acontecimento em Lisboa com sumptuosas festas que deu no palacio do Rocio, nos dias 15 e 18 de Junho.(2)

Todo o palacio foi ornamentado por fóra com colunas, estàtuas, balaustres, vasos, etc., e por dentro com ricos tapetes, belas pinturas e muitas flores. A iluminação era feita com 3:878 velas de cêra. No largo do Rocio armou-se um arco de triunfo, ladeado por dois obeliscos.

Começou a festa do dia 15, logo ao anoitecer. Desde a porta de entrada até á sala onde a embaixatriz aguardava os convidados, estavam distribuidos, por diferentes pontos, muitos criados de libré, pagens e gentis-homens. O Conde da Ega, D. José de Meneses, filho do Conde de Marialva, D. Caetano de Noronha, filho do Marquês de Angeja e D. Fernando de Lima, filho do Visconde de Vila Nova da Cerveira, bem como os secretarios das embaixadas e legações estrangeiras, faziam de mestres de cerimónias e conduziam as senhoras pelo braço. Cinco cantores executaram magistralmente o drama lirico alegórico: *A volta de Astrea á Terra.* Houve refrescos e magnifica ceia que foi servida em dez mesas, ricamente enfeitadas, que comportavam ao todo 370 lugares. Os criados graves tambem cearam em quarto separado, onde estava armada uma mesa de 60 talheres. Nela se serviram, por turnos, 500 pessoas. A certas horas da

(1) Vid. *Relação das formalidades da despedida da Serenissima Senhora Infanta D. Marianna Victoria: das particularidades da sua jornada desde Villa Viçosa até Aranjuez: e da sua chegada e recebimento na côrte d'Hespanha.* Lisboa 1785. Folheto de 8 paginas. Bib Nac. Historia, *Relações*, n.º 14:946.

(2) Vid. o folheto intitulado: *Relação das festividades com que o Excelentissimo Conde de Fernan Nuñes, Embaixador Extraordinario de S. M. Catholica, celebrou novamente nesta cidade nos dias 15 e 18 de Junho os felices Desposorios dos Senhores Infantes de Portugal e Hespanha, e com especialidade a chegada da Serenissima Senhora D. Carlota Joaquina a este reino.* Lisboa, 1785 Tem 8 paginas Bib. Nac. Historia, *Relações*, n.º 14:946.

noite o embaixador escolheu a Marquesa das Minas para par, e rompeu o baile que só terminou no dia seguinte.

No largo do Rocio mais de 30:000 pessoas estiveram a ouvir musica e a ver as iluminações. Tão deslumbrantes foram estas que, na noite seguinte, até a Familia Rial as quis ver.

Foi esta festa destinada exclusivamente ás pessoas da côrte. A rigorosa etiqueta, que então dominava, assim o exigia. Querendo, porêm, o embaixador dar uma prova de especial consideração a muitas pessoas distintas, que a ela não puderam assistir por aquele motivo, ofereceu-lhes um outro baile no dia 18. Fizeram-se 900 convites e permitiu-se a entrada a quem tinha assistido á festa no dia 15.

Para, até certo ponto, se estabelecer relativa igualdade entre todos os convidados, a fim de se evitarem questões de precedencias e de etiquetas, resolveu o Conde de Fernão Nunes que este baile fosse de mascaras, não sendo comtudo permitido o uso de caraça.

Houve refrescos, boa ceia, iluminações, baile, etc. Ás senhoras ofereceu o embaixador, gentilmente, grande profusão de ramos de flores artificiais, que, expressamente para esse fim havia encomendado em Madrid. Nas salas do bufete e no jardim conservaram-se, *até muito de dia*, bastantes mesas com magnificos manjares e boas bebidas. (1)

---

(1) Vêem desenvolvidamente narrados os pormenores relativos aos dois casamentos de que temos tratado, não só nos folhetos já citados, como tambem nas *Gazetas de Lisboa* do ano de 1785, passim. Vid. tambem o interessante livro do Sr. Francisco da Fonseca Benevides, *Rainhas de Portugal*, tomo II, p. 211 e sgs. bem como uns folhetins, publicados no n.º 73 (4 de Abril de 1877) e sgs. do jornal *O Progresso* (jornal progressista começado a publicar em Lisboa no mês de Janeiro de 1877) que têem por titulo: O casamento da Senhora D. Carlota Joaquina». É este trabalho citado pelo Sr. Benevides, que o atribue a M. E. Lobo de Bulhões.

No arquivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros (Ministerios antigos, armario n.º 1, caixa n.º 1, maço n.º 3) ha umas cartas dirigidas pelo Visconde de Vila Nova da Cerveira a Aires de Sá e Melo, que se referem tambem aos mesmos casamentos.

Tratam de alguns assuntos interessantes, como, por exemplo, fixação de datas para a celebração dos desposorios, fórma como deveria ser tratada a embaixatriz, esposa de Fernão Nunes, etc. Destas cartas colhemos a seguinte curiosa noticia: a Infanta D. Mariana Vitória, no dia imediato ao da sua chegada a Madrid, devia pentear-se no toucador da Princesa das Asturias e esta lhe daria não só tudo o que trouxesse na cabeça como até o proprio vestido. Queria D. Maria I saber se isto era etiqueta e costume em Hespanha, ou se representava simples atenção.

O Visconde mandou pedir a Aires de Sá e Melo a medida da altura da Infanta para enviar para Madrid.

No armario n.º 30, caixa n.º 23, maço n.º 35, do mesmo arquivo ha mais um maço de documentos com a seguinte designação: *Ordens e disposições que precederam a entrada publica e audiencia de formalidade que a Rainha concedeu a Fernam Nunes.* Contém minu-

Algumas poesias se fizeram a proposito destes enlaces.

Antonio da Silva e Faria compôs um epigrama em latim [1] e, outro *poeta* escreveu uma ecloga, na qual figuram quatro *interlocutores: Paterculo, Alvinia, Galatea* e *Leonida*, intitulada: *A consolação das pastoras do Tejo pela vinda a Portugal da Serenissima Senhora Infanta D. Carlota Joaquina* [2], cujo sentido, em resumo, é este: as pastoras estavam profundamente tristes, por causa da saida da Infanta D. Maria (Ana); ficaram, porêm, *consoladas* com a vinda de D. Carlota.

Um *inspirado* escritor (J. M. N. C. B. A.) tambem compôs os *Elogios nos felicissimos espozorios dos Serinissimos senhores infantes de Portugal recitados por Hymeneo no Templo da Virtude* [3], parte em prosa e outra parte em verso.

Em todo o reino se celebraram os desposorios com ruidosas festas, cujas descrições foram publicadas nas *Gazetas de Lisboa*, no ano de 1785.

Em Coimbra, por exemplo, subiu um balão no qual iam pintadas duas medalhas romanas: uma alusiva á Concordia, outra á Esperança. Sobre a torre da Universidade colocaram uma grande coroa rial, iluminada. Houve *Te-Deum*, iluminações e outros festejos.

Tanto o Infante D. João como D. Carlota Joaquina eram ainda muito novos quando casaram. Ele contava 18 anos e ela apenas 10.

Póde dizer-se que entre ambos nunca reinou boa harmonia.

Durante as negociações para o casamento o Marquês de Louriçal, embaixador em Madrid, enalteceu, tanto a beleza, como as qualidades da joven Infanta. Segundo ele, Carlota Joaquina era magra e muito bem feita de corpo. As suas feições eram perfeitas, e tinha os dentes muito brancos. Um unico defeito lhe notava (!): os sinais de bexigas que ainda se não tinham desvanecido. A sua educação era esmerada. Nos exames que fizera em publico, tanto de linguas como de sciencias e de dança, havia dado provas de grande talento [4]. Sabia muito de latim.

---

tas de avisos que se expediram aos fidalgos e ás autoridades, listas de nomes com indicação dos tratamentos a que tinham direito, formulas dos avisos que se dirigiram ao embaixador, ordem do cortejo, etc.

[1] *August. Principibus Seren. Hispaniae et Portugalliae Infantibus, Dominae D. Carlotae, pariterque Regali Sponso Domino D. Joanni in eorum nuptiis felicissimis. Epigramma. Olisipone, 1785.* Existe na livraria do Sr. Conde de Sabugosa. Vid. o *Catalogo methodico da livraria dos Marqueses de Sabugosa*, p. 201.

[2] Folheto impresso em Lisboa no ano de 1785. Ha um exemplar na Bibl. Nac., secção de literatura, n.º 1:292.

[3] Possuimos um exemplar, impresso em Lisboa em 1785.

[4] Vid. Latino Coelho: *Historia politica e militar de Portugal*, t. II, p. 89, nota n.º 1, onde vem citado um oficio do Marquês de Louriçal, de 15 de Novembro de 1783, que o A. encontrou no Arquivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros Vid. tambem a nota de p. 90.

Cremos, porêm, que toda aquela viveza de espirito, que tão precocemente se manifestava, deveria já então denunciar o caracter irrequieto, ambicioso e cruel da futura Rainha, que tão graves discordias provocou entre o seu povo e que tanto martirizou o marido, aquele pobre e desgraçado monarca, de quem a Historia só tem de censurar a excessiva bondade... e alguma fraqueza.

Retrato de Carlota Joaquina, bem diverso daquele que o Marquês de Louriçal descreve, nos apresentam alguns historiadores modernos. Mas estes retratam-na na epoca em que ela, na força da vida, empregava toda a sua actividade em maquinações e intrigas politicas, com o fim de alcançar um trono só para si, que tanto ambicionou mas que nunca conseguiu.

D. Mariana Vitória e D. Gabriel pouco tempo viveram depois do casamento. Tiveram um filho, o Infante D. Pedro Carlos, que foi almirante da marinha portuguesa e presidente da Academia Rial das Sciencias de Lisboa.

Numa sessão da Academia Real da Historia, de Madrid, participou o Duque de Almodovar que tinha sido nomeado mordomo da Infanta D. Mariana Vitória, e despediu-se dos seus consocios por ter de partir para Portugal. Lembraram-se então os academicos de lhe pedirem que redigisse umas *memorias* acêrca dos casamentos dos Infantes portugueses e hespanhois.

Não pôde o Duque desempenhar-se do encargo, por falta de tempo, mas não querendo que o desejo da Academia deixasse de se cumprir, encarregou o seu secretario, D. Bernardino Herrera, de escrever as referidas *memorias* que foram publicadas com o seguinte titulo: *Memorias historicas de los desposorios, viages, entregas y respectivas funciones de las Reales Bodas de las serenisimas infantas de España y de Portugal la Señora Doña Carlota Joachina, y la señora Doña Mariana Victoria, en el año de 1785: escritas en el siguiente de 1786 por Don Bernardino Herrera.* Madrid 1787. Livro de 250 paginas.

Contêem estas memorias a historia dos dois casamentos (até p. 86), e um apendice de documentos, tais como: artigos preliminares dos contratos matrimoniais, procurações, listas de presentes, decretos de Carlos III, etc. No fim do livro, figurando como documento (n.º XXIII), vem a transcrição, sómente da parte escrita em hespanhol, do folheto que, junto ao presente trabalho, vai reproduzido em fac-simile. A estampa da medalha, a qual está assinada por «M.º S.», tambem foi copiada.

(Segue-se o *fac-simile* do folheto:)

LAMINA

QUE REPRESENTA

LA MEDALLA ACUÑADA

CON MOTIVO

DE LOS AUGUSTOS DESPOSORIOS

DE LOS SERENÍSIMOS SEÑORES

INFANTES DE ESPAÑA,

DOÑA CARLOTA,

Y

DON GABRIEL,

Y LOS SEÑORES

INFANTES DE PORTUGAL

DON JUAN,

Y

D.ª MARIANA VICTORIA,

CELEBRADOS EN LAS CORTES

DE MADRID Y LISBOA

EN LOS DIAS

27 DE MARZO, Y 12 DE ABRIL

DEL AÑO DE 1785,

EXPLICACION Y CIRCUNSTANCIAS

DE ELLOS.

PLANCHE 7

QUI REPRÉSENTE

LA MÉDAILLE FRAPPÉE

À L'OCCASION

DU MARIAGE

DE DON GABRIEL,

INFANT D'ESPAGNE,

AVEC

L'INFANTE DE PORTUGAL

DOÑA MARIE-VICTOIRE,

ET

DE DON JEAN,

INFANT DE PORTUGAL,

AVEC

L'INFANTE D'ESPAGNE

DOÑA CHARLOTTE,

DONT LA CÉRÉMONIE

A ÉTÉ FAITE RESPECTIVEMENT

A MADRID

LE 27 DU MOIS DE MARS

ET A LISBONNE

LE 12 DU MOIS D'AVRIL

DE L'ANNÉE 1785,

OÙ L'ON REPRÉSENTE

TOUTES LAS CIRCONSTANCES

DE CES DEUX ÉVENEMENS.





S. M. C. el Rey Don CÁRLOS III. y SS. MM. FF. la Reyna Doña María I. y su Esposo y Tio el Rey D. Pedro III. unánimes en sus deseos de estrechar mas y mas los vínculos que tan felizmente los unen, y de perpetuar en sus Reales Familias la buena correspondencia y harmonía que tienen, han considerado, que una duplicada alianza entre sus Augustos Hijos, sería el mas proporcionado medio de conseguir un bien tan

Sa Majesté Catholique Roy CHARLES *III. & le Majestés Tres-Fideles Reyne Marie I. &* [illegible] *Epoux & Oncle le R* [illegible] *Pierre III. egalement a*[illegible] *mées du desir de resserr*[illegible] *les noeuds qui les unisse*[illegible] *si heureusement, et de pe*[illegible] *petuer dans leurs Roya*[illegible] *Maisons la bonne intel*[illegible] *gence et l'harmonie qui* [illegible] *subsistent, ont pensé qu'u*[illegible] *double alliance entre leu*[illegible] *Augustes Enfants étoit* [illegible] *que la prudence pouvoit im*[illegible]

tajoso á ambos Esta-

Concluidas por las dos
tes las disposiciones pa-
a celebridad de los Rea-
Desposorios, el Serení-
o Señor Infante de Por-
al Don Juan, represen-
o por el Rey de España,
desposó en Madrid á 27
Marzo de 1785 con la
enísima Señora Infanta
España Doña Carlota
quina, hija de los Sere-
mos Señores Príncipes de
turias; y el Serenísimo
ior Infante de España
n Gabriel Antonio, re-
sentado por el Rey de
rtugal, se desposó en Lis-
a á 12 de Abril del mis-
año con la Serenísima
ñora Doña Mariana Vic-
ia Infanta de Portugal.

El Conde de Fernan-Nu-
z, nombrado Embaxador
traordinario y Plenipo-
iciario por S. M. C. para

giner de plus propre à produire un bien si avantageux aux deux Couronnes.

Les dispositions de l'une et l'autre Cour étant faites pour la celebration des mariages, S. A. l'Infant de Portugal D. Jean, représenté par le Roy d'Espagne, épousa à Madrid S. A. Madame l'Infante d'Espagne Doña Charlote Joaquine fille du Prince et de la Princesse des Asturies, le 27 Mars 1785; et S. A. l'Infant d'Espagne Don Gabriel Antoine, représenté par le Roy de Portugal, épousa à Lisbonne le 12 Avril suivant, S. A. Madame l'Infante de Portugal Doña Marianne Victoire.

Dans la vue de perpetuer le souvenir de cette double union, M. le Comte de Fernan-Nuñez, nommé Am-

pedir la Serenísima Señora Infanta Doña Mariana Victoria para Esposa del Serenísimo Señor Infante D. Gabriel en la Corte de Lisboa, desea perpetuar en una medalla la memoria de estos augustos enlaces.

Se representa en ella un altar de la antigüedad, sobre el qual dos Génios están formando la union de los corazones, sobre los quales Himeneo coloca una corona de rosas y mirto : en la basa se lee la época de tan feliz suceso, que es considerado con razon como una preciosa prenda de la duracion de la felicidad pública, expresada por el lema AUGUSTA. CONNUBIA. DIUTURNÆ. FELICITATIS. PIGNORA. Á lo léjos se descubren dos Paises regados por los rios Manzanáres y Tajo, y las vistas de Madrid y

bassadeur Extraordinaire et Ministre Plenipotenciaire par S.M.C. pour faire à leurs Majestés Tres-Fideles la demande de Madame la Serenissime Infante Doña Marianne Victoire pour Epouse du Serenissime Infant Don Gabriel, a fait graver cette médaille.

On y voit un autel antique, sur le quel deux amours forment l'union des coeurs que l' Hyménée couvre d'une couronne de roses et de myrthe, et sur la base l'époque de cet heureux évenement consideré avec raison comme un gage précieux de la durée de la félicité publique, selon l'expression de la légende AUGUSTA. CONNUBIA. DIUTURNÆ. FELICITATIS. PIGNORA. On apperçoit dans le lointain des pays arrosés par le Mançanares et par le Tage; et les vues qu'on y remarque sont celles de Ma-

Lisboa, por haberse celebrado en estas Cortes los Reales Desposorios, como lo manifiesta el exêrgo

MATR. XXVII. MART
OLYSIP. XII. APR

Una corona compuesta de dos ramas de rosal y de mirto, cuyas extremidades terminan en un lazo, símbolo de la union, ocupa el reverso de la medalla, y en medio de dicha corona se lee la inscripcion siguiente:

GEMINATAM
POPULORUM
LÆTITIAM
GRATULATUR
C. C. F. N. L. H.

Las letras iniciales de la inscripcion, en que pudiera haber alguna duda, dicen: CAROLUS COMES FERNAN NUNENCIS LEGATUS HISPANIÆ.

La invencion de esta me-

drid, et de Lisbonne, où ces mariages ont été célébrés, comme l'exergue l'indique

MATR. XXVII. MART
OLYSIP. XII. APR

Sur le revers on lit, dans une couronne formée de deux branches de rosier et de myrthe, l' inscription suivante.

GEMINATAM
POPULORUM
LÆTITIAM
GRATULATUR
C. C. F. N. L. H.

Les lettres initiales qui se trouven à l'inscription disent: CAROLUS COMES FERNAN NUNENCIS LEGATUS HISPANIÆ.

L'invention de la Mé-

dalla es del Abate Garnier, Capellan de la Real Capilla de San Luis perteneciente á la Nacion Francesa en esta Corte.

La grabó Don Joseph Gaspar, primer Grabador de la Casa de la Moneda de Lisboa, á 7 de Junio de 1785.

daille est de Mr. l'A Garnier, Aumonier de Chapelle Royalè de Sa Louis apartenant à la Nat Françoise dans cette Cour

Grave par Mr. Gasp, premier Graveur de la M, son de la Monnoie de Lisbon le 7 Juin 1785.



Fac simile

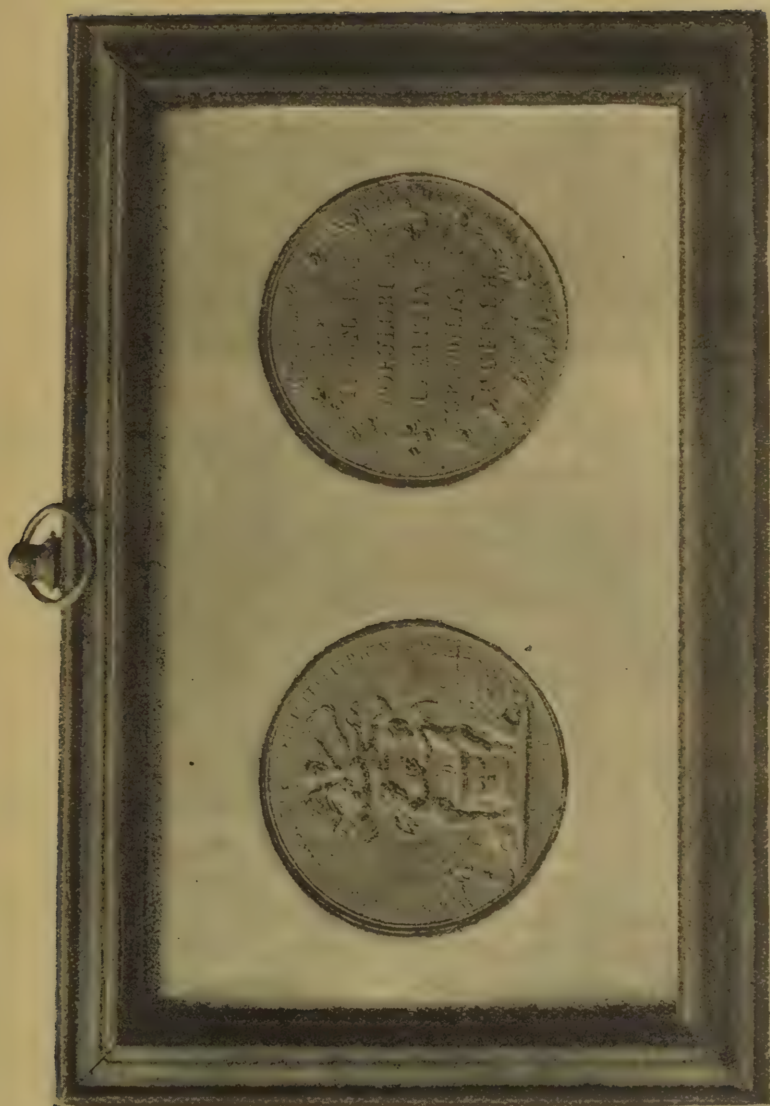


Fig. n.º 6

N.º 76 — 1791 — Com.ᵛᵃ da fundação de um Templo que se projectou erigir na vila de Mafra. No arco superior da orla, a legenda: MARIA I PORTVGAL ET ALGARB REG. Busto de D. Maria I, voltado à direita, com colar de perolas, um brinco, e coroa de louro atáda junto da nuca com um laço. Tem vestido decotado, e manto de arminhos que se prende com um broche sobre o ombro. Ao peito ostenta a cruz da Ordem de Cristo. No córte do braço, a assinatura: I. FIG. (João de Figueiredo).

℞. — Em sete linhas horizontais, a inscrição: VT. LVSITANI || IMPERII DE. FVTVRA || REGIA. PROLE. SPES || CONCEPTA. RATA || FIRMAQVE. SIT || AN·AB·ORB·REPAR || CIↃ.IↃCC.LXXXXI.

BR. fundido. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 65 (estampa).

N.º 77 — Outra, referente ao mesmo facto. No arco superior da orla, a legenda: MARIA I PORTVGAL ET ALGARB REG. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas: AN.AB·ORB·REPAR· || CIↃIↃCCLXXXXI. Armas Riais portuguesas enfeitadas, segundo o estilo da epoca, com vários ornatos e grinaldas de rosas.

℞. — Na orla, a legenda: D. ANTONIO (do lado esquerdo), OLISIPON.CONF (do lado direito). Planta do edificio.

BR. fundido. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 66 (estampa).

N.º 78 — Outra, referente ao mesmo facto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: LVSITANAE·GENTIS·DECVS·ET·PRAESIDIVM. Imagem de Santo Antonio, com o Menino Jesus nos braços, truncada pela cintura, voltada à direita, a saír de uma nuvem, e colocada num altar entre dois castiçais, cujas velas estão acesas. Em frente do altar, vê-se a Rainha D. Maria I, voltada à esquerda, com o joelho direito apoiado numa almofada e a mão esquerda assente no peito. Está a olhar para a imagem e a apontar, com a mão direita, para um papel desenrolado, que está estendido sobre os degraus do altar e que contem a planta do edificio. No degrau superior está colocada ao centro, uma coroa Rial.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: IMPERII·ET·AVITAE RELICIONIS·*(sic)* HERES. No exergo, que está separado por friso, em

duas linhas: AN·AB·ORB·REPAR || CIↃ.IↃCC.LXXXXI. Projecto do frontispicio do Templo, que representa uma escadaria e tres arcos, em baixo; igual numero de janelas no primeiro andar, sendo a do centro maior do que as outras, e uma cimalha, com uma cruz ladeada de dois fogaréus. Na cimalha distingue-se um monograma formado com as letras: A M (Ave Maria), e encimado pela coroa rial.

BR. fundido. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 67 (estampa); Aragão: *Histoire du Travail*, n.º 1408 (descrição de um exemplar de ouro); Leitão: *Numismatica*, n.º 50 (descrição de um exemplar de prata).

Estas tres medalhas foram feitas no Arsenal do Exercito, em Lisboa, sob a direcção de Bartolomeu da Costa, pelo processo da fundição, e como não as retocaram convenientemente, ficaram mais ou menos imperfeitas e com o aspecto carateristico dos objectos fundidos. Cremos que os modelos foram todos executados por João de Figueiredo, não obstante a assinatura deste artista figurar sómente na medalha que tem por tipo o busto da Rainha.

Refere-se a estas medalhas o seguinte Aviso dirigido à Casa da Moeda: [1]

«Avizo p.ª se entregar huma porção de Ouro, e Prata p.ª humas »Medalhas.

»Mande vm.ᶜᵉ entregar ao Marechal de Campo Bartholomeu da Costa »as porçoens de Ouro, e de Prata, que elle disser lhe são necessarias, »para empregar nas Medalhas, que a Raynha Minha Senhora lhe tem »ordenado que faça, e que hão de servir para a função da primeira »Pedra que se hade lançar na Fabrica da Igreja e Convento, que a »mesma Sr.ª vay a fundar para os Religiosos Menores Reformados da »Provincia da Arrabida junto a esta Villa de Mafra: Mandando vm.ᶜᵉ tirar »logo a conta do Ouro, e Prata, que nesta conformidade entregar, para da »sua importancia se lavrar o competente Decreto, como he custume. Deos »guarde a vm.ᶜᵉ Villa de Mafra em 26 de Agosto de 1791 = Marquez Mor»domo Mor = Sr. Antonio Silverio de Miranda = Cumprase, e Registesse. »Lisboa 30 de Agosto de 1791 = Miranda = Antonio Carvalho».

---

(1) Arquivo da Casa da Moeda, liv. XI do *Registo Geral*, fl. 111 Citado pelo Dr. Teixeira de Aragão, ob. cit. II, p. 1C6, nota 2.

*

Desejando que do casamento do Infante D. João com D. Carlota Joaquina, proviesse descendencia, resolveu a Rainha D. Maria I mandar construir à sua custa, na vila de Mafra, um Templo e um convento dedicados a Santo Antonio, na esperança de que este, cativado com a oferta obtivesse, mais facilmente, da Divindade, a graça que ela pretendia.

Em 4 de Setembro de 1791 lançaram-se solénemente nos alicerces do projectado Templo, que se destinava aos religiosos menores reformados da Provincia da Arrabida, alguns exemplares das tres medalhas acima descritas e uma lápide com a seguinte inscrição, que transcrevemos da obra de Lopes Fernandes. (1)

DEO · OPTIMO · MAXIMO ·
DIVOQUE · ANTONIO · OLISIPONENSI ·
UT · COMMUM · LUSITANI · IMPERII · GAUDIUM ·
OB · SUSCEPTAM · JAM · REGIAM · SOBOLEM ·
NOVA · MULTIPLICIQUE · AUGEAT ·
MARIA · I · LUSITANORUM · REGINA ·
TEMPLUM · HOC · AERE · SUO · FACIENDUM · CURAVIT ·
PRIMUM · LAPIDEM ·
MAXIMIS · CAEREMONIIS · AC · SOLEMNIBUS · RITIBUS ·
CONSECRAVIT · POSUITQUE ·
ALEXANDRE · EX · FRANCISCANA · FAMILIA ·
ANTIQUUS · MALACENSSIUM · EPISCOPUS ·
ANNO · A · CHR · NAT · CIƆ · IƆ CC LXXXXI ·
PRIDIE · NONAS · SEPTEMBRIS ·

Com o nascimento da Princesa D. Maria Tereza, em 29 de Abril de 1793, ficou satisfeita a pretensão da Rainha, mas, apesar disso, as obras do Templo nunca passaram dos alicerces.

N.º 79 — 1799 — **Ded.da pela cidade do Porto ao Príncipe Regente.** Do lado direito, o Príncipe D. João, com farda, manto de arminhos, banda a tiracolo e insígnia da Ordem do Tosão de Ouro, de pé sôbre um trono, dá a mão a beijar à *Cidade do Pôrto*, representada por uma mulher, coroada de tôrres, vestida à antiga

(1) *Memoria das Medalhas*, p. 55.

e com sandálias, que na frente dêle está ajoelhada e apoiada no escudo das suas armas, no qual se lê a competente divisa: CIV· *(civitas)* VIRG*(inis)*. Junto do escudo e por êle interceptado, está deitado um cão, símbolo da *Fidelidade*.

O trono está atapetado, tem um só degrau e é ornamentado com duas colunas que se veem só em parte, e com uma cortina franjada e franzida por meio de dois cordões que tem borlas nas extremidades.

No lado direito, vê-se parte dum escudo das armas riais da época, fixado na coluna. Ao fundo divisa-se um pavimento enxadrezado e um arbusto. No exergo, que está separado por friso, a data: M.D.CC.XCIX.

No campo, do lado esquerdo, junto do pé da *Cidade do Pôrto*, a assinatura: FIG. (Figueiredo, João de).

A orla é levemente contorneada.

℞. Em sete linhas horizontais, a inscrição: IOANNI || PORTVG· ET·ALGARB || PRINCIPI || SVSCEPTO·INTER·PROCELLAS || IMPERII· CLAVO || CIVITAS·PORTVCALENSIS || D.

Orla levemente contorneada.

AR. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 69 (estampa); Lamas: *Medalha dedicada pela Cidade do Porto ao Principe Regente* (estampa).

N.º 80 — Outro exemplar de estanho, um pouco gasto.

*

Declarada oficialmente, por uma junta de médicos, a impossibilidade da Rainha D. Maria I continuar a governar o Reino, por estar atacada de graves perturbações mentais, resolveu o Príncipe D. João, herdeiro do trono, por Decreto de 10 de Fevereiro de 1792, *assistir e prover ao despacho em nome de sua mãe e assinar por ela, sem que na ordem, normas e chancelaria se fizesse alteração, tudo emquanto durasse o impedimento de S. Majestade* [1].

Perdidas, porêm, as esperanças de que a Rainha melhorasse, D. João assumiu definitivamente o govêrno do País, em seu *Rial Nome*, por Decreto de 15 de Julho de 1799, adoptando o título de *Príncipe Regente*.

---

[1] Vid. Latino Coelho: *História Política e Militar de Portugal*, II, p. 289 e sgs.

O Senado da Câmara da Cidade do Pôrto, celebrou êste último acontecimento com *alegres e festivas demonstrações* e resolveu, alêm disso, parece que em sessão de 17 de Agosto do mesmo ano, mandar cunhar a medalha que acabamos de descrever, para o comemorar.

Em carta datada também de 17 de Agosto, dirigiram-se os vereadores ao novo regente, com o fim de lhe manifestarem os seus sentimentos de fidelidade e de lhe solicitarem a devida autorização para poderem mandar cunhar a medalha, o que lhes foi concedido por Aviso de 20 de Setembro seguinte. Logo que se recebeu o Aviso no Pôrto, houve uma sessão extraordinária da Câmara, em 28 de Setembro, na qual se resolveu mandar imediatamente cunhar e distribuir a medalha, o que tudo consta da seguinte acta, registada no Livro n.º 94 das Vereações de 1797 a 1799 a fl. 106 e sgs (1):

«Vereação de vinte e oito de Setembro do anno de mil sete centos »noventa e nove que fazião nesta cidade do Porto e Caza do Senado da »Camara o Dezembargador da Caza da Suplicação, Corregedor, e Prove- »dor desta comarca, e o Doutor Juiz de Fora do crime, que serve do »civel, e Vereadores do mesmo Senado, com assistencia do Procurador »da Cidade; a qual Vereação se procedeo extraordinariamente para o cazo »abaixo declarado.

»E logo pelo dito Dezembargador da Caza da suplicação corregedor, »e Provedor desta comarca foi aprezentado o Regio Avizo expedido pelo »Illustrissimo e Excellentissimo Senhor Marqués Mordomo Mor, Ministro »Secretario de Estado dos Negocios do Reyno, do qual o seu teor he o »seguinte

»**Avizo Regio** (2)

»Ao Princepe Meu Senhor foy prezente, que a Camara e a Cidade do »Porto, havendo com alegres, e festivas demonstraçoens celebrado a feliz »noticia de haver o mesmo Senhor como Princepe Regente, começado »no seu Real Nome, a governar os Seus Reynos, e dominios; para o fim »de poder para o futuro ficar permanente hum Testemunho do jubilo, e »do respeito, com que applaudio esta felicidade, dezejava por meyo de

(1) Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto.

(2) O original encontra-se no Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, no Livro n.º 17 das Próprias (1784 a 1800), a fl. 156, e por isso julgámos preferível ir copiá-lo ali em vez de o transcrever da acta onde vem reproduzido com algumas alterações, pôsto que ligeiríssimas, tais como: desdobramento de abreviaturas, alteração dum *ç* em dois *ss.*, etc.

»huma Medalha, alluziva a hum tão gloriozo acontecimento, deixallo »recomendavel à Posteridade, se o mesmo Senhor, se dignasse de assim »lho permittir = Sua Alteza Real, tendo ouvido benignamente os votos »da mesma Camara, e querendo, que a Ella seja constante o quanto se »fizéram dignos do Seu Real Agrado: Houve por bem permittir que a »Sobredita Camara déssa Cidade possa fazer cunhar, e distribuir a pro- »posta Medalha, e nella perpetuar o Seu reconhecimento tão louvavel »como o he a Sua fidelidade. O que vs.ª fará prezente na Camara dessa »Cidade do Porto para que fique entendendo ser esta a Real vontade do »mesmo Senhor.

»Deos guarde a vs.ª Palacio de Queluz em 20 de Setembro de 1799·/. »Marques Mordomo Mor. S.or Francisco de Almada e Mendôça.

»E em observancia da mesma Ordem Regia, mandarão, que logo se »fizesse cunhar, e destrebuir a Medalha Regia, com toda a delicadeza, »e perfeição da Arte; visto que Sua Alteza Real benignamente se havia »dignado aceitala; e outro sim se copeasse aqui, a carta que este Se- »nado, escreveo ao dito Senhor sobre este assumto: cuja carta he do »theor seguinte

»Senhor — Não hé só o reconhecimento dos beneficioz que a liberal »Mam de Vossa Alteza, tem feito a esta cidade, o que nos anima em »hua occazião de tanto prazer, e allegria a chegar aos Reaes Pés de »Vossa Alteza, e manifestar por este modo o nosso jubilo, e a nossa fiel »obediencia.

»A lialdade Senhor, com que os habitantes desta cidade servirão »sempre aos Augustos Predessesores de Vossa Alteza, he o motivo mais »particular que nos obriga a dar a Vossa Alteza as mais evidentes provas »da nossa fidelidade, e renovando os antigos cultos de Veneração, e »Respeito com que os nossos passados se distinguirão, não só Vamos »a pedir humildemente a Vossa Alteza se digne aceitar os mais sinceros »Votos da nossa obediencia e escravidão, mas dezejando dar ao Mundo »inteiro hum testemunho irrefragavel do nosso reconhecimento, e fideli- »dade, igualmente suplicamos a Vossa Alteza nos conceda a Liberdade »de fazer cunhar hua Malha, (sic) em que vendo-se esculpido fielmente o »Retrato de Vossa Alteza, conheção por ella as Naçoens estranhas, que »nos corasoens dos Portuenses não será facil extinguir-se o ardente dezejo, »que sempre tiverão, de mostrar a Vossa Alteza com o mayor Respeito, »a Sua gratidão, e Vassalagem.

»Confiamos Senhor, na Real Clemencia, e Bondade de Vossa Alteza, »que nos será desculpada, e aceita esta pequena, mas sincera demons- »tração da nossa allegria, e reconhecimento; e esperando de Vossa Alteza

»a conseção desta graça, novamente beijamos a Real Mam de Vossa »Alteza, implorando ao Ceo, que por dilatados annos concerve a presioza, »e importante Vida de Vossa Alteza, para gloria, e felicidade dos seus »fieis vassalos. Porto em Camara de dezasete de Agosto de mil setecentos »noventa e nove=O Dezembargador Corregedor e Provedor da Comarca »Francisco de Almada e Mendonça=O juiz do crime que serve do civel »Jozé Antonio da Silva Pedroza Guimaraens=Antonio de Mello Correa= »Antonio de Freitas Faria e Gouvea=Manuel Felis Correa Maya=

»E por esta forma houverão por finda a mesma Vereação extraordi»naria da qual fiz este termo João Caetano de Télo e Souza o escrevi=» Seguem-se as rubricas dos vereadores.

A medalha foi gravada e cunhada no Arsenal do Exército, em Lisboa, e está assinada pelo artista João de Figueiredo, o que leva a crer que foi sem dúvida êle quem a executou, senão toda, pelo menos a parte principal; no entanto cumpre-nos registar que o Bispo-Conde, D. Francisco, ao tratar da biografia de Cipriano da Silva Moreira (1), depois de informar que êste artista *estudou desenho no Arsenal Rial do Exército, aonde deu brilhantes provas do seu engenho em muitas obras que foram encarregadas ao seu Mestre João de Figueiredo, e que êste confiava da singular perícia do seu hábil discípulo*, diz, não sabemos com que fundamento, que «*he producção do seu talento a medalha allegorica do Porto »com a effigie de el-Rei o Senhor D. João 6.º, desenho original do excel»lente Artista Joaquim Carneiro da Silva*» (2).

Não sabemos tambêm qual seja o fundamento desta última informação do Bispo-Conde, a qual não podemos aceitar sem reserva, por nos constar por um apontamento inédito do Dr. Teixeira de Aragão, ter sido êsse desenho feito por Manuel Correia, professor de instrução secundária na cidade do Pôrto.

Os cunhos da medalha conservam-se ainda hoje no Museu de Artilharia, expostos na Sala da Europa, constando que com êles se fizeram há cêrca de vinte anos, ou mais, alguns exemplares da medalha especialmente de cobre. Primitivamente parece que poucos se cunharam neste metal, porque nos mercados êles escasseiam mais do que os de prata. Êstes últimos ainda se podem obter com relativa facilidade, pôsto que não sejam muito vulgares.

O Senado da Câmara do Pôrto encarregou o Dr. Desembargador

(1) *Lista de alguns artistas portugueses*, p. 54.

(2) Para a biografia dêste artista vid. Volkmar Machado: *Colecção de memórias*, etc., p. 281, e Inocêncio: *Dicionário Bibliográfico*, IV, p. 72.

Vicente José Ferreira Cardoso da Costa, notável jurisconsulto que naquela cidade havia sido pouco tempo antes juiz de Fora [1], de contratar com o abridor a cunhagem da medalha e de fazer depois a distribuìção dos exemplares destinados à Família Rial e a outros personagens, em Lisboa. A forma como o Dr. Ferreira Cardoso se desempenhou da missão consta do seguinte relatório, por êle enviado à Câmara do Pôrto, em cujo arquivo se conserva, no *Livro n.º 20 do Suplemento às Próprias*, docs. n.os 17, 18 e 19:

«Ill.mos Snr.es — Apezar de todos os meus disvelos, a frouxidão dos »Artifeces, ou talves mesmo a dificuld.e da Obra fez, com que so no dia »de hoje me fosse possivel levar aos Pes de Sua Alteza Real as Meda»lhas, que V. S.as em nome da cidade mandarão cunhar por occasião do »Decreto de 15 de Julho de 1799, e que me ordenarão apresentasse, »no Seu Nome, e no da Cidade, ao Principe Regente Nosso Senhor, na »sua Carta de 16 de Abril do corrente anno. Ellas com effeito se podião »entregar já no dia 15 de Julho, e assim o partecipei a Sua Alteza Real; »porem o Mesmo Senhor, a quem tocava determinar o dia, designou-o »somente para o de hoje; talvez por motivos graves, que ate agora o »ocuparão, e não lhe permittirão aceitar mais cedo o respeituozo obsequio »da Camara, e Cidade.

»Conferi tudo com o Sr. Marquez Mordomo Mor, segundo V. S.as me »determinarão na dita sua Carta, que lhe apresentei; e estou certo, q ao »seu conselho he, que a Cidade deve o ter eu inchido esta Comissão com »a dignid.e, que lhe convinha. Tinha disposto para esta acção a Oração, »de que V. S.as com esta receberão hum exemplar, que S. A. R. viu antece»dentem.te, e quis, que se imprimisse p.a ser destribuida apár da Medalha. »No dia de hoje passei ás Suas Reaes Mãos hua Medalha de Ouro, e »outra de Prata com hum Exemplar dos assima ditos, disendo-lhe o que »a V. S.as constará da Copia N. 1. Sua Alteza Real foi Servido receber »tudo com suma Benificencia, Agrado e Satisfação, concluindo por me »ordenar, que no Seu Real Nome agradecesse á Camara, e á Cidade a »Consideração, que tinhão pela Sua Real Pessoa, pelo que novamente lhe »beijei m.to reverentem.te a Mão, segurando-o de que á Camara, e Cidade »seria m.to grata a Satisfação de S. A. R. E sahindo da Presença do Mesmo »Senhor, fis levar ao Seu Quarto as outras Medalhas, que estavão desti»nadas p.a este fim, e que hião em as caixas do costume com toda a »decencia. Fiz igual entrega a Princesa N. Snr.a na forma da Copia N. 2.;

---

[1] Foi nomeado Desembargador por decreto de 25 de Maio de 1799. Vid. a *Oração adiante* cit., p. 4 e Inocêncio, *Dicionário Bibliográfico*, VII, p. 427.

»e nas Suas Reaes Mãos deixei tambem as offertas pertencentes aos »Principes, e Infantes seus Filhos. Por Mão da Ex.ma Snr.a Camareira Mor, »dirigi as que pertencião a Sua Magestade a Rainha N. S. E a Princesa, »e Snr.a Infanta Irmans de S. Mag.de fis igual offerta seg.do a Copia N. 3. »e 4.; concluindo esta acção com a entrega ao S.r Infante D. Pedro Carlos »seg.do a Copia N. 5. Depois dei Medalhas ás Pessoas do Serviço dos »Quartos dos Senhores, que estavão no Paço, a saber Camaristas, Viado- »res, Guarda-Roupas. Confessores, Damas, Donas, Assafatas, Creados do »Serviço particular de S. A. R., Seu Medico da Camara, e Familia, e »Mestres do sr. Infante. E recolhendo-me p.a Lisboa offreci aos Snr.es de »Palhavãm tambem as Medalhas, que se lhe devião dar logo, como Thios »de S. Mag.de Todos me incarregarão de fazer constar á Camara a estima, »com que havião recebido o seu obsequio; tendo-se dado Medalhas de »ouro som.te aos Senhores, e a todas as mais Pessoas de Prata, por que »esta foi a Ordem do Principe N. S. Hei de pedir amanham licença a »S. A. R. p.a continuar a destribuir Medalhas aos Grandes, e mais Pessoas »de Consideração, que V. S.as me disião; e tambem amanham lhe hão-de »pedir os seus Menistros d'Estado licença p.a receberem hum tal presente. »Para adiantar esta entrega, que me impacientava já, fis com que as »Medalhas de Prata fossem córadas, e polidas por Ourives, mas vi, que »detorpavão o delicado da Obra, e por isto estou na Resolução, de que »todas as mais sejão acabadas pelo Mestre Figueiredo, que fez os cunhos, »e cunha as Medalhas, ainda que isso dé maior demora. Pelo Correio »Ordinario remetterei a V. S.as alguas Medalhas de Prata, e alguns dos »Exemplares da Oração, com que os offreci a S. A. R., e cuidarei em »ultimar a Sua Comissão. Espero que V. S.as terão de receber por minha »via hua Carta Regia, que eu hei-de estimar muito passar às Suas Mãoz. »Aproveito esta occasião de protestar a V. S.as o meu respeito, e a m.a »fiel obediencia. D.s G.de a V. S.as m.s annos Lx.a 5 de Agosto de 1800. »De V. S.as Ill.mos Snr.es Juis, Vereadores, e Prov.r da Camara do Porto — »M.to rev.te V.or obrig.do e fiel Cap.to Vicente Jose Ferreira Cardozo da »Costa».

Êste documento é acompanhado das seguintes *cópias* dos discursos proferidos pelo Dr. Ferreira Cardoso ao entregar as medalhas às Pessoas Riais (1).

«N.o 1.o Ao Principe Regente Nosso Senhor. — Senhor = Em nome da »Cidade do Porto, e por Commissão da Sua Camara tenho a honra de

(1) Estas cópias não foram escritas pelo punho do Dr. Ferreira Cardoso.

»appresentar hoje a V. A. R. esta Medalha, testemunho do respeito, amor, »e fedelidade que lhe tributa a segunda Cidade de Seus vastissimos »Dominios. V. A. R. fez-se credor deste Monumento pelo muito que bene- »ficiou a m.^{ma} Cid.^e no primeiro priodo da Sua Regia Administração. Fazer »a publica confição destes Regios Beneficios era inseparavel desta Au- »gusta Solemnidade, e eu a faço em nome da Cidade neste papel, que »tenho a honra de trazer tambem hoje aos Seus Reaes Pés. Dignese »pois V. A. R. de acceitar a Medalha, e o Papel: hũa, e outra fructo das »Suas proprias virtudes, e por isso qualquer dellas merecedora do Seu »benigno acolhimento: e permita-me, que aos Seus Reaes Pés tenha a »honra de beijar-lhe muito reverentemente em nome da Cidade minha »Constituinte a Sua Real Mão.

»N.º 2.º Á Princeza Nossa Senhora — Senhora = A gloria do Principe »Regente Nosso Senhor, e os testemunhos de amor, e respeito, que lhe »tributão os Seus Vassallos pertencem tambem a V. A., cujo Real Nome »vai sempre de mistura com o do Seu Augusto Espozo. He nesta conside- »ração que a Camara do Porto me ordenou, que appresentasse a V. A. »estes Monumentos, que a Sua fedilidade acabava de levantar em me- »mora da Regencia de S. A. R.: e he na mesma consideração que eu »espero que V. A. hade receber benignamente offertas que tanto lhe per- »tencem. Aos Reaes Pés de V. A. muito reverentemente tenho a honra »de beijar-lhe a Sua Real Mão.

»N.º 3.º Á Princeza D. Maria Benedicta — Senhora = A Camara, e »Cidade do Porto tendo marcado a sua fedilidade, e respeito para com »o Principe Regente Nosso Senhor por meio destes testemunhos, orde- »nou-me que no Seu nome os apprezentasse a V. A., não sô por lhe »tocar muita parte da gloria do mesmo Senhor, mas tambem em signal »do particular respeito que tributa a V. A. Digne-se V. A. de acceitar »binignamente a Sua offerta, permittindo-me que em nome da Cid.^e minha »constituinte lhe beije a Sua Real Mão.

»N.º 4.º Á Snr.^a Infanta D. Mariana — Senhora = V. A. tem muita »parte em tudo o que he glorioso para o Principe Regente Nosso Senhor »tão intimamente ligado com V. A. pelos vinculos do Sangue. Digne-se »pois V. A. de acceitar estes Monumentos de respeito, que a Camara e »Cid.^e do Porto consagrou ao mesmo Senhor: e que me ordenou que »appresentasse a V. A., e permitta-me a honra de lhe beijar a Sua Real »Mão em nome da mesma Cidade, e Camara.

»N.º 5.º Ao Senhor Infante D. Pedro Carlos. — Senhor. = O Sangue »dos nossos Reys que gira nas veias de V. A. he hum penhor sagrado »que afiança a V. A. o respeito de todos os Portuguezes. Em mostra disto »me ordenou a Camara do Porto, q.e appresentasse a V. A. estes teste»munhos da Sua fedilidade p.a com o Principe Regente Nosso Senhor, »que ella acabava de consagrar-lhe em nome daquella Cid.e Dignesse »V. A. de os receber e de dar-me a honra de lhe beijar a Sua Real »Mão».

Diz no seu relatório o Dr. Ferreira Cardoso, que *tinha disposto para esta acção a Oração... que S. A. viu antecedentemente e quis que se imprimisse para ser distribuida apár da medalha*, a qual foi entregue ao Príncipe como consta da seguinte passagem do primeiro documento que acompanha o mesmo relatório: *Digne-se pois V. A. R. de acceitar a medalha, e o papel.*

Êste trabalho imprimiu-se e tem o seguinte título:

ORAÇÃO | DIRIGIDA AO MUITO ALTO | E | MUITO PODEROSO | SENHOR | D. JOÃO | PRINCIPE REGENTE | DE PORTUGAL, | PELO DESEMBARGADOR | VICENTE JOSÉ FERREIRA CARDOSO | DA COSTA, | OFFERECENDO-LHE A MEDALHA, QUE A CIDADE | DO PORTO MANDOU CUNHAR PARA MEMORIA | DO DIA, EM QUE O MESMO SENHOR SE DIG- | NOU DE COMEÇAR A REGER ESTES REI- | NOS NO SEU REAL NOME. | LISBOA, | NA OFFIC. DA CASA LITTERARIA DO ARCO DO CEGO. | ANNO M.DCCC.

Folheto de 14 páginas que tem junto uma bela gravura da medalha, assinada por *Viana sc. ao Arco do Cego.*

Nesta Oração começa o seu autor por dizer que a *Cidade do Porto, representada legalmente pela sua Camara, sensivel aos paternaes beneficios que tinha recebido do Principe, no primeiro periodo da sua Regia administração, deliberou que se perpetuasse o testemunho do seu reconhecimento para com ele em uma medalha, dedicada ao dia em que S. A. se dignou de começar a reger estes Reinos, no seu Real Nome, como por direito lhe competia, e urgentissimas causas externas e internas exigiam e que o Principe, não querendo privar aquela cidade da honra que lhe resultava deste acto do seu agradecimento, houve por bem de consentir que se cunhasse a referida medalha, por Aviso expedido pela Secretaria do Reino, aos 20 de Setembro de 1799.*

Em seguida enumera os principais benefícios prestados ao município pelo Príncipe D. João, durante o período em que êle governou o país em nome de sua mãe.

O relatório do Dr. Ferreira Cardoso foi lido em sessão da Câmara de 9 de Agosto de 1800, como consta do seguinte trecho da respectiva acta, que se acha registada no livro n.º 95 das *Vereações* de 1800 a 1802, a fl. 93 v. (Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto):

«E logo nesta veriação foi aberta huma Carta do Dz.or Vicente Jozé »Ferreira Cardozo da Costa Juis de Fora que foi nesta cidade pela qual »partecipava a este Senado que em nome do mesmo no dia sinco do »prezente mes tinha ofrecido a Sua Alteza Real, e a toda a Augusta »Familia as medalhas, que este mesmo Senado tinha mandado cunhar »com faculdade do mesmo Senhor em memoria da Sua louvavel rigencia »nestes Reinos, e Suas Conquistas, e juntamente huma copia das falas »com que ofereceu as ditas medalhas, e outrosim hum impresso das »mesmas, e da oração que consagrou a Sua Alteza Real, que tudo se »mandou guardar no arquivo desta Camara e no respectivo Lugar das »proprias e em consequencia se determinou que logo se fizesse hum oficio »em resposta a dita Carta».

Os agradecimentos oficiais do Príncipe foram comunicados à Câmara do Pôrto no Aviso de 22 de Agosto de 1800 e na Carta Régia da mesma data, diplomas que a seguir transcrevemos e que se acham guardados no Arquivo daquela corporação no *Livro n.º 17 das Próprias* (1784 a 1800), respectivamente a fl. 185 e 186:

«Havendo a Camara dessa Cidade do Porto encarregado ao Dezembar»gador Vicente Joze Ferreira Cardozo da Costa de offerecer ao Princepe »Meu Senhor a Medalha, que em testemunho do seu zelo, e fidelidade »fizéra cunhar, com Permissão Regia, em Memoria da Feliz Epoca em »que o mesmo Senhor principiou a reger estes Reynos, e Seus Dominios »no Seu Real Nome: Manda Sua Alteza declarar a Vm.ce para o fazer »constar em Camara, Que o Sobredito Dezembargador Vicente Joze Fer»reira Cardozo da Costa se houve nesta Acção muito conforme ao Seu »Real Aprazimento não só pela decencia, e acatamento com que executou »a Commissão, que lhe fora encarregada, mas tambem pelo disvello, e »interesse que mostrou deverlhe a mesma Camara, que delle a confiava. »Deos Guarde a Vm.ce Palacio de Queluz em 22 de Agosto de 1800. Mar»ques Mordomo Mor. S.r Juiz de Fora Prezidente da Camara da Cidade »do Porto».

«Juiz, e Vereadores do Senado da Camara da Cidade do Porto: Eu o »Princepe Regente vos invio muito saudar: Tendo aprezentado na Minha

»Real Prezença no Dia sinco do corrente Mez o Dezembargador Vicente »Joze Ferreira Cardozo da Costa, por Commissão Vossa, a Medalha que »em Nome déssa Cidade mandasteis cunhar para Memoria do Dia em »que Fui servido começar a reger estes Reynos no Meu Real Nome: E »querendo mostrarvos a Satisfação, e Aggrado com que recebi este teste- »munho dos vossos leaes, e respeituozos sentimentos para com a Minha »Real Pessoa, bem semilhantes aos que essa Cidade teve sempre pelos »Senhores Reys destes Reynos: Houve por bem mandar-vos expedir esta »Minha Carta, para vos dar hum testemunho publico de satisfação com »que recebi este sinal do vosso respeito, e lealdade, segurando-vos não »só o Meu Real Aggrado, mas tambem a boa vontade que sempre terei »de fazer mercê a essa Cidade em todas as occazioens, que para isso se »offerecerem. O que Me parecêo participarvos para que assim o fiqueis »entendendo. Escripta no Palacio de Queluz em vinte e dous de Agosto »de mil e outocentos *://:* Principe ·:· Para o Juiz, e Vereadores do Senado »da Camara da Cidade do Porto. Reg.da Lº 14 a fl. 228 v.»

Estes diplomas só foram, porêm, lidos em sessão da Câmara de 4 de Outubro, como consta da respectiva acta, que a seguir transcrevemos e que se acha registada no Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, no *Livro n.º 95 das Vereações* de 1800 a 1802, a fl. 103 *v:*

«Vereação de 4 de Outubro de 1800 = E logo nesta mesma Vereação »forão remetidas a este Senado pelo Dezembargador da Rellação Vicente »Joze Ferreira Cardozo da Costa a Carta Regia em data de vinte e dous »do mez de Agosto do corrente anno, e o Avizo Regio na mesma data »por que Sua Alteza Real se dignou tomar em toda a consideração a »oferta do cunho da Medalha oferecida por esta Camara em memoria da »Sua Real Regencia, que tudo se mandou cumprir, e registar com a carta »do mesmo Dezembargador para depois ficar tudo no Livro das Proprias. »E logo nesta mesma Vereação ordenarão que se desse ao Proprio q' »trouce a Carta Regia e o Avizo Regio mencionado nesta Vereação a »quantia de trinta e oito mil e quatro centos reis para o que se passa-se »Mandado sobre o thezoureiro por ajuda de custo».

A distribuìção da medalha, no Pôrto, fez-se sómente no ano de 1801, como se depreende da acta da sessão de 10 de Junho de 1801, registada no *Livro n.º 95 das Vereações* de 1800 a 1802, fl. 188, que diz o seguinte:

«Veriação de dez de Junho de mil oitocentos e hum: E logo nesta »veriação pelo Guarda desta Camera forão entregues cincoenta e huma »medalhas a saber quarenta e oito de prata com suas caixas, e duas mais

»de prata sem caixa, e huma de ouro com caixa, as quaes dice o Guarda »que lhas entregou o Dezembargador Vicente Joze Ferreira Cardozo da »Costa, e tambem entregou exemplares em papel [1]; e das ditas meda- »lhas, e exemplares logo se mandarão repartir pelos Veriadores actuaes, »sindico Procurador da cidade escrivão da Camera escrevente, e Guarda, »e por aquelles, que tem servido a Governansa, e tambem se deu ao »Governador das Justiças, Chanceller e Menistros que servem na Camera, »e ajudante do Corregedor da comarca, e tambem aos Governadores das »Armas vindo a crescer das medalhas repartidas hua medalha a qual »dice o Veriador Diogo Leite q' se dera ao Dezembargador Corregedor »da Comarca».

Na edição de 1837 do *Elogio histórico de Sua Majestade Imperial o Senhor D. Pedro, Duque de Bragança*, pelo Marquês de Resende, lê-se, a p. 10, a seguinte passagem, com uma nota explicativa, que se relaciona com a nossa medalha: «Mais achacado pelas molestias de animo, do que »pelo pezo dos annos, terminou o Pacifico Senhor Rei D. João VI, de »sempre Saudosa Memoria, a sua espinhosa e escabrosissima carreira, »deixando ao Seu Successor a Corôa em mares não menos procellosos, »que aquelles em que [como n'huma allegoria lhe representou hum de »vossos antigos socios] [2] [21] o mesmo desventurado Principe havia »recebido o Scéptro.

»[21] Allude-se a huma Medálha, que, no anno de 1793, em que o »Senhor Rei Dom João VI.º tomou a Regencia, lhe offereceo o Doutor »Vicente Jozé Ferreira Cardoso, cuja Medalha representava hum Sceptro »vogando sobre as ondas de hum mar empollado, tendo por divisa estas »palavras: Suscepto Imperii clavo inter procellas».

Tivemos conhecimento desta passagem por uma carta assinada por Jorge César de Figanière [3], existente entre os papéis de Lopes Fernandes, que hoje pertencem ao nosso amigo, o Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima, na qual se diz o seguinte:

«Meu caro amig.º —

»Remetto a copia que me pediu [4]. Se é a medalha que nós conhe- »cemos ha engano na data; ha engano em se dizer que foi offerecida

---

[1] Estes *exemplares em papel* deviam ser da estampa da medalha que acompanha a *Oração* que o Príncipe quis que se distribuísse a par da medalha.

[2] O Marquês proferia êste elogio na Academia Rial das Sciências e o sócio a quem êle se referia era o Dr. Ferreira Cardoso.

[3] Conhecido numismata do século passado.

[4] A carta era acompanhada da cópia da passagem do Elogio acima transcrita, e tem nas costas a data de 2 de Julho de 1860.

»pelo Dr. V. J. Ferr.ra Cardoso, quando elle o fez *em nome da Camara e* »*cidade* do Porto, e ha-o principalmente em se descrever a medalha com »um emblema que ella não tem, alem da pouca fidelidade da inscripção. »Creia-me sempre com toda a consideração e estima. De V. S.a amg.o fiel »e crd.o obr.do S/c. 2 de julho — Jorge Cesar de Figanière».

É evidente que o Marquês conhecia só muito vagamente a história da nossa medalha, à qual quis sem dúvida referir-se, e foi por isso que nos deu a respeito dela as erradas informações que provocaram os justos reparos de Figanière; ¿mas como se compreende que êle pudesse confundir a figura duma cidade a beijar a mão dum príncipe com um scetro vogando sôbre as ondas dum mar empolado? ¿Ter-se-ia feito com êste tipo algum projecto para o reverso?

O que é certo é que na edição que do citado elogio se publicou em 1867, a passagem acima transcrita vem assim redigida, a p. 5: «Mais cheio »de trabalhos que de annos consummou o senhor rei D. João VI a sua »carreira, deixando ao successor o leme do estado n'um mar tormentoso »como o em que elle, segundo a allegoria gravada n'uma medalha que a »cidade do Porto mandou cunhar [17], o recebêra pela enfermidade da »rainha sua augusta mãe».

Na nota n.o 17 correspondente a esta passagem, vid. p. 51, vem transcrita parte da notícia e a descrição da medalha, feita por Lopes Fernandes, na sua *Memória das Medalhas*, p. 57 (1).

N.o 81 — 1808 — **Com.va da Restauração do legitimo Governo, no Porto.** (Guerra Peninsular). No arco superior da orla, em duas linhas, a legenda: 18 DE JUNHO DE 1808 || ESPECTATA D(I)ES ADERAT. Em baixo, mais a seguinte legenda, escrita em tres linhas horizontais: DON JOÃO VI || PRINCIPE REGENTE || RESTAURADO. O exergo, que está limitado por dois traços, é liso. Ao centro, dois medalhões ovais, contornados de granitos, em posições obliquas, tangentes em baixo e separados em cima por uma coroa rial.

---

(1) Tendo-nos dirigido no passado mês de Setembro ao Arquivo da Câmara Municipal do Pôrto, para ali procurarmos documentos relativos não só à medalha que acabámos de estudar, como a várias outras, tivemos a felicidade de ver o nosso desejo coroado do melhor êxito, devido à excepcional amabilidade e boa vontade com que o digno e ilustrado arquivista daquela corporação, o Sr. Manuel José da Silva Guimarães, se prestou a auxiliar-nos, encarregando se êle próprio de proceder às necessárias buscas, ficando assim o nosso trabalho reduzido a copiar os documentos que aquele prestante funcionário, obtida a autorização superior, nos patenteou Cumpre-nos, pois, deixar aqui registados os nossos agradecimentos ao Sr. Silva Guimarães, pelo valioso serviço que nos prestou.

No do lado esquerdo, está gravado o escudo das armas portuguesas e no do lado direito o busto do Principe Regente, voltado a $^3/_4$ para a esquerda, em cabelo, fardado, com uma comenda no peito e uma banda a tiracolo. Aos lados dos medalhões ha dois ramos de louro, cujos pés estão fixados em dois florõezinhos que ladeiam a primeira linha da legenda de baixo.

℞.—Na orla, a legenda, assim dividida: no arco superior: 18 DE JUNHO DE 1808 EXPECTATA DIES ADERAT, e no arco inferior, sobre uma fita: DON JOÃO VI. PRINCIPE REGENTE RESTAURADO. Ao centro, um escudo oval com as armas portuguesas, encimado por uma coroa rial e por um dragão (timbre da Casa de Bragança), e colocado numa panoplia, na qual figuram quatro estandartes, uma peça e respectiva carreta, tambor, bálas, barrica de polvora, etc.

Em cima tem um orificio que lhe compete.

PB. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 76 (estampa); J. Leite de Vasconcelos: *Sete Medalhas da Guerra Peninsular*, n.º 2 (estampa).

Como nota o nosso amigo, o Dr. José Leite de Vasconcelos, a legenda *expectata dies aderat*, é extraída de Vergilio, *Eneida*, v., 104.

N.º 82—Outra referente ao mesmo facto. O anverso é semelhante ao da medalha antecedente, mas feito com outro cunho. A primeira linha da legenda de baixo, não tem florões nas extremidades, e está erradamente assim redigida: DON JOÃO VII (em vez de VI).

℞.—A seguinte inscrição, em 12 linhas, sendo a primeira e ultima curvas e as restantes horizontais: AS ARMAS PATRIOTAS VERDADEIROS. || AS ARMAS, || PORTUGUEZES, || VAMOS || LIBERTAR NOS DE HUMS || IMPIOS RESTA—URAR O NOSSO || PRINCIPE—CONSERVAR || A NOSSA—RELIGIAÕ, || E OS NOSSOS—ALTARES || A CASTIDADE—DE NOSSAS || MULHERES E A LIBERDADE || DE NOSSA. || PATRIA VIVA PORTUGAL. A primeira linha está separada da seguinte por duas estrelas e seis pontos, alinhados, e a ultima está separada da precedente por dois ramos de louro, unidos por um nó.

A inscrição é interrompida, ao centro, por um espaço oval, que tem gravada uma cruz e, por baixo desta, a legenda, em curva: VERDADEIRA FE.

Em cima tem um orificio, que lhe compete, e no bordo serrilha de traço obliquo.

PB. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, pag. 64 (referencia).

N.º 83 — Variante das duas medalhas precedentes. O tipo do anverso é igual ao do reverso da medalha n.º 81.

℞. — Semelhante ao da medalha n.º 82. Não tem cruz nem espaço oval ao centro e a inscrição está assim redigida: ÁS ARMAS PATRIOTAS VERDADEIROS!! || ÁS ARMAS, || PORTUGUEZES!! VAMOS || LIBERTAR NOS DE HUNS || IMPIOS, RESTAURAR O NOSSO || PRINCIPE, CONSERVAR || A NOSSA RELIGIAÕ, || E OS NOSSOS ALTARES, || A CASTIDADE DE NOSSAS || MULHERES, E A LIBERDADE || DE NOSSA PATRIA. || VIVA PORTUGAL.

Em cima tem um orificio que lhe compete, e no bordo serrilha de traço obliquo.

PB. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 75 (estampa); J. Leite de Vasconcelos, *ob. cit.* n.º 1 (estampa).

N.º 84 — Outra, que se relaciona com as antecedentes. Reprodução galvanoplástica (1). Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: LONGO VIVA A ILLUSTRI.MA FAMILIA DE BRAGANZA.

Busto de D. João VI, voltado à esquerda, laureado, vestido com armadura, e manto, que se prende sobre o ombro, com um broche. Ao peito tem uma comenda. Por baixo, lê-se, numa fita: DON JOÃO VI.

℞. — A seguinte inscrição em nove linhas, sendo a primeira curva e as restantes horizontais: EL PATRIOTA VERDADERO || NOS ARMAMOS PARA || ASSEGURAR NUESTROS || ALTARES, NUESTRA RELIGION, || NUESTRAS GLORIAS, || LA CASTIDAD DE NUESTRAS || MUGERES. LA LIBERTAD || DE NUESTROS HIJOS Y DE || NUESTRA NACION.

---

(1) Este exemplar é reprodução de um autentico que existe no Museu Britanico, e foi mandádo fazer por nós, em Londres, no ano de 1913.

A primeira linha está separada da seguinte por duas estrelas e seis pontos, alinhados. Em baixo ha dois ramos, um de louro, outro de carvalho, presos com um nó.

No bordo tem serrilha.

Em cima está marcado o sitio em que devia ter o competente orificio.

PB. Diâmetro: 41 milímetros. M b. c.

No Museu Britanico ha uma variante desta medalha, que não publicamos por se referir unicamente à Hespanha, e na colecção de Meili havia uma outra cuja descrição a seguir transcrevemos do respectivo catalogo, publicado por Schulman: (n.º 3011), «Voyageur admirant la Madone avec »l'enfant Jésus. A VERDADEIRA FÉ à l'entour LONGO VIVA A ILLVSTRI^MA »FAMILIA DE BRAGANZA. Rev. en 10 lignes SEJA CADA PORTUGUEZ, — NAS »QVATRA (sic) PARTES — DO GLOBO, E AINDA OS — QVE SE ACHAÕ DEBRAXO »(sic) — DO IVGO FRANCEZ etc. m. M. 41. Etain, trouée.»

Acerca destas ultimas quatro medalhas, apenas nos consta, por um apontamento inedito do Dr. Teixeira de Aragão, que elas foram feitas em Inglaterra, tendo sido, provavelmente, distribuidas profusamente em todo o Reino. O orificio de que todas são providas, indica que o povo as usou ao peito e as inscrições que nelas se leem, mostram bem claramente que o seu fim era de incitar o povo à revolta contra o jugo francês. Os verdadeiros patriótas tinham de pegar em armas para restaurarem o Principe Regente, e para se libertarem dos impios que haviam cometido toda a especie de desacatos contra a honra de suas familias, contra a Patria e contra a religião, que eles professavam, e queriam conservar com os seus altares.

*

Corria o ano de 1808, quando, em 6 de Junho, se levantou no Porto o primeiro grito de revolta contra o jugo dos franceses. O Porto, subjugado pelo inimigo, que logo ali acudiu, hesitou, mas isso não impediu que o eco da sua louvavel tentativa ressoasse em varias outras povoações do norte do país, onde o sentimento do amor da Patria e o desejo da independencia, a custo sofreados pela força da opressão, esperavam apenas o momento oportuno para se expandirem. Os levantamentos em massa dos habitantes de Melgaço, Monção, Bragança, Chaves, Miranda do Douro e Vila Rial, quasi simultâneamente realizados, deram, porêm, novo alento ao Porto, que, revoltando-se segunda vez na noite de 18 para

19 de Junho, proclamou solénemente a restauração do legitimo governo português e estabeleceu, desde logo, uma *Junta Provisional Suprema do Governo do Reino*, com a missão de dirigir os destinos da Nação em nome do Principe Regente [1].

N.º 85 — 1808 — Com.va da chegada dos ingleses à Peninsula. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: ARTHUR DUKE — OF WELLINGTON. No exergo, que não está separado por friso, as assinaturas: MUDIE. D. (Direxit). *Brenet.*

Busto de Wellington, voltado à direita, sem vestuario.

℞. — Na orla, em cima e do lado direito, a legenda: THE ENGLISH ARMY ARRIVES IN — THE PENINSULA. No exergo, que está separado por friso, a data: MDCCCVIII., e por baixo desta, as iniciais: B. N. (Brenet, Nicolas?).

Sobre o friso que separa o exergo, do lado direito: J. MUDIE. Do lado direito, ergue-se um monte com as colunas de Hercules na base, o qual simboliza a Peninsula Hispanica, e por cima dele paira uma aguia, que simboliza a França, de ásas abertas e a segurar, com as garras, um feixe de raios. Em frente do monte, ha uma especie de cais onde estão juntas duas mulheres — as duas nações da Peninsula personificadas, — voltadas à esquerda, de pé, coroadas de torres e vestidas com leves roupagens agitadas pelo vento. Cada uma das figuras tem um dos braços estendidos para um navio, que está junto do cais, e do qual se vê, apenas, a popa, uma vela e a bandeira, que é a inglesa. A figura da mulher que está colocada no primeiro plano, olha para a aguia, e faz menção de lhe resistir com um escudo que ela segura com o braço direito.

Æ. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Esta medalha faz parte de uma serie de medalhas comemorativas das vitórias alcançadas pelos ingleses sobre os franceses, durante o reinado de Jorge III, emitida em Inglaterra por James Mudie, sob a designação de «*Mudie's National Medals.*» A serie é de 40 exemplares, todos com igual módulo [2].

---

(1) Para o estudo geral da Guerra Peninsular, vid. José Accursio das Neves: *Historia Geral da Invasão dos Franceses em Portugal;* Claudio de Chaby: *Excerptos Historicos* etc; Luz Soriano: *Historia da Guerra Civil;* Alfredo Pereira Taveira: *A Defeza de Portugal.*

(2) Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. *Mudie.*

Bibl.: An Historical and critical account of a grand series of National Medals. Published under the Direction of James Mudie, esq., p. 62 (descrição), pl. 3, n.º XII (estampa).

*

Ansiosa por ver abatido o poder da França, não deixava a Inglaterra perder o menor ensejo para guerrear a sua inimiga. Por isso lhe não foram indiferentes os sucessos da Peninsula durante a ocupação desta pelos franceses.

Quando Junot entrou em Portugal já nas costas do Reino manobrava uma esquadra inglesa, comandada pelo Almirante Charles Cotton, a qual protejeu a retirada da Familia Rial, e auxiliou depois, sempre que poude, apesar da vigilancia de Junot, as revoltas que nas povoações do litoral se manifestaram no decorrer do mês de Junho de 1808. Nas Berlengas e na foz do Mondego chegaram mesmo a desembarcar forças desses navios. A revolução de 18 de Junho, no Porto, animou, porêm a Inglaterra a prestar às duas nações da Peninsula um auxilio mais poderoso e eficaz. Nesse sentido organizou um exercito, que, sob o comando de Sir Arthur Wellesley, saíu de Cork em 12 de Julho, com a missão de «*se »opor aos designios do inimigo e prestar às nações portuguesa e hespa»nhola todo o adjutorio possivel para sacudir o jugo da França* (1)».

O desembarque das forças inglesas, fez-se em Portugal, na baía de Lavos, junto da foz do Mondego, e tendo começado no dia 1 de Agosto de 1808, só terminou no dia 5, devido às dificeís condições em que se realizou. Em 7 e 8 desembarcaram no mesmo local mais 5.000 homens que formavam a divisão do General Spencer.

N.º 86 — 1808 — Com.ᵛᵃ da batalha do Vimeiro e da entrada do exercito inglês em Lisboa. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, a legenda: BATTLE OF VIMIERA (=Vimeiro) || AUG XXI MDCCCVIII. Na orla, do lado esquerdo, a assinatura BARRE·F. e do lado direito: MUDIE·D. Carreta triunfal, puxada por quatro cavalos, voltada á direita, e carregada com despojos da guerra: uma armadura, dois escudos, dois capacetes, quatro estandartes e duas insignias encimadas por aguias. No alto, vê-se a figura aláda da Vitória, a voar para a direita, descalça, a olhar para trás e vestida com leves roupagens; com a

(1) Soriano: *Hist. da Guerra Civil*, segunda epoca, tomo V, parte I, p. 82, doc n.º 26.

mão esquerda estendida para a frente segura uma coroa de louro, por cima das cabeças dos cavalos, e com a outra mão, que está estendida ao longo do corpo, sustenta uma palma.

℞. — No exergo, que está separado por friso, a legenda, escrita em tres linhas, sendo as duas primeiras horizontais, e a terceira, curva: THE ENGLISH ARMY ENTERS || LISBON || SEPT. XI. MDCCCVIII. Na orla, do lado direito, a assinatura: MILLS. F. No lado direito, vê-se a fachada do torreão do lado ocidental do Terreiro do Paço, que fica voltada para o rio, e parte do respectivo edificio, incorrectamente desenhada. Á esquerda ha um cais e uma ponte, junto da qual estão agrupados varios navios, tendo o primeiro e um dos outros mais afastados, bandeiras inglesas desfraldadas na popa, e os dois primeiros as velas enfunadas. Ao fundo, do lado direito, divisa-se um monte com duas barracas, uma casa e uma torre.

AR. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Faz parte da serie de Mudie.

Bibl.: An Historical and critical account, etc. p. 66 (descrição), pl. 4, n.º XIII (estampa).

N.º 87 — 1808 — **Outra, comemorativa das batalhas do Vimeiro e da Róliça.** Na orla, a legenda, que começa do lado direito em cima: BY THE MERCY OF GOD. O Anjo da Vitória, aládo, voltado à esquerda, a segurar com a mão direita uma espada e com a esquerda uma coroa de louro.

℞. — A seguinte inscrição em quatro linhas horizontais: AUG. 17 & 21 || ROLIEA (=Róliça) & || VIMIERA (=Vimeiro) || 1808.

Æ. dourado (latão?). Diâmetro: 15 milímetros. M. b. c.

Supomos que esta medalha faz parte de uma colecção de medalhas referentes à Guerra Peninsular, que se vendia dentro de umas caixinhas de metal cilindricas.

*

Amedrontado com a atitude hostil da nação e com o desembarque das tropas inglesas, Junot preparou-se para se defender, concentrando as suas forças na Extremadura, e deixando bem guarnecidas as praças de Elvas e de Almeida. Por seu lado os resoltosos, comandados por Bernardim Freire, reuniam-se em Coimbra. No dia 7 de Agosto foi Wellesley

conferênciar com os Generais portugueses a Montemór-o-Velho e no dia 12 achavam-se reunidas em Leiria as forças dos aliados. Para evitar o ataque destes à capital ordenou Junot que Loison seguisse de Elvas para Leiria, protegido por Delaborde, e que este marchasse ao encontro dos aliados para lhes impedir o avanço. A 14 de Agosto (1808) chegou Delaborde à Róliça, onde no dia 17 se travou um combate, cujo resultado foi favoravel a Wellesley. Depois deste desastre o inimigo tomou posição em Torres Vedras, juntando ali as divisões de Junot, Delaborde, Loison, Kellermann e uma outra de cavalaria. Wellesley marchou primeiramente para a Lourinhã, com o fim de proteger o desembarque das tropas de reforço do General Ackland e Bernardim Freire foi postar-se em Obidos.

Em 20 de Agosto desembarcaram no Mondego, outras forças inglesas, comandadas pelo General Moore, tendo sido nesse mesmo dia Wellesley substituido no comando do exercito pelo General Burrard.

No dia 21 de Agosto de 1808, os franceses atacaram os aliados no Vimeiro, travando-se, então, rijo combate que foi, mais uma vez favoravel aos segundos. Suspensas as armas, a pedido dos vencidos, tratou-se de negociar a Celebre Convenção — vulgarmente conhecida por *Convenção de Sintra* — na qual se estipulou a saída dos franceses de Portugal.

Depois da vitória, os ingleses foram ocupando Lisboa, pouco a pouco, nos primeiros dias do mês de Setembro. No dia 15, tendo terminado o embarque das tropas inimigas, arvorou-se no Castelo de S. Jorge a Bandeira Nacional.

N.º 88 — 1809 — **Com.va da tomada de Caiena aos franceses**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: D: JOAM P: G: D: PRINC: REGEN: DE PORTUGAL &c. No exergo, que não está separado por friso, a data: 1809. Cabeça do Principe Regente, com bastante relevo, voltada à esquerda e adornada com uma coroa de louro que se prende, junto da nuca, com um laço. No campo, junto do córte do pescoço, a assinatura do gravador: PIDGEON F. e no próprio corte a do modelador, que em todos os exemplares que temos visto está muito confusa, podendo ler-se, com dificuldade, talvez, o seguinte: MOD.BY.ROVW (?).

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: CAYENNA TOMADA A:OS (sic) FRANCEZES. Ao centro, a data: 14. JAN || 1809., escrita em duas linhas horizontais dentro de uma coroa feita com dois ramos de café, ligados em baixo por um laço.

AR. dourada. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 78 (estampa); Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. IV p. 532 (estampa); J. Leite de Vasconcelos: *Sete Medalhas da Guerra Peninsular* (estampa n.º 3); Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 16 (estampa).

Não nos foi possivel alcançar o livro do Dr. A. J. de Mello Moraes, intitulado: *Historia de Brasil-Reino e Brasil-Imperio*, Rio de Janeiro, 1871, onde, a pag. 152 do 1.º volume, a Senhora Viscondessa de Cavalcanti encontrou importantes e curiosas noticias referentes a esta medalha, que publicou no *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, da sua colecção, a pag. 14, in fine, e 15.

Tomamos, por isso, a liberdade de transcrever deste ultimo trabalho as referidas noticias:

«Por occasião da conquista de Cayenna o Principe Regente mandou »cunhar em Londres uma medalha em memoria d'aquelle glorioso feito »de armas. Esta medalha foi distribuida pelos officiaes de mar e terra »que tomaram parte na acção. A medalha de prata que temos á vista, a »qual vamos descrever, é pertencente ao benemerito diplomata conse»lheiro Antonio de Menezes Vasconcellos de Drummond que nô-la offe»receu antes da sua viagem para a França. O seu diametro é de pollegada »e meia, pesando 18 $^3/_4$ oitavas, apresentando na face anterior, em alto »relevo, o busto em perfil do Principe Regente o sr. D. João (depois sexto »rei do nome) tendo na cabeça uma corôa de louro, atada na quinta »parte posterior por uma larga fita cujas pontas cahidas são terminadas »por dois botôezinhos; por baixo do busto se lê em caracteres miudos: »*Pidgeon* F., nome do artista abridor. O busto do Principe Regente é »circulado com a seguinte legenda: D. Joam. P. G. D. Princip. Regen. de »Portugal P. 1809. Na face opposta tem a medalha no centro a data do »dia em que as tropas brazileiras entráram na cidade de Cayenna, isto »é, 14 de Janeiro de 1809, circulada por dois ramos de café atados por »uma fita, e estes ramos são circulados com outra legenda: *Cayenna* »*tomada aos francezes.*

»O mesmo Dr. Mello Moraes transcreve a Resolução de 11 de setem»bro de 1810 ordenando que a todos os soldados «que foram á gloriosa »expedição de Cayenna, seja concedido o trazerem no braço direito a »palavra — Cayenna —» e o officio seguinte dirigido ao major Manoel »José Xaxier Palmeirim declarando não ser permittido o uso como dis»tincção honorifica da medalha acima descripta:

»Sendo presente a S. M. el rei meu senhor a supplica que Vmcê. »fizera para lhe ser determinado com que fita ou cordão, devia trazer »pendente a medalha, que ao mesmo angusto Senhor fôra servido mandar »dar a Vmcê., e aos mais officiaes que foram á conquista de Cayenna, »como um signal da sua real approvação pelo bem com que se compor»taram n'aquella acção, em que tão valorosamente se distinguiram, é »servido mandar que da dita medalha se não deve fazer uso algum, pois »que da sua mesma forma se vê que não foi feita para se trazer pendente »nem de outro algum modo visivel, devendo cada um dos que tiveram a »honra desta real dadiva, conserva-la como uma memoria da real accei»tação que mereceu aquelle serviço, que tanto o accredita.

»Por esta occasião restituo a Vmçê, a medalha que lhe foi dada, e »que Vmcê, a representara a aquelle fim, o que tudo participo a Vmcê, »para sua intelligencia.

»Deus guarde a Vmcê. — Palacio do Rio de Janeiro, em 5 de Abril »de 1816. Marquez de Aguiar.»

*

Como revindicta da atitude hostil de Napoleão contra Portugal, resolveu o Principe Regente, D. João, apoderar-se da colonia francesa da Guiana, situada ao norte do Brasil, o que facilmente conseguiu com o auxilio de uma pequena expedição de alguns centenares de homens, que se organizou no Pará, e de uma esquadrilha que se compunha da corveta inglesa *Confiance*, e dos navios portugueses: *Voador*, *Infante D. Pedro*, *General Magalhães*, *Vingança*, *Lião* etc. Comandava as forças de terra o tenente-coronel Manuel Marques de Elvas Portugal (ou Manuel Marques de Sousa, segundo alguns autores), e as de mar o capitão inglês, Sir James Lucas Yeo.

Não foi muito longa, nem renhida, a luta que as nossas tropas mantiveram com as francesas, pois que, tendo saído do Pará, no fim do ano de 1808, estavam de posse da colonia no meado de Janeiro do ano seguinte. No entanto, alguma resistencia tiveram que vencer, para tomarem os postos de Approuague, do Diamant, onde foi morto o oficial Chevreuil, que o comandava, quando estava deitado numa rêde, de Dégras des Cannes, e de Bourgade.

A ocupação da colonia pelos portugueses, tornou-se definitiva no dia 12 de Janeiro de 1809, em que o respectivo comandante em chefe, Vitór Hugues, assinou, nos Postos avançados de Bourda, o auto da capitulação. A entrada das tropas vencedoras na capital — Caiena — realizou-se, porêm, a 14 de Janeiro de 1809, como dizem alguns historiadores, sendo essa

a data que está inscrita no reverso da medalha. No entanto, afirmam outros autores que esse facto se deu logo no dia seguinte ao da capitulação, isto é, a 13 de Janeiro.

O governo da colonia passou então a ser exercido, primeiramente, por uma Junta provisoria, e depois pelo Desembargador, João Severiano Maciel da Costa, que veio a ser Marquês de Queluz, o qual publicou em 1821 um folheto para se justificar das imputações que lhe haviam feito.

Em virtude do acto final do Congresso de Viena, do tratado de Paris, de 30 de Maio de 1814 e da convenção de 28 de Agosto de 1817, a Guiana foi restituida à França, a cujo representante, o Conde Carra de Saint-Cyr, foi entregue a 8 de Novembro de 1817 pelo governador português (1).

N.º 89 — 1809 — Com.va da passagem do Douro. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida no exergo: ARTHUR DUKE — OF WELLINGTON. No exergo, que não está separado por friso, as assinaturas: MUDIE·D·(Direxit). *Brenet.* Busto de Wellington, voltado à direita, sem vestuario. Esta face é igual à da medalha n.º 85.

℞. — No exergo, que está separado por friso, a legenda, em duas linhas horizontais: PASSAGE OF THE DURO || 1809. Por baixo, junto da orla, as assinaturas: DUBOIS·F. — MUDIE·D. Do lado direito, o *Rio Douro*, personificado num velho de barbas, voltado à esquerda, laureado, apenas coberto com um leve pano, mergulhado até à cintura, apoiado na competente urna que derrama agua, segura um leme com a mão esquerda e opõe-se a que dele se aproximem varios barcos de vela, impelíndo um destes, o primeiro da fila, com a mão direita.

Ao fundo, do lado esquerdo, divisa-se um forte que tem a bandeira inglesa desfraldada, e do lado direito, por detrás do velho, ha um tronco e dois ramos de louro.

Æ. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Faz parte da serie de Mudie.

Bibl.: An Historical and critical account of... National Medals, ob. já citada, p. 75 (descrição), pl. 4, n.º XV (estampa).

(1) Sobre a ocupação da Guiana pelos portugueses vid.: J. M. Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, 2.ª ed. vol. I, p. 257; Luz Soriano: *Historia da Guerra Civil*, Segunda epoca — tomo I, p. 585 = segunda epoca — tomo IV, parte II, p. 307 = segunda epoca — tomo V, parte I, Doc. 43 — B, p. 268 = Segunda epoca — tomo V, parte II, pag. 460.

*

Na noite de 15 para 16 de Fevereiro de 1809, tentou Soult entrar em Portugal atravessando o rio Minho; mas tendo sido repelido em Caminha, pelo General Bernardim Freire, procurou outro ponto para realizar o seu intento. Em 12 de Março tomou a Praça de Chaves e no dia 29, entrou na cidade do Porto. Era então comandante do exercito português o Marechal Beresford. Quando constou a noticia da ocupação do Porto pelos franceses, saíu imediatamente de Coimbra o Coronel inglês Nicolau Trant, com uma divisão de 3.600 homens, com o fim de ir operar na linha do rio Vouga, para impedir a marcha do inimigo sobre a capital do Reino. Entretanto organizava-se em Inglaterra nova expedição para vir auxiliar Portugal, comandada por Wellesley, a qual chegou a Lisboa em 22 de Abril. Tendo-se resolvido atacar o inimigo no Porto, Wellesley cencentrou as suas forças em Coimbra e dalí seguiu para o norte no dia 7 de Maio; na vespera havia seguido o mesmo destino, pela estrada de Vizeu, a coluna do Marechal Beresford.

Em 9 de Maio chegou Wellesley a Agueda, e no dia seguinte atacou a vanguarda do inimigo, a cavalaria de Franceschi, que estava postada entre Albergaria-a-Velha e Albergaria-a-Nova. No dia 11 continuou a avançar até perto de Grijó, onde, depois de renhida luta, obrigou os postos avançados dos franceses a internarem-se no Porto, o que estes fizeram atravessando o Douro por uma ponte de barcas, que em seguida destruiram, pelas 2 horas da madrugada, por meio de uma explosão de polvora que produziu enorme estrondo. Pelas 9 horas da manhã do dia 12 chegou a Vila-Nova de Gaia a guarda avançada do exercito inglês, e pouco depois acampavam junto da Serra do Pilar, sem serem descobertas pelo inimigo, as restantes forças.

Consistia o plano de Wellesley em atacar o Porto de surpresa, atravessando o Douro, ocultamente, defronte do Seminario, simulando, porêm, querer atravessal-o em frente de Vila-Nova de Gaia. Ao tratar-se de por em pratica este arriscado plano, um coronel inglês, servindo-se de um bote, desconjuntado, que encontrou por acaso, conseguiu trazer da margem oposta mais quatro barcos, num dos quais atravessaram o rio, logo em seguida, 25 soldados que foram ocultar-se no Seminario. Passou ainda segundo barco e ia a abordar o terceiro, quando nos arraiais contrarios soou o grito de alarme.

Travou-se então rijo combate. Os franceses, tendo corrido sem demora ao lugar do perigo, fizeram fogo sobre os ingleses; mas estes oposeram-lhe heroica resistencia, com a artilharia, que na margem oposta protegia as forças desembarcadas no Seminario, e com novas tropas, que sem

descanço e debaixo de intensissimo tiroteio, iam desembarcando. Por outro lado, os habitantes do Porto, aproveitando-se da distracção do inimigo, auxiliavam a travessia dos ingleses defronte de Vila-Nova de Gaia. Pouco depois apareceu na cidade ainda mais o destacamento do General Murray, que atravessára o Douro em Avintes.

Abatido com tão inesperado ataque, e vendo-se ameaçado por todos os lados, Soult não teve outro recurso senão o de abandonar o Pôrto e refugiar-se na Galiza, o que conseguiu com bastante dificuldade, devido à confusão e desalento do seu exercito, e à perseguição dos ingleses.

N.º 90 — 1810-1811 — **Com.va da construção das linhas de Torres Vedras.** No exergo, que está separado por friso, a legenda: FABIUS CUNCTATOR. Na orla, do lado esquerdo, em baixo, a assinatura: PETIT·F. Lord Wellington, sentado dentro de uma tenda de campanha, voltado à esquerda, em cabelo e vestido de guerreiro romano, olha para um papel que está assente no joelho esquerdo e que ele desdobra com a mão direita. A outra mão está apoiada num escudo, que tem gravado um feixe de raios, junto do qual se vê, no chão, um capacete. O pano da frente da tenda está afastado para a esquerda, e pendurado num tronco que tem em cima cinco folhas.

℞. — No exergo, que está separado por friso, em quatro linhas horizontais, a legenda: LINES OF TORRES VEDRAS || THE ENGLISH ARMY. || ON THE TAGUS || 1810. 1811.

Em baixo, na orla, as assinaturas: MUDIE D·(do lado esquerdo), DUBOIS F·(do lado direito).

O *Rio Tejo*, personificado num velho com barbas, laureado, apenas coberto com um pano sobre as pernas, as quais estão estendidas para a esquerda, ao longo da linha que separa o exergo. O tronco está um pouco erguido e voltado quasi de frente. Com a mão direita erguida, sustenta a vara de um leme e com a outra segura a competente urna, que derrama agua. A seus pés está plantada uma laranjeira, carregada de frutos, que simboliza Portugal, e ao fundo alinham-se tres barracas de campanha, tendo a primeira, em cima, à bandeira inglesa. No tipo desta face quiz o gravador indicar que os ingleses fixaram arraiais em Portugal (representado pela laranjeira), proximo do Rio Tejo (personificado no velho).

AR. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Faz parte da série de Mudie.

Bibl.: An Historical and critical account... ob. já citada, p. 83 (descrição), pl. 5, n.º XVII (estampa).

N.º 91 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

No anverso desta medalha compara-se Lord Wellington com o notavel consul e ditador romano, Q. Fabius Maximus Verrucosus, cognominado *Cunctator* (o Contemporizador), por terem sido ambos terriveis adversarios dos maiores guerreiros que tem havido: Anibal e Napoleão.

*

Tendo terminado a campanha de 1809, e esperando-se que os franceses tentassem novamente invadir Portugal, tratou Lord Wellington de executar um plano de defesa do país, o qual tinha por base a posse de Lisboa, para que as suas tropas pudessem embarcar, facilmente, no Tejo, caso fossem vencidas. As séries de fortes, trincheiras, barragens, redutos e outras obras, que então se estabeleceram metódicamente em torno da Capital, ficaram sendo designadas por *Linhas de Torres-Vedras.* Eram estas tão importantes que, em Outubro de 1810, tendo-se nelas postado os aliados, depois de alcançarem a celebre vitória do Buçaco, Massena não ousou atravessál-as.

N.º 92 — Sem data — **Ded.ª ao Principe Regente de Portugal.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo, e é interrompida no exergo: O PRINCIPE DE (sic) BRAZIL REGENTE DA (sic) PORTUGAL. Busto do Principe, voltado à esquerda, sem vestuario, com cabelo comprido e coroa de louro, que se prende junto da nuca com um laço.

℞. — Dentro de uma coroa, feita com dois ramos de louro, unidos em cima e ligados em baixo com um laço, a seguinte inscrição, em duas linhas horizontais: VOTA || PVBLICA.

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Rara.

Esta medalha deve ter sido feita em Inglaterra.
Se a memoria nos não falha, déla vimos, ha tempo, uma variante.

N.º 93 — Sem data — **Ded.da a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: ART. COMES DE WELLINGTON. Busto de Wellington, voltado à esquerda, em cabelo e sem vestuario. No corte do pescoço, a assinatura: *Webb.*

℞. — Igual ao da medalha antecedente.

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 80.

Esta medalha foi feita em Inglaterra. Existe uma variante, que vem indicada no catálogo da colecção de Meili, publicado por Schulman, sob o n.º 3064.

N.º 94 — Sem data — **Outra dedicada a Lord Wellington.** Na orla, a legenda: LORD (do lado esquerdo), WELLINGTON (do lado direito). Busto deste heroe, fardado, com uma banda a tiracolo, condecorado, em cabelo, e com o tronco voltado a $^3/_4$ e a cabeça de perfil, para a direita. No corte do busto, a assinatura: HALLIDAY que está escrita numa prega da banda, junto da condecoração.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo e é interrompida em cima e no exergo: ASSYE (1). VIMIERA. (=*Vimeiro*) — TALAVERA. BUSACO.

Panóplia, ornamentada com dois ramos de louro, e feita com um capacete, uma espada embainhada e competente correia, uma lança, um escudo com forma de pelta e uma insignia militar, que tem em cima a aguia simbólica da França, pousada numa coroa de louro e, por baixo desta, uma chapa na qual se leem as primeiras letras da palavra: NAPO[LEON].

PB. Diâmetro: 47,5 milímetros. B. c.

Existe uma viriante desta medalha, que vem descrita e estampada no trabalho do nosso amigo, o Dr. J. Leite de Vasconcelos: *Sete Medalhas da Guerra Peninsular, est.* II, fig. 6. Difere da nossa por ter a mais, no tipo do reverso, uma fita, que se enlea na panóplia e que contêm a seguinte inscrição: C RODRIGO. BADAJOZ ALMEIDA.

---

(1) E' uma cidade do Indostão onde Lord Wellington começou a sua carreira militar, batendo os Maratas, em 1803.

N.º 95 — 1812 — **Outra, dedicada a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: LIEUT·GEN. MARQUIS WELLINGTON·K·B. (1) &c. &c. No exergo, que não está separado por friso, a data: MDCCCXII. Busto de Wellington, voltado à esquerda, em cabelo e sem vestuario. No campo, junto do córte do pescoço, a assinatura: T·WYON·F.

℞. — No arco superior da orla, a legenda, que se interrompe no alto: ENTER'D MADRID — AUGUST XII. Coluna interceptada, abraçada por duas coroas de louro e assente num pedestal, cuja base está rodeada por duas peças cruzadas, lanças, tendo uma delas a ponta quebrada, tambor, barril de polvora, cornetas, duas insignias militares encimadas por aguias, etc. Junto da coluna, e seguros pelas coroas de louro, estão dispostos em triangulo, os escudos ovais das armas: de Inglaterra, por cima, de Portugal da esquerda, e da Hespanha, da direita. Duas palmas ornamentam os dois ultimos. No pedestal, lê se a seguinte legenda, em seis linhas horizontais: VIMEIRA || TALAVERA || BUSACO || CIUDAD RODRIGO || BADAJOZ || SALAMANCA. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: P·W·F· (Paulo Wyon fecit).

PB. com a côr natural. Diâmetro: 45 milímetros. B. c.

Bibl.: J. Leite de Vasconcelos: *Sete Medalhas da Guerra Peninsular*, fig. 5. (Varía da nossa por não ter legenda na orla do reverso).

N.º 96 — **Outro exemplar,** mais delgado do que o antecedente.

PB. enegrecido. M. b. c.

N.º 97 — 1812 — **Outra, dedicada a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: ARTHUR MARQUIS OF WELLINGTON. Busto de Wellington, voltado à esquerda, em cabelo e sem vestuario.

℞. — Ao centro, a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais, e envolvida por uma coroa, feita com um só ramo de louro, que tem um laço atádo no pé e cujas extremidades se juntam em baixo: PORTUGAL || DELIVERED || SPAIN || RELIEVED || MDCCCXII.

Æ. Diâmetro: 36 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 81.

---

(1) Knight (of the) Bath=*Cavalerio do Banho.*

N.º 98 — 1812 — **Outra, dedicada a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa em baixo e não tem nenhuma interrupção: HISPANIAM ET LVSITANIAM RESTITVIT WELLINGTON. Busto de Wellington, laureado, com farda e voltado á esquerda.

℞. — Na orla, entre duas circunferências de traço liso, a legenda, que começa em baixo e não tem nenhuma interrupção: VIMIERA AUG 21. 1808. TALAVERA JULY 28. 1809. ALMEIDA MAY 5.1811. No campo, em oito linhas horizontais, a inscrição: CUIDAD (sic) ‖ RODRIGO ‖ JAN. 19 1812. ‖ BADAJOZ ‖ APRIL 2. 1812. ‖ SALAMANCA ‖ JULY 22. 1812. ‖ &c. &c. &c.

No bordo tem serrilha de traço obliquo.

Æ. Diâmetro: 27 milímetros. M. b. c.

Bibl.: J. Leite de Vasconcelos: *Sete medalhas da guerra Peninsular*, figura 4.

N.º 99 — **Variante da medalha antecedente.** A diferença consiste na eliminação dos &c. &c. &c. no fim da inscrição do reverso e no acrescentamento desta com o seguinte, que está escrito em duas linhas, sendo a ultima curva: MADRID ‖ AUG 12. 1812.

Tambem tem serrilha.

Æ. Diâmetro: 27 milímetros. M. b. c.

N.º 100 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo do antecedente.

Æ. prateado. R. c. Está furado no alto, e no anverso, aos lados do busto, tem gravado o seguinte: do lado esquerdo, o n.º *42*, e do lado direito, as iniciais: *J C.*

N.º 101 — 1814 — **Outra, dedicada a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: FIELD MARSHAL WELLINGTON. Por fóra da legenda, circunferência serrilhada. Busto de Wellington, sem vestuario, voltado à esquerda.

℞. — Ao centro, a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais, e envolvida por uma coroa feita com um só ramo de louro, que tem um laço atádo no pé e cujas pontas se juntam em baixo: THE ‖ DELIVERER ‖ OF PORTUGAL ‖ AND SPAIN ‖ 1814. Na orla, circunferência serrilhada.

Tem em cima um orificio.

Æ. amareládo. Diâmetro: 26 milímetros. B. c.

*

Sir Arthur Wellesley, sucessivamente, Conde, Marquês, Duque e Lord de Wellington, Principe de Waterloo, etc. filho dos Viscondes de Wellesley e Condes de Mornington, nascido em Inglaterra no dia 1 de Maio de 1769, adversario temivel de Napoleão, a quem conseguiu vencer, foi um dos maiores guerreiros dos tempos modernos.

Tendo feito os seus primeiros estudos em Inglaterra, na escola de Eton, foi completal-os em França, na afamada escola de Angers. Aos 23 anos de idade era já capitão de um regimento, e aos 34, major general.

Depois de ter dado brilhantes provas do seu valor nas campanhas de Flandres e das Indias Inglesas, onde a 23 de Setembro de 1803 derrotou os Marátas na celebre batalha de Assye, foi nomeado comandante das forças auxiliares inglesas, que no ano de 1808, vieram à Peninsula combater os franceses, encargo que com o mesmo fim, novamente assumiu em 1809 e 1810, e do qual se desempenhou brilhantemente.

Em recompensa dos assinalados serviços que prestou, tanto ao seu país, como à Hespanha e a Portugal, foi agraciado pelos respectivos governos com elevadas distinções honorificas. D. João VI, ofereceu-lhe, alem disso, uma baixela riquissima, de prata, que custou cerca de cem contos de reis, na qual trabalharam eximios artistas portugueses, sob a direcção de Domingos Antonio de Sequeira.

Lord Wellington faleceu em 1852.

Nos lugares correspondentes às datas nelas inscritas, descrevemos adiante mais algumas outras medalhas que a ele se referem [1].

N.º 102 — 1815 — **Com.va da participação da Escocia nas guerras Napoleonicas**. Na orla, a legenda: NEMO ME (do lado esquerdo), IMPUNE LACESSIT (do lado direito). No exergo, que não está separado por friso, as assinaturas: MUDIE · DIR. (*direxit*) DUBOIS. F. (*fecit*). Busto que representa um soldado escocês, de frente, e com um capacete de plumas. Do lado esquerdo, junto do pescoço, veem-se duas fitas.

℞. — Ao centro, a inscrição, que está escrita em sete linhas horizontais, dentro de uma coroa feita com dois ramos, um de louro e outro de cardo (emblema da Escocia), atádos em baixo

---

(1) Para a biografia deste heroe, consulte-se, por exemplo: Francis L. Clarke: *The Life of the most noble Arthur Marquis and earl of Wellington, etc. etc.*

com um laço: MDCCCI. || EGYPT. || PORTUGAL. || SPAIN. || FRANCE. || BELGIUM. || MDCCCXV.

AR. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Faz parte da série de Mudie.

Bibl.: An Historical and Critical account, ob. já citada, p. 53 e 54, pl. 3, n.º X. É neste livro que se diz que a medalha foi cunhada com o fim acima indicado.

N.º 103 — 1816 — Com.va do Casamento da Infanta D. Maria Isabel com Fernando VII. Na orla, a legenda, cujas extremidades estão separadas, em baixo, por uma estrelinha: REG. FERDINANDVS ET ELISABET AVGVSTI CATHOLICI. Bustos conjugados dos dois Soberanos, voltados à direita. O busto do Rei, que figura no primeiro plano, tem farda com gola alta, coroa de louro que se prende junto da nuca com laço, manto, e insignia da Ordem do Tosão de Ouro. O busto da Rainha tem um vestido decotado.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SVPER MVROS TVOS CONSTITVI CVSTODES. ISAI. 62 (1). No exergo, que está separado por friso, em quatro linhas horizontais, a legenda: HISPAN. ET LVSITAN. FOEDVS || PERPET. AVGVSTO CON- || NVBIO GADIBVS. || .MDCCCXVI. Emblema das armas da cidade de Cadiz: Hercules, apenas coberto com um pano, de pé entre duas colunas, e a segurar, pelas cabeças, dois liões rompantes. Nas colunas ha duas fitas enroladas em S, nas quais se leem as seguintes legendas: NUN PLUS = ULTRA.

AR. Diâmetro: 34 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 89.

N.º 104 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Esta medalha ainda hoje se obtem com facilidade nos mercados. Lopes Fernandes diz, a p. 79 da sua obra já citada, que ela foi mandada cunhar pela Academia das Belas-Artes de Valença (= Valencia); mas

(1) Isaias: LXII — 6.

cremos que o ilustre numismatico se enganou, porque do tipo e legendas do reverso se depreende que ela se fez por iniciativa da cidade de Cadiz, onde o casamento se celebrou.

Julgamos, portanto, mais provavel que a medalha da Academia de Valencia seja qualquer das duas que a seguir descrevemos.

N.º 105 — 1817 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda que começa em baixo: FERDIN.VII.ET MARIA ELISAB. HISPAN.ET IND.DEI G.REG. Em baixo, entre dois pontos, a data: 1817. Bustos conjugados dos dois Soberanos, um tanto semelhantes aos da medalha antecedente, voltados à direita. O busto do Rei, que figura no primeiro plano, tem coroa de louro, atáda com laço junto da nuca, farda com gola alta, manto, banda a tiracolo e insignia da Ordem do Tosão de Ouro, junto da qual se lê, no campo, a assinatura do gravador: *F. Gordillo.* O busto da Rainha tem vestido decotado, banda a tiracolo e colar, com duas filas de perolas.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: FAUSTO SANCTOQUE FOEDERE VINCTA. No exergo, que está separado por friso, a assinatura: *F. Gordillo f.* || *M.º* (Esta ultima abreviatura significa Mexico, pois que foi alí que o autor da medalha nasceu e trabalhou. Vid. Dicionario de Forrer, já citado, s. v. *Gordillo*). Ao centro ha uma ára quadrangular, sobre a qual estão colocados, a par, dois corações, e em cuja frente estão gravadas, em dois escudos ovais, as armas da Hespanha e de Portugal, encimadas por uma coroa rial. Por cima, no campo, ha outra coroa rial. Do lado esquerdo está sentada a Fé, representada por uma mulher vestida com leves roupagens, e manto que lhe cobre a cabeça; tem a mão direita firmada no joelho e a segurar, pelo meio da haste, uma cruz processional e a esquerda estendida, para colocar um festão de flores, sobre os corações. Do lado direito está sentado um menino nu, que representa o Himeneu, a segurar com as duas mãos, o competente facho.

AR. Diâmetro: 42 milímetros. B. c.

Um pouco amolgada no bordo. Muito rara.

Esta medalha está datada de 1817, certamente por ter sido feita nesse ano, comtudo deve notar-se que o casamento que ela comemóra se realizou no ano antecedente.

No catálogo da colecção de Meili, publicado por Schulman, vem des-

crita e estampada, sob o n.º 3140, mais uma outra medalha comemorativa do mesmo casamento, que tem o seguinte tipo: Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida no exergo: FERNANDO VII. Y M·ISABEL REYES DE ESPANA. Bustos conjugados, um tanto semelhantes aos das medalhas supra descritas, voltados à direita. Assinada, não sabemos aonde, por *Sagau*. ℞.—No exergo, que está separado por um friso ornamentado, em duas linhas, a legenda: FELIZMENTE UNIDOS || ANO DE 1816. Armas de Hespanha e de Portugal, em dois escudos ovais colocados ao alto, unidos, enfeitados com um ramo de louro e outro de carvalho, e encimados por uma coroa rial. Confronte-se no referido catálogo, a descrição com a estampa. Diâmetro: 40 milímetros. Muito rara.

*

O casamento da Infanta de Portugal, D. Maria Isabel, com o Rei de Hespanha, Fernando VII, realizou-se ao mesmo tempo que o da Infanta, tambem portuguesa, D. Maria Francisca de Assis, com o Infante D. Carlos de Hespanha. Ambas as noivas eram filhas de D. João VI, tendo nascido a primeira, a 10 de Maio de 1797 e a segunda a 22 de Abril de 1800. As escrituras dos dois casamentos assinaram-se a 22 de Fevereiro de 1816, às 7 horas da noite, no *Salão dos Reinos*, do Palacio Rial de Madrid, estando o Governo Português representado nesse acto pelo seu ministro, D. José Luis de Sousa.

A futura Rainha e sua irmã fizeram a viagem do Brasil para Hespanha, em 62 dias, a bordo da nau *S. Sebastião*, que veio comboiada pela fragata hespanhola *Soledad*. A 4 de Setembro de 1816, pela 1 hora e meia da tarde, chegaram a Cadis, onde, no dia imediato, o Arcebispo de Laudicêa celebrou os casamentos, por procuração, ainda a bordo da referida nau, e na presença das testemunhas, do Capitão-General, do Conde de Miranda, e de outros personagens, aos quais foi servido um almoço, à custa do Governo Português. Em seguida desembarcaram, ao som de estrondosas salvas de artilharia e de repiques de sinos, e foram à Sé assistir a um *Te-Deum*, tendo sido para ali conduzidas num coche puxado por gente do povo. A 11 de Setembro sairam de Cadis, dirigindo-se para Madrid, pelo caminho de Xeres, Sevilha, Cordova, etc. aonde foram entusiasticamente recebidas.

No dia 28 de Setembro entraram solénemente em Madrid, num coche puxado, tambem, por gente do povo, e seguidas de um imponente cortejo, que se organizou a meia legua fóra da cidade, e no qual iam o Rei de Hespanha e o Infante D. Carlos, a cavalo, aos lados do coche. Nesse mesmo dia ratificaram-se os casamentos, no Palacio Rial, tendo sido este

acontecimento festejado, durante tres dias, com iluminações recepção, espectaculos, etc. ([1]).

D. Maria Isabel viveu apenas dois anos depois do casamento, pois que faleceu em Madrid, em 26 de Dezembro de 1818. D. Maria Francisca, faleceu em Portsmouth a 4 de Setembro de 1834. Poucos anos depois, em 2 de Fevereiro de 1838, o viuvo desta ultima, o Infante D. Carlos, casou segunda vez, em Saltzburgo, com a filha mais velha de D. João VI e portanto irmã da sua primeira mulher, a Princesa D. Maria Tereza, a qual era tambem viuva do Infante D. Pedro Carlos, que foi almirante da marinha portuguesa e presidente da Academia Rial das Sciencias de Lisboa.

N.º 106 — 1817 — Com.ᵛᵃ do casamento de D. Leopoldina de Austria com D. Pedro IV. Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: LEOPOLDINA CAROL·IOS·ARCHIDVX AVSTRIAE. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: I·LANG·F. Busto de D. Leopoldina, voltado à esquerda, com vestido meio decotado, e parte do cabelo encaracolado. Ao peito tem uma medalha com retrato, encimada por uma coroa rial e suspensa por um colar.

℞.— No exergo, que está separado por friso, a data: MDCCCXVII. Galeota, com ornatos e festões ao longo do costado, a navegar para a direita no alto mar, e governada pelo Himeneu, personificado num menino nu e alado, que está de pé sobre a popa a segurar a vara do leme, com a mão direita, e a empunhar com a esquerda, o competente facho. Ao centro da galeota ha um mastro, encimado por uma flamula, ao qual se prende uma vela enfunada que tem inscrita a palavra: FELICITAS.

Æ. Diâmetro: 44 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 130 (estampa); Viscondessa de Cavalcanti: *Catálogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 17 (estampa); Meili: *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen*, n.º 1 (estampa).

Esta medalha foi feita em Viena (Austria), pelo gravador Joseph Nikolaus Lang.

([1]) Extraímos estas noticias da *Gazeta de Lisboa*, de 1816, n.ºs 46, 57, 70, 82, 147, 222, 223, 227, 229, 234, 244, 247 e 250.

*

Em 29 de Novembro de 1816 assinou-se em Viena um tratado matrimonial, em cujo artigo primeiro se estipulou que o Imperador de Austria, Francisco I, a pedido de El-Rei D. João VI, concedia ao Principe do Brasil, D. Pedro, a mão de sua filha, a Arquiduquesa Maria Carolina Josefa Leopoldina.

Trataram deste casamento: como representante de Portugal, o Marquês de Marialva, e como representante da Austria, os Principes de Trauttmansdorff-Weinsberg e de Metternich-Winnebourg. A 18 de Março de 1817 fez-se o pedido oficial da mão da Arquiduquesa e a 13 de Maio seguinte, dia do aniversario natalicio de D. João VI, efectuou-se o casamento, por procuração, em Viena, tendo sido o noivo representado nesse acto pelo Marquês de Marialva. A 3 de Junho partiu D. Leopoldina para Leorne, aonde, no dia 12 de Agosto seguinte, o Principe de Metternich a entregou ao Marquês de Castelo-Melhor, representante de Portugal.

Dois dias depois, seguiu para o Brasil, a bordo da nau *D. João VI*, e acompanhada por uma esquadra portuguesa. A 6 de Novembro de 1817, ratificou-se o casamento na capela rial do palacio do Rio de Janeiro, havendo por esse motivo as costumadas demonstrações de regosijo (1).

D. Leopoldina tinha então 20 anos e seu esposo 19.

N.º 107 — 1819 — Dedicada à memória de Camões pelo Morgado de Mateus. Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: LVD.CAMOES.OB. A.C.—MDLXXIX.AET.LIV. Busto do Poeta, laureado, voltado à esquerda, com gorjal de folhos e vestido com rica armadura. No corte do braço, a assinatura DONADIO F.

℞.—Na orla, em cima: LVSIADES (2), e no exergo, em duas linhas horizontais: D.I.M.SOVZA.EXCVDI.IVSSIT || A.MDCCCXIX. Ao centro, a pôpa de um navio romano, com três espigões e ornamentada; do lado esquerdo, uma espada e do lado direito, uma trombeta.

Æ. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Rara.

---

(1) Francisco da Fonseca Benevides: *Rainhas de Portugal*, II, p. 249, e sgs.

(2) Não se compreende a razão porque o Morgado, depois de dar tam sobejas provas de patriotismo e sendo tam grande admirador de Camões, consentiu que nesta medalha se gravasse a palavra francesa *Lusiades* em vez da portuguesa *Lusiadas*.

Bibl.: Vem estampada nas seguintes obras: Lopes Fernandes, n.º 91; *Memoirs of the life and writings of Luis de Camões*, by John Adamson, London 1820, 2 vols: o anverso a p. v, e o reverso a p. XIV; *Bibliotheca Lusitana; or Catalogue of Books and Tracts, relating to the History, Literature, and Poetry, of Portugal; forming part of the Library* of John Adamson, o anverso a p. 47 o reverso a p. 53. A estampa que representa o anverso da medalha publicada nas duas últimas obras vem reproduzida no *Dicionário bibliográfico* de Brito Aranha, vol. XIV (7.º do suplemento), p. 240. Diz êste autor que ela também foi publicada na obra: *The Lusiad of Luis de Camoens, Books* I to V, *Translated* by Edward Quillinan, *With notes* by John Adamson; Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 2 (estampa).

Vem sómente descrita nas *Obras de Luís de Camões*, pelo Visconde de Juromenha, vol. I, p. 434.

Esta medalha foi mandada gravar em Paris pelo Morgado de Mateus, D. José Maria de Sousa Botelho e Vasconcelos, pouco tempo depois de se concluir na mesma cidade a impressão da rica e monumental edição dos *Lusíadas*, feita à custa dêste ilustre fidalgo (1).

Os cunhos e punções da medalha, as chapas de cobre que serviram para as estampas da edição dos *Lusíadas*, e bem assim os documentos que lhes diziam respeito, ficaram em poder do Morgado, e vieram depois a pertencer a seu neto, o Conde de Vila Rial. Por morte dêste, foram todos êsses objectos avaliados, em 1857, por Lopes Fernandes, para figurarem no inventário que nessa data se fez (2). Os cunhos e punções avaliaram-se em 4$800 réis.

A respeito da medalha publicou o Visconde de Juromenha nas suas já citadas *Obras de Luís de Camões*, I, 382, a seguinte informação, que lhe foi enviada pelo Conde de Vila Rial: «A medalha foi principiada »em 1818 e acabada em Novembro de 1819. Foram cunhadas dez em prata »e cento e oito em cobre, das quaes oito ficam na casa da moeda. Custou »por muito favor 2:000 francos (3) e 100 de gratificação, e as medalhas »480,75 francos. Avaliaram os cunhos em 3:000 francos. Tambem existe

---

(1) A edição tem a data de 1817 e o suplemento a de Junho de 1818. Vid. Brito Aranha, *Dicionário Bibliográfico*, vol. XIV, p. 111 e sgs. e Visconde de Juromenha, *Obras de Luís de Camões*, vol. I, p. 373 e sgs.

(2) Colhemos esta informação num manuscrito inédito de Lopes Fernandes, pertencente ao nosso amigo o Sr. Henrique de Campos Ferreira Lima. Vid. também a *Memória das Medalhas*, p. 81.

(3) Esta quantia deve referir-se ao custo dos cunhos.

»uma lista das pessoas a quem meu avô deu esta medalha [1]. Charneca »17 de Março de 1856.=*Conde de Villa Real.*»

N.º 108 — 1819 — **Ded.da a Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: ARTHUR DUKE OF — WELLINGTON. Antes da legenda, e escrita em sentido inverso, lê se, na orla, a assinatura do gravador: WEBB·F. No exergo, que não está separado por friso, tem mais as assinaturas, do modelador e do editor, escritas em tres linhas: MODELED || BY P·ROUW. || MUDIE·D. Busto de Lord Wellington, voltado à esquerda, com bastante relevo e sem vestuario.

℞. — Em 35 linhas horizontais, a seguinte inscrição: BORN MAY 1. 1769 || ENT. AS ENSIGN IN THE 73 REG. 1787 || APP. LIEUT. IN THE 76 1788 & CAP. IN THE 58. 1791 || MAJOR IN THE 33 1792 LIEUT. COL. 1793 & COL. 1795 || COM. A DIV. AT THE STORMING OF SERINGAPATAM MAY 4 1799 || BATTLE OF CONAGHULL SEPT. 5 1800 || APPOINTED MAJOR GENERAL APRIL 29 1802 || BATT. OF ASSAYE SEP. 25 TOOK GAWILGHAR BY STORM DEC 30 1803 || CREAT. KNIGHT OF THE BATH AND CHIEF SECT. FOR IRELAND 1807 || DEFEATED THE DANES AT THE BATT. OF KIOGE 1807 || APPOINTED LIEUT. GENERAL APRIL 25 1808 || BATTLE OF ROLEIA (=Róliça) AUG. 17 VIMIERA (=Vimeiro) AUG. 21 1808 || APPOINTED MARSHAL GEN. OF THE PORTUGUESE ARMY MARCH 22 1809 || CAPTURED OPORTO MAY 12. BATT. OF TALAVERA 27 & 28 OF JULY 1809 || CREATED VISCOUNT WELLINGTON & BARON DOURO AUG. 26 1809 || BATTLE OF BUSACO SEPT. 27 COIMBRA OCT. 7 1810 || FUENTES DE HONOR MAY 5 ALMEIDA MAY 11 AROYO DEL MOLINA OCT. 28 1811 || CREATED CONDE VIMIERA & APPOINT. GEN. IN SPAIN & PORTUGAL 1811 || BATT. OF CUIDAD (sic) RODRIGO JAN. 19 BADAJOZ APR. 6 ALMAREZ MAY 19 1812 || BATTLE OF SALAMANCA JULY 22 ENTERED MADRID AUG 14 1812 || CREATED EARL FEB. 22 AND

---

[1] Em resposta a um pedido nosso, pelo que nos confessamos extremamente reconhecidos, dignou-se o Sr. D. Fernando de Sousa Botelho e Melo comunicar nos, em carta de 11 de Fevereiro de 1914, que não encontrou e julga não existir esta lista entre os papéis do Morgado, que hoje pertencem a seu Pai, o Sr. Conde de Vila Rial. O Sr. D. Fernando de Sousa Botelho e Melo supõe, não obstante a declaração de Juromenha, que para a distribuïção das medalhas, que se fez em 1819 e 1820, serviu a lista, anteriormente organizada, das pessoas a quem tinham sido oferecidos exemplares dos *Lusíadas*, a qual foi publicada por Juromenha, *Ob cit.*, p. 379.

MARQUIS AUG. 12 1812 || APPOINTED COL. OF THE HORSE GUARDS BLUE JAN. 1 1813 || BATTLE OF VITTORIA JUNE 21 1813 || CREAT. K. G. & APP FIELD MARSHAL OF THE BRITISH ARMY JUNE 21 1813 || BATT. OF THE PYRENEES JULY 28 TO AUG. 2 S. SEBASTIAN SEP. 9 1813 || BIDASSOA OCT. 9 PAMPELUNA OCT. 31 NIVALLE (sic) NOV. 10 1813 || NIEVE DEC. 9 TO 13 1813 ORTHES FEB. 27 TOULOUSE APR 10 1814 || CREATED MARQUIS OF DOURO & DUKE OF WELLINGTON MAY 3 || TOOK HIS SEAT IN THE HOUSE OF LORDS JUNE 28 1814 || BATTLE OF WATERLOO JUNE 18 ENT. PARIS JULY 7 1815 || CREATED PRINCE OF WATERLOO JULY 18 1815 || GENERALISSIMO OF THE ALLIED ARMIES 1815 || & MASTER OF THE ORDNANCE || GOV. OF PLYMOUTH OCT. 9 || 1819.

Æ. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Esta medalha não faz parte da serie intitulada: *Mudie's National Medals*, à qual ja nos referimos supra, a proposito de algumas medalhas da Guerra Peninsular; mas foi publicada pelo mesmo editor, *Mudie* como néla se declara.

N.º 109 — 1818-1820 — **Com.^va da aclamação de D. João VI.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: JOANNES.VI.D.G.U.R.PORT.BRAS.ET.ALG.REX. Busto de D. João VI, voltado à esquerda, ricamente fardado, descoberto e com uma trancinha do cabelo atáda, junto do pescoço, com um laço. Ao peito, ostenta a insignia da Ordem do Tosão de Ouro, suspensa no respectivo colar. Entre os bordados da farda destacam se dois castelos, uma esfera armilar e as armas portuguesas. No córte do busto, a assinatura: .Z.FERREZ.1820.

℞. — No exergo, que está separado por friso, em quatro linhas horizontais, a inscrição: JOANNI.SEXTO.SENATUS. || FLUMINENSIS.SEXTO. || FEBR. ANNI.DOM. || 1818. Frontaria de um templo, que tem na base, em todo o comprimento, uma escadaria de sete degraus, e que se compõe de quatro colunas e de uma cimalha triangular, ornamentada com as armas riais da epoca e dois ramos de louro. Nos resguardos da escadaria ha duas estátuas aládas, que representam a *Historia* e a *Poesia*, e dentro do templo, entre as duas colunas do meio, vê-se outra

estátua, que representa *Minerva* (1), de pé, a segurar uma cornocopia com o braço esquerdo e a colocar, com a mão direita, uma coroa de louro, sobre um busto de D. João VI, que está assente num pedestal.

AR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 90 (estampa); Viscondessa de Cavalcanti: *Catálogo das medalhas brasileiras*, n.º 19 (estampa).

Todos os exemplares que conhecemos desta medalha, têem uma saliencia no anverso, no lado direito do campo, o que indica que o respectivo cunho está quebrado. A do nosso exemplar está pouco perceptivel porque alguem a reduziu, raspando-a.

No reverso desta medalha está representado um *templo* improvisado, que o Senado da Camara do Rio de Janeiro mandou construir para ser iluminado durante as noites de 6, 7 e 8 de Fevereiro de 1818, em que naquela cidade se festejou a aclamação de D. João VI. A seguir transcrevemos de um folheto da epoca (2) a descrição desse *templo*, na qual vêem apontadas algumas particularidades que o gravador da medalha alterou ou omitiu:

«A illuminação, com que o Senado da Camara assignalou o seu rego»sijo, figurava hum magestoso Templo consagrado a *Minerva*, no centro »do qual estava a estatua desta Deoza, abrigando com a Egide o Busto »de SUA MAGESTADE, e no tecto escripta com grandes caracteres esta »Cifra — J. VI. — O Templo era superior a huma grande escada com dois »pedestaes, sobre que apparecião as Figuras da *Historia*, e *Poesia*. Doze »columnas da Ordem Dorica sustentavão este elegante artefacto, que tinha

---

(1) A entidade que a estátua representa não está bem caraterisada: à primeira vista parece ser a *Abundancia;* mas, pelo que se diz numa passagem, adiante transcrita de um folheto da epoca, deve ser Minerva.

(2) *Relação dos Festejos, que à Feliz Acclamação do Muito Alto, Muito Poderoso, e Fidelissimo Senhor D. João VI. Rei do Reino Unido de Portugal, Brasil, e Algarves Na Noite do Indelevel, e Faustissimo Dia 6 de Fevereiro, e nas duas subsequentes, com tanta cordialidade, como respeito votárão os Habitantes do Rio de Janeiro ; Seguida das Poesias dedicadas ao mesmo Venerando Objecto, collegida por Bernardo Avellino Ferreira e Souza, Official Supranumerario da Secretaria da Intendencia Geral da Policia, e dada ao Prelo, e gratuitamente distribuida pela mesma Intendencia, a fim de perpetuar a Memoria do Plauzivel Successo, de que mais se glorião os Fastos Portuguezes. Rio de Janeiro, 1818: Na Typographia Real. Por Ordem de Sua Magestade.*

Folheto de 52 paginas numeradas e uma outra, sem numero, com *erratas*. Vid. p. 3.

A Senhora Viscondessa de Cavalcanti tambem cita este folheto e reproduz a passagem que dele transcrevemos, no seu, ja citado, *Catálogo das Medalhas Brasileiras*, p. 17.

»oitenta palmos de alto, e dusentos e noventa de fachada, e mostrava no »frizo da cimalha esta legenda: A ELREI O SENADO, E O POVO.»

O tipo do anverso desta medalha é igual ao de uma outra feita anteriormente, a qual tinha o seguinte reverso: na orla, coroa de louro, atáda em baixo com um laço; no alto, entre as extremidades da coroa de louro, uma coroa rial. No campo, em seis linhas horizontais, a inscrição: I.RE MEDAILLE || FRAPPÈE A RIO-JANEIRO || PRESENTÈE.A.S M.T.F. || D. JOÃO VI || PAR ZEPHIRIN FERREZ || AN 1820.

Diâmetro: 50 milímetros.

Só temos conhecimento da existencia, em Lisboa, de um unico exemplar, que pertence ao Sr. Dr. Antonio Augusto de Carvalho Monteiro.

Esta variedade vem estampada nas seguintes obras: *Voyage pittoresque et historique au Bresil*, par J. B. Debret. Paris, 1839, t. III, pl. 17; Meili, *ob. cit.* (no frontispicio); Viscondessa de Cavalcanti, *cat. cit.*, n.º 18; Lamas: *Portugal no Cabinet des Médailles de Paris*, fig. n.º 7.

O mesmo anverso serviu ainda de modelo para as duas medalhas que adiante vão descritas.

*

D. João VI, que em 1799 começou a governar o Reino em seu proprio nome, com o titulo de Principe Regente, e que antes dessa data o havia governado em nome de sua Mãe, a Rainha D. Maria I, subiu ao trono, por morte desta, em 20 de Março de 1816. A cerimónia da aclamação só se realizou, porêm, a 6 de Fevereiro de 1818, no Rio de Janeiro, onde por esse motivo houve as costumadas demonstrações de regosijo, cuja descrição se póde ver no folheto acima citado.

N.º 110 — 1820 — **Com.va da 1.a fundição de artilharia no Brasil** O anverso é igual ao da medalha antecedente.

℟. — Na orla, a inscrição, que começa em cima, do lado direito: ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRAZIL. Ao centro, em cinco linhas horizontais: 1.A || FUNDIÇÃO || D'ARTILHARIA EM || 6. DE DEZEMBRO || DE 1820. Em cima, entre as extremidades da inscrição, ha uma flor com tres folhas de cada lado. As inscrições são incusas.

BR. fundido. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c. mas mal acabada.

Bibl.: Lopes Fernandes, pag. 80 (descrição).

N.º 111 — 1821 — Com.va da 2.ª fundição de artilharia no Brasil. O anverso é igual ao das duas medalhas antecedentes.

℞. — Na orla, a inscrição que começa em cima do lado direito: ARSENAL REAL DO EXERCITO DO BRAZIL. Ao centro, em cinco linhas horizontais: 2.A ‖ FUNDIÇÃO ‖ D'ARTILHARIA EM ‖ 26. DE MAIO ‖ DE 1821. Em cima, entre as extremidades da inscrição, ha uma flor com tres folhas de cada lado. As inscrições são incusas.

BR. fundido. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c. mas mal acabada.

Bibl.: Lopes Fernandes, pag. 81 (descrição).

Os exemplares autenticos destas duas ultimas medalhas, em cujo numero se podem, talvez, compreender uns que existem na colecção da Academia Rial das Sciencias de Lisboa, são muitissimo raros.

Os nossos aparentam não serem autenticos.

N.º 112 — 1821 — Com.va dos acontecimentos politicos de 20 de Agosto de 1821, no Cuyabá (Brasil). Reprodução. Na orla, a legenda, que começa em cima: AOS ACONTECIMENTOS DE 20 D'AGOSTO DE 1821. Escudo de armas, com uma palmeira gravada, e encimado por um elmo no qual está pousada uma aguia.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em cima: VIVA A RELIGIÃO, O REY, E A CONSTITUIÇÃO. Ao centro, em cinco linhas horizontais, a inscrição: VIVA A JUN ‖ TA GOVERNA ‖ TIVA PROVI ‖ ZORIA DO ‖ CUYABA. No alto, entre as extremidades da legenda, ha dois raminhos cruzados. Por fora das legendas, em ambas as faces, tem circunferências serrilhadas.

Æ. branqueado, com manchas amarelas. Fundida. Diâmetro: 29 milímetros.

Consta-nos que este exemplar, e mais alguns outros, são reproduções mandadas fazer por um antigo coleccionador. Tanto os exemplares autenticos como os reproduzidos, são muito raros. Nenhuns esclarecimentos conseguimos obter para a historia desta medalha.

N.º 113 — 1821 — Com.va de Camões, pertencente à «series numismatica virorum illustrium», e gravada por Caqué. Na orla, a legenda: LUDOVICUS (do lado esquerdo) CAMOES (do lado direito). No exergo, que não está separado por friso, a assina-

tura: CAQUÉ F. Busto do Poeta, voltado à direita, laureado e sem vestuário.

℞. — Em nove linhas horizontais, a inscrição: NATUS ‖ OLYSSIPONE ‖ IN LUSITANIA ‖ AN · M.D.XVII · ‖ OBIIT ‖ AN · M.D.LXXIX · [1] ‖ SERIES NUMISMATICA ‖ UNIVERSALIS VIRORUM ILLUSTRIUM · ‖ M · DCCC · XXI.

No bordo tem gravado um punção seguido da palavra — CUIVRE — o que indica que a cunhagem se fez na Casa da Moeda de Paris.

Æ. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 3 (estampa).

Esta medalha faz parte de uma colecção intitulada *Series numismatica universalis virorum illustrium*, editada em Paris por Amédée Durand, entre 1818 e 1846. Êste exemplar não tem a assinatura: *Durand edidit* que, segundo Forrer [2], costuma figurar nas medalhas por ele editadas.

Se não estamos em êrro, vimos os cunhos das medalhas desta série na oficina do gravador Ch. Marey, 44, Quai des Orfèvres, em Paris.

Esta medalha serviu de modêlo num concurso de gravadores na Casa da Moeda, do qual trataremos adiante, noutro volume. Ha uma variante que tem na legenda do anverso: CAMÖENS.

N.º 114 — 1822 — **Ded.^da à memoria de Massena.** Na orla, a legenda: ANDRE (do lado esquerdo), MASSENA (do lado direito). Busto de Massena, com farda ricamente bordada na gola, em cabelo, voltado à direita. No campo, junto do córte do braço, a assinatura: GATTEAUX.

℞. — Em cinco linhas horizontais, a inscrição: NÉ ‖ A NICE ‖ EN M · DCC · LVIII . ‖ MORT ‖ EN M · DCCC · XVII. No exergo, em duas linhas horizontais, limitadas por dois travessões: GALERIE METALLIQUE ‖ DES GRANDS HOMMES FRANÇAIS. Em baixo, a data: 1822.

No bordo tem gravado um punção, seguido da palavra: BRONZE.

BR. patinado. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire, p. 515, n.º 70 (descrição).

---

(1) A respeito desta data, que está errada, vid. supra a primeira nota da medalha n.º 71, a pag. 71.

(2) *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. «Durand».

Esta medalha faz parte de uma série intitulada: *Galerie Métallique des Grands Hommes Français*, e ainda hoje está à venda na Casa da Moeda de Paris, custando cada exemplar de bronze, 2,20 francos, e de prata, 8,05 francos, como consta do catalogo: *Médailles en vente à la Monnaie de Paris*, p. 24, n.º 70.

A série é de 118 medalhas, mas nem todos os cunhos estão em estado de poderem servir.

Incluimos esta medalha na nossa colecção porque Massena foi, como se sabe, o comandante das tropas francesas que invadiram Portugal, em 1810.

N.º 115 — 1822 — Com.va da fundação de um monumento consagrado à revolução de 1820, que se projectou erigir no Porto. Reprodução galvanoplástica. Na orla, que se destaca do campo por estar saliente, entre duas circunferências ornamentais, a legenda, que começa do lado esquerdo, em cima, e é precedida de um ornatozinho, feito com folhas de carvalho: PORTO XXIV D'AGOSTO DE MDCCCXX. CORTES GERAES, E POR ELLAS A CONSTITUIÇÃO. Ao centro, o *Governo Constitucional*, personificado num mancebo, coroado de louro, de frente, e vestido com leves roupagens, que lhe deixam a descoberto as pernas, e o braço esquerdo que está estendido para colocar um barrete frigio na ponta de uma lança. A cabeça está inclinada para trás e nela se projectam sobre a fronte intensos raios luminosos que irrompem do alto. De baixo dos pés vê-se um jugo quebrado. Com a mão direita ampara um livro aberto, que está colocado ao alto, sobre um cubo de pedra. No livro e na pedra, lê-se a seguinte inscrição: na primeira pagina: MAN- || TIDA || A || RELIG. || CA- || THOL. || ; na segunda pagina: E || A DY- || NASTIA || DA CAZA || DE || BRAGAN- || ÇA.; na pedra: NA PRAÇA ONDE SO- || OU O PRIMEIRO BRA- || DO DA REGENER. POR- || TUG. SE LEVANTE || HUM || MONUMENTO. || PORTARIA DA J. PROV. DE || 23 DE XBR.º DE 1820.

℞. — Na orla, circunferência levemente ornamentada. No campo, em nove linhas horizontais, a inscrição: NO ANNO DO SENHOR || MDCCCXXII, || XXIII DO PONTIFICADO DE PIO VII, || REINANDO D. JOÃO VI, || PRIMEIRO REI CONSTITUCIONAL || DO REINO UNIDO DE PORTUG., BRASIL, || E ALGARVES, ANNO IIº DA Iª LEGIS-

LATURA || EM XXIV D'AGOSTO FOI LANÇADA ESTA || PRIMEIRA PEDRA.

Æ. Diâmetro: 92 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Histoire du Travail,* n.º 1428 (descrição); *Descrição das moedas,* II, p. 126-127 (estampa); *Medalhas comemorativas da Revolução de 1820,* artigo publicado no *Conimbricense,* n.º 5714, de 30 de Agosto de 1902 (descrição); Alberto Bessa: *Monumentos do Porto... que ficaram no tinteiro,* artigos publicados no jornal: *O Tripeiro,* 3.º ano, n.os 100 e 101, (referência), e Henrique de Campos Ferreira Lima: *notas* a esses artigos, publicadas no n.º 103 do mesmo jornal, juntamente com a estampa da medalha.

Esta medalha foi feita para ser lançada nos alicerces de um monumento que se projectou erigir na cidade do Pôrto, na antiga Praça Nova, para comemorar a revolução que na mesma cidade se levou a efeito em 24 de Agosto de 1820. Não se conhece senão um unico exemplar autentico, que faz parte da colecção de El-Rei, e que o Dr. Teixeira de Aragão *(loc. cit.)*, considera como sendo *uma amostra submetida à apreciação do soberano, e que o acaso salvou das iras populares.*

Foi esse exemplar certamente que serviu de modelo para se fazerem os primeiros exemplares pelo processo da galvanóplastia, os quais, por sua vez têem servido de modelo para outros. No entanto, apesar da facilidade com que se obtêem tais reproduções, esses exemplares não abundam nos mercados. O nosso foi feito por um antigo empregado da Imprensa Nacional, Domingos Venancio, a quem o comprámos por 5000 reis.

Juntamente com a medalha que acabamos de descrever, deitou-se nos mesmos alicerces uma outra, da qual se não conhece um unico exemplar e cujo tipo a seguir transcrevemos de um documento que adiante publicamos:

«hũa Figura, que pela informação dada significa o Amor da Patria »com as Quinas Portuguezas gravadas no peito; tem na mão esquerda »hũa vara, e o Pileo na extremidade da mesma, insignias do Governo »Constitucional proclamado em vinte e quatro d'Agosto de mil oitocentos »e vinte: na mão direita tem raios na acção d'abrazar hum jugo, e hum »turbante, que tem aos pés, insignias reprezentativas desta Figura na »circunferencia desta Medalha tem a seguinte legenda — Por Amor da »Patria, em vinte e quatro d'Agosto de mil oitocentos e vinte — No reverso »tem a seguinte inscripção — o Porto deo Nome ao Reyno em mil cento

»trinta e nove, Restaurou o em mil oitocentos e oito, Regenerou-o em »mil oitocentos e vinte».

No programa dos festejos que adiante vai publicado, diz-se que uma destas medalhas era do *Artista* e a outra da *comissão.*

A que *artista* quereria referir-se o redactor do programa? ¿Seria ao autor do projecto do monumento, o pintor Joaquim Rafael ou ao auxiliar dêste o miniaturista João José Braga?

*

Segundo consta da inscrição da medalha, a Junta Provisoria do Governo do Reino, ordenou, na Portaria de 23 de Dezembro de 1820, que na *Praça onde soou o primeiro brado da Regeneração portuguesa, se levantasse um monumento* comemorativo desse facto que se tinha dado a 24 de Agosto antecedente. O local acima designado era a antiga *Praça Nova* da cidade do Porto, a qual passou então a denominar-se, da *Constituição* (1). Do cumprimento daquela ordem foi incumbida a respectiva Câmara Municipal.

Aberto um concurso, apareceram tres projectos, sendo um dêles de João Francisco Guimarães e os outros dois do pintor Joaquim Rafael, que os executou juntamente com o entalhador Manuel Moreira e com o modelador de miniaturas de barro, João José Braga (2). Submetidos êsses projectos à apreciação das Côrtes Gerais (3), só no fim de bastante tempo se conseguiu que a respectiva comissão de Artes désse ácerca dêles o seu parecer, resolvendo-se, por fim (4), *que a Câmara do Pôrto, com os cidadãos subscritores, se os houvesse, e principais habitantes da mesma cidade, convocados e reunidos em vereação extraordinaria, escolhessem, dentre os desenhos e modelos apresentados, aquele que melhor lhes parecesse, e que a referida Camara, pondo em acção todos os meios que o seu*

---

(1) Em Lisboa tambem se projectou erigir, no Rocio, um outro monumento, comemorativo do mesmo facto, chegando a fazer-se os alicerces, nos quais se colocaram moedas correntes e uma chapa de prata com uma inscrição. Em 1823, tanto as moedas como a chapa foram dalí retiradas para serem fundidas na Casa da Moeda. Vid. a êste respeito: Aragão *ob. cit.* II, p. 125 e 127, nota; *Auto de toda a festividade nacional do dia 15 de Setembro de mil oito centos e vinte e um pelo Senado da Camara* = Lisboa, 1821; e *Diario das Cortes*, I, ps. 67, 70, 73, 77, 115, 712; II, ps. 895, 911, 1096; III, ps. 2028, 2039. Um dos projectos era de Domingos Antonio de Sequeira.

(2) Aragão, *ob. cit.* II, p. 126.

(3) *Diario das Cortes Gerais e Extraordinarias da Nação Portuguesa*, II, ps. 1628, 1629; III, ps. 2668, 2724, 2731, 2841; IV, 3779, VI, 842, 853, 855.

(4) Ibidem: VI, ps. 853-855.

zelo lhe sugerisse, fizesse principiar a obra do monumento, reservando, para ocasião mais oportuna, a adjudicação por 21.503$310 réis, de varias casas que era necessario demolir, para que a nova Praça ficasse mais espaçosa e regular.

A primeira pedra lançou-se em 24 de Agosto de 1822, não se tendo, porêm, continuado as obras por ter sido restaurado o regimen absoluto, no ano seguinte. No Aviso de 23 de Junho de 1823 mandaram-se destruir os alicerces, o que se realizou no dia 30, e na Portaria de 9 de Julho do mesmo ano, ordenou-se que os objectos dalí desenterrados, e que eram, entre outros, as duas medalhas supra descritas, se remetessem para o Rial Erário, ordem que a Câmara cumpriu no dia 16. Do Rial Erário foram os mesmos objectos enviados para a Casa da Moeda de Lisboa, a fim de serem derretidos, como consta da Portaria de 3 de Outubro de 1823.

Os principais subsidios para a história do monumento e das medalhas de que tratamos, encontram-se nos documentos que a seguir publicamos, os quais se acham arquivados na Câmara Municipal do Porto [1] e na Casa da Moeda de Lisboa [2]:

a). O original do documento que a seguir publicamos, não existe no arquivo da Camara Municipal do Porto. O que alí se encontra, encorporado no Liv. n.º 72 de *Proprias*, a fl. 71, é um exemplar do Suplemento à *Borboleta Constitucional*, n.º 190, de 24 de Agosto de 1822, onde ele foi publicado. Na Bibliotéca Nacional de Lisboa ha, tambem, um exemplar do referido jornal, que tem o n.º 219:

«Programma das Ceremonias Publicas para o lançamento da primeira »Pedra do Monumento, que deve erigir-se na Praça da Constituição da »Cidade do Porto, em 24 de Agosto de 1822, Anniversario do Dia que »em 1820 vio nascer a Regeneração da Patria.

»Ao romper de tão Fausto Dia, os Habitantes desta Cidade são des»pertados, por huma Salva Real de Artilheria no Campo da Regeneração, »e nas Fortalezas da Fóz e Mathozinhos, de que raia a segunda Aurora

---

(1) As copias dos documentos existentes na Câmara do Porto foram feitas, a nosso pedido, pelo ilustrado arquivista daquela corporação, o Sr. Manuel José da Silva Guimarães, a quem, por mais esta atenção, nos cumpre manifestar mais uma vez, o nosso reconhecimento. Vid. supra, p. 109, nota.

(2) Vid. tambem, Henrique Duarte e Souza Reys: *Apontamentos para a Historia do Porto*, obra manuscrita existente na Bibliotéca Municipal do Porto, vol. VI, capitulo que trata de monumentos.

»depois da Liberdade da Patria. As Tropas da Guarnição se achão for»madas no Campo da Regeneração pelas 7 horas da manhã, e fazem a »Parada Geral custumada da celebração do Dia em forma que ás 8 horas »da manhã tem acabado o que pertence ao que he Parada Militar, for»mando-se em quadrado, nos lados do Altar que está levantado no meio »do Campo.

»A's oito horas (em ponto para que não acabe tarde) principia a cere»monia do Lançamento da Pedra.

»Para dentro do Quadrado da Tropa só entrão as Corporações, e Pes»soas convidadas, que facilmente se destinguem pelo vestido decente, ou »de galla, com que he natural apparecerem.

»Sem precedencias, e sómente como vão lembrando, mencionamos as »Classes, e Authoridades que tiverão convite do Illm.º Senado da Camara.

»Os Exm.os e Illm.es Srs.

»Bispo = Governador das Armas = Governador das Justiças = Inten»dente da Marinha = Provisor = Commandante da Brigada = Chanceller »= Governador da Fóz = Membros que forão da Junta Provisional do »Governo Supremo = Estados-Maiores dos Militares = Cortejo das Autho»ridades Civis = Os Desembargadores da Relação e Casa do Porto, e da »Curia Ecclesiastica = Dignidades, e Conegos da Sé Cathedral, = Benefi»ciados = Officiaes do Estado-Maior do Exercito, ou de Corpos de diversas »Provincias aqui residentes = D. Prior de Cedofeita, Dignidades, e Conegos »da Collegiada = Coroneis, Officiaes Superiores, e Officialidade dos Regi»mentos de Milicias do Porto, Maia, e Feira, que residão nesta Cidade, e »Villa Nova de Gaya = Juiz do Crime = Juiz do Povo e Casa dos Vinte e »quatro = Authoridades Fiscaes de Direitos, ou Prerogativas Nacionaes, »com jurisdicção no Termo = Parocos de Santo Ildefonso = Sé = Mira»gaia = Cedofeita = Victoria = S. Nicolào = Santa Marinha = Massarel»los = Cidadãos Nobres que tem andado na Governança = Cidadãos »Ex-Procuradores da Cidade = Cidadãos Ex-Almotacés = Prelados de »todas as Religiões, e Corporações do Porto = Fidalgos = Nobres = Pes»soas distinctas = Commendadores = Cavalleiros das Ordens Militares »= Empregados nas Repartições Militares e Civis, Thesouraria, Saude, »Commissariado, Alfandega, e Recebimentos de Direitos Nacionaes = »O Director, Lentes, Substitutos = e Professores da Academia = Junta »da Companhia = Os Membros do Jury da Liberdade da Imprensa = Os »da Commissão Fiscal = da Commissão das Pautas = da Comissão das »Cadêas = da Commissão do Commercio = As Bandeiras dos Officios »acompanhadas dos Juizes e Escrivão de cada huma = A Corporação dos »Ourives de Prata e Ouro = A Governança actual de Villa Nova de Gaya, »e todos os que tem servido de Ouvidores.

»No meio do Campo está levantado hum Pavilhão aberto por tres lados, »e no centro delle sobre tres degràus, o Altar de Campanha do Regimento »d'Artilharia N.º 4, em que se celebrou a Missa no dia 24 de Agosto de 1820, »e em que todos os annos se commemora, com igual augusto Sacrificio, a »Santidade que presidio ao Acto da Proclamação do Systêma Regenera»tivo.

»O Altar deve ter as costas para a Quinta do Figueirôa. Huma Barraca »servirá de Sacristia. De cada lado do Altar estará sua Credencia: em »huma, preparos de escripta, e assentos para se assentarem a escrever a »Camara, Bispo, Governadores d'Armas, e Justiças, quando abaixo se men»cionar: em outra, os preparos para a ceremonia, que são os seguintes:

»Huma Padiola, forrada de sèda azul, e branca, e sobre ella segura por »fitas de sèda azues e brancas, a Pedra Fundamental do Monumento.

»O Cofre de Prata.

»As Medalhas, sobre duas Salvas.

»As Moedas, sobre outra salva.

»O Auto lavrado no Campo da Regeneração, em outra salva.

»Huma Trolha, de prata, sobre outra salva.

»Hum Côxe de Cal.

»Hum Cêsto de prata com as cunhas de pàu, e pedra.

»A Massêta em huma salva.

»A Caldeira da Agua, e a Vassoura.

»A Chave do Cofre em huma salva.

»Ao signal de huma girandola, se principia a Missa, que por estar pre»sente o Bispo deve ser dirigida pelo Capelão da Camara como Mestre de »Ceremonias Ecclesiasticas, com seu vestido tallar. No fim da Missa prin»cipião as ceremonias a ser dirigidas pelos dous Cidadãos Mestres de »Ceremonias *ad hoc*.

»No fim da Missa recolhido o Sacerdote a desparamentar-se, sóbe o »Exm.º Bispo ao Altar, e então a Commissão Encarregada da Edificação »do Monumento pegando na Padiola em que està a Pedra a conduz junto »de S. Exc.ª, que lhe deita simplesmente agua benta em forma de cruz, e »a benção, pois que não sendo o Edificio Religioso para Orações Proprias, »e Ritos Particulares, não intervem mais apparato sagrado. A Commissão »volta a pousar a Padiola, e desce o Bispo, que com a Camara, General, »e Governador das Justiças vão assentar-se junto da Credencia, para se »principiar a lavrar hum dos Autos que se hão de encerrar no Monumento.

»Este Auto he do theor seguinte:

»Aos 24 Dias do mez de Agosto de 1822, neste Campo da Regenera»ção, aonde o Illm.º Senado da Camara desta Cidade estava, foi mandado »lavrar este Auto que assevera em como no Dia 24 de Agosto de 1820,

»foi neste mesmo Campo e Sitio que se proclamou a Regeneração da »Patria; e deste Successo resultou que toda a Monarquia Portugueza com»prehendida no Reino-Unido de Portugal, Brazil, e Algarves, e suas Pos»sessões, adherio livre, e espontaneamente á mesma deliberação, a qual »foi abraçada pelo Snr. Rei D. João 6.º, que se achava então no Rio de »Janeiro; consumando-se assim sem a menor divergencia a vontade geral »da Nação, com a persuazão do Monarca. Eu João Pacheco Pereira de »Mello o subscrevi. (Assignados.) Corregedor F... Juiz de Fóra. Verea»dores. Procurador. Bispo. General. Governador das Justiças.

»Principia então o Prestito na forma seguinte:

»Hum Batalhão de Tropa faz allas, de fillas mui compassadas, para »evitar de longe a longe que o Povo se misture, ou interrompa o Prestito.

»Hum Piquete de Cavallaria para arrumar o Povo.

»Huma Azêmola com foguetes.

»A Bandeira da Cidade com a insignia do Padroeiro S. Pantaleão, »deve formar a guia do Prestito, como Symbolo representativo da Cidade.

»As Bandeiras dos Officios, com seus Juizes e Escrivães, pela ordem »com que vão ás Procissões da Cidade.

»Devem então seguir-se em alas, com chapéos na mão sem distincção »de Classes, todos os Convidados=hindo ao meio, os Portadores dos »Aprestes de distancia em distancia, pela seguinte maneira:

»1.º O Abbade da Igreja Parochial de Santo Ildefonso, por ser do »Destricto da Praça da Constituição=levarà a chave n'huma fita azul e »branca, sobre huma salva: serà acompanhado aos lados pelos Parocos »da Sé Cathedral, e Proposito dos Congregados.

»2.º O Governador da Fortaleza da Fóz=levarà a Vassoura e Agua: »será acompanhado do Paroco de S. Nicoláu, e Reitor dos Loios.

»3.º O D. Prior de Cedofeita, com a Macêta: acompanhado do Paroco »de Cedofeita, e Procurador Geral dos Bernardos.

»4.º O Chanceller com o Côxe de cal, acompanhado do Abbade da »Victoria, e do Prior de S. Domingos.

»5.º O Commandante da Brigada com o cêsto das cunhas de páu, e »pedra, acompanhado do Paroco de Massarellos, e o Prior do Carmo.

»6.º O Deão com a Trolha em huma salva, acompanhado do Paroco »de Villa-Nova, e do Prior de S. João Novo.

»7.º O Provisor com a Medalha do Artista em huma salva, acompa»nhado do Abbade de Miragaia, e do Guardião de Valle de Piedade.

»8.º O Intendente da Marinha com a Medalha da Commissão, acom»panhado do Reitor do Seminario Episcopal, e do Presidente do Hospicio »do Sr. d'Além.

»9.º O Governador das Justiças com o primeiro Auto, acompanhado

»do Reitor do Collegio dos Orfãos, e do Guardião de Santo Antonio da »Cidade.

»10.º O Governador das Armas com as Moedas, acompanhado do »Vigario Geral de Malta, e do Guardião de S. Francisco.

»11.º As Bandeiras do Estoque e do Porto, e seus Acompanhamen»tos.

»12.º O Artista do Modelo do Monumento, o Arquitecto da Cidade, e »o Mestre das Obras da Cidade.

»13.º Os Mestres da Casa dos vinte e quatro.

»14.º A Commissão Directora do Monumento pegando na Padiola com »a Pedra.

»15.º O Juiz do Povo, seu Escrivão, e Procuradores.

»16.º Os Cidadãos Mestres de Ceremonias.

»17.º O Bispo com o Cofre, acompanhado do D. Abbade de S. Bento, »e do D. Prior da Serra.

»18.º A Camara em Corpo.

»Este Prestito vem em passo ordinario, e caminha pela Rua nova »d'Almada, Rua das Hortas, Largo dos Loios, Natividade, e Praça da »Constituição.

»A' maneira que alli se for chegando, vão subindo para os Paços do »Concelho, sómente os Portadores das Insignias, e seus Companheiros. »O demais Cortejo do Prestito fica dentro do Quadrado que a Tropa »forma. O Povo fica por detráz da Tropa.

»Subidos todos os das Insignias, lavra-se o Auto do theor seguinte:

»Aos 24 dias do mez d'Agosto, do Anno do Nascimento de Nosso »Senhor Jesu Christo de 1822, nestes Paços do Concelho da Cidade do »Porto se lavrou este Auto, em Camara de Vereação Extraordinaria, para »ser fechado no Cofre que se deposita na Bacia feita no Alicerce para o »Monumento que deve perpetuar o Feito do Grande Dia 24 de Agosto »de 1822.

»Este Monumento foi mandado erigir por Portaria da Regencia deste »Reino em 23 de Dezembro de 1820: recommendada a sua effectuação »por ordem das Cortes Geraes Extraordinarias e Constituintes da Nação »Portugueza de 11 de Julho, proximo passado, e Portaria do Governo de »20 do mesmo mez, e anno. Foi lançada a primeira pedra no dia 24 de »Agosto de 1822; e no Arquivo da Camara fica a narração fiel de tudo o »que a este respeito houve. (As mesmas Assignaturas)».

»Então a Camara, Bispo, Governador das Armas, e o das Justiças che»gando-se à Janella principal do Edificio, estando as outras Pessoas dos »Aprestes nas demais Janellas, lê o Presidente da Camara em alta voz o »Auto lavrado no Campo da Regeneração, e o Auto lavrado nos Paços do

»Concelho=Então o Bispo dá o 1.º viva: Viva a Religião Catholica »Apostolica Romana.

»Governador das Armas: Vivão as Cortes Geraes Extraordinarias e »Constituintes da Nação Portugueza.

»O das Justiças: Viva El Rei D. João VI. 1.º Monarcha Constitucional, »Dilicias dos Portuguezes.

»Presidente da Camara (Corregedor): Viva a Dynastia da Real Casa »de Bragança.

»Juiz dos Orfãos (que serve pelo do Civel): Viva a Regeneradora Ci- »dade do Porto.

»Vereador mais Velho: Viva o Grande Dia 24 de Agosto de 1820.

»Entregão-se depois os Autos ao que trazia o de S.to Ovidio. Descem »os que subírão, e vem colocar-se dentro da Estacada, em torno do fosso, »pela maneira seguinte:

»Os Portadores dos Aprestes dos lados da Fonte, e dos Congregados. »O Senado do lado dos Paços do Concelho, e o Bispo unicamente com »hum dos Cidadãos Mestre de Ceremonias do lado dos Loios. Então o »outro Cidadão Mestre de Ceremonias fará aproximar do Bispo o Juiz do »Povo, que abre a tampa do Cofre, nas mãos do mesmo Bispo, e fica do »lado, para presenciar o Acto.

»Continua o outro Mestre de Ceremonias a chamar, e acompanhar as »Pessoas dos Aprestes, na forma seguinte: O Governador das Armas com »as Moedas, que elle mesmo mete no Cofre, e se retira, estando hum Ser- »vente da Camara pegando nas Salvas.

»Chega o Governador das Justiças, depois o Intendente da Marinha, e »depois o Provisor cada hum por sua vez, e depositão no Cofre o que »conduzem.

»Então o Vereador mais velho chega ao Cofre, e cerra-lhe a tampa, »voltando ao seu lugar. Logo o Abbade se chega, e o Juiz dos Orfãos pe- »gando na chave a mette na fechadura, e o Corregedor desandando-a, a »tira, para a levar para o Cofre do Concelho. Voltão todos a seus lugares.

»O Bispo mette o Cofre no vão da Pedra do meio do alicerce.

»A Commissão chega-se com a Padiola. O Mestre das Obras desaperta »as fitas com que vem atada. O Artista, e Architecto pegão na Pedra e a »entregão ao Bispo que a coloca no devido lugar.

»Huma Girandola de Fogo annuncia então ao Povo o Acto do Assento »da Pedra, para que as Baterias, Fortalezas, e Navios salvem, etc.

»Todos voltão aos seus lugares, menos o Arquitecto que ficar a dirigir »o resto.

»O Deão, o Commandante da Brigada, o D. Prior de Cedofeita, e Chan- »celler, ministrão os utensilios que trazem, e que servem propriamente ao

»Bispo para tapar as fendas da pedra &c. Depois todos se retirão. — Então »quatro Mestres Pedreiros, Louvados Ajuramentados da Camara se apro»ximão, e pousão huma grande pedra sobre a assentada no alicerce.

»Logo se dirige o Cortejo pela mesma maneira para a proxima Igreja »dos Congregados a assistir ao *Te Deum;* com que termina toda a Ceremo»nia: dando as Tropas que estão em armas nas immediações as descargas »do estillo à Benção do SS. Sacramento».

b). O documento que se segue está registado no Livro n.º 103 de Vereações da Camara Municipal do Pôrto, a fl. 232 v.:

«Vereação extraordinaria de trinta de Junho de mil oitocentos vinte »e tres, nesta Cidade do Porto, e Caza da Illustrissima Camara d'ela: ahi »comparecerão o Doutor Juiz de Fora do Crime, servindo pelo do Civel, »e bem assim os Vereadores da mesma com assistencia do Procurador »da Cidade todos abaixo assignados. — E logo nesta Vereação que teve »lugar para dar-se o prompto e devido cumprimento á Portaria do »Governo de vinte e trez do corrente mez e anno, expedida pela Secre»taria d'Estado dos Negocios do Reyno, que foi recebida pela Illustris»sima Camara no dia sabado vinte e oito do corrente, e he do theor »seguinte: = Sua Magestade ordena que a Illustrissima Camara da Cidade »do Porto mande demolir inteiramente o Monumento, que nessa Cidade »se começara a erigir, consagrado ao anterior, e extincto sistema, dando »a mesma Camara conta d'assim o haver executado. Deos Guarde a »Vossa Senhoria Palacio da Bemposta em vinte e trez de Junho de mil »oitocentos vinte e trez || Joaquim Pedro Gomes d'Oliveira = Senhor Juiz, »Vereadores, e mais Oficiaes da Illustrissima Camara da Cidade do »Porto =: tendo dado a mesma Illustrissima Camara d'antemão as neces»sarias providencias para se verificar a demolição do alicerce do Monu»mento, decretado na dita Portaria; com effeito se procedeo a esta obra »ás cinco horas e meia da manhãa com assistencia da mesma Illustris»sima Camara, e Architeto da Cidade; cercando o lugar do mesmo »alicerce hum Piquete de Cavallaria da Policia para evitar que o Povo »espectador não extorvasse os Trabalhadores. Deo-se principio a esta »obra, e chegando-se á primeira pedra que servia de tampa, se mandou »fazer em pedaços, bem como a pia sobre que estava depozitada, para »não haver em tempo algum vestigios, nem se encontrar os mais dimi»nutos restos das mesmas, com a forma que tinhão. Entre hũa e outra, »cobrindo a pia se achava hũa pedra d'Ançã, e nella gravada a inscripção »seguinte = Porto vinte e quatro d'Agosto de mil oitocentos e vinte; »levantada esta se encontrou debaixo hum Caixão de prata quadrilongo

»abaúlado, o qual assim como a pedra com a inscripção foi acompa-»nhada para os Paços do Concelho pela Illustrissima Camara, e condu-»zida por dous Officiaes de Justiça. Neste mesmo acto da condução, por »ser aquelle que precedia a inteira e immediata demolição, e anniquil-»lação do mesmo alicerce, foi lançada ao ar grande porção de foguetes. »Collocada sobre a Meza da Vereação a Pedra mencionada, e o referido »Caixão de prata, ahi com a porta da sala aberta, hũa porção de Povo »prezenceou a abertura do mesmo, a qual se effectuou com hũa chave »de prata, que se achava na Caza da Camara, e que foi aprezentada »neste mesmo acto pelo Guarda da mesma. Dentro d'elle se achou o »seguinte = Um pergaminho pútrido em rasão da muita agoa que se »achou dentro do Caixão, que devia conter o Auto de que ha copia no »Livro das Vereações do anno passado existente no Archivo da Camara, »o qual não pode ser lido por se desfazer por si mesmo no acto de ser »tirado em consequencia da sua mesma podridão: tinha este o Sello das »Armas da Cidade pendente d'hũa fita, que mal se via ser branca, e azul. »Debaixo do dito Auto se achou hũa medalha grande de prata, em cuja »circunferencia no inverço d'ella se lê a seguinte inscripção = Porto vinte »e quatro d'Agosto de mil oitocentos e vinte. Cortes Geraes e por ellas »a Constituição. No centro tem hũa figura com Corôa Civica, que segundo »a informação dada, significa o Governo Constitucional, tendo na mão »esquerda hũa Alabarda, e sobre ella o Pileo aos pés hum jugo que-»brado, insignias respectivas á mesma figura; e com a direita aprezenta »sobre hũa Lapide hum Livro e nelle escripto o seguinte = Mantida a »Religião Catholica, e a Dinastia da Caza de Bragança. — E na Lapide o »seguinte = Na Praça onde soou o primeiro brado da Regeneração Por-»tugueza se levante hum Monumento (Portaria da Junta Provisoria de »vinte e trez de Dezembro de mil oitocentos e vinte. — No reverço tem »a inscripção seguinte = No anno do Senhor MDCCCXXII, XXIII do Ponti-»ficado de Pio VII, Reinante do Dom João VI, Primeiro Rey Constitucio-»nal do Reino Unido, de Portugal Brazil e Algarves, Anno segundo da »primeira Legislatura, em XXIV d'Agosto foi lançada esta primeira »pedra. — Junto com esta Medalha se achou outra que tem hũa Figura, »que pela informação dada significa o Amor da Patria com as Quinas »Portuguezas gravadas no peito; tem na mão esquerda hũa vara, e o »Pileo na extremidade da mesma, insignias do Governo Constitucional »proclamado em vinte e quatro d'Agosto de mil oitocentos e vinte: na »mão direita tem raios na acção d'abrazar hum jugo, e hum turbante, »que tem aos pés, insignias reprezentativas desta Figura na circunfe-»rencia desta Medalha tem a seguinte legenda — Por Amor da Patria, em »vinte e quatro d'Agosto de mil oitocentos e vinte — No reverso tem a

»seguinte inscripção — o Porto deo Nome ao Reyno em mil cento trinta »e nove, Restaurou-o em mil oitocentos e oito, Regenerou-o em mil oito- »centos e vinte. Achou-se mais hũa colleção de moedas todas do Rei- »nado d'El Rey o Senhor Dom João Sexto, cunhadas no anno de mil »oitocentos vinte e dois; a saber hũa d'ouro do valor outr-ora de seis »mil e quatrocentos reis, hoje de sete mil e quinhentos reis, outra dita »d'ametade d'aquelle valor, seis moedas de prata, hũa de quatrocentos e »oitenta reis, outra de duzentos e quarenta reis, outra de cento e vinte »reis, outra de cem reis, outra de sessenta reis, outra de cincoenta reis; »hũa moeda de bronze de quarenta reis; e finalmente hũa de cobre de »dez reis. Neste mesmo acto foi aprezentada hũa condessa, que nesta »mesma manhãa foi entregue ao Guarda da Camara por hum homem, »que nem disse quem hera, nem declarou quem a remetia, nem elle »Guarda conheceo, a qual sendo tãobem aberta continha o seguinte: — »hũa Trolha de prata, hum Martelo de prata, com cabo de páo de buxo; »hũa esquadría de prata, hũa Regoa de prata, e hũa Vassoura de fios de »prata, com anel da mesma. — O que tudo foi guardado em hum dos »Cofres da Camara á excepção do pergaminho, por não se achar em »estado se não de ser lançado fóra, athe que Sua Magestade se digne »declarar o destino que se lhe deve dar. Ultimamente passou a Illustris- »sima Camara as suas ordens ao Architeto da Cidade para que fizesse »trabalhar os operarios athe q̃. pozessem aquelle local justamente no »estado em que antes se achava, sem que ficasse o mais leve vestigio do »fundamento do mesmo Monumento. Deste modo houverão por cumprida »a Portaria do Governo assima transcripta; e por esta forma houverão »por finda esta Vereação, de que se fez este Auto que eu João Joaquim »d'Oliveira Castro, pelo respectivo Escrivão o escrevi.

»Chócha do Couto (1) — Souto (2) — Freire d'Andrade (3) — Cirne (4) — »Lima (5)».

c) O documento que se segue está registado no Livro n.º 22 do Registo Geral da Camara Municipal do Porto, a fl. 203 v.:

«Registo da Portaria do Ministro de Estado dos Negocios do Reino, »que manda remeter para o Erario Regio a Caixa, e mais objectos de prata »que se tirarão do Monumento da Praça Nova.

---

(1) Manuel Nunes Chócha do Couto, Juiz de Fóra do Crime.
(2) Domingos Pedro da Silva Souto e Freitas, Vereador.
(3) Henrique Carlos Freire d'Andrade Coutinho Bandeira, Vereador.
(4) Francisco de Sousa Cirne de Madureira, Vereador.
(5) Antonio José de Lima, Procurador da Cidade.

»Levando á Presença de Sua Magestade a conta da Illustrissima Ca-»mara da Cidade do Porto, acompanhando o Auto de Vereação Extraordi-»naria, e dando parte que em execução do Regio Aviso de vinte e tres de »Junho proximo passado fizera demolir o Monumento que se havia erigido »naquella Cidade, e consagrado ao anterior Systema, perguntando o des-»tino que deve ter o caixão de prata que se achou no alicerce, e huns »instrumentos que dentro em huma Condeça forão entregues por hum »desconhecido nas cazas da mesma Illustrissima Camara: He o Mesmo »Senhor servido Ordenar que se remeta ao Real Erario o Caixão de prata, »e tudo o que elle continha, bem como os instrumentos do mesmo metal »enserrados na condeça que foi apresentada. O que partecipo a Vossa »Senhoria, para que assim se execute. Deos Guarde a Vossa Senhoria »Palacio da Bemposta em nove de Julho de mil oitocentos vinte e tres. »Joaquim Pedro Gomes de Oliveira.=Senhores Juiz, Vereadores e mais »Officiaes da Illustrissima Camara da Cidade do Porto.=Cumpra-se e »Registe-se. Porto em Camara de dezasseis de Julho de mil oitocentos vinte »e tres=Souto=Leme=Freire d'Andrade=Chócha do Couto.»

d) O documento que se segue está registado no Copiador Geral do Arquivo da Camara Municipal do Pôrto, n.º 11, a fl. 4:

«Ao Ex.mo Ministro Secretario d'Estado dos Negocios do Reino.

»Ill.mo e Ex.mo Sr.—Em cumprimento do Regio Aviso expedido por »V. Excelencia com data de nove do corrente, em que partecipa a esta »Illustrissima Camara que Sua Magestade foi servido ordenar que se reme-»tesse ao Real Erario o Caixão de Prata, e tudo o que elle continha; bem »como os instrumentos do mesmo metal encerrados na Condeça, que foi »aprezentada; temos a honra de partecipar a V. Excelencia que na data »de hoje remetemos ao Ex.mo Presidente do mesmo Real Erario o referido »Caixão e instrumentos, e rogamos ao mesmo tempo a V. Ex.a se digne »assim o levar ao conhecimento de S. Magestade. Deos Guarde a V. Ex.a »Porto em Camara de 16 de Julho de 1823. Ill.mo e Ex.mo Sr. Joaquim »Pedro Gomes de Oliveira, Ministro Secretario de Estado dos Negocios do »Reino. com as assignaturas da Ill.ma Camara (sic)».

e) O documento que se segue está registado no Livro n.º XIV, do Registo Geral da Casa da Moeda de Lisboa, a fl. 16 v. e vem publicado na obra do Dr. Teixeira de Aragão, já citada, vol. II, p. 127, nota 1, segunda parte, donde o transcrevemos:

«El-Rey Nosso Senhor Manda remetter a V. M.ce para se fundir e »reduzir a moeda corrente os effeitos de Prata, constantes da relação

»junta, assignada pelo official mayor desta secretaria d'Estado dos Nego»cios da Fazenda, os quaes forão encontrados na escavação do monu»mento que se erigio na cidade do Porto, e que forão remettidos á mesma »secretaria d'estado pela camara da dita cidade, dando entrada de tudo »no competente livro de receita, e conta de assim o haver executado. »Deos Guarde a V. M.ce Palacio da Bemposta em 3 de outubro de 1823= »Conde da Povoa=Sr. Luiz da Silva Mousinho e Albuquerque.

»Relação

»Huma caixa de prata, contendo duas Medalhas tambem allego»ricas ao dito monumento.

»Huma moeda de oiro do valor de	7$500
»Huma dita „ „ „	3$750
»Huma dita de prata „ „	$480
»Huma moeda de prata no valor de	$240
»Huma dita „ „ „	$120
»Huma dita „ „ „	$100
»Huma dita „ „ „	$060
»Huma dita „ „ „	$050
»Huma dita de bronze de	$040
»Huma „ de cobre de	$010
	12$350

»Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda em 3 de outubro de »1823. — Joaquim Antonio Xavier Annes da Costa».

N.º 116 — 1823 — **Com.va da Restauração do Regimen Absoluto (Vilafrancáda). Reproducção galvanoplástica.** No arco superior da orla, a legenda: DATAE SUNT MULIERI ALAE DUAE AQUILAE MAGNAE, UT VOLARET IN DESERTUM IN LOCUM SUUM. Ap. 12. (Apocalipse, XII, 14). Em cima, sobre um fundo completamente coberto de folhas e ramos de carvalho, paira uma aguia grande, de ásas abertas, com uma palma atravessada no bico, no qual está tambem suspenso um medalhão oval ornamentado com duas grinaldas de flôres, que contêm o busto de D. Carlota Joaquina, a $^3/_4$ para a esquerda, laureado e rodeado da legenda: JUDITH LUSITANA MULIER FORTIS.

Do lado esquerdo ha uma fita, que tambem se prende no bico da aguia, e que tem inscrito: REGIAE STIRPIS HONOR ET GLORIA D·C·J·R·F· (D. Carlota Joaquina, Rainha Fidelissima).

Na parte de baixo, ha um muro, curvo em cima, que parece prolongar-se para os lados em balaustrada e que é ladeado por dois pilares em que assentam, sobre bolas, duas piramides. Nesse muro, que é encimado pelas Armas Riais da epoca (as quinas sobre a esfera), ornamentadas com uma palma e um ramo de carvalho, lê se a seguinte legenda, em quinze linhas horizontais: A SENHORA ‖ D. CARLOTA JOAQUINA. ‖ POR ESTA GRANDE, ‖ E IMMORT RAINHA, HONRA E ‖ GLORIA DO SEU SEXO E DO ALTO ‖ LOGAR, QUE OCCUPA, ‖ INFLAMMADOS JUSTAMENTE ‖ O Sr. INFANTE D. MIGUEL SEU FILHO ‖ E O HONRADO MARQUEZ MANOEL DA ‖ SILVEIRA PINTO DA FONSECA TEIXEIRA, E ‖ OUTROS, SEOS PARENTES E AMIGOS FIRMES ‖ NA LEALDADE Á PATRIA, AO THRONO, E A DE- ‖ OS, E NA VONTADE DEL REI O SR. D. JOÃO VI. ‖ RESTAURÁRÃO A MONARCHIA EM ‖ 1823 CONTRA A REVOL. DE 1820.

Junto do pilar do lado esquerdo, está o *Tempo*, personificado num velho de barbas, sentado no chão, descalço e com leve vestuario, o qual olha e aponta com a mão esquerda para a 2.ª linha da legenda gravada no muro, e tem a mão direita estendida para trás, para mergulhar uma pena num tinteiro; sobre os joelhos tem um livro aberto, em cujas paginas se lê: *Reclu* ‖ *sa* ‖ *no* ‖ RAMA ‖ LHÃO ‖ *Venceo* ‖ *poisque*.

No outro pilar está encostado o Arcanjo S. Miguel, de pé, a pisar, com o pé direito um papel que tem inscrito: 24 ‖ D'AGOS ‖ TO ‖ DE ‖ 1820, e a desenrolar um pano que contêm a seguinte legenda, em quatro linhas: MICHAEL, ET ANGELI EJUS ‖ PRÆLIABANTUR CUM DRACONE ‖ ET PROJECTUS EST DRACO [1] ET ‖ ANGELI EJUS CUM ILLO. Ap. 12 (Apocalipse, XII, 7 e 9) [2].

O Arcanjo tem junto de si a competente lança, onde se suspende uma balança.

Cada uma das piramides está ornamentada, do lado que fica mais proximo da orla, com dois estandartes, e tem na frente um medalhão oval, envolvido por uma coroa de louro, assente sobre uma palma e suspenso na terceira espira de uma fita, que se enrola na piramide de cima para baixo, até certa altura, e que depois fica caída para o lado. O medalhão do lado esquerdo

---

(1) Em sentido figurado, no caso presente, o *Dragão* derrotado era a revolução de 1820, como se depreende do facto de S. Miguel estar pisando o papel que tem escrito: 24 de Agosto de 1820.

(2) Tanto nesta como noutras legendas extraídas da Biblia o gravador omitiu algumas palavras.

tem gravado o busto de D. Miguel, fardado, voltado a $^3/_4$ para a direita, e por baixo dele lê-se a seguinte legenda: REGIBUS || NATUS || D. JOANNE VI || ET D. CARLOTA JOAQUINA || VII CALENDAS NOVEMB 180(2). Na fita que suspende este medalhão, lê-se: INFANS || D. MICHAEL. || IN PATRIAM, IN PARENTES AMORE, PIETATE, FIDE OMNIUM SPECULUM, EXEMPLAR. No outro medalhão está gravado o busto do Marquês de Chaves, com farda e voltado à esquerda, e na fita que o suspende lê-se o seguinte: M.S.P.F.T. (iniciais do nome do Marquês: Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira) || MARQ. DE CHAVES. || AMICUS FIDELIS PROTECTIO FORTIS. Todas estas legendas são cavadas excepto a da orla, que é saliente.

℞.—Na orla, a legenda, que começa em cima, do lado esquerdo e é precedida de um florãozinho: TRANSEAMUS CONTRA ET—ASSUMUNT EUM ITA UT ERAT IN NAVI—ET FACTA EST PROCELLA MAGNA—ET FLUCTUS MITTEBAT IN NAVIM ITA UT IMPLERETUR—ET ERAT IPSE IN PUPPI SUPER CERVICAL DORMIENS ET EXCITANT EUM—ET EXURGENS—DIXIT MARI TACE—ET FACTA EST TRANQUILLITAS MAGNA. marc. 4. [1].

No exergo ha uma especie de muralha, ornamentada, na qual está inscrita, ao centro, a seguinte legenda, em quatro linhas horizontais: O SNR. REI D. JOÃO VI || PELLA SUA PRUDENCIA || VERD.^{RO} IMITADOR DE JESU C. || E MODELO DOS LEGISLADORES. Sobre o mar, extremamente revolto, vagueia, à mercê das ondas, uma nau, cujos mastros e velas estão desmantelados e é tripulada pelo Rei e por sete ministros, que estão todos fardados. Um dos ministros, que estava ao leme, abandonou este e poz as mãos no peito, em atitude de terror; quatro procuram, ataretadamente, reparar as avarias nas cordas e nas velas e os outros dois acordam apressadamente D. João VI, que está deitado na pôpa, com a cabeça apoiada num travesseiro. Na prôa do barco está suspensa uma ancora e num dos mastros está fixada uma flamula, muito comprida, na qual se lê a seguinte legenda: IESUM IMITATI LETHIFERA TEMPESTATE PATRIAM LIBERTABIMUS COORTA NONO K. SEPT. 1820.

As legendas da orla e do exergo, são salientes; a da flamula é incusa.

---

[1] Esta legenda é extraída do Evangelho de S. Marcos, IV, 35-39. O gravador omitiu muitas palavras mas teve o cuidado de colocar traços nos pontos cortados.

AE. Diâmetro: 0,^{m}1135, M. b. c. Muito rara, apesar de ser uma reprodução galvanoplástica.

Bibl.: Lamas: *Uma Medalha Portuguesa inedita* (estampa).

N.º 117 — Outro exemplar.

BR. fundido. Pouco nitido.

No reverso desta medalha reproduz-se uma scena passada com Jesus Cristo, narrada no cap. IV, vers. 35–39, do Evangelho de S. Marcos, citado, e em parte transcrito, na legenda da orla. Diz o referido Evangelista que um dia Jesus Cristo foi para a beira-mar contar aos seus discipulos a parábola do semeador e que, tendo se juntado muita gente para o ouvir, teve de se retirar para dentro de uma barca, de onde continuou, proximo da terra, a narrativa. Terminada a parábola, sendo já tarde, ordenou que a barca passasse para a margem oposta, deitando se a dormir, com a cabeça apoiada num travesseiro. A meio caminho, porêm, levantou-se grande tempestade; mas Cristo, despertado pelos discipulos, logo a fez cessar.

Inspirando-se neste trecho biblico, o autor da medalha comparou o estado com uma nau, prestes a naufragar, em consequencia da revolução de 1820, o que se evitou devido á prudente intervenção de D. João VI.

Dentre todas as medalhas referentes a Portugal é, sem duvida, esta que acabamos de descrever, uma das mais curiosas e notaveis, não só por ser um documento historico interessantissimo, como tambem por estar composta e executada com bastante arte, especialmente no lado do reverso.

Desta preciosa raridade não consta que exista senão um unico exemplar autentico, que é de prata e tem em cima um espigãozinho para nele se adaptar uma argola. Pertence ao Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana, em cuja magnifica colecção o vimos, ha pouco tempo, a ocupar um lugar de honra. Parece ser feito a buril.

Esse exemplar tem a seguinte historia que nos foi comunicada pelo seu actual dono: antes do meado do seculo passado, esteve em poder de um lojista do Porto, que um dia o vendeu a João de Larocque com a recomendação de o guardar em segredo por recear qualquer perseguição dos liberais. Por morte de João de Larocque conservou-se durante bastantes anos em poder de um capitalista, tambem do Porto, onde era muito conhe-

cido, José Joaquim da Costa Lima, o qual, pouco tempo antes de falecer, o ofereceu ao seu amigo o Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana, de Lisboa.

¿A medalha terá sido feita no Porto?

No nosso trabalho, citado supra, dissémos que não conheciamos senão outro exemplar igual ao nosso, mas em muito mau estado de conservação, o que não é absolutamente exacto; o exemplar a que nos referiamos, e que hoje nos pertence, é fundido, sendo devido à imperfeição do trabalho de fundição o mau aspecto que ele apresenta. No Museu Etnologico Português tambem existe um outro, feito pelo processo da galvanóplastia.

*

Em virtude do movimento revolucionario que se fez no Porto em 24 de Agosto de 1820, implantou-se entre nós o Regimen Constitucional, que El-Rei D. João VI se prontificou a reconhecer, jurando, em 1 de Outubro de 1822 a Constituição politica decretada pelo Congresso, e cujas bases ele havia jurado aceitar em 4 de Julho antecedente, quando regressou do Brasil. A Rainha D. Carlota Joaquina, porêm, procedeu por forma diversa. Odiando seu Esposo, ambicionando roubar-lhe o trono, intrigante e má, não só se recusou, terminantemente, a jurar a Constituição, pelo que foi intimada a ficar como prisioneira na sua Quinta do Ramalhão, em Sintra, como tambem preparou uma contra-revolução, com o fim de restaurar o antigo regimen, de acordo com seu filho, o Infante D. Miguel, e com o 2.º Conde de Amarante, depois Marquês de Chaves, Manuel da Silveira Pinto da Fonseca Teixeira.

Em Fevereiro de 1823 o Conde de Amarante sublevou a Provincia de Trás-os-Montes; mas tendo sido vencido, em Abril seguinte, pelo General Luis do Rego, fugiu para Hespanha, com a sua divisão que se compunha de cêrca de dois a tres mil homens.

Animado com esta vitória e julgando-se com força para evitar nova tentativa revolucionaria, ordenou o Governo que o regimento de Infantaria, n.º 23, reconhecidamente afecto aos absolutistas, seguisse de Lisboa para Almeida. Fingindo cumprir as ordens recebidas, saíu o referido regimento do Castelo de S. Jorge, onde estava aquartelado, na madrugada do dia 27 de Maio; mas logo que transpôs as portas da cidade, obedecendo ao seu comandante o brigadeiro Sampaio, revoltou-se e foi juntar-se em Vila Franca com o Infante D. Miguel, que para alí se tinha dirigido tambem, durante a noite, com alguns soldados de cavalaria n.º 4.

Indignado com o procedimento de seu filho, D. João VI, instado pelo

Congresso, assinou, em 30 de Maio, uma proclamação de protesto, em que dizia o seguinte:

«Meu Filho o Infante D. Miguel fugio de Meus Reaes Paços, e unio-se »ao Regimento n.º 23. Eu já o abandonei como Pai, e saberei punillo »como Rei» (1).

No dia seguinte um acontecimento inesperado obrigou o Monarca a mudar de opinião. O regimento n.º 18, que até então se tinha conservado fiel, no momento em que se achava formado defronte do palacio rial da Bemposta para render a guarda, começou tambem a manifestar-se a favor dos absolutistas, soltando vivas ao *rei absoluto* e a *D. Miguel* e morras à Constituição. D. João VI, reconhecendo então a impossibilidade de dominar o movimento pela força, tomou a resolução de se deixar aclamar novamente rei absoluto, para impedir que a Esposa e o Filho lhe roubassem o trono, e partiu tambem para Vila Franca, acompanhado das Infantas e do regimento n.º 18.

D. Miguel tinha ido naquele dia ao Cartaxo, e quando regressou a Vila-Franca ficou deveras contrariado com tão inesperada visita; mas não teve remedio senão submeter-se. Logo que se apeou do cavalo, ajoelhou-se diante de seu Pai, beijou-lhe a mão e entregou-lhe a espada, como sinal de submissão e respeito. O pobre Monarca, depois de o ter ajudado a levantar-se, beijou-o e abraçou-o. Muitas pessoas que presenciaram esta scena ficaram comovidas até às lagrimas.

D. João VI, ainda em Vila-Franca, perdoou à Esposa e aos seus cumplices, formou novo ministerio e aboliu a Constituição.

A 5 de Junho regressou a Lisboa, acompanhado de um ridiculo cortejo em que figuravam padres, fidalgos, populares e militares, alguns dos quais, nas alturas dos Anjos, tiraram os cavalos do coche rial, para eles proprios o conduzirem. O sol estava abrasador e a poeira da estrada quasi que sufocava. Vinham na frente do cortejo o Infante D. Miguel, a cavalo e vestido de campino (2), o popular truão José Pedro e um padre, já meio congestionado que de vez em quando gritava, ofegante, para o povo, digam: *absoluto! absoluto!* (3).

Quando o Monarca chegou a Lisboa, foi assistir a um *Te-Deum* na Sé e as fortalezas salvaram.

Na *Gazeta de Lisboa*, n.º 138, de 12 de Junho de 1823, vem publicada, a p. 1074, a «*Relação dos Officiaes que tiverão a honra de puxar pelo «carrinho em que vinha El Rei Nosso Senhor, desde o sitio dos Anjos*

(1) *Diario do Governo*, supl. ao n.º 127, de 30 de Maio de 1823.
(2) *Memorias da vida de* José Liberato Freire de Carvalho, p. 276.
(3) *Apontamentos da vida d'um homem obscuro*, p. 60 in fine.

»*até á Sé, e dalli até ao Paço da Bemposta*». No mesmo numero da Gazeta, a p. 1076, encontra-se tambem o seguinte curioso anuncio que os liberais alí fizeram inserir, ardilosamente, e que provocou grande escandalo: «*Para o dia 24 do corrente mez se ha de arrematar em hasta publica* »*umas parelhas de bestas que puchárão o carrinho d'El Rei, quando mudou* »*de bestas a Arroios*» (1).

O episodio historico que acabamos de narrar ficou sendo conhecido por *Vilafrancáda* e tambem por *Campanha da Poeira*, por ter tido por epilogo a poeira da estrada de Vila Franca a Lisboa.

Para recompensar os *heroes* desta façanha criou-se uma medalha especial, intitulada da *Fidelidade ao Rei e à Patria*, à qual o povo chamava, ironicamente, Ordem da Poeira.

N.º 118 — 1824 — Com.va da visita de D. Miguel à Casa da Moeda de Paris. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: DOM·MIGUEL INFANT DE PORTUGAL VISITE LA MONNAIE R.LE DES MÉDAILLES. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a data: 28 JUILLET 1824. Armas de Infante de Portugal, gravadas de harmonia com o disposto na Carta de Lei de 13 de Maio de 1816: o escudo das quinas, com o respectivo banco de pinchar, assente na esfera armilar e encimado por uma coroa ducal. No campo, por baixo da esfera, a assinatura: BARRE F.

℞. — No arco superior da orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida no exergo: RERUM·GEST. FIDEI·ET·ÆTERN. No exergo, que está separado por friso, as seguintes letras que se encontram em algumas moedas romanas e cuja significação se relaciona com o balancé: Æ·A·A·F·F· (*Aere*, *Argento*, *Auro*, *Flando*, *Feriundo* = para fundir e cunhar o bronze, a prata e o ouro). Do lado direito, uma mulher (personificação da Casa da Moeda de Paris, que os franceses designam, simplificadamente, por *La Monnaie)*, vestida à antiga, com leves roupagens, de pé, descalça e com o braço direito apoiado na alavanca de um *balancé*, apresenta uma medalha a *Clio*, Musa da Historia, que do lado oposto está tambem de pé,

(1) Para evitar o escandalo, ordenou o Governo que se fizesse nova edição da *Gazeta*, com o referido anuncio substituido por um outro, e que os assinantes restituissem os exemplares que lhes haviam sido distribuidos. E' por isso que são raros os numeros da Gazeta em que figura o anuncio. Na Bibliotéca Nacional ha um exemplar.

e com igual vestuario, a escrever numa tábula, que ela ampara com a perna esquerda, firmando esta na base do *balancé*. No chão, junto da primeira figura, veem-se: um martelo, um cunho e duas medalhas. Supomos que o tipo desta face representa o emblema da Casa da Moeda de Paris (1).

No bordo não tem gravado nenhum punção, nem a designação do metal de que é feita.

Æ. Diâmetro: 41 milímetros. M. b. c. Não é comum, sem a a designação do metal gravado no bordo.

Bibl.: Moniteur Universel de 29 Juillet, 1824, p. 1063 (descrição); *Gazeta de Lisboa*, de 17 de Agosto de 1824, p. 917 (descrição); Lopes Fernandes, n.º 96 (estampa); *Catalogue des poinçons, coins et médailles du Musée Monétaire* (ed. de 1833), p. 423, n.º 87 (descrição); *Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire*, p. 444, n.º 83 (descrição). Conf. neste livro os n.os 81, a p. 443, e o n.º 17, a p. 351; Lamas: *Medalhas de D. Miguel*, n.º 1 (estampa).

Esta medalha foi executada na Casa da Moeda de Paris para comemorar a visita de Miguel a este estabelecimento. O cunho do anverso foi evidentemente feito de novo; mas para o reverso parece ter servido o de uma outra medalha, que no mesmo ano e por motivo identico, tinha sido dedicada ao Principe de Carignan, Carlos Amadeu de Saboia. O director da referida Casa da Moeda, depois de ter mandado cunhar um exemplar da medalha na presença do Infante, ofereceu a este tres exemplares, um de ouro, outro de prata e um terceiro de cobre. Deste ultimo metal enviaram-se mais 25 para a Legação de Portugal em França, alguns dos quais foram pelo respectivo Ministro, distribuidos pelos *oficiais* e *fidalgos* seus subordinados. Os restantes ficaram ás *ordens de S. Majestade*, e vieram para a *Secretaría dos Negócios Estrangeiros* (2).

---

(1) A composição deste emblema, mas com outra legenda, fez-se no tempo de Napoleão I, para ser aplicada numa medalha comemorativa do restabelecimento da Casa da Moeda de Paris. Confr. no livro: *Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monetaire*, os n.os 17, a p. 351; 81, a p. 443; e 83 a p. 444.

(2) Vid. no Arquivo do Ministerio dos Negocios Estrangeiros o Despacho de 4 de Agosto de 1824, enviado pela Legação de Portugal em França, na caixa n.º 32 da referida Legação.

E' bom qne se saiba que o arquivo deste Ministerio está organizado com muita ordem e que o respectivo conservador, o Sr. José Carlos Pinto Garcia, a quem mais uma vez agradecemos os valiosos serviços que nos tem prestado, é um funcionario muito zeloso e inteligente, que está sempre pronto a auxiliar os estudiosos nas suas pesquizas.

Alêm dêstes fizeram-se posteriormente vários outros exemplares, em virtude de uma lei francesa que autoriza a reprodução e venda de quaisquer medalhas cujos cunhos existam na Casa da Moeda de Paris, desde que estes pertençam ao estado e estejam em condições de poderem ser utilisados. Parece que actualmente, porêm, os cunhos da nossa medalha já não estão nessas condições, pois que não vêem apontados no catálogo: *Médailles en vente à la Monnaie de Paris.*

Alguns exemplares têem o bordo liso, outros têem nêle gravado um punção, seguido do nome do metal de que são feitos — cuivre, bronze argent, or —, em obediencia a uma lei que se publicou no tempo de Napoleão III. Os primeiros, entre os quais se conta o nosso, são, portanto, os mais antigos.

*

O movimento revolucionario de 1823, cujo principal objectivo era a deposição do Soberano, não deu o resultado que D. Carlota Joaquina e os seus partidarios esperavam. A restauração do Regimen absoluto, que por meio dêle se conseguiu, não tinha sido senão um pretexto para o levar a efeito.

D. Carlota Joaquina, porêm, não desistiu do seu intento, apesar do insucesso da primeira tentativa, e para o conseguir preparou nova revolução, de acordo com seu filho querido, o Infante D. Miguel, que então ocupava o alto cargo de comandante em chefe do exercito. A nova revolta não se fez esperar. Na madrugada do dia 30 de Abril de 1824 apareceu a cidade de Lisboa em estado de sitio. As tropas da capital foram reunir-se no Rocio, com o Infante D. Miguel à frente, e por ordem dêste fizeram-se várias prisões de pessoas afectas ao Monarca. O proprio D. João VI esteve prisioneiro do filho, durante algumas horas, no seu palacio da Bemposta, aonde ninguem podia entrar sem uma senha especial. Para se salvarem um pouco as aparencias, fez-se constar, por meio de proclamações, que todo aquele aparato militar não tinha outro fim senão o de libertar o Soberano de uma conspiração tramada pelos *pedreiros-livres.* Desta critica situação foi D. João VI salvo pelo Corpo Diplomatico, que rompendo o cordão de tropa penetrou quasi à força nos Paços Riais, onde foi encontrar o pobre Monarca, chorando com amargura, por se ver tão vilipendiado pela esposa e pelo filho. Em vista da inesperada atitude do Corpo Diplomatico o movimento serenou aparentemente e as tropas retiraram-se a quarteis.

Contudo, D. João VI, aconselhado pelos Ministros Estrangeiros, recolheu-se a bordo da nau inglesa *Windsor-Castle*, a fim de poder, com mais segurança, sob a protecção de uma bandeira amiga, decretar as

medidas energicas que o caso reclamava. Resolveu-se então mandar o Infante viajar na Europa, e, para lhe intimarem esta ordem, chamaram-no a bordo onde o obrigaram a ficar alojado na câmara do imediato até 13 de Maio, dia do aniversario natalicio do Pai, em que partiu para França a bordo da fragata portuguesa *Perola*. No dia seguinte D. João VI voltou tranquilamente para terra, sendo recebido pelo povo com entusiasticas aclamações.

D. Miguel desembarcou em França no porto de Brest e dalí seguiu para Paris, onde chegou a 19 de Julho. Hospedou-se no *Hotel Meurice*.
Luis XVIII, a quem se havia pedido que o vigiasse, recebeu-o com todas as atenções devidas à sua alta categoria.

D. Miguel em Paris visitava amiudadas vezes a Familia Rial, passeava, ia frequentemente à escola de natação e a varios outros divertimentos, mas, sobretudo, entretinha-se com exercicios de equitação, que executava todos os dias, sendo os seus trabalhos muito apreciados. Tambem visitou museus e estabelecimentos publicos, começando pelos Invalidos e pela Casa da Moeda. A visita a este ultimo estabelecimento, que ficou comemorada pela medalha supra descrita, realisou-se em 28 de Julho de 1824.
D. Miguel foi alí recebido pelo Director, M. Puymaurin fils e examinou com *muita atenção* as magnificas colecções de punções e cunhos [1].

No proprio dia da saída de D. Miguel para o estrangeiro, que, como vimos, coincidiu com o do aniversario natalicio do Rei, 13 de Maio de 1824, foram largamente recompensados, por Decreto da mesma data, todos os membros do Corpo Diplomatico, bem como a oficialidade dos navios ingleses, *Windsor-Castle* e *Lively* e do brigue francês, *Zèbre*. Além de varios titulos e condecorações, cujo conhecimento não interessa directamente ao nosso estudo, foram-lhes conferidas as seguintes medalhas: ao General Henrique Dearborn, uma medalha circulada de diamantes, com o retrato de El-Rei D. João VI. «A todos os mais Officiaes da Tri»pulação, Guarnição e Guardas Marinhas das trez embarcações de Guerra »Inglezas e Franceza, surtas no Tejo, Medalhas pendentes de huma fitta »com as cores da Casa Real, com o retrato de S. M. em hum circulo de »diamantes, segundo a classificação que se ha-de designar».

Vid. a *Relação das Distincções, e prezentes concedidos por S. Magestade, etc.* na *Gazeta de Lisboa*, n.º 114, de 14 de Maio de 1824, p. 532.

Um mês depois, por Aviso de 14 de Junho de 1824, mandaram-se abrir na Casa da Moeda os cunhos das medalhas «para serem condeco-

---

[1] Vid. a *Gazeta de Lisboa* e o *Moniteur Universel* nos lugares citados, supra, na bibliografia referente a esta medalha.

»rados os officiaes inglezes da nau *Windsor-Castle* e das mais embarca»ções de guerra da mesma nação (uma era francesa) que se achavam no »porto de Lisboa, quando el-rei residiu a bordo da dita nau». (Arquivo da Casa da Moeda liv. n.º XIV do *Registo Geral*, fl. 28 v. Apud Teixeira de Aragão, ob. cit., II, p. 128, nota n.º 3).

N.º 119 — 1826 — Com.va da outorga da Carta Constitucional. Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é muito interrompida em cima e no exergo: PETRVS·IV·—PORTVG·REX. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: DUBOIS·F. Cabeça de D. Pedro IV, laureada, voltada à esquerda e com a barba talhada conforme a moda do tempo: rapáda no queixo, môsca por baixo do labio inferior, e cortáda em curva, na face, entre a orelha e o bigode, com o qual se une. A coroa de louro prende-se junto da nuca com uma fita, cuja ponta está caída sobre o pescoço.

℞.—Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e termina em cima: REDVCE·JVSTITIA·LVSITANIA·SOSPES. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais: REGN. LIBERT. RESTITVTA·. ‖ XXIX.APR.MDCCCXXVI· Do lado direito, junto da orla, a assinatura: DUBOIS·P. (Pinxit). Figuras da *Justiça* (laureada), e da *Lusitania* (com capacete encimado por um dragão), representadas por duas mulheres de fronte, descalças, e vestidas á antiga com leves vestuarios. A primeira está de pé, do lado esquerdo: com a mão direita ampara uma tábula que tem inscrito, em quatro linhas: CARTA ‖ CONSTI ‖ TUCION ‖ AL, e com a outra mão segura pelo pulço o braço direito da Lusitania. Por detrás déla está gravada, no campo, a competente balança. A Lusitania olha com tristesa para o chão e está sentada, do lado direito, sobre uma pedra cubica, á esquina de um pedaço de muro de pedra, arruinado e com algumas ervas; com a mão esquerda descaída ampara pela frente um escudo oval das armas portuguesas, que está coberto com um pano franjado e colocado ao alto junto da pedra cubica. Sobre esta está deitada uma lança e junto do muro vê-se uma ancora que serve de encosto á figura.

AR. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 98 (estampa).

N.º 120 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Por um curioso anuncio publicado no jornal: *O Português*, de 9 de Janeiro de 1827, n.º 58, vol. II, pag. 28 — *Bellas-Artes* — (1), consta que o gravador francês, Dubois (Jean Joseph), que alguns anos residiu e trabalhou em Lisboa, se lembrou de fazer esta medalha com o fim de comemorar, conjuntamente, a ascensão de D. Pedro IV ao trono de Portugal e a outorga da Carta Constitucional. Antes de a executar, conseguiu o artista, por intermedio do Ministro do Reino, que o respectivo desenho-projecto fosse aprovado, por Portaria de 16 de Setembro de 1826, e que a Infanta-Regente lhe encomendasse varias medalhas de ouro, de prata e de bronze, exemplo que foi seguido pelos ministros e por *outras pessoas conspicuas desta capital*. Segundo o anuncio, a medalha «tem de um »lado (reverso), a Constituição (aliás Carta Constitucional), representada »pela figura da justiça, no acto de dar a mão á Lusitania, que na attitude »do abatimento e da tristeza, se alevanta».

O preço de cada exemplar de ouro era de 72$000 réis, de prata 7$200 réis e de bronze, 2$400 réis. Quem quizesse subscrever podia dirigir-se a casa de Mr. Dubois, na rua de S. Francisco, n.º 40, 2.º andar, ou á loja do Sr. Malett, na rua do Ouro, n.º 22. Por fim, diz o redactor do anuncio: «O distincto artista Mr. Dubois, nos mostrou parte do seu trabalho, que »nos pareceu de perfeito acabamento, e muito interessante por perpetuar »em monumento ao abrigo dos estragos do tempo, e das revoluções, uma »epocha que deverá ser assignalada nos fastos da historia. A classe illus»trada e todos os bons cidadãos folgarão sem duvida de possuir uma me»dalha que ao passo que disperta sensações agradaveis tem esculpidas as »feições de um dos maióres monarchas legitimos do universo que soube »caminhar a la par do tempo e da razão, e abrir a estrada da ventura »aos seus subditos».

*

Em 10 de Março de 1826 faleceu El-Rei D. João VI, deixando o Governo do País entregue a uma Regencia presidida pela Infanta D. Isabel Maria, a qual, reconhecendo como herdeiro do trono o Principe D. Pedro, então Imperador do Brasil, imediatamente lhe enviou as suas homenagens por uma comissão expressamente nomeada para esse fim.

Em 25 de Abril seguinte assinou o novo Soberano um Decreto que

(1) Dêle tivemos conhecimento por indicação do Sr. Dr. Xavier da Cunha, antigo e ilustre Director da Bibliotéca Nacional de Lisboa.

confirmava a Regencia nomeada por seu Pai; em 29 do mesmo mês (Abril de 1826), outorgou a *Carta Constitucional* da Monarquia Portuguesa, e em 2 de Maio abdicou todos os seus direitos á Coroa de Portugal, a favor de sua filha, a Princesa D. Maria da Gloria, com a condição de esta casar com o tio, o Infante D. Miguel e de não sair do Brasil senão depois de realisado o casamento e de estar jurada a *Carta* pela Nação. Foi portador destes diplomas para o Reino um emissario estrangeiro, Sir Charles Stuart, agente diplomático da Inglaterra junto das cortes brasileira e portuguesa, o qual, tendo chegado a Lisboa em 7 de Julho de 1826, os foi logo entregar á Infanta-Regente, que se achava nas Caldas da Rainha, a tratar-se de reumatismo.

Os decretos de D. Pedro, ao passo que agradaram aos liberais, provocaram grande descontentamento entre os absolutistas. Os membros da Regencia, em grande maioria, bem como o Embaixador de Hespanha, manifestaram-se contra a publicação da *Carta*, e os partidarios da Rainha D. Carlota Joaquina e do Infante D. Miguel, começaram a trabalhar activamente no mesmo sentido. Queria a Infanta-Regente dar imediato cumprimento às ordens de seu irmão; mas em presença da luta dos partidos, ficou hesitante e indecisa.

Foi então que Saldanha, o futuro Marechal e Duque, fiado no seu prestigio no exercito, se resolveu a intervir na contenda, impondo pela força o juramento da *Carta*, o que se fez, em todo o Reino, nos dias 31 de Julho e 1 de Agosto de 1826.

Satisfeitos com o triunfo da sua causa os liberais festejaram ruidosamente este feliz acontecimento, não só em Lisboa e no Porto, como em varias terras das provincias. No Porto, onde Saldanha estava, foi anunciada a alvorada do dia 31 com uma salva rial. Houve parada militar no Campo de Santo Ovidio e *Te-Deum* na Sé, embandeiraram-se as ruas e à noite toda a cidade se iluminou. No teatro de S. João houve um espectaculo de gala que decorreu com extraordinaria animação, especialmente no momento em que Saldanha, que a ele assistia na tribuna rial, mostrou ao publico um retrato do Imperador.

Em Lisboa os festejos foram ainda mais deslumbrantes [1]. Logo que passou a meia noite de 30 de Julho, lançaram-se foguetes em diferentes pontos da cidade, e ao romper a aurora do dia 31, salvaram as fortalezas

---

[1] *Descripção dos Festejos que se Fizeraõ na Cidade de Lisboa Nos dias 31 de Julho, 1.º e 2.º de Agosto Por Occasiaõ do Juramento da Carta Constitucional que S. M. F. O Senhor D. Pedro IV, Rei de Portugal, e como Imperador do Brazil, D. Pedro O I. Decretou, Deu. E Mandou Jurar Nestes Reinos. Por Hum Curioso Amante da Sua Patria. Lisboa: 1826. Na Typografia de R. J. de Carvalho. Com licença. Folheto de 38 pags. 8.º*

e os navios de guerra, tanto portugueses como estrangeiros. Pelas 11 horas da manhã, uma salva de artilharia e muitas girandolas de foguetes, anunciaram ao povo da Capital que no Rial Palacio da Ajuda tinha começado a cerimónia do juramento, havendo por esse motivo entusiasticas manifestações de regosijo.

A' noite houve iluminações em toda a cidade a qual estava ornamentada em varios pontos, com arcos triunfais, obeliscos, troféus, postes com festões, bandeiras, colchas, retratos das Pessoas Riais, versos alusivos ao acontecimento, etc. Entre outras, salientavam se as ornamentações: da casa do Consul do Brasil, dos Largos, de S. Paulo, e do Cais do Sodré, da Rua do Ouro, da Rua Larga de S. Roque, e as dos quarteis dos regimentos de engenharia, em S. Bento, de artilharia, no Cais dos Soldados, e de caçadores, n.º 6, em S. Domingos.

A ornamentação do Cais do Sodré consistia numa *piramide egipcia*, que tinha no vertice um *balão oval* e transparente, para ser iluminado; assentava num pedestal quadrado, com tres degraus na base e ocupava o centro de um recinto octogonal, que estava vedado por gradeamento. Nas quatro faces do obelisco viam se os retratos: de Pedro IV, da Rainha D. Maria II, da Infanta D. Isabel Maria e de Lisia, e por baixo deles havia inscrições em verso (1).

Referente a este obelisco, lê-se no livro intitulado: *Apontamentos da vida d'um homem obscuro*, p. 96, a seguinte passagem: «no largo do »Poço Novo, de S. Paulo, e Caes do Sodré haviam bellos obeliscos illu»minados a côres, sendo o do Caes do Sodré o mais notavel e explen»dido que até ao presente tenho visto, e que foi devido aos verdadeiros »sentimentos liberaes dos habitantes d'aquelle sitio e aos *habitués*, que »alli se reuniam ás tardes (no *Café Grego*) (2), taes como João Gomes da »Costa, João Climaco da Silveira, Travessa, Pereira Monteiro, Vianna, »Fernandes, Belchior da Costa, Oliveira e sobrinhos, Lamas, (3) Cunha »Vianna, Cunha, meu pae e muitas outras pessoas, que concorreram para »aquella tão imponente como deslumbrante illuminação, feita exacta-

---

(1) Vid. *Collecção de Poesias, com que os cidadãos do bairro dos Romulares se propõem solemnizar o Augusto objecto do juramento da Carta Constitucional, dada ao Reino de Portugal pelo seu Magnanimo Rei o Senhor D. Pedro IV. Imperador do Brazil, para o que igualmente fazem erigir huma Piramide Egypcia illuminada. No largo do Caes do Sodré, em as noites de 31 de Julho, e 1, e 2 de Agosto de 1826: offerecidas aos mencionados Cidadãos, por seu Author Pedro Ignacio Ribeiro Soares, mandadas imprimir, e aos mesmos offerecidas por E. C. C. P. F. Lisboa:* 1826. *Na imprensa da Rua dos Fanqueiros N.º 129 B. Com licença.* Folheto de 10 paginas numeradas e uma outra, sem numero, com um soneto.

(2) Vid. Pinto de Carvalho (Tinop): *Lisboa d'Outros Tempos*, II, p. 35 e sgs.

(3) (Antonio) Lamas, era, provavelmente, meu Avô.

»mente no logar onde pouco tempo depois os improvisados inimigos da »*Carta* e da liberdade armaram os patibulos em que sacrificaram os seus »honrados patricios, só pelo crime de não pensarem como elles, ou terem »menos ambição».

Varios grupos de mancebos «*theatralmente vestidos*», uns em andas, outros a pé, dançavam nas ruas. O barco a vapor da carreira de Vila-Franca, iluminou-se durante as tres noites e fez varias evoluções no Tejo na noite de 31 de Julho, levando a bordo uma banda de musica.

No dia 1 de Agosto houve parada militar no Rocio e no Terreiro do Paço, para onde a Infanta, vestida à militar, se dirigiu no *coche rico que tem por cima a coroa real*, seguida de outro coche e de uma guarda de honra. Pelas ruas e janelas aglomeravam-se milhares de pessoas que a aclamavam entusiasticamente. O hino da Carta tocava-se sem cessar e os vivas à Religião, à Carta e às pessoas Riais, não tinham fim. Em 2 de Agosto, depois de dar beijamão no Paço da Ajuda, foi a Infanta assistir a um *Te-Deum*, na Sé, sendo-lhe feitas pelo caminho carinhosas manifestações de simpatia. De um arco de triunfo que havia no cruzamento da Rua dos Retrozeiros com a Rua Augusta, soltaram-se pombas brancas no momento da passagem do cortejo e lançaram-se sobre o povo muitos impressos com poesias. Mais adiante, na Rua dos Fanqueiros, pendia de um outro arco, uma grande coroa rial de flores naturais. Alí, era tanta a gente que aclamava D. Isabel Maria, dando vivas e acenando com os lenços e chapeus, que o cortejo teve de parar durante alguns instantes. Constou depois que nessa ocasião a coroa de flores tinha caído sobre a do coche, derrubando-a; mas que esta não chegára a caír no chão, porque a propria Infanta, estendendo a mão fóra da portinhóla, poude segural-a.

A' noite iluminou-se novamente a cidade e houve recita de gala em S. Carlos.

N.º 121 — 1827 — Com.va da nomeação de D. Miguel para o cargo de Regente de Portugal. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: DOM MIGUEL, REGENTE — DE PORTUGAL. Busto de D. Miguel, voltado à esquerda, com farda ricamente bordada, descoberto e com o cabelo penteado para a frente, condecorado e com uma banda a tiracolo. Tanto a gola da farda, como o colarinho, que é de *volta*, são bastante altos. A dragona, é franjada e tem gravada em cima, uma coroa rial. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: D. CHARDIGNY. F.

℞. — Ao centro, a seguinte inscrição, em sete linhas horizontais e envolvida por uma coroa, feita com dois ramos, um de oliveira outro de louro, quasi unidos em cima e ligados em baixo com um laço: NASCEO || EM LISBOA, EM || 26 D'OUTUBRO DE 1802 || NOMEADO REGENTE || DE PORTUGAL, EM || 3 DE JULHO DE || 1827. O bordo é liso.

Æ. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 100 (estampa); Lamas: *Medalhas de D. Miguel*, fig. 2.ª.

N.º 122 — Outro exemplar.

AR. M. b. c. No bordo tem gravado um punção seguido da palavra: ARGENT, o que indica que foi cunhado na Casa da Moeda de Paris, bastante tempo depois de se terem feito os primeiros exemplares, visto que a referida marca só começou a ser adótada no tempo de Napoleão III.

Parece que é esta a medalha a que se referem os jornais e documentos adiante citados, a qual foi mandada fazer em Paris pelos portugueses residentes em Londres, para comemorar a passagem de D. Miguel por esta ultima cidade, quando ele regressou de Viena para Lisboa.

*

Depois de permanecer durante algum tempo em Paris, D. Miguel retirou-se para Viena d'Austria, aonde se conservou cêrca de tres anos. Em 10 de Março de 1826 faleceu El-Rei D. João VI. A Infanta D. Isabel Maria assumiu a Regencia do Reino, por nomeação de seu Pai e D. Pedro, Imperador do Brasil, foi proclamado Rei de Portugal. Nessa qualidade outorgou a Carta Constitucional, que foi posta em vigor, e daí a dias, abdicou os seus direitos à coroa, a favor de sua filha, a Princesa D. Maria da Gloria, com a condição de esta casar com o tio, o Infante D. Miguel. Sendo, porêm, necessario esperar-se algum tempo para que o casamento pudesse realizar-se, pois que a Princesa era ainda muito nova, resolveu-se que D. Miguel partisse para Portugal, a fim de governar a Nação, com o titulo de Regente. E' datado de 3 de Julho de 1827 o Decreto que o nomeou para tão alto cargo.

D. Miguel, tendo aceitado de bom grado a missão que lhe deram, prometeu que empregaria todos os seus esforços a fim de manter as insti-

tuições vigentes e que havia de contribuir quanto pudesse para a conservação da tranquilidade publica [1]!

A vinda de D. Miguel para o Reino foi um assunto muito discutido, não só entre os portugueses e brasileiros como até nas principais chancelarias da Europa, e por isso só se realizou alguns meses depois de publicado o decreto que o nomeou para o cargo de Regente. Por fim resolveu-se que ele saísse de Viena para vir tomar posse do seu cargo, e que fizesse a viagem por Paris e por Londres. Estavam então nesta ultima cidade bastantes portugueses, que tendo tido conhecimento, por uma noticia oficial que alí se recebeu em 26 de Outubro de 1827, [2] da proxima chegada do Infante, imediatamente se reuniram para combinarem a forma de o receberem [3]. Deliberaram mandar cunhar uma medalha para lhe oferecerem e encarregaram uma comissão de redigir um «*projecto de discurso congratulatorio, sem nenhuma mistura de outros* »*assumptos*», para ser proferido na presença dele [4].

As reuniões realizavam-se no *City of London Tavern.* O presidente era o Consul Geral, Francisco Teixeira de Sampaio e o secretario, Antonio Joaquim Freire Marreco.

Numa outra reunião que se realizou a 20 de Dezembro de 1827 [5], apresentou a comissão, anteriormente nomeada, *o projecto de discurso congratulatorio*, o qual, segundo a acta, estava escrito com o estilo comum a documentos da sua especie, e continha uma passagem, alusiva ao desejo dos portugueses de que o Infante governasse na conformidade do espirito da Carta Constitucional, que provocou certas observações de algumas pessoas. Contudo, depois de breve discussão, o discurso foi aprovado. Em seguida nomeou-se uma comissão, encarregada de se dirigir ao Infante, na ocasião da chegada, para saber se ele se dignava aceitar a homenagem projectada, e, por fim, resolveu-se, por unanimidade, pedir ao Marquês de Palmela que aceitasse o cargo de entregar a medalha

---

(1) Vid. a conhecida carta por ele escrita a D. Pedro, em 19 de Outubro de 1827.

(2) *Despachos e Correspondencia do Duque de Palmella,* publicados por J. J. dos Reis e Vasconcelos, tomo III, pag. 324.

(3) Ibidem, tomo III, pags. 373-374 Despacho de 19 de Dezembro de 1827.

(4) Ibidem, tomo III, pags. 384-386. Despacho de 26 de Dezembro de 1827. O original está no Arq. do Ministerio dos Negocios Estrangeiros, caixa n.º 63 da Legação de Portugal em Inglaterra. A redacção deste documento acha-se levemente modificada no referido livro.

(5) A copia de uma parte da acta desta reunião está junta ao Despacho de 26 de Dezembro de 1827, já citado supra A outra parte, que é a mais importante, vem extratáda na *Gazeta de Lisboa* n.º 8, de 9 de Janeiro de 1828, pag 42: *Londres, 21 de Dezembro.*

Nunca conseguimos saber o destino que tiveram as actas das outras reuniões.

e proferir o discurso. A parte da acta referente a este assunto foi copiada e remetida ao Marquês, acompanhada de um oficio, datado de 22 de Dezembro, em que se fazia o pedido. Daí a quatro dias, em 26 de Dezembro, respondeu aquele titular, agradecendo, mas escusando-se; aconselhava os seus compatriótas a que escolhessem um dentre êles para se desempenhar da missão ([1]).

Em 30 de Dezembro de 1827, pela uma hora e meia da tarde, desembarcou D. Miguel em Greenwich, onde foi recebido pelo Duque de Clarence, Almirante em chefe da marinha inglesa, por varios personagens da corte de Inglaterra, e por muita gente do povo, que se achava espalhada pelo cais. Almoçou na casa do governador do hospital e depois seguiu para Londres, com a sua comitiva, em carruagens de gala, escoltadas por uma guarda de cavalaria. Quando chegou à ponte de Westminster era tão grande o concurso de povo, que as carruagens tiveram de parar alguns momentos. Em Londres hospedou-se no Palacio de Lord Dudley ([2]), na rua Arlington. O Rei Jorge IV enviou-lhe imediatamente cumprimentos pelo seu primeiro camarista e os ministros do gabinete bem como os representantes das nações estrangeiras e outros personagens da corte, foram visital-o.

No dia 31 foi a Windsor visitar o Rei, que nesse mesmo dia lhe ofereceu um magnifico banquete ([3]), e nos dias imediatos assistiu a algumas caçadas aos faisões e a outras festas que em honra dêle foram promovidas pela nobresa. Tambêm visitou edificios publicos, bem como o túnel do Tamisa, que ainda estava a construir-se, o qual desabou alguns minutos depois dêle lá ter estado ([4]). Quando apareceu no camarote do teatro de *Covent-Garden* para assistir a um espectaculo de gala, o publico cantou em coro o hino nacional inglês, mas com uns versos apropriados, que um jornal francês, *Le Moniteur Universel*, de 12 de Janeiro de 1828, publicou assim traduzidos livremente: «*Soyez le bien venu dans l'île de la »Bretagne où sourit la liberté, oh! Miguel le brave. Quand votre règne »commencera, puissent tous les cœurs faire connaitre leur joie pour l'arri»vée de leur noble prince. Dieu sauve le roi*».

Os portugueses residentes em Londres, que haviam resolvido entregar uma medalha a D. Miguel, foram por este recebidos em Butland-House.

([1]) Os dois ultimos oficios a que acabamos de nos referir, estão tambêm anexos ao, já por vezes citado, Despacho de 26 de Dezembro.

([2]) Vid. a descrição da chegada de D. Miguel a Inglaterra na *Gazeta de Lisboa* de 21 de Janeiro de 1828, p. 139.

([3]) *Gazeta de Lisboa* de 30 de Janeiro de 1828, p. 198.

([4]) Este acontecimento foi considerado como um milagre. Vid. José Maria de Sousa Monteiro: *Historia de Portugal*, tomo III, p. 379, in fine.

Da entrega da medalha foi encarregado o presidente de uma comissão para esse fim eleita, o qual se desempenhou do encargo proferindo o discurso de cujo projecto já acima falámos, e que a seguir transcrevemos da *Gazeta de Lisboa*, n.º 24, de segunda feira, 28 de Janeiro de 1828, p. 182:

«O seguinte he o discurso, que os Portuguezes residentes em *Lon-*»*dres* dirigirão a Sua Alteza o Senhor Infante *Dom Miguel* em *But-*»*land-House*, traduzido da *Gazeta de França*, de 13 do corrente: Os »portuguezes abaixo assignados, que residem em *Londres*, unidos cor-»dealmente á Patria, cuja gloria e prosperidade forma o objecto de todos »os seus votos, penetrados dos sentimentos de fidelidade que anima(m) »toda a Nação *Portugueza*, vem offerecer a Vossa Alteza Real, no mo-»mento da Sua passagem por Inglaterra, o tributo do seu respeito, pre-»venindo por esta fórma as unanimes acclamações com que toda a Nação »*Portugueza* receberá o Principe Magnanimo, que vai assegurar a felici-»dade nacional, sustentando as Leis do Reino e as Instituições dadas »pelo seu Grande Rei o Senhor DOM PEDRO, realizando-se assim as espe-»ranças que os generosos sentimentos de Vossa Alteza Real, já annun-»ciados a Sua Augusta Irmã [1], tem feito nascer nos corações Portugue-»zes.

»Desejosos de transmittir á posteridade huma memoria do aconteci-»mento importante da passagem por *Inglaterra* de hum Principe da Casa »de Brangança, os abaixo assignados [2] fizeram cunhar huma medalha, »e tem a honra de a offerecerem a Vossa Alteza Real. Digne-se Vossa »Alteza Real acceitar este tributo de fidelidade.»

D. Miguel respondeu o seguinte: «Agradeço aos Portuguezes residen-»tes em *Londres* os sentimentos que me testemunhão, e acceito as suas »expressões como nascidas daquella fidelidade, que sempre ha distin-»guido os *Portuguezes* em todos os seculos e em todos os Paizes.»

Ha quem diga que os portugueses sairam da sala de recéção tão mal impressionados com certos *sinais de despeito* que *leram* no rosto de D. Miguel, que quasi todos eles resolveram não voltar para Portugal [3].

No dia 13 de Janeiro o Infante foi para Strathfield, onde esteve alguns dias hospedado na casa de campo do Duque de Wellington, e depois seguiu para Plymouth com tenção de alí embarcar imediatamente na fra-

---

(1) Alusão à carta que D. Miguel escreveu a sua Irmã, D. Isabel Maria, em 19 de Outubro de 1827.

(2) Na *Gazeta* não veem publicadas as assinaturas.

(3) Vid. o livro: *A minha vida e a dos meus amigos, ou os ultimos quarenta annos.* Lisboa, 1848, p. 344.

gata portuguesa *Perola*, para regressar ao Reino. Em consequencia porêm, do mau tempo só poude saír daquele porto em 9 de Fevereiro seguinte (1).

Com bastante antecedencia havia sido decretado que o dia da chegada do Infante a Lisboa, bem como os dois dias seguintes, fossem de grande gala (2); e em 21 de Janeiro de 1828, «*como essa occasião estava* »*proxima*», foram expedidos *avisos* pelo Ministerio da Justiça, a todos os corregedores e juizes de fóra, para que nesses dias «*permittissem quaes-* »*quer demonstrações de jubilo*» que não fossem proíbidas por lei (3).

O povo preparou-se para a recéção.

N.º 123 — 1828 — **Com.va da chegada de D. Miguel a Lisboa.** No exergo, que está separado por friso, numa linha horizontal, a legenda: L·C· (Lausanensis Comes) OFFEREBAT. Do lado direito, junto do friso, a assinatura: FREIRE·F. Piramide interceptada na parte superior, na qual está gravada, em tres linhas, a data da chegada: XXII. || FEBR. || M·D·CCC·XXVIII. Do lado esquerdo vê-se um velho de barbas, que personifica o *Rio Tejo*, apenas coberto com um leve pano, com o joelho direito firmado no chão, e a olhar estupefacto para a data inscrita na piramide, para a qual estende, tambêm, a mão direita, que está aberta. Com a outra mão segura a competente pá, na qual está gravado o navio que serve de emblema da Cidade de Lisboa. Junto do pé esquerdo vê-se a urna simbólica, tombada e a derramar agua.

Do lado direito está, tambêm, junto da piramide, a figura de uma mulher que personifica a *Gloria*, de pé, descalça, vestida

(1) Ha tempo, obtivemos parte de uma carta, que não é a do principio, nem a do fim, e que portanto não tem data nem assinatura, mas que se depreende, do seu conteudo, ter sido escrita depois da morte de D. Maria II, por um tal Guedes, antigo tripulante da fragata *Perola* e compadre de D. Miguel e de D. Carlota Joaquina, da qual destacamos o seguinte trecho, que é deveras curioso:

«quando (D. Miguel), chegou a Inglaterra o tratarão sempre com a maior Dignidade, pois »athé lhe mandou logo o Rei trem de carrinhos da sua casa Real, e quando acontecia vir »ao mar, salvavão-lhe etc; porem elle só quiz vir de Plymouth onde tambem tivemos ordem »de ir para lá, por causa do tempo fomos tambem a Torbay proximo de Plymouth onde elle »foi para uma Hospedaria de Principes, e alli hera visitado por immensas pessoas de Ingla- »terra que todos querião ver o Regente de Portugal; e athé algumas Sr.as lhe cortarão pe- »daços de lenços e de camisas e de outros fatos quando elle lá não se achava, e que tinha »hido a passeio».

A carta devia ser muito extensa pois que a primeira das quatro paginas que déla possuimos, tem escrito em cima o n.º 12.

(2) Decreto de 13 de Outubro de 1827.

(3) *Gazeta de Lisboa*, de 22 de Janeiro de 1828, p. 141.

à antiga com leves roupagens, a colocar uma coroa de louro, que ela segura com a mão direita, por cima da data, e a apontar para esta com o dedo indicador da mão esquerda.

℞. — Em dez linhas horizontais, a seguinte inscrição: MICHAELI. I. || LUSITAN. FELICITER. || RESTITUTO. || GLORIA. LAUREATO. || TAGO. OBSTUPENTE. || ATQUE. EXULTANTE. || CIVIUM. FIDELITAS. || NUMISMATICUM. || HOC. MONUMENTUM. || DEDICAT.

AR. Diâmetro: 52,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 99 (estampa); Lamas: *Medalhas de D. Miguel*, fig. 3.ª.

Esta medalha foi mandada fazer particularmente pelo Conde da Louzã, D. Diogo, para comemorar a *feliz chegada ao Tejo* de D. Miguel. Os cunhos foram gravados pelo abridor Francisco de Borja Freire e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa, como consta de um documento existente no arquivo dêste estabelecimento que o Dr. Teixeira de Aragão publicou no seu livro(1), com as abreviaturas desdobradas, e que a seguir publicamos, conforme o original:

«Avizo do Minist.º dos Neg.os da Faz.da para se vender a Franc.º de »Borja Freire huma porção de metaes p.ª o Fabrico de humas medalhas »offerecidas a S. Mag.de.

»El Rey Nosso (Senhor) He Servido ordenar q̃. na Real Caza da Moeda »se acceite ao abridor della Franc.º de Borja Freire a quantia de oitenta »e dois mil oitocentos e oitenta e cinco réis em Moeda metalica, valor »dos Metaes constantes da Relação incluza assignada pelo Conselheiro »Joaq.m Ant.º X.er Annes da Costa, Official Maior da Secretaria de Estado »dos Negocios da Faz.da, que ao mencionado Fr.co de Borja Freire »forão entregues na d.ª Real Caza afim de serem empregados na Meda»lha offerecida ao Mesmo Augusto Senhor reprezentando a prepectuação »da memoria da sua feliz chegada ao Tejo no dia 22 de Fever.º de 1828, »por mim ordenada a referida Medalha, e pelo dito abridor dezempenhada. »O que partecipo a V mce para sua intelig.ª e assim o fazer executar. »Deos Guarde a V. m.ce Palacio de Çamora correa 24 de Maio de 1832 »══Conde da Louzãa D. Diogo══Snr Ant.º Joaq.m Alpoim Serrão══ »Cumpra-se e Registe-se Lx.ª 26 de Mayo de 1832══Alpoim Serrão.

»— Relação de que acima se faz menção —

»Relação dos Metaes que levarão as Medalhas feitas e cunhadas na

(1) *Descripção geral e historica das moedas*, ob. já por vezes citada, II, p. 165, nota 3, 2.ª parte. Arquivo da Casa da Moeda, liv. XIV do Registo Geral, fl. 126 v.

»Real Caza da Moeda por ordem do Ill.mo e Ex.mo Sñr. Conde da Louzãa »D. Diogo, Ministro e Secret.o d'Est.o dos Negocios da Fazenda e Pre- »zidente do Erario Regio, cujos pezos e import.as são as seguintes a ser:

»Uma Medalha de ouro da Mina d'Adiça do Toq̃. de vinte e »dois q.tes pezando 4 onc. e 6 gr.s a 115$200 r.s o m.co cin- »coenta e sette mil settecentos e cincoenta r.s...........	57$750
»Dez d.as de Prata de Ley de 11.D pezando 3m — 3on — 1oi e 2 gr.s »a 7$350 321/1000 o Marco vinte e quatro mil novecentos e »vinte e cinco reis..	24$925
»Dezoito Medalhas de Cobre pezando hum e meio arrateis a »140 réis o ℔ duzentos e dez réis.......................	$210
	82$885

»Secretaria d'Estado dos Negocios da Fazenda 24 de Mayo de 1832 ·/. »=Joaquim Antonio Xavier Añes da Costa — Mag.es».

A medalha foi cunhada algum tempo depois de D. Miguel ter chegado a Lisboa e é por isso que na inscrição do reverso lhe é já dado, posto que indirectamente, o tratamento de *Rei* (Michaeli I), a que êle ainda não tinha direito quando chegou.

O exemplar de ouro da mina da Adiça foi destinado, evidentemente, ao Infante.

*

D. Miguel chegou à barra no dia 22 de Fevereiro de 1828 pelas duas horas da tarde, havendo por esse motivo extraordinarias demonstrações de regosijo. Os navios de guerra e as fortalezas deram as salvas do estilo e por entre esse ruido festivo veio a *Perola* navegando serenamente pelo Tejo acima. O rio estava coalhado de barcos e os navios embandeirados em arco.

Esperava-se que o Infante desembarcasse no Terreiro do Paço, que estava ornamentado, e onde a Camara havia armado uma barraca de campanha para o receber; mas ele preferiu desembarcar em Belem (1),

---

(1) Como D. Miguel desembarcou em Belem, não *entrou* na barraca do Terreiro do Paço, e daí a origem dos conhecidos versos:

O Rei chegou — Rei chegou
E em Belem desembarcou;
Na barraca não entrou,
E o papel não assinou.

Vid.: *D. Miguel em Portugal, — Historia contemporanea — motivo da sua exaltação, causa da sua decadencia,* p. 247.

Esperava-se que D. Miguel se *mexesse,* logo que chegasse a Lisboa, para se fazer

perto do local aonde, pouco mais de tres séculos antes, tinha embarcado Vasco da Gama. Que palavras *tiraria do experto peito o velho d'aspeito venerando*, já tão descrente naquela gloriosa época, se novamente alí estivesse, então, *na praia entre a gente?!*

Eram quatro horas da tarde quando o Infante desembarcou, acompanhado das Irmãs, que tinham ido a bordo cumprimental-o. O entusiasmo do povo chegou então ao delirio. O largo de Belem estava repleto de gente, que de todos os lados da cidade para alí tinha convergido, os sinos repicavam sem cessar, as bandas de musica tocavam peças alegres, muitas girandolas de foguetes estalavam nos ares e os *vivas* repetiam-se a cada instante. A marcha até ao Palacio da Ajuda foi verdadeiramente *triunfal e magnifica*. As janelas estavam ornamentadas com colchas de seda e as senhoras arremessavam flores sobre o Infante.

Em volta do coche, amontoavam-se bandos de *vadios, facinorosos, lacaios e carniceiros* (1), que gritavam, gesticulavam, e davam *vivas ao Senhor D. Miguel I, nosso Rei absoluto*, e *morras* à *Constituição*, e a *D. Pedro*, a quem por vezes davam epitetos grosseiros e baixos. Logo que o Infante chegou ao Paço foram cumprimental-o: o Senado da Camara, os Pares e os Deputados, os Grandes do Reino e as autoridades, bem como o General Clington, comandante das tropas inglesas, que se apresentou com todo o seu estado maior.

Emquanto D. Miguel recebia as homenagens das classes elevadas, cá fóra, no Largo da Ajuda, os bandos de *facinorosos, rotos e descalços* comandados e contratados a 120 reis por dia por João dos Santos e outros cabecilhas, aclamavam-no *rei absoluto*, e apedrejavam a quem não queria tomar parte na manifestação (2). Á noite houve iluminações e os bandos de caceteiros começaram a fazer as suas tropelias pelas ruas da cidade. Os festejos continuaram durante alguns dias.

Em 26 de Fevereiro, pela uma hora da tarde, realizou-se, no Palacio

---

aclamar Rei, e por isso deixaram-se ficar as ornamentações do Terreiro do Paço, e do Senado da Camara, para serem aproveitadas para as festas que por aquele motivo se projectavam. Não tendo, porêm, D. Miguel achado oportuno o momento para tentar essa aventura, as ornamentações foram apodrecendo pouco a pouco até que um dia apareceu junto de uns louros que estavam colocados no edificio do Senado, o seguinte curioso pasquim:

Se o homem se não mexe,
Serve o louro para escabéche.

Vid. o livro: *Apontamentos da vida d'um homem obscuro*, p. 107.

(1) Ibidem.

(2) José Liberato Freire de Carvalho: *Ensaio Politico*, p. 150; *Apontamentos da vida d'um homem obscuro*, pags. 107 e 108.

da Ajuda, a cerimónia da entrega do governo a D. Miguel, na presença das duas Camaras, da côrte e do Corpo Diplomatico, e nesse mesmo dia foi nomeado, já por D. Miguel, o novo ministerio, que ficou assim constituido: para a pasta de *ministro assistente* ao Despacho, Duque de Cadaval, para a do Reino e interinamente para a da Marinha, José Antonio de Oliveira Leite de Barros, para a da Justiça, Luis de Paula Furtado do Rio de Mendonça, para a da Guerra e interinamente para a dos Negocios Estrangeiros, o Conde de Vila-Rial e para a da Fazenda, o Conde da Louzã, D. Diogo de Menezes Ferreira d'Eça, que foi o oferente da medalha a que acima nos referimos.

N.º 124—1829—**Ded.da pela Academia Rial das Sciencias a D. Miguel.** No arco superior da orla, a legenda: PROTEGIT AC PRÆSIDET. Do lado direito, ha um trono com um só degrau, sobre o qual está D. Miguel, sentado numa cadeira de espaldar, voltado de perfil para a esquerda, com os pés assentes numa almofada que tem borlas nos cantos, fardado de Generalissimo, com sapatos, meias e calção, e revestido das insignias riais: manto, coroa e scetro, estando êste apoiado no ombro e seguro com a mão direita. Com o dedo indicador da mão esquerda, aponta para uns livros(1) e emblemas academicos: môcho, esfera, e escudo das armas portuguesas, que se amontoam no chão, aos pés da *Academia*, a qual na frente dêle, se apresenta reverentemente, de pé, vestida de Minerva, com capacete, mas sem lança, com a mão esquerda colocada sobre o peito e a direita descaída, e a segurar um papel desenrolado, no qual se lê: DECRET ‖ 31 ‖ JULHO ‖ 1828. (Data do Decreto que concedeu aos academicos a honra de entrarem na Sala do docel).

As duas figuras olham uma para a outra. Por detrás da cadeira vê-se parte da cortina do trono, franjada, e franzida por meio de um cordão que tem uma borla na ponta. O exergo, que está separado por friso, não tem nenhum letreiro.

---

(1) Os absolutistas apodaram o autor da medalha, que foi o gravador francês Jean Joseph Dubois, de *pedreiro livre* e obrigaram-no a saír do Reino. Diz se que um dos crimes de que o acusaram foi o de ter colocado, propositadamente, nesta medalha a figura de D. Miguel a apontar com indiferença para os livros, como se ele tivesse despreso pelas sciencias! O que é certo é que Dubois tinha sido tambêm o autor da medalha comemorativa da outorga da Carta Constitucional, que descrevemos supra sob o n.º 119. Vid. a este respeito: Aragão, *ob. cit.* I, p. 89; II p. 166, nota; Pinheiro Chagas: *Historia de Portugal*, 3.ª edição, vol. VIII, p. 517; Xavier da Cunha: *A Medalha Miguelina;* Lamas: Medalhas de D. Miguel

℞.—Em onze linhas horizontais, a seguinte inscrição: MICHAELI I. || PORTVGAL & ALGARB || REGI || ACADEMIA SCIENT. OLYSIPON. || CVI PRÆERAT INFANS || ET || PRÆEST REX || SVMMVM INSOLITVM DECVS || GRATVLANS PERENNANS. || F. C. || MDCCCXXIX.

Æ. Diâmetro: 57 milímetros. M. b. c, Rara.

O tipo desta medalha é semelhante ao da que a mesma Academia ofereceu à Rainha D. Maria I, em 1783, supra descrita sob o n.º 73.

Bibl.: Estampa avulsa adiante reproduzida; Lopes Fernandes, n.º 101 (estampa); Xavier da Cunha: *A Medalha Miguelina* (estampa); Lamas: *Medalhas de D. Miguel* (estampa) e *Medalhas da Academia Rial das Sciencias* (estampa) (1).

Um cunho do anverso desta medalha ainda hoje existe no Museu de Artilharia, exposto na Sala da Europa.

*

Depois da morte do Duque de Lafões, que havia sido eleito Presidente perpétuo da Academia Rial das Sciencias de Lisboa, em 1 de Abril de 1791, deliberou esta corporação, em 13 de Janeiro de 1810, escolher para seu presidente, daí para o futuro, um Principe de sangue da Casa Rial portuguesa (2), sendo então eleito para aquele cargo, o Infante D. Pedro Carlos, Almirante general da marinha portuguesa e sobrinho de D João VI. Tendo, porêm, falecido aquele Infante, em 26 de Maio de 1812, foi D. Miguel eleito Presidente da Academia e nessa qualidade recebeu os cumprimentos que esta lhe apresentou em Queluz, no dia 17 de Julho de 1821, quando êle regressou do Brasil.

Anos depois, em 1 de Agosto de 1828, foi a Academia cumprimentar, novamente, D. Miguel, a fim de lhe *beijar a Real Mão pela mui plausivel e feliz exaltação de Sua Augusta pessoa ao throno português* (3) e para lhe agradecer o êle ter publicado no dia antecedente, 31 de Julho de 1828, um decreto que concedia aos academicos a honra de serem admitidos na Sala do docel, quando concorressem ao *palacio e morada rial.*

---

(1) Silvestre Ribeiro, na *Historia dos estabelecimentos scientificos,* V, p. 340, nota 1, diz que a medalha também vem estampada no tomo XI da *Historia e Memorias da Academia,* mas tendo consultado esta obra não encontrámos a estampa. Supomos que Silvestre Ribeiro fez aquela afirmação por ter encontrado a estampa avulsa da medalha, adiante reproduzida, encorporada, por acaso, num exemplar da referida obra.

(2) Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos Scientificos,* II, p. 300.

(3) *Gazeta de Lisboa,* de 7 de Agosto de 1828, p. 1009.

Tendo D. Miguel resolvido continuar a ser Presidente da Academia depois de ter sido aclamado Rei, o Guarda-mor, Alexandre Antonio Vandelli, considerando êsse acto extremamente honroso para aquela corporação, apresentou por escrito, na *sessão extraordinaria do Conselho*, de 13 de Outubro de 1828, uma proposta, que a seguir transcrevemos, para que «se cunhasse uma medalha em testemunho de gratidão academica »a Sua Magestade pela alta mercê de continuar na sua presidencia ainda »agora que subiu ao throno» (1):

«Tendo a Acadª Real das Sciencias feito cunhar huma medalha em »1783, quando a sua Augusta Fundadora, a dotou com a 3ª parte do »producto da Loteria, e a tomou debaixo da sua Regia Protecção, conce»dendo-lhe o Titulo de Real. Parece que, a Exaltação do seu Augusto »Presidente ao Throno da Monarquia Portuguesa (honra singularissima »de que gosa esta Academia, entre todas as da Europa) as mercês, que »S. Magde em tão pouco tempo tem concedido á Academia R. das Scien»cias, Dignando-se de continuar a ser o seu Presidente, a entrada na Real »Salla do Docel, não só á Academia em corpo, mas o que he ainda mais, »em particular a cada hum dos seus membros, e as honrosas expressões »do Decreto de 31 de Julho ultimo, são motivos assaz fortes, e attendi»veis para se procurar conservar a memoria de taes beneficios, e mercês, »e ate hum signal de Justa gratidão, fazendo-se cunhar huma medalha. — »A despesa pode ser feita, ou pelo cofre da Academia, ou parte pelo cofre, »e parte pelos socios, ou, como parece mais proprio, á custa dos socios, »e correspondentes, como se praticou quando se mandou fazer em pedra »o busto do seu primeiro Presidente o Duque de Lafões; por quanto »huma das mercês, alias mui grande, (porque os faz gosar de huma pre»rogativa, que pertence á Carta de Conselho, ao Foro grande de Fidalgo »Cavalleiro, e a maior de que gosão os Moços da Real Camara) he con»cedida em particular a cada hum dos sobreditos Academicos. — Casas »da Academia 10 de Outubro de 1828 (2).»

Esta proposta foi, é claro, aprovada por unanimidade, ficando o vice-presidente encarregado de saber se D. Miguel se dignaria aceitar a home-

(1) Arquivo da Academia, *Livro das sessões do Conselho*, que começa em 11 de Janeiro de 1827 e acaba em 5 de Novembro de 1834. Vid. nêste livro, nos lugares correspondentes às datas nélas indicadas, não só a acta da sessão a que acabamos de nos referir, como as actas de outras sessões, que adiante vão citadas.

(2) Esta proposta, bem como os outros documentos que adiante vão publicados, conservam-se no arquivo da Academia, reunidos num maço que tem a seguinte marcação : 5-49-3. Uns são originais e outros copiados.

nagem. Assinaram a acta da sessão em que a proposta foi aprovada, os seguintes socios: Marquês de Borba, Alexandre Antonio Vandelli, Manuel José Pires, José Cordeiro Feio, Inácio Antonio da Fonseca Benevides, Fr. Mateus de Assunção Brandão, Antonio Denis do Couto Valente, Joaquim Pedro Fragoso da Mota de Siqueira e Conselheiro Manuel José Maria da Costa e Sá.

Logo que o vice-presidente comunicou à Academia, por intermedio do vice secretario, que D. Miguel se dignára aceitar a homenagem, nomeou-se uma comissão, que tinha, como adjuntos, Monsenhor Ferreira e o Guarda-mor, Vandelli, e que se compunha dos tres directores das classes, a qual ficou encarregada de propôr o que melhor conviria fazer-se para se dar execução à proposta.

Á sessão extraordinaria de 16 de Dezembro de 1828, concorreram *os socios de todas as classes e condições*, bem como a comissão acima referida, que apresentou o seguinte parecer:

«A Commissão nomeada para informar sobre a execução da medalha »que a Academia Real das Sciencias pertende fazer cunhar, satisfazendo »ao que foi incumbida, dá parte do resultado da sua deliberação a seme»lhante respeito.

»1.º Que o tamanho da medalha seja alguma cousa menor, do que o »da outra, que a Academia fez cunhar em 1783, e que seja da grandeza »da medalha, que apresenta, que a Commissão entre outras escolheo.

»2.º Que a medalha deve ter de huma parte o Busto da Effigie de S. »Mag^{de}, procurando-se que seja o mais semelhante possivel, e de roda a »legenda = *Michael I. Portugaliae et Algarbiorum Rex.* = e do reverso »a inscripção = *Ob susceptum Academiae Praesidatum, et ob omnium »Academicorum ingressionem in interiorem partem Domus Regiae ubi est »Solium Regalis Academia Scientiarum Olisiponensis. F. C. Anno Domini* »MDCCCXXVIII.

»Ornada esta inscripção com ramos de Oliveira.

»3.º Que as medalhas, que se devem apresentar a El Rei Nosso Se»nhor, e Augusto Presidente, sejão huma de ouro, outra de prata, e outra »de bronze; que para as Senhoras da Augusta Familia sejão de prata; e »para os socios Honorarios, Effectivos, e Livres, e Correspondentes, e »mais pessoas, ou corporações, a quem se houverem de distribuir, sejão »de bronze.

»4.º Que se faça gravar, ou lythografiar, a medalha como já se prati»cou com a outra em 1783, para se espalharem exemplares, e darem ás »pessoas, a quem não couberem as ditas medalhas.

»5.º Que quanto á despesa, attendendo a Commissão, não tanto aos

»generosos, e francos sentimentos, e desejos da mesma Commissão, e »mais socios, mas ás circunstancias, em que se achão muitos delles, de »lhes ser mui penoso, e sensivel, ou não poderem concorrer por escassez »de meios, ou terem o dissabor de não contribuirem, contribuindo os »outros; parece á Commissão, que não poderá conseguir-se a importan- »cia daquella despesa, senão pelo cofre da Academia, o que porem mui »particularmente submette, assim como o mais, á ulterior decisão do Con- »selho.

»Ao membro da Commissão, e Guarda-mor dos Estabelecimentos lem- »brava, que talvez se podesse obter aquella importancia da despesa, ce- »dendo os socios (que os tivessem) dos Jetoens vencidos; o que porem »se julgou inadmissivel, porque nem todos os socios tem Jetoens, nem na »mesma quantidade, o que seria por conseguinte mui desigual, e estava » no caso ponderado de desgostar os socios, que não tivessem os ditos »Jetoens, ou não podessem concorrer.

»Casas da Academia 29 de Novembro de 1828. = *Francisco Ribeiro* »*Dosguimarães. Joaquim José Ferreira Gordo. José Maria Dantas* »*Pereira. Francisco Elias Roiz da Sil.*[ra] *Alexandre Antonio Vandelli*».

Depois de lido e discutido este *parecer*, decidiu-se que no praso de tres dias cada um dos socios remetesse ao Guarda-mor um projecto para a *inscrição* (tipo e legenda), da medalha, e aprovaram-se, tambêm, os demais objectos que a comissão propuzera, mas que não veem especificados na acta.

Dentre as lembranças expostas no *parecer* da Comissão, que foram adótadas, destacamos a lembrança exposta em quarto lugar, para que se fizesse uma gravura da medalha, a fim de ser distribuida pelas pessoas a quem não coubessem as ditas medalhas.

Essa gravura foi impressa em folhas de papel avulsas, orladas de dois filetes, as quais teem, na margem superior, os seguintes dizeres: *Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou cunhar para perpetuar a memoria da sublime honorificencia, que El-Rei Nosso Senhor lhe fizera Dignando-se continuar a sua Presidencia, que tinha assumido sendo ainda Infante, não obstante a Sua Exaltação ao Throno.*

A gravura original, em chapa de cobre, ainda se conserva na Academia.

Na *figura* n.º 7, fizemos reproduzir uma dessas estampas, que possuimos, a qual já veio, tambêm, publicada no nosso trabalho sobre as *Medalhas da Academia Rial das Sciencias.*

Em 8 de Janeiro de 1829 reuniu-se o *Conselho* para tòmar conhecimento das inscrições enviadas pelos socios, resolvendo, de acordo com o

seguinte *parecer* da comissão, remetel-as à classe de literatura para alí serem devidamente estudadas:

«A Commissão nomeada para a execução da medalha, que a Acade- »mia Real das Sciencias determinou fazer cunhar, tendo ponderado com »a circunspeição, que entende merecer o objecto, que lhe foi incumbido; »na difficuldade, e confuzão em que foi posta por alguns dos projectos »novamente apresentados, que pretendem revogar aquelles artigos do »Parecer da Commissão, já approvados, e determinados pela Academia, »faltando desta maneira, os fundamentos certos, e invariaveis que são »indispensaveis para assentar ajustada deliberação; na impossebelidade »tambem de combinar alguns variados pareceres, não só da Commissão, »mas ate de seus autores, que discrepão do que já votárão: Pareceu á »Commissão, que devia levar ao conhecimento da Academia todos os »projectos, que lhe forão remettidos, em numero de sete, assim como os »que tinha a commissão, feitos pelos seus Membros, para a Academia, »ou em sessão extraordinaria, ou commettendo este negocio á classe de »Litteratura a quem compete, escolher entre todos os differentes projectos, »aquelle que julgar melhor.

»Casas da Academia em 20 de Dezembro de 1828. = *José Maria Dan- »tas Pereira. Joaquim José Ferreira Gordo. Francisco Ribeiro Dosgui- »marães. Francisco Elias Roiz da Silv.*[ra]. *Alexandre Antonio Vandelli*».

Na mesma sessão, de 8 de Janeiro de 1829, resolveu ainda mais o *Conselho* convidar os socios João Pedro Ribeiro e Bispo do Porto, a darem a sua opinião ácerca dos projectos para a medalha, ao que êles se prontificáram, como consta das seguintes cartas (1):

«(Copia) Ill.[mo] Sr. — Porto, 29 de Janeiro 1829. — Recebi a de V. S.[a], »e para mostrar quanto prezava a honra que recebia da Nossa Academia »não demorei hum instante em procurar o meu Prelado. — Conferimos, »depois de ter visto os diversos projectos remettidos, conviemos «1.º que »nas medalhas, ainda mais que nas Inscripções, as Legendas devem ser »brevissimas, suprindo o Typo o que nellas falta. 2.º que se devem não »confundir com as moedas, e por isso tem mais lugar o Busto de meio »corpo, que só a cabeça, e que a Legenda não deve ser a mesma, que a »da moeda, e a tê-la, nunca *Luzitaniae* que não exprime o que he Por- »tugal. || 3.º que o unico escudo que tenha a Figura da Academia, com »as armas Portuguezas dezigne bem a Academia de Lisboa, e são Michaele

(1) A de João Pedro Ribeiro foi lida em sessão de 5 de Fevereiro de 1829.

Medalha que a Academia Real das Sciencias mandou cunhar para perpetuar a memoria da sublime honorificencia, que **EL-REI NOSSO SENHOR** *lhe fizera Dignando-se continuar a sua* **PRESIDENCIA**, *que tinha assumido sendo ainda Infante, não obstante a Sua Exaltação ão Throno*



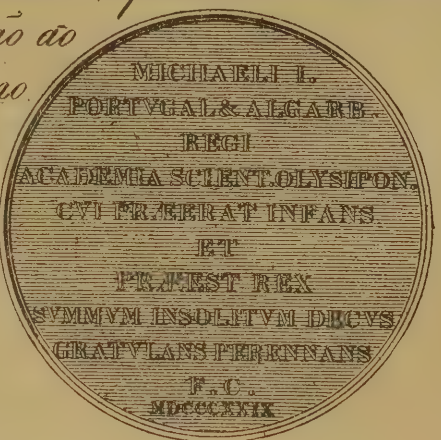


Fig. n.º 7

»I, ou no exergo do reverso, ou na circunscripção do mesmo basta a de»clarar quem he Protector, e Prezidente a q̃. se dedica. 3.º (que devia ser »4.º) = que o Munificentiss. indica as Graças : quaes ellas forão ficão para »a Historia da Academia. Debaixo d'estes principios ficou incumbido o »Prelado de propor o nosso unanime vóto, sobre o qual a Academia tomará »o seu accordo.

»Agradeço a acceitação do suplemento á Sinopse, e espero breve»mente remetter a 2.ª parte do tomo 3.º das minhas Dissertações Chro»nologicas para ficar completo. = De V. S.ª Obrig.mo Servo, *João Pedro »Ribeiro*».

«Recebi, e fiz, como devia, o mais distincto apreço da benigna atten»ção, com que a Academia Real das Sciencias se dignou attender-me ; »dando-me lugar para que entre os demais socios proponha tambem hum »arbitrio sobre a perfeição da medalha, que vai a cunhar-se. Mas Ill.mo »Snr. á vista dos modêlos traçados já, que eu tanto admirei, e que muito »acreditão aos seus Autores, nada resta em que possa occupar-me, e »qualquer que fosse o meu parecer, precizamente deveria ser inferior aos »que vi, quasi identicos na substancia, e ainda mais o serião se alguns »nas Legendas não fossem tanto alem do abreviado estilo numismatico. »Entretanto por acrescentar o numero, e afim de evitar a nota de me ha»ver illegitimamente escusado, fiz tambem escrever o Apontamento in»cluso, e que na combinação com os outros nunca elle lhe poderia mere»cer a preferencia. Por isso he da minha obrigação o combinar exacta»mente com a deliberação, tomada em conferencia por Homens Sàbios, »que muito acreditão a Nação Portugueza, com esta vai o parecer, e a »norma, que offerece o Snr. Conselheiro João Pedro Ribeiro. Estimaria »obter huma das medalhas, e quando se conheça qual seja a importancia »da prata competente a cada huma, V. S.ª me obrigaria com especial fa»vor, dando-me d'isso parte, afim de satisfazer, logo, nesse ponto, ao que »me for relativo. Queira V. S.ª acceitar a sincera protestação do meu »reconhecimento pelas suas obsequiosas expressões para comigo, ainda »que muito acima do meu tenue merecimento. — Deos Guarde a V. S.ª »Ill.mo Snr. Manoel Jozé Maria da Costa e Sá = De V. S.ª Attento Vene»rador e obrigado Servo, *João* Bispo do Porto.

»Porto 1.º de Fevereiro de 1829.»

Do Cardial Patriarca tambêm a Academia recebeu a seguinte carta referente à medalha:

«Illmo e Exmo Snr.

»Tenho a honra de pôr na mão de V. Ex.ª o papel incluzo com huma »Legenda p.ª o reverso da Medalha, de q. se tratou na Academia, p.ª q. »V. Ex.ª, se assim lhe parecer, se digne mandar juntala, como remettida »por hum socio, ás mais, q. outros senhores hão de aprezentar, afim de »q. a Academia escolha, a q. lhe parecer milhor. Sou com a maior sa»tisfação, e com a mais distincta consideração — De V. Ex.ª Am.º m.^{to} »affect.º e respeitoso servo.— Illmo e Exmo Snr. Marquez de Borba. = *P.* »*Cardeal Patriarcha.* Junqueira 19 de Dezbr.º de 1828».

O *Conselho*, em 5 de Março de 1829, tomando conhecimento dos dois novos projectos, o de João Pedro Ribeiro e o do Bispo do Porto, resolveu envial-os tambêm ao director da classe de literatura, Francisco Ribeiro Dosguimarães, para que este, coadjuvado pelo socio Fr. Mateus de Assunção, realizasse o seguinte trabalho: reduzir estes dois novos projectos a um só, e de todos os outros extraír o que fosse conveniente, para serem reduzidos a dois, de modo que na sessão seguinte fossem apresentados tres, dentre os quais seria escolhido um. Em sessão de 14 de Março de 1829 «decidiu-se que fosse o projecto n.º 2, rubricado pelo »Exmo Sr. Vice-Presidente, o que servisse para a formação da Medalha», e encarregou-se o Guarda-mór, Alexandre Antonio Vandelli, de por êle mandar executar a medalha pelo artista mais habil para o seu perfeito desempenho.

Para melhor se poder orientar na escolha dos projectos, em vista dos confusos e contraditórios elementos de que dispunha, o director da classe de literatura (ou o seu ajudante), traçou dois circulos, correspondentes ás duas faces da medalha, em varios pedaços de papel, numerou-os e nêles indicou o tipo que a medalha deveria ter, segundo os pareceres, combinados ou isolados dos socios. Alguns dêstes documentos estão, tambêm, na Bibliotéca da Academia, encorporados no já referido maço de papeis referentes à medalha, tendo um dêles, o n.º 1 a seguinte nota: «Este Projecto (que he o resultado dos dos S.^{res} Bispo do Porto e João Pedro »Ribeiro) apresenta a Academia separada da Presença e Figura de S. »Mag.^{e} o que não aparece a proposito, tratando se de exprimir que »S. Mag.^{e} he Presidente ou Cabeça do Corpo Academico». Por este documento se póde pois saber que o tipo da medalha, segundo a opinião daquêles dois homens ilustres, deveria ser assim: Ao centro, o busto de D. Miguel. No arco superior da orla, a legenda: *Michael I Portug: et*

Algarb: Rex Augustissimus. No exergo, a data: MDCCCXXIX. ℞ — Ao centro, a figura da Academia. No arco superior da orla, a legenda: *Patrono Suo ac Præsidi Munificentissimo.* No exergo, em quatro linhas: *Academia Scient: Olysipon:* || *Aeternæ observantiæ* || *Monumentum* || *O. D. C.*

No cumprimento da missão de que fora encarregado, o Guarda-mór, Alexandre Antonio Vandelli, dirigiu-se ao escultor Francisco de Assis Rodrigues, e ao gravador francês, então residente em Lisboa, Jean Joseph Dubois, incumbindo-os de executarem o projecto definitivo e a gravura dos cunhos para a medalha, segundo as indicações aprovadas pela Academia. Depreende-se da carta que se segue, que as negociações com Dubois foram a principio tratadas por intermedio do livreiro Bertrand:

«Illmo Sr. Alexandre Ant.^o^ Vandelli.

»Mr Dubois não se quer responsabilisar pela tiragem de nenhuma Me»dalha mais, alem da q. deve apresentar com o cunho; mas diz q. fará »o trabalho por menos cinco moedas, isto he, q. o fará por cento e ses»senta oito mil reis em metal, pagos por tres vezes; a saber 56$000 rs. »logo q. o ajuste se dê por feito; outros 56$000 q.^do^ a obra esteja meia »acabada; e os ult.^os^ 56$000 ao apresentá-la elle concluida. — Esta hé a »ult.^a^ palavra de Mr Dubois.

»Agradando estas condições a V. S. dar-se-há aviso a Mr Dubois, que »lhe vá fallar para definitivam.^te^ concluirem este ajuste; no qual não pode, »nem se deve entremetter, por nada entender d'elle, o

»S/c. 30 de Março de 1829. = De V. S. M.^to^ Att.^e^ e certo V.^el^ = *J. J.* »*Bertrand.*»

Em 25 de Maio de 1829, assinou Dubois a seguinte declaração:

«Declaro eu abaixo assignado João José Dubois ter ajustado com o »Snr. Guarda Mor dos Estabelecimentos da Academia R. das Sciencias »de Lisboa, abrir os cunhos para a medalha que a mesma R. Academia »manda fazer pela descripção, que me foi dada, pela quantia de duzentos »e quarenta mil réis em metal, visto que esta obra obriga ao sobredito »Dubois mudar o destino, a que seus interesses o obrigavão, assim como »porque se obriga a dirigir depois, o cunho das medalhas, e a dar o risco »de concerto e mudança de que necessita o Balancé do Arsenal R. do »Exercito para poder servir para nelle se cunharem as ditas medalhas: »com as condições seguintes: 1.º de se me pagar a referida quantia em »tres pagamentos, a saber: huma terça parte, isto he, 80$000 rs. no prin-

»cipio da obra, outros 80$000 rs. no meio da obra, e os ultimos 80$000 »reis quando concluir a abertura dos cunhos, e os entregar com huma me- »dalha cunhada, 2.ª que me obrigo a principiar já a dita obra, e a dala »no prazo de tres mezes, se não occorrer motivo extraordinario, que me »embarace a exceder este prazo:

»E para certeza do dito ajuste, ao que me obrigo a cumprir, mandei »fazer o presente que assigno, e huma copia delle, assignado tambem »pelo sobredito Sr. Guarda Mor para minha clareza, e lembrança.

»Lisboa 25 de Maio de 1829. = *Jean Joseph Dubois.*»

Na sessão de 2 de Julho de 1829, apareceram um desenho e um modelo da medalha, que foram entregues a uma comissão, à qual se deram plenos poderes para nêles mandar fazer as alterações que julgasse convenientes, devendo para isso entender-se com o abridor. Pensava-se já então na entrega da medalha a D. Miguel e, por isso, resolveu-se que, para se tratar desse assunto, houvesse nova reunião, na primeira quinta feira do mês seguinte, Agosto, pelas oito horas da manhã. Por fim, encarregou-se o vice-secretario de dirigir um oficio ao Ministro da Guerra, para se pedir a este que autorizasse a cunhagem da medalha no *balancé* do Arsenal do Exercito, pedido que foi satisfeito, como consta da acta da sessão do Conselho de 1 de Outubro de 1829 [1].

Parece, porêm, que nem os artistas, nem a comissão encarregada de fiscalisar o trabalho dêles, se desempenharam dos seus encargos a contento dos academicos, pois que, na sessão que se realizou no dia 6 de Agosto de 1829, «na hora extraordinaria», 8 da manhã, o Conselho, em vista do projecto que lhe foi apresentado, tomou as seguintes importantes deliberações:

«1.º, que a posição de S. Mag.e fosse á direita dos Espectadores; 2.º, que »o traje fosse o moderno actual; 3.º, que o sceptro estivesse na mão di- »reita; 4.º, que a mão esquerda esteja apontando para os emblemas da »Academia; 5.º, que estes se colloquem á frente no pavimento em que »está a figura d'Academia; 6.º, que a figura d'Academia não tenha ferro »e lança que se lhe assigna, sendo a sua attitude mais reverente; 7.º, que »se imitta o caracteristico do diploma [2]; 8.º, que a cadeira fosse d'espal- »dar e houvesse o apparecimento de parte do cortinado do Throno».

[1] Na acta diz se, por engano, *Arsenal da Marinha*, em vez de *Arsenal do Exercito*, pois que era nêste ultimo que havia balancés.

[2] Isto é, que o Decreto de 31 de Julho de 1828, que concedeu aos academicos a honra de entrarem na Sala do docel, ficasse *imitado* ou *representado* na medalha, por meio de um papel com a competente data inscrita.

Com respeito à entrega da medalha, que era o principal assunto que havia a tratar nesta sessão, resolveu-se encarregar o vice-presidente de saber qual era a vontade de D. Miguel a esse respeito.

Na sessão de 1 de Outubro de 1829 apresentou o gravador um novo projecto, certamente modificado, mais ou menos de harmonia com as célebres resoluções anteriormente tomadas pelos académicos, a respeito do qual se decidiu que êle devia «ser conforme ao que foi deter»minado na sessão de 6 de Agosto deste anno, rectificando se pelo dese»nho entregue ao mesmo abridor para que o escultor Assis se deverá »entender com elle».

Foi, certamente, esta resolução que motivou a seguinte carta do gravador Dubois, a qual tem em cima um desenho-projecto para o anverso da medalha, que a seguir também reproduzimos([1]):



«Illmo Senr.^e Vandelli.—V. S.^a me diz, que me argúem, de não ter eu »feito a Medalha conforme V. S.^a m'a encomendou, por não estar con»forme o desenho, e de cuja encomenda as nossas convenções estão por »escripto: ao que respondo; que ella está conforme quanto ao seu todo, »e que só em dois ou tres pequenos accessorios, he que o não está. Se »eu tomei sôbre mim o fazer-lhe essas mudanças, eu vou dar as razões »d'ellas, commeçando por dizer, que, se estas razões não prevalescem, »eu ainda posso fazer-lhe as mudanças necessarias, para ficar conforme »ao desenho.

»V. S.^a diz que reprovão, o estar a Minerva com a cabêça levantada, »devendo-a ter abaixada; mas não he assim que ella está no desenho; n'elle »ella tem a cabêça levantada, e absolutamente na mesma posição da que

([1]) A carta está assinada por Dubois, mas parece ter sido escrita por outra pessoa.

»está na Medalha; a differença que ha, he que n'esta ultima, a mão em »que tem o decreto, não está appoyada sôbre o Escudo das Armas, por »que achei, que no desenho, huma mão indicáva huma acção já passada, »e a outra huma acção presente, alem do que deve se sempre evitar o »embaraçar demasiadamente as mãos de huma figura que representa »huma Deosa.

»Eu encostei-lhe o Sceptro ao hombro, porque achei que no desenho, »estando pôsto isoladamente, não mostrava huma postura natural, e pare- »cia querer batter n'alguem.

»Eu lhe puz a Capa mais para traz, para lhe deixar vêr mais o corpo e »tornar a figura do Rei mais esbelta, assim como para deixar vêr melhór as »condecorações, o collar do Véllo-de-Ouro, e o grande cordão das Ordens. »Aqui, eu observo, que estes detalhes pouco se vêem n'huma próva em »gêsso, e que elles devem vêr-se melhor n'huma próva de metal. Eu »observo mais que esta Medalha não está acabada, e que lhe falta ainda »muitos dias de trabalho; a gravúra d'este genero requer estar acabada »para sêr julgada.—Tambem lhe não fiz a almofada debaixo dos pés do »Rei, assim como as cortinas a traz; porque a complicação dos accesso- »rios não convem á severidade do estilo adoptada na Sciencia nomismoto- »graphica. Porem eu reitéro a V. S.ª que eu me conformarei em fazer as »mudanças conforme ao desenho, se assim o exigem. Eu tinha bem pre- »visto que, figuras assim postas no circulo de huma Medalha, produziria »hum effeito pouco lizongeiro; já pela occasião de hum outro desenho, »em que fiz as observações que julguei dever fazer, e em consequencia »do que fiz outro desenho, que eu trago aqui incluso, (vid. figura retro) »e que foi adoptado pelo Senr.ᵉ Frei Matheus Brandão, que conformente »á declaração de V. S.ª se tinha encarregado de fazer executar a dita »Medalha. Depois desta adopção da sua parte, eu puz mãos á obra, pela »segunda emprêza, e mais de quinze dias depois, eu tive a honra de »receber huma carta d'elle, contendo hum nôvo desenho, dando-me parte, »que tinha sido o resultado de huma decisão tomada pela Academia, acres- »centando que a Academia estáva dispósta a indemnisar-me do trabalho »já feito, elle me acrescentou que hera essencialmente necessario, que »houvessem Medalhas cunhadas, para a Sessão que devia ter lugar em »15 de Outubro. Contando sôbre a fé d'estas promessas, e tendo hum »dobrado motivo de contar com ellas visto que ellas emanávão de hum »corpo respeitavel; eu me esforcei, e puz todo o zêlo que me foi possivel, »para prehencher os meus ajustes.

»Eu perguntarei a V. S.ª se pela sua parte fez outro tanto para pre- »hencher os seus? Porque, pondo de parte o segundo pagamento que eu »pedi, e que ainda se não effectuou. Se V. S.ª cumprio da sua parte

»fazendo executar o concerto do Pendulo,—Balancier—segundo o que »tinha convindo V. S.ª; eu sabia que pelo meio deste socôrro, eu podia »procurar-me huma facilidade para a execução.

»Eu reclâmo de V. S.ª a honra de huma resposta, e sou com o devido »respeito, de V. S.ª, 10 octubro 1829 = *Dubois*».

Pelo que temos dito se vê que, em consequencia das diversas alterações ordenadas pela Academia, deviam ter sido bastantes os desenhos que, tanto o escultor Assis como o gravador Dubois, foram obrigados a executar.

Alguns dêles, talvez os primeiros, são hoje conhecidos, por terem sido publicados pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha, antigo e ilustre Director da Bibliotéca Nacional, no *Boletim das Bibliotécas e Arquivos Nacionais*, 5.º ano, p. 129 e sgs., juntamente com um interessante artigo intitulado: *A Medalha Miguelina da Academia Real das Sciencias de Lisboa* (1).

O Sr. Dr. Xavier da Cunha, tendo em tempos adquirido esses desenhos na loja do antigo alfarrabista João Pereira da Silva, o *Frade*, ofereceu-os depois á Bibliotéca Nacional, onde actualmente se conservam, metidos num caixilho.

Devidamente autorizados pelo Sr. Dr. Xavier da Cunha, fizémos reproduzir nas *figuras* n.ºs 8, 9 e 10 as estampas que dos referidos desenhos veem publicadas no seu citado trabalho.

O primeiro desenho, *figura* n.º 8, está assinado por: *Assis inv.* e tem por baixo a seguinte nota: «*N'este esboço, se representa El Rei N Snr* »*coroado de louro, e vestido á Romana, por ser a vestimenta mais heroica,* »*e geralm.te adoptada; cedendo nestes casos o anachronismo em obsequio* »*da arte. A Academia, com a mão direita apresenta ao Soberano, em os* »*symbolos indicados, o fructo de seus trabalhos, para os quaes S Mag.de* »*inclina suavem.te a mão com o sceptro em signal da sua Presidencia e* »*Inspecção. Tendo a mão esquerda no peito exprime a Academia com toda* »*av eneração e affecto o Gratulans Perennans, q se-lê no reverso. Esta acti-* »*tude do Soberano e da Academia parece corresponder á letra da Ins-* »*cripção latina, assim como á nota q. a acompanha — Advertindo porem q* »*o rosto de S. Mag.de não está parecido, porque este desenho apresenta* »*somente em esboço o espirito da Invenção segundo o que se recom-* »*menda &c.*».

O 2.º desenho, *figura* n.º 9, está, tambêm, assinado por *Assis inv.*

---

(1) A execução deste trabalho foi sugerida pelo nosso estudo sobre as *Medalhas de D. Miguel*.

O 3.º, *figura* n.º 10, está apenas esboçado nas suas linhas gerais, e tem por baixo a assinatura: *Dubois inv.*

A nenhum destes tres projectos se podem aplicar, senão em parte, as célebres resoluções tomadas pela Academia em sessão de 6 de Agosto de 1829, o que leva a crer que alêm destes, se fizeram vários outros.

Nas actas das sessões: de 29 de Julho, de 5 de Agosto e de 7 de Outubro de 1830, encontram-se leves referencias à medalha, constando da última que na respectiva sessão, o Guarda-mor apresentou dois exemplares da medalha, um de cobre, outro de prata, e participou que já existiam 38 cunhados.

Na sessão do Conselho de 9 de Junho de 1831, aprovaram-se as seguintes contas:

	Metal
«Ao Abridor Dubois por fazer os cunhos (Docum.tos N.º 1, 2, 3, e 4).	240$000
»A chapa de ouro que se mandou fazer á Casa da Moeda, pezou »4 onças, e 12 grãos, mas deo-se huma onça, e 52 gr. de ouro »que havia no Cofre da Academia, comprarão-se 2 onças, 7 »oitavas, e 32 gr., que com a despeza feita na Casa da Moeda »importou (Docum. N.º 5).............................	44$600
»Mandou-se para o Arsenal Real do Exercito alem de 7 onças, »4 oitavas, e 36 gr. de prata, mais em dinheiro (Docum. N.º 6, »7, e 8) 24$000; porêm sobejou que remettêrão 350 rs., veio- »se a despender......................................	23$650
»Importancia de 5 Caixas de veludo para as 3 Medalhas para Sua »Magestade, e 2 para suas Altezas, por não serem decentes »as 5 que se fizerão no Arsenal (Docum. N.º 9)..........	9$600
»Mais huma caixa que se mandou fazer.....................	$200
»Importa em trezentos e dezoito mil e cincoenta réis	318$050

»O Guarda Mor, *Alexandre Antonio Vandelli*».

Juntamente com as contas estão os documentos justificativos entre os quais se encontram os recibos de Dubois, que são tres da importancia de 80$000 réis cada um, havendo um duplicado.

A'cerca destas contas deu a comissão encarregada de as rever, o seguinte parecer:

«Em cumprimento da Ordem desta Real Academia examinámos a »conta da despeza de trezentos e dezoito mil e cincoenta réis, feita pelo »Snr. Guarda Mor com a medalha de S. Mag.e, que a Academia mandou



N'este esboço, se representa El Rei N. Snr. coroado de louro, e vestido
á Romana, por ser a vestimenta mais heroica, e geralm.te adoptada; ceden-
do nestes casos o anachronismo em obsequio da arte. A Academia
com a mão direita apresenta ao Soberano, em os symbolos indicados,
os fructos de seus trabalhos, para os quaes S. Mag.de inclina suavem.te
a mão com o sceptro em signal da sua Presidencia e Inspecção.
Tendo a mão esquerda no peito exprime a Academia com toda
a veneração e affecto o Gratulans Perennans, q̃ se-lê no reverso.
Esta attitude do Soberano e da Academia parece corresponder á
letra da Inscripção latina, assimcomo á nota q. a acompanha —
Advertindo porem q̃ o rosto de S. Mag.de não está parecido, por
que este desenho apresenta somente em esboço o espirito da
Invenção segundo o que se recommenda.

Fig. n.º 8

Fig. n.º 9





Fig. n.º 10

»cunhar; e achámos as parcellas da dita conta conformes com os recibos, »a que se referem: e portanto nos parece que se deve abonar ao Sr. Guarda »Mor a mencionada despeza de trezentos e dezoito mil e cincoenta reis. Lx.ª »18 de Maio de 1831. Approvado em Sessão do Conselho de 9 de Junho »de 1831. = *José Cordeiro Feyo. Antonio Diniz do Couto Valente. Fr. Ma- »theus da Assumpção Brandão. Manoel José Pires. Mario Miguel Fran- »zini. Francisco Elias Roiz da Silveira*».

Alêm destes, ha ainda no mesmo maço vários outros documentos, de importancia secundaria, tais como: cartas do Marquês de Borba, de Dubois, etc., que julgamos inutil publicar. De alguns deles extraímos, contudo, as seguintes informações: as medalhas que se destinavam á Familia Rial foram entregues, mediante recibo, por Vandelli ao P.e Fr. João da Rocha [1], em 26 de Julho de 1830, sendo este o portador délas para a Quinta do Bomjardim, perto de Belas, que pertencia ao Marquês de Borba, vice-presidente da Academia, parecendo que foi este quem as entregou a D. Miguel em Queluz, no dia 1 de Agosto de 1830. Essas medalhas eram cinco, sendo tres — uma de ouro, outra de prata e outra de cobre — para D. Miguel, e duas de prata para duas das Infantas.

As primeiras caixas que para élas se fizeram, que eram cobertas de marroquim e forradas de setim, não agradaram ao Marquês e por isso fizeram-se outras forradas de veludo escarlate.

A chapa de ouro para a medalha destinada a D. Miguel foi preparada na Casa da Moeda, como consta do seguinte Aviso [2]:

«Avizo do Ministro e Secretario de Estado dos Negocios da Fazenda »ao Provedor desta Caza para se preparar huma chapa de Ouro p.ª se »cunhar hũa Medalha para uzo da Academia Real das Sciencias.

»El Rey Nosso Senhor He Servido Ordenar que na Real Caza da »Moeda se prepare huma chapa de Ouro do pezo de quatro onças pouco »mais ou menos, para se cunhar huma Medalha para uzo da Academia »Real das Sciencias, devendo V. M.ce para este fim entender-se com a pes- »soa que por parte da mesma Real Academia se lhe aprezentar, tanto »para fixar-se o diametro que deve ter a Medalha como para o pagamento »do seu valor e perparo, porquanto toda a despeza hade ser satisfeita »pelas do referido Estabelecimento. O que participo a V. M.ce para que »nesta conformidade se execute. Deos Guarde a V. M.ce Palacio de Salvaterra »de Magos 10 de Fevereiro de 1830 = Conde da Louzãa D. Diogo =

---

(1) Era o capelão do Marquês de Borba.

(2) Arquivo da Casa da Moeda, liv. XIV do *Registo Geral*, fl. 95 v.

»Snr. Antonio Joaquim Alpoim Serrão = Cumpra-se e Registe-se Lisboa »12 de Fevereiro de 1830 = Alpoim Serrão = Souza Baptista».

N.º 125 — 1833 — **Ded.da à Rainha D. Maria II.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida em cima e no exergo: D. MARIA II RAINHA — DE PORTUGAL. Cabeça da Rainha D. Maria II, com uma trança do cabelo enrolada no alto e com tres espessos caracois caídos sôbre a orelha. No exergo, por baixo do corte do busto, numa linha curva, a assinatura: BARRE.F.T 1833.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: GLORIA SALUS — PATRIA LIBERTAS. Armas Riais portuguesas, ornamentadas.

Æ. Diâmetro: 36 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 103.

N.º 126 — **Outro exemplar.**

Æ. dourado (ou latão?). M. b. c.

N.º 127 — **Outro exemplar.** Tem no alto uma saliência com oríficio, para servir de argola.

Æ. dourado (ou latão?). M. b. c.

Esta medalha foi cunhada na Casa da Moeda de Paris, onde apenas conseguimos averiguar a respeito déla: que o cunho ainda alí existe; que este tem o n.º 467 (1.ère série); que foi gravado por Barre (Jean Jacques); e que a cunhagem da primeira encomenda foi autorizada em 15 de Agosto de 1833 (1).

Não se sabe quem a mandou fazer. O numero de exemplares que se cunharam deve ter sido muito elevado, pois que ainda hoje êles aparecem abundantemente nos mercados. Nunca os vimos senão de cobre, e de estanho (ou de latão?), no entanto, sabe-se que também se fizeram de prata e de ouro, porque Lopes Fernandes, diz, a p. 95 da sua *ob. cit.* tel-os visto na colecção de Cesar Famin.

---

(1) Vid. no Arquivo da Casa da Moeda de Paris, o *Repertoire de coins et poinçons* — L — e o *Inventaire manuscrit des coins*, p. 45, s. v. *Maria*.

Estas medalhas, segundo cremos, destinaram se a servir de meio de propaganda política a favor de D. Maria II, tendo sido usadas ao peito pelos seus partidarios, como se depreende de algumas terem argola de suspensão. Não nos parece, porêm, que elas chegassem a ser propriamente insignias ou distintivos de partido, nem medalhas de recompensa por serviços políticos, como foram, no tempo de D. Miguel, as medalhas da *Rial Efigie;* por isso as incluimos nesta secção.

Estas medalhas foram feitas quando a Rainha D. Maria II estava em Paris, aguardando a solução do conflito travado em Portugal entre os seus partidarios e os de D. Miguel, e parece que vieram para o Reino quasi ao mesmo tempo que a Rainha, pois que esta chegou a Lisboa a 22 de Setembro de 1833 e a autorização para a cunhagem daquelas foi dada, como vimos, a 15 de Agosto antecedente.

Os cunhos apesar de estarem na Casa da Moeda de Paris, não figuraram nos respectivos catalogos (1), por serem considerados como propriedade particular. Nestas mesmas condições existiam alí muitos outros, antigos, e como os respectivos donos eram desconhecidos, resolveu o Govêrno francês, ha poucos anos, declarar na fôlha oficial que dêles se apoderaria, se dentro de determinado praso, ninguem aparecesse a reclama-los. Não constando que alguem alegasse os seus direitos aos cunhos da nossa medalha, devem estes pertencer hoje ao Estado francês.

N.º 128 — 1833 — **Ded.da a El-Rei D. Pedro IV**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: PETRUS·IV·P REX — BRASILIÆ·IMPER. Cabeça de D. Pedro IV, voltada à esquerda, com barba espessa e comprida, e coroa de louro, que se prende, junto da nuca, com uma fita enlaçada, a qual tem uma das pontas caídas sôbre o pescoço. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: GONZ(A)G(A) F.

℞. — Dentro de uma coroa, feita com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, separados em cima e ligados em baixo com um laço, a seguinte inscrição em sete linhas horizontais: A ‖ DOM PEDRO ‖ LIBERTADOR ‖ DA LUSITANIA ‖ NA RESTAURAÇÃO ‖ DE ‖ MDCCCXXXIII.

AR. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c.

(1) *Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire* (vid. a advertencia preliminar); e *Médailles en vente à la Monnaie de Paris.*

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 105.

N.º 129 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

Na palavra *Brasiliae* da legenda do anverso, o R está mal impresso, de modo que parece um h (minúsculo) e no final da mesma palavra nota-se uma imperfeição do cunho. Na assinatura, *Gonzaga*, não ficaram impressos os AA.

Esta medalha foi feita pelo gravador Luis Gonzaga Pereira, provavelmente, por especulação mercantil.

Ha uma variante da qual não conhecemos senão um único exemplar, que faz parte da colecção da Bibliotéca Nacional de Lisboa (vid. a *Lista das medalhas portuguesas... existentes no Gabinete Numismatico da Bibliotéca Nacional*, publicada pelo nosso amigo, o dr. José Leite de Vasconcelos, no *Arqueologo Português*, vol. XVII, p. 63-71, n.º 35).

N.º 130 — 1837 — Com.va do nascimento de El-Rei D. Pedro V. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, a legenda: BENIGNI · NUMINIS ‖ ASTRUM. Do lado direito, por baixo do friso que separa o exergo, a assinatura: FREIRE · F. Do lado direito está colocada a *Lusitania*, personificada numa mulher vestida com leves roupagens, e manto, com uma lança e um escudo das Armas Riais junto de si, descalça e com capacete, a qual contempla a legenda: REFULSIT SOL, que se lê no arco superior da orla, um pouco à esquerda, e estende os braços para um anjinho, nú e aládo, que na frente déla se apresenta de pé, a segurar, com a mão direita, um raminho de oliveira e uma ancora, que está pousada no chão. Aos pés do anjinho está caída uma cornucopia a despejar dinheiro. (A ancora, o ramo de oliveira e a cornucopia, simbolizam respectivamente: A *Esperança*, a *Paz* e a *Abundancia)*. No segundo plano vê-se o mar e ao fundo, por detrás de umas montanhas, aparece o sol, a emitir intensos raios luminosos, no qual está gravada a letra P. (Pedro), encimada por uma coroa Rial.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em cima: PETRUS · PRINC. MARIAE . II . ET . FERDIN . II . PORTUG . REG . AUGG . FILIUS . NASCITUR . DIE . XVI . SEPT . M . DCCCXXXVII. No alto, entre as extremidades da legenda, ha uma estrelinha. Ao centro, no meio de uma coroa

formada com dois ramos, um de rosas, outro de carvalho, quasi unidos em cima e ligados em baixo com um laço, a inscrição, em quatro linhas horizontais: REGIA·PROLE. || SUSCEPTA·AD || FIRMIOREM·LUSIT. || IMP·STABILIT.

AR. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Descrição das Moedas*, II, p. 209 (estampa).

N.º 131 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Supomos que esta medalha foi feita por iniciativa do proprio autor, o gravador Francisco de Borja Freire.

*

No dia 16 de Setembro de 1837, pelas onze horas e meia da noite, uma salva de cento e um tiros dada no Castelo de S. Jorge, e repetida pelos navios de guerra, anunciou ao povo de Lisboa que a Rainha D. Maria II acabava de dar à luz o Principe herdeiro da coroa de Portugal (1).

Ainda as salvas não tinham terminado, já a cidade estava em grande parte iluminada em sinal de regosijo por este feliz acontecimento, tão desejado e tão ansiosamente esperado pela Nação.

Em seguida lavrou-se o competente auto, que foi assinado na antecamara Rial, pelos Ministros de Estado, Presidentes das Camaras: dos Pares, dos Deputados e Municipal, membros do Corpo Diplomatico, Oficiais móres da Casa Rial, Damas da Rainha, autoridades civis e militares e por muitas pessoas de distinção que alí compareceram. No dia seguinte, que foi Domingo, houve extraordinarias manifestações de regosijo, pelo bom sucesso da Rainha, não se tendo, porêm, realizado as iluminações projectadas, devido à força do vento.

El-Rei D. Fernando, que ficou desde então com direito a usar o titulo de Rei, conforme se dispunha no seu contracto matrimonial, foi muito felicitado por todas as pessoas que, sem distinção de classes, foram admitidas à sua presença (2).

---

(1) *Suplemento*, datado de 17 de Setembro de 1837, ao *Diario do Governo* n.º 219 de 16 de Setembro do mesmo ano.

(2) *Diario do Governo* n.º 221, de 19 de Setembro de 1837, e n.º 222, de 20 do mesmo mês.

O batisado do Principe Rial, realizou se solénemente em 1 de Outubro pelas 3 horas da tarde, na Capela do Palacio das Necessidades [1], cantando-se em seguida o *Te-Deum* que D. Pedro IV havia composto para ser cantado em acção de graças pelo nascimento da Rainha D. Maria II. Ao futuro Rei de Portugal foram dados os seguintes nomes: *Pedro* de Alcantara Maria Fernando Miguel Rafael Gonzaga Xavier João Antonio Leopoldo Victor Francisco de Assis Julio Amelio.

N.º 132 — 1838 — Ded.ᵈᵃ à memória de José Bonifacio de Andrada e Silva. No arco superior da orla, a legenda: JOZE BONIFACIO DE ANDRADA E SILVA. Busto deste personagem, voltado à esquerda, com o cabelo comprido e penteado para baixo, e vestido de sobrecasaca em cuja lapela se suspende uma condecoração. No exergo, que não está separado por friso, junto do córte do braço, a assinatura: Z. FERREZ

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: NASCEO EM SANTOS A 13 DE JUNHO 1763 FALLECEO NO RIO DE JANEIRO A 6 DE ABRIL 1838. Em baixo, entre as extremidades da legenda, ha duas folhinhas unidas. Ao centro, no meio de uma coroa formada com dois ramos de plantas da flóra brasileira, separados em cima por uma estrela de cinco raios, e ligados em baixo por um laço, que parece uma borboleta, a inscrição, em cinco linhas horizontais: INDEPENDENCIA || DO || BRAZIL || 7 DE SEPTEMBRO || DE 1822.

Æ. Diâmetro: 46 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Meili: *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen*, n.º 4 (estampa); Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas brasileiras*, n.º 22 (estampa).

*

José Bonifacio de Andrada e Silva, nasceu na vila, depois cidade de Santos, na Provincia de S. Paulo, no Brasil, em 13 de Junho de 1763. Em 1780 veio para a metrópole, para seguir os cursos de Direito e de Filosofia na Universidade de Coimbra.

Ao terminar estes cursos, devido à protecção do Duque de Lafões, foi

[1] *Ibidem*, n.ᵒˢ 230 de 29 de Setembro, e 233 de 3 de Outubro. Vid. tambem: F. J. Pinto Coelho: *Contemporaneos Ilustres*, II, D. Fernando, ps. 42 e segs.

eleito socio da Academia Rial das Sciencias e obteve uma pensão do Governo para ir ao estrangeiro em viagem de estudo. Tendo voltado para o Reino, em 1800, foi nomeado lente da cadeira de metalurgia, na Universidade de Coimbra, a qual ainda regia quando os franceses invadiram a Peninsula. No batalhão academico, que então se organizou, teve sucessivamente os postos de Major, Tenente-coronel e, por fim Coronel. Em 1819 regressou ao Brasil, onde algum tempo depois de alí chegar começou a trabalhar activamente para a independencia da sua Patria, o que se levou a efeito em 7 de Setembro de 1822. No ano seguinte, porêm, foi expulso do seu país, por questões politicas, indo viver para Bordeus. Em 1829 poude voltar para o Brasil, vindo a falecer no Rio de Janeiro, no dia 6 de Abril de 1838.

Os seus compatriótas chamavam-lhe o Patriarca da independencia e D. Pedro I, quando veio para Portugal, entregou-lhe a tutela de seus filhos [1], cargo de que foi violentamente destituido por um decreto do Governo brasileiro, em Dezembro de 1833 [2].

N.º 133 — 1851 — Ded.da à memória do Marechal Soult. Na orla, a legenda: MAL SOULT (do lado esquerdo) DUC DE DALMATIE (do lado direito). Busto de Soult, voltado à direita, com o cabelo comprido e com farda que tem a gola muito alta e bordada. Por baixo do córte do busto, a assinatura: CAQUÉ·F.

℞. — Dentro de uma coroa feita com um só ramo de carvalho, a seguinte inscrição, em onze linhas horizontais: NÉ EN 1769 || MORT EN 1851 || SOLDAT VOL.RE A SEIZE ANS || MARÉCHAL DE FRANCE A TRENTE CINQ || PROCLAMÉ PAR NAPOLÉON || LE P.ER MANOEUVRIER DE L'EUROPE || A AUSTERLITZ || D.ER VENGEUR A TOULOUSE || CONSERVATEUR DE LA DISCIPL || DANS LES TROUBLES POPUL.RES || 1832-1847.

No bordo tem gravado um punção, seguido da palavra: BRONZE.

BR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

---

(1) O decreto desta nomeação, que está redigido em termos muito honrosos para José Bonifacio, vem publicado na *Gazeta de Lisboa* de 22 de Junho de 1831, p. 589. E' datado de 6 de Abril de 1831.

(2) Para a biografia de José Bonifacio vid. por exemplo: J. M. Pereira da Silva: *Os varões illustres do Brasil durante os tempos coloniaes*, II, p. 249, sgs.; Inocencio: *Dicionario Bibliografico*, IV, p. 276; M. Pinheiro Chagas: *Portugueses Illustres*, p. 161.

Bibl.: Médailles Françaises dont les coins sont conservés au Musée Monétaire, p. 499, n.º 42 (descrição).

Esta medalha faz parte de uma série dedicada aos *franceses célebres*, que se compõe de 47 medalhas, e ainda hoje está à venda na Casa da Moeda de Paris, custando cada exemplar de bronze, 3 francos e de prata, 13,50 francos, como consta do catálogo: *Médailles en vente à la Monnaie de Paris*, p. 23, n.º 42.

Soult foi o comandante das tropas francesas que invadiram Portugal no ano de 1809.

N.º 134 — 1852 — **Com.ᵛᵃ da visita da Familia Rial ao Porto.** No exergo, que está separado por friso, em cinco linhas horizontais, a legenda: VISITA AO PORTO DE SS. MM. A RAINHA ‖ E ELREY, E DE SS. AA. O PRINCIPE ‖ REAL E O INFANTE DUQUE DO PORTO ‖ EM 29 DE ABRIL ‖ 1852. O *Porto*, personificado num guerreiro antigo, com capacete, lança e manto, com o escudo das suas armas no braço esquerdo, e a insignia da Ordem da Torre e Espada ao peito, de pé junto de uma muralha de pedra, ameada, que se ergue do lado direito, aperta a mão do Infante D. Luis, Duque do Porto, que na frente dêle se apresenta, acompanhado da Rainha D. Maria II, a qual tem à sua direita o Principe D. Pedro, a quem ela conduz pela mão à presença do guerreiro, e à sua esquerda El-Rei D. Fernando. Do lado esquerdo, está sentado no chão e com as pernas estendidas, um velho de barbas, personificação do *Rio Douro*, apenas coberto com um pano, coroado com ramos de videira, apoiado na competente urna, que derrama agua, e a segurar o leme, em cuja vara o Principe D. Pedro firma a mão direita. Estas duas ultimas figuras olham uma para a outra. A Rainha, o Rei e o Infante, olham para o guerreiro. O Rei e os Principes estão fardados, vendo se distintamente a espada de D. Pedro. A Rainha tem vestido decotado, diadema e banda a tiracolo. Ao fundo, do lado esquerdo, avista-se o forte da Serra do Pilar. No escudo que o guerreiro tem no braço, lê se a competente divisa: CIVITAS VIRGINIS. No rebordo tem serrilha.

℟. — Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: DEDICADA E OFFERECIDA A. S M. ELREI O SENHOR D. FERNANDO II. No exergo, que não

está separado por friso, em duas linhas curvas: POR SEU AUTHOR || MANOEL DE MORAES SILVA RAMOS. Escudos das armas: da Casa de Bragança e da de Saxonia-Coburgo-Gotha, colocados obliquamente, encimados pela coroa ducal e competente dragão das armas da Cidade do Porto, e ornamentados por baixo com dois ramos de carvalho, cujos pés estão ligados com um laço. No rebordo tem serrilha.

PB. Com a côr natural. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 112 (estampa); Aragão: *Histoire du Travail,* n.º 1452 (descrição de um exemplar de prata). Confr. com o n.º 1453 onde vem indicada uma variante; Alberto Bessa: *Nos alvores de um regimen,* artigo publicado em *O Tripeiro,* 3.º ano, n.º 107, p. 552 (estampa).

N.º 135 — Outro exemplar.

PB. enegrecido. M. b. c.

Esta medalha foi feita por iniciativa do gravador Manuel Morais Silva Ramos para comemorar a visita da Familia Rial à cidade do Porto. Entre os papeis de Lopes Fernandes vimos um autografo do gravador Augusto Fernando Gerard em que este diz que o autor da medalha veio expressamente a Lisboa para oferecer a El-Rei D. Fernando um exemplar de prata, bem como os proprios cunhos, os quais ficaram em poder de El-Rei, e que por essa ocasião o mesmo artista ofereceu, a diversas pessoas, exemplares de estanho. Só temos visto destes ultimos, uns com a cor natural, outros pintados de preto e envernizados.

Consta que, anos depois, o Dr. Teixeira de Aragão, mandou fazer mais exemplares, tambem de estanho, com autorização de El-Rei D. Luis, servindo-se para isso dos proprios cunhos originais.

*

Em 15 de Abril de 1852, a Rainha D. Maria II, El-Rei D. Fernando, o Principe Rial D. Pedro e o Infante D. Luis, Duque do Porto, saíram de Lisboa com o fim de fazerem uma digressão pelo norte do país. Foram de barco até Vila Franca e dalí seguiram para as Caldas da Rainha, Alcobaça, Leiria, Pombal, Condeixa, Coimbra, Buçaco e outras terras, sendo em todas elas recebidos com demonstrações de entusiasmo e carinho.

No dia 28 de Abril chegaram ao lugar da Abrigada, onde as autoridades do Porto os foram esperar, e nesse mesmo dia pernoitaram no sítio dos Carvalhos, não só para descançarem, como também para entrarem no Porto solénemente no dia seguinte, por ser o do aniversario da outorga da Carta Constitucional. A forma como a Familia Rial foi recebida no Porto consta da seguinte *comunicação* que o respectivo Governador Cívil enviou ao Ministro do Reino em 29 de Abril de 1852: «Suas »Magestades e Altezas, entraram nesta cidade hoje ás duas horas da tarde, »e foram recebidas com testimunho de geral satisfação, tanto pelos habi»tantes de Gaia, como de aqui, saudando e victoriando os Reaes Viajan»tes desde o Alto da Bandeira até mesmo á Lapa, e dalli até ao Real »Aposento. E' impossivel descrever-se a riqueza e brilho da recepção! Tudo »devido ás duas benemeritas Camaras, e a seus habitantes, sem que a »authoridade tivesse ingerencia nesta festividade, toda nacional, popular, »e monarchica constitucional (1)».

Durante o trajecto da Abrigada até aos Carvalhos e deste sitio até ao Porto, acompanharam os Regios viajantes, os Duques, de Saldanha e da Terceira, o General Pereira com o seu estado-maior, uma guarda de honra de cavalaria, autoridades civis e militares, e muito povo, que delirantemente aclamava os seus Soberanos. A Rainha seguia num trem descoberto com o Infante D. Luís; El-Rei D. Fernando e o Principe D. Pedro íam a cavalo. Pelo caminho os Principes conversaram com a gente do povo e distribuiram esmolas pelos pobres.

Feita a travessia do Douro, reorganizou-se o cortejo para acompanhar a Família Rial até à Igreja da Lapa, onde se celebrou um soléne *Te Deum*, e depois até ao Paço.

As ruas estavam vistosamente ornamentadas com festões, arcos de triunfo, bandeiras, colunas e obeliscos. Um dêstes últimos, que estava colocado na Rua Nova de S. João e que foi muito apreciado pela Rainha, representava as arvores genealógicas das Casas: de Bragança e de Gotha. Das janelas pendiam belas colgaduras de seda, as bandas tocavam alternadamente os hinos: da Carta e da Rainha, lançavam-se aos ares muitas girandolas de foguetes, erguiam-se *vivas* e repicavam os sinos. A' noite houve deslumbrantes iluminações e récita de gala no Rial Teatro de S. João, à qual não assistiram os Principes por necessitarem de repouso.

Nos dias seguintes dignaram-se os Soberanos visitar: a Associação Comercial, a Bolsa, a casa em que havia habitado Carlos Alberto, etc. e varias fábricas, entre elas a de fundição do Bicalho. Na noite de 30 assistiram a um baile promovido pela Assembleia Portuense. Para come-

(1) *Diário do Govêrno* de 30 de Abril de 1852.

morar a sua estada no Porto, a Rainha D. Maria II, distribuiu muitas esmolas e concedeu perdão de acto aos estudantes das escolas superiores.

No dia 5 de Maio a Família Rial partiu para Famalicão, e depois de ter visitado Barcelos, Braga, Guimarães, Viana e Santo Tirso, voltou ao Porto no dia 18, onde se demorou apenas quatro dias. A 2 de Junho seguinte, chegou a Lisboa (1).

N.º 136 — 1852 — Ded.da pelo Comércio do Sal, ao Ministro da Fazenda, A. M. de Fontes Pereira de Melo. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: AO MINISTRO DA FAZENDA — O COMMERCIO DO SAL; no exergo, que está limitado por um friso, junto dêste, do lado esquerdo, a assinatura: JOUVENEL (2). Figura de *Mercúrio* (símbolo do Comércio), com o corpo voltado a três quartos para a esquerda e a cabeça de frente, com ásas nos pés e na cabeça, e firmado num segmento do globo terrestre apenas com os dedos do pé esquerdo; está completamente nú e adornado com uma faixa, que passa por debaixo do braço esquerdo e por cima do ombro direito, a qual tem as pontas sôltas e movimentadas pelo vento; tem na mão direita a vara simbólica e com a outra mão segura pelo pé a perna esquerda, que está em flexão.

℞. — Na orla, que é um pouco saliente, e que está separada do centro por uma circunferência, as seguintes legendas: no arco superior: V DE AGOSTO DE M·D·CCC·LII., e no arco inferior: TESTEMUNHO DE GRATIDÃO. De cada lado ha um ornato. Ao centro, em três linhas horizontais, a seguinte inscrição, que tem um florão por cima e outro por baixo: A. (Antonio) M. (Maria) || DE FONTES PEREIRA || DE MELLO.

Æ. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Rara. Supomos que foi feita na Belgica.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 113 (estampa); Lamas: *Medalha dedicada pelo Comércio do Sal, ao Minis tro da Fazenda* (estampa)

A respeito desta medalha lê se em *A Revolução de Setembro*, de 17 de Maio de 1853, n.º 3336, a seguinte notícia, assinada por Antonio Rodrigues Sampaio:

---

(1) Vid. nos jornais da época os pormenores desta viagem.

(2) Adolphe Christian Jouvenel, gravador belga. Vid. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. *Jouvenel*.

«O commercio do sal agradecido. — O commercio do sal acaba de dar »ao sr. Fontes um testemunho de gratidão. Foram entregues hoje a S. ex.ª »tres medalhas, uma de bronze, outra de prata, e outra d'ouro, offerecidas »pelos commerciantes do Porto, Villa do Conde, Vianna e Caminha. Acom»panhou-as a seguinte representação:

»Illm.º e exm.º sr. — Os abaixo assignados, interessados na producção, »commercio e exportação do sal das marinhas do Sado veem hoje cum»prir um lisonjeiro dever vindo patentear a V. ex.ª os sentimentos da sua »sincera e profunda gratidão pelos beneficios que ao commercio do sal »immediatamente resultam da abolição da antiga roda, realisando no »commercio o regimen da livre concorrencia, e restaurando, pelo sabio »e providente decreto de 5 d'agosto, o liberrimo uso da propriedade, o »qual por tanto tempo fôra sacrificado aos mal entendidos interesses »fiscaes e á avidez da agiotagem e do monopolio.

»Os abaixo assignados desejando contribuir para que fique perpetuada »a memoria do acto legislativo que extinguiu a roda do sal, e querendo »ao mesmo tempo dar a V. ex.ª um testemunho do grande reconheci»mento que os anima esperam que V. ex.ª lhes fará a honra de acceitar »uma medalha que mandam (1) cunhar em honra do ministro que, luctando »contra preconceitos inveterados, soube ligar o seu nome á inauguração »das verdadeiras doutrinas economicas e prestar uma homenagem sincera »ao principio civilisador da liberdade do commercio.

»Oxalá que a gloriosa carreira que V. ex.ª tão auspiciosamente ence»tou na regeneração economica do paiz, na qual tem sido secundado »pelos votos e desejos de todos os portuguezes sensatos e imparciaes, »possa ser levada a cabo, tornando memoravel na historia o nome de »V. ex.ª, assignalando nos factos nacionaes uma época de prosperidade »e civilisação para o paiz. — Deos guarde a V. ex.ª por dilatados annos. »Porto, Caminha, Vianna, Villa do Conde, 1.º de setembro de 1852 — »Illm.º exm.º sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello. (Seguem-se »as assignaturas (2).

»As medalhas são todas do mesmo cunho. D'um lado tem o emblema »do commercio com esta legenda: *Ao ministro da fazenda o commercio »do sal.* Do outro lado tem na parte superior: *cinco d'agosto de 1852.* »No centro: *A. M. de Fontes Pereira de Mello.* Na parte inferior: *Teste»munho de gratidão.*

»Folgamos de ver esta demonstração dos nossos patricios do Minho. »O porto de Setubal é hoje um porto nacional, e não um porto de privi-

(1) Devia dizer-se: mandáram.

(2) Não veem publicadas no jornal donde extraímos esta noticia.

»legio. Se ainda alli ha teimosos, o seu interesse ha de leva-los á rasão, »e ha de mostrar-lhes que a liberdade val bem mais do que o monopolio. »A. R. Sampaio».

*

Em 20 de Novembro de 1851 o Ministro da Fazenda, Antonio Maria de Fontes Pereira de Melo, referendou um decreto que aprovou um novo regulamento da *roda*, repartição e exportação do sal das marinhas do Sado, que continha, entre outras, as seguintes disposições: o sal das marinhas do Sado que se exportasse em embarcações estrangeiras seria gradualmente fornecido a essas embarcações segundo a escala ou *roda* formada pelas mesmas marinhas (art. 1.º). Para que a repartição dêsse sal, segundo a *roda*, se fizesse com a maior fidelidade e escrúpulo e ao mesmo tempo em harmonia com as justas exigências do comércio, criar-se-hia na Vila de Setubal uma junta denominada: *Junta da rapartição do sal das marinhas do Sado* (art. 2.º), composta de sete membros: cinco proprietários, rendeiros ou administradores de marinhas, um dono de barcos de marinhas e um consignatário de embarcações estrangeiras (art. 5.º). Haveria tambêm um conselho com doze membros pertencentes às mesmas classes (art. 24.º), e uma assemblea geral composta de todos os interessados na venda do sal. Á associação de barqueiros, já existente, intitulada: *Corporação maritima do Corpo Santo da Vila de Setubal*, conferiram-se, tambêm, certas atribuições (arts: 30 e 85). Finda a colheita do sal em cada ano, os proprietários de marinhas, ou quem os representasse, deveriam manifestar, com a maior exactidão possivel, no escritório da *Junta*, a quantidade de sal, em moios, produzida pelas suas marinhas, devendo tambêm declarar se ele era grosso, redondo, fino, claro ou escuro (art. 41.º), para que a *Junta*, atendendo a estas declarações e ainda à circunstancia de as marinhas serem de águas vivas, mortas ou intermédias, pudesse fixar proporcionalmente a quantidade de sal que os proprietários, segundo a sua vez, deveriam vender aos consignatários ou capitães de navios estrangeiros, logo que estes a requisitassem (art. 45.º e outros). A esta distribuição se denominava *roda*, porque cada proprietário faria sucessivamente a venda do seu produto logo que os outros proprietários, segundo a escala, tivessem vendido o seu.

No 1.º de Outubro de cada ano a assemblea geral fixava o preço que o sal deveria ter durante o ano seguinte; mas só para o que se vendesse para a *bandeira estrangeira*, pois que para a *bandeira nacional* o comércio era livre (art. 40.º, § 1.º).

Os barcos que conduziam o sal para os navios estrangeiros tambêm

tinham a sua *roda* (art. 78.º), que era igualmente administrada pela *Junta da Repartição do Sal*. Segundo declara ainda o Regulamento, a *Junta* podia despender anualmente a quantia de 30$000 réis, destinada a uma festa em honra do seu patrono, S. Francisco Xavier.

Com este Regulamento quis-se reformar uma antiga instituição, a da *roda do Sal de Setubal*, que até então era administrada pelo Estado, por intermédio dum guarda-mór, e que em muitissimos diplomas anteriores havia sido regulada, alterada ou confirmada (1).

Esta nova reforma da *roda*, ao passo que agradou a alguns proprietários de marinhas e de barcos, de Setubal, provocou o maior desagrado entre os consignatários e comerciantes do sal, especialmente os do norte do Reino, por verem nela um atentado à liberdade do comércio. Travou-se por isso rija polémica, que foi bastante debatida no Parlamento e em vários jornais, especialmente n-*A Revolução de Setembro* (2), cujas colunas estiveram ao dispor de todos os interessados indistintamente (3), não obstante os seus principais redactores, Antonio Rodrigues Sampaio e Latino Coelho, em vigorosos artigos por eles assinados, pugnarem pela abolição da *roda*. *A Nação* era de opinião contrária.

Por um lado Simão Aranha publicava um folheto (4), em que concluia

---

(1) Parece que a *roda do sal* de Setubal foi instituida por *Alvará* de 11 de Dezembro de 1578, suspensa por *Provisão* de 20 de Fevereiro de 1601 e restabelecida por *Alvará* de 12 de Setembro de 1647. Teve vários Regimentos, um dos quais, supomos que o de 5 de Setembro de 1703, vigorou até 1851. Cf. Joaquim José Caetano Pereira e Sousa: *Esboço de hum Diccionario Juridico, theorico, e pratico, etc.*, onde veem apontados, *s. v.* «sal», muitissimos diplomas legislativos referentes ao assunto. No *Diccionario Bibliographico*, de Brito Aranha, vol. XIX, p. 402, *s. v.* «Setubal», vem citado um trabalho também referente ao assunto. É uma *Memória relativa ao comércio do sal sob a bandeira portuguesa. Lisboa 1821.* Com referencia ao monopólio da venda do sal no Brasil vid. Jacome Ratton: *Recordações*, p 244 *in fine*, e José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho: *Ensaio Economico sobre o comércio de Portugal e suas colonias*, p. 6 e seguintes.

Em Setembro de 1914, publicou o Sr. Dr. Vergilio Correia no jornal: *A Aguia* (e também em separata), um interessante estudo sobre *A Arte no Sal*, onde cita um folheto intitulado: *Memória acerca da Roda do Sal das Marinhas do Sado*, Lisboa, 1852, assinado por: A. A. da Silva, do qual não tivémos conhecimento, quando, em 1912, publicámos em *O Archeologo Português*, XVII, p. 251, sgs. o estudo, que agora estamos reproduzindo aqui A esta informação do Sr. Dr. Vergilio Correia, podemos ainda acrescentar que ao autor da referida *Memória* respondeu um anónimo, num outro folheto de 42 páginas, intitulado: *Abaixo a Roda! Resposta ao Sr. Annibal Alvares da Silva.* Lisboa. Typ. da *Revolução de Setembro*. 1852.

(2) Vid. este jornal nos anos de 1851, 1852 (em especial), e 1853, passim.

(3) Até um *poeta* alí publicou, em folhetim, uns versos alusivos ao assunto. Vid. o n.º 3084, de 13 de Julho de 1852.

(4) *Curta exposição sobre a roda do sal de Setubal* (assinado no fim). Lisboa, Typ. da *Revolução de Setembro*, 1852. Folheto de 14 páginas.

por classificar a *roda* de *monstruosidade insustentavel;* por outro lado, pediam a conservação da *roda*, em representações dirigidas à Rainha, a Camara Municipal de Setubal, a Junta da Repartição do Sal, a Associação Comercial de Setubal, os donos de barcos e corporação maritima do Corpo Santo, os proprietários e rendeiros de marinhas, residentes em Setubal, Alcacer e Lisboa, a comissão administrativa do hospital da Misericordia de Setubal, que gozava de certos privilegios, o povo de Setubal, as Camaras Municipais de Azeitão, Palmela e Alcacer e a Irmandade do hospital da Misericordia de Alcacer(1).

Durante o seguimento da questão viu-se o Governo obrigado a publicar a Portaria de 10 de Maio de 1852, na qual declarou que, em virtude do tratado entre Portugal e os Estados Unidos da America do Norte, os navios desta nação podiam carregar livremente o sal que quisessem e pelo preço que ajustassem pois que, por aquele tratado e em relação a este ramo de comércio, os navios americanos gozavam dos mesmos favores que os portugueses. Deu origem a esta Portaria uma representação feita ao Governo pelo ministro da America, a pedido do subdito americano N. B. Sinclair, capitão da escuna «Cohansey».

Resolveu por fim a contenda o mesmo Ministro da Fazenda que havia referendado o Regulamento de 20 de Novembro de 1851, Fontes Pereira de Melo, publicando o Decreto de 5 de Agosto de 1852, que determinou que o comércio do sal de Setubal ficava sendo livre, tanto para nacionais como para estrangeiros, podendo, tanto uns como outros, comprá-lo, conduzi-lo e carregá-lo, onde e como quisessem e pelo preço que convencionassem. Ficaram contudo gozando de certos privilegios o hospital das mulheres de Nossa Senhora da Anunciada e a Santa Casa da Misericordia de Setubal.

Foi a publicação deste Decreto que originou a cunhagem da medalha.

N.º 137 — 1852 — **Ded.da à memória de Lord Wellington.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: ARTHUR DUKE OF — WELLINGTON. No exergo, que não está separado por friso, numa linha curva, a assinatura: ALLEN & MOORE. BIRM.M. (Birmingham). Busto de Wellington, voltado à esquerda, em cabelo, fardado, condecorado e com uma banda a tiracolo. Sobre as costas tem lançado

(1) Estas representações estão reunidas num folheto de 64 páginas e um indice, intitulado: *O que é a roda do Sal de Setubal ou a questão da repartição do sal das marinhas do Sado*, etc Lisboa, na tipografia de G. M. Martins, 1852.

um manto, com romeira de peles, o qual encobre parte da dragona, que é franjada, e está seguro por meio de dois cordões, com borlas nas extremidades, que se prendem junto do peito.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: BRITANNIA MOURNS HER HERO NOW AT REST. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, e entre dois ramos, um de louro, outro de carvalho, a legenda: WATERLOO || JUNE 18. 1815. No meio do friso que separa o exergo, lêem-se as iniciais da assinatura que figura no anverso: A & M. Tumulo de Lord Wellington, encimado por uma coroa ducal que assenta numa almofada, ornamentado com trofeus, espadas e lanças, na frente do qual está gravada a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais: WELLINGTON || BORN || MAY 1.1769 || DIED || SEP[R] 14.1852. Do lado esquerdo, junto do tumulo, e nêle apoiada com a mão esquerda, está colocada a *Britania*, personificada numa mulher, vestida de guerreiro antigo, de pé, descalça, com capacete, e manto que ela arregaça com a mão direita para enxugar as lagrimas. A seus pés está deitado um lião, por detrás do qual se vê o escudo das armas inglesas. Do outro lado do tumulo está prostrada a *Gloria*, personificada numa mulher aláda, descalça, vestida com leves roupagens, com os braços estendidos para a frente, e a colocar duas coroas de louro na base do tumulo. Por detrás das figuras vêem se as bocas de duas peças de artilharia, que ornamentam o tumulo.

PB. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c.

N.º 138 — Variante da medalha antecedente. O espaço da orla é saliente e está ocupado por dois ramos, um de carvalho, outro de louro, que se prendem, em baixo, com um laço. Ao centro está reproduzida a legenda e o busto que figuram na medalha antecedente, mas em proporções reduzidas e sem assinatura.

℞. — Semelhante ao da medalha antecedente, mas feito com outro cunho, pois que não tem assinatura no friso que separa o exergo, e as letras da legenda da orla são mais pequenas.

PB. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c.

Estas duas ultimas medalhas foram feitas em Birmingham, nas importantes oficinas de Allen & Moore[1]. Lord Wellington faleceu a 14 de

[1] Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. I, *s. v.* Allen and Moore, p. 41, e vol. VI, *s. v.* Moore (Joseph), p. 136.

Setembro de 1852, com 83 anos de idade. Vid. nos lugares correspondentes às datas nélas indicadas, as descrições de várias outras medalhas que lhe foram dedicadas.

N.º 139 — 1854 — Ded.da à memoria de Carlos Alberto, Rei da Sardenha. No exergo, que está separado por friso, em tres linhas horizontais, a legenda: Á MEMORIA DE S. M. EL-REI CARLOS ALBERTO || FALLECIDO NA CIDADE DO PORTO || AOS 28 DE JULHO DE 1849. Do lado esquerdo, ergue-se uma coluna truncada, que tem gravado na parte de cima, num espaço oval, o busto de Carlos Alberto, voltado à direita, sem vestuario e envolvido por uma serpente que tem a ponta da cauda metida na boca (simbolo da *Eternidade).* Por baixo do busto estão gravadas as armas riais da Sardenha, entre dois ramos de louro. Junto da coluna está sentada no chão a *Sardenha*, personificada numa mulher descalça, vestida com leves roupagens e manto, com os braços nus e o cabelo caído, e a chorar. Tem a mão esquerda junto da face, e com a outra mão segura uma coroa de rosas. Junto déla vêem-se no chão algumas flores. Do lado direito está colocado o *Porto*, personificado num guerreiro antigo, de pé, com capacete e manto, a olhar atentamente e com tristesa para o retrato e a amparar com a mão esquerda um escudo oval, com as suas armas, nas quais se lê a competente divisa: CIVITAS VIRGINIS. Com a mão direita, que está erguida e chegada ao capacete, segura uma lança que está firmada no chão. Ao peito, ostenta á insignia da Ordem da Torre e Espada.

No segundo plano, avista-se o mar, com tres vapores a deitarem fumo pelas chaminés, que são muito altas.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: DEDICADA E OFFERECIDA A S. M. EL-REI DE SARDENHA, VICTOR MANUEL 2°. No exergo, que não está separado por friso, em duas linhas curvas: POR SEU AUTHOR || MANUEL DE MORAES SILVA RAMOS.

No campo, em cima, ha tres coroas de louro, unidas por uma fita que tem as pontas soltas para os lados; em baixo ha dois ramos de louro, unidos por um laço, por cima do qual se lê o miléssimo: MDCCCLIV (data em que a medalha foi feita); e ao centro, a seguinte inscrição, em quatro linhas horisontais: AOS GLORIOSOS FEITOS JA PASSADOS, || O CORTANTE BURIL RENOVA A

FAMA; || E NO MARMORE, CEDRO, OU BRONZE DURO, || VIVIFICA OS HEROES PARA O FUTURO.

PB. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 133 (estampa).

Esta medalha, como néla se declara, foi consagrada à memoria do Rei da Sardenha, Carlos Alberto, e oferecida a seu filho, Vitór Manuel II, pelo gravador português, Manuel de Morais Silva Ramos. Diz Lopes Fernandes, *loc. cit.* que Silva Ramos, depois de ter dado *poucos* exemplares, enviou e ofereceu os cunhos a Vitór Manuel II, o qual o agraciou com o grau de Cavaleiro da Ordem de S. Mauricio e S. Lazaro.

Só temos visto exemplares de estanho.

*

Carlos Alberto, Principe de Saboia-Carignan, Rei da Sardenha e Campião da independencia italiana, tendo sido vencido pelos austriacos, em 23 de Março de 1849, na célebre batalha de Novarra, abdicou os seus direitos à coroa a favor de seu filho, Vitór Manuel II, e saiu de Novarra, logo na madrugada do dia seguinte, sómente acompanhado por dois criados. Depois de ter atravessado a França e a Hespanha, entrou em Portugal, por Valença do Minho, e em 19 de Abril seguinte chegou ao Porto, onde veio fixar residencia, sendo alí recebido com honras de Rei. As autoridades eclesiasticas, civis e militares, foram esperal-o fóra da cidade e varios regimentos estiveram postados em álas, nas ruas por onde êle passou.

Carlos Alberto viveu no Porto como simples particular, com o titulo de Conde de Barge. Habitou primeiramente numa casa, que depois veio a pertencer ao Visconde da Trindade, situada na Praça que hoje tem o nome de *Carlos Alberto*, e depois mudou-se para uma outra, em *Entre-Quintas*, perto do Palacio de Cristal, onde veio a falecer no dia 28 de Julho de 1849, vítima de uma antiga doença de intestinos, que se tinha agravado com a viagem. O seu corpo, depois de embalsamado, foi conduzido, com a devida pompa, em 1 de Agosto, para a Catedral, onde ficou provisoriamente depositado na Capela de S. Vicente. Pouco tempo depois, a 20 de Setembro seguinte, foi levado para Genova, a bordo do navio de guerra sardo,

Monzambano, cujo comandante era o Principe Eugenio de Saboia-Carignan, e seguido do navio *Goito* da mesma nação (1).

O Governo português deu ordem para que o vapor *D. Luis* acompanhasse os navios sardos, sómente desde o Porto até ás alturas de Lisboa, sendo por isso bastante censurado no jornal *A Revolução de Setembro*.

Carlos Alberto era Avô da Excelsa Princesa, D. Maria Pia de Saboia, Rainha de Portugal.

N.º 140 — 1854 — Com.va da visita de El-Rei D. Pedro V, a Bruxelas. No exergo, que está separado por friso, o miléssimo: 1854. No campo, do lado esquerdo, junto da orla, a assinatura: HART F.

A *Fama* personificada numa mulher, que está sentada numa cadeira antiga, voltada à esquerda, laureada, com ásas, vestida com leves roupagens, e descalça: com a mão esquerda, que está apoiada na cadeira, sustenta uma coroa de flores, e com a direita estendida para a frente, escreve, com um estilo, a seguinte legenda, num escudo oval que está suspenso num pilar de pedra e ornamentado com dois estandartes: LES || MAISONS || DE BRAGANCE || ET DE COBOURG || ALLIÉES POUR || LE BONHEUR || DU PORTUGAL. Por baixo desta legenda ha uma coroa rial; na base do pilar ha uma coroa de carvalho e por detrás da cadeira, vê-se, no chão, um ramo de louro.

Na orla, circunferência serrilhada.

℞. — Na orla, que é um pouco saliente e que está limitada do campo por uma circunferência de pontos, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: ARRIVÉE DE S. M. DON PEDRO V A BRUXELLES. Na orla, em baixo, lê-se a seguinte data, entre dois florões: 4 JUILLET 1854. Escudo com as armas da cidade de Bruxelas, encimado por uma coroa com quatorze perolas enfileiradas, e mais tres sobrepostas, uma ao meio e as

(1) Vid. *Breves Noções a respeito da vida, viagem, e morte no Porto de Carlos Alberto;* etc. *ou parallelo de demonstração nacional feito em honra do Grande Italiano*, por Egidio Da-Fieno, Commissario do Real Vapor Goito. Traducção de A. T. de Macedo. Porto, 1850. Livro de 150 paginas que tem junto um retrato de Carlos Alberto;

Necrologia de Sua Magestade Sarda Carlos Alberto: e discripção circunstanciada de todas as ceremonias e honras funebres, que tiverão logar, em o luctuoso dia 19 de Setembro de 1849, etc. *Recopilado e extrahido dos jornaes — Nacional — e Pobres — desta Cidade.* Porto: 1849. Folheto de 35 pags.;

João Grave: *Chronica do Porto. O Rei Carlos Alberto,* artigo publicado no *Diario de Noticias*, de 31 de Janeiro de 1909.

outras duas nos extremos. No escudo, vê-se o demónio, nu, alado, prostrado no chão, e com o braço direito sobre a cabeça, para se defender de um golpe que o Arcanjo S. Miguel ameaça vibrar-lhe com uma espada. O Arcanjo está de pé sobre o demónio: tem um escudo preso no braço esquerdo, e a perna direita erguida.

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Rara.

Esta medalha, cujo aspecto geral é muito interessante e que está executada com bastante perfeição, foi feita por iniciativa do notavel gravador belga, Laurent-Joseph Hart, para comemorar a visita de El-Rei D. Pedro V a Bruxelas. O tipo que ela contêm apenas difere nas legendas do de uma outra que o mesmo autor havia dedicado dez anos antes, em 1844, e por motivo identico, ao Rei da Saxonia, a qual vem estampada e descrita, sob o n.º 657, no *Catalogue des Médailles du Royaume de Belgique, par Victor Tourneur. Tome premier.*

*

Tendo El-Rei D. Pedro V subido ao trono de Portugal sendo ainda menor, aproveitou o tempo que lhe faltava para poder assumir o governo do Reino, fazendo duas longas viagens de instrução nas principais cortes da Europa.

Para a primeira viagem partiu o saudoso Monarca, em 28 de Maio de 1854, a bordo do vapor de guerra *Mindelo*, levando na sua companhia, o Infante D. Luís, Duque do Porto, o Duque da Terceira, o Visconde da Carreira, o Marechal de campo, Barão de Sarmento, o Coronel Filipe Folque, e o filho do Marquês de Ficalho, Francisco de Melo.

El-Rei D. Fernando, Regente do Reino, os membros do Corpo Diplomático, e os altos funcionarios da corte, acompanharam-no até à barra, em diversos vapores, e uma esquadrilha, composta dos navios de guerra: *Duque de Saldanha*, português, *Newton*, francês, e *Magé*, brasileiro, comboiou o *Mindelo* até ao Cabo de Finisterra.

A 3 de Junho, desembarcou em Southampton, e dalí seguiu para Londres.

O Soberano de Portugal conservou-se em Inglaterra, onde foi carinhosa e atenciosamente recebido pela Rainha Vitória e pelo Principe Alberto, cerca de um mês; depois visitou sucessivamente a Belgica, a Holanda, a Alemanha e a Austria, não tendo, porêm, podido permanecer em França mais do que o tempo necessario para ir a Boulogne visitar o Imperador Napoleão III, e assistir a umas manobras militares, por estar alí grassando uma epidemia de cólera.

Em 15 de Setembro, depois de uma ausencia de quási quatro mêses, chegou ao Tejo; mas por causa da *quarentena* a que teve de sujeitar se, só poude desembarcar no dia 17, que foi Domingo, sendo recebido em Lisboa com extraordinario entusiasmo.

Dos pormenores desta viagem destacamos, em seguida, os que se referem à visita de D. Pedro V a Bruxelas, por ser a esse facto que a medalha se refere.

D. Pedro saíu de Inglaterra, a bordo do *Mindelo*, em 4 de Julho, às tres horas da madrugada, e pelas 6 horas da tarde do mesmo dia chegou a Ostende, onde foi recebido pelo pessoal da Legação portuguesa, e pelos ajudantes do Rei da Belgica que ficáram ás suas ordens. As 7 horas e meia desembarcou, com seu Irmão e comitiva, dirigindo-se logo em seguida, em comboio especial, para Bruxelas, onde chegou ás 10 horas e meia da noite. O Principe Rial, Duque de Brabante, o Principe Filipe Eugenio, Conde de Flandres, os Ministros de Estado, e os altos funcionarios da Corte, foram esperal-o à estação e acompanharam-no até ao palacio rial; dois esquadrões de cavalaria e dois batalhões de carabineiros, fizeram-lhe guarda de honra. O Rei Leopoldo, desceu até ao vestíbulo do seu palacio, para alí receber o seu Regio hospede, e depois de lhe ter apresentado a Duquesa de Brabante e a Princesa Carlota, retirou-se para o Castelo de Lacken.

Nos dias que se seguiram, D. Pedro V assistiu a alguns banquetes que lhe foram oferecidos pelo Rei dos belgas, recebeu cumprimentos do Corpo Diplomático, visitou Igrejas, museus, oficinas de pintura e escultura, a escola militar, a bibliotéca e o jardim Zoologico, etc. e fez uma digressão a Gand, Bruges, Liège, Louvain e Namur. A 14 de Julho saíu de Bruxelas em direção a Antuerpia, onde embarcou no dia 15, com destino à Holanda (1).

N.º 141 — 1854 — **Alusiva à estada de El-Rei D. Pedro V e do Infante D. Luís, Duque do Porto, em França.** Na orla, a legenda: NAPOLÉON III (do lado esquerdo), EMPEREUR (do lado direito). Busto de Napoleão III, voltado à esquerda, sem vestuario, e com coroa de louro ligada, junto da nuca, com uma fita que tem as pontas caídas sôbre o pescoço. No exergo, que não está separado por friso, em duas linhas curvas, a assinatura: ROBINEAU || RUE S. LOUIS 107.

---

(1) Vid. Felix José da Costa: *Viagem de El-Rei de Portugal o Senhor D. Pedro 5.º ás principaes cortes da Europa no anno de 1854*. Ponta Delgada, 1856. Folheto de 38 paginas.

℞.— Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: COMM^{ANT} EN CHEF L'ARMÉE DU NORD EN SON QUARTIER G^{RAL} DE BOULOGNE A CAPECURE. No exergo, que não está separado por friso, entre as extremidades da legenda, a data: (SEPT^{E} 1854). Ao centro, a seguinte inscrição, em trese linhas, sendo a primeira curva e as restantes horizontais: REVUE ET GRANDES MANOEUVRES A FEU ‖ EN PRÉSENCE ‖ DE S. M. IMP^{CE} EUGÈNIE ‖ DE LA FAMILLE IMPÉRIALE ‖ DES SOUV^{NS} ALL^{ÉS} PR^{CE} ALBERT ‖ LL. MM. ROIS DES BELGES & PORTUGAL ‖ DES DUCS DE BRABANT & D'OPORTO ‖ DES MARÉCHAUX, MINISTRES, GÉN^{AUX} ‖ D'UN NOMBREUX ÉTAT-MAJOR ‖ DES OFF^{RS} DE LA M^{ON} DE L'EMPEREUR ‖ & DES DAMES D'HONNEUR ‖ DE S. M. ‖ L'IMPÉRATRICE. Por baixo da inscrição, ha um florãozinho, entre dois pontos. No alto tem uma saliencia com orificio, na qual está adaptada uma argola.

Æ. Diâmetro: 35 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita em Paris, provavelmente por especulação mercantil, nas oficinas de Robineau, editor e fabricante de medalhas, insignias, botões e outros objectos de metal (1).

*

Quando El-Rei D. Pedro V fez a primeira viagem na Europa, em 1854, viu-se obrigado a desistir de percorrer a França, como tencionava, por estar alí grassando uma epidemia de cólera; mas como se deu a coincidencia de se realizarem em Boulogne, com a assistencia do Imperador dos franceses, Napoleão III, umas importantes manobras militares, quando êle se achava na Belgica, prestes a embarcar para Lisboa, aproveitou o ensejo para ir àquela cidade cumprimentar o referido Soberano.

O Rei de Portugal, acompanhado de seu Irmão, D. Luis, Duque do Porto, do Visconde da Carreira, do Duque da Terceira, do Barão de Sarmento e do Barão de Paiva, Ministro de Portugal em França, tendo partido de Ostende às 4 horas da madrugada do dia 4 de Setembro de 1854, chegou a Boulogne ao meio dia e meia hora. A artilharia salvou e uma guarda de honra acompanhou-o até ao palacio, onde lhe foi servido um almoço. Pelas duas horas da tarde, Napoleão III e os seus regios hospedes foram de caléche descoberto e acompanhados de um vistoso cortejo, até ao campo de Honvault, passar revista a três regimentos de linha e a dois batalhões de caçadores a pé. Visitaram depois algumas tendas de

(1) Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. *Robineau*.

campanha e às tres horas e meia da tarde voltaram para o palacio, onde, ás cinco horas, lhes foi servido um jantar, sentando-se El-Rei D. Pedro V à direita do Imperador e o Infante D. Luis à esquerda.

Ás seis horas e meia, o Rei de Portugal e seu Irmão, voltaram para Ostende, onde, daí a dois dias embarcaram no vapor *Mindelo* que os conduziu para Lisboa.

Além do Rei de Portugal e de seu Irmão, assistiram às manobras, o Principe Alberto, de Inglaterra, o Rei dos belgas, o Duque de Brabante, e muitos outros personagens, não tendo, porêm, D. Pedro V assistido aos exercicios mais importantes, que se realizaram no campo de *Marquise*, no dia 8 de Setembro (1).

N.º 142 — 1855 — **Com.va da aclamação de El-Rei D. Pedro V.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: DON PEDRO V ROI DE PORTUGAL — ET DES ALGARVES. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: HART FECIT. Busto de El-Rei D. Pedro V com o corpo voltado a três quartos, e a cabeça de perfil, para a esquerda, fardado de grande uniforme e descoberto. Ao peito ostenta uma banda a tiracolo, a qual passa sobre o ombro direito, a insigna da Ordem do Tosão de Ouro, quatro comendas pequenas, enfileiradas junto da gola, e por baixo destas a comenda da Ordem de Nossa Senhora da Conceição, e mais abaixo, ainda, a comenda da Torre e Espada, da qual se vê sómente a parte de cima.

As dragonas são franjadas. Esta face é bastante concava.

℞. — Na orla, que é saliente e que está limitada do campo por uma circunferência serrilhada, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: LISBONNE XVI SEPTEMBRE MDCCCLV. Na orla, em baixo, um florão. Armas Riais de Portugal no meio de um circulo limitado por uma série de trinta e um arquinhos que teem as extremidades ligadas por outras tantas coroazinhas riais.

Æ. Diâmetro: 72 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Histoire du Travail*, n.os 1467 e

(1) Com respeito á ida de D. Pedro V e de seu Irmão, a França, vid.: *Le Moniteur Universel*, n.os 248, 249, 252 e 253, respectivamente de 5, 6, 9 e 10 de setembro de 1854; Felix José da Costa: *Viagem de El-Rei de Portugal, o Senhor D. Pedro 5.º às principaes cortes da Europa, no anno de 1854*, p 35 e sgs.

1468 (descrição de dois exemplares, um de ouro, outro de prata, que o autor diz serem unicos em Portugal); *Descrição geral e histórica das moedas*, II, p. 210, nota 1 (descrição).

Esta medalha foi feita, segundo cremos, por iniciativa do proprio autor, o gravador belga, Laurent-Joseph Hart, o qual, no ano antecedente, tinha feito uma outra, comemorativa da visita de D. Pedro V a Bruxelas, supra descrita, sob o n.º 140. Teixeira de Aragão, *loc. cit.* diz que se distribuiram poucos exemplares, «*talvez pela irregularidade da legenda*». Não conseguimos, porêm, descobrir em que consistia essa irregularidade.

*

El-Rei D. Pedro V herdou a coroa de Portugal, por falecimento de sua Mãe, a Rainha D. Maria II, em 15 de Novembro de 1853; mas sendo ainda menor, teve de ser substituido na Regencia do Reino por seu Pai, El-Rei D. Fernando, até ao dia 16 de Setembro de 1855, em que, tendo completado 18 ânos de idade, foi aclamado Rei pelas Cortes Gerais da Nação, reunidas em sessão rial e extraordinaria. Desde o palacio das Necessidades, onde habitava, até ao edificio das Cortes, onde a cerimónia se realizou, foi o Soberano acompanhado de um luzido cortejo (1), no qual figuraram os arautos, passavantes, reis de armas, porteiros de cana, e moços de estribeira, todos com os seus trajes carateristicos, e os azemeis, que levavam os degráus para SS. MM. e AA. descerem dos coches. Seguiam depois, em fila, os trens em que íam os altos dignitarios da corte e as autoridades, e por fim, os coches ricos da Casa Rial, que conduziam as Pessoas Riais, escoltados por uma guarda de honra. Nas ruas por onde o cortejo passou: do Sacramento, de S. Francisco de Paula, Calçada do Marquês de Abrantes, da Flôr da Murta, e Largo das Cortes, havia álas de tropa, e aglomeravam-se milhares de pessoas.

Aberta a sessão das camaras, El-Rei D. Fernando leu uma alocução, e, em seguida, El-Rei D. Pedro V prestou juramento sôbre os Santos Evangelhos, que lhe foram apresentados pelo Presidente da Camara dos Pares, que era o Cardial Patriarca (2).

Depois desta cerimónia houve *Te-Deum* na Sé, e parada militar, no Terreiro do Paço, onde também foram entregues, ao novo Monarca, pela Camara Municipal, as chaves da Cidade. Á tarde houve recéção no palacio da Ajuda.

---

(1) *Diario do Governo*, n.º 218 de 15 de Setembro de 1855.

(2) Vid. a acta, rectificada, da sessão rial de 16 de Setembro de 1855 no *Diario do Governo*, n.º 221, de 19 de Setembro do mesmo ano.

A aclamação de D. Pedro V foi celebrada em Lisboa com varios festejos, durante os dias 16, 17 e 18 de Setembro, que foram de grande gala. Ornamentaram-se os edificios do Terreiro do Paço, do Arsenal, da Companhia do Gaz, e outros, tanto públicos como particulares, houve iluminações, restauraram-se os teatros: do Ginásio, de D. Maria e de S. Carlos, tendo-se colocado na sala deste último, um lustre novo, e na fachada, um relogio cujos ponteiros se *transformavam de noite, em côr de fogo*, etc. Nos teatros de D. Fernando e da Rua dos Condes, deram-se espectaculos gratuitos, durante as tres noites, e na Rua do Loreto abriu-se ao público um *cosmorama* em que se exibiam quadros que representavam batalhas de Napoleão.

No dia 18 à noite houve fogo de artificio no Tejo, em frente do Terreiro do Paço, que terminou por um simulacro da *tomada de Arzila*, em que tomaram parte os navios de guerra [1].

N.º 143 — 1856 — **Com.ᵛᵃ da visita de El-Rei viuvo, D. Fernando, à Casa da Moeda de Sevilha.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo e é interrompida no exergo: LA CASA NACIONAL DE MONEDA DE SEVILLA. No exergo, que não está separado por friso, uma estrelinha. Circulo, limitado por uma circunferência arqueada, e que contêm: na parte de cima, as Armas Riais portuguesas, ornamentadas aos lados com duas palmas e dois ramos de flores, e na parte de baixo, a seguinte legenda, em três linhas horizontais: A·S·M·ELREY VIUDO ‖ DE ‖ PORTUGAL.

℞. — Na orla a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida, em cima, no exergo e aos lados: DIA — 14 — DE — MAYO. No exergo, que está separado por friso, a data: 1856. *Balancé*, entre duas rodélas de metal, e com duas cordas nas extremidades do competente braço. No campo, em cima, ha uma coroa rial resplandecente. No bordo tem *serrilha* folheada.

Æ. Diâmetro: 37 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 134.

---

[1] Vid: *Verdadeira e minuciosa descrição de todos os festejos que, por occasião de El-Rei e Senhor D. Pedro V tomar conta do Governo d'estes reinos, hão-de ter logar na cidade de Lisboa nos dias 16, 17 e 18 de Setembro de 1855.* Segunda edição, Lisboa, 1855. Folheto de 36 pags. 8.º.

N.º 144 — Outro exemplar que difére do antecedente **por ter a** ***serrilha*** do bordo feita com **uma série de losangos.**
Æ. M. b. c.

A 14 de Abril de 1856 El-Rei D. Fernando, viuvo da Rainha D. Maria II, embarcou a bordo do vapor de guerra, *Mindelo*, e partiu de Lisboa, em direcção a Cadiz, onde chegou no dia 17 de madrugada. Depois de receber os cumprimentos das autoridades, dirigiu-se, entre álas de povo e de tropa, até ao palacio da Praça da Constituição, conservando-se, porêm, alí apenas o tempo necessario para repousar alguns momentos. Á 1 hora da tarde seguiu para Sevilha, com o fim de visitar o Duque de Montpensier, o qual veio esperal-o a *Santa Maria.* El-Rei D. Fernando e o Duque, entraram solénemente em Sevilha pelas 4 horas da tarde de 17 de Abril, dirigindo-se ambos a pé, para o Palacio de S. Telmo, de cuja varanda estiveram assistindo ao desfile das tropas que, em sua honra haviam estado postadas em álas nas ruas por onde êles passaram. A Duquesa de Montpensier e as suas três filhas, tambêm assistiram a este acto, bem como à recéção que depois se realizou. Á noite a *Maestranza* mimoseou o Regio viajante com uma *serenata.*

Nos dias imediatos, El-Rei D. Fernando assistiu a alguns banquetes, passeou frequentes vezes, a pé, pela cidade, fez uma digressão a Huelva, esteve em Villamanrique e na feira de Marena, tomou parte numa çaçada aos javalis, nas coutadas riais, onde tambêm jantou e assistiu a uma corrida de touros, visitou a Catedral, e, por fim, na vespera da partida, em 14 de Maio de 1856, foi visitar a Casa da Moeda, onde em sua honra, se cunhou a medalha supra descrita.

No dia 15 de Maio, saíu de Sevilha, a bordo do vapor *Adriano*, que o conduziu pelo Guadalquivir até Bonanza, e alí embarcou no *Mindelo* para ir a Gibraltar, de onde depois seguiu para Tanger, Malaga e Granada. Em 6 de Junho regressou a Lisboa [1].

N.º 145 — 1856 — **Com.ᵛᵃ da inauguração do Caminho de Ferro de Léste.** No exergo, que está separado por friso, a legenda, escrita em cinco linhas, sendo as quatro primeiras horizontais e a ultima curva: INAUGURAÇÃO ‖ DO ‖ CAMINHO DE FERRO DE LESTE ‖ EM LISBOA. ‖ 28 DE OUTUBRO 1856. Do lado direito, junto do friso, a assinatura: GERARD F. Locomotiva com o respectivo

---

[1] Com respeito à viagem de El-Rei D. Fernando a que acabamos de nos referir, vid: *Diario do Governo* de 1856, n.ºs 101, de 30 de Abril; n.º 116, de 17 de Maio; n.º 120 de 23 de Maio; n.º 122, de 26 de Maio, e outros. Vid., tambêm, F. J. Pinto Coelho: *Contemporaneos Illustres, II, D. Fernando II de Portugal*, p. 237 e sgs.

carro de carvão atrelado, voltada à esquerda, a deitar fumo pela chaminé e ornamentada na frente com duas bandeiras cruzadas, por detrás da qual se vêem muitos mastros e cordas de navios embandeirados. Aos lados do carro estão fixados no chão dois postes com flamulas e dentro dêle estão colocados dois homens de pé.

Do lado esquerdo, vê-se o Patriarca de Lisboa, defronte da maquina, a lançar sobre esta agua benta, com o hissope, e acompanhado de um bispo com mitra e báculo, de dois caudatários, que lhe seguram a capa, de um outro padre, que tem na mão uma cruz episcopal, e de um sacristão com o turibulo. Junto dêste último está postado um archeiro, com a competente alabarda e voltado de costas.

No segundo plano, tambêm do lado esquerdo, ha um palanque, que tem na frente quatro degráus, e que está ornamentado, junto da orla, com uma cortina bastante alta, franjada e franzida, sobre o qual estão, de pé: El-Rei D. Pedro V, a dar a direita a El-Rei D. Fernando e a esquerda a um de seus Irmãos, vários dignitários da corte e dois archeiros, todos fardados de grande uniforme.

℞. — A seguinte inscrição em nove linhas horizontais: PETRO. V. || CORAMQUE. REGIA. STIRPE. ET. AULA. || PRECATION. AB. OLISIPON. || CARD. PATRIARCH. || FACTIS. || FERREÆ. EX. OLISIPON. VIÆ. USQUE. || AD. CARREGADO. V. KAL. NOVEMB. || M. D. CCC.L. VI. A. D. || SOLEMNIS. FUIT. INAUGURATIO. Por baixo ha um travessão.

AR. Diâmetro: 49,5 milímetros. M. b. c. Não é comum, neste metal.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 123 (estampa); *O Occidente*, VI, n.º 162, de 21 de Junho de 1883, p. 144 (estampa); Luciano de Carvalho: *Os Caminhos de Ferro em Portugal, sinopse* (estampa); Moyaux (Auguste): *Les chemins de Fer autrefois et aujourd'hui et leurs médailles commémoratives*, p. 178, n.º 271, e estampa IV, n.º 26; Suplemento à mesma obra, intitulado: *Catalogue des médailles commémoratives de Chemins de Fer de tous les Pays*, p. 68, n.º 393 (referência).

N.º 146 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer pelo Governo português, por intermédio do Ministério das Obras Publicas. Os cunhos foram lavrados pelo

gravador francês, residente em Lisboa, Augusto Fernando Gerard, e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa, em cujo arquivo existem os seguintes documentos que lhe dizem respeito:

a). «Illmo Sr=Tendo o Governo resolvido mandar cunhar uma porção »de medalhas commemorativas da solemnidade da inauguração do ca- »minho de ferro de leste, pelos cunhos abertos pelo gravador Gerard, »existentes na Repartição que V S^{a} dirige: encarrega-me S. Exª o Minis- »tro Secretario de Estado desta Repartição de rogar a V S^{a} se sirva »enviar a este Ministerio uma nota do custo de cada uma das ditas me- »dalhas, comprehendendo o valor da prata e cobre e despezas do cunho. »=Deus Guarde a V S^{a} Ministerio das Obras Publicas Commercio e »Industria, em 3 de Março de 1857. Illmo Sñr. Director Geral da Caza da »Moeda e Papel Sellado. O Director Geral Visconde da Luz (1)».

b). «Illmo e Exmo Snr Logo que n'esta Administração existão os »cunhos, que ainda até agora não recebi, para se poderem gravar as »medalhas commemorativas da solemnidade da inauguração do caminho »de ferro de leste, serei prompto em satisfazer ao que por V Exª foi »exigido em Officio de 3 do corrente mez expedido pela Repartição Cen- »tral da Direcção das Obras Publicas. Deus Guarde a V Exª Adminis- »tração Geral da Caza da Moeda e Papel Sellado 4 de Março de 1857. »Illmo e Exmo Snr. Visconde da Luz. O Director Joaquim Francisco d'Aze- »vedo (2)».

c). «Illmo Snr=Constando a S. Exª o Ministro Secretario d'Estado »desta Repartição, por Officio do Ministerio dos Negocios da Fazenda, »de 7 do corrente, que V S^{a} já foi authorisado para mandar cunhar as »medalhas commemorativas da inauguração do caminho de ferro de leste: »encarrega-me o mesmo Exmo Snr de remetter a V S^{a} o cunho que se »mandou gravar para este effeito, e de lhe rogar se sirva enviar-me o »orçamento que lhe pedi, em officio de 3 deste mez, do custo de cada »medalha, afim de se poder determinar o numero das que hão-de ser »cunhadas. Deus Guarde a V S^{a} Ministerio das Obras Publicas Com- »mercio e Industria, em 9 de Março de 1857. Illmo Snr Director Geral »da Caza da Moeda e Papel Sellado. O Director Geral Visconde da Luz (3)».

---

(1) Liv. 20-A *da correspondencia recebida* (1854-58), fl. 72.
(2) Liv. 20-B *da correspondencia expedida* (1854-58), fl. 187 v.
(3) Liv. 20-A *da correspondencia recebida* (1854-58), fl. 72 e 72 v.

d.) «Illmo e Exmo Snr = Achando-se esta Administração authorisada »para mandar gravar as medalhas commemorativas da inauguração do »caminho de ferro de leste, conforme o cunho que V Exa se serviu remet- »ter-me com o seu Officio de 9 do corrente mez, expedido pela Direcção »Geral das Obras Publicas, cumpre-me agora communicar a V Exa que »as medalhas de que se tracta, sendo de prata, deverão ter de pezo tres »onças no valor de tres mil quatro centos quarenta e cinco reis, e as de »cobre só duas onças e meia que poderão custar noventa reis. Alem desta »despeza accresse mais a de oito centos e cincoenta reis que aproximada- »mente fará cada uma d'ellas, pelo trabalho que não pertence a esta Admi- »nistração, incluindo o custo das Caixas que são indispensaveis para taes »medalhas. Deus Guarde a V Exa Administração Geral da Caza da Moeda »e Papel Sellado 11 de Março de 1857. = Illmo Exmo Snr Visconde da Luz. »O Director Joaquim Francisco d'Azevedo (1)».

e.) «Illmo e Exmo Snr = Tendo-se recebido n'esta Administração o aviso »de credito certo No 2704 da quantia de 555$900 reis para pagamento »das despezas com as diversas medalhas commemorativas da inaugura- »ção do Caminho de ferro de Leste: vou rogar a V Exa se digne commu- »nicar-me quantas são as medalhas de prata, e de cobre que se deverão »cunhar para o fim de que se tracta. = Deus Guarde a V Exa Adminis- »tração Geral da Caza da Moeda e Papel Sellado 14 de Maio de 1858. »Illmo Snr Conselheiro (2) Visconde da Luz. O Director Joaquim Francisco »d'Azevedo (3)».

f.) «Illmo e Exmo Snr = Accuzando a recepção do Officio de V Exa »de 14 do corrente relativamente ás medalhas que deverão cunhar-se »na Caza da Moeda, par(a) commemoração da inauguração do Caminho »de ferro de Leste: = cumpre-me dizer a V Exa que a quantia de reis »555$900 de que reza o aviso de credito certo No 2704 que V Exa rece- »beu, é a correspondente ao custo de vinte medalhas de prata, na razão »de 3$445 reis de prata e 850 reis de accessorios cada uma, e quinhen- »tas de cobre, na razão de 90 reis de metal, e 850 reis de accessorios »cada uma, segundo o orçamento constante do Officio que V Exa me diri- »gio em 11 de Maio (4) ultimo. Deus Guarde a V Exa Ministerio das Obras

(1) Liv. 20-B *da correspondencia expedida*, 1854-58, fl. 190.

(2) Na minuta deste oficio, está riscada a palavra: conselheiro.

(3) Liv. 20-B *da correspondencia expedida*, 1854-58, fl. 280.

(4) Devia estar escrito Março e não Maio. Vid. o documento supra indicado com a letra *d*.

»Publicas, Commercio e Industria, em 17 de Maio de 1858. Illmo e Exmo »Snr Administrador Geral da Caza da Moeda e Papel Sellado. O Director »Geral Visconde da Luz([1])».

g.) «Illmo e Exmo Snr = Cumpre-me remetter a V Exª as quinhentas e »vinte medalhas, sendo vinte de prata, e quinhentas de cobre, que por »Officio de 17 de Maio ultimo, expedido pela Repartição Central do Minis»terio das Obras Publicas, Commercio, e Industria foram mandadas cunhar »para commemorar a inauguração do Caminho de ferro de Leste. — Igual»mente remetto a V Exª uma pequena caixa com os cunhos que servi»ram para reproduzir as indicadas medalhas. Deus Guarde a V Exª »Administração Geral da Caza da Moeda e Papel Sellado 17 de Dezem»bro de 1858. Illmo e Exmo Snr Visconde da Luz. = O Director Joaquim »Francisco de Azevedo([2])».

Parece que os cunhos da medalha, que segundo este último oficio se remeteram para o Ministério das Obras Publicas, pertenciam, em virtude de qualquer contrato, talvez verbal, ao autor déla, o gravador Gerard, tendo-lhe sido, portanto, restituidos, pois que por morte deste, apareceram no seu espólio, em cujo leilão foram adquiridos pelo sr. Freire, conhecido gravador estabelecido na rua do Ouro, o qual os teve, ha tempo, expostos no mostruario da sua loja. E' possivel, porêm, que Gerard tivesse feito mais de um par de cunhos e que um deles ficasse no Ministério das Obras Publicas.

Lopes Fernandes (p. 107, da sua *cit. ob.*), diz que a medalha foi mandada cunhar em 1856, e Aragão (II, p. 210, nota), diz que ela se distribuiu no acto da cerimónia da inauguração, que se realizou em 28 de Outubro de 1856. Estas duas afirmações não parecem ser exactas, por estarem em contradição com o primeiro documento supra transcrito, do qual consta que a cunhagem foi ordenada em 3 de Março de 1857, a não ser que, anteriormente se tivessem cunhado alguns exemplares, o que não cremos, para serem entregues às Pessoas Riais no acto da cerimónia.

O tipo da nossa medalha é bastante semelhante ao de uma outra que em 1848 se tinha feito em Hespanha para comemorar a inauguração do caminho de ferro de Barcelona a Matarô (Moyaux, *ob. cit.* p. 175, n.º 261).

([1]) Liv. 20-A da *correspondencia recebida*, 1854-58, fl. 114 v.
([2]) Liv. 21-B *da correspondencia expedida*, 1858--61, fl. 54.

*

Quando nos meados do século passado se pensou em introduzir em Portugal a viação acelerada entendeu-se que se devia começar pela construção de uma linha férrea que, partindo de Lisboa, se dirigisse para a fronteira léste do país, com o fim de alí ir ligar-se a uma outra do Reino vizinho. A execução da primeira parte deste grandioso plano, que se limitava à construção da linha sómente até Santarem, foi cometida, mediante concurso, à Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro em Portugal, a qual, para esse fim, foi organizada em 1853, por Hardy Hislop. Em 1853 iniciaram-se os trabalhos, mas dois anos depois viu-se a Companhia obrigada a participar ao Governo que tinha de os suspender, porque os empreiteiros por ela encarregados de os executarem, Shaw & Waring, se recusavam a continual-os sob o pretexto de lhes não ter sido paga determinada quantia. Para evitar delongas, enquanto tratava de solucionar o litigio entre a Companhia e os empreiteiros, resolveu o Governo, por Portaria de 7 de Fevereiro de 1856, entregar a direcção geral dos trabalhos ao engenheiro Wattier. Por Portaria de 28 de Junho seguinte, foi, porêm, novamente transferido esse encargo para a Companhia [1].

A inauguração do primeiro troço da linha, cujo terminus era o Carregado, fez-se solénemente no dia 28 de Outubro de 1856, com as formalidades préviamente estabelecidas num programa, que se publicou na folha oficial em 23 do mesmo mês. Eram dez horas e meia da manhã quando na estação de Santa Apolonia começou a cerimónia pela benção das locomotivas, a qual foi lançada pelo Cardial Patriarca, na presença de El-Rei D. Pedro V, de El-Rei D. Fernando, dos Infantes: D. Luis, e D. João, das Infantas: D. Maria Ana, D. Antonia, D. Isabel Maria e D. Ana de Jesus, do Corpo Diplomático, da Corte e de muitas *outras pessoas de todas as ordens da sociedade.* Não podéram, porêm, comparecer ao acto tres notaveis ministros que muito haviam contribuido para a construção da linha: Rodrigo da Fonseca, Visconde de Atouguia e Fontes Pereira de Melo, os dois primeiros por se acharem doentes e o último por se realizar nesse dia o funeral de seu Pai.

Terminada a cerimónia, a Familia Rial, e várias outras pessoas, tomaram lugar num comboio, que se compunha de 14 carruagens e que era

(1) Frederico Pimentel: *Apontamentos para a Historia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, p. 41 e sgs.; *Aggravo de Petição ao Tribunal da Relação de Lisboa dos empreiteiros do caminho de ferro de Lisboa a Santarem, Waring Brothers & Shaw*, folheto de 33 pgs.; *Refutação do Relatorio dos empreiteiros do caminho de ferro de Lisboa a Santarem*, folheto de 29 pgs.; Pedro Guilherme dos Santos Denis: *Compilação de diversos documentos relativos à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses.*

conduzido por duas maquinas, e nele seguiram até ao Carregado. No momento da partida deram-se salvas no Castelo de S. Jorge e nos navios de guerra, e lançaram-se muitas girandolas de foguetes.

Tres quartos de hora depois, partiu segundo comboio, com nove carruagens, que conduziu ao mesmo sitio os acionistas da Companhia e vários convidados.

A viagem do comboio Rial, fez-se, à ida, em cerca de quarenta minutos, sem incidentes, porêm, à volta, durou duas horas, porque tendo rebentado os tubos de uma das maquinas, foi necessario reduzir o comboio, para que a outra maquina o pudesse conduzir. Era já noite quando a Familia Rial chegou a Lisboa.

No Carregado serviu-se um *banquete* volante, numa barraca que se armou na estação, cuja gravura vem publicada no *Panorama*, vol. XIV — 1.º da 4.ª série — pg. 49. Alguns regimentos, bem como a guarda dos archeiros, fizeram guarda de honra aos Soberanos, tanto em Santa Apolonia como no Carregado [1].

Como é natural, devido à inexperiencia, tanto dos dirigentes como dos empregados, os serviços do novo Caminho de Ferro não puderam caminhar, a principio, com a desejada regularidade, como consta de algumas queixas e reclamações, feitas ao Governo e à Companhia, que se encontram dispersas pelos jornais da época.

A *Nação* [2], por exemplo, achava pouco dois comboios de ida e outros tantos de volta, em cada dia, e, comparando o tempo e o preço que se gastavam numa viagem ao Carregado, em comboio e no vapor do Ribatejo, chegava à conclusão de que naquele se economisava apenas uma hora e que era mais cara.

O *Jornal do Comércio* [3], por sua vez, dizia que os comboios não chegavam para o movimento e que havia grande confusão na venda dos bilhetes em Santa Apolonia, devido à incompetencia do pessoal incumbido desse serviço. Queixava-se de que os bilheteiros diziam que já não havia mais bilhetes de terceira classe para vender, mas que dalí a pouco os entregavam aos seus amigos.

Contava tambêm o caso de um bilheteiro, que no momento em que era grande a afluencia de gente para comprar bilhetes, tendo de dar o troco de uma pequena quantia, se servira do lapis para fazer a conta no

---

[1] Vid. a descrição de toda esta solenidade nos jornais da epoca, como, por exemplo: *A Revolução de Setembro*, n.º 4362, de 29 de Outubro de 1856, e *Jornal do Comércio*, n.º 939, do mesmo dia, p. 2.

[2] N.º 2703, de 29 de Outubro de 1856.

[3] N.º 943, de 4 de Novembro de 1856, p. 2.

Estampa H



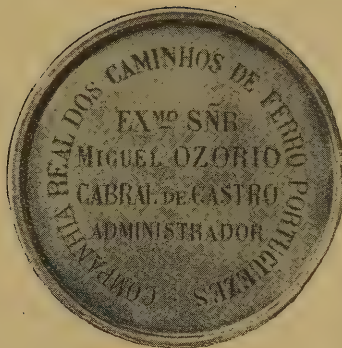


Fig. n.º 11

papel! As locomotivas eram já velhas, diziam outros, e impróprias para o serviço, o que se provava com o incidente do dia da inauguração.

A construção e exploração da linha férrea de Lisboa à fronteira léste do país e de Lisboa ao Porto, que primitivamente esteve a cargo da Companhia Central Peninsular dos Caminhos de Ferro em Portugal, foi depois concedida pelo Governo, sucessivamente a Morton Peto, a D. José Salamanca e, por último, à Companhia Rial dos Caminhos de Ferro Portugueses, que se fundou em 1859–60 (1), com a qual se relaciona a seguinte medalha, que vai estampada na *figura* n.º 11: na orla, coroa de louro, impressa em relevo, por meio de cunho, e ao centro, gravadas a buril, as Armas Riais portuguesas, com a insignia da Ordem da Torre e Espada pendente no escudo, e ornamentadas aos lados com dois dragões.

No reverso, que é todo gravado a buril, tem na orla a legenda, que começa em baixo: COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, e ao centro, a inscrição em quatro linhas horizontais: EX.MO SÑR || MIGUEL OZORIO || CABRAL DE CASTRO || ADMINISTRADOR (2).

AR. Diâmetro: 46 milímetros.

Alêm deste exemplar, conhece-se um outro, que fez parte da colecção de Meili, e que figurou no respectivo catálogo, publicado em 1910 por Schulman, com o n.º 3565. No reverso tem gravado o nome do EX.MO SÑR || CARLOS FERREIRA || DOS SANTOS SILVA || ADMINISTRADOR. A descrição deste mesmo exemplar foi novamente publicada por Moyaux, ainda no ano de 1910, no seu *Catalogue des Médailles commémoratives de Chemins de Fer, additions et rectifications*, pag. 117, n.º 397 ter (3).

Esta medalha pertence à classe das *senhas* por ter sido, evidentemente, destinada a servir de documento comprovativo da identidade dos Administradores da Companhia Rial dos Caminhos de Ferro Portugueses, durante uma epoca que nos não foi possivel fixar. O numero das variedades deve ser, portanto, igual ao dos administradores, o qual variou entre 17 e 21.

O Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, a quem pedimos informações a este respeito, teve a extrema gentileza de nos comunicar que nos livros das actas da Companhia nada consta, em relação à data em

---

(1) Vid. Pedro Guilherme dos Santos Denis: *Compilação de diversos documentos relativos à Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, Lisboa, 1915.

(2) Esta medalha está hoje em poder de um sobrinho do seu primitivo dono, o Sr. D. José Osorio Cabral de Alarcão Velasques, que obsequiosamente nos permitiu que a mandássemos fotografar.

(3) E' possivel que Moyaux adquirisse a medalha no leilão da colecção de Meili, no qual foi vendida por 22,50 florins.

que a medalha foi adótada e que, por isso, supõe que ela tivesse sido mandada fazer particularmente, ou por D. José Salamanca ou por J. de la Gandara, importantes capitalistas que durante muitos anos foram os principais influentes e dirigentes dos negócios da Companhia.

Conseguiu, porêm, o Sr. Conselheiro Vargas averiguar que, em sessão do *Conselho de Administração* da Companhia, de 21 de Novembro de 1885, se resolveu adótar, *novamente*, a medalha, como consta do seguinte extracto da respectiva acta:

«*Creação de medalhas para os Snrs. Administradores.*
»*O Conselho* resolve auctorisar o Snr. Administrador-Delegado a man»dar cunhar 30 medalhas de prata para os Snrs. Administradores simi»lhantes ás que em tempo se crearam, para ellas servirem de passe nas »linhas da Companhia e de provar de identidade do cargo nas linhas »estrangeiras. Estas medalhas deverão ter no anverso as armas reaes »circundadas da legenda da Companhia e no reverso de cada uma, o »nome do Snr. Administrador a quem pertencer».

Não consta que esta resolução tenha sido posta em vigor.

As medalhas teem o aspecto das chamadas *medalhas industriais,* que se fabricam abundantemente em várias oficinas no estrangeiro, para poderem ser aplicadas a qualquer fim, desde que nélas se grave depois, a buril, um tipo adequado.

N.º 147 — 1858 — Com.ᵛᵃ do casamento de El-Rei D. Pedro V. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: D. PEDRO V REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES D. STEPHANIA (sic) RAINHA DE PORTUGAL E DOS ALGARVES. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura do gravador: LEOPOLD WIENER BRUXELLES. Cabeça de D. Pedro V com o cabelo apartado, e busto de D. Estefania, com coroa de flores de laranjeira e leve vestuario, conjugados e voltados à esquerda, estando a cabeça do Rei no primeiro plano.

℞. — No exergo, que está separado por friso, a data 29 ABRIL 1858, que está escrita numa linha horizontal, e por baixo a assinatura: L. WIENER.

Figuras que representam: El-Rei D. Pedro V — de pé sobre um trono com um só degrau que se ergue do lado esquerdo, fardado de generalissimo, com manto e descoberto —; a Rainha

D. Estefania — vestida de noiva, tambêm de pé, do lado direito, sobre a proa de uma galeota que tem na frente um anjinho a amparar, com a cabeça e com os braços erguidos, dois escudos ovais com as armas de Hohenzollern e de Portugal — ; e o *Himeneu*, representado por um mancebo aládo, descalço, coroado de rosas, e apenas coberto com um leve pano, o qual conduz a Rainha à presença de seu Esposo, segurando-a pelo braço direito e colocando-lhe, sobre a cabeça, o competente facho.

O Monarca, que tem por detrás de si uma cadeira, olha para sua Esposa e faz menção de lhe oferecer uma coroa rial, que ele segura com a mão esquerda, e o trono, para o qual aponta com a outra mão.

Vermeil (prata dourada). Diâmetro: 75 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 125.

N.º 148 — Outro exemplar.
Æ. M. b c.

Estas medalhas foram feitas em Bruxelas, por ordem de El-Rei D. Pedro V, pelo gravador Leopoldo Wiener (1). Cremos que se cunharam, sómente, exemplares de *vermeil* (prata dourada), de prata e de cobre, não obstante Lopes Fernandes e Teixeira de Aragão dizerem que tambem se cunharam de ouro (2).

Cada exemplar de *vermeil* custou 75 francos, de prata, 65 francos e de cobre, 4 francos (3).

A distribuição fez-se por intermédio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, constando por umas listas de nomes (um tanto confusas), que ainda alí existem (4), que D. Pedro V reservou para si 25 exemplares, sendo um de *vermeil*, doze de prata e outros tantos de cobre, e que foram as seguintes as pessoas contempladas: com exemplares de *vermeil:* Rainha D. Estefania, El-Rei D. Fernando (que tambem recebeu dois de prata e mais dois de cobre), Infantas, Infantes, Imperatriz Amelia (a quem se deram mais tres, sendo um de prata e dois de cobre), Imperador do

---

(1) Vid. Lopes Fernandes, *loc. cit.* supra e Teixeira de Aragão, *ob. cit.* II, p. 210, nota 2.

(2) Ibidem.

(3) Vid. no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros uns documentos contidos na *Caixa* n.º 12, maço n.º 2. = *Medalhas comemorativas do casamento de Sua Majestade. Sua distribuição.*

(4) Ibidem.

Brasil, Infantas brasileiras: D. Januaria e D. Francisca, Membros das Familias Riais: de Inglaterra, da Belgica e da Prussia, vários Principes estrangeiros entre os quais se contavam os de Hohenzollern-Sigmaringen, e representantes de diversas nações.

Tiveram exemplares de prata: os Ministros, os Conselheiros de Estado e os Chefes de missões, estrangeiros, e de bronze: os Pares do Reino (80), os Deputados (120), as Camaras Municipais, os Ministros honorarios, os Chefes de missões, portugueses, os empregados de Secretarías, os camaristas e ajudantes do Soberano, e as damas da Rainha.

Da distribuição dos exemplares destinados às camaras municipais encarregou-se o Ministério do Reino, a pedido do dos Negócios Estrangeiros, como consta do seguinte oficio[1]:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. — Havendo-Se dignado Sua Magestade EL-REI man»dar contemplar, na distribuição das Medalhas commemorativas do seu »fausto casamento, as Camaras Municipaes constantes da relação junta »tenho a honra de remetter a V. Ex.a quarenta caixas, contendo cada uma »um exemplar em bronze da dita Medalha, e de lhe rogar se sirva fazel-as »chegar ao seu destino. Deos guarde e (sic) V. Ex.a Secretaria de Estado »dos Negocios Estrangeiros, em 24 de Março de 1859.

»=Ill.mo e Ex.mo Sr. Ministro e Secretario de Estado dos Negocios do »Reino. = *Duque da Terceira*». Segue-se a «Relação das Camaras Muni»cipaes, a que se refere o officio desta data», assinada por Emilio Aquiles Monteverde.

*

As negociações para o casamento de El-Rei D. Pedro V com a Princesa Estefania Frederica Guilhermina Antonia, filha do Principe Carlos de Hohenzollern-Sigmaringen e da Princesa Josefina Frederica Luisa[2], foram tratadas por intermedio do Conde de Lavradio, D. Francisco de Almeida. O pedido condicional da mão da jovem Princesa, fez se em 20 de Outubro de 1857, no palacio de Sigmaringen, as escrituras assinaram-se em Berlim, no dia 8 de Dezembro seguinte, e o pedido oficial fez-se a 15 do mesmo mês, em Dusseldorff. O casamento, por procuração, realizou-se, com grande pompa em Berlim, na Igreja de S.ta Hedwiges, no dia 29 de Abril de 1858, estando nesse acto representado o Rei de

(1) *Diario do Governo* de 28 de Março de 1859 e *Colecção oficial* de *Legislação portuguesa*, de J. M. C. N. Leite e Vasconcelos, ano de 1859, p. 79.

(2) *Apontamentos para uma biographia de Sua Magestade a Rainha a Senhora Dona Estephania de saudosissima memoria.* Folheto de 16 páginas, anónimo.

Portugal pelo Principe Leopoldo, irmão da noiva e futuro marido da Infanta D. Antonia, irmã de D. Pedro V.

A nova Rainha de Portugal partiu de Berlim para Dusseldorff no dia 2 de Maio; a 4 seguiu para Bruxelas e no dia 6 embarcou em Ostende, a bordo do vapor de guerra português, *Mindelo*, o qual a conduziu a Dover, comboiado pela corveta *Bartolomeu Dias* e por dois navios ingleses.

Em Dover desembarcou para ir a Londres visitar os Soberanos de Inglaterra, que a receberam carinhosamente, e alguns dias depois, em 11 de Maio, tornou a embarcar, em Plymouth, a bordo da corveta *Bartolomeu Dias*, a qual no dia seguinte de madrugada, partiu para Lisboa, comboiada por uma esquadrilha inglesa.

D. Estefania chegou ao Tejo no dia 17 de Maio. O Infante D. Luis foi esperal-a à entrada da barra e El-rei D. Pedro V foi cumprimental-a a bordo da *Bartolomeu Dias*, logo que esta fundeou, em Alcantara, defronte do palacio das Necessidades.

No dia seguinte, 18 de Maio de 1858, foi El-Rei, novamente, a bordo da referida fragata, que então estava ancorada em frente do Terreiro do Paço, a fim de conduzir sua Esposa para terra. O desembarque fez-se no Cais das Colunas, ao som de estrondosas salvas de artilharia e no meio de extraordinário entusiasmo do povo, sendo os Regios Esposos conduzidos debaixo de pálio, para um pavilhão, que estava armado perto do cais, onde o Presidente da Camara Municipal, depois de proferir uma alocução, lhes entregou as chaves da cidade. Em seguida foram os Soberanos, acompanhados de um imponente cortejo, em que figuravam dez coches, até à Igreja de S. Domingos, onde o Patriarca de Lisboa os abençoou. D. Pedro V, D. Estefania e o Principe Leopoldo, que tinha vindo acompanhar sua Irmã a Lisboa, íam no último coche, que era puxado por quatro parelhas de cavalos, e ladeado por moços da rial camara, e por archeiros, dispostos em filas triplicadas. Atrás do coche rial, seguiam a cavalo, os oficiais generais, de terra e de mar, o estado-maior do comando do exercito, e, por fim, a guarda de honra, composta de toda a força de cavalaria existente em Lisboa, na qual se compreendia o regimento de caçadores a cavalo, comandado pelo Infante D. João.

Na Igreja de S. Domingos, que estava ricamente ornamentada, foi a Familia Rial recebida pelo Cardial Patriarca, pelo Cabido, e pelos vereadores municipais. Terminada a cerimónia religiosa, reorganizou-se o cortejo para acompanhar os Noivos ao palacio das Necessidades.

Deslumbrantes festejos solenizaram este regio consorcio, durante cinco dias que foram considerados de gala e que começaram a ser contados no dia da chegada de D. Estefania a Lisboa. Ornamentaram-se casas, ruas e praças públicas, fizeram-se iluminações, levantaram-se obeliscos e

arcos triunfais, lançou-se fogo de vistas no Castelo de S. Jorge e a bordo do brigue *Pedro Nunes*, cujo comandante era o Infante D. Luis, houve baile no Paço, e realizaram-se espectáculos de gala nos teatros: de S. Carlos e de D. Maria, aos quais SS. MM. assistiram.

No quarto dia foram os Soberanos ao paço de Belem, para alí receberem cumprimentos do Corpo Diplomático, da Corte e das autoridades, tendo El-Rei declarado, antes da cerimónia, que dispensava que lhe beijassem a mão todas as pessoas que fossem admitidas à sua presença, não só então, como no futuro.

O enxoval da Rainha, que foi quasi todo feito em Paris, era riquissimo.

O presente de noivado que El-Rei D. Pedro V deu a sua Esposa foi um belo diadema guarnecido com 4000 pedras preciosas, feito em Lisboa. (1)

N.º 149 — 1861 — Com.va da inauguração dos trabalhos para a construção do Palacio de Cristal, no Porto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: D. PEDRO V. REI — DE PORTUGAL. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: J.A.N.MOLARINHO F. Busto de El-Rei D. Pedro V, voltado à esquerda, em cabelo, fardado e condecorado.

℞. — No semi circulo superior, a seguinte legenda, em tres linhas, sendo as duas primeiras curvas e a ultima horizontal: PALACIO DE CRYSTAL PORTUENSE ‖ INAUGURADO ‖ POR. No exergo, que é bastante espaçoso e está separado por friso, a continuação da legenda, em quatro linhas horizontais: EL-REI D. PEDRO V. ‖ EM ‖ 3 DE SETEMBRO DE ‖ 1861. Por baixo desta legenda, tem mais o seguinte, junto da orla: MANDADA GRAVAR PELA DIRECÇÃO. No friso que separa o exergo, do lado esquerdo, lê-se a assinatura: MOLARINHO F. Vista do Palacio de Cristal, com uma bandeira portuguesa arvorada por cima da entrada principal.

---

(1) Referem-se ao casamento de D. Pedro V as seguintes obras:

Descripção dos festejos reaes por occasião do feliz consorcio de Sua Magestade El-Rei O Senhor Dom Pedro V. Com a Augusta Rainha a Senhora Dona Estephania. In-folio de 16 paginas, dividido em duas partes e acompanhado de estampas;

Programma para os festejos da recepção de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Estephania, aprovado por S. M. El-Rei O Senhor D. Pedro V, em decreto de 5 de maio de 1858. Lisboa — Typographia Progresso — 1858. Folheto de 15 pags.;

Francisco da Fonseca Benevides: *Rainhas de Portugal* II, p. 315, sgs.

No terreno que o rodeia e na escadaria fronteira à nave do centro, vêem-se algumas pessoas a passearem.

PB. Com a côr natural. Diâmetro: 53 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Eugenio Candido Xavier: *Medalha commemorativa da primeira exposição internacional do Palacio de Cristal do Porto* (descrição).

N.º 150 — Outro exemplar.

PB. bronzeado. M. b. c.

Esta medalha, segundo consta da legenda do reverso, foi mandada cunhar pela direcção da sociedade do Palacio de Cristal. Não temos visto senão exemplares de estanho, que são muito vulgares, e de cobre, que são raros.

*

Em 1860, um grupo de capitalistas do Porto, tendo à sua frente Alfredo Alen, tratou de organizar uma sociedade, com a denominação de *Sociedade do Palacio de Cristal portuense*, cujo fim era construir, no sitio da *Torre da Marca*, um palacio, semelhante a um outro que em 1855 havia sido edificado em Londres, e que, como ele, servisse para exposições, festas e venda de objectos. No ano seguinte, a 3 de Setembro de 1861, achando se constituida a sociedade e subscrito parte do competente capital, dignou-se El-Rei D. Pedro V inaugurar solénemente os trabalhos para a construção do projectado edificio, lançando uma porção de terra num carrinho de mão que o Infante D. João, Duque de Beja, conduziu para um local que se achava designado com a bandeira da sociedade, onde os directores desta, Alfredo Alen e Francisco Pinto Bessa, o despejaram. Em seguida ergueram-se vivas ao Monarca e ao Infante, que foram entusiasticamente correspondidos pela multidão que presenciáva esta cerimónia, e as bandas de musica tocaram o hino do Rei.

O Palacio de Cristal, que está situado a cavaleiro do rio Douro, no meio de um magnifico parque do qual se disfruta um dos panoramas mais soberbos, não só do Porto como de todo o país, foi aberto ao publico, em 1865, com uma exposição internacional, cuja inauguração ficou comemorada por uma medalha, que adiante vai descrita no lugar correspondente à data nela indicada [1].

---

(1) Para a historia mais desenvolvida do Palacio de Cristal vid.: *Breve esboço historico do Palacio de Crystal Portuense,... publicado pela direcção que o administra no anno de 1890;* F. Lopes: *Guia do Forasteiro no Porto e Provincia do Minho*, p. 120 e segs. (noticia assinada pelo Barão de Paçô Vieira (Alfredo)); *Guia Historico do Viajante no Porto e arrabaldes*, Porto 1864, p. 144, e segs.; Archivo Pittoresco, vol. VII, pgs. 1, 2 e 11.

N.º 151 — 1862 — Com.ª do casamento de El-Rei, o Senhor D. Luis com a Rainha, a Senhora D. Maria Pia de Saboia. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: D. LUIZ I REI DE PORTUGAL E DOS ALGARVES D. MARIA DE SABOYA RAINHA DE PORTUGAL E DOS ALGARVES. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: D. CANZANI. Bustos dos Soberanos, conjugados, voltados à esquerda. O busto do Rei, que figura no primeiro plano, não tem vestuario; o da Rainha tem: na cabeça uma coroa de rosas, e no pescoço uma gola de renda e um colar de perolas, no qual se suspende uma medalha.

Aos lados do pescoço vêem-se as pontas de tres caracois do cabelo.

℟. — No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, a data: XXVII SETEMBRO ‖ MDCCCLXII.

Figuras que representam: El-Rei D. Luis (do lado esquerdo) e a Rainha D. Maria Pia (do lado direito), de fronte, com as mãos direitas estendidas uma para a outra, de pé, junto de uma ára circular, por detrás da qual se vê o *Himeneu*, representado por um mancebo, coroado de rosas, descalço, e apenas coberto com um leve pano, o qual, com a mão esquerda, levanta o véu da Noiva, para que seu Esposo lhe veja o rosto. El-Rei D. Luis está fardado e tem por detrás de si uma mesa coberta com um pano, franjado e com o escudo das armas portuguesas bordado, sobre a qual estão colocados, em cima de uma almofada, o scetro e a coroa rial.

A Rainha tem a cabeça e a roda da saia enfeitadas com rosas, e é seguida por um menino, vestido com saia curta, que segura, com as duas mãos, o escudo das armas da Casa de Saboia.

Na frente da ára está gravado o facho do *Himeneu*, envolvido por uma coroa de rosas.

AR. Diâmetro: 75 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 141 (estampa).

N.º 152 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Estas medalhas foram mandadas fazer em Italia por El-Rei D. Luis ([1]), e vieram para Lisboa, por via de Nantes, dirigidas ao Ministério dos

([1]) Teixeira de Aragão, *ob cit.* II, p. 217 nota 1.

Negócios Estrangeiros, por cujo intermédio foram profusamente distribuidas: às Pessoas Riais, aos Pares do Reino e Deputados, às Camaras Municipais, incluindo as de Moçambique, Goa, Loanda, Vila da Praia, e Macau, aos Principes de Saxonia e de Hohenzollern, à Camareira-mór, veadores, ajudantes de ordens, camaristas e medicos da Casa Rial, aos Arcebispos, Bispos, oficiais maiores das Secretarias de Estado, ao Reitor da Universidade, à Torre do Tombo, às bibliotécas: da Academia Rial das Sciencias, Nacional, da Universidade e de Evora, às escolas: do Exercito e Naval, às Academias: Politecnica do Porto e de Belas-Artes, etc. (1).

Em oficio datado de 17 de Junho de 1864, pediu o Ministério dos Negócios Estrangeiros ao do Reino, que este se encarregasse de distribuir os exemplares destinados às Camaras Municipais.

Fizeram-se exemplares de ouro, de prata e de cobre, não sendo raros os déstes dois últimos metais.

N.º 153 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda: MARIA PIA DI SAVOJA (do lado esquerdo), LUIGI I. RE DI PORTOGALLO (do lado direito). No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: P. THERMIGNON F. Na orla, por fóra da legenda, circunferência de pontos. Bustos dos Soberanos, conjugados voltados à direita, e sem vestuario. O busto da Rainha, que figura no primeiro plano, tem um brinco, e colar de perolas no quál se suspende uma medalha.

A cabeça está toucada, em cima, com uma grinalda de flores de laranjeira, e, na parte posterior, com uma trança, e dois caracois de cabelo, que se prolongam até ao pescoço.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: AGLI AUGUSTI SPOSI — OMAGGIO E VOTI DELL' AUTORE. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, a data: XXVII SETTEMBRE || MDCCCLXII. A *Italiá*, personificada, de pé, do lado esquerdo, com os cabelos caídos e os braços nus, com um vestido liso e muito comprido, coroada de torres e com uma estrela

---

(1) Vid. no Arquivo do Ministério dos Negócios Estrangeiros uns rascunhos de listas que alí se conservam na Caixa n.º 12 maço 2, com a designação de: *Medalhas comemorativas do consorcio de S. Majestade. Sua distribuição.* Estes documentos, um tanto confusos, estão misturados com outros que tratam da medalha comemorativa do casamento de El-Rei D. Pedro V, que descrevemos supra sob o n.º 147.

por cima da cabeça, aponta com o indicador da mão esquerda, que está erguida, para essa estrela, e aperta, com a outra mão, a de um guerreiro antigo, *Portugal* personificado, que na frente déla se apresenta, também de pé, com capacete, couraça, saióte, e espada em que se suspende o escudo das quinas e em cujos copos êle apoia a mão esquerda.

Æ. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Aragão: *Descrição das Moedas*, II, p. 218 (estampa); *Histoire du Travail*, n.º 1485 (descrição do exemplar de ouro oferecido à Rainha).

Esta medalha, segundo o que dela consta, foi feita pelo gravador italiano Thermignon e por este dedicada aos Regios Esposos, como simples homenagem particular.

*

As negociações para o casamento de El-Rei D. Luis com a Princesa D. Maria Pia de Saboia, filha do Rei de Italia, Vítor Manuel II, e de sua Esposa, Maria Adelaide, Arquiduquesa de Austria, foram tratadas, por parte de Portugal, pelo Conde da Carreira, Luis Antonio de Abreu e Lima, e por parte da Italia, pelo General Durando, Ministro dos Negócios Estrangeiros e pelo Conde João Nigra. A mão da jovem Princesa foi pedida oficialmente, em Turim, no dia 3 de Agosto de 1862; a 9 do mesmo mês assinou-se o contrato ante-nupcial e a 27 de Setembro seguinte realizou-se o casamento, por procuração, na Capela do palacio rial de Turim, estando El-Rei D. Luis representado nesse acto pelo Principe de Saboia-Carignan. A 28 de Setembro foi a Senhora D. Maria Pia entregue ao representante de Portugal, o Marquês de Loulé, e no dia seguinte embarcou em Genova, a bordo da corveta *Bartolomeu Dias*, que a conduziu a Lisboa, seguida das corvetas portuguesas: *Sagres* e *Estefania*, e de uma esquadra italiana. O Principe Humberto, depois Rei de Italia, acompanhou sua Irmã até Lisboa. Em 5 de Outubro seguinte foi a nova Rainha de Portugal recebida à entrada da barra do Tejo pelo Infante D. Augusto e por muitas outras pessoas de todas as categorias da sociedade que, em vapores e outros barcos, alí a tinham ido esperar, e que a saudaram entusiasticamente, com *vivas*, musicas e foguetes. As fortalezas, e os navios de guerra, deram as salvas do estilo.

Dizem os cronistas que o aspecto do majestoso istuario do Tejo era então imponentissimo.

Pelas 3 horas da tarde, achando-se a *Bartolomeu Dias*, fundeada em

frente da Torre de Belem, recebeu a Rainha a visita de seu Esposo, que para alí se dirigiu numa galeota com 80 remadores.

No dia seguinte, 6 de Outubro de 1862, desembarcou a Senhora D. Maria Pia no Cais das Colunas do Terreiro do Paço, acompanhada da Familia Rial, que tinha ido buscal-a a bordo da *Bartolomeu Dias*, sendo conduzida, debaixo de pálio, para um pavilhão armado perto do cais, onde o Presidente da Camara Municipal, depois de proferir uma alocução, lhe entregou as chaves da cidade. Em seguida foram os Regios Esposos à Igreja do antigo convento de S. Domingos, receber as bençãos, que lhes foram lançadas pelo Cardial Patriarca. Voltaram depois ao Terreiro do Paço, onde assistiram a uma parada militar, e por fim dirigiram-se para o palacio da Ajuda, sendo em todos estes trajectos acompanhados de solene cortejo e vivamente aclamados pelo povo.

Para solenizar este regio consorcio houve cinco dias de gala, durante os quais se realizaram deslumbrantes iluminações e outros festejos publicos, que terminaram no dia 9 de Outubro com uma revista de tropas, no Campo Pequeno. Houve tambem espectáculos de gala nos teatros: de S. Carlos e de D. Maria.

Entre os valiosos presentes que foram oferecidos à Augusta Noiva, destacavam-se os seguintes: de El-Rei D. Luis, um diadema com 4000 pedras preciosas avaliado em 20 contos de reis (1); de El-Rei D. Fernando, um ramo de pedras preciosas, um relogio e corrente com brilhantes e rubis, um colar de safiras e as insignias das Ordens: de Nossa Senhora da Conceição e de Santa Isabel; do Papa, um album com pinturas sacras e cravejado de pedras preciosas; da Imperatriz dos franceses, um broche avaliado em 5 contos de reis; da Rainha de Hespanha, oito cavalos andaluzes; da Rainha de Inglaterra, um bracelete; da Imperatriz do Brasil, um colar de pérolas; do *Conselho Municipal* de Milão, um quadro que representava a Catedral daquela cidade, ricamente emoldurado; da cidade de Napoles, um colar, pulseiras, alfinetes de peito, uma duzia de botões para vestido de amazona, pentes e alfinetes de toucado, etc.

As cidades de Turim, Genova, Palermo, Bolonha e outras, bem como os operarios de Roma, tambem lhe ofereceram brindes (2).

---

1) Era o mesmo que El-Rei D. Pedro V havia dado a sua Esposa.

(2) Para a historia do casamento de que estamos tratando, consultem-se os seguintes livros: José Miguel Ventura: *Portugal e a Italia ou enlace da Dynastia de Bragança com a Dynastia de Saboya*, onde, a ps. 197 e sgs., vem a lista dos brindes; Benevides: *Rainhas de Portugal*, II 329, sgs.; J. C. Mackonelt: *Consorcio de El-Rei o Senhor D. Luiz I com a Princeza D. Maria Pia de Saboya. Breve resenha dos acontecimentos mais importantes sobre o assumpto seguida da biographia da Augusta Noiva.* Lisboa, 1862. Folheto de 20 pags.; *Coroa Poetica nó consorcio de Suas Magestades Fidelissimas o Senhor Rei D. Luiz e a Senhora Rainha D. Maria de Saboya*, Lisboa, 1862.

No palacio da Ajuda, que os Regios Esposos escolheram para sua habitação, fizeram-se então importantes reparações e decorações.

A Rainha D. Maria Pia contava apenas 15 anos quando casou, pois havia nascido, em Turim, no dia 16 de Outubro de 1847. Aos sete anos de idade tinha perdido sua Mãe ficando por isso entregue aos cuidados da Condessa de Villa Marina. O seu casamento com El-Rei D. Luis foi acolhido com geral aplauso, tanto pelos italianos, que a viram partir com muita tristesa, como pelos portugueses, que a receberam com vivo entusiasmo.

A Senhora D. Maria Pia era dotada de excepcionais qualidades para o alto cargo que ocupou, tendo sido, por isso, uma das mais notaveis Rainhas que se teem sentado no trono de Portugal. O seu porte era distintissimo e sempre correcto. Perante o perigo conservava-se energica, altiva e serena, e no trato era extremamente insinuante e afavel, sem, contudo, se esquecer nunca da sua posição. Amava o luxo; mas, a par disso, era tão generosa e esmolér, que o povo a cognominou *Anjo da Caridade.*

Nos ultimos anos da sua vida foi a excelsa e virtuosa Rainha horrivelmente torturada com profundos e crueis desgostos, até que, por fim, tendo sido impelida, pela força das circunstancias, a sair da sua Patria adótiva [1], terminou os seus amargurados dias em 5 de Julho de 1911, na propria cidade de Turim, aonde havia nascido.

O Senhor D. Luis foi um Soberano muito bondoso, pacifico, e ilustrado, que gozou da simpatia geral dos seus subditos.

N.º 154 — 1862 — **Ded.ᵈᵃ à memória dos Restauradores de Portugal, de 1640**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: D. JOÃO IV REI — DE PORTUGAL. Busto de D. João IV, voltado à direita, com o cabelo comprido e vestido com rica armadura, sobre a qual está lançado um manto, que se prende por cima do ombro. Ao peito ostenta a Cruz da Ordem de Cristo. Por baixo do busto parece haver vestigios da assinatura, MOLARINHO F., mas para os distinguir é necessario observar a medalha com a lente.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: AOS RESTAURADORES DE PORTUGAL DE 1640. Entre as extremidades da

(1) Precisamente no dia do 48.º aniversario da sua chegada ao Tejo!

legenda, ha um florão. Ao centro, em cinco linhas horizontais, a inscrição: I.º ‖ DE ‖ DEZEMBRO. ‖ 1862 ‖ PORTO.

Æ. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 142 (estampa); *Arquivo Pitoresco*, VI (1863), p. 88, onde se diz que o retrato que figura na medalha é reproduzido de um outro que existe na Bibliotéca do Porto, (estampa); *A Federação*, VII, n.º 42, de 21 de Fevereiro de 1863 (descrição).

N.º 155 — Outro exemplar.

PB. R. c.

No decorrer do meado do seculo XIX tomou grande incremento, mais uma vez, a ideia de se reunirem na mesma cabeça as duas coroas, de Portugal, e de Hespanha, a qual, apesar de ser defendida por alguns notaveis vultos politicos dos dois paises, não logrou triunfar, graças aos protestos que contra ela se levantaram (1).

Esse acontecimento deu origem a que se criasse em Lisboa uma associação patriótica, intitulada: *Comissão Central do 1.º de Dezembro de 1640*, que se propôs empregar todos os meios legais para manter a independencia da Patria, e conservar a memória da gloriosa conjuração que naquela data nos libertou do jugo da nação vizinha.

Instalada definitivamente a 28 de Julho de 1861, pretendeu a referida *Comissão*, apesar dos poucos recursos de que ainda dispunha, celebrar com alguns festejos a data de 1 de Dezembro desse mesmo ano; mas como não os poude realizar senão muito restritamente, por motivo do falecimento de El-Rei D. Pedro V, que ocorreu em 11 de Novembro de 1861, adiou-os para o ano seguinte, 1862 (2), sendo esse o motivo porque então apareceu no Porto a medalha acima descrita, a qual foi alí executada, provavelmente por especulação mercantil, pelo gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho.

N.º 156 — 1862-1864 — **Com.va do monumento erigido no Porto à memória de El-Rei D. Pedro V.** Busto de El-Rei D. Pedro V, voltado à direita, com o cabelo apartado, sem vestuario e envol-

(1) Vid., por exemplo, Oliveira Martins: *Portugal Contemporaneo*, II, p. 367, sgs.

(2) Vid. *Fastos Historicos da Commissão Central 1.º de Dezembro de 1640*, pelo Visconde de Sanches de Baena, primeira parte, p. 36.

vido por dois ramos, um de louro outro de carvalho, ligados em baixo com um laço. No campo, por baixo do busto, a assinatura: MORAES F. Não tem legenda nesta face.

℞. — Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo: A MEMORIA DE D. PEDRO V. DEDICÃO OS ARTISTAS PORTUENSES. Esta ultima palavra está escrita no exergo, e tem por cima a data, 1862. As letras da legenda são ornamentadas. Estátua pedestre de El-Rei D. Pedro V, sobre um pedestal que tem gravado na frente, com letras microscopicas, o seguinte letreiro, em quatro linhas horisontais: OS ARTISTAS || PORTUENSES || POR GRATIDAO || A D. PEDRO V. Nos angulos do pedestal que ladeiam o letreiro, estão colocadas, sobre almofadas, as armas: de Portugal (do lado esquerdo) e de Saxonia-Coburgo-Gotha (do lado direito) (1). Por cima do letreiro, ha um baixo relevo, que simboliza a *Religião*, e que se compõe de vários objectos do culto sagrado: calix, custodia, duas cruzes, sendo uma délas episcopal, missal, báculo, etc., tudo suspenso numa fita que se prende em cima com um laço (2). No campo, junto da base do monumento, a assinatura do gravador e a data: MORAES. (do lado esquerdo), F. 1864 (do lado direito).

Æ. Diâmetro: 45 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Descrição das moedas*, p. 211, nota 2 (estampa); *Histoire du Travail*, n.º 1496 (descrição de um exemplar de ouro); Leitão: *Numismatica*, n.º 200 (descrição de um exemplar de prata).

Esta medalha relaciona-se com a estátua de El-Rei D. Pedro V, que existe no Porto, na Praça da Batalha, tendo sido mandada cunhar pela comissão encarregada de erigir esse monumento. Consta de um jornal da epoca (3), que a referida comissão teve em vista oferecer exemplares de ouro a El-Rei D. Luis, a El-Rei D. Fernando e ao Principe Rial, e exemplares de cobre aos Ministros de Estado, à Camara Municipal, Governador Civil e consules estrangeiros no Porto, a museus nacionais e a várias pessoas que a tinham auxiliado. Informa, porêm, o Dr. Tei-

---

(1) Na parte de trás do monumento estão collocadas as armas do Porto e da Casa de Bragança.

(2) Nas outras faces do pedestal estão esculpidos os emblemas: da *Agricultura, das Artes e da Industria*.

(3) *O Braz Tisana*, ano XV, n.º 27, de 4 de Fevereiro de 1866, p. 2.

xeira de Aragão,—*loc. cit.*,—que os cunhos se quebraram «*ao tirar os exemplares em ouro para Suas Magestades*», sendo, por isso, provavel que se não tivesse feito a distribuição pelas entidades mencionadas.

Contudo, apesar daquele contratempo, ainda se cunharam alguns exemplares que ficaram defeituosos, por terem uma saliencia, que corresponde á fenda do cunho, a meio do pedestal.

Ha cerca de tres ou quatro anos apareceu à venda um exemplar de ouro na ourivesaria do Snr. Cunha, na Rua do Ouro, em cujo mostruario esteve exposto durante bastante tempo. No Museu Etnológico Português, ha um exemplar de prata.

O autor da medalha foi o gravador Manuel de Moraes Silva Ramos.

*

A estátua de El-Rei D. Pedro V reproduzida na medalha acima descrita foi mandada erigir pelos operarios da cidade do Porto, com o produto de subscrições, espectáculos e bazares, que uma comissão, por eles nomeada, se encarregou de angariar e promover.

A primeira pedra do monumento—juntamente com um cofre de zinco que continha moedas do reinado de D. Pedro V e uma lamina de prata com uma inscrição latina e respectiva tradução—, foi solénemente assente, em 11 de Junho de 1862 pelo Visconde das Rilvas, que nesse acto representou El-Rei D. Fernando, e a inauguração realizou-se em 3 de Fevereiro de 1866, na presença de El-Rei D. Luis, que para assistir a essa cerimónia e à do encerramento da exposição internacional, havia chegado ao Porto tres dias antes.

Quando o Monarca descerrou a estátua, a guarda de honra apresentou armas, as bandas tocaram o hino de D. Pedro V, levantaram-se vivas, deram-se salvas na fortaleza da Serra do Pilar, e lançaram-se aos ares muitas girandolas de foguetes. Em seguida lavrou-se um auto do acontecimento e cantou-se um *Te-Deum* na Igreja dos Congregados.

El-Rei D. Luis não poude conter as lagrimas quando viu aparecer a estátua de seu Irmão [1].

N.º 157—1864—Ded.da a Ernesto Biester. No arco inferior da orla, a legenda: GRATIDÃO E RESPEITO. Uma máscara (emblema da *Comedia*), uma lira (emblema da *Poesia*), e um livro fechado,

(1) Referem-se à estátua de D. Pedro V, as seguintes obras: *Guia historico do viajante no Porto e arrabaldes*, Porto, 1864, p. 149, sgs.; F. Lopes: *Guia do Forasteiro no Porto e Provincia do Minho*, p. 158; *Archivo Pittoresco*, VII, 1864, p. 268; *O Braz Tisana*, ano XI, n.º 136, de 12 de Junho de 1862 e ano XV, n.os 25 e 27 de 1 e 4 de Fevereiro de 1866; *A Federação* vol. VII, n.º 7, de 21 de Junho de 1862.

que está enfeitado no alto com um ramo de flores e em cuja capa se lê o competente titulo: FORTUNA || E || TRABALHO, tudo reunido e ligado por duas coroas, sendo uma délas de louro, e outra de rosas. Em cima, entre a lira e o livro, ha uma estrela resplandecente.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: SOCIEDADE DE SOCCORROS DOS TYPOGRAPHOS PORTUENSES. No exergo, que não está separado por friso, o miléssimo: 1864 e por baixo deste a assinatura: J.A.N.M. (José Arnaldo Nogueira Molarinho). Coroa feita com folhas de louro e de carvalho, enfeitada com algumas rosas, completamente fechada, e ligada em baixo com uma fita cruzada. Ao centro, em tres linhas horizontais, a inscrição: A || ERNESTO || BIESTER. No campo, por baixo da inscrição, ha uma coroa de louro e rosas, atravessada por uma pena.

Æ. Diâmetro: 37 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lopes Fernandes, n.º 148 (estampa).

Esta medalha foi mandada fazer pela *Sociedade de socorros dos tipógrafos portuenses*, em homenagem a Ernesto Biester, por este ter escrito e dedicado à classe tipográfica, um drama intitulado: *Fortuna e Trabalho*. Alêm do exemplar de ouro que foi oferecido áquele escritor, fizeram-se alguns outros exemplares de cobre, e não sabemos se, tambêm, de prata. O autor dos cunhos foi o gravador Molarinho.

*

Ernesto Biester foi um homem de letras bastante notavel que nasceu em Lisboa no ano de 1829 e faleceu na mesma cidade em 10 de Janeiro de 1881 (1). Foi cavaleiro da Ordem de S. Tiago e sócio da Academia Rial das Sciencias, dirigiu a *Revista Contemporanea*, colaborou em diversos jornais, e escreveu, entre várias outras peças para teatro, uma comedia-drama, em cinco actos, intitulada: *Fortuna e Trabalho*, que se representou nos teatros: de D. Maria II, em Lisboa e de S. João, no Porto, e que êle dedicou à classe tipográfica (2).

Cativada com esta atenção, e querendo dar ao autor da peça uma prova do seu reconhecimento, a *Sociedade de socorros dos tipógrafos por-*

(1) Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos Scientificos*, XV, p. 76.

(2) Inocencio: *Dicionario Bibliografico*, II, p. 229, e IX, 2.º do *sup*. p. 174.

tuenses[1], fez-lhe uma ruidosa manifestação no teatro de S. João, do Porto, na noite de 13 de Agosto de 1864, em que a referida peça alí se representou pela segunda vez, em espectáculo de gala. Dizem os jornais da epoca[2], que essa festa decorreu com extraordinário entusiasmo, tendo néla tomado parte os actores: Santos, Tasso, Delfina, Manuela Rei e Cesàr de Lima, que foram delirantemente aplaudidos e mimoseados com ramos de flores. Nos intervalos dos actos recitaram-se poesias e esteve tocando no átrio a banda do regimento de infantaria n.º 18. No intervalo do terceiro para o quarto acto foi Ernesto Biester ao palco, onde o presidente da sociedade dos tipógrafos, acompanhado da respectiva direcção, lhe fez entrega de um exemplar de ouro da medalha acima descrita.

No último intervalo foi ainda o autor da peça brindado, com uma pena de ouro, pela classe tipográfica. Terminado o espectáculo, um numeroso grupo de tipógrafos acompanhou o homenagiado até à sua residencia.

N.º 158 — 1865 — **Com.ᵛᵃ da primeira exposição internacional portuguesa**. No arco superior da orla, a legenda: PALACIO DE CRISTAL. No exergo, que está separado por friso: NO PORTO. No friso que separa o exergo, do lado esquerdo, a assinatura: G. DOWLER. Vista do Palacio de Cristal do Porto e do terreno fronteiro, onde se vêem algumas pessoas a passearem. Por cima da entrada principal está arvorada uma bandeira.

℞. — Ao centro, no meio de uma coroa completamente fechada e feita com um só ramo de louro, uma esfera na qual está colocada horizontalmente uma fita em que se lê o miléssimo: 1865. A legenda está escrita em quatro linhas curvas, assim dispostas: 1.ª linha, no arco superior da orla: MEDALHA COMMEMORATIVA; 2.ª linha, no campo, por cima da coroa: DA PRIMEIRA; 3.ª linha, no campo, por baixo da coroa: EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL; 4.ª linha, na orla, em baixo: PORTUGUEZA.

Æ. Diâmetro: 36 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Eugenio Candido Xavier: *Medalha commemorativa da primeira exposição internacional do palacio de Cristal do Porto* (descrição).

---

(1) Instituida em 1 de Janeiro de 1852. Vid. Silvestre Ribeiro, *ob. cit.*, XV, p. 194.

(2) *A Federação* (citado por Lopes Fernandes), vol. IX, ano de 1864, n.º 24 de 20 de Agosto e outros; *O Braz Tisana*, ano XIII, n.º 185, de 16 de Agosto de 1864 — *Grandiosa ovação*.

N.º 159 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

Supomos que esta medalha foi feita no estrangeiro, como se depreende da assinatura do gravador, e que esteve à venda no Porto, quando alí se realizou a exposição que éla comemóra. Não sabemos quem a mandou fazer.

*

O Palacio de Cristal do Porto, que, como acima dissemos, (p. 227), começou a ser construido em 3 de Setembro de 1861, por iniciativa de um grupo de benemeritos capitalistas daquela cidade, foi utilisado, logo que se concluiu, para uma exposição internacional, cuja abertura ao público se realizou solénemente em 18 de Setembro de 1865, com a assistencia de El-Rei D. Luis, da Rainha D. Maria Pia, de El-Rei D. Fernando, e do Infante D. Augusto.

O encerramento efectuou-se a 2 de Fevereiro do ano seguinte, por meio de uma sessão soléne presidida pelo Monarca, na qual se pronunciaram discursos e se leram duas relações, contendo a primeira, os nomes dos expositores premiados com umas medalhas que para esse fim haviam sido criadas (1), e a segunda os nomes das pessoas agraciadas pelo Soberano com várias condecorações (2).

N.º 160 — 1866 — **Com.va da inauguração do monumento de El-Rei D. Pedro IV, erigido no Porto.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: A D. PEDRO IV A CIDADE DO PORTO. No exergo, que está separado por friso, a assinatura: • MOLARINHO. Estátua equestre de El-Rei D. Pedro IV erigida no Porto, voltada à direita, e assente no respectivo pedestal, que é ornamentado: na frente, com as Armas da Casa de Bragança, na parte de trás, com as da Cidade do Porto; e ao lado, com um baixo relevo, que representa El-Rei D. Pedro IV, na presença de alguns soldados e de gente do povo, a entregar, ao comandante do regimento de voluntarios da Rainha, a bandeira bordada pelas senhoras da ilha do Faial.

---

(1) Délas tencionamos ocupar-nos noutro volume na secção que lhes compete.

(2) Para a historia da Exposição internacional a que acabamos de nos referir, vid. *Breve esboço historico do Palacio de Cristal portuense*, p. 47, sgs.

℞. — Na orla, coroa feita com dois ramos, um de carvalho outro de louro, com as pontas muito afastadas uma da outra, e os pés ligados, em baixo, com um laço. No campo, em cima, a data: 19 || DE OUTUBRO || 1866. ||, escrita em tres linhas horizontais e encimada por um resplendor. Por baixo da data, em dez linhas horizontais, a inscrição: S. M. EL-REI D. LUIZ I.º || INAUGURA O MONUMENTO QUE || AO PRINCIPE INSTAURADOR DA || LIBERDADE PORTUGUEZA ERIGIU || A CIDADE DO PORTO POR IMPULSO || E DIRECÇÃO DA CAMARA MUNICIPAL || COADJUVADA POR UMA COMMISSÃO || DE CIDADÃOS PORTUENSES SEN || DO PRESIDENTE DO MUNICIPIO || O VISCONDE DE LAGOAÇA.

AR. Diâmetro: 59,5 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Histoire du Travail*, n.º 1502 (descrição de um exemplar de ouro).

N.º 161 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

N.º 162 — Outro exemplar.

PB. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer pela Camara Municipal do Porto, no anno de 1866, em virtude de uma proposta que Joaquim Nogueira Gandra havia apresentado, em 27 de Junho de 1862, na sessão da Comissão encarregada de erigir o monumento a El-Rei D. Pedro IV, naquela cidade.

Da execução dos cunhos encarregou-se o gravador Molarinho, pela quantia de 500$000 reis, que lhe foi paga em duas prestações.

O gravador Charles Wiener, que então estava trabalhando na Casa da Moeda de Lisboa, dirigiu um oficio à Camara do Porto, oferecendo-se para fazer a medalha, não sendo, porêm, aceite o seu oferecimento por já estar o trabalho entregue a outro artista.

A casa da viuva Moreira & Filho, da Rua das Flores, n.os 159 e 161, forneceu: 70 oitavas de ouro para uma medalha, 459 oitavas de prata para onze medalhas, vinte e tres caixas (estojos) sendo tres de veludo, e

encarregou-se de dourar tres medalhas e de mandar laminar aqueles metais, levando por tudo 232$590 réis (1).

A cunhagem do exemplar de ouro destinado a El-Rei D. Luis, e de mais quinze de prata, sendo cinco destes incompletos, custou 72$500 réis, e foi feita nas oficinas da Sociedade Aurifícia (2). Para o resto da cunhagem entrou-se depois em ajustes com o gravador da Casa da Moeda de Lisboa, Frederico Augusto de Campos, a quem os cunhos foram entregues pelo Conselheiro Pedro Roberto Dias da Silva por ordem particular do Visconde de Lagoaça, Presidente da Camara do Porto.

Não se tendo, porêm, chegado a acordo com aquele artista, os cunhos voltaram para o Porto onde provavelmente veio a concluir-se a cunhagem.

No arquivo da Camara Municipal do Porto copiámos, por indicação do Sr. Manuel José da Silva Guimarães, ilustrado funcionario daquela corporação (3), os seguintes documentos que se referem a ésta medalha:

a.) *Proposta para a cunhagem da medalha, apresentada por Joaquim Nogueira Gandra, em 27 de Junho de 1862, na sessão da Comissão encarregada de erigir o monumento a D. Pedro IV* (4):

«Senhor Prezidente

»Para tornar mais memoravel, e solemne ainda o dia 9 de Julho (5), »dia d'eterna memoria, e saudade, nos fastos da historia Portugueza; »proponho que seja cunhada hũa Medalha d'Ouro, para commemorar o »dia da inauguração do Monumento, que no centro da Praça de D. Pe»dro, em frente do Palacio Municipal desta muito Nobre, muito Antiga, »sempre Leal, e Invicta Cidade do Porto se vai levantar, para eternizar »a memoria do sempre chorado Imperador, o Senhor D. Pedro 4.º, Rei, »Commandante do Exercito Libertador, e Amigo, por excellencia dos »Portuenses. Proponho pois — que sejão cunhadas 4 Medalhas d'Ouro; »sendo hũa para se depozitar, em exposição permanente, em hum Caixi-

---

(1) Vid. no Arquivo da Camara Municipal do Porto, o livro: *Documentos de Despeza da Conta do Monumento do Senhor D. Pedro 4.º*, doc. n.º 36.

(2) Vid. no livro citado na nota antecedente, um documento que nele está incorporado a seguir a um outro que tem o n.º 38-A.

(3) Vid. supra p. 109, nota 1, e p. 142, nota 1.

(4) Vid. o livro das actas das sessões da referida comissão.

(5) Este dia havia sido fixado na sessão de 23 de Junho antecedente para a inauguração dos trabalhos do monumento, por ser o do aniversario da entrada do Exercito Libertador no Porto.

»lho, na Salla das Vereações do nosso Municipio: outra para ser remet-»tida á Sua Magestade a Imperatriz, Viuva do grande Homem, do Rei »Soldado: outra que será enviada a Sua Magestade o Senhor D. Luiz 1.º »nosso Augusto Monarcha: e outra, que se dirigirá a Sua Magestade o »Senhor D. Pedro 2.º, Imperador do Brazil, em nome da Cidade do Por-»to, como signal de sua eterna Gratidão, para com aquelle Grande Prin-»cipe, que tão generozamente Abdicou as duas Corôas. Mais proponho, »que sejão cunhadas, em Prata... (1) Medalhas para se destribuirem pe-»los Muzeus, e mais Etabellecimentos Scientificos deste Reino, e ainda do »Estrangeiro: e que finalmente se cunhe hũa porção desta Medalha, em »Cobre, ou outro qualquer Metal d'inferior quilate, e valor ao Ouro, »e prata, e que estas sejão destribuidas aos Portuguezes, que verifi-»carem, perante a Ex.ma Camera, ter estado dentro do Memoravel, e »jamais esquecido, Cerco do Porto nos annos de 1832, e 1833. O pro-»ducto das que se venderem: proponho seja applicado em beneficio do »Hospital Real da Santa Caza da Mizericordia, de que aquelle excelço »Monarcha foi nomeádo Provedor Honorario, nato; commemorando-se »assim as frequentes vizitas, que o Rei Soldado fazia áquelle Estabelle-»cimento; durante o Cerco; vizitando os seus Camaradas, feridos nos Cam-»pos da Batalha, e alguns bem pérto d'Elle! assim como confortando-os, e »aos doentes por molestias occazionadas pelas privações d'alimentos, que »então havia; acçoes que não poderão jamais esquecer na memoria dos »Portuenses.

»Para escolher o Typo, Legendas, e Alegorías da Medalha: proponho »— que se nomeie hũa Commissão de 5 Membros; dous dos que se com-»põe a Commissão Central, e tres da sua livre nomeação; para tratar de »levar a effeito este pensam.to á imitação d'outros, que por tão justos, »iguaes, e ate inferiores motivos, se tem cunhado em outros Paizes. »Porto, e Salla das Sessões da Commissão Central nos Paços do Muni-»cipio, em ...(2) de Junho de 1862. *Joaquim Nogueira Gandra*».

Esta proposta foi enviada à *Mesa* para esta dar sobre ela o seu *parecer*.

b.) Doc.to n.º 108, arquivado no *Livro de Proprias*, n.º 116, *de 1866:*

«Lisbonne le 8 Août 1866. Monsieur le Vicomte. Baintôt (sic) peût-étre »aura lieu l'inauguration de la Statue de D. Pedro IV. que je considère

(1) Espaço em branco para ser preenchido com um numero.

(2) Espaço em branco.

»comme une oeuvre d'art élevé, par les modèles que j'ai vu chez mon »collègue M.r Calmels.

»Quelques amis m'ont prié de faire à l'occasion de cette inaugura»tion une médaille commémorative représentant d'un côté la Statue de »D. Pedro IV. et au revers soit le portrait du Roi actuel, soit celui de »D. Pedro IV. avec des inscriptions. Je prends la liberté Monsieur le Vi»comte, de venir proposer à la Chambre Municipale de Porto qu'avec »son concours, j'entreprendrai la gravure d'une semblable medaille com»memorative, c'est à dire si la Municipalité de Porto voudrait s'engager »à prendre un certain nombre d'exemplaires de cette medaille. La di»mention de la Medaille dépendra du nombre de Medailles que la Muni»cipalité prendra. — Monsieur le Vicomte de Lagoaça President de la »Chambre Municipale de Porto. — J'ai l'honneur d'ètre Monsieur le Vi»comte votre dévoué serviteur. *Charles Wiener* graveur en chef de la »monnaíe royale».

c.) Extracto da acta da vereação de 30 de Agosto de 1866. (Livro n.º 121 das Vereações — 1865-1867 — a fl. 68 v.):

Leu-se um oficio «De Carlos Wiener pedindo para ser encarregado da »cunhagem da medalha commemorativa da inauguração do monumento »do Senr D. Pedro 4.º: resolveu-se responder que este trabalho fôra »comettido ao artista João (aliás, José) Arnaldo Nogueira Molarinho».

d.) Doc.to n.º 32 do livro: «*Documentos de Despeza da conta do Mo»numento do Senhor Dom Pedro 4.º*»:

«Passe mandado sobre o Thesoureiro do Concelho, para que pague »ao senr. José Arnaldo Nogueira Molarinho, a quantia de duzentos »mil reis em dinheiro de metal, importa.a p.r c/. da gravura dos cunhos »para a Medalha commemorativa da inauguração do Monumento que a »Cidade do Porto erigio á Memoria de Sua Magestade o Senhor Dom Pe»dro Quarto. Porto e Paços do Concelho. 5 de Novembro de 1866 — *V. de »Lagoaça.* São Rs. 200$000 m.al».

e.) Doc.to n.º 37 do mesmo livro:

«Passe Mandado sobre o Thesoureiro do Concelho, para que pague »ao Senr. José Arnaldo Nogueira Molarinho, a quantia de tresentos »mil reis em dinheiro de metal, resto da importancia da gravura dos »cunhos para a Medalha commemorativa da inauguração da Estatua do

»Monumento, erigido pela Cidade do Porto, á memoria de Sua Mages-
»tade o Senhor D. Pedro 4.º
»Porto e Paços do Concelho, 28 de Dezembro de 1866—*C. de Lagoaça.*
»São Rs. 300$000 m.^el».

f) Doc.^to registado no *Copiador Geral*, n.º 40 (1866-69), fl. 119:

«A Joaquim Ignacio d'Almeid.ª Amado—Julho 24—Illmo Snr. Tendo »sido enviados ha tempos para Lisboa pelo Exmo Conde de Lagoaça os »cunhos das medalhas da inauguração do monumento do Sr D. Pedro 4.º »e ignorando-se aonde param hoje esses cunhos por ter sido a remessa »feita particularmente pelo finado Conde, e não por auto official, e cons- »tando que o portador d'esses cunhos fôra o Conselheiro Pedro Roberto »Dias da Silva, da Repartição de Contabilidade do Ministerio das Obras »Publicas, rogo a V. S.ª se sirva procurar o referido conselheiro, a fim »d'obter d'elle algumas informações acerca do local onde param os refe- »ridos cunhos, para ser requisitada a sua entrega a esta Municipalidade, »a que pertencem. Deos guarde a V. S.ª Porto e Paços do Concelho 24 de »Julho de 1867. Illmo Sr Joaquim Ignacio d'Almeida Amado. O Vice »Presidente, Francisco Pinto Bessa».

g.) Doc.^to n.º 40, do *Livro de Proprias* n.º 118 (1867):

«Illmo e Exmo Snr. Logo que recebi o officio de VEx.ª datado de 24 »do corrente, procurei avistar-me com o Sr. Con.^ro Pedro Roberto Dias »da Silva, a quem proguntei pelos cunhos da medalha da inauguração do »monumento do Snr. D. Pedro 4º, que S. Ex.ª o fallescido Conde de La- »goaça (de saudoza memoria) lhe havia confiado: respondeo-me que os »cunhos se achavão em poder do Snr. Campos, abridor na Caza da Moe- »da, com o qual estava em ajustes, por indicação particular a fim de se »poderem cunhar as referidas medalhas. Disse-me tambem o Sr Con.^ro Pe- »dro Roberto, que o fallescido Snr. Conde, havia desconcordado quanto ao »preço que julgava excessivo, e pedio-me que me dirigi-se ao referido »Campos, que milhor me informaria. Fui esta manhã fallar ao dito Cam- »pos, e este disse-me que effectivamente os cunhos estão em seu poder, »que tinha feito uma proposta, por escripto, a qual nunca tivera res- »posta, dizendo mesmo nessa occazião, que o cunho tinha uma falha, e »que lhe parecia não ter solidez bastante para soportar as dez pancadas »que preciza levar cada medalha, sendo quinhentas as medalhas a »cunhar, sendo a sua opinião, fazer outro cunho. Tambem me disse que »tinha feito varios trabalhos preparatorios, e experiencias, sendo uma

»dellas, cunhar uma medalha de prata, e que portanto no caso da »Ex.ma Camara não annuir ao preço por elle proposto, teria de lhe satis- »fazer o seu trabalho e despezas: em visto disto VEx.a me ordenará o »que devo fazer ([1]). Deos guarde a VEx.a Lisboa 25 de Julho de 1867. »Ill.mo e Ex.mo Snr. Francisco Pinto Bessa
»Joaquim Ignacio d'Almeida Amado».

h.) Doc.to n.o 254, do *Livro de Proprias* de 1868:

«Ill.mo Snr. — Sua Ex.a o Sr. Bessa, Presidente da Ex.ma Camara, me »ordena que escreva a V. S.a pedindo-lhe para que me mande uma »procuração, assignada pelo S.r Vice-Presidente, para eu poder receber os »cunhos das medalhas que se devião cunhar na Casa da moeda, do mo- »numento de D. Pedro 4.º que se erigio nessa Cidade; cumprindo pois »as suas ordens fico esperando esta procuração para receber os referidos »cunhos, com carta de VS.a poderes para satisfazer alguma piquena »despesa que por acazo os referidos cunhos tenhão occasionado com as »experiencias que se fizerão. Deos guarde a VS.a Lisboa 25 de Maio »de 1868 — Ill.mo Sr. D.or Antonio Augusto Alves de Souza
»Joaquim Ignacio d'Almeida Amado».

i.) Doc.to registado no *Copiador Geral*, n.º 40 (1866-69), a fl. 203 v.

«A Joaquim Ignacio d'Almeida Amado — Maio 29 — Ill.mo S.r Em res- »posta ao officio que V. S.a dirigio ao Escrivão d'esta Camara Municipal, »com data de 25 do corrente, remetto a V. S.a a incluza Procuração, e »auctoriso-o para satisfazer alguma pequena despeza, que por acazo tenha »sido motivada pelas experiencias feitas com os cunhos, mencionados »na referida Procuração. Deos guarde a VS.a Porto e Paços do Conce- »lho 29 de Maio de 1868. Ill.mo S.r Joaquim Ignacio d'Almeida Amado. » — O Vice Presidente, Raymundo Joaquim Martins».

j.) Doc.to registado no *Livro n.º 1 do Registo das Procurações*, a fl. 51:

«Maio 28. Presidente e Vereadores da Excellentissima Camara Muni- »cipal d'esta Antiga, e Muito Nobre, Sempre Leal, e Invicta Cidade do »Porto etc.

([1]) Omitimos aqui parte do oficio por tratar de um assunto completamente diverso do que nos interessa.

»Pela presente auctorizamos o Senhor Joaquim Ignacio d'Almeida »Amado, da Cidade de Lisboa, para que, em nosso nome, possa receber »os cunhos das medalhas, que se deviam cunhar na Casa da Moeda, do »monumento erigido n'esta Cidade á memoria de Sua Magestade Impe- »rial o Senhor D. Pedro 4.º Em firmeza do que lhe mandamos passar a »presente que vai por nós assignada, e sellada com o sello das armas da »Cidade. Porto e Paços do Concelho 28 de Maio de 1868. Antonio »Augusto Alves de Souza, Escrivão. Raymundo Joaquim Martins, Vice »Presidente — José Duarte d'Oliveira — José Joaquim Barbosa de Araujo » — Thomaz Joaquim Dias — Antonio Caetano Rodrigues — Antonio Car- »dozo dos Santos — Alfredo Allen».

k.) Doc.to n.º 297, arquivado no *Livro de Proprias* de 1868:

«Ill.mo e Ex.mo Snr.

»Em virtude do Officio que V. Ex.a se dignou dirigirme em data »de 29 do passado, e da procuração que o acompanhava, tenho a honra »de participar a V. Ex. que os cunhos das medalhas relativas ao monu- »mento do S.r D. Pedro quarto, irigido nessa Cidade, e que devião »cunhar-se na Caza da Moeda, já estão em meu poder, e pelo accordo »que acabo de ter com S. Ex.a o S.r Presidente Bessa, ficão debaixo de »minha goarda até o principio de Julho proximo, em que irão para essa »Cidade dentro de uma Caixa de impressos que será dirigida para a Real »Bibliotheca.

»Tambem pela authorisação que V. Ex.a me concedeo no mesmo offi- »cio, e de ordem do Ex.mo S.r Bessa, paguei ao gravador a quantia de »vinte mil reis, que elle despendeu com as experiencias da cunhagem »das medalhas, principalmente nas de prata, e bem assim com 30 Cai- »xas que mandara fazer para as ditas medalhas, das quaes tão somente »entrega vinte e sete, por se lhe haverem desencaminhado duas, e a ter- »ceira por haver sido mandada com um medalha de cobre ao fallecido »Ex.mo S.r Conde de Lagoaça, e estas caixas hirão conjuntamente com os »cunhos na época a que acima me refiro. Deos guarde a VEx.a Lisboa »17 de Junho de 1868 — Ill.mo e Ex.mo Snr. Raimundo Joaquim Martins » — Vice-Presidente da Ex.ma Camara Municipal do Porto — Joaquim Igna- »cio d'Almeida Amado».

l.) Doc.to n.º 348, arquivado no *Livro de Proprias* de 1868:

«Ill.mo Snr. Aqui junto encontrará V. S.a a Coppia da relação dos im- »pressos que recebi para a nossa Real Bibliotheca no semestre findo, os

»quaes vão hoje remettedios (sic) á referida Repartição em uma caixa, »que vai pelo Caminho de Ferro.

»Dentro a mesma caixa, vão os cunhos das Medalhas da innauguração »do monumento do Snr. D. Pedro 4.º írigido nessa Cidade, bem como 27 »caixas para as mesmas medalhas: isto em conformidade com o que »disse a S. Ex.ª o Snr. Vice-Presidente, em meu officio com data de 17 »do passado.

»Vou tratar de fazer aprovar com brevidade o orçamento da Ex.ᵐᵃ Ca»mara, segundo a indicação de V S.ª em carta do S.ʳ Souza Reys — »Deos guarde a V S.ª Lisboa 10 de Julho de 1868 — Ill.ᵐᵒ Snr. Dr. Anto»nio Augusto Alves de Souza — Joaquim Ignacio d'Almeida Amado».

N.º 163 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, junto de uma estrelinha, e é interrompida no exergo: A D. PEDRO IV A CIDADE DO PORTO. No exergo, a assinatura: *C. Preyer.* O tipo desta face é copiado, em proporções redusidas, do da medalha antecedente. Representa a estátua equestre de D. Pedro IV, assente no respectivo pedestal e voltada à direita.

℞. — Na orla, a legenda, assim dividida: no arco superior, GRAVADA E IMPRIMIDA NA FABRICA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas, DA SOCIEDADE AURIFICIA. Ao centro, o miléssimo: 1867, resplandecente e envolvido por uma coroa, feita com dois ramos de carvalho, que estão unidos em baixo com o nó de uma fita que neles se enleia em espiral. No campo, em cima, entre as extremidades da coroa, ha uma estrela de cinco raios.

PB. Diâmetro: 43,5 milímetros. M. b. c.

Com o reverso igual ao desta medalha, fez-se uma outra dedicada a *Sua Santidade Pio IX* e com o mesmo anverso, fez-se em 1872 uma terceira, dedicada ao Imperador do Brasil, quando este visitou o Porto. Vid. adiante as respectivas descrições.

*

Morto El-Rei D. Pedro IV, em 24 de Setembro de 1834, logo surgiu a ideia de se erigir um monumento à sua memoria, e nesse sentido foi apresentada, no dia imediato, na Camara dos Pares, a seguinte proposta da iniciativa do digno par, D. Filipe de Sousa e Holstein [1]:

---

[1] *Gazeta Official do Governo (= Diario do Governo)*, n.º 79, de 30 de Setembro de 1834.

«Proposição.

»Artigo 1.º Levantar-se-ha um Monumento em testemunho de Gra»tidão Nacional á Memoria de Sua Magestade, o Senhor D. Pedro IV, »Rei de Portugal e Algarves, e depois Regente do Reino, em Nome »da Rainha, a Senhora D. Maria II. Art. 2.º Serão mencionados neste »Monumento os Beneficios recebidos pela Nação Portugueza da mão do »sobredito Senhor, a saber: 1.º a Generosa Concessão da Carta Consti»tucional em 29 de Abril de 1826: 2.º a Restauração das Liberdades »Patrias, e do Throno Legitimo da Rainha, por meio da Gloriosa Cam»panha começada em 8 de Julho de 1832, e terminada em 27 de Maio de »1834. Art. 3.º A materia, fórma, e local deste Monumento serão deter»minadas por uma Lei ulterior, á vista dos planos, e orçamentos apre»sentados pelo Governo á approvação das Côrtes Geraes. = Camara dos »Pares, em 25 de Setembro de 1834. D. Filippe de Sousa e Holstein, etc.».

Esta proposta, depois de admitida, baixou à Camara dos Deputados, onde, em sessão de 4 de Outubro do mesmo ano, os antigos ajudantes de campo do Imperador, pediram que ela fosse ampliada com mais os seguintes artigos (1):

«1.º O Monumento a Sua Magestade Imperial o Senhor Duque de Bra»gança, será uma Columna de granito de fórma colossal. 2.º Será erigido »na Cidade do Porto no sitio da Torre da Marca, por ser visivel de grande »distancia de terra, e de mar; tendo as armas ás Ordens de Sua Mages»tade Imperial triumphado em ambos os elementos. 3.º A Columna será »formada de granito, extraído das pedreiras que existem nas linhas do »Porto. 4.º Sobre a Columna se collocará uma Estatua colossal do Se»nhor D. Pedro, a qual será de bronze, e fundida das peças de artilheria »tomadas aos rebeldes pelas forças ás Ordens de Sua Magestade Impe»rial. 5.º No peito desta Estatua terá a Cidade do Porto um logar, para »depositar dignamente o Imperial Coração de Sua Magestade. 6.º Os ter»renos adjacentes á Columna Monumental serão convertidos em Jardins »públicos, e nestes se poderão elevar modestos monumentos aos guerrei»ros mortos na defeza da patria, e da Liberdade: assim como aos mili»tares do Exercito Libertador, que hajam feito distinctos serviços, e que »para o futuro morrerem. 7.º Este monumento será erigido por subs»cripção voluntaria dos Portuguezes e Estrangeiros, que á Memoria do »Principe Libertador quizerem tributar um signal de respeito. Lisboa, 4

(1) *Gazeta do Governo*, n.º 84, de 6 de Outubro de 1834, p. 433.

»de Outubro de 1834.=Duque da Terceira, 1.º Ajudante de Campo; »Barão de Sá da Bandeira, A. de C. de S. M. I.; Balthazar d'Almeida »Pimentel, C. A. de C. de S. M. I.; Gil Guedes Correa, C. A. de C. de »S. M. I.; Simão de Calça de Pina, C. A. de C. de S. M. I.; José de Pina »Freire da Fonseca; T. C. A. de C. de S. M. I.; João Ferreira Sarmento, »C. A. de C. de S. M. I.; Antonio da Silva Bastos; M. A. de C. de S. M. I.; »Antonio Marianno d'Azevedo; C. addido ao Estado Maior de S. M. I.; »Conde de Ficalho, C. A. de C. de S. M. I.; Luiz de Mello Breyner, T. »addido ao Estado Maior de S. M. I.; Conde de Subserra da Bemposta, »A. de C. de S. M. I.».

Apesar do entusiasmo com que os antigos ajudantes do Imperador perfilharam e ampliaram a ideia de Sousa Holstein, pouco ou nada se fez para que ela fosse levada a efeito, limitando-se o Governo a encarregar o pintor Joaquim Rafael, de executar uns projectos para o monumento [1].

Decorridos, porêm, muitos anos a ideia resurgiu e, em vez de um, foram dois os monumentos que se erigiram ao Rei-soldado, sendo o primeiro na cidade do Porto e o segundo na de Lisboa.

O monumento do Porto que se ergue ao centro da antiga Praça-Nova, foi mandado fazer pela respectiva Camara Municipal, de acordo com uma grande comissão de benemeritos portuenses, e à custa de uma subscrição e de um emprestimo de vinte contos de reis.

Em 1861 realizou-se o concurso dos respectivos projectos, sendo escolhido, dentre sete que apareceram, um que havia sido executado pelo escultor francês, residente em Portugal, Anatole Calmels.

A cerimónia do lançamento da primeira pedra do monumento, fez-se com grande aparato, no dia 9 de Julho de 1862, aniversario da entrada do Exercito Libertador no Porto, estando El-Rei D. Luis, representado nesse acto pelo seu ajudante de campo, o General José Gerardo Ferreira

---

[1] Vid. o folheto: *Discripção dos trez modelos para os Monumentos que os representantes da Nação portugueza em sessão de 25 de setembro, e 4 de outubro de 1834, solicitarão ao governo de S. M. Fidelissima se erigisse á memoria do maior dos principes o senhor D. Pedro IV de saudosa memoria: os quaes forão mandados fazer pelo Ministerio do Reino a Joaquim Rafael 1.º Pintor da Real Camara.* Lisboa: Na Typographia de R. D. Costa Rua Direita de S. Paulo N. 10 A. 1837

Brito Aranha ao apontar este folheto no seu *Dicionario Bibliografico,* vol. XII, p. 138 s. v. Joaquim Rafael, descreveu-o por engano com o seguinte titulo: *Descrição das tres medalhas para os monumentos,* etc.

de Passos [1]. Em 19 de Outubro de 1866 inaugurou-se a estátua, na presença de El-Rei D. Luis e de El-Rei D. Fernando, com as seguintes formalidades [2]: pelas duas horas e meia da tarde organizou-se no edificio dos Paços do Concelho, um majestoso cortejo que acompanhou os Soberanos até um pavilhão que estava armado na Praça, onde o Presidente da Camara, e El-Rei D. Luis, proferiram discursos. Em seguida os Soberanos desceram do pavilhão, ao som do hino rial e foram examinar a farda que El-Rei D. Pedro IV usara durante o cerco do Porto, a qual, tendo sido oferecida à Camara pela Imperatriz D. Amelia, estava exposta no meio da Praça, sobre uma mesa. Alguns momentos depois, El-Rei D. Luis, puxando por um cordão, fez descerrar a estátua e, logo em seguida, as bandas tocaram o hino de D. Pedro IV, os sinos repicaram, salvaram as fortalezas; da Serra do Pilar e da Foz, lançaram-se aos ares muitas girandolas de foguetes, e ergueram-se vivas.

Inaugurada a estátua, os Soberanos dirigiram-se novamente ao pavilhão, onde o Visconde de Lagoaça, Presidente da Camara, entregou a El-Rei D. Luis um exemplar de ouro da medalha supra descrita, e dalí voltaram para os Paços do Concelho, onde depois de assinarem o auto da cerimónia que acabava de realizar-se, estiveram assistindo ao desfile das tropas que haviam estado formadas na Praça. Por fim cantou-se um soléne *Te-Deum* na Igreja da Lapa.

A guarda de honra ao monumento e ás Pessoas Riais foi feita pelo regimento de caçadores n.º 5, por alguns restos do extinto regimento de voluntários da Rainha e por veteranos da Liberdade, que se apresentaram com os seus antigos fardamentos. Á noite houve iluminações em várias ruas e edificios, sendo as dos Paços do Concelho e do palacio do Visconde da Trindade, feitas a gaz.

O monumento compõe-se de uma estátua equestre, de bronze, assente num pedestal de pedra que tem: na frente, as armas da Casa de Bragança, na parte de trás, as da Cidade do Porto, e aos lados dois baixos-relêvos, representando um deles, El-Rei D. Pedro IV a entregar ao comandante do regimento de voluntarios da Rainha a bandeira bordada pelas senhoras do Faial, e o outro a entrega do coração do mesmo Soberano à Cidade do Porto.

N.º 164 — 1867 — **Ded.ᵈᵃ a Sua Santidade Pio IX**. Na orla, cercadura ornamental. No campo, em cima, numa linha curva, a legenda: SUA SANTIDADE PIO IX.

(1) *O Braz Tisana*, ano XI, n.º 157, de 10 de Julho de 1862.
(2) Ibidem, ano XV, n.ºs 235 e 240, de 14 e 20 de Outubro de 1866.

Busto do Papa, com as suas competentes vestes, e solideo, voltado à esquerda. Junto do busto, do lado direito, a assinatura (que neste exemplar está bastante apagada): *C. Preyer.*

℞. — Na orla, a legenda, assim dividida: no arco superior, GRAVADA E IMPRIMIDA NA FABRICA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas, DA SOCIEDADE AURIFICIA. Ao centro, o milésimo: 1867, resplandecente e envolvido por uma coroa, feita com dois ramos, de carvalho e louro, unidos em baixo com o nó de uma fita que neles se enleia em espiral. No campo, em cima, entre as extremidades da coroa, ha uma estrela de cinco raios.

Æ. Diâmetro: 44 milímetros. M. b. c.

N.º 165 — Outro exemplar.

PB. M. b. c.

O tipo do reverso é igual ao da medalha antecedente e o do anverso é igual ao de uma outra que se fez em 1878, adiante descríta no lugar competente.

Não sabemos por que motivo se fez esta medalha, a qual foi *gravada e imprimida* na fabrica da Sociedade Aurificia do Porto.

N.º 166 — 1867 — **Com.va da inauguração do monumento de Camões, em Lisboa.** Na orla, a legenda que começa em baixo do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: A LUIZ DE CAMÕES — A PATRIA RECONHECIDA; no exergo, que não está separado por friso, uma estrelinha. Cabeça do Poeta, voltada à esquerda e com coroa de louro, atada, junto da nuca, com um laço que tem as pontas caídas.

No campo, por baixo do pescoço, a assinatura: F. A. C. (Frederico Augusto de Campos).

℞. — Dentro de uma coroa, feita com dois ramos bastante espêssos, um de louro, outro de carvalho, presos em baixo com um laço e quási unidos em cima, a seguinte inscrição, em seis linhas horizontais: IX ‖ OUTUBRO ‖ MDCCCLXVII ‖ MONUM. INAUG. ‖ EM ‖ LISBOA.

Æ. Diâmetro: 56 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 4 (estampa); *Arquivo Pitoresco*, X, 1867, p. 224 (estampa):

Com o anverso iguál ao desta medalha fez o seu autor uma outra, em 1880, para comemorar o Tricentenário de Camões, e com os reversos das duas combinados, fez ainda uma terceira. Vid. adiante as respectivas descrições.

Esta medalha foi feita na Casa da Moeda de Lisboa pelo gravador Frederico Augusto de Campos, certamente por ordem da comissão encarregada de erigir o monumento a Camões. Quando êste se inaugurou, visto não estarem ainda concluidos os cunhos, fizeram-se provisóriamente, com o auxílio de um modêlo de gêsso e pelo processo da galvanoplastia, seis exemplares para se distribuirem, na ocasião da cerimónia, às Pessoas Riais e a alguns personagens de representação (1).

*

Em 1860 o professor da Escola de Belas-Artes de Lisboa, António Vítor Figueiredo de Bastos, lembrou-se de fazer um modêlo de gêsso para um monumento a Luís de Camões e de o expor ao público numa sala da Câmara Municipal. O modêlo agradou e fez com que se julgasse, emfim, oportuno o momento de se pôr em prática a idea, várias vezes antes tentada em vão, de se erigir ao grande épico um monumento condigno. Pensou-se por isso em executá-lo por meio de subscrição pública, encarregando-se de a promover duas grandes comissões, sendo uma presidida pelo Duque de Saldanha e outra, auxiliar daquela, composta de senhoras da alta sociedade.

Obtida por êste modo, e com o auxílio de um pequeno subsídio do Govêrno, a quantia necessária para se executar o monumento e tendo-se resolvido que êste se colocasse na antiga Praça do Loreto, que passou depois a denominar-se de Luís de Camões, fez-se contrato com o escultor e nomeou-se uma sub-comissão para designar os personagens que deviam figurar as oito estátuas que no projecto rodeavam o pedestal, sendo designados os seguintes: Fernão Lopes, Gomes Eanes de Azurara, Pedro Nunes, Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros, Vasco Mousinho de Quebedo, Jerónimo Côrte Rial e Francisco de Sá de Menezes (2).

Em 28 de Junho de 1862, realizou-se com grande aparato a cerimónia

---

(1) Vid. *Arquivo Pitoresco*, vol. x, 1867, p. 224.

(2) Vid. Silvestre Ribeiro: *História dos estabelecimentos scientíficos*, xvi, p. 215.

da colocação da primeira pedra e de um cofre de mármore, nos alicerces do monumento (1).

Antes de enterrado, foi o cofre levado à presença de El-Rei, sôbre uma padiola conduzida por Castilho, Mendes Lial, Eugénio de Almeida e Silva Túlio, para o Soberano lhe meter dentro outro cofre, de prata, que continha o auto da cerimónia, algumas moedas correntes e uma lâmina de cobre prateado com uma inscrição (2).

Colocado em seguida no seu lugar, cobriu-se com uma lage que El-Rei ajustou, batendo-lhe com um camartelo e lançando-lhe algum cimento.

A 9 de Outubro de 1867 inaugurou-se o monumento com grande pompa (3).

A Praça foi toda embandeirada e encheu-se completamente de gente. A estátua estava, como de costume, velada. Pelas 4 horas chegaram El-Rei D. Luís, El-Rei D. Fernando e o Infante D. Augusto e tomaram os seus lugares numa tribuna armada no lado Norte. Várias bandas militares tocaram então, conjuntamente, a marcha dedicada a Camões pelo maestro Artur Frederico Reinhardt. Organizou-se depois um cortejo que se encaminhou para junto do monumento e no qual se encorporaram os porteiros da Rial Câmara com as maças de prata, os reis de armas, arautos e passavantes, com suas cotas, corporações, tribunais, autoridades e convidados, a Câmara Municipal, a Academia Rial das Sciências, o Conselho Geral da Instrução Pública, lentes da Universidade de Coimbra, a Comissão dos subscritores do munumento, titulares, Grandes do Reino, membros do Corpo Legislativo, Conselho de Estado, Ministério, e por último as Pessoas Riais, seguidas dos gentis-homens, e ajudantes de campo.

Junto do monumento falou em primeiro lugar o vice-presidente da Comissão e em seguida o Monarca. Depois, El-Rei D. Luís e El-Rei

---

(1) Vid. *Auto da solemnidade da collocação da pedra fundamental do monumento que se vai erigir ao grande Poeta nacional Luiz de Camões*. Este auto, que é muito extenso, vem publicado em várias obras, como por exemplo: *Arquivo Pitoresco*, v, 1862, p. 129, e António Feliciano de Castilho: *Obras completas*, XXXI, *Camões*, vol. III, p. 51, da 3.ª edição.

(2) Esta inscrição foi redigida pelo abade Caetano Frascarelli, empregado na Nunciatura, e deu origem a uma polémica literária entre o seu autor e o professor do liceu António Caetano Pereira, por estar incorrecta. Os artigos que a êste respeito se publicaram nos jornais: *A Nação* e *Jornal do Comércio*, foram reunidos num folheto intitulado: *Confirmação da censura feita á inscripção latina, introduzida no alicerce do monumento a Camões e refutação de todas as objecções que tem sido feitas contra a censura*, por António Caetano Pereira, Lisboa 1863.

(3) Vid. *Auto de inauguração do monumento consagrado a Camões*, que vem publicado, por exemplo, no *Arquivo Pittoresco*, vol. X, 1867, p. 219.

D. Fernando, puxando pelos cordões da cortina, fizeram descerrar a estátua. Nesse momento as tropas apresentaram armas, lançaram-se muitas girândolas de foguetes, deram-se salvas no Castelo e nos navios de guerra, e as bandas militares tocaram a marcha dedicada a Camões por Guilherme Cossoul. Voltando o cortejo, com a mesma ordem, à tribuna rial, o vice-presidente da Comissão entregou a El-Rei o exemplar da medalha comemorativa da cerimónia.

A estátua foi fundida na fábrica da Companhia Perseverança, então dirigida por José Pedro Colares Júnior (1).

N.º 167 — 1867 — **Com.va da Igreja de Santa Maria de Belem, vulgo, dos Jerónimos**. Na orla, em cima: STE MARIE Á BELEM (LISBONNE). No exergo, que está separado por friso, junto deste, do lado direito, a assinatura: J(acques). ET CH(arles). WIENER. Fachada lateral da Igreja com a competente porta ornamentada.

℞. — Na orla, aos lados, ha dois segmentos de circulo que conteem a seguinte legenda, escrita em tres linhas verticais. FONDEÉ EN 1499 || (do lado direito), PAR LE ROI || EMANUEL-LE-GRAND (do lado esquerdo). No exergo, que está separado por friso, junto deste, do lado direito, a assinatura: J. WIENER. 1867. Vista do interior da Igreja.

Æ. Diâmetro: 59,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Le séjour à Lisbonne de Charles Wiener* (estampa).

N.º 168 — S. d. — **Com.va do Convento da Batalha**. No exergo, que está separado por friso, a legenda em quatro linhas horizontais: CONVENTO DE BATALHA || EDIFICADO POR VOTO DE DOM JOÃO I || REI DE PORTUGAL || NOS FINS DO XIV SECULO. Por baixo da legenda, junto da orla, a assinatura: J. WIENER F. Vista exterior do convento.

℞. — No exergo, que está separado por friso, junto deste, do lado esquerdo, a assinatura: J. WIENER BRUXELLES. Vista do interior da Igreja.

Æ. Diâmetro: 59,5 milímetros. M. b. c.

(1) No *Diário de Noticias*, de 7 de Setembro de 1907, na secção: O *Diário de Noticias há quarenta anos*, vem reproduzida com bastante desenvolvimento a história da fundição da estátua.

As duas espécies que acabamos de descrever, fazem parte de uma longa série de medalhas que teem por tipo vistas dos principais monumentos — especialmente Igrejas —, de diversos paises da Europa, a qual foi executada pelos notaveis gravadores belgas, os irmãos: Leopold, Jacques, e Charles Wiener.

N.º 169 — 1870 — Com.va da inauguração do monumento de El-Rei D. Pedro IV, erigido em Lisboa. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: D. PEDRO IV — REI DE PORTUGAL. Busto do Soberano, com barbas compridas, voltado à direita, com coroa de louro, que se prende, junto da nuca com uma fita enlaçada cujas pontas estão caídas sobre as costas, fardado de grande uniforme, e condecorado com o colar e respectiva insignia da Ordem da Torre e Espada. Do lado direito do peito, pendem dois cordões com borlas nas extremidades. No exergo, que não está separado por friso, junto do corte do busto, a assinatura: MOLARINHO.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: MONUMENTO LEVANTADO A MEMORIA DE D. PEDRO IV, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: INAUGURADO EM LISBOA. Ao centro, a data: 29 || DE || ABRIL || 1870, escrita em quatro linhas horizontais, entre duas palmas cujos pés estão unidos por um nó, tudo envolvido pòr uma coroa de folhas de carvalho e louro, completamente fechada, e ligada com uma fita que se cruza em cima, em baixo e aos lados.

AR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

N.º 170 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

N.º 171 — Outro exemplar.

PB. B. c.

Esta medalha foi mandada fazer pela comissão encarregada de erigir o monumento de El-Rei D. Pedro IV na cidade de Lisboa, para comemorar a inauguração deste, que se realizou em 29 de Abril de 1870.

Do programa oficial da cerimónia da inauguração [1], consta (n.º 26) que, findos os discursos, o presidente da comissão deveria oferecer a

[1] *Diario do Governo*, de 16 de Abril de 1870. O programa é datado de 13 do mesmo mês.

Suas Majestades exemplares da referida medalha, e no auto da mesma cerimónia, que depois se lavrou[1], diz-se que, voltando Sua Majestade à tribuna, *e satisfeito o programa em todas as suas partes*, foi pelo presidente da comissão lido um discurso.

O *Jornal do Comércio*[2], referindo-se, tambêm, à cerimónia, diz: «Proseguindo o acto, foram offerecidos a el-rei alguns exemplares da »medalha comemorativa da inauguração».

No *Diario de Noticias*, de 24 de Fevereiro de 1871, colhemos, porêm, a seguinte informação[3], da qual se depreende, que a cunhagem e distribuição dos restantes exemplares só se fez no ano seguinte: «Reuniu-se »hontem, 23, a commissão do monumento a D. Pedro IV, a fim de tratar »da distribuição das medalhas commemorativas da inauguração. Foi limi»tado o numero das medalhas cunhadas. Segundo ouvimos, apenas se »mandaram fazer 25 de prata e 200 de cobre[4]. As primeiras são desti»nadas a suas magestades e aos membros da commissão, aos esculpto»res e ao ministro que deu maior impulso á construcção do monu»mento, e cremos ser o sr. João Chrysostomo d'Abreu e Sousa. Será »offerecida uma a cada jornal de Lisboa, e a algumas corporações. As »medalhas estão perfeitamente trabalhadas. No inverso vê-se o busto do »imperador com as palavras «D. Pedro IV, rei de Portugal»; no reverso »a data de 29 de abril de 1870, circundada por uma coroa de folhas com »a legenda «Monumento levantado á memoria de D. Pedro IV, inaugu»rado em Lisboa»».

Conclue-se destas informações: que à data da inauguração do monumento, isto é, em 29 de Abril de 1870, estavam já concluidos os cunhos da medalha, visto que com eles se cunharam os exemplares destinados ao Monarca; e que a distribuição geral de outros exemplares se fez, sómente, dez mezes depois, em virtude de uma resolução tomada pela comissão, em 23 de Fevereiro de 1871. ¿Teria sido essa demora motivada por estarem incorrectos os primeiros exemplares? É possivel que assim tenha sucedido, e tanto mais que no catalogo da colecção de Leitão, n.º 228, e num outro da Casa Liquidadora, de D. Maria Guilhermina de Jesus, publicado em 1904, n.º 1286, veem apontados exemplares datados de 28 e não 29 de Abril de 1870[5].

---

(1) *Diario do Governo*, de 30 de Abril de 1870.

(2) De 30 de Abril de 1870.

(3) Vem reproduzida no n.º de 24 de Fevereiro de 1911.

(4) E' possivel que depois se tivessem feito mais exemplares.

(5) Conf. com o n.º 1285. Quem redigiu o catalogo, quis, sem duvida, notar a existencia de um exemplar datado de 28 de Abril, mas não tendo reparado que o exemplar de Leitão tinha a mesma data, apontou-o erradamente como sendo uma variante deste último

*

Já tivemos ocasião de dizer que a ideia de se erigir um monumento a El-Rei D. Pedro IV, apesar de ter surgido logo no dia imediato ao do falecimento deste Soberano, 25 de Setembro de 1824, só foi posta em prática passados muitos anos, e que foram dois, em vez de um, os monumentos que então se erigiram à sua memoria, sendo o primeiro, do qual tratámos supra, a p. 246, na cidade do Porto, e o segundo, ao qual nos vamos agora referir, na de Lisboa, ao centro do antigo *Largo do Rossio.*

Em 1851 achava-se constituida a comissão encarregada de dirigir os trabalhos do monumento, e de promover uma subscrição com cujo produto se pretendia satisfazer os encargos da obra, sendo a pedra fundamental lançada solénemente em 17 de Julho de 1852 (1), na presença da Rainha D. Maria II, do Corpo Diplomático, da Corte, dos Ministros e de várias comissões, entre as quais se contava a da Camara dos Deputados, que era composta da mesa e dos seguintes *Bravos do Mindelo*: Adrião Acacio, José Estevão, Northon, Luis de Almeida Menezes, Sousa Pinto Bastos, Fonseca e Melo, Dias e Sousa, Cesar de Vasconcelos, Barjona, e Oliveira Pimentel.

Inaugurados os trabalhos e feitos alguns projectos, começou-se a construção do pedestal para o monumento, o qual ficou sendo conhecido por *galheteiro*, e se conservou durante muitos anos por concluir.

Em 1862 foi o Governo autorizado pelo Parlamento a abrir anualmente os creditos extraordinarios indispensaveis para o proseguimento das obras; mas só dois anos depois, por Portaria de 25 de Fevereiro de 1864, ordenou à comissão que mandasse destruir o pedestal e que desse o seu *parecer* a respeito do merito artistico dos planos e projectos já feitos, devendo formular o programa para um novo concurso, caso não julgasse nenhum dos referidos projectos digno de ser executado. Achando-se então a comissão reduzida a cinco membros — Conde de Farrobo (presidente), Duque de Palmela (D. Domingos), Marquês de Fronteira, Conde de Melo e Visconde de Benagazil —, foram nomeados, por Portaria de 8 de Março de 1864, para dela fazerem parte, mais os seguintes vogais: Marquês de Sá da Bandeira, Duque de Palmela (Antonio), Marquês de Sousa Holstein, Visconde de Menezes, Conselheiro Jorge Husson

(1) Vid. a noticia da cerimónia no jornal: *A Revolução de Setembro*, n.º 3089, de 19 de Julho de 1852, notando-se, porêm, que aquela se realizou no dia 17 e não no dia 18, como poderia depreender-se das primeiras palavras: *verificou-se hontem*, da referida noticia.

da Camara, Francisco de Assis Rodrigues, Miguel Angelo Lupi e Marciano Henriques da Silva.

Regeitados os projectos existentes, publicou-se, em 30 de Março de 1864, o programa para um novo concurso internacional, ao qual concorreram nada menos de oitenta e sete projectos, sendo escolhido, para ser executado, em 6 de Abril do ano seguinte, dentre cinco que foram premiados, o que tinha o n.º 28, cujos autores eram os artistas franceses: Davioud, arquitecto e Elias Robert, escultor.

Segundo consta do programa, o custo da obra não poderia exceder a quantia de oitenta contos de reis.

Em 29 de Abril de 1867 foram alguns membros da comissão depositar um novo auto nos alicerces do monumento, sendo este, por fim, solénemente inaugurado no dia 29 de Abril de 1870 — intencionalmente escolhido por ser o do aniversario da outorga da Carta Constitucional —, na presença de El-Rei D. Luis, da Rainha D. Maria Pia, de El-Rei D. Fernando, dos Infantes: D. Augusto e D. Afonso, do Corpo Diplomático, da Corte, das Camaras: legislativas e Municipais, convidados, etc., não tendo, porêm, assistido, por motivo de doença, nem a Imperatriz D. Amelia, viuva de D. Pedro IV, nem o Principe Rial.

Defronte do monumento estavam armadas tres tribunas, sendo a do centro destinada à Familia Rial e as outras aos convidados. Logo que El-Rei D. Luis descerrou a estátua, a Rainha e as suas damas fizeram-lhe profunda reverencia, as fortalezas e os navios de guerra salvaram e as bandas tocaram o hino da Carta.

Em seguida, El-Rei D. Luis voltou para a tribuna, onde o presidente da comissão, depois de lhe oferecer alguns exemplares da medalha acima descrita, leu um discurso, ao qual o Soberano respondeu. Por fim leu-se e assinou-se o auto da cerimónia.

Os antigos militares condecorados com a *medalha de D. Pedro e D. Maria*, tiveram um lugar especial para assistirem à festa, mas parece que muitos deles não compareceram, por estarem escandalisados com certas irregularidades que tinha havido na concessão da medalha (1).

---

(1) Vid. a este respeito: *A Revolução de Setembro*, nos n.os que se seguem ao de 30 de Abril de 1870.

Para a Historia do monumento de El-Rei D. Pedro IV, erigido em Lisboa, vid.:

Relatorio apresentado a sua Excellencia o Ministro das Obras Publicas pela Commissão nomeada em 25 de Fevereiro de 1864 para tratar da erecção do monumento á memoria de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro IV. Lisboa 1868. Este Relatorio é acompanhado

N.º 172 — 1872 — Com.ᵛᵃ da visita do Imperador do Brasil à cidade do Porto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: D. PEDRO II — IMP. DO BRAZIL. Busto do Imperador, voltado à esquerda, sem vestuario, com barba espêssa e cabelo comprido e apartado. No campo, junto do corte do busto, a assinatura: MOLARINHO F.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: VISITA DE S·M·I. Á CIDADE DO PORTO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: 1 DE MARÇO DE 1872. Ao centro a inscrição: AVE ‖ CÆSAR, em duas linhas horisontais, envolvida por um resplendor pentagonal, e dentro de uma coroa fechada e feita com folhas de carvalho ligadas por uma fita que se cruza em cinco pontos.

AR. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c.

Bibl.: José Alberto Corte Real, Manuel Antonio da Silva Rocha e Augusto Mendes Simões de Castro: *Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal.* Coimbra 1872. Pag. 127 e 128 (descrição).

N.º 173 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer pelos habitantes do Porto, com o produto de uma subscrição que entre si realizaram, para comemorar a visita do Imperador do Brasil áquela cidade, no ano de 1872.

Os cunhos foram abertos pelo gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho.

Ao Imperador foi entregue um exemplar de ouro com o peso de 27 oitavas, por uma comissão composta de João Ferreira de Andrade Leite,

---

de um album que contem as fotografias dos oitenta e sete projectos apresentados a concurso;

A. D. Pedro IV os Portuguezes — Memoria historica e artistica do monumento inaugurado em Lisboa a 29 de Abril de 1870. Folheto de 40 pags. e uma gravura do monumento;

Catalogo dos projectos para o monumento a Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro IV. Lisboa, 1865.

Descripção do projecto para o monumento destinado a perpetuar a memoria gloriosa de Sua Magestade Imperial o Senhor D. Pedro IV Duque de Bragança, o qual projecto tem o n.º 1, e a seguinte epigraphe: etc. Folheto de 8 pags. que tem no fim indicada a data de 1864.

Henrique José Pinto e José Ferreira Moutinho, um dos quais proferiu nesse acto a seguinte alocução:

«Senhor: — A terra que foi testimunha dos heroismos do sr. D. Pe»dro IV, augusto pae de Vossa Majestade, a terra que é legataria do »seu nobre coração, a terra que elle tanto amou e que lhe correspondeu »com egual affecto, apreciando devidamente a honra que Vossa Majes»tade acaba de fazer-lhe com a sua imperial presença, quiz commemorar »tão fausto acontecimento, e nos encarregou de obter licença para pôr »nas augustas mãos de Vossa Majestade a medalha que o representa, »como testemunho de que, reproduzindo o filho tão fielmente as excelsas »virtudes do pae, legitimamente succedeu ao pae o filho no amor dos »portuenses.

»Permitta, pois, Vossa Majestade que jubilosos nos desempenhemos »de tâo honrosa commissão. Porto, 2 de março de 1872. — *João Ferreira »de Andrade Leite — Henrique José Pinto — José Ferreira Moutinho*».

O Imperador agradeceu.

A medalha ia metida num estojo forrado, exteriormente, de veludo carmesim e, interiormente, de veludo verde. Sobre a tampa tinha as armas brasileiras, impressas a ouro e ornamentadas com uma fita enlaçada, em que se lia a seguinte inscrição: *Os portuenses ao sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil.*

Alêm do exemplar de ouro a que acima nos referimos, fizeram-se vários outros exemplares, de prata e de cobre, sendo os cunhos, depois de feita a cunhagem, entregues tambêm ao Imperador (1).

N.º 174 — Outra, comemorativa do mesmo facto. No arco superior da orla, a legenda: A D. PEDRO II IMPERADOR DO BRASIL e no arco inferior: FABRICA DA COMPANHIA AURIFICIA.

Busto, muito pequeno, do Imperador — voltado à esquerda, sem vestuario, com barba espessa e o cabelo comprido e apartado —, envolvido por dois ramos, um de louro, outro de café (?), ligados em baixo com um nó. Entre este e a legenda do arco inferior, lê-se, no campo, em duas linhas horizontais o seguinte: 1872 || PORTO. Na orla, do lado direito, ha uma estrelinha que separa as extremidades das legendas.

℞. — Igual ao anverso da medalha supra descrita com o n.º 163 comemorativa da inauguração do monumento de D. Pedro IV, eri-

(1) Extraímos todas estas noticias do livro, supra citado: *Viagem dos Imperadores do Brasil em Portugal.*

gido no Porto. Na orla, tem a seguinte legenda, que é precedida de uma estrela de cinco raios: A D. PEDRO IV A CIDADE DO PORTO. Ao centro a estátua equestre de D. Pedro IV, e competente pedestal, voltada à direita. No exergo, que está separado por friso a assinatura: *C. Preyer.*

PB. Diâmetro: 43,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

No catalago de Leitão, vem descrita, sob o n.º 249, uma medalha com o anverso igual ao desta e que tem no reverso a seguinte inscrição: S.M.I. || MARÇO DE 1872 || DEZEMBRO DE 1889.

Esta variante deve ter sido feita quando o Imperador do Brasil visitou o Porto em 1889, depois de destronado.

*

No decorrer dos anos de 1871 e 1872, o Imperador do Brasil, D. Pedro II, acompanhado de sua Esposa, fez uma longa viagem de recreio na Europa e parte da Africa [1]. Tendo partido do Rio de Janeiro, em 25 de Maio de 1871, a bordo do paquete *Douro*, chegou a Lisboa no dia 12 de Junho seguinte; mas por causa da quarentena a que quiz sujeitar-se, no Lazareto, só no dia 20 desembarcou.

Daí a dois dias, porêm, seguiu logo para Hespanha, em comboio especial, visto ter resolvido visitar o nosso País, mais minuciosamente, no fim da viagem.

Passados oito meses, em 29 de Fevereiro de 1872, depois de ter percorrido a Hespanha, a Inglaterra, A Belgica, a Alemanha, a Austria o Egito e a Italia, entrou novamente em Portugal, pela fronteira de Elvas, dirigindo-se directamente para o Porto, onde no dia seguinte, 1 de Março, foi recebido com entusiasticas demonstrações de simpatia e deslumbrantes festejos.

Desde a estação das Devezas até ao Hotel do Louvre, onde se hospedou, foi conduzido num trem descoberto, entre álas de povo e de tropa, e acompanhado de um cortejo de oficiais do estado-maior, de regimentos e de altos funcionarios. Depois de almoçar, foi à Igreja da Lapa, ver o monumento que contem o coração de seu Pai, e ouvir uma missa soléne, e dalí seguiu para a Quinta do Vice-Consul do Brasil, onde esteve examinando o célebre *Reduto das Medalhas* — ponto extremamente arriscado e perigoso das linhas do Porto, em cuja defeza, durante e cerco a esta

---

(1) Vid. o livro citado na nota antecedente.

cidade, se distinguiram muitos militares, que por esse motivo foram condecorados com medalhas. No mesmo dia, visitou ainda: a Bolsa, a Igreja de S. Francisco, a Misericordia, a Sé, a Academia de Belas-Artes, o Ateneu, a Bibliotéca, a Camara Municipal, e a Igreja dos Clérigos, e à noite, depois de jantar, deu recepção e foi assistir ao espectáculo no teatro Baquet. No dia seguinte continuou os seus passeios pela cidade, esteve em casa de Camilo Castelo Branco, visitou a Foz e o Palacio de Cristal, assistiu ao espectáculo no teatro de S. João, e recebeu, entre várias outras comissões, a que lhe foi entregar a medalha.

Durante o tempo em que o Imperador se conservou no Porto estiveram as ruas vistosamente ornamentadas, e houve deslumbrantes iluminações.

No dia 3 de Março, foi D. Pedro II a Braga, de onde seguiu para Coimbra, tendo, porêm, descançado novamente no Porto, durante uma noite. De Coimbra dirigiu-se sucessivamente para Leiria, Batalha, Alcobaça, Caldas da Rainha, e Lisboa, onde embarcou para regressar aos seus Estados, em 13 de Março de 1872.

N.º 175 — 1872 — **Ded.ªa a El-Rei D. Luis pela Sociedade Aurificia do Porto.** Busto do Soberano, com bigode e *pêra*, sem vestuario, voltado à direita. Na secção do pescoço, a assinatura: CP. (Carlos Preyer). Não tem legenda nesta face.

℞. — Em oito linhas horizontais, a inscrição: LVDOVICO·I || PORT·ET·ALGARB·REGI || ARTIVM·PATRONO·MVNIFICENTISSIMO || OB·EIVS·ERGA·SE·BENEVOLENTIAM || SOCIETAS·AVRARIA || PORTVCALENSIS || DIE·XI·M·IVNII·A·D·MDCCC·LXXII || EX·VOTO·SVSCEPTO.

Æ. Diâmetro: 44 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Leitão: *Numismatica*, n.º 253 (descrição). Conf. com o n.º 256 onde o autor descreve um exemplar, que ele julga ser unico, e que varía do nosso por ter o busto do Monarca só com bigode.

*

Foi a 11 de Julho de 1872 (e não a 11 de Junho, como erradamente se diz na inscrição da medalha), que, achando-se a Familia Rial no Porto, El-Rei D. Luis visitou, entre várias outras fábricas, a da Sociedade Aurificia, onde foi recebido pelos directores e membros do Conselho Fiscal.

Com respeito à medalha apenas podemos dar a seguinte informação, que transcrevemos do jornal: *O Commercio do Porto*, n.º 157, de 12 de Julho de 1872: «O presidente da assembleia geral o snr. Macedo Pinto »pediu tambem licença a el-rei para se cunhar na fabrica uma medalha »com a sua real-effigie, offerecendo-lhe desde logo um exemplar d'ella, »ao que S. M. accedeu do melhor agrado, agradecendo».

N.º 176 — 1872 — **Com.ª do centenário da reforma da Universidade de Coimbra.** No exergo, que está separado por um friso, lê-se ao centro o milésimo: 1872, e do lado esquerdo, junto do friso, a assinatura: MOLARINHO. Figura de uma mulher, que representa a *Sapiencia* (insignia da Universidade) (1), de frente, sentada numa poltrona de pedra no meio do *Pátio da Universidade*, descalça, com coroa rial, e cabelos caídos, com vestido liso, e manto que se prende, junto do peito, com um broche. Com a mão direita erguida segura um scetro encimado por uma esfera, o qual está firmado no joelho direito, e com a outra mão ampara um livro fechado, que tem a capa ornamentada e que está apoiado no joelho esquerdo.

Na base da poltrona, do lado direito, está pousado um mocho, sobre dois livros.

No segundo plano avistam-se os seguintes corpos do edificio da Universidade: a Capela, do lado esquerdo, a torre, ao fundo, e a *Via Latina*, do lado direito. No pátio distinguem-se algumas pessoas a passearem.

℞. — Na orla, cercadura ornamental, e ao centro, em dez linhas horizontais, a inscrição: ACADEMIA || CONIMBRICENSIS || A JOSEPHO I || ANNO MDCCLXXII || MARCHIONIS A POMBALE || STUDIO

---

(1) «As infignias, que efta Vniuerfidade de feu fundamento tẽ, faõ huã figura de huã »mulher, q̃ reprefenta a Sapiencia, affentada cõ hũa efphera na mão, rodeada de liuros: »& hũa letra ao redor q̃ diz, *Per me Reges regnãt et legũ cõditores jufta decernũt.* lib. »Prou. Salõ. cap. viij. A qual infignia feruirá nos fobredittos fellos, & nos mais da Vniuer»fidade, & fe porá em todas as fabricas, peças de prata, ornamentos ricos, & mais obras, »& liuros della».

Livro II, titulo XXVI, §. 14 dos: *Estatvtos da Vniversidade de Coimbra. Confirmados por el Rey noffo Snõr Dom* IOÃO *o 4.º em o anno de 1653... Coimbra*, 1654. Esta edição dos estatutos tem encorporada uma bela gravura que representa a insignia da Universidade, composta de acordo com o que neles se dispõe, a qual está assinada por Josepha de Ayalla. Obidos, 1653.

ET OPERA || PENITUS RESTAURATA || FESTUM SÆCULARE || AGIT || ANNO MDCCCLXXII.

Æ. Diâmetro: 53,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Annuario da Universidade de Coimbra, 1872-1873 (estampa); *Panorama Photographico de Portugal,* vol. III, 1873, pag. 23 (estampa).

Esta medalha comemora o primeiro centenario da reforma da Universidade de Coimbra, realizada em 1772, no reinado de El-Rei D. José, por iniciativa do Marquês de Pombal, tendo sido mandada cunhar pelo Corpo Docente daquele estabelecimento scientifico, em virtude de uma deliberação tomada em *Claustro Pleno.*

Para o tipo da medalha apresentaram-se alguns projectos, e fizeram-se vários estudos, resolvendo-se, por fim, adoptar: para o anverso, a insignia da Universidade, e para o reverso, uma inscrição, na qual o nome do Marquês ficasse ocupando um logar de destaque e de cuja redacção se encarregou o ilustre numismático e lente da Faculdade de Medicina, o Dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau (1).

O desenho da medalha foi executado pelo professor do liceu de Coimbra, Luis Augusto Pereira Bastos. Os cunhos foram gravados no Porto por José Arnaldo Nogueira Molarinho e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa. Fizeram-se muito poucos exemplares de prata, tendo sido quatro deles oferecidos: a El-Rei D. Luis, à Rainha D. Maria Pia, a El-Rei D. Fernando e ao Infante D. Augusto, Duque de Coimbra (2), e tresentos de cobre, que se distribuiram: pelos lentes e por várias pessoas, e corporações scientificas, tanto do País como do estrangeiro. Os cunhos devem ainda existir na Universidade, para onde, segundo nos consta, foram devolvidos, quando se terminou a cunhagem.

*

Por deliberação tomada em *Claustro Pleno* da Universidade de Coimbra, celebrou-se, no dia 16 de Outubro de 1872, o primeiro centenario da reforma dos estatutos deste estabelecimento scientifico, sancionada

---

(1) Vid.: Simão José da Luz Soriano: *Revelações da minha vida* etc. edição do Porto, 1891, no *aditamento,* a pag 580.

(2) No *Panorama Photographico de Portugal,* supra citado, e que nos tem servido de guia para a redacção desta noticia, dá-se a entender que foram apenas quatro os exemplares de prata que se cunháram, mas, segundo nos consta, fizeram-se mais alguns, se bem que em numero muito limitado.

em 28 de Agosto de 1772 por El-Rei D. José, e levada a efeito por iniciativa do Marquês de Pombal.

A forma como se fez essa celebração consta dos seguintes documentos oficiais:

a). «*Programma para as festas que se devem celebrar em commemora»ção do centenario da reforma da Universidade e promulgação dos esta»tutos de 1772*[1].

»1.º A Universidade de Coimbra celebrará o centesimo anno da »reforma de 1772 no dia 16 de outubro de 1872.

»2.º Para este effeito se farão todas as demonstrações de regosijo que »se costumam praticar nos dias de grande gala na Universidade.

»3.º Ás onze horas da manhã reunir-se-ha o corpo cathedratico com »as suas insignias nos paços da Universidade, e em seguida irá em pres»tito assistir ao *Te Deum*, que se deve cantar em solemne acção de gra»ças, na real capella, pelos grandes beneficios, que, durante um seculo, a »instrucção publica e o estado tem colhido da reforma dos estatutos da »Universidade, feita no reinado del-rei D. José I.

»4.º Logo depois do acto religioso passará o corpo universitario á »sala grande dos actos, onde será lido pelo reitor um discurso allusivo »á festividade que se celebra, depois do qual o decano, a quem compe»tir, recitará a oração de *Sapientia*, e em seguida se fará a distribuição »dos premios. Terminado este acto, o secretario lerá a acta d'esta sessão »solemne, que será por todos assignada, para ser depositada nos archi»vos da Universidade; e n'este mesmo acto se fará a distribuição das »memorias impressas de cada uma das faculdades, nas quaes se achará »a historia critica das mesmas faculdades, mencionando os seus pro»gressos depois da reforma, e os serviços dos homens eminentes que as »tem illustrado. Com estas memorias serão egualmente distribuidas as »medalhas commemorativas d'esta festividade.

»5.º Para assistirem a esta solemnidade serão convidados todos os »altos funccionarios, auctoridades, corporações scientificas e litterarias, »os representantes da imprensa periodica e pessoas notaveis de Coimbra.

»6.º Além das distribuições de memorias e medalhas aos membros do »corpo universitario e convidados presentes no acto da festividade, serão »enviados exemplares: 1.º a el-rei o sr. D. Luiz como protector da Uni-

[1] Transcrevemos este documento de Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos scientificos*, XVI, p. 309.

»versidade; a el-rei o sr. D. Fernando, a S. A. o sr. duque de Coimbra, »a todos os ministros e secretarios do estado, á Academia Real das »Sciencias, ás escolas de instrucção superior, ás bibliothecas, á Torre do »Tombo, aos corpos legislativos, e ás academias estrangeiras que se »acham em relação com a Universidade.

»7.º O reitor participará previamente ao governo pelo ministerio do »reino a deliberação tomada pelo claustro relativa á celebração d'esta »festividade, e tambem convidará para ella os lentes que se acharem em »commissão fóra da Universidade».

b). «*Auto da solemne celebração do primeiro centenario da reformação »dos Estudos em 1772, feita por mandado d'El-Rey, o Senhor D. José 1.º, »e levada a effeito pelo Marquez de Pombal, Sebastião José de Carvalho e »Mello, com a publicação dos Estatutos da Universidade em 28 de Agosto »do referido anno* (1).

»Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil oitocen»tos e setenta e dous, aos dezeseis dias do mez de outubro pelas 12 horas »do dia, achando-se presentes na Sala Grande dos Actos o Ex.mo Vis»conde de Villa Maior, Reitor da Universidade, os Lentes e Doutores »das cinco Faculdades Academicas, Auctoridades, Funccionarios civis e »militares, representantes da imprensa periodica, e pessoas notaveis da »cidade de Coimbra, passaram todos á real Capella, onde assistiram ao »solemne *Te Deum* em acção de graças pelos grandes beneficios, que, »durante um seculo, a instrucção publica e o Estado têm colhido da »reforma dos Estudos da Universidade, feita no reinado d'El-Rei, o Senhor »D. José 1.º E havendo terminado este acto religioso, o Corpo universi»tario e convidados voltaram á Sala Grande dos Actos, onde foi lido pelo »Ex.mo Reitor um discurso allusivo á festividade. Em seguida recitou o »Decano da Faculdade de Mathematica, o Doutor Raymundo Venancio »Rodrigues a quem no impedimento do effectivo pertencia por turno, a »Oração de *Sapientia,* e se procedeu depois á solemne distribuição dos »premios aos estudantes distinctos. Com o que se deu por terminado este »acto, não se fazendo por esta occasião a distribuição dos exemplares »das Memorias historicas das Faculdades, nem dos das Medalhas com»memorativas, por se não acharem aquelles todos impressos, nem estes »cunhados. E assim se deu por findo este acto da celebração do primeiro »centenario da reformação dos Estudos. E para constar se lavrou este

(1) Transcrevemos este documento do *Annuario da Universidade de Coimbra,* de 1872-1873, p. III. Vid. tambêm Silvestre Ribeiro, *loc. cit.* na nota antecedente, p. 310.

»auto, que vai assignado pelo ex.mo Reitor, membros do Corpo docente »e convidados, e que eu, Manuel Joaquim Fernandes Thomaz, Secretario »da Universidade escrevi». Seguem-se as assinaturas cujo numero é bastante elevado.

N.º 177 — 1873 — Com.va do Monumento do Buçaco, e dedicada ao Exercito Luso-Britanico. No arco superior da orla, a legenda: AO EXERCITO LUSO-BRITANNICO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: CAMPANHAS DA GUERRA PENINSULAR. Duas bandeiras, uma portuguesa, outra inglesa, presas em lanças que se cruzam. No campo, em cima, entre as lanças e dentro de uma coroa de louro elíptica, em três linhas: 1808-A-1814.

℞. — No exergo, que está limitado por friso, em duas linhas horizontais: ERIGIDO NO BUSSACO || 1873. No friso, que representa um corte de terreno, do lado esquerdo, a assinatura: L. (Lima, Casimiro José de). Vista do monumento que se erigiu no Buçaco para comemorar a vitória alcançada pelo exercito Luso-Britanico, na célebre batalha que alí se travou contra os franceses, o qual se compõe dum obelisco de pedra, encimado por uma estrela de cristal e assente em dois degraus. Em volta está resguardado por uma corrente de ferro, presa, de espaço a espaço, em peças de artilharia cujas bôcas estão fixadas no chão.

AR. Diâmetro: 59 milímetros. M. b. c. Rara neste metal.

Bibl.: Teixeira de Aragão: *Descrição das moedas* I, p. 91, nota 4, (descrição); J. L. de Vasconcelos: *Sete medalhas da Guerra Peninsular*, n.º 7 (estampa); Lamas: *Medalha comemorativa do Monumento do Buçaco* (descrição).

N.º 178 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

N.º 179 — Outro exemplar.

PB. M. b. c.

Esta medalha foi cunhada na Casa da Moeda de Lisboa, por ordem do Ministério da Guerra, e executada gratuitamente pelo, então gravador, Casimiro José de Lima, segundo indicações que lhe foram dadas pelo Coronel de artilharia, Joaquim da Costa Cascais. Nela colaboraram, tambêm,

o pintor paisagista, Gonçalves Pereira, e o ilustre escultor, o Sr. José Simões de Almeida Júnior, fazendo o primeiro o desenho das bandeiras, e o segundo os modelos destas.

Fizeram-se exemplares de prata, em numero muito limitado (20), de cobre (250), e também de estanho (200?), pôsto que os documentos adiante transcritos a estes últimos se não refiram, tendo sido os respectivos cunhos inutilizados, como consta dum termo que dêsse facto se lavrou e que adiante publicamos.

Referem-se a esta medalha os seguintes documentos que se conservam no arquivo da Casa da Moeda:

a). «Illmo e Exmo Snr. — Convindo mandar fazer o cunho da medalha »commemorativa do monumento do Bussaco, em harmonia com a praxe »estabelecida em casos analogos, e constando por officio do Coronel »d'Artilheria, encarregado de dirigir as obras do referido monumento »Joaquim da Costa Cascaes, que o 2.º Gravador da Casa da Moeda e »Papel Sellado, Cazimiro José de Lima, se incumbe de fazer gratuita»mente o indicado trabalho, para desempenho do qual é considerado »idoneo; determina S. Ex.ª o Ministro e Secretario d'Estado dos Negocios »da Fazenda que V. Ex.ª mande proceder á promptificação do dito cunho »pelo mencionado artista em conformidade com o desenho, que lhe fôr »apresentado pelo referido Coronel. O que tenho a honra de participar »a V. Ex.ª para seu conhecimento e effeitos convenientes. — Deus Guarde »a V. Ex.ª. Ministerio dos Negocios da Fazenda, Gabinete do Ministro, »em 4 de Outubro de 1873. — Illmo e Exmo Snr. Director da Casa da »Moeda e Papel Sellado. = O conselheiro Secretario Geral = *Visconde de* »*Calhariz de Bemfica*» (1).

b). «Illmo e Exmo Sr. — Por determinação de Sua Ex.ª o Ministro e »Secretario d'Estado dos Negocios da Fazenda, que me foi communicada »em Officio de V. Ex.ª, datado de 4 de Outubro ultimo, e em harmonia »com as indicações, fornecidas pelo Coronel Director do monumento do »Bussaco, Joaquim da Costa Cascaes, tem-se procedido á gravura dos »cunhos, destinados á medalha commemorativa do sobredito monumento, »e, como estes cunhos estejão já bastante adiantados, e tenha corrido no »publico que a respectiva inauguração deverá verificar-se no proximo »mez de Julho, o segundo gravador Casimiro José de Lima, represen»tou-me a necessidade de eu pedir a V. Ex.ª as instrucções relativas á »cunhagem das medalhas, o que faço rogando a V. Ex.ª se digne indi-

(1) Livro 23-A da correspondencia recebida, fl. 115 v.

»car-me por conta de que Ministerio deverão ser feitas as despezas com »a compra dos metaes, e com a cunhagem, e qual o numero de meda- »lhas de ouro, prata e cobre, que deverão ser promptificadas. — Deus »Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado, 30 de Abril de 1874. »— Ill.mo e Ex.mo Sr. Visconde de Calhariz de Bemfica Digm.º Secretario »Geral do Ministerio da Fazenda, e Chefe da Repartição do Gabinete.= »*José de Saldanha Oliveira e Sousa*» (1).

c). «Ill.mo e Ex.mo Sr. — De ordem de S. Ex.ª o Ministro e Secretario »de Estado dos Negocios da Fazenda participo a V. Ex.ª em resposta ao »seu Officio de 30 de Abril ultimo, que a despeza com a compra dos »metaes e com a cunhagem das medalhas commemorativas do monu- »mento do Bussaco será feita por conta do Ministerio da Guerra; e que »as medalhas deverão ser cunhadas em numero de cento e cincoenta de »cobre, e vinte de prata, sendo quatro d'estas douradas. — Deus Guarde »a V. Ex.ª Ministerio dos Negocios da Fazenda, Gabinete do Ministro, »em 21 de Maio de 1874. — Ill.mo e Ex.mo Sr. Director da Casa da Moeda »e Papel Sellado. = O Cons.ro Secretario Geral, *Visconde de Calhariz* »*de Bemfica*» (2).

d). «Ill.mo e Ex.mo Snr. — Tomo a liberdade de enviar a V. Ex.ª o in- »cluso Officio do segundo gravador d'esta Casa, Casimiro José de Lima, »encarregado, em virtude da determinação de sua Ex.ª o Ministro e Secre- »tario d'Estado dos Negocios da Fazenda, da promptificação dos cunhos »da medalha commemorativa do monumento do Bussaco, por isso que, »tendo-se V. Ex.ª dignado communicar-me, em Officio de 21 de Maio »ultimo, qual o numero e qual o metal das medalhas, qualquer alteração »na natureza d'estas só pode ser realisada com previa authorisação supe- »rior. — Deus Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado 28 de »Novembro de 1874. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Visconde de Calhariz de Bem- »fica, Conselheiro Secretario G.al do Ministerio da Fazenda, e Chefe da »Repartição do Gabinete do Ministro. = *José de Saldanha Oliveira e* »*Souza*» (3).

e). «Ill.mo e Ex.mo Snr. — De ordem de S. Ex.ª o Ministro Secretario de »Estado dos Negocios da Fasenda participo a V. Ex.ª em resolução do »seu Officio de 28 de Novembro ultimo, que attentas as razões, pelas

(1) Livro: 23-B, 2.º, (1871-76), da correspondência expedida, fl. 75.
(2) Livro 23-A da correspondencia recebida, fl. 131.
(3) Livro 23-B, 2.º da correspondência expedida (1871-76), fl 97.

»quaes o 2.º Gravador dessa Repartição, Cazimiro José de Lima, encar»regado da gravura dos cunhos para a medalha commemorativa do monu»mento do Bussaco, julga não deverem ficar perfeitas as medalhas dou»radas, foi decidido pelo Ministerio da Guerra que nenhuma das meda»lhas de prata seja dourada; e bem assim que o numero das de cobre »encommendadas seja elevado a duzentas, alem das quaes poderá o dito »Gravador fazer cunhar para si, porem á sua custa, até ao numero de »cincoenta; cumprindo que V. Ex.ª faça inutilisar desde logo os respec»tivos cunhos. — Deus Guarde a V. Ex.ª Ministerio dos Negocios da »Fazenda, Gabinete do Ministro, em 28 de Dezembro de 1874. — Ill.mo »Ex.mo Snr. Director da Caza da Moeda e Papel Sellado. = O Conselheiro »Secretario Geral, *Visconde de Calhariz de Bemfica*» (1).

f). «Ill.mo e Ex.mo Snr. — Tenho a honra de remetter a V. Ex.ª um cai»xote lacrado com as duzentas medalhas de cobre e 20 de prata, comme»morativas do monumento do Bussaco, feitas em virtude da auctorisação »concedida em Officio de 4 de Outubro de 1873, expedido pelo Ministe»rio da Fazenda, Gabinete do Ministro, e de acordo com as indicações »fornecidas pelo Coronel de Artilheria, Joaquim da Costa Cascaes, e »igualmente ponho na presença de V. Ex.ª, em virtude da ordem, que me »foi transmittida em 21 de Maio de 1874, a nota da despeza feita com a »compra dos metaes e promptificação das mesmas medalhas, cada uma »das quaes está contida n'um estojo (2). — Deus Guarde a V. Ex.ª Caza »da Moeda e Papel Sellado 7 de Janeiro de 1875 (aliás, 1876). — Ill.mo e »Ex.mo Snr. Chefe do Gabinete do Ministro da Guerra. = *José de Salda»nha Oliveira e Souza*» (3).

g). «Ill.mo e Ex.mo Snr. Tomo a liberdade de novamente incommodar »a V. Ex.ª, com o fim de levar ao seu conhecimento que, tendo eu remet»tido a V. Ex.ª com o meu Officio, datado de 7 de Janeiro ultimo, o cai»xote com as medalhas, commemorativas do monumento do Bussaco, »entendo que é de grande conveniencia ficar constando no Archivo desta »Repartição que o trabalho, a que me refiro, agradou pelo que rogo a »V. Ex.ª que se digne de solicitar o bom deferimento desta minha per»tenção. — Deus Guarde a V. Ex.ª Caza da Moeda e Papel Sellado 15 de

(1) Livro 24-A da correspondencia recebida, fl. 12.

(2) Estes estojos eram de cartão, circulares, e tinham gravado na tampa o tipo da face da medalha que representa o obelisco.

(3) Livro 23 B, 2.º (1871-76), da correspondencia expedida, fl. 125 v.

»Março de 1876. — Ill.mo e Ex.mo Snr. Conselheiro Chefe do Gabinete do »Ministro da Guerra. = *José de Saldanha Oliveira e Souza*» [1].

h). «Aos dezeseis dias do mez de Janeiro de mil oitocentos setenta »e sete, na Caza da Moeda e Papel Sellado, e Officina de machinas, »estando presentes o Excellentissimo Senhor Director = José de Salda»nha Oliveira e Souza, e bem assim o Primeiro Gravador Frederico »Augusto de Campos e o actual Fiel do Ouro e Prata Cazimiro José de »Lima, commigo Amanuense de Primeira Classe, servindo de Juiz da »Balança da mesma Repartição, abaixo nomeado — se procedeu, em vir»tude do determinado no Officio de vinte e oito de Desembro de mil »oitocentos setenta e quatro, expedido pelo Ministerio dos Negocios da »Fazenda, Gabinete do Ministro, á inutilização, por meio de fogo e malho, »dos cunhos, a que o mesmo Officio se refere, e que serviram para a »medalha commemorativa do monumento do Bussaco: Em firmeza do »que e para constar, se lavrou o presente Termo, que eu João José Gon»zaga Pereira, escrevi e assigno, com os sobreditos funccionarios. = *José* »*de Saldanha Oliveira e Sousa* = *Frederico Augusto de Campos* = *Casi*»*miro José de Lima* = *João José Gonzaga Per.a*» [2].

*

Para comemorar a célebre batalha travada no Buçaco em 27 de Setembro de 1810, entre o exercito Luso-Britanico e o Francês, existe alí um monumento que, a instancias do Coronel de artilharia, Joaquim da Costa Cascais, foi mandado construir pelo Ministro da Guerra, o Visconde de Sá da Bandeira [3].

Consta de um obelisco de pedra, encimado por uma estrela de cristal, e assente num pedestal de quatro faces que tem na base quatro degraus. Em duas faces do pedestal ha inscrições. Está situado fora da mata, entre as portas: da *Rainha* e de *Sula*, num terreiro de onde se desfruta um soberbo panorama. Começou a construir-se em 1862 e esteve para ser inaugurado logo que se concluiu, em 27 de Setembro de 1873, sendo esse o motivo porque ficou esta data inscrita na medalha, mas só o foi em 27 de Setembro de 1876.

---

(1) Livro 23-B, 2.º (1871 a 76), da correspondencia expedida, fl. 130. Não encontrámos a resposta a este oficio.

(2) Livro III de *Termos* (1870 a 1877), fl. 155 v.

(3) Vid por exemplo, Augusto Mendes Simões de Castro: *Guia Historico do viajante no Bussaco*, 3.ª edição, p 148; Pinho Lial: *Portugal antigo e moderno*, IV, p. 500; e *O Occidente*, 1896, p 212.

Em 20 de Dezembro deste último ano foi atingido por uma faisca elétrica, que muito o danificou, concluindo-se os trabalhos de restauração no ano de 1879.

N.º 180 — 1873 — **Ded.ᵈᵃ ao Director da Casa da Moeda, D. José de Saldanha Oliveira e Sousa**. No exergo, que é muito espaçoso e está separado por friso, numa linha horizontal, a legenda: CASA DA MOEDA. Junto do friso, do lado esquerdo, a assinatura: L. (Lima, Casimiro José de). Vista das oficinas da Casa da Moeda de Lisboa, em cuja frente ha um muro de pedra, em todo o comprimento, tirada do lado do sul. Do lado direito vêem-se duas chaminés altas a deitarem fumo, e do lado esquerdo distingue-se, sobre um telhado, um deposito de agua que tem junto um tubo por onde sai vapor.

℞. — Na orla, circunferência pontoada, e ao centro, a inscrição, em nove linhas horizontais: AO ‖ DIRECTOR ‖ DA ‖ CASA DA MOEDA ‖ E ‖ PAPEL SELLADO ‖ JOZE DE SALDANHA ‖ OLIVEIRA E SOUZA ‖ 1873.

PB. Diâmetro: 59 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: Catálogos da Casa Luiquidadora de D. Maria Guilhermina de Jesus, de 1903, (n.º 1444), e de 1906 (n.º 1362), (estampas).

Em 1873, sendo director da Casa da Moeda de Lisboa, conseguiu o Sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, que o Governo desistisse da intenção em que estava de mandar fundir no estrangeiro uma porção de moedas postas fora da circulação, sendo esse o motivo que levou alguns operarios e empregados da Casa da Moeda, que tinham interesse em que a referida fundição se fizesse em Lisboa, a dedicaram-lhe a medalha que acabamos de descrever, da qual se fizeram pouquissimos exemplares de estanho e apenas dois de prata, destinando-se um destes ao homenagiado e o outro a sua Mãe, a Sr.ª Condessa de Rio Maior (D. Isabel Maria).

*

O Sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, a quem esta medalha foi dedicada, nasceu em Lisboa, em 31 de Maio de 1839, e faleceu na mesma cidade no dia 31 de Maio de 1912, contando, portanto, 73 anos de idade, completos. Foram seus pais: o Conde de Rio Maior, João, Morgado de Oliveira, e a Condessa, D. Isabel Maria de Sousa Botelho, ambos representantes de duas das mais nobres e ilustres familias de Portugal. Tendo

concluido no liceu de Coimbra os estudos preparatórios, matriculou-se na Universidade, onde alcançou tres premios e cinco classificações de *accessit*, como aluno das Faculdades: de Matemática e de Filosofia, em que se formou. Frequentou depois, ainda, a Escola do Exercito, desde 1862 a 1864, e por fim, foi a França completar os seus estudos de quimica, mineralogia e fisica, com abalisados professores daquela nação.

Preterido, em 1864, por Antonio Augusto de Aguiar, num concurso para a regencia de uma cadeira no Instituto Industrial de Lisboa, conseguiu no ano seguinte, por Decreto de 5 de Janeiro de 1865, ser nomeado ensaiador-fiscal da Casa da Moeda de Lisboa, lugar para cujo desempenho estava sobejamente habilitado, e que, anos depois, acumulou com o de director provisório do mesmo estabelecimento, para o qual foi nomeado por Portaria de 7 de Outubro de 1869.

Em virtude do Decreto de 25 de Maio de 1870 assumiu definitivamente as funções deste último cargo, de que foi exonerado por Decreto de 4 de Março de 1880.

O Sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, antes de entrar para a Casa da Moeda, foi, em 1865, nomeado adido honorário da legação de Portugal em Madrid. Em 1880 e 1882, fez parte da Camara dos deputados, tendo porêm renunciado os honorarios a que por esse motivo tinha direito, a favor de alguns estabelecimentos de caridade.

Fez parte também de várias associações scientificas, tanto portuguesas como estrangeiras, e escreveu muitos trabalhos sobre quimica, mineralogia, matemática, e agricultura, que era a sua principal paixão, e alguns sobre estatística, fabrico e legislação, referentes à moeda (1).

N.º 181 — 1875 — **Com.va da inauguração do Caminho de Ferro do Minho**. Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: D. LUIZ I REI — DE PORTUGAL. No exergo, que não está separado por friso,

---

(1) A biografia do Sr. D. José de Saldanha Oliveira e Sousa, vem publicada com bastante fidelidade, no *Dictionnaire Biographique international des Écrivains des Artistes des Membres des Sociétes Savantes des Collectionneurs* etc. dirigé et redigé par M. Henry Carnoy, tomo XVII, p. 61, s. v. *Saldanha*. Tivemos conhecimento desta obra, pela qual nos guiámos, por indicação do filho do ilustre fidalgo, o nosso amigo, o Sr. D. José Luis de Saldanha Oliveira e Sousa, a quem também devemos as informações que acima démos, relativas à historia da medalha.

As datas em que o biografado foi nomeado para os diversos cargos que ocupou na Casa da Moeda, e em que deles foi exonerado, foram-nos fornecidas pelo inteligente e zeloso arquivista deste estabelecimento, o Sr. Julio Vigon Ibañez, a quem nos confessamos, mais uma vez, extremamente penhorados e reconhecidos, pela forma benevolente com que nos atende e auxilia, sempre que a ele recorremos.

junto da orla, a assinatura: MOLARINHO F. Busto de El-Rei D. Luís, voltado à esquerda, sem vestuário.

℞. — Na parte superior da orla, que é mais saliente do que o campo e que deste está limitada por um arco de circulo, a legenda: CAMINHO DE FERRO DO MINHO, e no exergo, que é bastante espaçoso e está limitado por friso, em seis linhas horizontais: LEI DE 2 DE JULHO DE 1867. || COMEÇADO EM 12 DE JULHO || DE 1872. || INAUGUROU-SE Á EXPLORAÇÃO || EM 20 DE MAIO || 1875. No próprio friso que separa o exergo, lê-se, do lado esquerdo: ENGENHEIRO, e do lado direito: J. J. MATTOS.

Locomotiva «PORTO», nome que nela está gravado, com o respectivo carro de carvão atrelado, a deitar fumo pela chaminé, e voltada à esquerda. Ao fundo avistam-se as montanhas que defrontam a estação de Campanhã, e do lado esquerdo ha umas arvores alinhadas, perto das quais se divisam dois coelhos.

AR. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

Bibl.: Luciano de Carvalho: *Os Caminhos de Ferro em Portugal*, n.º II (estampa); Auguste Moyaux: *Les Chemins de Fer autrefois et aujourd'hui et leurs Médailles commémoratives*, n.º 272 (descrição), e suplemento à mesma obra, intitulado: *Catalogue des Médailles commémoratives de Chemins de Fer de tous les Pays*, n.º 394 (referência).

N.º 182 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Diz Luciano de Carvalho, *ob. cit.*, que esta medalha foi feita pelo gravador Molarinho, *por ordem do Ministerio das Obras Publicas e encomenda da direcção do caminho de ferro do Minho.*

Conta-se que a encomenda foi feita cerca de seis meses antes da data da inauguração, por um dos membros da direcção, o engenheiro João Joaquim de Matos (nome que está inscrito na medalha); mas que, apesar disso o gravador se recusou a tomar conta dela, alegando falta de tempo. Á ultima hora, porêm, instigado por um amigo, resolveu dedicar se à obra, de modo que, no praso de dez dias, apenas, conseguiu gra-

var os cunhos, e fazer cunhar o exemplar de ouro que no acto da inauguração foi oferecido a El-Rei D. Luís [1].

*

Atendendo às justas reclamações dos habitantes das Provincias: do Minho e do Douro, e aos beneficios que a essas duas Provincias adviriam com a construção de linhas férreas que as ligassem com o Porto, votou o Parlamento a Lei de 2 de Julho de 1867, na qual autorizou o Govêrno a mandar construir as referidas linhas. Cinco anos depois, publicou o Govêrno o Decreto de 14 de Junho de 1872, em que, de acordo com a citada Lei, mandou construir um caminho de ferro que, saindo do Porto para Braga e Viana do Castelo, terminasse na fronteira da Galiza, e em que, também, ordenou que se procedesse ao estudo e elaboração do projecto definitivo da linha do Douro até ao Pinhão.

Os trabalhos para a construção da linha do Minho foram inaugurados por El-Rei D. Luís, em 12 de Julho de 1872 [2] e a inauguração da linha, entre Porto e Braga, foi feita pelo mesmo Soberano em 20 de Maio de 1875.

Pelas dez horas e meia da manhã, dirigiu-se o Monarca acompanhado de Sua Augusta Esposa, para a estação do caminho de ferro, escoltado por uma guarda de cavalaria n.º 6, sendo alí recebido pelos Ministros: da Fazenda, da Guerra, dos Estrangeiros e das Obras Públicas, pelas autoridades, civis e militares, titulares e altos funcionários.

Logo que os Soberanos tomaram os seus lugares numa tribuna que lhes estava reservada, o Bispo da Diocese lançou as bençãos às locomotivas, começando pela que tinha o n.º 1, denominada: «*Porto*», a qual estava ornamentada: na frente, com as armas riais e duas bandeiras, uma portuguesa e outra italiana, e por cima da caldeira, com uma estrela, que tinha ao centro as iniciais: L. I. (Luís primeiro). Benzeram-se em seguida, conjuntamente, as maquinas, n.º 2, «*Braga*», e n.º 3, «*Ave*», e mais quatro sem denominação, e por fim as carruagens. Antes, porêm, de ser lançada a benção a estas últimas, foi oferecido a El-Rei um exemplar da medalha acima descrita.

---

[1] Vid. a este respeito: *O Primeiro de Janeiro, de 16 de Fevereiro de 1907*, onde vem publicada a noticia do falecimento de Molarinho, acompanhada de notas biográficas.

O redactor da noticia, escrevendo de memoria, disse, por engano, que a medalha a que queria referir-se tinha a dupla efigie dos Soberanos. O engano é, porêm, explicavel por que existe uma outra medalha feita pelo mesmo autor, para comemorar a inauguração do caminho de ferro do Douro, que tem por tipo, no anverso, os bustos conjugados de El-Rei D. Luis e da Rainha D. Maria Pia.

[2] Vid. *O Comercio do Porto*, n.º 158, de 13 de Julho de 1872

Terminada a cerimónia religiosa, a banda da Guarda Municipal tocou o hino rial e ergueram-se entusiásticos vivas ao Rei, à Rainha e à Família de Bragança.

Ás onze horas e um quarto partiu para Braga o primeiro comboio, em que iam os Soberanos, num salão enfeitado, várias autoridades, alguns Pares do Reino e Deputados, consules, titulares, e outras pessoas. Meia hora depois, partiu segundo comboio, com mais de vinte carruagens, que conduziu ao mesmo destino, oficiais da guarnição, a banda da Guarda Municipal e muitos convidados.

Nas estações do percurso houve manifestações de regosijo e em Braga cantou-se um *Te-Deum*, entoado pelo Arcebispo.

Ás cinco horas e um quarto da tarde voltou o comboio rial para o Porto, onde chegou às sete horas. Um deslumbrante préstito, com muitos trens, tropa e povo, acompanhou os Soberanos desde a estação até ao palácio (1).

O Caminho de Ferro do Minho é administrado directamente pelo Estado.

N.º 183 — 1875 — Com.va do bi-centenário da inauguração da sinagoga dos Israelitas portugueses, em Amsterdam. No arco superior da orla, a legenda: PORTUGEESCH-ISRAËLIETISCHE, e no arco inferior: SYNAGOGE TE AMSTERDAM. No meio de uma coroa feita com dois ramos de louro, separados em cima e ligados em baixo com um nó, ha um escudo, em que está gravado um pelicano, de àsas abertas, a ferir-se no peito com o bico, e em cuja frente se vêem quatro filhinhos alinhados. No campo, por cima do nó que liga os ramos da corôa, lê-se a assinatura do gravador: J.D.P. Notam-se nesta face algumas letras da legenda duplamente impressas, por ter havido resalto do cunho.

℞. — A seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais, estando separadas por travessões ornamentados, a segunda da terceira e a quarta da quinta: TER HERINNERING || AAN HET 200 JARIG BESTAAN || 11 MENACHEM 5635 || 12 AUGUSTUS 1875 || DE FEESTCOMMISSIE.

Æ. Diâmetro: 35,5 milímetros. M. b. c.

---

(1) Vid. a descrição destes festejos nos jornais da epoca, como, por exemplo: *O Primeiro de Janeiro*, n.º 115, de 21 de Maio de 1875. Para a historia da construção da linha, consulte-se, Frederico Pimentel: *Apontamentos para a Historia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, p. 111 sgs.

Esta medalha foi-nos oferecida pelo Sr. Conde dos Olivais, e de Penha Longa, que, como se sabe, é um dos principais coleccionadores de medalhas portuguesas.

Bibl.: Mendes dos Remedios: *Os Judeus Portugueses em Amsterdam,* p. 19, nota n.º 1 (descrição).

*

Os judeus de origem portuguesa, residentes em Amsterdam, descendentes dos que no reinado de El-Rei D. Manuel I haviam sido expulsos de Portugal, erigiram naquela cidade uma grandiosa sinagoga, cuja inauguração se realizou com muito aparato, e com festejos que duraram oito dias, no ano de 1675.

Diz o erudito professor da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra, o Sr. Dr. Mendes dos Remedios (1), que: «Quem visita a »celebrada Synagoga de Amsterdam e se lembra dos elogios que desde »as origens poetas e prosadores, viajantes instruidos ou simples turistas »curiosos lhe têem encomiasticamente consagrado, não pode deixar de »se sentir um pouco surprehendido...... Grande e alto, uniforme nas »suas linhas de tijolo ennegrecido, afogado num pateo estreito, entre »casarias mezquinhas de telhados sujos, situado num bairro, que é a »negação dos mais rudimentares principios da hygiene e do aceio, esse »grande e velho e decantado casarão nada tem que o imponha pelo mais »insignificante dos seus pormenores architectonicos ou esculpturaes ás »nossas faculdades estheticas. Nem trabalho de madeira, nem de ferro, »nem sequer de cobre, tam vulgar e tam lindamente afeiçoado, de resto, »nas construcções, mesmo particulares, alli ha, onde a vista possa mergu»lhar num recolhimento de belleza».

Em 12 de Agosto de 1875 celebrou-se com grande aparato o bi-centenário da fundação da sinagoga, sendo então cunhada a medalha supra descrita (2).

---

(1) *Ob. cit.*, p. 21 e 22.

(2) Mendes dos Remedios, *ob. cit.*, p. 19, nota 1, onde também vem citado o seguinte livro, que trata desenvolvidamente do assunto: D. H. De Castro: *De Synagoge der Portugeesch-Israelietische Gemeente te Amsterdam; 'S. Gravenhage, 1875.*

A proposito diremos que, a p. 5 e 6 da mesma obra, consta que a incorporação dos livros de David Montezinos na Bibliotéca do *Seminário Português-Israelita*, em 1890, ficou comemorada por uma medalha que tem a seguinte inscrição: *Innviyding der Boekeriy — Ets Haim-Montezinos, 5651-1891.*

N.º 184 — 1877 — **Com.ᵛᵃ da inauguração da ponte de D. Maria Pia, sobre o Douro.** Na orla, que se destaca do campo por estar num plano mais elevado, a legenda assim dividida: no arco superior: COMPANHIA REAL DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas de cinco raios: PONTE METALLICA SOBRE O DOURO NO PORTO. No campo, em cima, tem mais a seguinte legenda, em duas linhas curvas: ABERTURA DO ARCO 160 METROS ALTURA 61 METROS || COMPRIMENTO TOTAL 354 METROS. Em baixo, do lado direito, junto da legenda, a assinatura: MOLAR.º F. Vista: do rio Douro, das respectívas margens, e da ponte sobre a qual caminha, da esquerda para a direita, um comboio cuja máquina deita fumo pela chaminé. No rio navegam cinco barquinhos estando dois deles tripulados e colocados no primeiro plano. Ao fundo divisa-se uma paisagem.

℞. — A seguinte inscrição, dividida em tres partes por duas cordas do circulo da medalha, e escrita em dezanove linhas, sendo a última curva e as outras horizontais: PRINCIPIADA || A 5 DE JANEIRO DE 1876. || INAUGURADA || A 4 DE NOVEMBRO DE 1877 || POR SS.MM. || D. LUIZ I E A RAINHA D. MARIA PIA. || — D. J. DE LA GANDARA || ADMINISTRADOR DELEGADO DO CONSELHO || DA COMPANHIA EM PARIS. || J. O. DE SAMPAIO || ADMINISTRADOR DELEGADO DA COMPANHIA. || M. A. D'ESPERGUEIRA || DIRECTOR DA || COMPANHIA. || P. J. LOPES || ENGENHEIRO CHEFE DA CONSTRUCÇÃO || — PROJECTADA E EXECUTADA || PELA CASA CONSTRUCTORA || G. EIFFEL & C.ᴬ || DE LEVALLOIS PERTO DE PARIS.

Æ. Diâmetro: 59,5 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal, e de prata é muito rara.

Bibl.: Luciano de Carvalho: *Os Caminhos de Ferro em Portugal*, n.º IV (estampa); Moyaux (Auguste): *Catalogue des Médailles commémoratives de Chemins de Fer*, p. 69, n.º 395 (descrição).

A respeito desta medalha informa Luciano de Carvalho, *ob. cit.*, que «os primeiros exemplares sahiram com algumas imperfeições de redacção »nas legendas do reverso». Fizeram-se por isso outros, com um novo cunho, em que a referida inscrição ficou assim rectificada: PONTE MARIA PIA || PRINCIPIADA || A 5 DE JANEIRO DE 1876. || INAUGURADA || A 4 DE NOVEMBRO DE 1877. || POR SS. MM. || EL-REI D. LUIZ I E A RAINHA D. MARIA PIA. || — CONSELHO DE LISBOA || ADMINISTRADOR DELEGADO O. J. DE SAM-

PAIO || COMITÉ DE PARIS || ADMINISTRADOR DELEGADO D. J. DE LA GANDARA || DIRECTOR DA COMPANHIA || M. A. D'ESPREGUEIRA || ENGENHEIRO CHEFE DA CONSTRUCÇÃO || P. I. LOPES. || — PROJECTADA E EXECUTADA || PELA CASA CONSTRUCTORA || G. EIFFEL & C.ie || DE LEVALLOIS PERRET PERTO DE PARIS (1).

O nosso exemplar é portanto um dos que teem a inscrição errada:

Não conseguimos averiguar quem foi que mandou cunhar a medalha. Luciano de Carvalho, diz que ela foi cunhada por ordem da Companhia Rial dos Caminhos de Ferro; mas, segundo nos consta, nenhuns documentos alí existem que comprovem tal afirmação. O Sr. Conselheiro Manuel Francisco Vargas, a quem pedimos informações a este respeito, julga mais verosimil que a cunhagem e distribuição tivesse sido feita por ordem e à custa do engenheiro Eiffel, construtor da ponte.

*

A passagem da linha férrea do Norte, sobre o rio Douro, junto do Porto, foi um problema de solução tão dificil, quer sob o ponto de vista económico, quer sob o ponto de vista technico, que durante alguns anos não foi possivel conseguir-se que ela avançasse alêm da estação das Devezas, em Vila Nova de Gaia. Resolveram, por fim, o problema dois distintos engenheiros portugueses: Manuel Afonso d'Espregueira, que fixou a directriz da linha, e Pedro Inácio Lopes, que traçou o respectivo projecto, no qual figuravam tres túneis, e uma ponte de grandes proporções, que tinha de ser firmada em pontos muito elevados e acidentados das margens do rio.

A construção da ponte foi adjudicada, mediante concurso, ao engenheiro Eiffel, proprietário da conhecida casa construtora de Levallois Perret, perto de Paris, o qual se desempenhou do encargo produzindo uma das mais notaveis e arrojadas obras d'arte do seu tempo.

Os trabalhos dessa grandiosa obra começaram-se em 5 de Janeiro de 1876 e terminaram-se em 28 de Outubro de 1877. A inauguração soléne realizou-se em 4 de Novembro seguinte, na presença de El-Rei D. Luís, da Rainha D. Maria Pia, do Principe Rial, dos Infantes: D. Augusto e D. Afonso, de alguns Ministros, de autoridades, do Corpo Diplomático, e de muitos convidados, os quais, tendo-se todos reunido na

---

(1) Transcrevemos esta inscrição do folheto de Luciano de Carvalho, por não termos à mão nenhum exemplar da medalha.

estação das Devezas, foram conduzidos em vários comboios até junto da ponte, aonde havia uma tribuna para a Família Rial, bancadas para os convidados e uma capela improvisada para o Prelado da Diocese. No rio viam-se muitos barcos embandeirados e nos montes proximos aglomeravam-se milhares de espectadores. Quando a Família Rial desceu do comboio, foram-lhe apresentados, Eiffel e outros engenheiros, sendo nessa ocasião solicitada à Rainha, pelo engenheiro Pedro Inácio Lopes, a devida autorização para que o seu nome fosse dado à ponte. Em seguida foram sobre esta lançadas as bençãos pelo Bispo, D. Americo, o qual a percorreu a pé, até ao meio, revestido das suas insignias e acompanhado do engenheiro Eiffel, do Ministro das Obras Públicas, dos directores da Companhia e das Camaras Municipais: do Porto e de Vila Nova de Gaia. Tendo-se recolhido o Prelado à Capela, El-Rei D. Luís chamou o Ministro das Obras Públicas e declarou-lhe que, segundo o uso adótado em outros países, a Família Rial não iria toda no primeiro comboio que atravessasse a ponte. Assim se fez, e daí a instantes punha-se em marcha esse comboio, em que seguiram: o Monarca, a Rainha e o Infante D. Afonso. Ás 2 horas e 18 minutos, o mesmo comboio, que tinha voltado ao ponto de partida, transportou para a outra margem do rio, o Principe Rial, o Infante D. Augusto, o Corpo Diplomático e muitos convidados.

Na estação de Campanhã, serviu-se um *copo d'agua*, oferecido pela direcção da Companhia aos Soberanos, durante o qual se fizeram vários brindes e se tocaram algumas peças de música.

Á noite iluminou-se a ponte e houve fogo de artifício.

A ponte é toda de ferro e tem um só arco cuja corda mede 160^{m} e a flécha 37^{m},5. Tem de altura: 61^{m},30 e de comprimento total: 352^{m},875. Custou 254.443$388 réis [1].

N.º 185 — 1878 — **Ded.^{da} a Sua Santidade Pio IX.** Na orla, cercadura ornamental. No campo, em cima, numa linha curva, a legenda: SUA-SANTIDADE PIO IX. Busto do Papa, com as competentes ves-

---

(1) Para a história da ponte vid.: Frederico Pimentel: *Apontamentos para a Historia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, ps. 68 e 80. Consulte-se tambem o capítulo intitulado: *Os livros*, do já citado trabalho de Luciano de Carvalho.

A descrição dos festejos que se fizeram quando a ponte se inaugurou, encontra-se nos jornais da época, como, por exemplo: *O Primeiro de Janeiro*, n.ºs 252, 253 e 254, de 3, 4 e 6 de Novembro de 1877. (Este último número está datado, por engano, de 6 de Outubro).

No n.º 258 — 10 de Novembro de 1877 —, diz-se: «Bateu-se ante-hontem, e já hontem »podemos ver um exemplar em prata e outro em bronze da medalha que deve perpetuar a »memoria da ponte metallica sobre o Douro». Em seguida elogia Molarinho e descreve a medalha, sem contudo dizer quem a mandou cunhar.

tes, e solideo, voltado à esquerda. Junto do busto, do lado direito, a assinatura: *C. Preyer.*

℞.—Ao centro, o milésimo: 1878, resplandecente e envolvido por uma coroa, feita com dois ramos, de carvalho e louro, unidos em baixo com o nó de uma fita que neles se enleia em espiral. No campo, em cima, entre as extremidades da coroa, ha uma estrela de cinco raios. Não tem legenda na orla.

PB. enegrecido. Diâmetro: 43,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha deve ter sido feita na fabrica da Sociedade Aurificia, do Porto, onde em 1867 havia sido feita uma outra, com o anverso igual, e o reverso bastante semelhante, ao dela. Vid. supra, n.º 164.

Pio IX faleceu em 7 de Fevereiro de 1878.

N.º 186—1879—**Ded.da a Barbieri e com.va da inauguração dos concertos clássicos** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: A·ASSOCIAÇÃO·MUZICA·VINTE·E QUATRO·DE·JUNHO. Ao centro, a continuação da legenda, em quatro linhas horizontais, e dentro de uma coroa feita com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, unidos em baixo com um laço: EM ‖ HOMENAGEM ‖ A ‖ BARBIERI. Por baixo desta última palavra ha um ponto entre dois traços.

℞.—A seguinte inscrição em sete linhas, sendo a primeira e a última curvas, e as outras horizontais: INAUGURAÇÃO ‖ DOS ‖ CONCERTOS CLASSICOS ‖ EM ‖ SEIS DE ABRIL ‖ 1879 ‖ LISBOA.

Æ. Diâmetro: 41,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Esta medalha foi mandada cunhar em 1879 por uma comissão de socios da *Associação Musica Vinte e Quatro de Junho*, composta de Augusto Neuparth, J. Thomás Del Negro, e Luis Ferreira, em homenagem ao maestro hespanhol, Francisco Asenjo Barbieri, a quem foi oferecido um exemplar de ouro. Os cunhos foram gravados por Frederico Augusto de Campos e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa. Além do exemplar de ouro, fizeram-se alguns outros exemplares de cobre, para os artistas que faziam parte da orquestra dirigida por aquele maestro, e mais tres de estanho, que o gravador ofereceu aos membros da comissão.

Quando em 1894 se realizaram outros concertos por iniciativa da referida Associação, cunharam-se mais alguns exemplares de cobre, e de prata a pedido de vários coleccionadores.

Os cunhos ainda hoje existem, em poder do ilustre numismático e artista musico, o Sr. José Ferreira Braga, a quem devemos o favor de nos ter dado estas informações.

A Associação Musica (sic) *Vinte e Quatro de Junho*, cujos estatutos foram aprovados em 27 de Outubro de 1851, mas que antes dessa data havia já funcionado, desde 1843, com o titulo de *Coligação*, regulando-se por umas *bases de estatutos*, teve a sua origem numa espécie de loja maçónica, intitulada de S. João, fundada por João Alberto Rodrigues da Costa, com o fim de impedir que os musicos profissionais de Lisboa continuassem sendo vítimas das prepotencias que sobre eles exerciam os empresários dos teatros, e tambêm para que os mesmos obtivessem melhor remuneração pelos seus serviços.

Em 1879 pretendeu a Associação salvar-se da critica situação em que se encontrava, executando por conta própria uma série de concertos clássicos, regidos por maestros estrangeiros, tendo se realizado o primeiro desses concertos no dia 6 de Abril de 1879, sob a regencia de Francisco Asenjo Barbieri, maestro hespanhol afamado, a quem foi dedicada a medalha supra descrita.

A Associação dissolveu se, por deliberação tomada em assemblêa geral, em 18 de Agosto de 1904, tendo sido por iniciativa dela que se realizaram: as festas a Santa Cecilia, na Igreja dos Mártires, os concertos populares, sob a direcção de Guilherme Cossoul, e os *vienenses*, dirigidos por Madame Amann, os clássicos, regidos sucessivamente por Barbieri, Colonne e Rudörff, um concerto de musica portuguesa, no antigo *Circo do Price*, por ocasião do tricentenario de Camões, récitas de opera e opera-comica francesa no Rial Teatro de S. Carlos, concertos a favor da subscrição para a estátua de Camões, e em beneficio do cofre dos inundados, etc. (1).

N.º 187 — S. d. — **Ded.da ao actor Taborda**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: FRANCISCO — TABORDA. Cabeça do artista, voltada à esquerda.

℞. — Liso.

Æ. Diâmetro: 13 milímetros. M. b. c. Rara.

---

(1) Vid. Ernesto Vieira: *Diccionario Biographico de Musicos Portuguezes*, s. v.: *Costa* (João Alberto Rodrigues da), *Barbieri*, e *Amann*.

Este exemplar foi-nos oferecido pelo distinto escultor, o Sr. José Simões d'Almeida (Sobrinho).

Ácerca desta medalha apenas nos consta que foi feita no Porto por José Arnaldo Nogueira Molarinho, cremos que em 1879, pois que é no lugar correspondente a este ano que Leitão a descreve no seu catalogo: *Numismatica*, n.º 283.

N.º 188 — 1879 — **Com.va da inauguração do Caminho de Ferro do Douro**. Na orla, que se destaca do centro por ser saliente, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: LUDOVICUS I. ET MARIA PIA PORTUG: ET ALGARB: REGES. Junto de cada uma das extremidades da legenda ha um ponto. Bustos dos dois Soberanos, conjugados e voltados à esquerda, estando o de El-Rei D. Luis, que não tem vestuário algum, colocado no primeiro plano. O busto da Rainha tem uma leve roupagem, e o cabelo frisado na testa. No campo, por baixo dos bustos, a assinatura: MOLARINHO. F.

℞. — Na orla, que se destaca do centro por ser saliente, a seguinte legenda, assim dividida: no arco superior: CAMINHO DE FERRO DO DOURO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: INAUGURADO A 14 DE JULHO DE 1879. Num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, junto da orla, em baixo, a assinatura: MOLARINHO F. Paisagem em que se vê o *Rio Tamega* — atravessado ao fundo por uma ponte metalica que liga duas montanhas, sendo a do lado direito mais elevada do que a outra —, junto do qual está sentado no primeiro plano, do lado direito, o *Rio Douro*, personificado num velho de barbas, a olhar atentamente para um comboio fumegante que vai atravessando a ponte da esquerda para a direita, coroado com um ramo de videira, descalço, apenas coberto com um leve pano, e a segurar, com a mão esquerda, a vara do léme, e a amparar, com a outra mão, a urna, que derrama agua. No primeiro plano do lado esquerdo, estão caídos no solo alguns ramos de videira.

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Luciano de Carvalho: *Os Caminhos de Ferro em Portugal* (estampa); Moyaux (Auguste): *Les Chemins de Fer autre-*

fois et aujourd'hui et leurs Médailles Commémoratives, n.º 273 (descrição), e suplemento à mesma obra, intitulado: *Catalogue des Médailles Commémoratives de Chemins de Fer de tous les pays*, n.º 396 (referência).

Diz Luciano de Carvalho, *ob. cit.*, que: «Esta medalha, gravada no »Porto por Molarinho, foi cunhada por ordem do Ministerio das Obras »Publicas e encommenda da direcção do caminho de ferro do Douro».

*

Autorizado pela Lei de 2 de Julho de 1867, à qual já tivemos ocasião de nos referir (supra, p. 274), a proposito da medalha comemorativa da inauguração do Caminho de Ferro do Minho, ordenou o Govêrno, por Decreto de 14 de Junho de 1872, que se construisse essa linha e que se procedesse ao estudo e elaboração do projecto definitivo de uma outra, entre Ermezinde e Pinhão, pelo Vale do Sousa e proximidades de Penafiel, a qual ficou sendo designada por linha do Douro.

«Pode-se classificar esta linha, diz o Sr. Frederico Pimentel (1), desde »que se embrenha na margem do Douro, como uma das mais notaveis »pelas difficuldades da sua construcção. — É um dos maiores esforços »que o paiz tem feito para levar á conclusão tão notavel como despen»dioso caminho de ferro, e que a muitos se antolhou impossivel de levar »a cabo, e constitue sem duvida alguma honroso documento para a enge»nharia portugueza que o traçou e construiu».

A exploração desta linha fez-se por troços, à medida que estes se iam concluindo, não tendo sido portanto toda ela inaugurada no mesmo dia, como a legenda da medalha faz supor. Assim: em 30 de Julho de 1875, começou a ser explorada entre Ermezinde e Penafiel; em Agosto de 1877 explorava-se até Caíde, e em Setembro do ano seguinte até ao Juncal (2). A data de 14 de Julho de 1879, citada na medalha, refere-se à inauguração do troço compreendido entre o Juncal e a Regua, que se fez com certo aparato, mas sem a assistencia da Familia Rial.

Pelas 9 horas e 45 minutos da manhã, partiu da estação de Campanhã um *comboio oficial*, que conduziu até à Regua: os Ministros: da Justiça, da Guerra, e das Obras Públicas, os engenheiros: Manuel Afonso

---

(1) *Apontamentos para a Historia dos Caminhos de Ferro Portugueses*, p. 123.

(2) *Caminho de Ferro do Minho e Douro — Relatorio sobre o estado dos trabalhos desde o principio da construcção das duas linhas ferreas até 30 de Novembro de 1878 e até á sua conclusão* — por Boaventura José Vieira (assinado no fim). Lx. 1879, p. 7.

d'Espregueira e João Joaquim de Matos, o Dr. Antonio Candido Ribeiro da Costa, autoridades, convidados e jornalistas. Muitos convidados cujo numero era de cerca de 2000, seguiram em vários outros comboios. Na Regua, onde se juntaram mais de 20.000 forasteiros, foram oferecidos pela Camara Municipal, ás pessoas de representação, um *copo d'agua* e uma reunião, tendo falado durante aquele, os tres Ministros e o Dr. Antonio Candido, que proferiu um *discurso protentoso* (1).

A linha férrea do Douro continuou-se depois até terminar na fronteira hespanhola, em Barca de Alva. É administrada directamente pelo Estado.

N.º 189 — 1880 — Com.va do Tricentenário de Camões, mandada cunhar pela Comissão dos festejos do Pôrto. No arco superior da orla a legenda: A LUIZ DE CAMÕES, e no arco inferior: MDXXIV ✠ MDLXXX. Busto laureado do Poeta, voltado à esquerda, com gorjal de folhos e vestido com armadura. No corte do braço, a assinatura: J. DE SOUZA.

℞. — No arco superior da orla o verso de Camões: «DIZEI, QUE OLHEM A MIM, CRERÃO A ELLA» e no arco inferior: MDCCCLXXX Ao centro a palavra PROGREDIOR (divisa da Sociedade do Palácio de Cristal, promotora dos festejos), envolvida de resplendores e dentro de uma coroa feita com ramos de louro e carvalho ligados por uma fita na qual se lêem sucessivamente as seguintes legendas, que começam no lado esquerdo em baixo: UNIVERS. ‖ 1537 — SEROES LX. ‖ 1543 — AFRICA ‖ 1547 — INDIA ‖ 1553 — MECON ‖ 1558 — VOLTA LX. ‖ 1570 — LUSIADAS ‖ 1572 — MORTE LX. ‖ JUN. 10.

Æ. Diâmetro: 76 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 5 (estampa).

Esta medalha foi gravada por José de Sousa e cunhada na fábrica da Companhia Aurifícia do Pôrto, por ordem da Grande Comissão Portuense das festas do Centenário de Camões naquela cidade. Apenas se cunharam 120 exemplares de cobre, na presença dos representantes da Comissão, sendo logo depois dêsse acto inutilizados os cunhos, o que tudo consta do seguinte auto, que se imprimiu em fôlha avulsa para acompanhar a medalha, do qual possuímos um exemplar (2):

---

(1) Vid. a descrição dos festejos e da cerimónia da inauguração, no jornal: *O Primeiro de Janeiro*, n.os 160 e 161, de 13 e 15 de Julho de 1879.

(2) Também vem reproduzido no *Catálogo das moedas e medalhas portuguesas e estrangeiras da Sociedade Martins Sarmento*, p. 69, nota.

«**Auto**

»No dia oito de Junho do anno de Nosso Senhor Jesus Christo de »mil oitocentos e oitenta, anno do Centenario de Camões, compareceram »no edificio da Companhia Aurificia os abaixo assignados, como repre- »sentantes da Commissão executiva das festas do Centenario, a fim de »assistirem á cunhagem da medalha commemorativa das festas da »GRANDE COMMISSÃO PORTUENSE, no Palacio de Crystal, cujo auctor é o »artista gravador Snr. José de Souza.

»Depois de tirados 120 exemplares em cobre, que contámos, foram »os cunhos destruidos em nossa presença, e nós abaixo assignados attes- »tâmos que da referida medalha não se cunhou nenhum exemplar além »do numero supra citado de cento e vinte e que os cunhos foram inuti- »lisados de modo a não poderem mais servir para outra tiragem.

»Assignado no Porto, Sala das sessões da Grande Commissão Por- »tuense das festas do Centenario de Luiz de Camões, aos 8 de Junho de »mil oitocentos e oitenta.

»Os delegados especiaes, representantes da Commissão executiva das »festas do Centenario, *Augusto Luso da Silva*, Membro da Commissão »Dramatica. *Thadeu Maria d'Almeida Furtado*, Membro da Commissão »Artistica. *Tito de Noronha*, Membro da Commissão Litteraria. *Manoel »Benjamin Coelho Guimarães*, Membro da Commissão Musical. *Gui- »lherme Theodoro Rodrigues*, Director do Palacio de Crystal.»

N.º 190—1880.—**Outra, Com.va do Tricentenário de Camões e do assentamento da pedra fundamental do novo edifício do Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro.** No arco superior da orla, a legenda: TERCEIRO CENTENARIO DE CAMÕES, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões, a data: 10 DE JUNHO DE 1880. Busto de Camões, levemente voltado à esquerda, com gorjal de folhos e fato liso, e envolvido por uma coroa de louro. No campo, do lado direito, junto da coroa, a assinatura: JANVIER.

℞. — Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo: ASSENTAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO NOVO EDIFICIO; no campo, outra legenda que começa do lado esquerdo, em cima, e segue a direcção inversa da primeira: GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA NO RIO DE JANEIRO. Busto de Minerva com capacete e cota de armas e os cabelos caídos, voltado à esquerda. No capacete está gravado um cavalo alado e por cima do ombro

direito aparece a ponta de um scetro ornamentada. No exergo, um florão, e no campo, junto do corte do busto, a assinatura: JANVIER. O tipo desta face representa o emblema do Gabinete.

Æ. Diâmetro: 61 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Meili: *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen*, n.º 105 (estampa); Viscondessa de Cavalcanti: *Catálogo das medalhas brasileiras*, n.º 154 (estampa); *O Ocidente*, vol. III, 1880, p. 148 (estampa), p. 143 (notícia); Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 6 (estampa).

Para comemorar a celebração do tricentenário de Camões e o lançamento da pedra fundamental do seu novo edificio, mandou a Direcção do Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, cunhar esta medalha da qual se fizeram 3 exemplares de ouro e 297 de cobre, ao todo 300, que foram oferecidos a diversas pessoas e a vários museus, jornais, corporações e bibliotecas, como consta de uma lista publicada no *Relatório da Directoria* de 1880 (documento VI dos anexos). Um dos exemplares de ouro ficou no Gabinete, outro foi oferecido a El-Rei D. Luís e o terceiro ao Imperador do Brasil.

O desenho para a medalha foi executado por Angelo Agostini (1). Os cunhos supomos que se fizeram em Paris.

Da entrega do exemplar a El-Rei D. Luís encarregaram-se: o Conselheiro João de Andrade Corvo e o livreiro António Maria Pereira Junior, correspondente do Gabinete, o qual foi tambêm encarregado de distribuir outros exemplares em Lisboa e em diversos países da Europa (2).

Todos êsses exemplares chegaram a Lisboa em 15 de Maio de 1880 (3).

*

O Gabinete Português de Leitura, no Rio de Janeiro, muito conhecido e notável centro de reùnião dos portugueses alí residentes, fundou-se em 1837, por iniciativa do Dr. José Marcelino da Rocha Cabral e de Francisco Eduardo Alves Viana (4). Esteve primitivamente instalado numa casa modesta na Rua de S. Pedro e depois mudou-se sucessivamente

(1) Vid. *Relatório da Directoria do Gabinete Português de Leitura*, em 1880, p. 18.

(2) *Ibidem*, p. 28.

(3) *Diário de Notícias*, de 16 de Maio de 1880.

(4) Vid. Reinaldo Carlos Montoro: *Notícia Histórica*, apensada à edição dos *Lusiadas* publicada pelo Gabinete.

para a Rua da Quitanda, em 1842, e para a Rua dos Beneditinos, em 1850.

Em 1878 teve o Gabinete a lembrança de celebrar o Centenário de Camões, no dia 10 de Junho de 1880 e de aproveitar essa ocasião para lançar a pedra fundamental de um novo edificio ([1]), que êle pretendia mandar construir à custa de um *fundo* especial, criado alguns anos antes, e aumentado pouco a pouco, por meio de *acções* e donativos.

Na sessão do Conselho deliberativo, de 18 de Junho de 1879, aprovou-se por unanimidade aquela lembrança, encarregou-se a Direcção de a executar, e resolveu-se mandar imprimir uma edição monumental dos *Lusiadas* ([2]).

A 10 de Junho de 1880, conforme estava determinado, realizou-se com grande aparato a cerimónia do lançamento da pedra fundamental do novo edifício, na presença do Imperador, de altos personagens da côrte, de autoridades e de várias associações ([3]), sendo nessa ocasião entregue a D. Pedro II um exemplar de ouro da medalha comemorativa dêsse acontecimento ([4]).

Á noite houve um festival, promovido pelo Gabinete, no «Teatro Imperial de D. Pedro II».

O novo edifício é de estilo *Manuelino* e ornamentado com várias estátuas que foram executadas pelo distinto escultor o Sr. José Simões de Almeida Júnior. Construíu-se nuns terrenos situados na Rua da Lampadosa, que desde então passou a denominar-se de Luís de Camões.

N.º 191 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões** (feita por F. A. de Campos).Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: A LUIZ DE CAMÕES — A PATRIA RECONHECIDA; no exergo, uma estrelinha. Cabeça do Poeta, voltada à esquerda e com coroa de louro atada, junto da nuca, com um laço cujas pontas estão caídas. No campo, por baixo do pescoço, a assinatura: F. A. C. (Frederico Augusto de Campos).

℞. — Dentro de uma coroa feita com dois ramos bastante espêssos, um de louro e outro de carvalho, ligados em baixo com um laço e quási unidos em cima, a seguinte inscrição, em sete

(1) Vid. o *Relatório da Directoria* em 1878, p. 10, e o de 1879, p. 10.
(2) *Relatório* de 1879, p. 15.
(3) *Ibidem*, 1880, p. 7 e sgs.
(4) *Ibidem*, p. 10.

linhas horizontais: X || JUNHO || MDCCCLXXX || TRICENTENARIO || DE || CAMÕES || LISBOA. No exergo, por baixo do laço, a assinatura: F. A. C.

Æ. Diâmetro: 56 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 7 (estampa).

N.º 192 — Outro exemplar.

PB. M. b. c.

O anverso desta medalha é igual ao de uma outra, feita pelo mesmo autor em 1867, comemorativa do monumento de Camões. Vid. supra, n.º 166.

O cunho do reverso serviu também para o anverso da medalha que a seguir vai descrita com o n.º 193.

Esta medalha foi feita, por especulação mercantil, pelo gravador da Casa da Moeda, Frederico Augusto de Campos, tendo sido posta à venda em vários estabelecimentos, por ocasião do Centenário, como consta do seguinte anúncio publicado no *Diário de Noticias*, de 8 de Junho de 1880, p. 4: «Medalha commemorativa do tricentenario de Luiz de Camões — gra»vada por Frederico Augusto Campos — Acha-se á venda nos estabeleci»mentos dos Srs. Magalhães e Baltresqui, no Chiado; Ramalho, Rua da »Prata, 51, Verissimos, Praça de Luiz de Camões».

N.º 193 — 1880 — Outra, Com.va do Tricentenário de Camões, e alusiva ao monumento. Dentro de uma coroa feita com dois ramos bastante espêssos, um de louro e outro de carvalho, ligados em baixo por um laço e quási unidos em cima, a seguinte inscrição, em sete linhas horizontais: X || JUNHO || MDCCCLXXX || TRICENTENARIO || DE || CAMÕES || LISBOA. No exergo, por baixo do laço, a assinatura: F. A. C.

℞. — Dentro de uma coroa feita com dois ramos bastante espêssos, um de carvalho, outro de louro, presos em baixo com um laço e quási unidos em cima, a seguinte inscrição em seis linhas horizontais: IX || OUTUBRO || MDCCCLXVII || MONUM. INAUG. || EM || LISBOA.

Æ. Diâmetro: 56 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 8 (estampa).

Esta medalha foi feita com o cunho do reverso da medalha antecedente (n.º 192), combinado com o de uma outra feita pelo mesmo autor em 1867, comemorativa do monumento de Camões. Vid. supra, n.º 166.

N.º 194 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões, e dedicada à Imprensa, por Molarinho.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo em baixo e é interrompida em cima e no exergo: BRAÇO ÁS ARMAS FEITO — MENTE ÁS MUSAS DADA (conhecidos versos dos *Lusiadas*, C. X, Est. CLV). No rebordo, em cima: DEDICADA Á IMPRENSA. Busto do Poeta, voltado à esquerda, com gorjal de folhos, armadura, e coroa de louro atada, junto da nuca, com um laço que tem as pontas caídas. No exergo, junto do corte do braço, a assinatura: MOLARINHO. F.

℟. — Na orla, que está limitada por uma circunferência, a legenda assim dividida: no arco superior: TRICENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas, a data: 10 DE JUNHO DE 1880.

Segmento do globo solar, ornamentado com uma grinalda de louro, e a projectar raios de luz sôbre um segmento da esfera terrestre em que estão esboçadas: a Europa, a Ásia, e parte da AFRICA na qual está gravado êste nome.

Aos lados há duas figuras aladas, vestidas com leves roupagens e com os pés cortados pela orla, as quais estão a sustentar, cada uma com um braço, a grinalda de louro. A da esquerda, a *Lusitânia*, tem no braço direito o escudo das Armas Riais, e a da direita, a *Fama*, sopra na competente tuba. Do peito desta última desprende-se uma fita, que atravessa a esfera terrestre e que tem inscrito: E SE MAIS MUNDO HOUVERA LA CHEGARA (verso de Camões).

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 9 (estampa).

A respeito desta medalha apenas sabemos o que dela consta: comemora o tricentenário de Camões, foi feita pelo grávador José Arnaldo Nogueira Molarinho, no Pôrto, e por êle dedicada à Imprensa.

N.º 195 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões, mandada cunhar pela Sociedade de Geografia.** Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo: POR MARES NUNCA D'ANTES NAVE-

GADOS (*Lusíadas*, C. I, Est. I); no exergo, um florão. Escudo das armas portuguesas, assente na esfera armilar. Por baixo desta, do lado esquerdo, a assinatura: L. C. (Luciano Cordeiro) INV. e do lado direito: C. L. (Casimiro Lima) GRV. O tipo e a legenda desta face constituem o emblema e divisa da Sociedade de Geografia.

℞.—Em nove linhas horizontais, a inscrição: A || CAMÕES || A || SOCIEDADE || DE || GEOGRAPHIA || DE || LISBOA || MDCCCLXXX. Por baixo, um florão.

Æ. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas,* n.º 10 (estampa).

Esta medalha foi mandada cunhar pela Sociedade de Geografia de Lisboa, a qual tencionou oferecer exemplares: a El-Rei, à Câmara Municipal, à secção da Sociedade no Rio de Janeiro, à Associação da Imprensa, etc. (1).

O tipo do anverso, executado pelo secretário perpétuo, Luciano Cordeiro, é o mesmo do da medalha insígnia para os sócios. Os cunhos foram gravados gratuitamente por Casimiro José de Lima (2).

A cunhagem começou em Maio de 1880 (3); mas antes de se concluir anunciou-se que quem quisesse adquirir a medalha podia requisitá-la na sede da Sociedade, inscrevendo alí o seu nome e depositando 1$800 réis, que era o preço de cada exemplar com estojo.

Os subscritores da província tinham de enviar 2$000 réis em vale do correio, se quisessem que a medalha lhes fôsse remetida. No *Diário de Notícias,* de 31 de Maio de 1880, prometeu-se publicar a lista das pessoas que a adquirissem e declarou-se que até ao fim de Maio mais de 200 pessoas a tinham pedido.

Tambêm esteve à venda na Camisaria Central, na Praça do Loreto, 120, pelo referido preço de 1$800 réis, incluindo o estojo (4).

N.º 196 — 1880 — **Outra, Com.ᵛᵃ do Tricentenário de Camões.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo em baixo e é interrompida em cima e no exergo: TRICENTENARIO—DE CAMÕES.

---

(1) *Diário de Noticias,* de 16 de Maio de 1880.
(2) *Ibidem,* de 28 de Abril de 1880.
(3) *Ibidem,* de 16 de Maio de 1880.
(4) *Ibidem,* de 8 de Junho de 1880.

Busto do Poeta, com o corpo de frente e a cabeça um pouco voltada à esquerda, com vestuário simples e gorjal de folhos.

℞. — Dentro de uma coroa feita com dois ramos de louro, soltos em cima e ligados em baixo com um nó, a inscrição em cinco linhas horizontais: 10 ‖ DE ‖ JUNHO ‖ DE ‖ 1880.

No alto tem adaptada uma argola com a fórma de uma coroa de louro.

Æ. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas,* n.º 11 (estampa).

A respeito desta medalha, que é evidentemente de origem estrangeira, nada de positivo conseguimos saber. No entanto aqui deixamos registadas as seguintes notícias que, apesar de se contradizerem em parte, talvez lhe digam respeito:

Diário de Notícias, de 28 de Maio de 1880: «Temos uma nova meda- »lha commemorativa do centenario, muito graciosa e de uma acquisição »ao alcance de todos. Foi mandada fazer na Belgica pelo sr. Cenlemans, »do *Magazin Belge,* da Rua do Alecrim. O anverso é occupado por um »bello busto de Camões, tendo no enxergo[1] a legenda: *Tricentenario de* »*Camões.* No reverso uma coroa de louro rodeia esta inscripção: 10 de Ju- »nho de 1880. A medalha, fortemente bronzeada, pende de uma pequena »coroa. Ha dois padrões. O maior custa apenas 500 réis, um mais pe- »queno é de 200 réis».

Diário de Notícias, de 10 de Junho de 1880: «Uma casa de Paris »mandou cunhar uma linda medalha de cobre para o centenario. Tem »de um lado o busto de Camões muito bem estudado e de nobilissimo »aspecto com o lemma *Tricentenario* de Camões, e do outro, entre duas »franças de carvalho, a data 10 de Junho de 1880. A argola para depen- »durar representa tambem uma coroa de louro. Tivemos um exemplar »d'esta medalha, que não pode ser distribuida pelo centenario, por não »haver tempo de a mandar vir, por obsequio do nosso amigo o Sr. Joa- »quim Antonio Pacheco, proprietario da Livraria Catholica».

N.º 197 — 1880 — **Outra, Com.^va^ do Tricentenário de Camões.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: TRICENTENARIO—DE CAMÕES. Busto laureado do Poeta, com o corpo de frente e a cabeça

(1) O redactor queria referir-se certamente à orla e não ao exergo.

levemente voltada à esquerda, com gorjal de folhos e vestido com armadura.

℞.— Dentro de uma coroa feita com dois ramos de louro, separados no alto e ligados em baixo com um laço, em cinco linhas horizontais, a data: 10 || DE || JUNHO || DE || 1880.

No alto tem saliência com orifício.

Æ. dourado. Diâmetro: 28 milímetros.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 12 (estampa).

N.º 198 — Outro exemplar.

Æ. prateado. M. b. c.

N. 199 — Outro exemplar.

Æ. Não tem saliência. M. b. c.

Esta medalha é muito vulgar. Cremos que foi usada ao peito, com fita azul e branca, por muitas pessoas que tomaram parte nos festejos do tricentenário de Camões.

Ignoramos quem foi o seu autor e o sítio onde foi feita. A ela se refere, talvez, o seguinte anúncio, que vem publicado no *Diário de Notícias*, de 21 de Maio de 1880: «Vimos o cunho de uma medalha que se »está fazendo para commemoração do tricentenario de Camões. Traz na »frente o busto do immortal poeta com a divisa — Tricentenario de Ca»mões — e no verso a data — 10 de Junho de 1880 — com coroa de louros. »É trabalho de primeira ordem, sobresaindo pelo primor com que está »executado o busto em relevo do festejado poeta. Consta-nos que esta »medalha em metal prateado é destinada a ser offerecida, pelo modico »preço de 80 réis, a todas as associações que se incorporarem na pro»cissão civica do dia 10 de Junho».

N.º 200 — 1880 — **Outra, Com.ᵛᵃ do Tricentenário de Camões**. Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: LUDOVICUS — CAMOES. Busto do Poeta, laureado, sem vestuário, voltado à direita. No exergo, a assinatura: FREIRE. F.

℞. — Em sete linhas horizontais, estando a última separada por um traço, a inscrição: OS || PORTUGUEZES || COMMEMORANDO || O TRICENTENARIO || DE || CAMÕES || M.DCCC.LXXX.

AR. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 13 (estampa).

N.º 201 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

N.º 202 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

Esta medalha foi mandada cunhar, por especulação mercantil, pelo Sr. Eduardo Estanislau de Sousa, gravador estabelecido na Rua do Ouro, esquina da Rua da Vitória, junto da Igreja.

Para o anverso aproveitou-se o cunho de uma medalha-prova, feita em 1830 por Borja Freire, para um concurso de gravadores na Casa da Moeda (1), e que o Sr. Sousa adquiriu por falecimento daquele artista.

N. 203 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, sem vestuário, voltado à direita. Êste busto é imitado do que figura na medalha antecedente.

℟. — Dentro de uma coroa de rosas, fechada, em quatro linhas, a inscrição: 3.º ‖ CENTENARIO ‖ 10 DE JUNHO ‖ 1880.

PB. fundida e bronzeada. Diâmetro: 40 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 14 (estampa).

N.º 204 — Outro exemplar igual ao antecedente.

Esta medalha foi feita por Domingos Venâncio, antigo empregado na oficina de galvanoplastia da Imprensa Nacional.

N.º 205 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões.** Na orla, a legenda que começa em baixo: MEDALHA COMMEMORATIVA DO 3.º CENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES. No exergo, entre as extremidades da legenda, um florãozinho.

Armas Riais Portuguesas, ornamentadas com dois ramos, um

(1) Vid. os pormenores dêste concurso no nosso trabalho: *Medalhas Camonianas.*

de louro, outro de carvalho, enleados em duas palmas e presos em baixo com um laço.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: PORTUGAL A CAMÕES, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos: 10 DE JUNHO DE 1880. Estátua de Camões erigida em Lisboa, com o respectivo pedestal truncado na base.

No alto tem saliência com orifício.

Metal amarelo. Diâmetro: 32 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camònianas*, n.º 15 (estampa).

Não sabemos quem foi o autor desta medalha, que não é comum.

N.º 206 — 1880 — **Outra, Com.ᵛᵃ do Tricentenário de Camões.** Busto do Poeta, laureado, voltado à esquerda, com gorjal de folhos, vestido com armadura e envolvido por uma coroa feita com dois ramos de louro, separados em cima e presos em baixo com um laço. Não tem legenda nesta face.

℞. — Em quatro linhas a inscrição: CENTENARIO || DE || CAMÕES || 1580-1880.

No bordo, em cima, tem um arquinho no qual se prende uma fita azul e uma passadeira com gancho.

PB. Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c. Esta medalha é muito toscamente feita.

Foi-nos oferecida pelo falecido bibliófilo, o Sr. Anibal Fernandes Tomás.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 16 (estampa).

A esta medalha se refere, talvez, o seguinte anúncio publicado no *Diário de Noticias*, de 7 de Junho de 1880, 4.ª página: «A Camões. »Medalhas Gratidão a 40 réis. Grande abatimento para revender. Preci»sam-se rapazes para vendedores ambulantes. Deposito na rua de Santo »Antonio da Sé, 1».

N.º 207 — 1880 — **Outra, Com.ᵛᵃ do Tricentenário de Camões.** No arco superior da orla, a legenda: A LUIZ DE CAMÕES, e no arco inferior que daquele está limitado por dois florõezinhos, a data: 1880. No centro, que está separado da orla por duas circunfe-

rências, a cabeça do Poeta, voltada à esquerda; por fora da legenda circunferência de pontos.

℞. — Na orla, circunferência de bolinhas e ao centro a concavidade correspondente à cabeça que aparece no anverso. Campo radiado.

No alto tem uma saliência com orifício que é atravessado por um alfinete em que se prende um lacinho de fita azul e branca.

AR. Diâmetro: 14 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 17 (estampa).

Esta medalha, como averiguámos, foi mandada fazer, por especulação mercantil, por um antigo ourives da Rua do Ouro, em Lisboa, José Isidoro de Seixas. A ela se refere o seguinte anúncio, publicado no *Diário de Notícias*, de 15 de Maio de 1880: «O Sr. José Isidoro de Seixas, ou»rives do ouro, estabelecido no respectivo arruamento, fez uma pequena »medalha popular destinada a commemorar o centenario, mandando tirar »exemplares em ouro e em prata. Teem fita azul e branca. O exemplar »em prata é destinado ao preço de 200 reis».

Consta-nos que ficaram por vender muitos exemplares que, passado o Centenário, foram comprados em globo pelo Sr. Cunha, conhecido ourives da Rua Nova da Palma. Estas medalhas não foram todas feitas com o mesmo cunho. Existem, pelo menos, duas variantes.

N. 208 — 1880 — **Outra, Com.ª do Tricentenário de Camões.** Na orla, duas circunferências e a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço, a assinatura: MAIA (Cassiano Augusto Vidal da).

℞. — Na orla, duas circunferências e a legenda que começa em baixo: TRICENTENARIO DE LUIZ DE CAMÕES. Entre as extremidades da legenda, um ponto. Ao centro, em quatro linhas horizontais, a data: 10 ‖ DE JUNHO ‖ DE ‖ 1880.

No alto tem uma saliência para nela se adaptar uma argola.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c.

Bibl.; Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 18 (estampa).

N.º 209 — Outro exemplar.
PB. M. b. c. Tem argola de arame.

Esta medalha foi feita, por especulação mercantil, pelo gravador Cassiano Maia, tendo estado à venda em vários estabelecimentos de Lisboa por ocasião do Tricentenário.

N.º 210 — 1880 — **Outra, Com.va do Tricentenário de Camões.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE—CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço a assinatura: MAIA. O busto é igual ao que figura na medalha antecedente.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: .NASC. 1524 FALL. 1580. No campo, uma espada e uma pena, cruzadas sôbre uma coroa de louro que está ligada em baixo com um laço. Por baixo dêste emblema, a seguinte estrofe de Camões, em nove linhas horizontais: E AINDA, NYMPHAS MINHAS, NÃO BASTAVA || QUE TAMANHAS MISERIAS ME CERCASSEM, || SENÃO QUE AQUELLES QUE EU CANTANDO ANDAVA, || TAL PREMIO DE MEUS VERSOS ME TORNASSEM: || A TROCO DOS DESCANSOS QUE ESPERAVA, || DAS CAPELLAS DE LOURO QUE ME HONRASSEM, || TRABALHOS NUNCA USADOS ME INVENTARAM, || COM QUE EM TÃO DURO ESTADO ME DEITARAM. || LUS. C. VII EST. LXXXI.

Por baixo desta inscrição há mais a seguinte legenda, escrita em duas linhas separadas por um travessão, sendo a primeira horizontal e a segunda curva: 3.º CENTENARIO || . 10 DE JUNHO DE 1880.

Æ. dourado. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 19 (estampa).

N.º 211 — Outro exemplar igual ao antecedente.
PB. M. b. c.

N.º 212 — Outro exemplar levemente variado dos dois antecedentes por ter a legenda do anverso um pouco mais afastada da orla.
Æ. M. b. c.

Esta medalha foi feita, como a antecedente, por especulação mercantil, pelo gravador Cassiano Maia.

N.º 213 — 1880 — Com.ᵛᵃ da fundação do Ateneu Comercial de Lisboa. Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço, a assinatura: MAIA. Esta face é igual à da medalha supra descrita com o n.º 210.

℞. — Divisa e emblema do Ateneu: no arco superior da orla: ATHENEU COMMERCIAL DE LISBOA, e no arco inferior, que daquele está separado por florõezinhos, a data da fundação: 10 DE JUNHO DE 1880. Figura de Mercúrio, de pé sôbre a esfera armilar, apenas coberto com um leve pano, com o corpo voltado a $^3/_4$ para a esquerda e a cabeça de perfil, e com asas nos pés e no barrete; na mão esquerda, que está descaída, tem uma pasta e com a outra, que está estendida, segura a vara simbólica (1).

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 20 (estampa); Vítor Ribeiro: O *Ateneu Comercial de Lisboa*, a seguir à p. 14 (estampa); *Diário de Notícias*, de 10 de Junho de 1905, p. 5 (estampa).

N.º 214 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

N.º 215 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

Pelas investigações a que procedemos para o estudo desta medalha concluímos que Cassiano Maia se lembrou de a fazer, espontâneamente, na esperança de que o Ateneu ou os sócios dêste lh'a adquirissem, como recordação ou para a usarem como insígnia.

O nosso amigo, o Sr. Vítor Ribeiro, limitou-se a reproduzil-a em estampa no seu citado livro sôbre o Ateneu, por não ter encontrado, até à data em que o publicou, nenhum documento que lhe dissesse respeito.

---

(1) Possuímos uma medalha de estanho, que é evidentemente uma prova sem importância, feita com o cunho do reverso desta, combinado com o de uma outra, supra descrita com o n.º 210.

Conseguiu, porêm, averiguar depois o seguinte, que teve a amabilidade de nos comunicar, em carta datada de 25 de Abril de 1906, que muito lhe agradecemos:

Cunharam-se exemplares de ouro, de prata e de cobre; os membros da direcção não aceitaram o facto com agrado e por isso ninguêm comprou a medalha; em 1905, pouco mais ou menos, pensou-se em adquirir os cunhos para o Ateneu mas não se encontraram. Pensou-se também, há muitos anos, em se comprar um exemplar de ouro; mas não se chegou a levar a efeito tal compra.

*

A classe dos empregados no comércio de Lisboa, querendo tomar parte na celebração do tricentenário de Camões, resolveu, por intermédio de uma comissão executiva, encorporar-se no cortejo cívico, que então se realizou, e abrir uma subscrição entre os membros da classe, cujo produto se destinou, em parte, para ser distribuído em esmolas por famílias necessitadas, e a outra parte, à fundação de uma sociedade de instrução, que adoptou o título de Ateneu Comercial e que foi solénemente inaugurada em 10 de Junho de 1880 [1].

N.º 216 — 1880 — **Com.va da fundação da Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço, a assinatura: MAIA. Esta face é igual à das medalhas antecedentes, n.os 210 e 213.

℞. — Na orla, a legenda que começa em baixo: ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRIPTORES PORTUGUEZES. No exergo, entre as extremidades da legenda, uma estrelinha. Emblema composto com uma coroa de louro, aberta em cima e ligada em baixo com laço, na qual estão, atravessados e sobrepostos: três livros, uma fôlha de papel que tem gravado o retrato de Camões e o nome do jornal OCCIDENTE, e um tinteiro em que está metida uma pena. Por baixo do emblema, numa linha curva, a data: 10 DE JUNHO DE 1880.

Æ. dourado. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 21 (estampa).

---

[1] Para a historia desenvolvida do Ateneu, vid. o já citado livro do Sr. Vítor Ribeiro, que é muito completo.

N.º 217 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

Cassiano Maia dedicou esta medalha à Associação dos Jornalistas na esperança de que estes lha adquirissem para a usarem como insígnia, mas não o conseguiu. Um exemplar esteve exposto na exposição camoniana que se realizou na Sociedade de Geografia, por ocasião do tricentenário (1), e outro foi oferecido pelo autor ao primeiro secretário da Comissão Executiva da Imprensa, o qual por sua vez o ofereceu ao presidente honorário da assemblea, Antonio Rodrigues Sampaio (2).

Provávelmente, a resolução tomada pelo gravador de fazer esta medalha, foi-lhe sugerida pela leitura do projecto para o programa dos festejos camonianos apresentado na primeira reunião da Grande Comissão da Imprensa de Lisboa, o qual continha o seguinte alvitre que não teve execução:... «subscripção entre os jornalistas para uma meda-»lha dos jornalistas a Camões, sendo um exemplar em oiro a insignia »do presidente da associação dos jornalistas e escriptores» (3).

*

A Associação dos Jornalistas e Escritores Portugueses fundou-se em 10 de Junho de 1880, em virtude de uma proposta apresentada por Eduardo Coelho, numa reunião preparatória de representantes da Imprensa, que, a convite da redacção do jornal: *O Comércio de Lisboa*, se realizou, em 3 de Abril de 1880, na sede da Sociedade de Geografia. O seu primeiro presidente foi António Rodrigues Sampaio, decano dos jornalistas portugueses e redactor da *Revolução de Setembro*. Depois de inaugurarem solénemente a Associação os jornalistas foram encorporar-se no cortejo cívico que naquele dia se realizou em honra de Camões (4).

N.º 218 — 1881 — **Com.va da inauguração do monumento de Camões, em Coimbra.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço, a assina-

(1) *Diário de Notícias*, de 10 de Junho de 1880.
(2) *Ibidem*, de 15 de Junho de 1880.
(3) Vid. Brito Aranha: *Dicionário Bibliográfico*, vol. XV, p. 28.
(4) *Ibidem*, vol. XV, Doc. 7, a p. 24 e sgs., e Doc. 78, a p. 139 e sgs.

tura: MAIA. Esta face é igual à das medalhas antecedentes, n.os 210, 213, e 216.

Na orla, a legenda que começa em baixo: INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DE CAMÕES. No exergo, entre as extremidades da legenda, uma estrelinha, ladeada por dois pontos e dois traços. Dentro de uma coroa de louro, aberta em cima e ligada em baixo com um laço, em quatro linhas, a data: 8 || DE || MAIO DE || 1881. Por baixo da coroa, numa linha curva: COIMBRA.

Æ. dourado. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 22 (estampa).

N.º 219 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

N.º 220 — 1881 — Outra, referente ao mesmo facto (monumento de Camões, em Coimbra). Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: LUIZ DE — CAMÕES. Busto do Poeta, laureado, vestido com armadura e gorjal de folhos, voltado de perfil para a esquerda. No corte do braço, a assinatura: MAIA. Esta face é uma cópia reduzida da das medalhas antecedentes: n.os 210, 213, 216 e 218.

℞. — No arco superior da orla a legenda: 8 DE MAIO DE 1881, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: COIMBRA. Ao centro, uma pena e um florete cruzando-se sôbre uma coroa de louro que é aberta em cima e está ligada em baixo com um laço.

Tem uma saliência com orifício destinado a argola.

AR. Diâmetro: 18 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 23 (estampa).

Estas duas últimas medalhas relacionam-se com o monumento de Camões que se inaugurou em Coimbra a 8 de Maio de 1881. O programa dos festejos que então se realizaram não lhes faz referência alguma e por isso supomos que elas foram feitas, por especulação mercantil, pelo gravador Cassiano Maia.



Quando em 1880 se celebrou o tricentenário de Camões, a Academia de Coimbra, aderindo a essa manifestação, promoveu vários festejos naquela cidade, que se realizaram nos dias: 8, 9 e 10 de Junho do dito ano, e resolveu também mandar erigir, por meio de subscrição inteiramente académica, um monumento a Camões, cuja pedra fundamental foi solénemente lançada pelo Reitor da Universidade, no dia 10 de Junho de 1880 (1).

No ano seguinte, 1881, inaugurou-se solénemente o monumento, no dia 8 de Maio, intencionalmente escolhido por ser o do aniversário da entrada do Exército Libertador em Coimbra, tendo sido essa cerimónia precedida de vários festejos, promovidos pela Comissão Académica do tricentenário, como consta do *Programma dos festejos academicos para a inauguração do monumento a Luiz de Camões*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1881. Folheto de 23 páginas (2).

Os festejos começaram no dia 5, à noite, com um passeio fluvial à Lapa dos Poetas e iluminação nas margens do Mondego. No dia 6, um majestoso cortejo, em que figuravam carros alegóricos, percorreu as ruas da cidade e andou distribuindo exemplares dos *Lusiadas* pelos alunos das escolas e asilos; à noite, o *orpheon* académico cantou no pátio da Universidade. No dia 7 houve sarau no Teatro Académico e no dia 8 inaugurou-se o monumento, na Alameda de Camões, em frente da Universidade, assistindo a êsse acto o corpo docente desta escola, autoridades civis e militares, a Câmara Municipal, convidados, jornalistas, etc. O monumento foi descerrado pelos presidentes: da Comissão Académica, da Câmara, da Comissão da Imprensa e da Associação Liberal, e em seguida deram-se salvas de morteiros, repicaram os sinos, e uma banda militar tocou a marcha de «Camões», composta por João Arroio.

Á noite iluminou-se a cidade e houve várias diversões populares (3).

---

(1) Vid. o *Programa dos festejos com que os estudantes de Coimbra resolveram celebrar o Tricentenário de Camões*, em 1880, *apud* Brito Aranha: *Dicionário Bibliográfico*, XV, p. 106.

(2) Brito Aranha transcreveu-o na *ob. cit.*, p. 128, eliminando, porêm, os nomes dos membros da Comissão, que veem indicados no fim.

(3) Vid. a descrição dos festejos em *O Conimbricense*, de 10 de Maio de 1881, e na *Correspondencia de Coimbra*, de 11 de Maio de 1881 e de 17 do mesmo mês, onde vem publicado o auto da inauguração do monumento. Èste auto também vem publicado em Silvestre Ribeiro: *História dos Estabelecimentos Scientíficos*, XVII, p. 26.

N.º 221 — 1882 — **Com.ᵛᵃ do Centenario do Marquês de Pombal**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: MARQUEZ — DE POMBAL. Busto do Marquês, voltado à direita, com cabeleira grande e vestuário da época. Ao peito ostenta uma cruz da Ordem de Cristo pendente de uma fita. No campo, junto do corte do braço, a assinatura: MAIA.

℞. — Na orla, a legenda assim dividida: no arco superior: PRIMEIRO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos: 8 DE MAIO DE 1882. Ao centro, em quatro linhas horizontais, a inscrição: OS || ESTUDANTES || DE || LISBOA. Por baixo desta última palavra ha um travessão com bolinhas e traços. No alto tem uma saliencia em que está adaptada uma argola de arame.

PB. Diâmetro: 35,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Occidente, V, 1882, pag. 152 (estampa), e pag. 147 (referência); Brito Aranha: *Dicionario Bibliografico*, XIX, depois da pag. 184-J (estampa 2.ª).

N.º 222 — **Variante da medalha antecedente**. Anverso: igual.

℞. — Ao centro, a inscrição, em seis linhas horizontais: OS || ESTUDANTES || DE LISBOA || 8 || DE MAIO DE || 1882. O numero 8 é ladeado por dois travessões. Não tem argola nem saliencia.

Æ. Diâmetro: 34,5 milímetros. M. b. c.

N.º 223 — **Outro exemplar** com o tipo igual ao do antecedente, e com saliencia e argola de arame.

PB. M. b c.

N.º 224 — **Outro exemplar** com o tipo igual ao dos dois antecedentes, com saliencia, mas sem argola.

PB. bronzeado. B. c.

Estas medalhas, segundo uma informação do *Diario de Noticias*, n.º 5.843, de 8 de Maio de 1882, foram mandadas fazer ao gravador Cassiano Maia, pela comissão academica encarregada de promover os feste-

jos do centenario do Marquês de Pombal[1], e estiveram à venda: na sede da Associação Académica, na R. dos Fanqueiros, n.º 286, 1.º, em alguns estancos da R. da Prata, bem como na oficina de gravura da mesma rua, n.º 51, custando, cada exemplar de estanho, 120 reis, e de cobre, 500 reis.

Os estudantes usarão-nas ao peito no dia dos festejos; mas, apesar disso, não as consideramos como insignias, ou distintivos de classe, e por isso as descrevemos neste lugar, como sendo medalhas comemorativas.

N.º 225 — Outra, comemorativa do mesmo facto, mandada cunhar pelo Club de Regatas Guanabarense do Rio de Janeiro. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: I.º CENTENARIO DO — MARQUEZ DE POMBAL. Busto do Marquês, voltado à direita, com cabeleira grande e vestuário da epoca ricamente bordado na frente. Ao peito, ostenta uma cruz da Ordem de Cristo, suspensa no pescoço por uma fita, e uma *placa* da mesma Ordem, fixada na ába do lado esquerdo da casaca. No corte do braço a assinatura: MOLARINHO. F.

℞. — Na orla, que se destaca do campo por ser um pouco saliente, a seguinte legenda, assim dividida: no arco superior: CLUB DE REGATAS GUANABARENSE, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: RIO DE JANEIRO 8 DE MAIO DE 1882. Uma circunferencia de bolas bastante volumosas limita o campo, aonde se vê um escudo — encimado por um ornato, e envolvido por duas palmas com folhas de carvalho enleadas —, o qual contem o emblema do *Club:* dois floretes, dois remos, e uma ancora, dispostos em cruz e ligados ao meio com uma corda que se prende na argola da ancora. No ponto em que esses objectos se cruzam, está colocado um barrete de marinheiro com duas fitas soltas para os lados.

Æ. Claro. Diâmetro: 54,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Meili: *Die auf das Kaiserreich Brasilien bezüglichen Medaillen*, n.º 106 (estampa); Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 155 (estampa).

---

[1] E' possivel que Cassiano Maia, como já havia feito com várias outras medalhas relativas ao centenario de Camões, se lembrasse de fazer estas por especulação mercantil, e que depois, para lhes dar caracter oficial, tivesse alcançado, por meio do *pedido* e do *empenho*, que a comissão lhas *encomendasse* fictíciamente.

Esta medalha foi mandada cunhar, em 1882, pelo *Club de Regatas Guanabarense*, cuja sede é no Rio de Janeiro, para comemorar o primeiro centenário do falecimento do Marquês de Pombal.

Os cunhos foram gravados no Porto pelo gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho, tendo servido um deles, o do anverso, por cedencia da direcção do referido *Club*, para uma outra medalha mandada cunhar no mesmo ano e por motivo identico, pelo Corpo Docente da Universidade de Coimbra, a qual adiante vai descrita.

*

O *Club de Regatas Guanabarense* tomou parte muito activa na celebração do centenario pombalino no Rio de Janeiro, promovendo vários festejos, entre os quais se salientou uma regata e iluminação à Veneziana na baía de Bota-Fogo, fazendo-se representar na festa que na noite de 8 de Maio se realizou no teatro de D. Pedro II, pelo Dr. Rui Barbosa, o qual proferiu um discurso que se imprimiu, e publicando alguns folhetos de homenagem, à memória do Marquês[1].

N.º 226 — Outra, comemorativa do mesmo facto, mandada cunhar pela Universidade de Coimbra. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida, em cima e no exergo: I.º CENTENARIO DO — MARQUEZ DE POMBAL. Busto do Marquês, voltado à direita, com cabeleira grande e vestuário da época ricamente bordado na frente. Ao peito, ostenta uma cruz da Ordem de Cristo, suspensa no pescoço por uma fita, e uma *placa* da mesma Ordem, fixada na ába do lado esquerdo da casaca. No corte do braço, a assinatura: MOLARINHO. F. Esta face é igual à da medalha antecedente.

℞. — Na orla, coroa de folhas e frutos de carvalho, completamente fechada. No campo, a seguinte inscrição, em dez linhas horizontais: PRÆCLARO || STUDIORUM RESTITUTORI, || OCTAVO IDUS MAII || ANNO MDCCLXXXII || VITÃ DECESSO, || ACADEMIA CONIMBRICENSIS || HOC DEVICTI ANIMI || MONUMENTUM || CUDERE JUSSIT || ANNO MDCCCLXXXII.

Æ. Diâmetro: 54 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Annuario da Universidade de Coimbra, de 1882–1883 (estampa); *O Instituto*, XXIX (Maio e Junho de 1882, p. 520-21)

[1] Vid. Brito Aranha: *Dicionário Bibliografico*, XIX, n.os 128, 259, 309, e 377.

(estampa); Brito Aranha: *Dicionário Bibliografico*, XIX, depois da pag. 184-J (estampa 1.ª); *O Conimbricense*, n.º 3627, de 16 de Maio de 1882 (descrição).

*

A seguir transcrevemos do *Anuario da Universidade de Coimbra*, de 1882-83, a parte que mais nos interessa, dos documentos alí publicados, referentes à celebração do centenario do Marquês, naquele estabelecimento scientifico:

«O sr. dr. Corrêa Barata, movido pelos sentimentos do mais elevado »patriotismo, foi o primeiro d'entre todos a levantar a voz em favor do »Centenario de um homem a quem a Universidade tanto devia, e em »Conselho da Faculdade de Philosophia de 15 de novembro de 1881, »expondo os motivos por que a Universidade devia tomar como suas as »manifestações em honra da memoria do Marquez de Pombal, apresentou »a seguinte proposta, que foi approvada por unanimidade, resolvendo-se »logo que fosse presente ao Conselho dos Decanos, parade terminar a »fórma que se lhe deveria dar, e modo de se pôr em execução.» Segue-se a proposta inicial, que não transcrevemos por não conter ainda nenhuma alusão à medalha.

«Em sessão do Conselho dos Decanos foi apresentada esta proposta, »e por deliberação do mesmo Conselho resolveu-se que se consultasse »o Corpo Docente, para que cada um apresentasse suas considerações e »parecer. Em consequencia d'isto, o Ex.mo Vice-Reitor, que estava no »governo interino da Universidade, convocou uma conferencia. Ahi, reu»nidos debaixo do mesmo pensamento, e com o mesmo interesse, leva»dos pelos mesmos sentimentos e idêas, determinou-se a celebração do »Centenario sob as bases já apresentadas, modificando-se alguns artigos, »e addicionando-se outros novos, como se vê da proposta transcripta, a »qual seria subjeita á approvação do Conselho dos Decanos. Determinou-se, »mais, que para esta festividade se convidassem todas as auctoridades »locaes e corporações scientificas do Paiz, dando-se por esta fórma um »publico testemunho de consideração, prestado pela Universidade á me»moria do seu mais importante legislador, cujas leis ainda são o seu »principal sustentaculo.

»Eis a proposta approvada pela conferencia celebrada em 26 de »janeiro de 1882:

»1.º

»Que no dia anniversario se celebrasse na capella da Universidade »uma missa de *requiem* para suffragar a alma do Marquez de Pombal, »á qual assistiria o Corpo Cathedratico.

»2.º

»Que o Corpo Cathedratico com suas insignias se reunisse na sala dos »Actos Grandes, onde em sessão solemne, e em honra do Marquez de »Pombal, seriam recitados pelos professores, que já estavão inscriptos, »os drs. Corrêa Barata, e Antonio Candido Ribeiro da Costa, elogios »historicos sobre a vida e feitos do grande reformador.

»3.º

»Que fosse cunhada uma medalha commemorativa d'este dia, visto »ter sido declarado pelo ex.mo dr. Corrêa Barata que a sociedade *Club de »Regatas Guanabarense*, do Rio de Janeiro, lhe cedia parte do cunho »com que aquella sociedade celebra tambem o centenario do Marquez »de Pombal, abrindo-se para este fim uma subscripção entre os membros »do Corpo Cathedratico, a qual seria puramente facultativa.

»4.º

»Que á custa da Universidade se colloque na sala dos Actos Grandes, »ou em outra qualquer do Paço das Escholas ou estabelecimento da »Universidade, um retrato do Marquez de Pombal.

»5.º

»Que em qualquer estabelecimento da Universidade se mande collo»car uma lapide commemorativa d'este dia, e em honra do Marquez de »Pombal, como prova de preito e homenagem ao grande Reformador.

»6.º

»Que ao largo do Museu se dê a denominação de largo ou Praça do »Marquez de Pombal, devendo-se para esse fim fazerem-se as obras e »reparos necessarios de forma a tornar-se menos devassada, sendo con»vidada a Camara Municipal para nesse sentido coadjuvar a Universidade.

»7.º

»Que se nomeassem commissões nas diversas faculdades a fim de »proporem ao Governo de S. Majestade as reformas do ensino que lhes »parecer conveniente.

»8.º

»Que ao Governo se peça o subsidio para terminar as obras da fa- »chada do Laboratorio Chimico, que por falta de recursos se não tem »terminado, sendo collocado n'esse logar a lapide commemorativa de »que falla a 5.ª proposta.»

«Em sessão do Conselho dos Decanos de 11 de Fevereiro de 1882 »foram estas propostas apresentadas e approvadas, mandando-se-lhe dar »execução, como vamos expôr em seguida.

»No dia 8 de maio effectuou-se, como se tinha determinado, a festi- »vidade, conforme o programma approvado e pela fórma seguinte:

»Convocado o Corpo Docente para assistir á missa de *requiem*, reu- »niu-se para esse fim em uma das vastas salas dos Paços da Universi- »dade, seguindo encorporado e com o acompanhamento do estylo para »a Real Capella, onde se celebrou a missa ás 11 horas do dia com a »solemnidade e apparato costumado n'estes actos. Terminado que foi, »seguiu o p(r)estito pela mesma ordem, acompanhando o Prelado da »Universidade ao Paço, e aguardando a occasião opportuna para se reu- »nir na sala grande dos Actos, onde se celebraria a solemne Conferencia »Academica. (art. 2.º do Programma).

»É a sala grande dos actos um vastissimo salão, que pela grandiosa »construcção e magnificencia d'ornato se proporciona ás grandes festivida- »des. Guarnecida com as alfaias, que ainda possue (dignos restos de tanta »riqueza e opulencia que havia até antes da invasão franceza), infunde »ainda hoje a admiração a todos os que a vêem.

»N'esta sala se costumam celebrar todas as festividades academicas, e »por isso ahi se reuniu o Corpo Cathedratico para assistir á Conferencia.

»Ás 12 horas do dia, achando-se reunido o Corpo Docente no Paço »das Escholas, seguiu o prestito para a sala dos Actos, occupando os »differentes professores os seus respectivos logares, observando-se a pre- »cedencia das faculdades. Conforme o programma, antes de aberta a ses- »são pelo Ex.mo Reitor da Universidade, foi executada com grande maes- »tria por uma orchestra um trecho de musica classica portugueza, sob a »direcção do habil pianista o bacharel Francisco José Brandão que teve

»a feliz idêia de escolher musicas coevas da epocha que se celebrava.
»Os trechos que se executaram foram os seguintes.

»Extractos de operas classicas portuguezas, feitas e concertadas para »septuors (flauta, 2 violinos, 2 violloncellos, piano e orgão meltodinno) »por F. J. Brandão, para expressamente os executar na sala dos actos »grandes da Universidade de Coimbra.

»1.º Artemisia — Opera de Antonio Leal Moreira, 1782;
»2.º Semiramide — Opera de Marcos Antonio Portugal, 1783;
»3.º Natal Augusto — Opera de Antonio Leal Moreira, 1793.

»Aberta a sessão pelo Ex.mo Reitor da Universidade, foram convidados »a tomar a palavra os distinctos professores inscriptos, drs. Corrêa Barata »e Antonio Candido Ribeiro da Costa, que recitaram os discursos que »adeante vão publicados».

N.º 227 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Dentro de uma coroa bastante espêssa, feita com folhas de louro, unida em cima e ligada em baixo com um nó, a seguinte data, escrita em tres linhas horizontais; 8 || MAIO || 1882.

℞. — No campo, a seguinte inscrição, em sete linhas, sendo a primeira, e a ultima, curvas e as outras horizontais: COMMEMORAÇÃO || DO || CENTENARIO || DO || MARQUEZ DE POMBAL || N. 1699: M. 1782 || LISBOA.

Æ. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

N.º 228 — Outro exemplar.
PB. M. b. c.

Nada conseguimos saber a respeito da historia desta medalha.

N.º 229 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, *coroa circular*, dividida em catorze sectores que teem os angulos substituidos por arquinhos cujos centros estão marcados por estrelinhas. Nos sectores lêem-se, sucessivamente, as seguintes legendas, que começam em cima: NASCEU || 1699 || FALLECEU || 1782 — TERREMOTO || REEDIFICAÇÃO || DA CAPITAL || 1755 — COMPANHIA || DAS VINHAS DO || ALTO DOURO || 1756 — CREAÇÃO || DA JUNTA DO ||

COMMERCIO || 1756 — CREAÇÃO || DA AULA DO COMMERCIO 1759 — EXPULSÃO || DOS JESUITAS || 3 SETEMBRO || 1759 — SATISFAÇÃO || PEDIDA Á || INGLATERRA || 1760 — CREAÇÃO || DO COLLEGIO || DOS NOBRES || 1761 — LIBERTAÇÃO || DE ESCRAVOS || NO REINO || 1761 — DECLARAÇÃO || DE GUERRA Á || FRANÇA E HESP. || 1762 — CREAÇÃO DA || IMPRENSA REGIA || 24 DE DEZEMB || 1768 — REFORMA DA || UNIVERSIDADE || DE COIMBRA || 1772 — LEI SOBRE || A INSTRUCÇÃO || PRIMARIA || 1772 — INAUGURAÇÃO || DA ESTATUA || EQUESTRE || 1775. No centro, que está limitado por uma circunferência de pontos e outra de traço continuo, o busto do Marquês de Pombal, voltado à direita, com cabeleira grande e vestuário da época. Ao peito ostenta uma cruz da Ordem de Cristo, pendente de uma fita. Em volta do busto, a legenda: MARQUEZ (do lado esquerdo), DE POMBAL (do lado direito). No campo por baixo do corte do braço, a assinatura: C. MAIA GR.

O busto que figura nesta face da medalha é igual ao de uma outra, supra descrita com o n.º 221, feita pelo mesmo autor.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: COMMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: 8 DE MAIO DE 1882. No campo, que está limitado por uma circunferência de pontos e outra de traço continuo, vê-se, em cima, o olho da *Providencia*, resplandecente, e, por baixo deste, um amontoado de objectos que simbolizam as corporações que tomaram parte nas festas do centenario do Marquês de Pombal, e as sciencias, artes e industrias, etc., para cujo desenvolvimento o Marquês contribuiu. Na *Estampa I* vai reproduzido em *fac-simile*, um prospecto que contem a explicação de todos aqueles objectos simbólicos [1], o qual foi mandado fazer pelo próprio Cassiano Maia para ser posto à disposição dos visitantes da exposição industrial, que se realizou na Avenida da Liberdade, em 1888, onde a medalha esteve exposta.

AR. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

---

[1] Possuimos um exemplar, que nos foi oferecido — juntamente com um outro impresso que adiante também vai reproduzido —, pelo Sr. Viriato Maia, irmão do falecido autor da medalha. Ambos os impressos são hoje rarissimos.

No primeiro notam-se as seguintes *gralhas* tipograficas:

1.ª pagina: linha 26.ª, *n* Imprensa, em vez de, a Imprensa;

2.ª pagina: linha 1.ª, *codoceu* em vez de *cadoceu;* linha 5.ª, Um grupo de *estudantes,* em vez de, Um grupo de *estandartes.*

Bibl.: Prospecto adiante reproduzido (descrição); *O Occidente*, de 11 de Setembro de 1889, pag. 208 (estampa ampliada), e pag. 203 (descrição, transcrita do citado prospecto).

N.º 230 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

Esta medalha foi feita por especulação mercantil pelo gravador Cassiano Augusto Vidal da Maia, algum tempo depois do centenário do Marquês de Pombal, que ela comemóra.

Para mais facilmente lançar a sua obra no mercado, o gravador mandou fazer e fez distribuir por várias pessoas, associações e casas comerciais, uns impressos que teem em cima um esboço da medalha, e são divididos em quatro colunas para serem preenchidas pelas pessoas que quizessem adquiril-a. Vid. o modelo reduzido de um desses impressos na *figura* n.º 12 *(Estampa J)*.

Cada exemplar de cobre por *assinatura* custava 700 reis, e *avulso* 1000 reis.

Uns outros impressos, mais completos do que estes, tinham por baixo do esboço da medalha, o seguinte letreiro (1):

«Ill.mos e Ex.mos Srs.

»Havendo sido ha pouco tempo commemorado o primeiro centenario »do incomparavel estadista e sabio ministro *Marquez de Pombal* a que »todas as corporações prestaram devida homenagem, e sendo ella digna »a todos os respeitos de ficar em perpetua recordação, não só das cor»porações que á procissão civica concorreram, mas em todos os portu»guezes, pois todos são egualmente admiradores das importantes refor»mas que fez a bem da nossa patria.

»*Cassiano Augusto Vidal da Maia* projectou gravar uma medalha não »só contendo o busto do eximio estadista cercado de decretos, como »tambem os emblemas de todas as associações que annuiram aos esfor»ços da grande commissão, como o esboço acima, porém demandando de

(1) Segundo nos foi comunicado pelo Sr. Viriato Maia, que nos ofereceu uma copia a lapis.

MARQUEZ DE POMBAL

MEDALHA COMMEMORATIVA DO PRIMEIRO CENTENARIO

DO

MARQUEZ DE POMBAL

Gravura em relêvo, tendo n'uma das faces o busto do eminente estadista e em volta, em pequenissimos quadros a inscripção do seu nascimento e morte e a dos seus actos administrativos mais notaveis pela seguinte ordem:

1.º — Nasceu: 1699. — Falleceu. 1782.
2.º — Terramoto. Reedificação da capital 1755.
3.º — Companhia dos Vinhos do Alto Douro 1756.
4.º — Creação da Junta do Commercio 1756.
5.º — Creação da Aula do Commercio 1759.
6.º — Expulsão dos Jesuitas (3 de setembro) 1759.
7.º — Satisfação pedida a Inglaterra 1760.
8.º — Creação do Collegio dos Nobres 1761.
9.º — Libertação dos Escravos no Reino 1761.
10.º — Declaração de guerra á França e Hespanha 1762.
11.º — Creação da Imprensa Regia 1768.
12.º — Reforma da Universidade de Coimbra 1772.
13.º — Lei sobre a instrucção primaria 1772.
14.º — Inauguração da Estatua Equestre 1775.

Na outra face acham-se gravados, tambem em relêvo, alguns estandartes das associações que se encorporaram no cortejo civico e mais os seguintes emblemas:

O Olho da Providencia, representando a Maçonaria, que tomou uma parte activa nos festejos.

Um prélo, representando a Imprensa, tendo proximo alguns jornaes, onde se lê: «Occidente», «Diario de Noticias», «Seculo» «Folha do Povo», etc.

Uma esphera, representando o mundo.

Um telescopio, representando a Astronomia.

Um môcho, representando o Estudo e Sciencia.

Um livro aberto e uma grande penna, representando a Historia e a Litteratura.

Um navio a vapor, tendo no tope d'um dos mastros uma bandeira, onde se lê: — GLORIA — representando a Navegação e o Progresso.

Chaminés de ferro e um cortiço de abelhas, representando a Industria.

Um caduceu, um fardo e um gallo, representando o Commercio.

Um galeão com as armas da camara municipal de Lisboa, encerrando uma ardosia e varios signaes geometricos, representando a cidade e as escólas.

Um Pelicano, representando as Associações de Soccorro Mutuo.

Um grupo de estudantes, em um dos quaes se lê.—CLUB RAZÃO E JUSTIÇA, tendo ao centro um mastro de bandeira encimado por umas perpetuas e recebendo um fóco de luz, representando diversas Associações Democraticas.

Um ancinho, uma pá, um malho, um forcado, uma foice, um molho de trigo e uma pipa, representando a Agricultura.

Uma ancora, representando a Marinha.

Um canhão, um grupo de balas, uma espada, uma espingarda, um soquête e uma couraça, representando o Exercito.

Uma palhêta, um busto e uma columna, representando a Pintura, a Esculptura e a Architectura.

Uma canêta de desenho, um compasso, um esquadro e um transferidor, representando o Desenho e a Gravura.

Um machado de bombeiro e uma fita com uma cruz, representando a Associação dos Bombeiros e a Ambulancia.

Um grupo de mãos enlaçadas, representando a associação hespanhola «La Fraternidad»

Uma mascara e um punhal, representando a Comedia e a Tragedia.

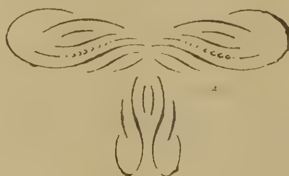
Uma lyra, representando a Musica.

Duas farpas, representando a Arte Tauromachica.

Uma bilha, representando a Olaria.

Um cavaquinho, representando as sociedades de SOL-E-DÓ.

Esta face da medalha, que é adornada tambem com algumas corôas de louro, tem ao centro um grande pavilhão, no qual se lê; — OS ESTUDANTES DE LISBOA.— Em volta da medalha está gravada a seguinte inscripção. — COMMEMORAÇÃO DO PRIMEIRO CENTENARIO — 8 DE MAIO DE 1882.





Esboço



Nomes.	Moradas.	Preço de cada medalha de cobre	
		Por assignatura 70 rs.	Avulso 1$000 rs.

N.B. O portador dias depois da entrega deste prospecto vae por este

Fig. n.º 12

»despezas um pouco avultadas motivo porque tenta o desempenho d'esta »empreza por meio de assignaturas, contando com a coadjuvação não só »dos seus amigos como tambem de todos aquelles que se interessam na »memoria do illustre marquez».

N. 231 — **Outra, com.ᵛᵃ do mesmo facto**. No arco superior da orla, a legenda, que é interrompida em cima: MARQUEZ — DE POMBAL. No exergo, que não está separado por friso, um florãozinho. Busto do Marquês, com cabeleira grande, sem vestuário, voltado à direita.

℞. — Dentro de uma coroa, feita com dois ramos de louro que teem as pontas separadas e os pés ligados por um laço, a seguinte inscrição, em cinco linhas, sendo a primeira curva e as outras horizontais: 1º CENTENARIO || 8 || DE MAIO || DE || 1882.

No alto tem argola fixa.

PB. fundido e bronzeado. Diâmetro: 36 milímetros. M. b. c.

Esta medalha é muito tôsca. Foi feita por um antigo empregado da Imprensa Nacional, Domingos Venancio.

N. 232 — **Outro exemplar,** sem argola.

PB. fundido e bronzeado. M. b. c.

*

A celebração do primeiro centenario do falecimento do Marquês de Pombal realizou-se no dia 8 de Maio de 1882, em vários pontos do País e do Brasil.

Em Lisboa, lançou-se a pedra fundamental para um monumento consagrado à memoria do Marquês, na Rotunda da Avenida, com a assistencia da Familia Rial; inauguraram-se os trabalhos para a construção de uma escola central; fez-se uma pequena exposição de Belas-Artes na Escola Politecnica; houve um sarau literário no teatro da Trindade e espectáculo de gala no de D. Maria; e realizou-se um cortejo civico em que tomaram parte muitas corporações e vários carros alegóricos (1).

---

(1) Para a historia do centenário do Marquês de Pombal, consulte-se, Brito Aranha: *Dicionário Bibliografico*, XIX.

N.º 233 — 1882 — **Com·va do quinquagésimo aniversário da entrada do Exercito Libertador, no Porto.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: D. PEDRO IV REI — DE PORTUGAL. No exergo, que não está separado por friso, junto da orla, a assinatura: A. M. (Arnaldo Molarinho). Cabeça de El-Rei D. Pedro IV, laureada, voltada à esquerda e com a barba talhada conforme a moda do tempo: *pera, mosca* e cortada em curva, na face, entre a orelha e o bigode, de modo que se une com este. A coroa de louro prende-se, junto da nuca, com uma fita cujas pontas estão caídas sobre o pescoço.

℞· — Na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente, a seguinte legenda, que começa em baixo: ANNO L. DA ENTRADA DO EXERCITO LIBERTADOR NO PORTO. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um florãozinho. Dentro de uma coroa de folhas e frutos de carvalho, completamente fechada, a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais: 9 || DE || JULHO || DE || 1882. O numero 9, que ocupa a primeira linha, está envolvido por um resplendor.

Æ. Diâmetro: 30, 5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Leitão: *Numismatica*, n,º 279. (Conf. com os n.os 277 e 278).

Esta medalha tem o anverso igual ao de uma outra, destinada a servir de insignia dos socios da *Associação Liberal Portuense*, da qual tencionamos ocupar-nos noutro volume [1]. Não sabemos se a cunhagem se fez por ordem da referida Associação ou por deliberação do próprio autor de ambas, o gravador José Arnaldo Nogueira Molarinho.

No jornal, *O Primeiro de Janeiro*, n.º 163, de 9 de Julho de 1882, lê-se a seguinte noticia: «Está batida a medalha commemorativa das fes-»tas de 9 de julho, gravada pelo nosso distincto artista Molarinho. Fize-»ram-se apenas vinte exemplares em bronze e tres em prata, em razão »de ter quebrado o cunho do reverso. Consta-nos que estes exemplares »serão offerecidos aos museus».

---

[1] Para o tipo do anverso dos primeiros exemplares dessa insignia, parece ter servido o mesmo cunho que Molarinho havia gravado para a medalha oficial de D. Pedro e D. Maria, tendo-se depois feito um outro. Vid. Leitão, *ob.* e *loc.* citados na *bibl.* supra. O uso dessa insignia foi proíbido pelo Governo, por Portaria de 9 de Agosto de 1877, porque ela podia *confundir-se com qualquer das medalhas creadas por lei.* Vid. Silvestre Ribeiro: *Historia dos Estabelecimentos Scientificos,* XIV, p. 132, e XVI, p. 439.

E' provavel, porém, que feito novo cunho, com ele se tivessem cunhado outros exemplares.

*

Em 9 de Julho de 1882 celebrou-se no Porto, com vários festejos promovidos pela *Associação Liberal Portuense*, o quinquagésimo aniversário da entrada do *Exercito Libertador* naquela cidade. A essas festas, que consistiram em iluminações, cortejo, sessão soléne na Camara, espectáculo de gala no teatro de S. João, etc., assistiu o Infante D. Augusto, como representante da Familia Rial (1).

N.º 234 — 1884 — **Com.va do Centenário da fundação do Templo do Bom Jesus do Monte, em Braga.** No exergo, que está separado por friso, em duas linhas horizontais, a legenda: BRAGA I.º DE JUNHO DE || 1884. Vista exterior do Templo, com uma arvore de cada lado.

℞. — Na orla, coroa feita com folhas e frutos de carvalho, completamente fechada. Ao centro, em quatro linhas horizontais, a inscrição: I.º CENTENARIO || DA FUNDAÇÃO DO || TEMPLO DO BOM JESUS || DO MONTE.

Æ. Diâmetro: 54,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Consta-nos que esta medalha foi gravada no Porto pelo gravador da fábrica da Sociedade Aurificia, Carlos Preyer, não sabemos se por espéculação mercantil ou por encomenda da comissão dos festejos do centenário que ela comemora.

*

O Templo do Bom Jesus do Monte perto de Braga, que é um dos Santuários mais notaveis de todo o Reino, quer pela sua grandiosidade, quer pela sua privilegiada situação, quer ainda pelas importantes romarias que a ele concorrem em determinados dias, foi edificado à custa de esmolas, segundo o plano do arquitecto Carlos Amarante, para substituir uma ermida que se erguia perto do local em que ele está situado,

(1) Vid. por exemplo: *O Primeiro de Janeiro*, n.os 163 e 164, de 9 e 11 de Julho de 1882.

cuja fundação tem sido atribuida ao Arcebispo de Braga, D. Jorge da Costa, irmão do Cardial de Alpedrinha de igual nome (1).

Tendo sido lançada a pedra fundamental do novo Templo em 1 de Junho de 1784, celebrou-se, de 30 de Maio a 1 de Junho de 1884, o primeiro centenário desse acontecimento, com vários festejos promovidos por uma comissão presidida pelo Arcebispo, D. António José de Freitas Honorato.

Foram deslumbrantes as ornamentações que então se fizeram, tanto em Braga como no Monte, e imponentissima a procissão que acompanhou, desde a Igreja de S. Vítor daquela cidade, até ao seu Santuário, a Imagem do Bom Jesus, encarnada de novo. A concorrencia de forasteiros foi tão grande que muitos deles, por falta de alojamentos, tiveram de dormir sobre as lages das calçadas.

Na cidade inaugurou-se então um asilo para mendigos, e fizeram-se duas exposições, uma de flores, no edificio municipal da Praça do Salvador, e outra de bois gordos, na Praça Nova, tendo sido conferidas aos expositores umas medalhas de premio das quais tencionamos tratar noutro volume, no lugar que lhes compete (2).

O tipo do anverso dessas medalhas é igual ao da que acabamos de descrever.

N.º 235 — 1885 — **Ded.da a Francisco J. Ferreira do Amaral**. Dentro de uma coroa de louro, a inscrição, em seis linhas horizontais: AO || CONSELHEIRO || FRANCISCO. J: || FERREIRA || DO || AMARAL.

℞. — A seguinte inscrição, em sete linhas horizontais: O || COMMERCIO || AGRICULTURA · E · INDUSTRIA || DE || ANGOLA || OFFERECEM || 1885.

Æ. Diâmetro: 56,5 milímetros. M. b. c. Rara.

---

(1) Vid. D. Rodrigo da Cunha: *Segunda parte, da Historia Ecclesiastica dos Arcebispos de Braga*, p. 285; Fernando Castiço: *Memoria Historica do Sanctuario do Bom Jesus do Monte;* Diogo Pereira Forjaz de Sampaio Pimentel: *Memorias do Bom Jesus do Monte* (varias edições); Azevedo Coutinho: *Bom Jesus do Monte (esboço historico e descriptivo).* Vid. no começo deste livro a bibliografia referente ao Santuario, feita por *Pereira Caldas*, e no fim do mesmo, uma *nota-corrigenda*, assinada por *José Machado*, em que se pretende desfazer o erro de se atribuir ao Arcebispo D. Jorge da Costa a fundação da ermida de Santa Cruz que o actual Templo substitue.

(2) Vid. a descrição dos festejos nos jornais da epoca, como por exemplo: *O Primeiro de Janeiro*, do Porto, n.os 131, 132, 133, e 135, respectivamente de 31 de Maio, 1, 3 e 5 de Junho, de 1884

N.º 236 — 1885 — **Ded.da a Capelo e Ivens pela Provincia de Angola**. Na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: A PROVINCIA DE ANGOLA SAUDA CAPELLO E IVENS. No exergo, que não está separado por friso, a data: 1885. Cabeças conjugadas, de Capelo e de Ivens, voltadas à direita, estando a deste último no segundo plano. No campo, junto da orla e por baixo da cabeça do primeiro, a assinatura: MOLARINHO F.

℞. — Dentro de uma coroa feita com dois ramos de café, enleados em duas palmas que teem as pontas quasi unidas e os pés ligados com um laço, a seguinte inscrição, em dez linhas horizontais: MOÇAMBIQUE || 25, JUNHO, 3 H E 1 M || MINISTRO DA MARINHA, LISBOA. || EXITO COMPLETO; CUMPRIMENTO || ORDENS RECEBIDAS; VIAGEM || REGIÃO LAGOS; ORIGENS LUABA || LUAPULA, CAMINHO COMMERCIAL || ENTRE NOSSAS PROVINCIAS; || SEGUIMOS LOANDA || CAPELLO IVENS.

Æ. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Rara.

*

Em 1884 e 1885 dois corajosos e ilustres oficiais da marinha portuguesa, Hermenegildo de Brito Capelo e Roberto Ivens, a instancias da Sociedade de Geografia de Lisboa e por incumbencia do Ministro da Marinha e Ultramar, Manuel Pinheiro Chagas, empreenderam, com glorioso exito, a travessia do Continente africano, com os principais fins de: «encontrar um caminho commercial entre as provincias portuguezas de »Angola e Moçambique; inquirir nas regiões centraes as relações das »bacias hydrographicas do Zaire e Zambeze; e atravessar emfim pelo »meio as zonas branqueadas que na carta existiam, taes como a terra ao »oeste do valle do Barotze, aquella que se estira para o nordeste do »Cabompo até á região dos lagos, e emfim toda a que do sul do Bangueolo »vae até ao Zambeze» [1].

Tendo partido de Lisboa em 6 de Janeiro de 1884, a bordo do vapor *S. Tomé*, e depois de organizarem a expedição em Loanda e Mossamedes, dirigiram se os dois exploradores para Porto de Pinda, onde desembarcaram para se internarem por alí nos sertões africanos. Um ano e meio depois (26 de Junho de 1885), apesar dos contratempos e torturas que sofreram, conseguiram chegar, cobertos de gloria, a Quelimane, na contra-costa, concluindo assim a missão de que haviam sido encarrega-

---

(1) H. Capello e R. Ivens: *De Angola á Contra-Costa*, I, p. 63.

dos. De Quelimane seguiram para Moçambique, onde depois de terem expedido ao Ministro da Marinha o telegrama reproduzido no reverso da medalha, embarcaram para regressarem ao Reino.

Logo que em Loanda constou que os ilustres exploradores por alí passariam na sua viagem de regresso ao Reino, foi pelo governador convocada uma reunião popular, que se realizou na noite de 4 de Agosto de 1885 no *Teatro da Associação 31 de Outubro*, na qual se aprovou um extenso programa de festejos, e se elegeu uma grande comissão encarregada de os executar, presidida pelo Conselheiro Antonio do Nascimento Pereira Sampaio, comandante da divisão naval.

A seguir transcrevemos do referido programa os numeros que mais nos interessam:

«1.º

»Haverá uma commissão executiva encarregada de pôr em pratica o »seguinte programma.

»As demonstrações a cargo da commissão executiva são as seguintes:

»1.º — Cortejo no mar até ao caes.

»2.º — Cortejo civico do caes até á igreja da Misericordia e d'ahi até »ao palacio do governo.

»3.º — Illuminações nos edificios publicos e particulares.

»4.º — Apresentação dos exploradores na sala da exposição.

»5.º — Récita de gala no theatro da *Associação 31 de Outubro.*

»6.º — Regata.

»7.º — Jantar á comitiva dos exploradores, servido por senhoras, no »jardim publico.

»8.º — Medalha commemorativa offerecida pela provincia».

«21.º

»Haverá uma sub-commissão encarregada de promover uma subscrip»ção na cidade para as despezas das festas, e tambem na provincia para »a cunhagem de uma medalha, que esta deverá offerecer a cada um dos »exploradores Capello e Ivens, e que terá, salvo melhor alvitre, dum lado »e rodeado de ramos de caffé o modesto, e ao mesmo tempo eloquente »telegramma de participação de chegada dos exploradores a Moçambique; »e do outro lado uma palmeira, tendo sob a cópa das folhas a seguinte »inscripção: *A provincia de Angola sáuda Capello e Ivens. 1885*».

Como se vê pela descrição da medalha estes alvitres foram só em parte adótados.

Os exploradores chegaram a Loanda em 11 de Agosto de 1885 e tornaram a embarcar, para seguirem a sua viagem, no dia 15 (1).

As medalhas, que eram de ouro, foram-lhes entregues depois, em Lisboa, tendo sido os respectivos cunhos gravados no Porto, por Molarinho. Alem desses exemplares fizeram-se vários outros de cobre.

N.º 237 — Outra, dedicada a Capelo e Ivens pela Sociedade de Geografia de Lisboa. Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS (*Lusiadas*, C. I, Est. I); no exergo, um florão. Escudo das armas portuguesas, assente na esfera armilar. Por baixo desta, do lado esquerdo, a assinatura: L. C. (Luciano Cordeiro) INV. e do lado direito: C. L. (Casimiro Lima) GRV. O tipo e legenda desta face constituem o emblema e divisa da Sociedade de Geografia, e tem sido aplicado a várias outras medalhas.

℞. — Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. No exergo, que não está separado por friso, o milésimo: 1885, entre dois florões que o separam das extremidades da legenda. No centro, a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais, e escrita num mapa da Africa em que estão indicados, por sulcos, os principais rios, e por uma linha em relevo, o caminho seguido pelos dois exploradores, desde Angola até à contra-costa: A ‖ CAPELLO ‖ E ‖ IVENS ‖ 1884-1885. No campo, estão representadas por pontos, várias ilhas.

Æ. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

*

Hermenegildo de Brito Capelo e Roberto Ivens chegaram a Lisboa, a bordo do vapor *Cabo-Verde*, em 16 de Setembro de 1885, sendo aqui

(1) Os pormenores da recepção dos exploradores em Loanda, bem como os programas e outros documentos que lhe dizem respeito, foram publicados num folheto de 26 pag. e de formato grande, intitulado: *Angola a Capello e Ivens. Loanda — Imprensa Nacional — 1885.* Devido à solicitude do conhecido livreiro-antiquário o Sr. Pereira da Silva, conseguimos obter um exemplar deste rarissimo folheto.

O programa dos festejos tambêm se encontra publicado nas seguintes obras: *Boletim Official da Provincia de Angola, 1885*, p. 646; *Regresso dos Benemeritos Exploradores Capello e Ivens*, trabalho documental publicado pela Sociedade de Geografia, p. 49, sgs.; *Jornal do Commercio*, n.º 9540, de 17 de Setembro de 1885.

recebidos com extraordinário entusiasmo. O Ministro da Marinha e muitas outras pessoas foram esperal-os a Paço de Arcos, em vários vapores embandeirados, que levavam a bordo bandas de musica, os quais vieram seguindo o *Cabo-Verde* até Lisboa. Em frente da Junqueira incorporaram-se nesse majestoso cortejo fluvial, mais de tresentos barcos cheios de gente.

Durante o percurso até ao Arsenal da Marinha, local destinado ao desembarque, onde El-Rei D. Luis e os Principes aguardavam os ilustres exploradores, foram estes saudados com uma *salva* dada a bordo da fragata *D. Fernando*, com muitas girândolas de foguetes e entusiásticos *vivas*.

Realizado o desembarque, dirigiram-se todas as pessoas de categoria que a ele tinham assistido, à Sala da Superintendencia, onde o Monarca, depois de proferir um breve discurso, condecorou Capelo com a Gran-Cruz da Ordem de S. Tiago, e Ivens com a comenda da Ordem da Torre e Espada.

Terminada esta cerimónia, foram ainda os recem-chegados recebidos oficialmente pela Câmara Municipal e pela Sociedade de Geografia, nas suas respectivas sedes, tendo sido delirantemente aclamados pela multidão que se aglomerava pelas ruas e janelas.

A' noite houve iluminações e no dia seguinte cantou-se na Sé um soléne *Te-Deum*.

Os festejos para a recepção dos dois africanistas, não só nos diversos pontos de escala do navio que os conduziu para o Continente, como tambêm em Lisboa, foram promovidos pela Sociedade de Geografia, como consta de um *Programa Geral* por ela elaborado, do qual destacamos os seguintes números [1]:

«II

»A Sociedade fará cunhar uma medalha, em bronze, commemorativa »d'aquella travessia [2].

»VII

»No dia designado pelos illustres exploradores, serão estes recebidos »em sessão solemne da Sociedade, para a communicação que elles »entendam dever fazer-lhe dos resultados da sua exploração geographica,

---

[1] Vid. *Regresso dos Benemeritos Exploradores Capello e Ivens da sua exploração geographica através da Africa em 1885* (publicação documental feita pela Sociedade de Geografia), p. 61 sgs.

[2] Este numero tem a seguinte nota: «Foram cunhados dois exemplares em oiro para »os srs. Capello e Ivens».

»e para lhes serem entregues as medalhas de honra, em oiro, que a »Sociedade lhes conferiu, e as medalhas commemorativas da sua recente »travessia africana.

»Será solicitada de Sua Magestade o Rei, protector da Sociedade, a »honra de presidir a esta sessão.

»Igualmente será solicitada da familia real que se digne assistir.

»1.º Será convidado a dirigir os trabalhos da sessão, conjunctamente »com o presidente da Sociedade, o ex.mo ministro da marinha e ultramar, »presidente da commissão central de geographia.

»2.º Serão convidados a assistir a esta sessão as mesas das camaras »legislativas, os membros do governo, do conselho do estado, do corpo »diplomatico, da camara municipal de Lisboa, os representantes da »imprensa, das escolas e das corporações de estudo e de commercio, e »as mais pessoas que a mesa da Sociedade tiver por conveniente.

»3.º A sessão será aberta, por ordem de Sua Magestade o Rei, pelo »sr. ministro da marinha e ultramar, que dará em seguida a palavra aos »dois exploradores.

»4.º Terminada a communicação que elles entendam dever fazer, o »presidente da Sociedade, saudando os em nome d'esta, solicitará de »Sua Magestade o Rei que se digne entregar-lhes por sua mão as meda»lhas da Sociedade, e, em seguida a esta ceremonia e obtida a devida »venia, encerrará a sessão».

A concessão das medalhas de honra aos dois ilustres exploradores a que neste numero do programa se alude, havia sido votada em sessão de 22 de Setembro de 1883, (1), como recompensa dos serviços até então por eles prestados à Patria e á Sciencia (2). Das outras, fizeram-se tambem dois exemplares de ouro para os homenagiados, se bem que no citado numero II do *programa* eles não venham especificadas.

A sessão soléne realizou-se na noite de 1 de Outubro de 1885 no Rial Teatro de S. Carlos, com desusada imponencia e na presença da Familia Rial, a qual se conservou no seu camarote particular durante a leitura do relatório, que foi feita até ao meio por Capelo, e dalí em diante por Ivens.

A entrega das quatro medalhas foi feita por El-Rei D. Luis, na tribuna rial, que estava artisticamente ornamentada e iluminada. Depois de lhes

---

(1) Vid. no livro das *Actas das sessões da Sociedade de Geographia*, a acta da sessão soléne, de 1 de Outubro de 1885.

(2) Como se sabe, antes da viagem de exploração a que nos estamos referindo, tinham eles feito uma outra, organizada em 1877, entre Benguela e terras de Iaca.

entregar as medalhas, ao som do hino rial, o Monarca abraçou os dois exploradores, irrompendo então, em toda a sala, uma delirante e prolongada ovação ([1]).

N.º 238 — Outra, dedicada a Capelo e Ivens pela Associação Comercial de Lisboa. Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA. No exergo, que não está limitado por friso, o milésimo: 1885, entre dois florões que o separam das extremidades da legenda. Ao centro, um caduceu, com o qual se cruzam: uma âncora, um tridente, e duas cornucopias, estando a do lado esquerdo cheia de fruta, e a do lado direito de rosas.

Esta face, cujo tipo representa o emblema da Associação Comercial de Lisboa, apenas difere, por ter o milésimo, 1885, da de uma outra, comemorativa da inauguração dos trabalhos no porto de Lisboa, adiante descrita, e é tambêm semelhante à de mais duas, que não possuimos, dedicadas a Serpa Pinto, respectivamente em 1885 e 1886, as quais foram todas mandadas cunhar pela referida Associação ([2]).

℞. — Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, assim dividida: no arco superior: EXPLORADORES PORTUGUEZES e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: H. CAPELLO E R. IVENS. No campo, em baixo, junto da orla, os milésimos: 1877-1880 (do lado esquerdo) e 1884-1885 (do lado direito), referindo-se os primeiros à viagem que os exploradores fizeram de Benguela às terras de Iaca, e os segundos à viagem que os mesmos fizeram, de Angola à contra-costa. Ao centro, a palavra AFRICA, escrita em curva sobre um mapa desta parte do mundo, no qual estão tambêm indicados, por sulcos os principais rios, e por uma linha em relevo, o caminho seguido pelos exploradores, desde Angola até é contra-costa.

O tipo desta face é imitado do da medalha antecedente, n.º 237, mandada cunhar pela Sociedade de Geografia.

Æ. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c. Não é comum.

([1]) Vid. a descrição desta solenidade nos jornais da epoca, como por exemplo: *O Jornal do Commercio*, n.º 9553, de 2 de Outubro de 1885, e: *O Commercio de Portugal* da mesma data.

([2]) Vid. *Catalogo da colecção de Meili*, publicado por Schulman, n.º 3451.

*

Esta medalha foi mandada cunhar pela Associação Comercial de Lisboa em homenagem a Capelo e Ivens. Alem de vários exemplares de cobre, fizeram-se dois de ouro, que foram entregues aos exploradores por El-Rei D. Luis, numa sessão soléne que se realizou em 5 de Outubro de 1885, na sala do Tribunal do Comércio, no Terreiro do Paço. Aberta a sessão, pouco depois das oito horas da noite, o Presidente da Associação, o Sr. Eduardo Ferreira Pinto Basto, proferiu um eloquente discurso, em que disse que a medalha havia sido cunhada por resolução da assembeia geral, e, em seguida, o Monarca fez a entrega das medalhas, proferindo tambêm um discurso (1).

N.º 239 — Outra, dedicada a Capelo e Ivens pelo Ateneu Comercial do Porto. Na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO. No exergo, que não está separado por friso: 1885. Emblema composto com um caduceu (ao meio), uma esfera e competente pé de suporte (do lado esquerdo), e um livro aberto (do lado direito), no qual se lê, na pagina do lado direito, o seguinte letreiro que se refere ao Ateneu: *Instituição* || *29* || *Agosto* || *1869*. Entre a esfera e o livro está pousada uma pena, e por detrás dos mesmos objectos, aparecem as pontas de dois raminhos de oliveira. Por baixo, ha uma fita pendurada em dois ramos, um de louro, outro de carvalho, que ornamentam, e envolvem parte do emblema, e que teem os pés ligados com um laço, na qual se lê o seguinte *moto*: INTER FOLIA FRUCTUS.

O tipo desta face da medalha, constitue o emblema do Ateneu Comercial do Porto.

℞. — Dentro de uma coroa de folhas de louro e de carvalho, fechada, e ligada por quatro argolas ornamentadas e simetricamente dispostas em cima, em baixo e aos lados, a seguinte inscrição, em nove linhas horizontais: AOS || INTREPIDOS || E || PERSEVERANTES || EXPLORADORES || BRITO CAPELLO || E || ROBERTO IVENS || 1884-1885. Por baixo, uma estrela de cinco raios.

AR. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Rara, neste metal.

---

(1) Vid. *O Jornal do Commercio*, n.º 9556, de 6 de Outubro de 1885.

N.º 240 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

*

Tendo o Ateneu Comercial do Porto resolvido tomar a iniciativa de convidar os exploradores, Brito Capelo e Roberto Ivens, a irem ao Porto e de alí lhes promover uma recepção condigna, encarregou uma comissão, composta dos seus corpos gerentes, de trabalhar nesse sentido, a qual deliberou o seguinte [1]:

1.º Que os exploradores, quando chegassem ao Funchal, fossem convidados a visitar o Porto, devendo-se para esse fim enviar um telegrama ao representante do Ateneu naquela cidade, o Sr. Francisco Pinto Moreira;

2.º Que fosse enviada uma comissão a Lisboa incumbida de os felicitar, em nome do Ateneu, por ocasião da sua chegada à capital;

3.º Que se mandassem cunhar duas medalhas de ouro, a fim de serem entregues àqueles benemeritos em sessão soléne;

4.º Que se convidasse o Ministro da Marinha, na qualidade de principal promotor da expedição, a ir presidir ao acto soléne da entrega das medalhas;

5.º Que para ocorrer a estas despezas se abrisse uma subscrição entre os senhores associados [2].

Os exploradores estiveram no Porto pouco mais de três dias, pois que, tendo alí chegado ás cinco horas e dez minutos da tarde de 10 de Outubro de 1885, tomaram novamente o comboio especial que os conduzira, para regressarem a Lisboa, no dia 14, à meia noite e nove minutos.

Durante aqueles dias a *cidade invicta* conservou-se em festa e foram prestadas aos bravos marinheiros várias homenagens [3], entre as quais se salientou a sessão soléne no Ateneu, que se realizou na noite de 11 de Outubro, sob o presidencia do Ministro da Marinha, Manuel Pinheiro Cha-

---

(1) Vid. *Relatorio e contas da Direcção do Atheneu Commercial do Porto - Gerencia de 1 de Julho de 1884 a 31 de Dezembro de 1885*, p. 12 *sgs.* capitulo intitulado: *Recepção dos exploradores Brito Capello e Roberto Ivens.*

Para consultarmos este relatório fomos no passado verão de 1914 á sede do Ateneu, de onde saimos cativados com as atenções que alí nos foram dispensadas por vários sócios a quem nos dirigimos.

(2) Estas resoluções (cuja redacção alterámos um pouco), foram comunicadas à Sociedade de Geografia de Lisboa, em oficio de 8 de Setembro de 1885, o qual vem publicado no livro já citado supra: *Regresso dos Benemeritos Exploradores Capello e Ivens*, p. 105-6.

(3) Vid. *O Commercio do Porto*, de 10, 11, 12, 13, 14 e 15 de Outubro de 1885; e *O Primeiro de Janeiro* das mesmas datas.

gas, e na presença de milhares de espectadores. Aberta a sessão, o sócio Emilio Dantas proferiu um discurso em que frisou o valor da travessia e o heroismo dos exploradores; seguiu-se-lhe no uso da palavra o sócio Francisco José Patricio, que *traçou um formoso quadro* da viagem por aqueles realizada, e depois, falaram, sucessivamente, o Dr. João Arroio, e o Ministro da Marinha, que ao terminar o seu discurso fez entrega das medalhas aos homenagiados. No dia 13 voltaram estes ao Ateneu para alí fazerem uma conferencia.

«Relativamente ás medalhas (diz o *Relatorio e contas da Direcção do »Ateneu, — Gerencia de 1884-85* — já citado), o numero de cunhagem foi »de 104, sendo: 2 exemplares em ouro, que foram entregues aos explo»radores em sessão solemne; 2 exemplares em prata, um offerecido a »sua magestade el-rei o snr. D. Luiz, e outro entregue ao snr. ministro »da marinha; 100 exemplares em bronze, para serem distribuidos por »varios museus officiaes, diversas associações e offerecidos ás pessoas »que tomaram parte na homenagem, reservando um pequeno numero para »ser adquirido pecuniariamente pelos snrs. associados, ficando a socie»dade com os cunhos. Ao distincto gravador o snr. José Arnaldo Nogueira »Molarinho confiamos o trabalho das medalhas, que revelam o talento »artistico de quem amestrou o pulso no lavor difficil e delicado da gravura».

Apesar de oficial, esta passagem do *Relatorio* não é absolutamente exacta, na parte referente ao numero de medalhas de prata que se cunharam[1], pois que no próprio Ateneu existe mais uma (ou duas), e na nossa colecção possuimos uma outra.

N.º 241 — 1886 — **Com.^va^ do Casamento do Principe Rial, o Senhor D. Carlos, com a Princesa, a Senhora D. Amelia de Orleans.** Na orla, que é mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: CASAMENTO DE D. CARLOS E D. AMELIA. No exergo, que não está separado por friso, um florão. Bustos, conjugados, voltados à esquerda e em cabelo, do Principe Rial — no primeiro plano e com casaco de traje civil abotoado; e da Princesa — no segundo plano e com um vestido liso que tem na frente uma fila de botões.

(1) Erros semelhantes a este são tão vulgares, que quasi se pode estabelecer como regra, em Medalhistica, que *nunca se consegue saber, ao certo, o numero de exemplares que se cunharam de quaesquer medalhas.*

℞. Dentro de uma coroa de ramos e flores de laranjeira, aberta em cima e ligada em baixo com um laço, o milésimo: 1886.

PB. dourado. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c. Em cima tem um orificio.

N.º 242 — Outro exemplar, que tem no alto um orificio em que está adaptado um gancho, comprido e ornamentado com um laço de metal branco.

PB. com a côr natural. M. b. c.

Esta medalha é muito tôsca e absolutamente destituida de mérito artistico.

Deve ter sido feita por qualquer anónimo sem valor, com fins comerciais.

*

O consórcio do Principe Rial, o Senhor D. Carlos, com a Princesa, a Senhora D. Maria Amelia Luisa Helena, de Orleans, filha de Suas Altezas os Senhores Condes de Paris, realizou-se com extraordinária pompa, em Lisboa, na Igreja do antigo convento de S. Domingos, no dia 22 de Maio de 1886.

A Augusta Princesa veio de França para Portugal num comboio que entrou a fronteira em Vilar-Formoso, e que chegou a Lisboa no dia 19, pelas cinco horas e vinte minutos da tarde. O Principe Rial ao encontrar-se com sua futura Esposa, na Pampilhosa, aonde tinha ido esperal-a, deu-lhe um beijo e ofereceu-lhe um ramo de flores. Para assistirem ao casamento vieram então a Portugal os seguintes Principes estrangeiros, quasi todos da Familia de Orleans, os quais se hospedaram, no palacio das Necessidades, aonde tambem se instalou a Noiva: Conde e Condessa de Paris, Princesa Helena, Duques: de Orléans, de Aumale e de Chartres, Princesas: Clementina e de Joinville, Principes: Fernando de Coburgo, Jorge de Gales, e Amadeu de Saboia, que parece ter estado hospedado no Palacio da Ajuda. Algumas nações enviaram esquadras ou navios de guerra ao Tejo e fizeram-se representar por embaixadas especiais. A Inglaterra e a Italia fizeram-se, porêm, representar respectivamente pelo Principe Jorge de Gales e pelo Principe Amadeu de Saboia.

Os Noivos foram conduzidos, cada um com seu préstito, para a Igreja de S. Domingos, que se achava ricamente ornamentada e repleta de con-

vidados e de povo. As bençãos foram lançadas pelo Cardial Patriarca. O préstito do Noivo saiu do Palacio da Ajuda, ao meio dia e meia hora. Levava na frente os arautos, passavantes e reis de armas, e na rectaguarda uma guarda de honra. Nele figuravam vários coches em que iam, entre outros personagens: o Principe Amadeu, o Principe Jorge de Gales, o Duque de Orleans, o Infante D. Augusto, e, finalmente, o Senhor D. Carlos, acompanhado de Seus Pais, o Senhor D. Luis e a Senhora Dona Maria Pia. No préstito da Noiva, que saiu do Palácio das Necessidades pouco tempo depois, incorporaram-se: os Senhores Condes de Paris, a Princesa de Joinville, a Princesa Helena, o Senhor Infante D. Afonso, etc. Celebrado o casamento, cantou-se um soléne *Te-Deum*, terminando todas as cerimónias religiosas pelas quatro horas e um quarto, da tarde. Em seguida organizou-se um imponentissimo cortejo que acompanhou os Esposos até ao Palácio de Belem, onde haviam determinado fixar residência.

Para se celebrar este consórcio realizaram-se em Lisboa deslumbrantes festejos, que duraram alguns dias e que foram, sem dúvida, os mais notáveis de todos a que temos assistido.

Dentre esses festejos destacaram-se: as ornamentações das casas e das ruas, feitas com bandeiras, balões e lampadas, que se mandaram vir do estrangeiro; a récita de gala em S. Carlos; a recepção e o baile, no Paço da Ajuda; a parada militar; corridas de cavalos no hipódromo de Belem; tourada à antiga portuguesa na praça do Campo de Sant'Ana; fogo de vistas: no Tejo, na Tapada da Ajuda e na Avenida, etc. (1).

N.º 243 — 1887 — **Com.va da inauguração dos trabalhos no porto de Lisboa.** Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DE LISBOA. No exergo, que não está separado por friso, dois florões entre as extremidades da legenda. Ao centro, um caduceu, com o qual se cruzam: uma âncora, um tridente, e duas cornucópias, estando a do lado esquerdo cheia de fruta e a outra de rosas.

Esta face, cujo tipo representa o emblema da Associação Comercial de Lisboa, apenas difére, por lhe faltar o milésimo entre os florões do exergo, da de uma outra, supra descrita com o n.º 238, dedicada a Capelo e Ivens, e é tambem seme-

(1) Vid. no *Diario de Noticias*, os n.os do mês de Maio e principios do de Junho de 1886. Vid. tambem os outros jornais da epoca.

lhante ao de mais duas outras, no mesmo lugar referidas, dedicadas a Serpa Pinto.

℞. — A seguinte inscrição, em nove linhas, sendo a primeira e a ultima, curvas e as restantes horizontais: INAUGURAÇÃO || DOS || TRABALHOS || PARA OS || MELHORAMENTOS || DO || PORTO DE LISBOA || EM || 31-OUTUBRO-1887.

Æ. Diâmetro: 42 milímetros. M. b. c.

Esta medalha, que foi mandada cunhar pela Associação Comercial de Lisboa, aparece frequentemente à venda nos mercados. Só conhecemos exemplares de cobre e não sabemos se também se fizeram de outros metais.

*

Apesar de escassearem noticias ácerca das obras realizadas no porto de Lisboa, em tempos remotos, em beneficio da navegação e do comércio, sabe-se, contudo, que algumas se fizeram no tempo dos romanos, dos arabes, e dos nossos antigos reis; mas nenhumas delas, nem mesmo outras que, exceptuando as de caracter militar, se efectuaram posteriormente, obedeceram a um plano metódico. O primeiro projecto regular que nesse sentido se fez, foi traçado pelo engenheiro hungaro, Carlos Mardel, no reinado de D. João V; um outro mais desenvolvido, foi mandado executar pelo Marquês de Pombal. Depois, só no século XIX se tornou a pensar no assunto, projectando-se então sucessivamente várias obras, algumas das quais, como, por exemplo, os *aterros da Boa-Vista*, chegaram a executar-se.

Por Portaria de 16 de Maio de 1883, nomeou o Governo uma grande comissão, encarregada de traçar um plano geral de melhoramentos no porto de Lisboa, e de indicar a forma de o realizar e as vantagens que da sua execução adviriam. Dois anos depois, era o Governo autorizado, por Lei de 16 de Julho de 1885, a adjudicar em hasta pública, precedendo concurso de noventa dias, a construção das obras do porto, concernentes à primeira secção do plano geral proposto por aquela comissão, em que se compreendiam: cais marginais, pontes girantes, docas para abrigo, carga, descarga e reparação de navios, maquinismos e guindastes hidráulicos, cais flutuantes e vias férreas. Cumpridas as formalidades estabelecidas na Lei, determinou o Governo, por Portaria de 9 de Abril de 1887, que as obras se adjudicassem, pela quantia de 10.790:000$000 de réis ao proponente Pierre Hildenert Hersent, com quem depois se fez um contrato em 20 de Abril de 1887 (1).

---

(1) Sobre as obras do porto de Lisboa, vid. Adolfo Loureiro: *Os portos maritimos de Portugal*, vol. III, partes I e II.

A 31 de Outubro de 1887, dia do aniversário de El-Rei D. Luis, inauguraram-se solénemente os trabalhos com uma cerimónia a que assistiu toda a Familia Rial, excepto o Principe da Beira, e que se realizou em Alcantara, num recinto fronteiro ao quartel dos marinheiros (Baluarte), onde o empreiteiro havia já construido algumas oficinas [1].

Pelas quatro horas chegou a Familia Rial ao indicado local, que estava todo ornamentado com flores e bandeiras, encaminhando-se depois para uma ponte, *que entrava por uma boa parte do rio*, na extremidade da qual estava suspenso um caixote cheio de pedras, que El-Rei D. Luis, puxando por um cordão, fez despejar no rio. Nesse momento estalaram nos ares muitas girândolas de foguetes e ouviram-se os silvos de todos os vapores fundeados no Tejo. Em seguida proferiram alocuções, os presidentes: da Camara Municipal (Fernando Palha), da Associação Comercial (Policarpo Anjos), e da Associação Industrial (Rosa Araujo). Por fim, assinou-se um auto, num pavilhão coberto com docel.

N.º 244 — 1887 — **Ded.ᵈᵃ ao Sr. Conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão pela Associação Comercial do Porto.** No arco superior da orla, a legenda: AO MINISTRO DA JUSTIÇA FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: A ASSOCIAÇÃO COMMERCIAL DO PORTO. Busto do Sr. Conselheiro Beirão, voltado à esquerda, com traje civil e em cabelo. No campo, junto do corte do braço, a assinatura: C·MAIA, MOD·E GRAVOU.

℞. — Dentro de uma coroa de carvalho, atada em baixo com um laço e aberta em cima, a figura da *Justiça*, representada por uma mulher, descalça, de pé, vestida com leves roupagens, com o corpo voltado a $^3/_4$ para a direita e a cabeça de perfil; a segurar com a mão esquerda estendida para a frente, umas balanças, e a amparar com a outra mão, as tábulas da Lei, que por detrás dela estão colocadas ao alto, e que teem inscritos sucessivamente, cada um em sua linha, os numeros romanos de I a IX, estando este último cortado. Do lado direito, aos pés da figura, estão agrupados os seguintes objectos: um fardo, no qual se lê: C. — M. — PORT (Comercio Maritimo Português), uma colmeia, um caduceu e uma cornucópia cheia de flores. Entre a figura e a base da coroa, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, a seguinte legenda, em tres linhas horizontais: PROJECTO DE CODIGO || COMM.ᴬᴸ || 1887.

AR. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c. Não é comum.

[1] Vid. por exemplo: o *Diario de Noticias*, n.º 7831, de 1 de Novembro de 1887.

N.º 245 — Outro exemplar.
Æ. dourado. M. b. c.

N.º 246 — Outro exemplar.
Æ. com a côr própria. M. b. c.

*

Um respeitavel capitalista do Porto, a quem indirectamente pedimos informações a respeito desta medalha, teve a amavel deferência de nos enviar sobre ela um estudo muito interessante e completo, escrito à maquina, que a seguir reproduzimos (1):

«Medalha da Associação Commercial do Porto ao Ministro da Justiça, »Conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão —

»Como demonstração de reconhecimento ao grande serviço prestado »á classe commercial com o seu trabalho de reforma do Codigo Com»mercial pelo Sr. Conselheiro Veiga Beirão, Ministro da Justiça em 1887, »a Associação Commercial do Porto resolveu, por proposta da Direcção »approvada por acclamação em Assembléa Geral de 9 de setembro do »mesmo anno, conferir-lhe o diploma de Socio Honorario da corporação.

»Na mesma sessão da Assembléa Geral o socio Antonio Manoel Lopes »Vieira de Castro disse que o relatorio da Direcção tornáva bem salien»tes os importantes serviços que aquelle Ministro acabava de prestar a »todo o commercio do paiz com o seu referido trabalho, e propoz, com »approvação unanime, que, além d'aquella demonstração, se mandasse »cunhar uma medalha d'ouro, commemorativa d'aquelle serviço, para »ser offerecida ao Ministro em nome da Associação Commercial do Porto »e como testemunho de apreço pelo trabalho de reforma do Codigo Com»mercial e de reconhecimento pela delicadeza do seu auctor, que veio »expressamente da capital ao Porto para ler o projecto perante a classe »commercial d'esta cidade.

»Tratando de executar esta resolução da Assembléa Geral, a Direcção »encarregou o gravador portuense Mollarinho de apresentar um projecto »para aquella medalha. Este projecto, examinado em sessão da Direcção »de 5 de dezembro seguinte, não agradou, resolvendo-se então abrir

(1) Não tivemos ensejo de consultar o Relatorio da Associação Comercial do Porto, onde o assunto deve ter sido, também, tratado.

»concurso publico para a adjudicação do trabalho e convidar o mesmo »gravador a concorrer com novo projecto.

»O concurso, porem, ficou deserto.

»Em vista d'isto, a Direcção contratou a execução da medalha com »o gravador da Casa da Moeda, Cassiano Augusto Vidal da Maia [1], que »lhe apresentou a primeira prova da cunhagem em 11 de julho de 1888, »sendo este trabalho approvado com ligeiras modificações, e seguindo-se »a cunhagem definitiva da medalha e a sua entrega á Associação Com- »mercial em fins do referido mez de julho.

»A medalha apresenta no anverso o busto do Conselheiro Veiga Bei- »rão o qual, só por si, é um trabalho artistico de elevado merecimento, »reunindo condições de semelhança que o tornam ainda mais apreciavel.

»Em torno do busto a legenda: «Ao Ministro da Justiça Francisco »Antonio da Veiga Beirão — A Associação Commercial do Porto».

»O reverso é uma composição que offerece um conjuncto sobrema- »neira agradavel. Avulta em primeiro plano a figura da Justiça, bem lan- »çada, sustentando com uma das mãos as balanças e apoiando a outra »sobre as taboas da Lei. Esta figura está acompanhada por um volume »de mercadorias e um caducéo, symbolicos do commercio; por uma col- »meia, da agricultura; e por uma cornucopia, da abundancia. Este grupo »é abraçado por dois ramos de louro, na parte superior do qual se vê »a legenda: «Projecto do Codigo Commercial — 1887».

»A medalha, juntamente com o diploma de Socio Honorario da Asso- »ciação Commercial, foram entregues ao Conselheiro Veiga Beirão em »Lisboa, em 3 de agosto de 1888, por uma commissão especialmente »delegada da Direcção para esse fim, composta do 1.º secretario, João H. »Andresen Junior, e dos directores Miguel de Sousa Guedes e Isidoro da »Fonseca Moura.

»Esta commissão apresentou ao mesmo tempo ao Ministro uma allo- »coção em que se liam os seguintes trechos:

»A medalha offerecida e o diploma de Socio Honorario significam o »testemunho solemne dos sentimentos de admiração, respeito e agrade- »cimento que a Associação Commercial do Porto consagra a V. Ex.ª por »virtude da prestante iniciativa com que conseguiu, vencendo difficulda- »des e á custa de laboriosa persistencia, levar a cabo a obra grandiosa »da reforma do nosso antigo Codigo Mercantil.

»Este emprehendimento era um dos mais urgentemente reclamados

---

(1) Salvo o devido respeito, cumpre-nos dizer que Cassiano Maia não foi gravador da Casa da Moeda.

»pela opinião do paiz na esphera da reforma dos differentes ramos da »legislação patria; era um dos emprehendimentos de que, sem discre»pancia de juizos, se esperavam resultados uteis; mas, ao mesmo tempo, »um dos mais difficeis e melindrosos de realizar.

»A elevada capacidade, distincto saber e energica boa vontade de »V. Ex.ª superaram felizmente esses estorvos, e Portugal acha-se dotado »de um novo Codigo de Commercio que deve contribuir poderosamente para »o desenvolvimento das transacções mercantís e para o regular exercicio »das funcções de justiça nessa applicação especial do direito.

»Congratulando-nos, pois, com V. Ex.ª com a classe commercial e »com o paiz, pela feliz realização d'essa importantissima reforma, á qual »ficará gloriosa e merecidamente ligado o nome de V. Ex.ª».

»A Direcção da Associação Commercial convidára, para fazerem parte »da commissão que foi a Lisboa fazer esta entrega, os Srs. Henrique »Carlos de Meirelles Kendall, por ter collaborado no projecto da consulta, »fornecido pela Associação Commercial, sobre o novo Codigo Commer»cial; e Antonio Manoel Lopes Vieira de Castro, como auctor da proposta »de cunhagem da medalha.

»Da medalha, cujo exemplar de ouro esteve exposto durante tres dias »na Secretaria da Associação Commercial do Porto, onde foi examinado »por muitos socios, tiraram-se uma reproducção em prata e cincoenta »em cobre, que foram offerecidas a primeira ao Museu Numismatico do »rei D. Luiz 1.º, e as outras ás Associações Commerciaes do Paiz e á »Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães».

A estas informações podemos ainda ăcrescentar mais as seguintes: alêm dos exemplares acima enumerados, e que, segundo parece, foram cunhados por ordem da Associação Comercial do Porto, é certo que mais alguns outros se fizeram, tanto de prata como de cobre e cobre dourado, provavelmente à custa do gravador, por que eles aparecem de vez em quando nos mercados e figuram em várias colecções, o que não é para admirar visto que Cassiano Maia tinha por habito encarregar-se de gravar cunhos para medalhas, com reserva do direito de os utilizar em seu proveito.

Contaram-nos que por causa desta medalha sucedeu o seguinte episódio: Cassiano Maia fazia o preço às obras que lhe encomendavam e encarregava-se de as executar conforme o dinheiro que possuia na ocasião: se era muito, pedia preços elevados ou negava-se a executal-as; se era pouco tomava logo conta delas e satisfazia-se com qualquer quantia. Quando o emissário da Associação comercial do Porto lhe fez a enco-

menda da medalha destinada ao Sr. Beirão, estava o gravador num momento de relativa prosperidade económica e por isso recusou-se a tomar conta dela, alegando falta de tempo e de competencia. O emissário, que talvez já lhe conhecesse o habito, opôs áquele argumento, um outro não menos convincente: colocou cem libras sobre uma mesa (provavelmente num *chéque*), e disse-lhe que, se em determinado praso (que por sinal era muito curto), a medalha estivesse concluida, teria outras cem. Maia aceitou a proposta e lançou mãos à obra, sem contar com um contratempo grave que o colocou em situação bastante embaraçosa: faltando-lhe habilidade para retratar e modelar, não conseguia, por mais esforços que empregasse, fazer o retrato do Sr. Beirão que tinha de figurar no anverso da medalha. Tão obsecado andava com a ideia de vencer essa dificuldade que, um dia, achando-se na estação do Rocio a fitar atentamente o Sr. Beirão, que alí tinha ido esperar a Rainha a Senhora D. Maria Pia, distraiu-se de tal modo que foi de encontro à Soberana! Por fim, já desanimado, pediu auxilio ao antigo dono do *Bazar Católico*, José Pedro da Cruz Leiria, o qual, tendo escolhido para campo das suas observações a Camara dos deputados, traçou e modelou com facilidade o retrato do Sr. Beirão, que depois foi simplesmente gravado por Maia. Não se compreende, por isso, a razão porque este último assinou o busto como *modelador* e gravador e não, sómente, como gravador.

N.º 247 — 1888 — **Outra, dedicada ao Sr. Conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão pelo Corpo Comercial do Porto.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: FRANCISCO ANTONIO DA— VEIGA BEIRÃO. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: MOLARINHO F. Cabeça do Sr. Beirão, voltada à esquerda.

℞. — Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: A FRANCISCO ANTONIO DA VEIGA BEIRÃO MINISTRO DA JUSTIÇA O CORPO COMMERCIAL DO PORTO. No exergo, que não está separado por friso, entre as extremidades da legenda, um florão. Figura da *Lei* representada por uma mulher sentada numa espécie de leito de pedra, com as pernas voltadas à esquerda, o tronco de frente e a cabeça a tres quartos para a direita, vestida com leves roupagens, descalça e com as mangas curtas. O braço direito está erguido e a segurar uma vara, e o esquerdo apoiado na cabeceira do *leito*, que está ornamen-

tada em cima, do lado direito, com um ramo de carvalho, e que contem a seguinte legenda, em quatro linhas horizontais: CARTA ‖ DE ‖ LEI ‖ 28-VI-88 (diploma que aprovou o novo codigo comercial).

Do lado esquerdo, estão dois livros fechados, um outro aberto, e um caduceu.

No exergo, que está separado por friso, junto deste, do lado esquerdo, a assinatura: MOLARINHO F.

Æ. Diâmetro: 60 milímetros. M. b. c. Rara.

Esta medalha foi entregue ao Sr. Veiga Beirão acompanhada da seguinte mensagem (1), em que veem indicados os motivos por que ela foi cunhada, a data da entrega e outros pormenores:

«Ill.mo Ex.mo Sñr

»Ha cerca de sete annos que um grupo de amigos e admiradores de »V. Ex.a promoveu uma modesta subscripção, entre o corpo commercial »d'esta praça, com o fim de ser cunhada uma medalha d'ouro, comme»morativa do revelantissimo serviço prestado por V. Ex.a ao paiz com a »promulgação do novo Codigo Commercial, approvado por carta de lei »de 28 de junho de 1888.

»Tratava-se da manifestação de reconhecimento da classe mais directa»mente beneficiada pela remodelação, desde muito desejada, da lei a que »a mesma classe está sujeita, e de galardoar uma obra de iniciativa de »um dos mais genuinos typos do honrado caracter portuguez: e, mal »parecia que se fosse encommendar ao estrangeiro o symbolo da grati»dão de portuguezes, para um tão illustre e benemerito varão da nossa »patria.

»Determinou-se, portanto, que o trabalho artistico da medalha fosse »executado por gravador portuguez de fama e que, de boa moeda portu»gueza fosse o metal n'ella empregado.

»Tudo isso se conseguiu; mas, só depois de aturados esforços para »que o artista, aliás distincto na sua arte, completasse o trabalho a que »se tinha obrigado.

»E' por isso que tão tarde vem a Commissão á presença de V. Ex.a »desempenhar-se da missão que, com tanto enthusiasmo, acceitou e cujo

(1) Foi-nos oferecida uma cópia escrita à máquina pelo mesmo ilustre capitalista do Porto que fez o obsequio de nos remeter também as informações relativas à medalha anteriormente descrita.

»retardamento não podia deixar de justificar, expondo a causa que o »motivou.

»Foi ardua a tarefa que V. Ex.ª espontanea e patrioticamente tomou »sobre seus hombros quando, exercendo e elevado cargo de Ministro e »Secretario de Estado dos Negocios Ecclesiasticos e da Justiça, empre»hendeu e levou a cabo a remodelação do Codigo Commercial de 1833, »dotando o paiz com um novo codigo, adaptado ás circunstancias da »actualidade, incompativeis com as doutrinas, que os usos commerciaes »haviam modificado profundamente, a ponto de se tornar embaraçosa a »applicação da lei antiga, que, em muitos casos, tinha de ser postergada »ou alterada arbitrariamente.

»Avaliando o merito e comprehendendo o alcance do primoroso tra»balho de V. Ex.ª, o corpo commercial d'esta cidade, sempre disposto a »fazer justiça e a reconhecer os serviços d'aquelles que, como V. Ex.ª, »se dedicam ao bem da patria e á mais bem entendida defeza dos inte»resses nacionaes, accudiu a prestar homenagem á iniciativa da Com»missão abaixo assignada, que, em complemento da missão que lhe cabe, »tem a honra de apresentar a V. Ex.ª a medalha, a V. Ex.ª dedicada, »fazendo sinceros votos pela prosperidade de V. Ex.ª, de cujo talento, »illustração e dedicação civica o paiz ainda tem muito a esperar.

»Deus Guarde a V. Ex.ª

»Porto, 27 de junho de 1896.

»A commissão:

»aa) Henrique Carlos de Meirelles Kendall
»Abel Eduardo Pereira Brandão
»João Baptista de Lima Junior
»Augusto Manoel Lopes Vieira de Castro
»Eduardo da Silva Machado»

*

O Codigo Comercial denominado de Ferreira Borges, publicado em 1833, apesar de ser considerado como um dos melhores codigos da sua época, não era, contudo, isento de defeitos, que no decurso do tempo se tentaram corrigir por meio de reformas parciais. Impunham, porêm, as crescentes necessidades do comércio a sua reforma completa, e para esse fim nomeou o Governo, por Decreto de 13 de Julho de 1859, uma comissão encarregada de *revêr, reformar e organizar assim a legislação comercial como o processo respectivo*, a qual, por não poder desempenhar-se da missão, foi dissolvida por Decreto de 4 de Junho de 1868. Conseguiu,

porêm, um dos membros dessa comissão, trabalhando isoladamente, elaborar um projecto para o novo codigo o qual serviu de base de estudo a uma outra comissão que, com o mesmo fim, foi nomeada por Decreto de 17 de Julho de 1870.

Em Fevereiro de 1886, o Sr. Conselheiro Francisco Antonio da Veiga Beirão, tendo assumido a direcção da pasta da Justiça, tomou á sua conta o encargo de elaborar o projecto do novo codigo, começando por dissolver, por Decreto de 10 de Junho de 1886, a comissão, já bastante reduzida e dispersa, nomeada em 1870, e solicitando depois, particularmente, a pessoas competentes, a sua cooperação, separada, para todas as partes da reforma que ele próprio não pudesse directamente preparar.

Por este processo conseguiu o Sr. Conselheiro Beirão organizar o projecto para o novo codigo, o qual depois de revisto pela Associação dos Advogados e por uma comissão de jurisconsultos, foi aprovado pelo Parlamento, e mandado executar por Carta de Lei de 28 de Junho de 1888 (1).

N.º 248 — 1888 — **Com.va da visita de El-Rei D. Luis à exposição de Barcelona.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é muito interrompida em cima: D·LUIZ·I·REI·DE — PORTUGAL. No exergo, que não está separado por friso, entre dois florões, o milésimo: 1888. Cabeça de El-Rei D. Luis, semelhante à que figura nas moedas de cobre, voltada à esquerda. No campo, junto do corte do pescoço, a assinatura: F. G. Por fóra da legenda, circunferência de pontos.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: RECUERDO·DE·SU·VISITA·A·LA·EXPOSICION·UNIVERSAL·DE·. No exergo, entre dois pontos: BARCELONA. Escudo bipartido que contem as armas de Saboia, do lado esquerdo, e de Portugal, do lado direito, assente n'um ornato *(cartouche)*, em cuja base se prende o pé de um ramo de louro que o enfeita do lado esquerdo.

No campo, por cima do lado direito do escudo, está colocada uma coroa rial. Junto do pé do ramo, a assinatura: F. G.

Æ. dourado. Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c. Rara.

---

(1) Vid. *O Relatorio* que precede o Codigo Comercial, publicado na 1.ª edição que deste se fez na Imprensa da Universidade, e numa outra, feita no Porto, em 1888, na Livraria Gutenberg.

Contou-nos o Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana, que, achando-se um dia no consulado de Portugal em Barcelona, alí apareceu, tambêm, por acaso, o autor da medalha, com o fim de pedir ao Consul que se encarregasse de enviar para Lisboa um exemplar de ouro, destinado ao Monarca, e que o Consul, por sua vez, pediu ao Sr. Dr. Viana o favor de se desempenhar dessa missão.

Quando o Soberano recebeu a medalha mandou dar ao autor dela determinada quantia.

Disse-nos ainda o mesmo Sr. que o gravador, de cujo nome se não recorda, lhe ofereceu tambêm um exemplar de prata; mas que, passado algum tempo, teve o desgosto de o perder.

*

Em 1888, El-Rei D. Luis e a Rainha D. Maria Pia foram viajar separadamente na Europa, tendo, porêm, ambos partido de Lisboa no dia 31 de Julho, indo a Rainha por terra, em direcção a Paris, e El-Rei D. Luis, por mar, a bordo do couraçado *Vasco da Gama*, em direcção a Barcelona, onde chegou no dia 4 de Agosto de manhã. A' tarde foi visitar a Exposição Universal, guardando rigoroso incognito, e á noite tornou a embarcar para continuar a viagem. Apesar de incognito, El-Rei D. Luis foi recebido na exposição pelo Alcaide, pelo comissário regio, pelos membros da comissão organizadora da exposição e por muitas outras pessoas (1).

N.º 249 — S. d. — **Ded.da à memória de José Estevão.** Medalha de porcelana branca, circulada por um filete azul, e que contem o busto de José Estevão, voltado à direita, com traje civil, bigode e pera, calvo no alto da cabeça e farto de cabelo junto da nuca.

O reverso é liso e tem em cima uma espécie de asinha, ou meia argola, tambêm de porcelana, em que se prende uma fita de seda encarnada.

Diâmetro: 45,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: J. Leite de Vasconcelos: *Lista das Medalhas Portuguesas... da Bibliotéca Nacional*, n.º 78 (estampa).

---

(1) Vid. por exemplo: *O Jornal do Commercio*, de 31 de Julho (artigo de fundo, e p. 2); de 5 e de 7 de Agosto, de 1888.

Consta que esta interessante medalha foi feita em 1889 na fábrica de louça da Vista-Alegre, quando se inaugurou o monumento de José Estevão Coelho de Magalhães, em Aveiro. Não sabemos quem foi o seu autor.

Por ocasião do lançamento da primeira pedra do monumento, em 1882, havia sido, pela comissão encarregada de o erigir, encomendada uma outra, comemorativa desse acontecimento, ao gravador José de Sousa, natural daquela mesma cidade; mas este não chegou a concluil-a, por ter falecido. Conseguiu, porêm, gravar o cunho do anverso, com o qual se bateram alguns exemplares de estanho (e parece que, também, de cobre), que teem de ser considerados como simples provas ou ensaios, e como tais descritos em outra secção do nosso trabalho (1). Em *A Arte Portugueza — Revista mensal de Bellas-Artes publicada pelo Centro Artistico Portuense, Anno I*, 1882, pgs. 68-69, vem publicada uma noticia biográfica de José de Sousa (2), acompanhada do retrato deste e da gravura da medalha por ele executada, da qual transcrevemos o seguinte trecho: «A commissão promotora do monumento a José Estevão, em »Aveiro, encarregára-o da medalha commemorativa d'essa homenagem »prestada ao eminente tribuno, e conquanto já adiantada, o artista não »pôde comtudo concluil-a, o que foi uma das maiores maguas que lhe en»tristeceram os ultimos dias da existencia. Dizia elle muitas vezes: — Sei »que morro e a pena que me resta é não poder terminar a medalha de »José Estevão».

*

A execução do monumento de José Estevão, em Aveiro, foi promovida por uma comissão que se organizou em Abril de 1880 naquela cidade. A pedra fundamental lançou-se em Maio de 1882, por ocasião do centenário do Marquês de Pombal, e a inauguração realizou-se em 12 de Agosto de 1889.

A estátua, que está situada na Praça fronteira aos edificios: dos Paços do Concelho e do Liceu, foi executada pelo ilustre escultor, o Sr. José Simões de Almeida Junior (3).

---

(1) Possuimos um exemplar que nos foi oferecido pela Ex.ma Senhora D. Delfina Leitão, viuva do notavel coleccionador do Porto, o Sr. Alexandre José dos Santos Leitão.

(2) Vid. também: Marques Gomes: *José Estevão — Apontamentos para a sua biographia*, Porto, 1889, p. 182.

(3) Vid. as duas obras supra citadas e mais: *O Occidente*, vol. XII (1889), pgs. 1 a 3; 185-186; 193-195.

N.º 250 — 1890 — **Com.ᵛᵃ da inauguração do Caminho de Ferro de Santa Combadão a Vizeu.** No arco superior da orla, a legenda: XXIV DE NOVEMBRO DE. No exergo, que está separado por friso, numa linha curva, o milésimo: MDCCCXC. Locomotiva, em cuja plátaforma se vêem, de pé, o fogueiro e o maquinista, fardados, voltada à direita e a deitar fumo pela chaminé. No segundo plano, ao centro, vê-se o sol, radiante e em parte encoberto pela locomotiva. Neste exemplar os raios do sol estão muito pouco nitidos por falta de pressão do cunho.

℞. — A seguinte inscrição, em sete linhas, sendo a primeira e a última, curvas, e as restantes horizontais: INAUGURAÇÃO ‖ DO ‖ CAMINHO ‖ DE FERRO DE SANTA ‖ COMBADÃO ‖ A ‖ VIZEU.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c. Não é comum, sobretudo neste metal.

Bibl.: Luciano de Carvalho: *Os Caminhos de Ferro em Portugal, sinopse* (estampa); Moyaux (Auguste): *Les Chemins de Fer autrefois et aujourd'hui et leurs médailles commémoratives*, p. 179, n.º 274, (descrição), e suplemento à mesma obra, intitulado: *Catalogue des médailles commémoratives de Chemins de Fer de tous les Pays*, p. 69, n.º 397 (descrição).

N.º 251 — **Outro exemplar,** que tem o sol e respectivos raios muito bem impressos.

PB. M. b. c.

Diz Luciano de Carvalho (*ob. cit.*), que esta medalha foi cunhada em Lisboa, por ordem da Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro.

*

Na Lei de 26 de Janeiro de 1876, que autorizou o Governo a mandar construir os Caminhos de Ferro: da Beira-Alta, Beira-Baixa e Algarve, foi-lhe tambêm concedida a faculdade de poder contratar a construção e exploração de um ramal que, partindo de um ponto da futura linha da Beira-Alta, fosse terminar em Vizeu [1]. Tendo, porêm, esta Lei ficado sem execução, promulgou-se uma outra, em 26 de Abril de 1883, que

---

[1] Frederico Pimentel: *Apontamentos para a historia dos caminhos de ferro portugueses*, p. 206.

ordenou a construção da linha da Beira-Baixa e a dos ramais: de Mirandela e Vizeu.

A construção deste último ramal foi primeiramente adjudicada, por meio de um contrato provisorio, ao banqueiro Henri Burnay, e, depois, por desistência deste, a uma sociedade de que faziam parte: o Marquês da Foz, o Visconde de Macieira, Fernando Palha e Henrique Moser, com quem o Governo ultimou os seus contratos em 29 de Julho de 1885.

O ramal é de via reduzida e entronca com a linha da Beira-Alta na estação de Santa Combadão. Atualmente é administrado e explorado pela Companhia Nacional dos Caminhos de Ferro. A inauguração soléne foi feita em 24 de Novembro de 1890 pelo Ministro das Obras Publicas, que, então, era o ilustre poeta Tomás Ribeiro, o qual foi de comboio, acompanhado de várias autoridades e convidados, desde Santa Combadão até Vizeu, onde foi recebido festivamente pelas autoridades, por muita gente do povo e com guarda de honra, sendo-lhe alí dirigida uma mensagem, lida por Bandeira Toro. Nas estações do percurso, especialmente em Tondela, fizeram-lhe entusiasticas manifestações e em Vizeu ofereceram-lhe um banquete de 105 talheres, servido no teatro. A' noite houve iluminações na cidade [1].

N.º 252 — 1890 — **Ded.da pelo Municipio de Evora, a Serpa Pinto.**
Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida em cima e no exergo: O MUNICIPIO — DE EVORA. Figura de Geraldo *Sem Pavor*, montado num cavalo que caminha a galope sobre um terreno relvoso, para a esquerda, vestido com armadura e capacete, a fazer menção de vibrar um golpe com uma espada que ele empunha na mão direita, e a segurar pelos cabelos, com a outra mão, que está estendida para trás, uma cabeça humana. O tipo desta face é o do emblema das armas do Municipio de Evora.

℞. — Dentro de uma coroa de louro, fechada e ligada por quatro argolas, ornamentadas e simetricamente dispostas, em cima, em baixo e aos lados, em quatro linhas horizontais, a seguinte inscrição, que é atravessada de alto a baixo, pela lamina de uma espada, cujos copos assentam na argola inferior da coroa: A || SERPA || PINTO || 1890.

AR. Diâmetro: 30,5 milímetros. M. b. c.

---

(1) Vid. a descrição dos festejos no jornal: *O Commercio de Vizeu*, n.º 456, de 27 de Novembro de 1890.

N.º 253 — Outro exemplar.
Æ. M. b. c.

Nenhuns elementos conseguimos obter relativos à historia desta medalha.

N.º 254 — 1891 — **Com.va de umas bodas de ouro.** No arco superior da orla, a legenda: BODAS DE OURO, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: COVILHÃ. Ao centro, a seguinte inscrição, em tres linhas horizontais: 12 || DE JUNHO || 1891. Por baixo da inscrição, um monograma formado com as letras: V. M. (Vicente, Margarida).

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: FELIZES OS QUE TÊM PAE, DITOSOS OS QUE TÊM MÃE (versos de Tomás Ribeiro: *D. Jaime,* canto IV, mas com a palavra *mimosos* substituida por *ditosos*). Em baixo, entre as extremidades da legenda, uma estrelinha. Ao centro, a seguinte data, em tres linhas horizontais: 12 || DE JUNHO || 1841. Por baixo deste milésimo, ha um espaço em branco limitado por um filete (tabela).

Æ. dourado. Diâmetro: 31,5 milímetros. M. b. c. Rara.

N.º 255 — Outro exemplar.
Æ. com a côr própria. M. b. c.

Cumpre-nos declarar que as noticias que a seguir publicamos referentes a esta medalha nos foram dadas pelo Sr. Dr. Francisco da Silveira Viana. Sem esse poderoso auxilio, talvez nos fosse impossivel decifrar tão emigmática peça.

A medalha diz respeito a Vicente Ascenção da Fonseca e Margarida Rosa da Fonseca, casados em 12 de Junho de 1841, e residentes na Covilhã. Quando, em 12 de Junho de 1891, este feliz casal celebrou as bodas de ouro, cada um de seus filhos: Francisco, Alexandre, Teófilo, e Alfredo da Fonseca — muito conhecidos em Lisboa, onde são estabelecidos com lojas de modas —, resolveu preparar uma surpresa a seus pais para aquele dia, consistindo a do filho Teófilo na oferta da medalha a que nos estamos referindo, da qual mandou fazer dois exemplares de ouro para seus pais e mais oito de prata para outras pessoas da familia.

O autor da medalha foi o gravador Cassiano Maia, que por sua conta fabricou mais alguns exemplares, quasi todos de cobre dourado, que ele deu ou vendeu a vários coleccionadores.

N.º 256 —1891— Com.va da instituição da Associação Protectora da Infancia, de S.to Antonio de Lisboa. Na orla, a legenda, que começa em baixo: ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA INFANCIA S.TO ANTONIO DE LISBOA. No exergo, que é muito pequeno, a assinatura: A. REGO. Imagem de Santo Antonio, de frente, de pé sobre uma peanha baixa, vestido de frade, com resplendor, a segurar, com a mão direita, uma cruz adornada de lirios, e com a esquerda, um livro em que está sentado o Menino Jesus coroado e com um globo na mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário.

℞.—Na orla, a legenda, que começa em baixo: INSTALADA EM 13 DE JUNHO DE 1891. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um floräozinho. O centro é liso.

AR. Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: J. C. Costa Goodolfim: *O Asylo-Officina de Santo Antonio de Lisboa*, p. 14 (estampa).

Ós cunhos desta medalha foram gravados gratuitamente pelo Sr. Domingos Alves do Rego, e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda, sob a inspecção dos Srs. Venancio Alves, primeiro gravador daquele estabelecimento, e Luis Pinto de Almeida (1).

A medalha fez-se para comemorar a instituição da Associação de Santo Antonio, sendo por isso que a descrevemos neste lugar, no entanto devemos dizer que ela tambêm por vezes serviu para premiar as asiladas distintas e os bemfeitores, como foram, por exemplo, o Conde de Burnay, o Marquês de Avila, e os vereadores da Camara Municipal que aprovaram a concessão do terreno onde se construiu o asilo mantido pela Associação.

*

Por iniciativa do falecido comerciante, Luis Pinto Moutinho, proprietário de uma ourivesaria na Rua da Prata, muito conhecido e estimado pelo seu caracter bondoso e honesto, instituiu-se em Lisboa uma sociedade de benificencia, intitulada: *Associação Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa*, com os fins de:

«1.º Promover com o caracter de uma consagração nacional, o 7.º »centenario do Thaumaturgo Portuguez.

(1) Vid. *Relatorio e contas do exercicio de 1893-94*, da Associação de Santo Antonio, p. 16.

»2.º Fundar e manter um asylo-officina, para creanças, onde se lhes »ministre uma educação industrial e profissional, habilitando-as a adqui- »rir de futuro os meios de vida, tornando-se por esta fórma elementos »de trabalho util.

»3.º Instituir no mesmo asylo caixas economicas escolares, radicando »no espirito das creanças a ideia de economia, ministrando-lhe tambem »largamente o ensino das instituições de previdencia, demonstrando-lhe »a sua utilidade immediata e pratica» (1).

A Associação, da qual foi Presidente honorario o Principe Rial, o Senhor D. Luis Filipe, instalou-se com treze sócios, na Rial Capela de Santo Antonio, no dia 13 de Junho de 1891, tendo sido os seus estatutos aprovados por Alvará de 3 de Junho do mesmo ano.

Em cumprimento do plano que se propôs executar, a Associação promoveu a celebração do sétimo centenário de Santo Antonio, em 1895, e fez construir um asilo-oficina para raparigas pobres, junto da nova Igreja dos Anjos.

N.º 257—1893—**Ded.da a João de Deus**. Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: OS PORTUGUEZES—A JOAO DE DEUS. Busto do poeta, voltado à direita, com traje civil e descoberto. No exergo, que não está separado por friso, junto do corte do busto, a assinatura: MOLARINHO F.

℞.—Coroa feita com dois ramos de louro, enleados em duas palmas que teem os pés ligados por um nó, ornamentada em baixo com dois ramos de rosas, e a envolver um livro aberto, a *Cartilha Maternal*, em cujas paginas se lê a seguinte inscrição, em onze linhas verticalmente dispostas:

Hymno de Amor || Andava um dia || Em pequenino || Nos arredores || De Nazaré, || Em companhia || De São José, || O Deus-Menino, || O Bom-Jesus || Eis senão quando || Vê num silvado.

No campo, emcima, por detrás do livro, está colocada uma lucerna resplandecente, sobre uma espécie de capitel. No exergo, que não estáseparado por friso, entre os pés dos ramos da coroa, ha um espaço saliente, eliptico, que tem gravado o milésimo: 1893.

(1) Vid. *Estatutos da Associação*, art. 3.º.

Por baixo deste, na orla, lê-se: INICIATIVA DE JOAQUIM DE ARAUJO.

AR. Diâmetro: 55 milímetros M. b. c.

Consta-nos que esta medalha vem estampada numa das edições da *Cartilha Maternal*, que não podemos indicar por não termos tido ensejo de a procurarmos.

N.º 258 — Outro exemplar.

PB. B. c.

Num folhetinho de 15 páginas, intitulado: *A Medalha a João de Deus — Relatorio e Contas — Porto — Imprensa Portugueza — 181, Bomjardim, 181* — 1893 — diz o seu autor, o Sr. Joaquim de Araujo, ser ele, também, autor de um artigo publicado no n.º de 13 de Outubro de 1883, de *O Diario Nacional*, em que *dava rebate e lançava pregão*, para uma grande homenagem consagrada a João de Deus, a qual consistiria na cunhagem de uma medalha, à custa de uma subscrição popular, aberta na redacção do referido jornal. Nenhum subscritor poderia contribuir com mais de cem reis, para que o maior numero possivel de portugueses pudesse concorrer para a homenagem, devendo ser aplicado à montagem de uma escola pelo metodo de João de Deus, o produto da venda que se fizesse dos exemplares da medalha.

Alguns outros jornais secundando a iniciativa do Sr. Joaquim de Araujo, abriram outras subscrições, que juntas às do *Diário Nacional*, e a mais duas promovidas particularmente no Algarve, atingiram a soma de 253$070 reis.

Fechada a subscrição, em 27 de Maio de 1884, com o n.º 63 do 2.º ano do *Diário Nacional*, tratou o Sr. Joaquim de Araujo de incumbir o gravador residente no Porto, José Arnaldo Nogueira Molarinho, de abrir os cunhos para a medalha, pela quantia de 250$000 reis, que seria paga em duas prestações, sendo a primeira de 100$000 reis, quando se começasse o trabalho, e a segunda, dos 150$000 reis restantes, no acto da entrega dos cunhos, condições que o gravador estabeleceu numa carta, datada de 5 de Maio de 1884.

A execução da medalha foi muito demorada, pois que tendo Molarinho recebido a primeira prestação, acima indicada, em 17 de Junho de 1884, só a 12 de Abril de 1893, entregou ao Sr. Araujo os cunhos da medalha e o primeiro exemplar que déla se cunhou, nesse mesmo dia, no *balancé* da fabrica aurificia, no Porto. Vários contratempos, como foram, entre

outros, os falecimentos de alguns parentes próximos de Molarinho e os desgostos que este sofreu por ver malograda a pretensão que tinha de entrar para a Casa da Moeda, impediram que a cunhagem se fizesse mais rapidamente.

Os cunhos foram oferecidos pelo Sr. Araujo à direcção das escolas móveis pelo método de João de Deus.

Alexandre Leitão, depois de descrever os exemplares que possuia desta medalha, no seu catalogo: *Collecção Numismatica*, n.os 394-395, diz, em nota, o seguinte: «Consta-me que um grupo de admiradores de »João de Deus vai encarregar o destincto gravador do Porto o sr. Car»valho Figueira de fazer um Anv. para esta medalha com um verdadeiro »retrato de João de Deus approveitando o Rev. do n.º 394 que depois de »modificado ficará soffrivel».

Se é certo que a medalha está muito longe de poder ser considerada como uma obra de arte de valor, depreende-se, no entanto, pela leitura desta nota, que Leitão tinha uma certa *má vontade* contra Molarinho, e que foi para o atacar pessoalmente que se serviu do pretexto de lhe criticar a obra.

N.º 259 — 1894 — **Ded.da ao Dr. José Tomás de Sousa Martins.** No arco superior da orla, a legenda: IOSEPH THOMAS DE SOVSA MARTINS. No exergo, que não está separado por friso, numa linha curva, junto da orla, o milésimo: MDCCCXCIV. Busto de Sousa Martins, com bastante relevo, voltado à direita, vestido civilmente, com gravata atada em laço, e com um sinal junto do nariz. No campo, junto do corte do busto, do lado esquerdo, a assinatura: L. (Lima, Casimiro José de).

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: ADMIRATIONE ADFICIVNTVR II QVI ANTEIRE CETEROS VIRTVTE PVTANTVR. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um florão. Ao centro, em quatro linhas horizontais, a inscrição: OPTIMO VIRO || DOCTRINA ARTE MEDICA ELOQVENTIA || VIRTVTE FIDE PRAESTANTISSIMO || DEDICATVM.

AR. Diâmetro: 63,5 milímetros. M. b. c. Muito rara, neste metal.

Bibl.: Xavier da Cunha: *A Medalha de Casimiro José de Lima em Homenagem a Sousa Martins*, noticia histórica publi-

cada no *Boletim das Bibliothecas e Archivos Nacionaes*, — n.º 2 — ano 2.º — Abril a Junho da 1903, p. 112 sgs. — e também em separata (estampa).

N.º 260 — Outro exemplar.
BR. dourado. M. b. c.

A respeito do letreiro do reverso, diz o nosso amigo e erudito filólogo, o Sr. Dr. José Leite Vasconcelos (1): «O letreiro do reverso consta de duas »partes: 1) legenda, que diz: *admiratione adficiuntur ii qui anteire ceteros* »*virtute putantur;* 2) inscrição, que diz: *optimo viro doctrina arte medica* »*eloquentia virtute fide praestantissimo dedicatum.* A primeira parte é »extraída de Cicero, *De officiis*, cap. X: «*admiratione... adficiuntur ii* »*qui anteire ceteris virtute putantur*», onde as edições que consultei na »Biblioteca Nacional, e as melhores, como as de Dettweiler e Otto Heine, »*tem ceteris*, e não *ceteros* (como se lê na medalha). A segunda parte foi »de certo composta por quem delineou a medalha, para o que tinha »exemplos em frases latinas correntes, como *vir optimus*, *deus optimus*, »e nestas de Cornélio Nepote: *viri usu et sapientia praestantes* (Themist., »cap. III); e *praestantissimi studio atque doctrina* (Acad., cap. IV)».

Esta medalha foi cunhada em homenagem a Sousa Martins, por iniciativa do falecido director da Casa da Moeda e antigo gravador, o Sr. Casimiro José de Lima, sendo decerto esse o motivo porque nela figura a assinatura deste, pois que os cunhos foram, segundo consta, executados pelo Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, então primeiro gravador daquele estabelecimento.

O busto foi modelado pelo escultor, o Sr. José Simões de Almeida Junior.

Desta medalha cunharam-se bastantes exemplares de bronze, cremos que todos eles dourados, dos quais foram distribuidos pelo Sr. Lima, durante a vida do eminente médico, a diversas pessoas, cêrca de 132, tendo cada um deles gravado no bordo um numero de ordem seguido das iniciais do nome e do apelido da pessoa a quem ficaram pertencendo (2).

---

(1) *Lista das medalhas da Biblioteca Nacional*, n.º 79, nota 1. *Arch. Port.* XVII, 68.

(2) O Sr. Dr. Xavier da Cunha, no seu já citado trabalho, pelo qual nos estamos guiando, diz que os apelidos foram postos por extenso; mas um exemplar que foi dado a um irmão nosso, tem simplesmente as iniciais, tanto do nome como do apelido.

Com respeito aos exemplares de prata, diz o Sr. Dr. Xavier da Cunha, que apenas se cunharam dois, destinando-se um deles a ser oferecido ao Sr. Augusto José da Cunha e o outro a Sousa Martins. Ha pouco tempo, porêm, apareceu à venda em Lisboa um terceiro, que foi por nós adquirido.

Depois da morte de Sousa Martins distribuiu o Sr. Lima mais alguns exemplares de bronze, mas sem terem gravado no bordo, nem numero de ordem nem nome do destinatário. Possuimos na nossa colecção um destes, por oferta do Sr. Lima.

Alem da que acabàmos de descrever, existem outras medalhas referentes a Sousa Martins, as quais serão adiante descritas nos lugares correspondentes às datas nelas indicadas.

*

José Tomás de Sousa Martins foi uma das maiores notabilidades que ilustraram os reinados de El-Rei D. Luis e de El-Rei D. Carlos. Era filho de Caetano Martins e de D. Maria das Dores de Sousa Martins, e nasceu na vila de Alhandra, no dia 7, de Fevereiro, ou de Março (1), de 1843. Frequentou primeiramente o curso de Farmácia e em seguida o de Medicina, durante o qual obteve altas classificações e muitos prémios. Dotado de extraordinário talento e de excelentes virtudes morais, notabilisou-se depois, como clinico, professor, escritor, e orador, e ainda pelas obras de caridade que praticou. A sua morte, que ocorreu em 18 de Agosto de 1897, foi por isso justamente sentida, não só no Reino, como tambêm lá fóra, onde ele, em congressos scientificos, tantas vezes soube honrar o nome da sua Patria, e conseguiu fazer-se respeitar e admirar pelos mais eminentes sábios do mundo.

N.º 261 — 1894 — **Com.va do Quingentenàrio do Infante D. Henrique.** Quadrado, com os angulos superiores truncados, por estarem muito proximos da orla, o qual contem o busto do Infante, com o tronco de frente e a cabeça voltada a 3/4 para a direita, com o seu caracteristico chapeu de ábas largas e competente fita larga pendente sobre o ombro esquerdo, e vestido com um fato liso que tem um só botão na frente, junto da gola. O campo está completamente ornamentado com ramos de carvalho (ou carrasco),

---

(1) Da certidão de bátismo consta que foi a 7 de Fevereiro, mas segundo a tradição da Familia, foi a 7 de Março. Vid. o livro: *Sousa Martins — In Memoriam* — p. 539.

cujos pés se enleiam no exergo de modo que limitam dois espaços circulares nos quais se lê o *moto* do Infante, escrito com letras góticas: *talantde—bīe faire* ([1]). Dentro do quadrado, do lado direito, lê-se a assinatura do gravador, que está colocada verticalmente: MOLARINHO.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: A CIDADE DO PORTO AO INFANTE D. HENRIQUE, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: MCCCXCIV QUINGENTENARIO MDCCCXCIV. Entre duas palmas em que se enleiam dois ramos, um de louro (do lado esquerdo), outro de carvalho (do lado direito), e que estão ligadas em baixo com um laço, as armas da Cidade do Porto, envolvidas pelo colar da Ordem da Torre e Espada, tendo este a respectiva insignia pendente, e encimadas pela coroa ducal, e pelo dragão em cujo pescoço se prende uma fita que tem inscrita, do lado direito, a palavra: INVICTA.

Æ. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Firmino Pereira: *O Centenario do Infante D. Henrique no Porto*, p. 291 (estampa).

N.º 262 — Outro exemplar.

Aluminio. M. b. c.

Esta medalha foi gravada no Porto, por especulação mercantil, por José Arnaldo Nogueira Molarinho, e editada pelos livreiros da mesma

---

([1]) As folhas de carvalho, ou carrasco, com o *moto: Talant de bien faire* constituiam a divisa do Infante D. Henrique, à qual se referem as seguintes obras: Fr. Luis de Sousa: *Primeira Parte da Historia de S. Domingos*, terceira edição, vol. II, pag. 271, in fine. O autor, referindo-se à sepultura do Infante, diz: «E entre os lavores da sepultura se »vem huns trossos pequenos, de que nascem huns raminhos, que na feição, e fruitos pa»recem de carrasco, porque as bolotas são muito redondas, os ramos torcidos, e curtos, e »as folhas cercadas de pontas agudas»;

Joseph Soares da Sylva: *Memorias para a Historia de Portugal que comprehendem o Governo Del Rey D. João o I.* Tomo I, pag. 391.

Manuel de Faria e Sousa: *Europa Portuguesa,* 2.ª edição, tomo II, p. 335, onde, a proposito do Infante D. Henrique, o autor diz: «Truxo por empresa una Corona de Çarças »entretexidas, y dentro la letra en Francés que dezia «*Talant de ben fayre*»;

D. Antonio Caetano de Sousa: *Historia Genealogica da Casa Real,* tomo II, p. 112;

Ultimamente apareceu sobre o assunto de que estamos tratando o seguinte estudo muito interessante: *A divisa do Infante D. Henrique — Nota lida à 2.ª Classe da Academia das Sciencias de Lisboa pelo sócio correspondente* Francisco Maria Esteves Pereira. Vem este trabalho publicado no *Boletim da Segunda Classe,* da Academia, vol. VIII, 1914, p. 274 sgs.

cidade, Magalhães & Moniz, em cuja loja, situada no Largo dos Loios, n.º 11, esteve à venda, por assinatura, pelos seguintes preços: cada exemplar de ouro, 135$000 réis, de prata, 7$500 réis, de bronze, 1$000, réis e de aluminio, 500 réis. O retrato do Infante foi copiado de uma fotografia de um que existe na Bibliotéca de Paris num manuscrito original de Gomes Eannes de Azurara. A cunhagem fez-se na fabrica da Sociedade Aurificia, do Porto (1).

Na sessão da comissão executiva do centenário, realizada em 5 de Abril de 1894, resolveu-se oferecer a Alfredo Keil, por este ter composto a marcha triunfal do centenário, um exemplar de ouro da medalha, com a dedicatoria gravada (2).

N.º 263 — Outra, comemorativa do Quingentenàrio do Infante D. Henrique. Na orla, que é um pouco saliente, a legenda, que começa do lado esquerdo: V CENTENARIO DO INF. D. HENRIQUE NO PORTO — 1394 1894. Busto do Infante, com o tronco a 3/4 e a cabeça de perfil, para a esquerda, com o seu caracteristico chapeu de ábas largas e competente fita larga pendente sobre o ombro direito, e vestido com um fato liso que tem um só botão na frente, junto da gola. Do lado direito, no corte do braço, a assinatura: M.EL CARVALHO F.

℞. — Alegoria que se compõe do seguinte: do lado esquerdo, um homem de barbas, com tipo de marinheiro (simbolo da *Navegação?*), sentado numa pedra à beira-mar, apenas coberto com uma tanga, a firmar-se num leme e numa âncora que estão por detrás dele, e a olhar para a figura de *Minerva*, (simbolo da *Sciencia*) que, com o seu traje caracteristico e competente lança, se apresenta na frente dele, de pé, a indicar-lhe o caminho das descobertas (?), apontando com o indicador da mão direita para o mar, que se avista no segundo plano. Junto de *Minerva* está sentada uma outra figura de mulher (o *Estudo?*), vestida com

(1) Vid. o livro citado supra e uma noticia publicada no jornal: *O Primeiro de Janeiro*, n.º 51, de 1 de Março de 1894, p. 2. O redactor desta noticia depois de informar que na legenda da medalha se lê: *A Cidade do Porto ao Infante D. Henrique*, diz: «Propomos uma »correcção à legenda, a saber: O gravador Mollarinho ao Infante D. Henrique. Por isto, »porque nem a camara municipal nem a sua commissão especial do centenario se associa»ram até agora, que o saibamos, a esta obra prima d'arte portugueza, destinada a commemo»rar, perduravelmente, a grande celebração quingentenaria».

Vid. tambem: *O Commercio* do Porto, de 1 de Março de 1894.

(2) Vid. *O Primeiro de Janeiro*, de 6 de Abril de 1894.

leves roupagens, e a desenrolar um papel, ao lado da qual estão pousados no chão, uma esfera armilar e um livro aberto.

No mar divisam-se tres barcos de vela, alinhados, tendo o primeiro desfraldada no mastro uma bandeira que tem gravada uma cruz.

O exergo, que está separado por friso, é ocupado por um ornato (*cartouche*), obliquamente assente numa palma em que se enleia um ramo de carvalho, e que se prolonga ao longo da orla para o lado direito.

No ornato estão gravadas as armas antigas de Portugal, ao centro, e a divisa do Infante, TALENT DE || BIEN FAIRE, em duas linhas verticalmente dispostas, aos lados.

Æ. Diâmetro: 59,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita no Porto, por especulação mercantil, pelo gravador Manuel Carvalho Figueira, e editada pelos livreiros da mesma cidade, Antonio Julio Fernandes Guimarães, e Joaquim Elisio Gonçalves. Os preços de cada exemplar de ouro, prata, ou bronze, eram respectivamente de 150$000, 9$000 e 1$500 réis (1).

Para a interpretação da alegoria do reverso, guiámo-nos pela seguinte descrição que dela fez Alexandre Leitão, no seu catálogo: *Collecção Numismatica*, n.º 416: «Trez figuras allegoricas representando a Sciencia »auxiliada por o estudo indicando á Navegação o caminho das descober»tas». Apesar de nos parecer um tanto forçado representar o *Estudo* por uma mulher e a *Navegação* por um homem, perfilhámos esta interpretação por supormos que Alexandre Leitão a adoptou por indicação do próprio gravador (2).

*

Tendo o Infante D. Henrique nascido na cidade do Porto em 4 de Março de 1394, foi especialmente alí que se celebrou com maior brilho e explendor o quinto centenário desse acontecimento, por meio de importantes festejos, que duraram desde 1 até 6 de Março de 1894, aos quais assistiu a Familia Rial, e cuja descrição se acha arquivada no livro do Sr. Firmino Pereira: *O Centenario do Infante D. Henrique no Porto.*

---

(1) Firmino Pereira: *O Centenario do Infante D. Henrique no Porto*, p. 291.

(2) Com a descrição de Leitão condiz uma outra, publicada no jornal: *O Commercio do Porto*, n.º 51, de 2 de Março de 1894, p. 2, devendo, porêm, notar-se que nesta ultima a palavra, *Estudo*, aparece substituida por *Estado*, provavelmente por erro tipográfico.

N.º 264 — 1894 — **Com.ᵛᵃ do quinquagésimo aniversário do Apostolado da Oração e da Peregrinação ao Sâmeiro.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima: 50.º ANNIVERSARIO DO — APOSTOLADO DA ORAÇÃO. No exergo, que não está limitado por friso, os milésimos: 1844-1894 separados, por dois pontos, das extremidades da legenda. Escudo de armas, que contem um coração em chamas assente numa cruz lisa, e que está ornamentado com um rosário e duas fitas, uma por cima, outra por baixo, nas quais se lêem, respectivamente as seguintes legendas: VENHA A NOS O VOSSO REINO — APOSTOLADO DA ORAÇÃO COMMMUNHÃO REPARADORA. No alto está colocado sobre a fita, um calix resplandecente com uma hostia em cima.

O tipo desta face representa o emblema do Apostolado.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: PEREGRINAÇÃO AO SAMEIRO, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: BRAGA.

No centro, que está limitado por uma circunferência de pontos, a inscrição, em cinco linhas horizontais: 20 || DE || MAIO || DE || 1894.

AR. Diâmetro: 32,5 milímetros. M. b. c.

Não tem argola.

N.º 265 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c.

Não tem argola.

N.º 266 — Outro exemplar.

Æ. amarelado (latão?). M. b. c.

Em cima tem uma saliencia com orificio, em que está adaptada uma fita de seda encarnada.

Este exemplar é bastante mais delgado do que os antecedentes.

Estas medalhas foram usadas ao peito pelos associados do *Apostolado da Oração*, quando, em 20 de Maio de 1894, se realizou uma peregrinação ao Santuário do Sâmeiro, para se celebrar o quinquagésimo aniversário da instituição daquela *Liga*, devendo ter sido feitas (supomos que no Porto), por ordem da comissão organizadora dos festejos.

*

O *Apostolado da Oração* é uma importante *Liga*, ou *União* de fieis católicos, subordinada à *Companhia de Jesus*, que se fundou no ano de 1844 em França, na diocese de Puy, e que tem por fim *exercer o oficio apostólico de promover a gloria divina e a salvação das almas pela oração, quer mental, quer vocal, e ainda por outras obras pias, emquanto são impetratorias e podem conciliar-nos o Santissimo Coração de Jesus para alcançarmos o dito fim* (1). A sua séde é em Tolosa, na França, e a sua direcção está entregue a vários *directores*, sendo um, geral, e os outros diocesanos e locais. Os associados, que podem ser individuos de ambos os sexos, dividem-se em tres classes, tendo a designação de zeladores, ou zeladoras, aqueles que *na piedade mostram um zelo mais ardente das almas*. Os seus estatutos foram aprovados em 1879 pelo Papa Leão XIII; mas antes dessa data, não só este Pontifice, como o seu antecessor, lhe haviam concedido vários privilegios e indulgencias.

Por Decreto de 11 de Julho de 1896 reformaram-se aqueles estatutos. *O Mensageiro do Coração de Jesus* é o orgão do *Apostolado*, por cujo intermedio se transmite aos associados a *intenção geral recomendada todos os meses ás suas orações*.

A obra do *Apostolado* difundiu-se com notavel incremento em Portugal, onde foi introduzida, entre os anos de 1862-64, pelo padre Marcocci, da *Companhia de Jesus*.

Em 1894 celebrou o *Apostolado* o quinquagésimo aniversário da sua instituição, promovendo e organizando vários festejos, não só na sua séde, como tambem nas dioceses e paroquias dos diversos países em que existiam *centros* associativos.

Em Portugal, entre outros festejos, que se fizeram por iniciativa do Director do *Apostolado*, o Rev.do P.e Bento José Rodrigues, destacaram-se: a peregrinação ao Sámeiro, que se realizou a 20 de Maio de 1894, e uma procissão, que se efectuou em Lisboa, no dia 29 de Julho seguinte.

A convite do P.e Bento, assumiu a presidencia da peregrinação o Arcebispo Primaz, e nela tomaram parte o Bispo-Conde e o Nuncio de S. S. Os peregrinos, cujo numero era elevadissimo, reuniram-se em Braga, onde organizaram uma imponentissima procissão que acompanhou até ao Sá-

(1) Vid.: *Manual do Apostolado da Oração em união com o Sagrado Coração de Jesus*, p. 7.

meiro uma Imagem do Coração de Jesus que alí ficou colocada num altar especial que nessa ocasião se inaugurou.

Alêm disso, houve missa campal, celebrada pelo Nuncio, e foram pronunciados eloquentes discursos pelo Bispo-Conde e pelo P.e Bento (1).

N.º 267 — 1895 — **Ded.da à memoria de José Elias Garcia.** Na orla, os milésimos: 1830 (do lado esquerdo), e 1892 (do lado direito). Busto de Elias Garcia, com o tronco de frente e a cabeça a $^{3}/_{4}$ para a esquerda, com traje civil e descoberto.

℞. — A inscrição em cinco linhas horizontais, estando a terceira separada da quarta por um travessão: HOMENAGEM ‖ A ‖ JOSÉ ELIAS GARCIA ‖ 22 DE ABRIL ‖ DE 1895.

Aluminio. Diâmetro: 36,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer por especulação mercantil pelo canteiro Silvestre da Silva Matos, quando se fez a trasladação dos restos mortais de Elias Garcia, do jazigo municipal, em que haviam ficado depositados provisóriamente, para um jazigo-monumental, que em homenagem à memória dele mandaram erigir no cemitério de S. João os seus antigos correligionários, e de cuja construção fôra encarregado o referido Silvestre da Silva Matos.

A cerimónia da trasladação não se fez a 22 de Abril de 1895, como erradamente consta da inscrição do reverso da medalha. Pensou-se, efectivamente, em leval-a a efeito nesse dia que era o do aniversàrio da morte de Elias Garcia (2), mas depois resolveu-se realisa-la no dia 21, por ser este domingo e haver, portanto, mais gente disponivel para a ela poder assistir.

No anverso da medalha acham-se inscritos os milésimos: 1830-1892. O primeiro refere-se ao nascimento de Elias Garcia. A respeito do segundo, que devia corresponder ao ano da sua morte, disse-se o seguinte, na reunião da comissão promotora da construção do jazigo, que se realizou em 15 de Abril de 1895 (3):

«O sr. Perry Vidal chama a attenção da assembleia para o facto de »na medalha commemorativa da proxima solemnidade estar gravada a »data de 1892 e não a de 1891, que foi quando falleceu Elias Garcia. Foi-

(1) Vid. o *Novo Mensageiro do Coração de Jesus*, vol. XIV, n.os 158, 160 e 161, publicados respectivamente em Maio, Julho e Agosto de 1894, ps. 301, 433 e 488.

(2) Elias Garcia faleceu em 22 de Abril de 1891, à meia noite e meia hora.

(3) Vid. o jornal: *A Vanguarda*, n.º 1374, de 16 de Abril de 1895

»lhe respondido que o erro não era da commissão pois que taes medalhas »pertencem ao constructor do jazigo. Este disse que a data de 1892 si»gnificava a da primeira manifestação á memoria do illustre extincto.» Foi evidentemente uma desculpa sem fundamento.

A medalha esteve à venda nas seguintes lojas: tabacaria *Monaco* (Rocio, 21); chapelaria de Julio Cesar dos Santos (Largo do Corpo Santo); tabacaria do Rego (Largo do Conde Barão); papelaria *Progresso* (Rua do Ouro); na casa de Madame Benard (ao Chiado); na loja de vidros de J. L. Torres (Rua do Ouro); e na de candieiros, de Mota & Brito (Travessa de S. Domingos, 42 e 44) (1).

N.º 268 — 1895 — **Com.va da inauguração do Caminho de Ferro de Pretória a Lourenço Marques (Delagoa Bay).** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: OPENING VAN DEN DELAGOABAAI SPOORWEG. No exergo, que não está separado por friso, a assinatura: J. P. M. *(Johan Philip Mathias)* MENGER. F. Busto do Presidente Kruger, com barbas compridas e traje civil, voltado à esquerda.

℞. — Na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente e estar limitada por uma circunferência, a legenda, que começa em cima: NEDERLANDSCHE ZUID-AFRIKAANSCHE SPOORWEG-MAATSCHAPPIJ. Entre as extremidades da legenda, um florão. Roda alada, a deslisar sobre um pedaço de carril, voltada a $^3/_4$ para a esquerda, e acompanhada, pela parte de trás, de uma nuvem da qual partem em diferentes direcções, doze raios cujas pontas são iguais ás de setas. Em cima, o milésimo, 1895, do qual se projectam raios de luz, sobre a roda e para os lados. No campo, em baixo, a assinatura do gravador já indicado, escrita abreviadamente: J. P. M. M. F.

Æ. Diâmetro: 44 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Moyaux (Auguste): *Les Chemins de Fer autrefois et aujourd'hui et leurs médailles commémoratives*, p. 101, n.º 52 (estampa). Conf. com o n.º 53 da mesma obra, onde vem descrita uma variante; José Leite de Vasconcelos: *Lista das medalhas da Bibliotéca Nacional de Lisboa*, n.º 80 (descrição acompanhada da tradução das legendas).

---

(1) Vid. *Diario Illustrado*, n.º 7927, de 19 de Abril de 1895 e sgs., e *A Vanguarda* da mesma epoca.

*

Refere-se esta medalha ao Caminho de Ferro de Pretória a Lourenço Marques (ou Delagoa Bay), que foi construido em virtude do protocolo anexo ao tratado de amisade e de comércio, celebrado em 11 de Dezembro de 1875, e aprovado por Carta de Lei de 20 de Abril de 1876, entre Portugal e a republica da Africa Meridional. De harmonia com o referido tratado, o Governo Português concedeu a George Pigot Moodie, o direito de construir e explorar uma linha férrea que, principiando na Baía de Lourenço Marques, se prolongasse até aos montes de Libombo, na fronteira da republica da Africa Meridional; mas com a perda da independencia desta, em 1877, caducou o contrato. Tendo, porêm, a mesma republica recuperado a sua autonomia, em 1881, fez o Governo Português nova concessão do referido direito, por contrato datado de 14 de Dezembro de 1883, ao coronel Edward Mac-Murdo.

A construção deste Caminho de Ferro deu origem a vários incidentes graves, que tiveram de ser resolvidos pelo Tribunal Arbitral de Berne. Sobre o assunto publicaram-se muitos folhetos e alguns volumes.

N.º 269 — 1895 — **Com.va do Centenário de Santo Antonio.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: 1895 VII CENTEN.º NASCITA — DI S. ANTONIO 1195. No exergo, que está em parte limitado por friso, em duas linhas levemente curvas: ASSOCIAZ. UNIVERSALE || PADOVA. Imagem de Santo Antonio, vestida de frade, de frente, de pé, descalça, nimbada, com os braços cingidos ao corpo, e as mãos colocadas da seguinte forma: a direita — cujos dedos minimos estão contraidos e os restantes estendidos para cima —, em frente do peito, e a esquerda — que segura um livro —, sobre o ventre.

Aos pés da imagem estão dois meninos, ajoelhados, de mãos postas e com hábitos talares.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: O LINGUA — BENEDICTA. Relicário muito rico e artistico, assente numa base quadrada, e envolvido por um resplendor que tem a forma de um arco ogival. Em cima tem uma argola fixa.

AR. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c.

N.º 270 — Outra, comemorativa do Centenário de S.to Antonio. No arco superior da orla, a legenda: S. ANTONIO DI PADOVA, e no arco inferior, que daquele está separado por dois tracinhos verticais: VII. CENT.rio NASCITA 1895. Imagem completa de Santo Antonio, de pé, descalça, levemente voltada para a direita, vestida de frade, com o Menino Jesus sentado no braço esquerdo, e a segurar um ramo de açucenas, com a mão direita.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo: ASSOC. UNIV. E CROCIATA DI S. ANTONIO. No exergo, que está separado por friso, numa linha curva: DI PADOVA. Vista exterior de um majestoso Templo, que provavelmente é o de S.to Antonio em Pádua.

Em cima tem argola fixa.

Æ. amarelado. Diâmetro: 21 milímetros. M. b. c.

As duas ultimas medalhas descritas são de origem italiana.

N.º 271 — Outra, comemorativa do Centenário de S.to Antonio. No arco superior da orla, os milésimos: 1195 (do lado esquerdo), 1895 (do lado direito). No exergo, que está limitado por friso, uma cabeça de anjo, alada. Imagem de Santo Antonio, sentada num banco, com o corpo a $^3/_4$ e a cabeça de perfil, para a direita, a segurar, com a mão esquerda, um livro e um ramo de açucenas, e a apontar para o ceu com o indicador da mão direita a qual está erguida. Em volta da cabeça tem resplendor. No chão, junto do banco, do lado esquerdo, vêem-se: um livro e uma cruz. No segundo plano, aos lados da imagem, avistam-se dois templos, que, provavelmente, são os de St.º Antonio, de Lisboa e de Pádua.

℞. — A seguinte inscrição, em cinco linhas, sendo a primeira curva e as restantes horizontais: VII CENTENARIO || DE || SANTO ANTONIO || DE || LISBOA. Em baixo ha um travessão. Furada no alto.

Aluminio. Diâmetro: 36,5 milímetros. M. b. c.

N.º 272 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Tres arcos ogivais de estilo gótico, unidos, sendo o do centro mais alto do que os outros, e estando debaixo dele colocada a imagem de Santo Antonio, de frente, de pé, descalça, vestida de frade, a segurar com a mão direita um ramo de açucenas e uma cruz, e com a esquerda um livro, sobre o qual está sen-

tada a imagem do Menino Jesus que segura um globo com a mão esquerda. Por baixo da imagem do Santo, a assinatura: C. MAIA GR.

Os arcos laterais envolvem dois escudos que neles se suspendem por cordas, contendo o escudo do lado esquerdo o galeão das armas de Lisboa, e o do lado direito as quinas das armas de Portugal. No campo, em cima, entre os arcos, ha dois circulos, contendo o do lado esquerdo, a cruz de Santo Antonio, e o do lado direito, uma cruz cantonada por quatro cruzes, todas simples.

Em baixo ha uma fita enleada nas colunas dos arcos, na qual se lê a seguinte legenda: 1195-1895 — S.TO ANTONIO DE LISBOA. Algumas letras desta legenda são góticas.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: COMMEMORAÇÃO DO SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: 15 DE AGOSTO DE 1895. No semi-circulo superior do campo, em sete linhas, sendo a primeira curva e as outras horizontais: N. EM LISBOA A 15 DE AGOSTO DE 1195 || O LINGUA || BENEDICTA, QUÆ DOMI- || NUM SEMPER BENEDIXISTI, || ET ALIOS BENEDICERE FECISTI, || NUNC MANIFÉSTE APPARET QUAN- || TI MÉRITI EXTITISTI APUD DEUM. No semi-circulo inferior, em tres linhas curvas, estando a primeira interrompida: MOR — REU || EM ARCELLA A || 13 DE JUNHO DE 1231. Tres escudos, lisos em cima e terminados em bico na parte inferior, unidos e alinhados, contendo: o do lado esquerdo, a cruz de Santo Antonio, o do centro as armas de Portugal, e o da direita as da Cidade de Lisboa (um galeão).

Æ. Diâmetro: 40 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi composta pelo gravador Cassiano Maia com um cunho que ele fez expressamente para o reverso e com o aproveitamento, para o anverso, de um outro cunho que o sr. José Pinto Leitão, proprietário da conhecida e importante joalharia situada no Largo das Duas Igrejas, em Lisboa, lhe havia encomendado, para com ele fazer uns broches alusivos ao centenário de Santo Antonio, estampados em prata fina, e com o fundo transfurado, cujo tipo foi composto pelo Sr. Jaime de Castro Leitão, sobrinho do sr. Pinto Leitão.

N.º 273 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, a legenda, que começa em baixo do lado esquerdo: COMMEMORAÇÃO DO SETIMO CENTENARIO. 1895. Imagem com-

pleta de Santo Antonio, de frente, descalça, de pé sôbre uma peanha, vestida de frade, com resplendor em volta da cabeça, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um rosário e um livro sobre o qual está sentada a Imagem do Menino Jesus, coroada e a amparar um globo com a mão esquerda.

No exergo, por baixo de um arquinho da peanha, a assinatura: R (Rego, Domingos Alves do Rego).

℞ — No semi-circulo superior, em duas linhas curvas, tendo a primeira dois florões nas extremidades, a legenda: NASCIDO EM LISBOA || A 15 D'AGOSTO DE 1195, e no semi-circulo inferior, tambem em duas linhas curvas: FALLECIDO EM ARCELLA, PADUA || EM 13 DE JUNHO DE 1231. Dois escudos encimados por uma coroa de torres e inclinados de modo que se juntam em cima, contendo o do lado esquerdo, as armas portuguesas e o da direita as do Municipio de Lisboa (um galeão). Em baixo, entre os escudos ha um ornato *(cartouche)*, em que está gravada a cruz de Santo Antonio.

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c.

N.º 274 — Outro exemplar, com argola.

AR. M. b. c.

N.º 275 — Outro exemplar, sem argola.

Æ. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer particularmente pelo Sr. Luis Pinto Moutinho para ser vendida em benefício da *Associação protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa* por ele instituida, como já tivemos ocasião de dizer quando tratámos da medalha comemorativa da fundação desta benemerita instituição (vid. supra. med. n.º 256).

Os lucros foram, porêm, muito poucos, pois que, segundo consta do *Relatorio* da Associação relativo ao exercicio de 1895-96, p. 5, apenas se venderam até essa data, 431 exemplares, que renderam 52$060 réis.

Nos anos seguintes a venda ainda foi menor. Os cunhos foram feitos, supomos que gratuitamente, pelo Sr. Domingos Alves do Rego, e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa.

N.º 276 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo: SANTO ANTONIO DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, com a cabeça nimbada, de frente, de pé, sôbre uma peanha, descalça, vestida de frade, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda um livro, sobre o qual está sentada a imagem do Menino Jesus a qual tem resplendor em volta da cabeça e um globo na mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário. No exergo, por baixo da peanha, a assinatura: C. MAIA.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: 1195 15 DE AGOSTO DE 1895. Dois escudos unidos, contendo o do lado esquerdo, a cruz de Santo Antonio, e o do lado direito, as armas do Municipio de Lisboa, um galeão. No campo, por cima dos escudos, está deitada uma cruz adornada de açucenas.

Em cima tem uma argola fixa, na qual gira uma outra.

AR. (?) dourada. Diâmetro: 30,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita por especulação mercantil, pelo gravador Cassiano Maia.

N.º 277-A — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente e estar limitada por uma circunferência, a legenda, assim dividida: em cima e do lado direito: SANTO ANTONIO; em baixo, do lado esquerdo: DE LISBOA. Do lado direito, em baixo, entre as extremidades da legenda, ha uma cruz de Santo Antonio.

No centro, cujo fundo está coberto de cruzinhas, a imagem de Santo Antonio, truncada pela cintura, voltada a 3/4 para a direita, vestida de frade, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas que se firmam no ombro, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, que tem um globo na mão esquerda, e estende a mão direita para a cruz.

A orla, é, em parte, cortada pelo ramo de açucenas.

O desenho desta face da medalha foi feito pelo Sr. Jaime de Castro Leitão.

℞. — No arco superior da orla, a seguinte legenda, escrita numa fita que tem as pontas recurvadas: 1195 CENTENARIO 1895. Imagem de Santo Antonio, voltada à direita, vestida de frade, descalça, com resplendor, com a mão esquerda erguida e a segurar uma cruz, e a direita aberta e estendida para a frente, de pé numa praia, em atitude de prégar aos peixes, que em frente dele estão agrupados á tona da agua. Do lado esquerdo, por detrás do Santo, estão ajoelhados quatro devotos, tendo o da frente os braços cruzados sôbre o peito, e não se vendo de um outro senão parte da cabeça por estar o resto do corpo interceptado pela orla.

Em baixo, junto da orla, lê-se com bastante dificuldade a palavra: REGISTADO, a qual indica que o tipo da medalha foi registado na Repartição competente do Estado, para que não pudesse ser reproduzido sem autorização dos registantes.

O tipo desta face foi composto e desenhado pelo pintor Antonio Baeta.

Em cima tem argola fixa na qual gira uma outra.

Æ. amarelo (latão). Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c.

N.º 278-B — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Anverso, igual ao da medalha antecedente: na orla, que se destaca do centro por ser um pouco saliente e estar limitada por uma circunferência, a legenda, assim dividida: em cima e do lado direito: SANTO ANTONIO; em baixo, do lado esquerdo: DE LISBOA. Do lado direito, em baixo, entre as extremidades da legenda, ha uma cruz de Santo Antonio. No centro, cujo fundo está coberto de cruzinhas, a imagem de Santo Antonio, truncada pela cintura, voltada a $^{3}/_{4}$ para a direita, vestida de frade, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas que se firmam no ombro, e com a esquerda, um livro em que está sentada a magem do Menino Jesus, que tem um globo na mão esquerda e estende a mão direita para a cruz.

A orla, é, em parte, cortada pelo ramo de açucenas.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, os milésimos: 1195-1895, separados um do outro, e estando cada um deles colocado entre dois florõezinhos. Ao centro, que está limitado por uma circunferência, lê-se, em cima, a seguinte data, escrita em duas linhas, sendo a segunda curva: 15 ‖ DE AGOSTO. Por baixo, dois escudos triangu-

lares, colocados obliquamente, e unidos em cima, contendo o do lado esquerdo, as armas do Municipio de Lisboa (um galeão), e o do lado direito, as portuguesas. Em baixo, entre os escudos, ha um espaço saliente, aproximadamente quadrado, e com um dos angulos voltados para baixo, no qual está gravada uma cruz de Santo Antonio. Tem uma saliência com orificio, onde gira uma argola.

AR. Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c.

N.º 279 — Outro exemplar, com a argola fixa.

AR. M. b. c.

N.º 280-C — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: S.TO ANTONIO—DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, de frente, descalça, de pé sobre uma base quadrada, vestida de frade, a segurar com a mão direita uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus com resplendor em volta da cabeça e com um globo na mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um rosário e um cordão.

No exergo, que é extremamente reduzido, e que está limitado por um dos lados da base que sustenta a imagem, lê se a assinatura do gravador, escrita com letras microscópicas: C. MAIA.

℟. — Igual ao da medalha supra descrita sob o n.º 277: no arco superior da orla, a seguinte legenda, escrita numa fita que tem as pontas recurvadas: 1195 CENTENARIO 1895. Imagem de Santo Antonio, voltada à direita, vestida de frade, descalça, com resplendor, com a mão esquerda erguida e a segurar uma cruz, e a direita aberta e estendida para a frente, de pé numa praia, em atitude de prégar aos peixes, que em frente dele estão agrupados à tona da agua. Do lado esquerdo, por detrás do Santo, estão ajoelhados quatro devotos, tendo o da frente os braços cruzados sobre o peito, e não se vendo de um outro senão parte da cabeça por estar o resto do corpo interceptado pela orla.

Em baixo, junto da orla, lê-se, com bastante dificuldade, a palavra: REGISTADO, cuja significação já indicámos supra. Em cima tem argola fixa, na qual gira uma outra.

AR. Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c.

N.º 281-D — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Anverso, igual ao da medalha antecedente, n.º 280: na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: S.TO ANTONIO — DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, de frente, descalça, de pé sobre uma base quadrada, vestida de frade, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus com resplendor em volta da cabeça e com um globo na mão esquerda.

Da cintura do Santo pendem, um rosário e um cordão. No exergo, que é extremamente reduzido, e que está limitado por um dos lados da base que sustenta a imagem, lê-se a assinatura do gravador, escrita com letras microscópicas: C. MAIA.

℞. — Igual ao da medalha supra descrita sob o n.º 278: no arco superior da orla, a legenda: SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, os milésimos: 1195-1895, separados um do outro, e estando cada um deles colocado entre dois floröezinhos. Ao centro, que está limitado por uma circunferência, lê-se, em cima, a seguinte data, escrita em duas linhas, sendo a segunda curva: 15 || DE AGOSTO. Por baixo, dois escudos triangulares, colocados obliquamente, e unidos em cima, contendo o do lado esquerdo, as armas do Municipio de Lisboa (um galeão), e o do lado direito, as portuguesas.

Em baixo, entre os escudos, ha um espaço saliente, aproximadamente quadrado, e com um dos angulos voltados para baixo, no qual está gravada uma cruz de Santo Antonio.

Tem uma saliência com orificio, onde gira uma argola.

AR. Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c.

As ultimas quatro medalhas que acabámos de descrever sob os n.os 277-A 278-B; (279); 280-C; e 281-D, formam série, e foram mandadas fazer, por especulação mercantil, quando se celebrou o Centenário de Santo Antonio que elas comemóram, por uma sociedade particular constituida por tres primos, os Srs.: Adolfo Leitão Ferreira, Jaime de Castro Leitão e Virgínio Leitão Vieira dos Santos, todos eles sobrinhos e, então, empregados do Sr. José Pinto Leitão, proprietário da conhecida e importante joalharia situada no Largo das Duas Igrejas, em Lisboa.

Os dois cunhos que representam, respectivamente, a imagem do Santo truncada pela cintura, e a mesma imagem em atitude de prégar aos peixes, foram feitos em Paris. Os outros dois foram executados em Lisboa

pelo gravador Cassiano Maia. A cunhagem fez-se no Porto, na *Fabrica Aurificia* (1).

As oito faces destas quatro medalhas foram batidas só com quatro cunhos, combinados a dois e dois, de modo que nenhum deles se repete mais de uma vez.

N.º 282 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. No exergo, que não está separado por friso, os milésimos: 1195 1895. Busto de Santo Antonio, voltado à esquerda, com resplendor, vestido de frade, a segurar uma cruz com a mão direita, que está encoberta, e com a mão esquerda, que está cortada pelo pulço, sobre o peito.

℞. — A seguinte inscrição, em quatro linhas horizontais: SETIMO || CENTENARIO || DE || S.TO ANTONIO.

Em cima tem uma saliência, furada transversalmente, para nela se adaptar uma argola. Esta medalha é muito tôsca.

Chumbo fundido. Diâmetro: 33,5 milímetros. M. b. c.

N.º 283 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. No arco superior da orla, a legenda: S. ANTONIO. Imagem de Santo Antonio, vestida de frade, voltada à esquerda e a segurar pelas costas, com a mão direita, uma imagem do Menino Jesus, que está de pé.

℞. — Na orla, coroa de louro, bastante espessa e fechada. No campo, em cima, uma coroazinha de louro, ligada do lado direito com um laço, e atravessada por uma cruz; e em baixo, em duas linhas horizontais, a inscrição: CENTENARIO || 1895. Esta medalha é muito tôsca.

Chumbo fundido. Diâmetro: 25 milímetros. M. b. c.

N.º 284 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, a legenda: SANTO (do lado esquerdo), ANTONIO (do lado direito). Imagem completa de Santo Antonio, de frente, de pé, vestida de frade, com resplendor na cabeça, a segurar, com a

(1) Estas informações foram-nos dadas pelo Sr. Adolfo Leitão, um dos editores das medalhas, a quem nos cumpre, por isso, manifestar aqui o nosso reconhecimento. Disse-nos mais o Sr. Leitão que o negocio das medalhas deu enormes prejuizos.

mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda um livro, em que está sentada a imagem do Menino Jesus, coroada e com um globo na mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário.

℞. — Na orla, que se destaca do centro por deste estar separada por uma circunferência e por ter sido despolida e tornada aspera, a seguinte legenda, assim dividida: no arco superior: CRUZ ANTONINA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: BULHÕES. Ao centro, a cruz de Santo Antonio cujas extremidades estão ligadas pelo seguinte letreiro, que começa do lado esquerdo: A MASCOTTE — E. BAPTISTA — R. OURO 175 — LISBOA.

Em cima tem uma saliência com orificio, onde gira uma argola.

Aluminio. Diâmetro: 20,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer por especulação mercantil pelo Sr. E. Baptista, proprietário de uma conhecida casa editora de medalhas situada na rua do Ouro, n.º 175, em Lisboa.

Os cunhos foram gravados pelo Sr. Domingos Alves do Rego.

Por ocasião do Centenário, a medalha esteve à venda, não só na loja do Sr. Baptista, como tambem na *Rial Çasa de Santo Antonio.*

N.º 285 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio.
No arco superior da orla, a legenda: S.TO ANTONIO DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, de frente, truncada um pouco abaixo das ancas, vestida de frade, com um rosário pendente na cintura, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, nua, a qual tem resplendor e segura com a mão esquerda um globo.

℞. — Na orla, que está separada do centro por uma circunferência de pontos, a legenda assim dividida: no arco superior: SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: 1195. 15-8-1895. Ao centro, um escudo com uma cruz de Santo Antonio gravada.

Tem uma argola fixa na qual se encadeia uma outra.

AR. dourada. Diâmetro: 18,5 milímetros. M. b. c.

N.º 286 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. No arco superior da orla, a legenda: S.TO ANTONIO DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, de frente, truncada um pouco abaixo das ancas, vestida de frade, com um rosário e um cordão pendentes na cintura, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesùs, nua, a qual tem resplendor e segura um globo com a mão esquerda. No exergo, que não está separado por friso, lê-se a assinatura do gravador: C. MAIA, que está escrita com letras microscópicas. Esta face da medalha é muito semelhante, e confunde-se à primeira vista, com a que lhe corresponde na medalha antecedentemente descrita.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos: 1195. 15-8-1895. Ao centro uma cruz de Santo Antonio.

AR. Diâmetro: 18 milímetros. M. b. c.

N.º 287 — Outro exemplar, com argola fixa.

Æ. M. b. c.

N.º 288 — Outro exemplar semelhante, cujo anverso foi cunhado com o mesmo cunho da medalha supra descrita sob o n.º 285. Não tem assinatura, mas deve ter sido feito tambem por Maia.

Æ. M. b. c.

N.º 289 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: S.TO ANTONIO — DE LISBOA. Imagem de Santo Antonio, de frente, vestida de frade, truncada mais abaixo da cintura, a segurar, com a mão direita, que está cinjida ao corpo, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a mão esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, vestida, sem resplendor e a segurar um globo com a mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário. No exergo, que não está separado por friso, lê-se com o auxilio da lente, a assinatura do gravador, que se confunde com as pregas do hábito: MAIA.

℞. — O tipo desta face é uma cópia reduzida do que figura nas faces correspondentes das medalhas supra descritas com os

n.os 278-B e 281-D, as quais foram executadas pelo mesmo autor desta, Cassiano Maia: no arco superior da orla, a legenda SETIMO CENTENARIO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois pontos, os milésimos: 1195-1895, afastados um do outro. No campo, em cima, a seguinte data, escrita em duas linhas horizontais: 15 || DE AGOSTO. Por baixo desta, dois escudos triangulares, colocados obliquamente, e unidos em cima, contendo o do lado esquerdo, as armas do Municipio de Lisboa (um galeão), e o da direita, as portuguesas. Em baixo, entre os escudos, ha um espaço saliente, aproximadamente quadrado e com um dos angulos voltados para baixo, no qual está gravada uma cruz de Santo Antonio.

AR. Diâmetro: 16,5 milímetros. M. b. c.

N.º 290 — **Variante da medalha antecedente.** A cabeça do Santo é mais pequena e está nimbada; a cabeça do Menino Jesus tem resplendor; a mão que segura o ramo e a cruz, está afastada do corpo, e no exergo não tem assinatura.

℞. — Igual ao da medalha antecedente.

Æ. M. b. c.

N.º 291 — **Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio.** Imagem de Santo Antonio, de frente, truncada mais abaixo da cintura, vestida de frade, com resplendor, a segurar, com a mão direita, que está um pouco estendida para o lado, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, coroada, nimbada, vestida, e a segurar um globo com a mão esquerda. Da cintura do Santo, pendem, um cordão, e um rosário o qual tem uma cruz pendente. No segundo plano, do lado direito, divisam-se, um terreno e a Igreja de Santo Antonio, de Lisboa. Não tem legenda nesta face.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: SETIMO CENTENARIO DE STO ANTONIO. No exergo, que não está separado por friso, entre as extremidades da legenda, a assinatura: FREIRE GRAV. Ao centro uma cruz lisa e com a haste longa, com resplendor nos dois angulos de cima, e envolvida por dois ramos de açucenas que se ligam em baixo com um laço. Aos lados deste, no campo, os milésimos: 1195-1895.

PB. Diâmetro: 17 milímetros. M. b. c.

N.º 292 — Outro exemplar, cujo reverso é feito com outro cunho, porque as letras da legenda e dos milésimos, especialmente as destes ultimos, são mais pequenas.
PB. M. b. c.

Esta medalha foi editada por especulação mercantil, pelo Sr. Freire, conhecido gravador estabelecido na rua do Ouro em Lisboa, tendo sido o seu tipo registado na Repartição de Industria do Ministério das Obras Publicas, como consta do *Diario do Governo* de 20 de Julho de 1895 (1).

N.º 293 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. No arco superior da orla, os milésimos: 1195-1895, separados um do outro. Imagem de Santo Antonio, truncada pelas pernas, de frente, com resplendor na cabeça, vestida de frade, a segurar com a mão direita uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, coroada e a segurar, com a mão esquerda, um globo.

Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado direito, em cima, e é interrompida no alto: SETIMO CENTENARIO. Em cima, entre as extremidades da legenda, um florão. Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo.

AR. Diâmetro: 15,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: J. C. Costa Goodolphim: *O Asylo-officina Santo Antonio de Lisboa*, p. 14 (estampa).

N.º 294 — Outro exemplar, com duas argolas e uma fitinha azul e branca.
AR. M. b. c.

Com o intuito de criar novas receitas para a *Associação Protectora da Infancia Santo Antonio de Lisboa*, o seu zeloso fundador, Luis Pinto Moutinho (vid. supra, med. n.º 256), mandou cunhar esta medalhinha, à qual deu o nome de *Tostão de Santo Antonio*, na esperança de que o povo, à imitação do que havia feito com a moeda de prata denominada *Vintem de Santo Antonio* (2), a usasse como amuleto.

---

(1) Na descrição da medalha que acompanha o pedido do registo, chamaram *vista de mar* ao reduzidissimo pedaço de terreno que se divisa defronte da Igreja.

(2) Cunhada nos reinados de D. Pedro II, D. João V, D. José e D. João VI. Vid. Aragão: *Descripção das moedas*, vol. II, p. 60, 79, 142.

O seu tipo foi registado na Repartição de Industria do Ministério das Obras Públicas, o que não impediu, segundo consta dum *Relatório* da Associação [1], que nos mercados aparecessem umas outras medalhas parecidas com esta. A cunhagem foi de cerca de 40.000 exemplares e fez-se gratuitamente na Casa da Moeda sob a direcção do primeiro gravador, o Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves.

Luis Pinto Moutinho, como várias vezes fazia, quiz que nos livros da Associação apenas ficasse escriturada a receita liquida da venda das medalhas, e para isso pagou à sua custa certas despezas que com elas se fizeram. Segundo consta do *Relatório* da Associação, relativo ao *exercicio* de 1895 a 1896, p. 5, o produto da venda das medalhas atingiu até essa data, a importante quantia de 1.396$750.

No asilo-oficina mantido pela Associação ainda ha pouco tempo vimos uns cunhos da medalha.

N.º 295 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo dos dois precedentes, mas feito com outros cunhos, o que facilmente se reconhece pelas diferenças de tamanho: das letras, da cruz que pende do rosário, do florão do reverso, etc., e ainda pela particularidade, ainda mais frisante, de ter serrilha no bordo. O tipo do reverso está invertido em relação ao do anverso.

Em cima tem uma argolinha fixa, na qual gira uma outra.
AR. dourada. Diâmetro: 16 milímetros. M. b. c.

Parece que é a esta variante que se refere a passagem do *Relatório* da Associação de Santo Antonio, acima mencionada.

N.º 296 — **Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio.** Imagem do Santo, truncada pelos joelhos, de frente, vestida de frade, com resplendor na cabeça, a segurar, com a mão direita, uma cruz e um ramo de açucenas, e com a esquerda, um livro em que está sentada a imagem do Menino Jesus, coroada e a segurar um globo com a mão esquerda. Da cintura do Santo pendem, um cordão e um rosário.

℞. — Ao centro a Cruz da Ordem de Cristo.

Não tem legenda em nenhuma das faces [2]. Em cima tem um

---

[1] Vid. o *Relatorio e Contas ácerca do Exercicio do anno economico de 1894-1895 do Asylo officina*, p. 18 e 19.

[2] Apesar disso consideramo-la como comemorativa do Centenário e não como verónica.

orificio atravessado por duas fitinhas de pano, uma azul, outra branca, enlaçadas uma na outra.

PB. Diâmetro: 33 milímetros. Está bastante atacada por vários sais.

N.º 297 — Outra, comemorativa do Centenário de Santo Antonio. Caixilho metálico circular e muito delgado, o qual contem uma oleografia, que representa Santo Antonio, de joelhos e a abraçar o Menino Jesus que está sentado sobre uma mesa. Por cima, aparecem, por entre nuvens, alguns anjinhos.

℞. — No centro de uma coroa feita com dois ramos de açucenas, atados em baixo com um laço, a inscrição em tres linhas horizontais: VII ‖ CENTENARIO ‖ 1895.

Ambas as faces estão resguardadas por chapinhas transparentes de mica.

Em cima tem uma argolinha, em que se prende uma fitinha de seda, bipartida, encarnada e branca.

Diâmetro: 26 milímetros. M. b. c.

*

Já tivemos ocasião de dizer que a celebração do sétimo centenário do nascimento de Santo Antonio, foi promovida pela *Associação Protectora da Infancia de Santo Antonio de Lisboa*, a qual, com esse fim e com o de fundar e manter um asilo-oficina para raparigas pobres, foi instituida por iniciativa do falecido comerciante, Luis Pinto Moutinho (vid. supra, p. 340).

A celebração, que deveria realizar-se em 15 de Agosto de 1895, por ser este dia o do aniversário que se pretendia comemorar, fez-se antecipadamente, desde 12 até 30 de Junho do mesmo ano, por ser a 13 deste mês, aniversário da morte do popular taumaturgo que, por tradição, o povo costuma festejal-o. No entanto, o dia 15 de Agosto de 1895, foi considerado de gala por Decreto de 19 de Julho de 1894.

Dentre as festas de caracter religioso que então se fizeram, destacou-se uma enorme procissão que saíu da Igreja de S. Vicente, e que se dispersou na Rua do Ouro em consequencia de um falso alarme.

De caracter profano, houve tambem muitos festejos, tais como: iluminações, fogos de artificio, cortejo fluvial, regatas, touradas, arraiais, e um cortejo com carros alegóricos.

N.º 298 — 1895 — **Com.ᵛᵃ do Primeiro Congresso Católico Internacional.** No exergo ha uma nuvem em cuja frente está fixada,

junto da orla, uma fita que tem inscrita a seguinte legenda: ORA PRO NOBIS. Do lado esquerdo, tambem junto da orla, a assinatura: J. BAETES. ANVERS. Sobre a nuvem assentam: ao centro, as Armas Riais Portuguesas, verticalmente colocadas. Do lado esquerdo, a imagem de Nossa Senhora da Conceição, de pé em cima da meia lua e do globo com a serpente enroscada, nimbada de estrelas e a olhar para uma pomba (simbolo do Espirito Santo), que esvoaça no alto, e que lhe projecta para a fronte um feixe de raios luminosos. A mão direita está colocada sobre o peito, e a esquerda descaída, e a projectar sobre a coroa que encima as armas, um feixe de raios. Do lado direito está a imagem de Santo Antonio, com o joelho esquerdo firmado na nuvem e o outro erguido, vestida de frade, descalça, nimbada, a olhar e a estender a mão direita para a fronte da imagem de Nossa Senhora, e a colocar a outra mão por cima da coroa rial.

℞. — Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro e que deste está separada por uma circunferência de perolas, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e que tem as palavras separadas umas das outras por cruzinhas: I.º CONGRESSO. CATHOLICO. INTERNACIONAL. LISBOA. Ao centro, a seguinte inscrição, em nove linhas, estando a primeira colocada em arco e as restantes em posição horizontal: CELEBRADO. NO TEMPLO. DE. S. VICENTE. DE. FÓRA || .XVIII. ANNO. || .DO. PONTIFICADO. || DE || ✠ LEÃO. XIII ✠ || . E. 7.º CENTENARIO. || DE || . SANTO. ANTONIO. || . 25. JUNHO. 1895. No campo, por baixo da inscrição, uma cruz.

Æ. dourado. Diâmetro: 51 milímetros. M. b. c.

Supomos que esta medalha foi mandada cunhar pela comissão organizadora do Congresso Católico internacional que ela comemora, o qual se realizou em Lisboa, por ocasião do sétimo centenário de Santo Antonio, desde 25 até 29 de Junho de 1895.

Os cunhos foram gravados em Antuerpia (Anvers), na casa de J. Baetes, parecendo que a cunhagem foi abundantissima, pois que ainda hoje se encontram à venda muitos exemplares.

Conta-se que foi o falecido Conde de Burnay quem tratou do negócio com a referida casa.

No Congresso, que se realizou no Templo de S. Vicente de Fóra, sob a presidencia do Cardial Patriarca, tomaram parte, entre outros personagens, o Ministro das Obras Publicas, como representante do Governo, o Nuncio do Papa, o Cardial Sanchez, os Arcebispos de Valencia e de Santa

Cruz das Antilhas, os Prelados portugueses, o Conde do Casal Ribeiro, o Conselheiro Barros Gomes, Jerónimo Pimentel e o Dr. Jacinto Candido da Silva, etc. Na ultima sessão aprovaram-se, por unanimidade de votos, várias conclusões práticas, referentes a assuntos de interesse social e religioso, que nas reuniões anteriores haviam sido discutidos (¹).

N.º 299 — 1898 — **Ded.da a Mousinho de Albuquerque**. No arco superior da orla, a legenda: GLORIAS PORTUGUEZAS, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: MOUSINHO D'ALBUQUERQUE. Busto de Mousinho, fardado, com o tronco de frente e a cabeça levemente voltada à esquerda e descoberta; ao peito, ostenta a insignia da Ordem da Torre e Espada e duas fitas, com as competentes fivelas, de duas outras medalhas. No campo, do lado direito, junto do córte do braço, a assinatura: C. GAMA.

℞. — Na orla, que é limitada por uma circunferência de traço burilado, a legenda, que começa em baixo: O PORTO SAUDA O HEROICO VENCEDOR DE CHAIMITE $\frac{16\text{-}1}{96}$. No alto, o escudo das armas dos Albuquerques ornamentado, aos lados, com dois ramos de louro, e por baixo, com uma bandeira portuguesa, duas peças, uma espada e várias espingardas. No alto tem saliencia e argola.

AR. Diâmetro: 24,5 milímetros. M. b. c.

N.º 300 — **Outro exemplar**. Não tem argola.

Æ. M. b. c.

Supomos que esta medalha, cuja execução é bastante incorrecta, foi feita no Porto, por especulação mercantil, quando Mousinho visitou aquela cidade em 1898.

N.º 301 — 1898 — **Comemorativa do quarto Centenário do descobrimento da India**. Na orla, uma corda com oito nós, a envolver a seguinte legenda, que está escrita sobre uma fita com letras grandes, de fantasia (aproximadamente góticas), e que começa do lado esquerdo, em baixo: GLORIAM INCLYTO NAVIGATOR VASCO DA GAMA 1498-1898. No campo, dentro de uma coroa feita com

(¹) Vid. os jornais da epoca, como, por exemplo, o *Correio Nacional*.

dois ramos de louro, atados em baixo com um laço, o busto de Vasco da Gama, com bastante relevo, com o tronco a tres quartos e a cabeça de perfil, para a esquerda, e com o barrete e vestuário caracteristicos, tendo este vários ornatos. Ao peito ostenta a cruz da Ordem de Cristo, que está suspensa no pescoço por uma fita de seda bastante larga.

℞. — Na orla, cercadura ornamental, entre dois filetes, e no arco superior, sobre uma fita, a seguinte legenda escrita, como a do anverso, com algumas letras de fantasia, mas mais pequenas: DESCOBRIMENTO DO CAMINHO MARITIMO PARA A INDIA. Uma corda com tres nós, disposta em arco, ornamenta inferiormente a legenda e limita o campo, que é bastante concavo, e que contêm: na frente, uma caravela, com muito relevo, voltada a tres quartos para a direita, com tres velas grandes e outras tantas pequenas, tendo cada uma delas gravada na frente uma cruz da Ordem de Cristo; e no horisonte duas outras caravelas. Por detrás da caravela grande, divisam-se raios solares. No exergo, que é muito espaçoso, está representado o mar, ornamentado inferiormente com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, cujos pés estão ligados com um nó, e sobre os quais se agrupam: ao centro, uma esfera armilar, encimada por uma cruz; do lado esquerdo, as Armas Riais do tempo de D. Manuel I; e do lado direito, o escudo das armas de Vasco da Gama, que tem por timbre um homem a segurar um escudo com a mão direita, e um ramo com a mão esquerda. No rebordo da orla, em baixo, do lado esquerdo, está impresso o punção de fabricante do autor da medalha, e a seguir a assinatura deste, gravada a buril: G(iovanni). B(aptista). Cristofanetti; do lado direito lê-se a assinatura do editor da medalha: ALMIER.

Medalhão de prata cinzelada, com 107 milímetros de diâmetro e 9,5 de espessura. Muito raro.

N.º 302 — **Outro exemplar**, com o tipo igual ao do antecedente, mas de bronze, fundido e cinzelado, sem assinaturas, e com 104 milímetros de diâmetro. M. b. c.

N.º 303 — **Outro exemplar**, com o tipo igual ao dos dois antecedentes, mas com menor diâmetro e cunhado. No campo, do lado es-

querdo, junto do ombro do busto, tem a assinatura do gravador (?): OLÁ.

AR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

N.º 304 — Outro exemplar igual ao antecedente.

Æ. M. b. c.

N.º 305 — Outro exemplar, com o tipo igual ao dos antecedentes, mas com menor diâmetro e sem assinatura alguma.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c.

N.º 306 — Outro exemplar igual ao antecedente.

Æ. M. b. c.

N.º 307 — Outro exemplar com o tipo igual ao dos antecedentes, mas com menor diâmetro. Não tem assinatura.

AR. Diâmetro: 22,5 milímetros. M. b. c.

N.º 308 — Outro exemplar igual ao antecedente.

Æ. M. b. c.

Esta medalha, apesar de ter sido editada por especulação mercantil por um particular, tem caracter oficial, visto que os direitos do seu fabrico e venda, foram concedidos ao editor pela comissão executiva do centenário que ela comemora. Tem a seguinte história que conseguimos reconstituir, respigando os *Annaes da Commissão Executiva* (do centenario) — *Relatorio, Correspondencia e Actas* —, consultando documentos inéditos no arquivo da Sociedade de Geografia, e pedindo informações a várias pessoas:

Em sessão de 3 de Junho de 1889 aprovou a Sociedade de Geografia de Lisboa, uma proposta, que préviamente havia sido apresentada à *Direcção* da mesma Sociedade, em 23 de Maio antecedente, pelo socio J. V. Mendes Guerreiro, para que em 1897 se celebrasse condignamente o quarto centenário da *partida* de Vasco da Gama para a India, e para que se nomeasse uma comissão especial incumbida de estudar as bases gerais

dessa celebração, para serem apresentadas ao Governo (*Annaes*, fascículo I, p. 9 a 14). Nomeada a comissão, que ficou sendo presidida pelo Presidente da Camara Municipal de Lisboa, Fernando Palha (*Annaes*, fasc. I. p. 14), e obtida a adesão desta corporação e de várias associações, dirigiu-se a Sociedade de Geografia ao Governo, por meio de uma mensagem, datada de 19 de Junho de 1889, a fim de lhe propôr, em resumo: que o quarto centenário da partida de Vasco da Gama para a India fosse celebrado como comemoração nacional em todo o territorio português; que por essa ocasião se inaugurassem as obras do porto de Lisboa, e se fizessem várias exposições e diversos festejos; e, finalmente, que o Estado assumisse a iniciativa e direcção da celebração (*Annaes*, fasc. I, p. 20 a 22). Atendendo às considerações que nesta mensagem, e posteriormente, lhe foram apresentadas pela Sociedade de Geografia, resolveu, por fim, o Governo, perto de cinco anos depois, nomear, por Decreto de 15 de Maio de 1894 (*Annaes*, fasc. I, p. 50), uma grande comissão, encarregada de *preparar, organizar e dirigir a celebração nacional do quarto centenario da partida de Lisboa da expedição que descobriu a India*, a qual ficou sendo presidida pelo Conselheiro Manuel Pinheiro Chagas e composta da Direcção da Sociedade de Geografia, dos presidentes das secções desta, e de tres membros delegados por cada uma de várias outras associações scientificas. Por esta comissão, a que se ficou denominando *grande*, ou *central*, foi eleita uma outra, *executiva*, a cujo cargo foi cometida a elaboração do programa da celebração [1]. Instalada esta ultima em 18 de Junho de 1894, novamente se reuniu em 25 do mesmo mês, começando então a discutir um *ante-projecto* do *plano* e *programa* da celebração, apresentado por Luciano Cordeiro, no qual se encontram os seguintes trechos que nos interessam (*Annaes*, fasc. II, p. 30 sgs.):

«1.º Precedendo ás auctorisações e accordos que forem necessarios, »celebrar-se-ha no anno de 1897, em todo o territorio portuguez, um ju- »bileu nacional commemorativo da partida da expedição que descobriu »o caminho maritimo da India, e consagrado **A' memoria dos nave- »gadores portuguezes** que primeiro descobriram as terras e os mares »da Asia, Africa, America e Oceania.

»2.º Especialmente destinados a commemorar esta celebração crear-se- »hão os seguintes monumentos:

»*a*) Um medalhão em bronze, do qual se fundirão 1:497 exemplares, »numero correspondente ao do anno da partida da expedição.

---

[1] Note-se que as denominações das duas comissões — *central* e *executiva* — se encontram, por vezes confundidas nos documentos publicados nos *Annaes*.

»**Nota.** — Os exemplares d'este medalhão serão numerados, »sendo o do numero 1:497 depositado, como propriedade da »nação, no archivo nacional, e os mais exemplares avulsamente »vendidos, a preço fixo, por conta do fundo do centenario.

»*b*) Uma serie monetaria em prata e moedas de 1$000 réis, 500 réis »e 200 réis, de toque, modulo e circulação legal, nos limites e proporções »que forem competentemente estabelecidos.

. . . .

»*c*) Uma serie de sellos postaes dos typos, limites e proporções que »forem competentemente estabelecidos.

. . . .

»26.º Para occorrer ás despezas geraes da celebração a cargo da com»missão central crear-se-ha um fundo especial sob o titulo de «fundo do »centenario», cujo deposito em conta corrente será contratado com um »estabelecimento de credito á escolha do governo.

»**Nota.** — Constituirão este fundo:
»*a*) Os productos das emissões do medalhão commem orativo »das moedas e dos sellos postaes, a que se refere o artigo 2.º»...

Da acta da sessão da comissão executiva, de 2 de Julho de 1894 (*Annaes*, fasc. II, p. 41-42), consta que: «Lido e posto em discussão o »artigo 2.º (do projecto acima referido), fallaram por diversas vezes ácerca »da alinea *a*) os srs. Sousa Martins, Palermo de Faria, Martinho Guima»rães, Mendes Guerreiro e Luciano Cordeiro, sendo em seguida appro»vada essa alinea com o voto em contrario do sr. Mendes Guerreiro, e »por unanimidade as alineas *b*) e *c*)».

Depois de discutido pela comissão executiva, transitou o projecto para a comissão central, que por sua vez o começou a discutir na sessão de 12 de Novembro de 1894 (*Annaes*, fasc. II, p. 69 sgs.). Achava-se assim redigida nesse projecto a parte do artigo 2.º que mais nos interessa: «Especialmente destinados a commemorar esta celebração crear-se-hão os »seguintes monumentos:
»*a*) Um medalhão em bronze, do qual se fundirão 1:497 exemplares, »numero correspondente ao do anno da partida da expedição.
»*b*) Uma serie monetaria em prata e moedas de 1$000 réis, 500 réis e »200 réis, de toque, modulo e circulação legal, nos limites e proporções »que forem competentemente estabelecidos.

»*c*) Uma serie de sellos postaes dos typos, limites e proporções que »forem competentemente estabelecidos»...

Segundo a acta da referida sessão «O artigo 2.º foi approvado, »ficando para ser discutido em outra sessão um additamento proposto »pelo sr. Theophilo Braga».

Na mesma sessão, de 12 de Novembro, da comissão central, foi lido um contra-projecto de programa, apresentado pelo vogal Mendes Guerreiro, no qual se não fala de medalha nem de medalhão.

Na sessão de 20 de Novembro de 1894, discutiram-se os aditamentos apresentados na sessão antecedente, por Teofilo Braga e D. José Pessanha. «O primeiro, relativo ao artigo 2.º, consistia na introducção de uma »alinea, que deveria ser a primeira, indicando a creação de uma meda»lha com o busto de Vasco da Gama e as datas de 1497 e 1897, sendo o »numero dos exemplares em oiro determinado pelo numero dos respecti»vos subscriptores. Foi approvado». (*Annaes*, fasc. II, p. 90).

Poucos dias depois foi dirigido ao Governo, acompanhado de um oficio (*Annaes*, fasc. II, p. 90 sgs.), o *Projecto do plano geral, aprovado pela comissão central*, cujo artigo 2.º ia assim redigido, de harmonia com as alterações nele introduzidas em sessão de 20 de Novembro:

«Especialmente destinados a commemorar esta celebração, crear-se»hão os seguintes monumentos:

»*a*) Uma medalha com o busto de Vasco da Gama e as datas 1497-1897, »sendo o numero de exemplares em oiro determinado pelo dos subscrip»tores para esses exemplares;

»*b*) Um medalhão em bronze, do qual se fundirão 1:497 exemplares, »numero correspondente ao do anno da partida da expedição;

»*c*) Uma serie monetaria, etc.»

Entre as *Notas reservadas a alguns artigos do projecto*, que tambem se remeteram ao Governo, encontram-se as seguintes:

«*a*) *Fundo e receitas do centenario:* (artigo 27.º). Constituirão este »fundo:

»1.º Os productos das emissões da medalha, do medalhão commemo»rativo, das moedas e dos sellos postaes, a que se refere o artigo 2.º....

»*f*) *Medalhão commemorativo:* (artigo 1.º — *a*)

»Os exemplares d'este medalhão serão numerados, sendo o do nu»mero 1:497 depositado, como propriedade da nação, no archivo nacio»nal, e os mais exemplares avulsamente vendidos, a preço fixo, por conta »do fundo do centenario».

Apreciado o *Projecto* em Conselho de Ministros, resolveu este encarregar os Ministros, da Fazenda e das Obras Publicas, de apresentarem

ao Parlamento as propostas para as emissões, monetária e postal, e os Ministros dos Negócios Estrangeiros e da Marinha, de se entenderem com a Comissão, sobre os demais assuntos (*Annaes*, fasc. III, p. 78). Como o tempo começava então a faltar, dirigiu o Ministro da Marinha um oficio ao presidente da Comissão (Março de 1896), em que lhe pedia os seguintes esclarecimentos (*Annaes*, fasc. III, p. 66-67):

«1.º Quaes as alterações que pela circumstancia do tempo decorrido »ou quaesquer outras, que á illustre commissão executiva, pareçam »attendiveis, terão de fazer-se no programma approvado em sessões de »12 e 20 de novembro de 1894;

»2.º Quaes os rendimentos que a commissão executiva calcula poder »realisar com as diversas fontes de receita, creadas para occorrer ás »despezas do centenario;

»3.º Qual o orçamento das despezas da solemnisação, segundo o pro»gramma elaborado, e attendendo-se ás alterações que, porventura, a com»missão executiva entenda dever fazer».

Na sessão da comissão executiva de 30 de Março de 1896, (*Annaes*, fasc. III, p. 78), propôs o secretario, Luciano Cordeiro — depois de narrar o resultado de várias conferencias entre o presidente da comissão e os ministros —, que *imediatamente se passasse a discutir as respostas a dar aos quesitos do oficio, começando pelas modificações necessariamente a fazer no programa*, e que, como autor deste, *devia dizer que lhe parecia que tendo realmente de ser modificado n'alguns pontos pela questão* (sic) *do tempo, o podia ser sem prejuizo e até com vantagem da celebração.*

Depois *passou-se á revisão do plano geral, sendo sucessivamente discutidas e aprovadas as seguintes alterações:* «No artigo 2.º suppressão »das alineas *a*) e *b*), devendo inscrir-se uma disposição facultando á in»dustria particular o fabrico da medalha e do medalhão, mediante appro»vação dos desenhos pela commissão executiva»...

Em consequencia destas resoluções, o artigo 2.º do projecto do programa passou a ter a seguinte redacção (*Annaes*, fasc. III, p. 85-86), com a qual ficou no novo programa geral da celebração, aprovado pelo Governo (*Annaes*, fasc. IV, p. 86):

«2.º Especialmente destinadas a commemorar, universal e perpetua»mente, esta celebração, crear-se-ha:

»*a*) Uma serie monetaria em prata e moedas de 1$000 réis, 500 réis »e 200 réis, de toque, modulo e circulação legal, nos limites e proporções »que forem competentemente estabelecidas;

»*b*) Uma serie de sellos postaes de typos, limites e proporções que »forem competentemente estabelecidas;

»§ 1.º A commissão central executiva da celebração poderá conceder »e auctorisar, em concurso ou fóra d'elle, nas condições que tiver por »convenientes, o fabrico e venda, por conta particular, de uma medalha »em oiro, prata e qualquer outro metal, e de um medalhão em bronze ou »ferro, com o mesmo fim e caracter commemorativo».

De acordo com o disposto neste ultimo paragrafo, dirigiu o livreiro Manuel Gomes, o seguinte oficio à Comissão (*Annaes*, fasc. VII, p. 30):

«Lisboa, 22 de julho de 1896. — Ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. presidente e mais mem»bros da commissão do centenario da India.—Tenho a honra de vir com»municar a v. ex.ᵃˢ que, de conformidade com o respectivo programma, »encarreguei o notavel artista sr. Columbano Bordallo Pinheiro do dese»nho e modelação em cera de uma medalha destinada a servir como com»memoração official do centenario da India. Os trabalhos já bastante adian»tados devem ser-me entregues até ao dia 15 do proximo mez de agosto, »e n'esta data cumprirei o grato dever de submetter á alta apreciação de »v. ex.ᵃˢ o trabalho do grande artista portuguez.

»E' minha idéa fazer d'essa medalha varias fundições, em oiro, prata, »cobre e outros metaes baratos, de fórma a permittir que todos, ricos e »pobres, possam guardar, conforme os recursos da sua bolsa, uma lem»brança indelevel da grandiosa festa de 1897: ainda n'este ponto terei a »honra de submetter á approvação de v. ex.ᵃˢ o meu plano de explora»ção commercial d'esta medalha.

»Rogando a v. ex.ᵃˢ, ill.ᵐᵒˢ e ex.ᵐᵒˢ srs. presidente e mais membros »da commissão do centenario da India, o favor de se dignarem commu»nicar-me a acceitação ou não d'esta minha proposta, tenho a honra de »me subscrever com a mais subida consideração.

»Deus guarde a v. ex.ᵃˢ, muito attento venerador e creado muito obri»gado = *Manuel Gomes*».

A este oficio respondeu a Comissão o seguinte (*Annaes*, fasc. VII, p. 28):

«Ill.ᵐᵒ e ex.ᵐᵒ sr. — A commissão central executiva do centenario, tomando »conhecimento do officio de v. ex.ᵃ, de hoje, communicando que prepara »o projecto e modelo de uma medalha que possa ser adoptada nas con»dições do artigo 2.º § 1.º do plano geral da celebração nacional de 1897, »tem a honra de informar que toma nota da communicação de v. ex.ᵃ e »aguarda o projecto e modelo a que ella se refere.

»Deus guarde a v. ex.ᵃ Commissão, 22 de julho de 1896. — Ill.ᵐᵒ e »ex.ᵐᵒ sr. Manuel Gomes. = Os secretarios, *Luciano Cordeiro* = *Ernesto »de Vasconcellos*».

Na sessão de 13 de Agosto de 1896 (*Annaes*, fasc. VIII, p. 13-15), «foi »apresentado da parte do sr. Manuel Gomes um desenho do anverso da »medalha commemorativa a que se referia a sua correspondencia ante- »rior, desenho feito pelo sr. Columbano Bordallo Pinheiro, tendo o sr. Go- »mes declarado verbalmente a alguns membros da commissão que dese- »java que esta lhe fornecesse a legenda que deveria inscrever-se no re- »verso, e bem assim que se prestaria a garantir á commissão o numero »de medalhas de que ella precisasse, de oiro ou prata, pelo custo do res- »pectivo metal, sem qualquer outro augmento.

»Resolveu-se aguardar a indicação do modulo, dos preços e as mais »indicações em que o sr. Gomes se propõe a fabricar a alludida medalha».

A falta de entusiasmo do Governo pela celebração do centenário e a redução por ele feita nos lucros provenientes da amoedação, que se tinha calculado serem necessários para aquele fim, deram origem a que se chegasse ás vesperas do centenário, sem que a respectiva celebração estivesse convenientemente preparada. Surgiu então ao Governo a ideia de se adiar a celebração para o ano seguinte, Maio de 1898, aniversário da chegada de Vasco da Gama à India, o que se fez, não obstante a oposição da Comissão.

Na Portaria de 2 de Abril de 1897 (*Annaes*, fasc. X, p. 36), estabeleceu o Governo definitivamente os recursos pecuniários de que a Comissão poderia dispôr, e ordenou à mesma (art. 5.º), que imprimisse *à celebração um caracter modesto, tanto quanto possivel intelectual e popular, procurando associar e conciliar todas as iniciativas e actividades sociais, como já tinha feito.*

Em vista da atitude do Governo, reuniu-se a Comissão em 5 de Abril de 1897 (*Annaes*, fasc. X, p. 27 sgs.), resolvendo «que á proxima sessão »cada vogal trouxesse formuladas as bases em que entendia que deveria »ser remodelado o programma, para se assentar nas que conviesse defi- »nitivamente adoptar e apresentar ao governo».

Na sessão seguinte, de 10 de Abril de 1897, apareceram apenas tres *projectos de alterações ao programa geral das festas comemorativas*, sendo um do presidente, outro do vogal Rodrigues da Costa e o terceiro do secretario, Luciano Cordeiro (*Annaes*, fasc. X, p. 44 sgs.).

No primeiro lia-se a seguinte passagem que nos interessa:

«Art. 2.º Especialmente destinados a commemorar universal e perpe- »tuamente esta celebração crear-se-ha:

»*a*) A moeda e sellos postaes commemorativos, decretados pela carta »de lei de 21 de maio de 1896;

»*b*) O fabrico e venda particular, com previa auctorisação da commis-

»são executiva do centenario, de uma medalha em oiro, prata e qualquer »outro metal, e de um medalhão em bronze ou ferro com o mesmo fim »e caracter commemorativo.

»Como ha, e já se sabe que ha, quem queira tomar o encargo d'esta »cunhagem, e sem despeza, parece que não ha inconveniente em conser»var esta alinea. Não me refiro a exclusivo, por me não parecer oppor»tuno, e porque traria complicações, especialmente com os industriaes, »que quizerem fazer quaesquer artefactos, como joias, relogios, bronzes, »etc., com medalhas e medalhões allusivos».

O projecto do vogal Rodrigues da Costa, cuja redacção era mais generica, nenhuma referência continha relativa à medalha. Outro tanto não sucedia com o projecto de Luciano Cordeiro, no qual se lia o seguinte § *unico* ao artigo 2.º (inumerado): «A commissão central executiva póde »conceder e auctorisar, em concurso, ou fóra d'elle, nas condições que »tiver por convenientes, a adopção:

»1.º De medalhas ou medalhões commemorativos em qualquer me»tal;...».

Depois de lidos e discutidos os tres projectos, resolveu-se que o presidente redigisse, de harmonia com eles, o programa definitivo para ser apresentado impresso na sessão seguinte (*Annaes*, fasc. X, p. 46 e 47). Realisada esta em 13 de Abril de 1897 (*Annaes*, fasc. X, p. 76), aprovou-se o projecto do programa o qual, acompanhado do oficio de 15 do mesmo mês (*Annaes*, fasc. X, p. 67 sgs.), foi remetido ao Governo. No dia 27 seguinte acusou o Governo a recepção dos dois documentos e declarou num outro oficio (*Annaes*, fasc. X, p. 92), que declinava na Comissão a responsabilidade da organização do referido programa, e que não se opunha a que fosse executado; mas que ficaria bem entendido que só responderia pelas receitas legalmente autorisadas que real e efectivamente se arrecadassem.

Na parte que se refere às medalhas ficou o programa definitivo assim redigido: «Art. 2.º Especialmente destinadas a commemorar, universal e »perpetuamente este acontecimento, crear-se-hão:...

...»§ unico. A commissão central executiva póde conceder e auctori»sar, em concurso ou fóra d'elle, nas condições que tiver por convenien»tes, a adopção:

»1.º De medalhas ou medalhões commemorativos, fabricados em qual»quer metal;...». (*Annaes*, fasc. X, p. 69-70).

Não se tendo continuado a publicar os *Annaes* [1] que nos teem

---

[1] O ultimo fasciculo publicado tem o n.º 11.

servido até aqui de guia, tivemos de recorrer ao arquivo da Sociedade de Geografia e às informações particulares, para podermos completar a historia da medalha de que nos estamos ocupando.

Com respeito à proposta do livreiro Manuel Gomes, nada mais encontrámos que lhe dissesse respeito, parecendo, por isso, que nem a comissão, nem o proponente, se interessaram pela execução dela.

Encontrámos, porem, no referido arquivo os seguintes documentos que se referem a uma outra proposta que teve seguimento:

a) «Lisboa 18 de Janeiro de 1898 = Ill.mo e Ex.mo Sr. O abaixo assignado »ourives-joalheiro establecido (sic) na rua Aurea n.º 176, tem a honra de »propôr á Ex.ma Commissão executiva do quarto centenario do descobri»mento da India, a execução das medalhas commemorativas do mesmo »centenario, as quaes serão cunhadas em varios metaes, incluindo o »bronze, em dois formatos representando absolutamente o mesmo modelo, »assim como escudos em ferro fundido com allegorias allusivas ás mes»mas medalhas e dois medalhões no centro representando o verso e en»verso (sic) das mesmas medalhas com o fim de serem vendidos ás diffe»rentes Camaras Municipaes do Paiz com o memurândum (sic) do mesmo »Centenario.

»O desenho será o que a Ex.ma commissão já conhece, original do »Ex.mo Sr. Manuel Pedro de Faria Luna.

»As condicções que o proponente apresenta são as seguintes: A com»missão reconhece desde já como official o modelo da referida medalha »e promoverá que ao proponente seja garantido um privilegio segundo »as disposições legaes.

»O proponente cederá gratuitamente à commissão, alem de dois exem»plares em cada um dos metaes em que se fizer a cunhagem, mais cem »medalhas do maior tamanho em bronze, de que a commissão poderá »dispor livremente.

»O preço de venda das medalhas e o seu diametro será regulado de »accordo entre a commissão e o proponente.

»Deus guarde a V. E. Lisboa 18 de Janeiro de 1898 — *J. A. Almier*».

b) «Lisboa 25 de Março de 1898. Ill.mo e Ex.mo Sr. Presidente da Com»missão Executiva do Centenario da India: Remetto a V. E. incluso a »photographia da medalha commemorativa para fazer o devido registo »na repartição de marcas d'este desenho para qualquer tamanho. Deus »guarde a V. E. Por m/tio J. A. Almier — *Alfredo Joaq.m d'Almd.a Rebello*».

c) «Lisboa 3 de Junho de 1898. Ex.mo Sr. Conselheiro Luciano Cor-»deiro. N'esta. Ex.mo S. Conforme o que hontem convinei (sic) com V. E., »remetto o medalhão e factura, e bem assim o certificado que V. E. indi-»cou. Devo porem participar a V. E. que este negocio das medalhas não »deu resultado para me indemenizar das despezas que occasionaram, por »isso reservo-me o direito de fundir mais medalhões em bronze ou em »qualquer outro metal conforme as encomendas. Muito grato a V. E. »pelos muitos favores que me tem dispensado subscrevo-me com a maior »consideração de V. E. M.to Att.o e Obg.mo *J. A. Almier*».

Acompanhavam esta carta os dois documentos que se seguem:

d) «Almier-Joalheiro. R. Aurea, 176 — Lisboa 3 de Junho de 1898 — »A Dg.ma Commissão Central Executiva do Centenario da India — Deve »1 Medalhão de prata commemorativo do centenario da India modello »official de 115 m/m. cinzelado pelo M.mo proffessor G. B. Cristofanetti — »150.000».

e) «Lisboa 3 de Junho de 1898. Declaro que o medalhão de prata »commemorativo do centenario da India, modello official, adquirido pela »Dg.ma Commissão Central Executiva do mesmo Centenario, é o unico de »115 m/m cinzelado pelo M.mo proffessor G. B. Cristofanetti. Lisboa 3 de »Junho de 1898 e oito. *J. A. Almier*».

Note-se que a medida do medalhão de prata indicada nestes documentos, não condiz com a do nosso exemplar, que mede 107 milímetros; por isso, ou está errada, ou então refere-se a um outro exemplar que o Sr. Almier mandou fazer.

Relacionando e ampliando o conteudo destes documentos — unicos que encontrámos [1] — com várias informações que nos foram dadas por várias pessoas, podêmos chegar às seguintes conclusões:

A medalha foi feita por iniciativa da comissão executiva do centenário, a qual delegou o encargo de a mandar fabricar e concedeu o exclusivo de a vender, ao Sr. J. A. Almier, então estabelecido na rua do Ouro, n.º 176, em Lisboa, com loja de ourivesaria e objectos de Toledo. O modelo foi executado pelo artista italiano, residente tambem em Lisboa, o Sr. Giovanni Baptista Cristofanetti, segundo um desenho, que este artista

---

[1] Um documento que não encontrámos, mas que deve ter existido e cuja falta é bastante sensivel, é o contrato entre a comissão e o ourives Almier.

A falta de outros documentos, pode explicar-se por ter sido tratado e combinado verbalmente quasi tudo o que se relacionava com a medalha.

Centenario da India

MEDALHA OFFICIAL

DA

Commissão Central Executiva do Centenario

PREÇOS

Medalha	*prata*	n.º 1	50 m/m ..	7$500	
»	»	» 2	30 m/m ..	2$500	
»	»	» 3	22 m/m ..	1$500	
»	*cobre*	» 1	50 m/m ..	2$000	
»	»	» 2	30 m/m ..	1$200	
»	»	» 3	22 m/m ..	800	
»	*ouro*		30 m/m ..	£ 5	(effectivas)
Medalhão (800 gr.)	*prata*		110 m/m ..	150$000	
»	*bronze*		110 m/m .	5$000	

PEDIDOS

J. A. ALMIER - joalheiro - Aurea, 176

que tem o exclusivo
ou á Commissão Central Executiva do Centenario
na *Sociedade de Geographia*

Fig. n.º 13

alterou levemente, executado pelo tenente do exercito, Manuel Pedro de Faria Luna.

O primeiro medalhão de prata que se fez era destinado à Sociedade de Geographia, à qual chegou a ser remetido pelo editor, acompanhado de uma factura, em que ia indicado o respectivo custo de 150$000 rs., e de um outro documento, em que se declarava que daquele metal, e cinzelado, se não tinha feito mais nenhum outro exemplar.

Não tendo querido, porêm, a Sociedade de Geografia, adquirir o medalhão, o Sr. Almier mandou fazer um outro igual, ficando, portanto, com dois em seu poder. Ambos êles foram cinzelados pelo Sr. Cristofanetti.

Esses medalhões tiveram o seguinte destino: um deles foi comprado ao editor (Almier), pelo Sr. Conde do Almarjão, e veio depois a pertencer-nos, em virtude de uma troca que fizemos com este nosso amigo; o outro foi comprado, passados alguns anos depois do centenário, pelo Sr. Comendador Eduardo Bruno, director do Crédit Franco-Portugais, para o oferecer ao Vice-Almirante da marinha italiana, o Sr. Coltelletti, quando este oficial veio ao Tejo a comandar um navio de guerra da sua nação.

A assinatura do Sr. Cristofanetti que figura no nosso exemplar, foi feita a nosso pedido. Está, porêm, pouco legivel por não haver no medalhão lugar apropriado para ela.

Os medalhões de bronze são fundidos e cinzelados. Fizeram-se alguns em Lisboa, para experiencia, e os restantes em Barcelona, por conta do Sr. Almier, nas oficinas de Masriera, onde tambem se gravaram os cunhos e se fez a cunhagem das medalhas, de 50, 30, e 22 milímetros. Numa delas, na de 50 milímetros, lê-se a assinatura: OLÁ, que é, talvez, a de algum dos gravadores que trabalhavam na referida oficina.

Das de 30 milímetros chegaram a cunhar-se seis exemplares de ouro, não se tendo cunhado mais por se terem partido os cunhos.

Consta que muitas medalhas foram pelo Sr. Almier abandonadas na Alfandega de Lisboa, onde depois se venderam em leilão.

Pelo modelador da Academia de Belas-Artes, o Sr. Venancio Rodrigues de Andrade, foram feitos, segundo nos consta, uns medalhões de barro, com o tipo do reverso parecido com o do dos exemplares atrás descritos, tendo, porêm, as respectivas faces gravadas em dois discos separados um do outro.

Por ocasião das festas do centenário o Sr. Almier fez distribuir uns impressos, cujo modelo fizémos reproduzir na *figura* n.º 13 *(Estampa K)*, com a indicação dos preços por que vendia os vários exemplares da medalha.

N.º 309 — 1898 — **Outra, comemorativa do quarto Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: DESCOBRIMENTO DA INDIA. As letras desta legenda são bastante grandes. Busto de Vasco da Gama, voltado de perfil para a esquerda, com o seu característico barrete, e vestido com um casaco cuja gola é de peles e bastante larga. Ao peito ostenta o hábito da Ordem de Cristo.

℞. — Na orla, uma corda com seis nós; no campo, em cima, numa linha curva, a legenda: QUARTO CENTENARIO, e no exergo, que não está limitado por friso, numa linha curva, os milésimos: 1498.1898. Vista do mar com tres navios que teem cruzes da Ordem de Christo gravadas nas velas, estando os dois primeiros colocados nos primeiros planos, e o terceiro ao longe, do lado esquerdo, perto da linha do horizonte. Do lado direito, junto da orla, avista-se uma porção de terra.

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c.

N.º 310 — **Outro exemplar** igual ao antecedente.

Æ. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer, por especulação mercantil, pelo Sr. Joaquim Nunes da Cunha, proprietário da conhecida ourivesaria da Rua Nova da Palma, n.os 100 a 106, em Lisboa. O desenho do tipo foi executado pelo pintor Casanova; os cunhos foram gravados em Paris e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Lisboa. O diâmetro desta medalha é igual ao das moedas de 500 réis, tendo sido intencionalmente adótado para se poderem, por economia, aproveitar na cunhagem as chapas e virolas que serviam para as referidas moedas.

Fizeram-se exemplares de prata, de cobre, e alguns de ouro.

N.º 311 — 1898 — **Outra, comemorativa do quarto Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a seguinte legenda, que tem um florãozinho em cada extremidade: VASCO DA GAMA. Busto de Vasco da Gama, quasi de frente, e vestido com o fato e barrete caracteristicos. Ao peito ostenta o hábito da Ordem de Cristo.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: CENTENARIO DA INDIA, e no arco inferior, no lugar do exergo, que não está sepa-

rado por friso, os milésimos: 1498-1898. Armas Riais Portuguesas modernas, parecidas com as das moedas de 500 réis de El-Rei D. Luis, entre duas palmas que teem os pés ligados com um laço e as folhas ornamentadas com dois ramos, sendo o do lado esquerdo, de louro e o do lado direito de carvalho.

AR. Diâmetro: 30,5 milímetros. M. b. c.

N.º 312 — Variante da medalha antecedente. Anverso: igual.

℞. — Reprodução do tipo do anverso da moeda, o *Português*, de El-Rei D. Manuel I: ao centro, que é limitado por uma circunferência de traço liso, as Armas Riais Portuguesas, do tempo de D. Manuel I, entre duas arruelas; e na orla, em duas circunferências, separadas por uma outra de pontos, a legenda, que começa em cima, e é precedida de uma cruz: I EMANVEL: R: PORTVGALIE: AL: C: VL: IN: A D: G || C. N: C ETHIOPIE: ARABIE: PERSIE: I:

AR. Diâmetro: 30,5 milímetros. M. b. c.

N.º 313 — Outro exemplar.

Aluminio. M. b. c.

Os cunhos destas duas ultimas medalhas foram mandados fazer no estrangeiro, por especulação mercantil, pelo conhecido fabricante de condecorações, o Sr. Frederico Gaspar da Costa.

N.º 314 — 1898 — Outra, comemorativa do quarto Centenário do descobrimento da India. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em cima: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA. No campo, em cima, aos lados do tipo, os milésimos: 1498-1898. Em baixo, do lado direito, sobre as ultimas letras da palavra, *descoberta*, a assinatura: FREIRE G.R (Gravador). O Arcanjo S. Rafael, com as ásas abertas, a segurar: com a mão direita, uma espada que tem a ponta voltada para baixo, e com a mão esquerda que está erguida, uma cruz processional; voltado quasi de frente, e de pé, no meio de um barco que está ornamentado na prôa, com uma esfera armilar, e na pôpa, com uma ancora e as Armas Riais do tempo de El-Rei D. Manuel I. O barco está colocado de modo que a pôpa fica voltada para o observador; tem

duas velas pequenas e um mastro, em cujo tôpo se prende uma flamula. Navega no alto mar, onde tambem se divisa ao longe, do lado direito, um navio de vela.

℞. — Na orla, que está separada do centro por uma circunferência de traço liso, a legenda, assim dividida: no arco superior: VASCO DA GAMA, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos: MISSA NA PRAIA DO RESTELLO. Quadro que representa: um padre, ajudado por um sacristão, a celebrar missa num altar coberto com docel, que se ergue do lado direito sobre dois degraus, e um numeroso grupo de guerreiros armados de lanças e ajoelhados, a assistirem ao acto. No lado esquerdo, vê-se uma bandeira fixada numa das lanças, e do lado direito, divisa-se ao longe, por entre o altar e a orla um navio de vela. Em dois postes que sustentam o docel estão fixados escudos das Armas Portuguesas, tendo, alem disso, o poste do lado esquerdo, presa no topo, uma flamula. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, lê-se a assinatura: FREIRE G.[R]

Æ. Diâmetro: 27 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi editada por especulação mercantil, e mandada executar nas suas próprias oficinas, pelo Sr. Freire, conhecido gravador estabelecido em Lisboa, na Rua do Ouro.

N.º 315 — Variante da medalha antecedente. Anverso: igual.

℞. — Na orla, que está separada do centro por uma circunferência de traço liso, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e não tem interrupção: FABRICA DE FUMOS DE DOMINGOS MARTHO & C.ª SANTOS. Esta ultima palavra está escrita em baixo, entre duas cruzinhas. No campo, em cima, em tres linhas, sendo a primeira e a ultima curvas: VASCO || DA || GAMA; e em baixo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, do lado direito, em duas linhas, a assinatura: FREIRE G.[R] || LIS[A]. Sobre o friso, lê-se ainda: MISSA NO RESTELLO. O tipo é igual ao da medalha antecedente: representa um padre a dizer missa num altar coberto com docel, e muitos guerreiros armados de lanças e de joelhos a assistirem ao acto. Em cima tem adaptado um ornato de metal recortado, no qual se liga uma argola.

AR. Diâmetro: 27 milímetros. M. b. c. Não é comum.

N.º 316 — Outro exemplar igual ao antecedente; mas sem ornato nem argola.
Aluminio. M. b. c.

Esta medalha, para cujo anverso se aproveitou o cunho da medalha antecedente, foi como ela feita nas oficinas do Sr. Freire, em Lisboa, mas por encomenda do Sr. Domingos Martho, que é um português, natural de Celorico de Basto (1), que em 1882 foi para o Brazil, contando 10 ou 11 anos de idade, para ali se dedicar à vida comercial. Em 1889 (ou 90), o Sr. Martho fixou residencia em Santos, onde em 1891 fundou uma fabrica de Tabacos (fumos), de sociedade com um outro português, natural da ilha da Madeira, Antonio Teixeira Goes, a qual teve primitivamente o titulo de: *Fabrica de Fumos de Goes & Martho*, e depois o de *Fabrica de Fumos de Domingos Martho & Comp.ª*, por ter então passado a fazer parte da sociedade mais um outro socio, Antonio Ferreira Coelho.

O Sr. Martho mandou fazer estas medalhas de ouro, de prata e de aluminio, para as distribuir como brinde e reclame pelos seus fregueses, sendo a distribuição das de aluminio feita ao acaso e a das de ouro e prata, sómente aos fregueses que maiores despesas fizessem na casa, durante cada periodo de seis meses. Os fregueses estavam, para esse efeito, agrupados em quatro classes: proprietários de armazens por atacado; proprietários de mercearias; proprietários de quiosques; e diversos, sendo destinada uma medalha de ouro e outra de prata para cada uma das classes. O apuramento final fazia-se por meio de talões ou senhas, que se entregavam aos fregueses à medida que estes iam fazendo as suas compras. Quasi todos os exemplares de ouro e de prata e alguns de aluminio, tinham em cima um ornato e argola.

A cunhagem foi de cerca de 20 exemplares de ouro, de 400 de prata, e de 1000 de aluminio.

N.º 317 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda: VASCO (do lado esquerdo), DA GAMA (do lado direito). Por fóra da legenda, circunferência

(1) E' actualmente proprietário do *Café: Rendez-vous des Thermes*, em Vizela, onde costuma residir, pelo menos no verão. Foi o próprio Sr. Martho que nos ofereceu os dois exemplares da medalha e que tambem nos deu as informações que lhe dizem respeito.

de pontos. Busto de Vasco da Gama, quasi de frente, com um barrete bastante inclinado para trás, e gola de peles.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: CENTENARIO DA INDIA. No exergo, que está separado por friso, numa linha horisontal, os milésimos: 1498-1898; e por baixo destes, a assinatura: LAUER. Por fóra da legenda, na orla, circunferência de pontos. Dois navios antigos, com mastros, flamulas, algumas velas, e bandeiras; colocados a par e com as pôpas quasi voltadas para o observador.

Em cima tem uma saliência com orificio onde gira uma argola.

Æ. Diâmetro: 27 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita em Nuremberg, certamente por especulação mercantil, nas oficinas de Lauer [1], não sabemos se por encomenda de alguem de Portugal.

N.º 318 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda: VASCO DA GAMA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: LUIZ DE CAMÕES. Bustos destes dois ilustres personagens, conjugados e voltados à esquerda. O busto de Vasco da Gama, que está no primeiro plano, tem um vestuário simples e o cabelo penteado para a frente; está descoberto, e ostenta ao peito uma insignia suspensa no pescoço por um cordão; o busto de Camões está laureado e tem gorjal de fôlhos.

℞. — Na orla, que está despolida e separada do centro por uma circunferência de pontos, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e não tem interrupções: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA 1498·1898. Estes dois milésimos estão escritos em baixo, e separados um do outro por uma estrelinha. Armas Riais Portuguesas, do tempo de El-Rei D. Manuel I, assentes na Cruz da Ordem de Cristo.

Em cima tem uma saliência com orificio e argola.

Alumínio. Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Lamas: *Medalhas Camonianas*, n.º 27 (estampa).

---

[1] Vid. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, *s. v.* Lauer, Ludwig Christoph.

N.º 319 — **Outro exemplar**, sem argola, nem saliência.
Alumínio. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer por especulação mercantil, pelo Sr. E. Baptista, proprietário da casa editora de medalhas, intitulada: *A Mascotte*, situada na Rua do Ouro, em Lisboa.

N.º 320 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda, que tem em cada extremidade um florãozinho entre dois pontos: VASCO DA GAMA; e no arco inferior os milésimos, 1498-1898, separados um do outro por um florãozinho entre dois pontos. Busto de Vasco da Gama, de frente, com barrete e traje característicos, e com os bigodes compridos e descaídos. Ao peito ostenta a Cruz da Ordem de Cristo.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: 4.º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA. No exergo, que não está separado por friso, um florãozinho entre dois pontos. Navio antigo, a navegar obliquamente para a esquerda, com flamulas nos mastros, e com as velas enfunadas.

Em duas destas estão gravadas cruzes da Ordem de Cristo.

No alto tem vestigios de saliência para argola.

AR. Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c.

N.º 321 — **Outro exemplar.**
Alumínio. M. b. c.

N.º 322 — **Outro exemplar** com o mesmo tipo, mas com menor módulo. Em cima tem saliencia sem orificio, para argola.
PB. Diâmetro: 18 milímetros. M. b. c.

N.º 323 — 1898 — **Outra comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: D. VASCO — DA GAMA. Busto de Vasco da Gama, voltado de per-

fil para a esquerda, com a cruz da Ordem de Cristo gravada no peito, gola de peles, tufos nas mangas e barrete diferente do que habitualmente se vê em outros retratos, *(sem gomos)*.

℞.—Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e não tem interrupção: IV CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA 1898. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso, á maneira de exergo, em duas linhas, sendo a primeira horizontal e a segunda curva, mais o seguinte: 1498 || INDOSTÃO. No mesmo espaço, do lado esquerdo, junto do friso, a assinatura: C. GAMA. Tanto este espaço como o tipo estão num circulo limitado por uma circunferência feita com traço burilado para imitar, talvez, uma corda. Vista de mar com uma esquadra de cinco navios de vela, e vários barquinhos que, vistos atravez de lente, parecem ser indianos, não só pela sua fórma, como tambem, pelos ornatos que teem gravados nos costados. Ao fundo, avista-se uma praia na qual se erguem algumas torres, uma ermida, e arvores. Em cima tem saliencia e orificio destinado a argola.

AR. Diâmetro: 24 milímetros. M. b. c.

N.º 324—1898—**Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda: JUBILEU PATRIOTICO, e no arco inferior: 1498-1898. Busto de Vasco da Gama, de frente, com barrete, gola de peles, tufos nos ombros, e a cruz da Ordem de Cristo gravada no peito.

℞.—Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo: SE MAIS MUNDO HOUVERA LA CHEGARA. No exergo, que não está separado por friso, entre as extremidades da legenda, uma esfera armilar a envolver a cruz da Ordem de Cristo. Vista de mar com uma esquadra de seis navios de vela. No campo em cima, do lado direito, um Templo. Em cima tem saliência com orificio para argola.

AR. Diâmetro: 19,5 milímetros. M. b. c.

N.º 325—1898—**Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda: VASCO DA GAMA. Busto de Vasco da Gama, de frente, com barrete, gola de peles, tufos nos ombros e a cruz da Ordem de Cristo

gravada no peito. No campo, por cima do ombro esquerdo, a assinatura: G.r (Gravador?) GAMA.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: PRAIA DO RASTELLO e no campo, em cima, do lado esquerdo: 1497. No exergo, que está separado por friso, em duas linhas, sendo a primeira horizontal e a segunda curva: 1898 || CENTENARIO. Vista de mar com uma esquadra de sete navios de vela e cinco escaleres. No campo, em cima, um Templo. O tipo desta face assemelha-se muito ao da medalha antecedente, e um tanto, pela ideia, ao da outra anterior.

AR. Diâmetro: 16,5 milímetros. M. b. c.

Supomos que estas tres ultimas medalhas foram feitas no Porto, onde reside um gravador com o apelido Gama. Apesar de só duas delas estarem assinadas, depreende-se, pela semelhança dos tipos, que todas tres são do mesmo autor.

N.º 326 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, circunferência arqueada. Busto de Vasco da Gama, quasi de frente, com barrete, gola de peles, e uma cruz da Ordem de Cristo pendente do pescoço por uma fita. Por baixo do busto, no lugar do exergo, que não está separado por friso, os milésimos: 1498 1898. Não tem legenda nesta face.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DA INDIA. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um floräozinho. Navio antigo, voltado à direita, com tres mastros encimados por flamulas, e uma só vela, em que está gravada uma cruz da Ordem de Cristo, do lado da prôa.

AR. Diâmetro: 17,5 milímetros. M. b. c.

N.º 327 — **Outro exemplar** igual ao antecedente, mas envolvido por um aro de prata, com forma de cordão, ao qual está soldada uma argolinha do mesmo metal.

AR. escurecida. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer, por especulação mercantil, pelo Sr. Joaquim Augusto dos Anjos, proprietário de uma ourivesaria que existiu na Rua de D. Pedro V, junto da Praça do Principe Rial. Os cunhos

foram gravados pelo Sr. José Sergio Carvalho da Silva e o desenho do tipo foi executado pelo pintor, o Sr. David Estrela de Melo. Cunharam-se cerca de 45000 exemplares, sendo alguns de ouro e os outros de prata. Cada um destes ultimos tinha o preço de cem réis.

Os dois primeiros exemplares de ouro foram oferecidos aos Soberanos, e os cem primeiros de prata, ao Rial Instituto de Socorros a Naufragos (1).

N.º 328 — 1898 — Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India. Na orla, que está limitada por uma circunferência de traço liso, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida em cima: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA. Em cima, as Armas Riais portuguesas, do tempo de El-Rei D. Manuel I, a cortarem a circunferência. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, do lado direito, a assinatura: FREIRE. G.R (Gravador). Do lado direito, cinco personagens, de pé numa praia (do Restelo), sendo um deles ainda criança; do lado esquerdo, um escalér, tripulado por quatro remadores, sobre o qual estão de pé dois outros personagens, um dos quais segura uma bandeira, e devendo um deles representar Vasco da Gama. Ao fundo, avistam-se duas caravelas com flamulas nos mastros e cruzes da Ordem de Cristo gravadas nas velas, que estão enfunadas.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: VASCO DA GAMA, e no arco inferior, no lugar do exergo, que não está separado por friso: RECORDAÇÃO. A seguir a esta palavra, a assinatura: FREIRE G.R No campo, de um e outro lado do tipo, os milésimos: 1498-1898. Estátua que representa Vasco da Gama, de pé.

Æ. Diâmetro: 17 milímetros. M. b. c.

N.º 329 — Outro exemplar.

PB. M. b. c.

Esta medalha foi editada, e mandada fabricar nas suas próprias oficinas, pelo Sr. Freire, conhecido gravador estabelecido na Rua do Ouro, em Lisboa.

---

(1) Deu-nos estas informações o Sr. João Anjos, editor e fabricante de medalhas, estabelecido na Rua Larga de S. Roque, que é filho do Sr. Joaquim Augusto dos Anjos acima mencionado.

N.º 330 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, que começa em baixo: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um ponto. Busto de Vasco da Gama, de frente, com o barrete caracteristico, gola de peles, e o hábito da Ordem de Cristo pendente do pescoço por uma fita. No campo, junto do corte do busto, os milésimos: 1498-1898.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um florãozinho. Navio, cuja pôpa está voltada a tres quartos para o observador, com dois mastros encimados por flamulas e duas velas grandes enfunadas, tendo cada uma destas gravada uma cruz da Ordem de Cristo.

AR. Diâmetro: 17,5 milímetros. M. b. c.

N.º 331 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda: TALENT DE BIEN FAIRE. Busto de Vasco da Gama, de frente, com barrete, gola de peles e uma cruz da Ordem de Cristo gravada no peito.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e não tem interrupção: POR MARES NUNCA D'ANTES NAVEGADOS 1498. Navio, voltado de lado para o observador, com uma só vela na frente, e com tres mastros, encimados por flamulas e fixados ao casco por meio de várias cordas que neles se prendem nas pontas.

AR. Diâmetro: 16,5 milímetros. M. b. c.

N.º 332 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** No arco superior da orla, a legenda: VASCO DA GAMA. Busto de Vasco da Gama, (bastante semelhante ao da medalha antecedente), de frente, com barrete, gola de peles e uma cruz da Ordem de Cristo gravada no peito. No campo, do lado esquerdo, por cima do ombro, a assinatura: G.r (Gravador) GAMA.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: CENTENARIO DA INDIA, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos, os milésimos: 1497 - 1898, separados por um florão. Dois escudos ovais, obliquamente dispostos, tangentes em baixo,

e encimados por uma coroa rial, contendo, o do lado esquerdo, as armas do Municipio de Lisboa (um galeão), e o do lado direito, as armas de Portugal. Os escudos estão fixados numa espécie de ornato a que os franceses chamam *cartouche*.

AR. Diâmetro: 16,5 milímetros. M. b. c.

Supomos que estas duas ultimas medalhas foram feitas no Porto, pois que é nesta cidade que reside um gravador com o apelido Gama.

N.º 333 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na Orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: DESCOBRIMENTO DA INDIA. Busto de Vasco da Gama, de frente, com barrete, gola de peles, e o hábito da Ordem de Cristo pendente sobre o peito.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: QUARTO CENTENARIO, e no arco inferior, no lugar do exergo, que não está separado por friso, os milésimos 1498 . 1898, separados por um ponto. No centro, que está limitado por duas cordas cujas pontas se enleiam aos lados, está colocado, no primeiro plano, um navio que tem: a popa voltada para o observador, as velas enfunadas, e uma cruz da Ordem de Cristo gravada numa destas. Ao longe, avistam-se, de um e outro lado, mais dois navios com as velas enfunadas.

AR. Diâmetro: 16 milímetros. M. b. c.

N.º 334 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: 4.º CENTENARIO DE VASCO DA GAMA. No exergo, que não está separado por friso, o milésimo: 1898. Busto de Vasco da Gama, com o tronco de frente e a cabeça levemente voltada à esquerda, com barrete, gola de peles e uma cruz da Ordem de Cristo gravada no peito.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e não tem interrupção: DESCOBREM NOVOS MARES E NOVAS TERRAS 1498. Cruz da Ordem de Cristo, com uma esfera armilar fixada na frente, estando nesta ultima gravadas, em tres linhas irregularmente dispostas, as seguintes palavras: AFRICA || INDIA || PORTUGAL.

AR. Diâmetro: 15,5 milímetros. M. b. c.

N.º 335 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: VASCO DA GAMA DESCOBRIDOR DA INDIA. Busto de Vasco da Gama, voltado levemente para a esquerda, com barrete, tufos nas mangas, e a cruz da Ordem de Cristo gravada no peito.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: 1498–4.º CENTENARIO–1898. No exergo, que está limitado por friso, junto deste, do lado direito, a assinatura: A.R. (Alves do Rego, Domingos). Vista de mar, com dois navios do lado esquerdo, e um terceiro mais afastado, todos eles com velas, e com as popas voltadas para o observador. No horizonte, do lado direito, o sol a nascer.

AR. Diâmetro: 15,5 milímetros. M. b. c.

N.º 336 — **Outro exemplar,** envolvido por um aro de prata com forma de cordão, o qual tem em cima vestigios de espigão para nele se adaptar argola. É feito com outro cunho, porque a assinatura do gravador está apenas indicada por um R. (Rego).

AR. M. b. c.

Esta medalha foi uma das que mais abundantemente se venderam por ocasião do centenário. Foi feita pelo habil gravador da Casa da Moeda de Lisboa, o Sr. Domingos Alves do Rego.

N.º 337 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, a legenda, assim dividida: no arco superior: GLORIAS LUSITANAS, e no arco inferior: VASCO DA GAMA. Busto de Vasco da Gama, com o tronco de frente e a cabeça levemente voltada à esquerda, com barrete, gola de peles, e a cruz da Ordem de Cristo gravada no peito.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: CENTENARIO DA INDIA, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões, os milésimos: 1497 - 1898, separados tambem um do outro por um terceiro florão. Ao centro, a cruz da Ordem de Cristo. Em cima tem uma saliência na qual está adaptada uma argola movel.

AR. Diâmetro: 14 milímetros. M. b. c.

N.º 338 — 1898 — **Outra, comemorativa do Centenário do descobrimento da India.** Na orla, circunferência de perolas. No campo,

em duas linhas curvas, estando uma por cima do tipo e outra por baixo, a legenda: VASCO DA GAMA. || 1498-1898. Busto de Vasco da Gama, com bastante relevo especialmente no peito, de frente, com barrete, gola de seda (?), e o hábito da Ordem de Cristo, pendente do pescoço por uma fita.

℞. — Na orla, em toda a volta, circunferência de perolas e no arco superior, a legenda: 4º CENTENARIO DA DESCOBERTA DA INDIA. No exergo, que é muito pouco espaçoso e que está separado por friso, lê-se, no meio, o milésimo: 1898, e do lado direito, junto do friso, a assinatura: V. (Venancio) FEZ.

Vista da torre de Belem, rodeada pelo mar, no qual se vêem dois navios com as velas enfunadas, estando um deles colocado ao centro, no primeiro plano, e o outro do lado esquerdo.

Æ. Galvanoplastia. Diâmetro: 103 milímetros. M. b. c.

Esta medalha (ou medalhão), cujo trabalho é bastante tôsco, foi executada pelo antigo empregado da Imprensa Nacional, Domingos Venancio. Todos os exemplares foram feitos pelo processo da galvanoplastia, genero de trabalho a que o seu autor muito se dedicava.

N.º 339 — S. d. — **Outra, relacionada com o Centenário do descobrimento da India.** Caixilho circular de prata dourada, com argola, no qual está metida uma placa em que se vê o busto de Vasco da Gama, esmaltado com diversas côres, sendo o fundo encarnado.

Diâmetro: 19,5 milímetros. M. b. c.

N.º 340 — S. d. — **Outra, relacionada com o Centenário do descobrimento da India.** Caixilho de prata dourada, com argola, no qual está metida uma placa, esmaltada com diversas côres, e dividida por uma linha vertical, em duas partes desiguais, contendo a do lado esquerdo, que é a mais estreita, o busto de Vasco da Gama, e a do lado direito um navio.

Diâmetro: 19,5 milímetros. M. b. c.

Estas duas ultimas medalhas foram mandadas fazer pelo Sr. Vitaliano Cesar de Jesus, nas suas oficinas de ourivesaria, situadas na Rua da Prata.

N.º 341 — 1899 — **Com.ᵛᵃ da celebração do Centenário de Garrett em Paris.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo, e é interrompida em cima e no exergo: LA COLONIE PORTUGAISE CÉLÈBRE — A PARIS LE CENTENAIRE DE GARRETT. No exergo, que não está separado por friso, numa linha horizontal, a data: 4 FÉVRIER 1899. Busto de Garrett, voltado à esquerda, com traje civil, colarinho alto, e laço ao pescoço. No campo, do lado direito, junto do córte do busto, a assinatura: TH. COSTA.

℞. — Vista de mar no qual se vê no primeiro plano, a *Inspiração*, representada por uma mulher mergulhada até um pouco para cima da cintura, voltada à esquerda, nua, laureada, com o cabelo caído para as costas, a fronte levemente erguida, e os olhos cerrados; o braço direito está erguido e recurvado, e a respectiva mão pendente sobre a cabeça e a apontar para esta com quatro dedos; com a mão esquerda, segura uma lira, enfeitada com duas flores, e em parte mergulhada, tambem, na agua.

Ao fundo, do lado direito, avistam-se vários rochedos, e do lado esquerdo, vê-se o sol poente, do qual irrompem alguns raios, por entre nuvens. Na orla, em baixo, do lado esquerdo, a assinatura: H. DUBOIS ‖ INC., e do lado direito: *th. Costa Inv.*

No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção (prova de ter sido cunhada na Casa da Moeda de Paris).

BR. prateado. Diâmetro: 68 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. I, p. 460, s. v. Costa, Th.; e p. 634-636, s. v. Dubois, Henri (estampas); *Le Portugal à l'Exposition* (1900), (estampada tres vezes, em maiores proporções e sem legendas, respectivamente a pgs. 109, 270 e 316).

No ultimo livro acima citado, *Le Portugal à l'Exposition*, encontram-se as seguintes noticias referentes a esta medalha:

a). *Pag. 270* — «La médaille de Garrett — La colonie portugaise de »Paris s'etant réunie le 4 février 1899, dans la salle de la Société de Géo»graphie, pour y célébrer le centenaire du poète insigne le vicomte d'Al»meida Garrett, a décidé la frappe d'une médaille commémorative de cette »solennité.

»M. Thomas Costa, sculpteur portugais du plus grand mérite, a bien »voulu se charger de modeler cette médaille dont la gravure a été confiée »à l'éminent graveur français H. Dubois.

»Cette médaille, un véritable petit chef-d'œuvre, mesure 68 millimètres »de diamètre, et sera frappée à la Monnaie de Paris.

»Les personnes qui désireraient se procurer un exemplaire de cette »médaille pourront s'adresser au trésorier du comité: M. le Dr Cisneiros »Ferreira, 14, rue Joubert, à Paris, ou bien chez MM. Bragança e Moniz, »49, rua do Ouro, Lisbonne (1).

»La légende qui entoure la médaille est la suivante:

»«La Colonie portugaise célèbre à Paris le centenaire de Garrett, 4 »février 1899».

»Les conditions de la vente sont les suivantes:

»Bronze...........................	fr. 6	»	
»Bronze argenté.....................	8	50	
»Bronze doré........................	12	50	
»Argent............................	28	»	environ
»Argent doré........................	34	»	»
»Or................................	853	»	»

»Les 21 premiers exemplaires seront numérotés et vendus aux prix »suivants:

»Bronze..................................	20	francs	
»Bronze argenté..........................	23	»	».

b). «Copia da acta da ceremonia da cunhagem da Medalha Garrett» (sic). Pag. 316.

O original deste documento acha-se actualmente arquivado na Bibliotéca Nacional (secção de manuscritos, caixa n.º 31 — doc. n.º 1), onde o fomos consultar, para fazermos por ele a transcrição (2):

«Aos quatro dias do mez de Fevereiro de mil oitocentos e noventa e »nove, a Colonia Portugueza de Paris festejou, na Salla da Sociedade de »Geographia d'esta cidade, o primeiro centenario do nascimento do poeta »portuguez Visconde d'Almeida Garrett. Esta festa consistiu n'um sarau »litterario e artistico que foi presidido pelo escriptor publico francez o Sr. »Catulle Mendes, e com a assistencia do Exmo Encarregado de Negocios »de Portugal o Ex.mo Sr. Antonio Maria Bartholomeu Ferreira.

---

(1) Até este ponto é a presente noticia acompanhada da respectiva tradução em português, estando a página, para isso, dividida em duas colunas

Depois continua, só em francês, em toda a largura da página.

(2) Este mesmo documento já foi por nós publicado no nosso trabalho: *Portugal no Cabinet des Médailles*, a seguir à descrição da medalha n.º 43.

»Para recordação indelevel d'essa solemnidade, deliberou a Colonia »Portugueza mandar cunhar uma medalha commemorativa, de cujos mo»delos se encarregou o esculptor portuguez Thomaz Costa, e cuja gravura »foi feita pelo gravador francez Henri Dubois.

»Os primeiros exemplares d'essa medalha foram cunhados na Casa »da Moeda de Paris em presença do Exmo Sr Dr Antonio Maria Bartho»lomeu Ferreira, primeiro secretario da Legação de Sua Magestade Fide»lissima, e do Ex.mo Sr. Domingos d'Oliveira e Silva, Consul de Portugal »em Paris.

»Esta acta foi lida na occasião da cunhagem e é assignada pelas pes»soas que assistiram a essa ceremonia, que teve logar na Casa da Moeda »de Paris aos dez dias do mez de Novembro de mil e novecentos.

»Antonio Maria Bartholomeu Ferreira — Antonio de Portugal de Fa»ria — A. da Silva Lisboa — Xavier de Carvalho — A. de Souza — Dr (?) »J M Cisneiros Ferreira».

Contém este documento mais o seguinte: reconhecimento das assinaturas feito pelo Consul Domingos de Oliveira e Silva, o selo do Consulado de Portugal em Paris, o carimbo da Biblitéca Nacional de Lisboa, e vários registos.

c) Pag. 316, a seguir à cópia da acta:

«Justification des 21 ([1]) premières Médailles numérotées

»0. — Bronze (épreuve) Dr. Cisneiros Ferreira.

»1. — Bronze doré.
»2. — Bronze argenté. } S. M. le Roi de Portugal.
»3. — Bronze.

»4. — Bronze. — Son Excellence M. le Ministre de Portugal à Paris.

»5. — Bronze. M. D. d'Oliveira e Silva. Consul de Portugal à Paris.

»6. — Bronze argenté. } M. A. de Portugal de Faria.
»7. — Bronze argenté.

»8. —
»9. —
»10. — } Bronze argenté.
»11. —
»12. —
»13. —

»14. — Bronze. — M. A. de Portugal de Faria.

»15. — Bronze. — M. le Colonel Paiva d'Andrada.

([1]) Na lista que se segue a numeração termina em 20, mas como começa em zero, atinge, na realidade, o n.º 21.

»16. — Bronze. — M. Bartholomeu Ferreira. 1[er] secrétaire de la Légation de Portugal.

»17. —
»18. — Bronze.
»19. —

»20. — Bronze. — Bibliothèque Nationale de Lisbonne». Segue-se a lista dos preços, que já transcrevemos da pag. 270.

N.º 342 — 1899 — **Com.**[va] **do Centenário da Sebenta.** Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: CENTENARIO DA SEBENTA. Em baixo, tambem na orla, o milésimo: 1899, separado das extremidades da legenda por dois pontos. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, um môcho, de ásas abertas. Ao centro, uma *menina*, com a cabeça substituida por uma *sebenta* aberta, de pé e de frente, a dar a mão direita à *mãe*, a celebre tricana *Marrafa*, e a esquerda ao *pai*, o *Manuel das barbas* (dono de uma litografia que durante muitos anos existiu no Largo da Feira, em Coimbra), o qual tem na cabeça um chapeu de abas largas e na mão esquerda uma bengala.

No campo, em cima, um ponto de interrogação, que se refere à data do *nascimento* da *Sebenta*, do qual se projectam raios sobre as tres figuras.

℞. — Vista da parte superior da torre da Universidade, sobre a qual se vêem, uma bandeira estreita presa a um mastro, e uma cabra com um grande chocalho ao pescoço (alusão a um dos sinos daquela torre, que vulgarmente é conhecido pelo nome de *cabra*). Não tem legenda nesta face. No alto tem uma saliência em que se prende uma cadeiazinha de dois élos.

AR. Diâmetro: 20,5 milímetros. M. b. c. Não é comum.

Esta curiosa medalha foi editada, por especulação mercantil, pelo Sr. Manuel Martins Ribeiro, conhecido ourives estabelecido em Coimbra, na Rua do Visconde da Luz, n.º 75, tendo sido ele próprio quem gravou os cunhos, e fez a cunhagem num aparelho a que os franceses chamam *martinet*.

Fizeram-se cerca de mil exemplares de prata e mais de mil de estanho, que se venderam, respectivamente a 200 réis e 80 réis cada um. A venda fez-se por ocasião do *centenario*, não só na loja do Sr. Ribeiro, como tambem nas ruas, tendo sido desta ultima encarregado um conhecido moço de fretes, de apelido Vaz.

Os cunhos ainda hoje estão em poder do Sr. Ribeiro, juntamente com um outro que ele havia feito anteriormente como ensaio, para ser aplicado numa das faces da medalha, mas que foi posto de parte. Representa um estudante de pé.

Pelo mesmo autor foi feita em 1905 uma outra medalha do mesmo género desta, para comemorar o *enterro do Grau* (1). Vid. adiante, no lugar correspondente à data nela indicada, a respectiva descrição.

*

O *Centenário da Sebenta* (2) foi uma festa altamente espirituosa e humoristica que a Academia de Coimbra levou a efeito, nos dias 28, 29 e 30 de Abril de 1899 — frequentávamos então o 5.º ano da Faculdade de Direito —, com os fins de: expandir ruidosamente a alegria própria da mocidade, ferir de morte a velha e anacrónica *Sebenta* e criticar o abuso da celebração de centenários.

Foi uma festa tipica e original, que só póde ser bem compreendida por aqueles que conhecerem o meio em que ela se realisou; no entanto, dela poderá fazer-se ideia vaga, lendo-se os jornais da época que a relataram, e o livro de Trindade Coelho: *In illo tempore*, pgs. 195 sgs.

Nada faltou para que a parodia aos centenários fosse completa: houve selo-anuncio, medalha comemorativa, bilhetes postais ilustrados, *registos*

---

(1) Todas estas informações nos foram verbalmente dadas pelo próprio autor das duas medalhas.

(2) A *Sebenta* era uma folha de papel mole, dobrada em 8.vo, que continha a prelecção do lente reproduzida pela litografia. Em tempos idos, era raro passar de oito páginas; mas depois aumentou tanto, que chegou a atingir trinta e duas e mais, sendo as ultimas vulgarmente denominadas, *resto*.

A distribuição fazia-se por fôlhas, à medida que estas iam saindo da máquina, e era tão morosa que, começando, em regra, ao cair da noite, só terminava a altas horas, havendo até exemplos de só terminar no dia seguinte, quasi à hora da entrada para as aulas! A esta demora aludem os seguintes espirituosos versos do *fado da Sebenta*, feitos por Lopes Vieira:

«Quando nasceu a Sebenta
»Não veio só de uma vez:
»Nasceu ás oito e quarenta
»E o resto saiu às dez».

Por causa da *Sebenta* travou-se, em 1883, uma notavel polémica entre Camilo Castelo Branco e o Dr. Calisto, lente de Direito, na qual tambem tomou parte o Sr. Dr. José Maria Rodrigues, então estudante de Teologia.

Vid. a critica da *Sebenta* num folheto de 41 pgs. intitulado : *A Sebenta*, publicado em Lisboa por ocasião do *centenário*.

com a *Santa Sebenta*, mudança de nomes de ruas, recepção, banquete, revista naval, sarau, cortejo, inauguração de um monumento ao inventor da litografia, hino, fado, etc.

Durante aqueles tres dias parecia estar-se em pleno carnaval. Pelas ruas havia extraordinaria animação e tocavam-se, até mesmo durante a noite, dezenas de *Zé-Pereiras* (bombos), que se foram buscar a diversas terras da provincia.

Os estudantes naturais de Braga, mascarados, executaram com muita ordem, a dança do *Rei David*, e os de Aveiro, vestidos à moda da sua terra, tocaram em vários instrumentos. O estudante Ramalho apareceu explendidamente caracterisado de *Conde de Burnay*.

No sarau representou-se o espirituoso *Auto da Sebenta*, orignal de Lopes Vieira, executaram-se os bailados da opera *Gioconda*, e o orfeon cantou o hino e o fado da *Sebenta* e várias peças de musica.

A estátua do inventor da litografia era feita de sebo, e assentava num pedestal ornamentado com uma capoeira de galinhas e hortaliças.

O cortejo, em que figuraram carros alegóricos originalissimos, saiu do Páteo da Universidade e destroçou-se no Largo da Feira, depois de ter percorrido as principais ruas da cidade.

O barqueiro *Rato*, mascarado de almirante, assumiu o *comando* da *esquadra* do Mondego, da qual fazia parte um *magnifico couraçado*... forrado de lona.

A *Marrafa*, celebre tricana distribuidora de *sebentas*, muito conhecida de várias gerações académicas, e o *Manuel das barbas*, dono de uma antiga litografia situada no Largo da Feira, desempenharam os papeis de *pais* da *Sebenta*.

Um dos principais promotores de todos estes festejos foi o nosso condiscipulo Alexandre Correia Teles de Araujo e Albuquerque.

N.º 343 — 1900 — **Com.va da inauguração do primitivo monumento de Sousa Martins.** Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: A JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS. No exergo, um florão, e por cima deste a assinatura: SILVA. Vista do primitivo monumento de Sousa Martins, que se erigiu em Lisboa, o qual se compõe de uma coluna, encimada pelas Armas Riais portuguesas, ornamentadas com uma coroa de louro e uma bandeira, e assente num pedestal em cuja frente está colocada a estátua de Sousa Martins, sentada e vestida de professor. Aos lados do pedestal ha duas carrancas a deitarem agua pelas bocas, para duas con-

chas de pedra. No chão está sentado um menino, com um cesto de flores junto de si e em atitude de oferecer uma flôr ao eminente medico, estando para isso com o braço direito erguido. Na frente do pedestal, lê-se, por baixo da estátua, a seguinte inscrição, em quatro linhas horizontais: A || SOUSA MARTINS || POR || SUBSCRIPÇÃO PUBLICA.

℞. — Na orla, circunferência de perolas. No campo, dentro de uma coroa feita com dois ramos de carvalho, que teem as pontas separadas e os pés ligados por um laço, a seguinte inscrição, em sete linhas horizontais: ERIGIDO || EM || LISBOA || AOS || VII DE MARÇO || DE || MCM.

Æ. Diâmetro: 60 milímetros. M. b. c.

Bibl.: *O Seculo*, de 7 de Março de 1900 (estampa); *Diario de Noticias* da mesma data (estampa).

Os cunhos desta medalha foram gravados, por ordem da comissão promotora da erecção do monumento de Sousa Martins, pelo Sr. José Sergio de Carvalho e Silva. O modelo do tipo do anverso foi executado pelo escultor-medalheiro, o Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho).

Desta medalha, cuja tiragem foi bastante limitada, fizeram-se tres exemplares de prata para as Pessoas Riais, e uns tantos de cobre, que estiveram à venda, pelo preço de 2$000 réis cada um, na loja do estofador, o Sr. Alcobia, na Rua Nova do Carmo, em Lisboa (1).

*

Por iniciativa do Sr. Casimiro José de Lima, organizou-se uma comissão composta de amigos e admiradores do Dr. José Tomás de Sousa Martins, com o fim de, com o produto de uma subscrição publica, mandar erigir um monumento àquele eminente médico.

A 7 de Março de 1900, fez-se a inauguração solene do monumento, que estava colocado no Campo dos Mártires da Patria em frente do edificio, ainda então a construir-se, da nova Escola Médica, assistindo a esse acto a Familia Rial, o Governo, a Côrte, a Camara Municipal e muitos convidados (2).

---

(1) Vid. o *Diario de Noticias*, de 7 e 8 de Março de 1900.

(2) Vid. os jornais da epoca.

O monumento, que tinha sido executado pelo escultor Aleixo Queiroz Ribeiro, desagradou, porêm, de tal modo que, algum tempo depois, foi destruido e substituido por um outro, feito pelo escultor, o Sr. Costa Mota.

Para comemorar o novo monumento foi pelo filho do autor deste, o Sr. José Pais da Costa Mota, modelada, a pedido do Sr. Lima, uma outra medalha, da qual apenas se fizeram cerca de dois ou tres exemplares pelo processo da galvanoplastia.

Tem o seguinte tipo, segundo a estampa que dela vem publicada no jornal: *O Seculo*, de 3 de Janeiro de 1908: No exergo, escrita numa tabela ornamentada, a legenda, em duas linhas: JOSÉ THOMAZ DE SOUSA || MARTINS. Vista da nova estátua de Sousa Martins e, ao fundo a da Escola Médica.

℞. — A seguinte inscrição, em tres linhas, escrita numa tabela ornamentada: do lado esquerdo, com um ramo de louro, em baixo, com um môcho de ásas abertas, e em cima com a taça simbólica com a competente serpente enroscada: POR SAUDOSA MEMORIA DE || JOSÉ THOMAZ DE SOUSA MARTINS || GLORIA DA MEDICINA.

N.º 344 — 1900 — **Com.ᵛᵃ do quarto centenário do descobrimento do Brasil, e dedicada ao povo Luso-Brasileiro, por Julius Meili**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIDOR DO BRAZIL. Busto de Pedro Alvares Cabral, um pouco voltado à direita, coberto com capacete, vestido com armadura, e manto que se suspende sómente sobre o ombro esquerdo, e em cujas pregas se lê em baixo, na orla, a assinatura do gravador, seguida do nome da cidade em que êle residia: HANS FREI. BÂLE. O braço direito está recurvado e cingido ao tronco, e a respectiva mão apoiada nos copos de uma espada da qual se não vê a lamina por estar cortada pela orla.

℞. — No arco superior da orla, a legenda, escrita sobre uma fita que tem as pontas recurvadas: AO POVO LUSO-BRAZILEIRO, e nas pontas da fita, a seguinte dedicatoria, escrita com letras cursivas, incusas: *O. e D* (do lado esquerdo), *Jul. Meili.* (do lado direito). No arco inferior da orla, esta outra legenda: PORTO SEGURO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO.

No campo, em baixo, o brazão das Armas de Portugal, do tempo de El-Rei D. Manuel I, entre os milésimos: 1500-1900, tendo cada um destes por baixo, um traço horizontal.

Em cima o emblema da republica brasileira, encimado pela

Medalha commemorativa
do 4º Centenario da Descoberta do Brazil,

offerecida e dedicada ao Povo Luso-Brazileiro.

PEDRO ALVARES CABRAL — DESCOBRIDOR DO BRAZIL. — Busto do illustre Capitão-Mór da Expedição, coberto de armadura e capacete. — Por baixo, em lettras minusculas, o nome do gravador Suisso HANS FREI, BÂLE.

PORTO SEGURO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO (interpretação da idea que os descobridores formarão da terra que tinhão achado, denominando-a Ilha da Vera Cruz em commemoração á festa que a igreja ia celebrar). — No campo quatro brazões: as armas de Portugal (forma das do reinado do venturoso D. Manuel), das quaes nascerão as armas do Reino Unido de Portugal e do Brazil e Algarves em 1816, as do Imperio independente do Brazil em 1822, e as da Republica dos Estados Unidos do Brazil em 1889. — Por baixo as duas datas **1500—1900** e em cima a dedicatoria AO POVO LUSO-BRAZILEIRO sobre uma fita, em cujas extremidades se vê em lettras cursivas incusas:

O e D

Jul. Meili.

Fig. n.º 14

data em que foi adoptado, 1889, e ornamentado em baixo com duas fitas, nas quais se lê a seguinte legenda: ESTADOS UNIDOS DO BRAZIL || 15 DE NOVEMBRO DE 1889. Do lado esquerdo as Armas Riais do tempo de El-Rei D. João VI, e do lado direito, as do Imperio do Brasil, encimadas respectivamente pelas datas em que foram adoptadas: 1816, 1822.

No bordo, tem gravado um punção, seguido da palavra: BRONZE, o que prova que a medalha foi cunhada na Casa da Moeda de Paris.

BR. prateado. Diâmetro: 57,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Archeologo Português, vol. V, pag. 120 (estampa acompanhada de um artigo do Dr. J. L. de Vasconcelos), e vol. VI. p. 209 (aditamento); Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 233 (estampa); *O Occidente*, de 30 de Abril de 1900 (estampa acompanhada de um artigo de Manuel Joaquim de Campos); Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. *Frei* (Hans), (estampa); Julius Meili: *Die Werke des Medailleur's Hans Frei in Basel*, p. 10, n.º 12 (descrição).

Esta medalha foi mandada fazer pelo falecido numismático suiço, Julius Meili (1), em homenagem ao povo Luso-Brasileiro. Os exemplares que dela se fizeram, e que Meili ofereceu a várias pessoas e bibliotécas, eram uns de prata, outros de bronze, sendo estes quasi todos prateados, e um de ouro, que Meili ofereceu a sua Esposa.

Os cunhos foram gravados pelo gravador, tambem suiço, Hans Frei, e a cunhagem, que foi bastante limitada, fez-se na Casa da Moeda de Paris.

Da distribuição em Portugal encarregou-se o falecido numismático, Manuel Joaquim de Campos, que foi uma das poucas pessoas contempladas com exemplares de prata.

A cada exemplar desta medalha juntou Meili um impresso com a respectiva descrição, o qual vai reproduzido em *fac-simile* na *figura* n.º 14 (*Estampa* L).

N.º 345 — 1900 — Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil. (*Mandada cunhar pelo Instituto*

(1) Vid. a noticia necrológica de Meili que publicámos no *Archeologo Português*, vol. XII, p. 362.

Historico-Geografico do Rio de Janeiro). No arco superior da orla, a legenda: DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, e no arco inferior: GLORIA Á PEDRO ALVARES CABRAL. Aos lados, ainda na orla, ha dois espaços rectangulares, limitados por frisos, e horizontalmente dispostos, nos quais se acham inscritos os milésimos: 1500 (do lado esquerdo) 1900 (do lado direito). No centro, que está limitado por quatro ramos de louro que teem os pés unidos por detrás dos espaços rectangulares acima referidos, está colocado o busto de Pedro Alvares Cabral, um pouco voltado à esquerda, descoberto, vestido com armadura, com gola de renda, e com um manto suspenso só no ombro direito. Em frente do peito agrupam-se: uma esfera armilar encimada por uma cruz, uma ancora, um compasso com as pernas curvas, um papel enrolado, e uma bússola com os quatro pontos cardiais assim indicados: N — S — W — O. Por baixo da esfera está horizontalmente colocada uma palma, sobre cujo pé se lê a assinatura do gravador: LAUER.

No segundo plano ha uma vista de mar, com um navio de vela, do lado esquerdo, e limitada ao fundo por uma série de montanhas.

No campo, em cima, do lado direito, vê-se a constelação do *Cruzeiro do Sul*.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, e não tem interrupção: INSTITUTUM HISTORIC. GEOGRAPHIC. IN URBE FLUMIN. CONDIT. DIE XXI OCTOBRIS A. D. MDCCCXXXVIII. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um florão, e, por baixo deste, a assinatura: LAUER. Entre o tipo e a orla, ha uma série de vinte e uma estrelas, alinhadas entre duas circunferências de traço liso. No campo, em cima, numa linha curva, a legenda: AUSPICE PETRO SECUNDO, e por baixo do tipo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo, em duas linhas horizontais: PACIFICA SCIENTIÆ || OCCUPATIO. Ao centro, uma figura de mulher, alada, voltada à direita, vestida, sómente da cinturra para baixo, com leves roupagens, com um manto, suspenso nas ásas e movimentado pelo vento, coroada de torres, descalça e agàchada, sobre a perna direita, junto de um bloco de pedra irregularmente talhado, que ela ampara por detrás com o braço esquerdo. Na pedra está gravado o n.º *21* para o qual a mulher aponta com um estilo que ela tem na mão direita.

O tipo desta face é o do emblema do Instituto Historico e Geográfico do Rio de Janeiro, referindo-se o n.º 21, gravado na

pedra e representado pelas estrelas, à data em que ele se fundou, que foi a *21* de Outubro de 1838.

Æ. bronzeado. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 231 (estampa).

Esta medalha, pelo que se depreende da assinatura que nela figura, foi feita em Nuremberg, na casa fundada por Ludwig Christoph Lauer (1).

No fascículo, ou tomo, da *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico do Rio de Janeiro, consagrado ao centenário do descobrimento do Brasil, devem encontrar-se devidamente registados os pormenores relativos à historia desta medalha, mas, infelizmente, tendo-o procurado em mais de uma bibliotéca, em que existem colecções da referida *Revista*, não o encontrámos nelas encorporado.

N.º 346 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** *(Mandada cunhar pelo Instituto Geográfico e Historico da Baía).* Na orla, a seguinte legenda que começa do lado esquerdo, em baixo: QUARTO CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, e em baixo, no lugar do exergo, entre dois florões, e separados por um traço, os milésimos: 1500-1900. Por fóra da legenda circunferência de pontos. Caravela com seis velas enfunadas, tendo cada uma destas gravada uma cruz da Ordem de Cristo. No mastro rial, que é encimado por uma cruz, está presa uma bandeira com as armas portuguesas do tempo de El-Rei D. Manuel I, e no outro mastro, prende-se uma flamula, com uma cruz.

No campo, vê-se o resplendor do sol, estando este oculto pelo navio.

℞. — Em tres linhas, a inscrição: INSTITUTO || GEOGRAPHICO E HISTORICO || DA BAHIA. A primeira linha é curva e está separada da segunda, que é horizontal, por um florão. A terceira linha, que está escrita na orla, em baixo, no lugar do exergo, é tambem curva e está separada da antecedente por um escudo encimado por uma estrela e atravessado obliquamente por uma banda em que se lê o moto: URBI ET ORBI. O campo é levemente radiado.

Æ. Diâmetro: 51,5 milímetros. M. b. c. Rara.

(1) Vid. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, *s. v.* Lauer, Ludwig Christoph.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 234 (estampa); *Revista Trimensal do Instituto Geographico e Historico da Bahia*, vol. VII, n.º 24, pag. 98, (descrição).

Da *Revista* que acabámos de citar, extraímos as seguintes notas: a celebração do quarto centenário do descobrimento do Brasil, foi promovida, na Baía, pelo Instituto Geográfico e Histórico que alí tem a sua séde, e levada a efeito por uma *comissão executiva*, pela qual foram organizados vários festejos e mandada cunhar a medalha acima descrita, cujo desenho havia sido apresentado pelo Dr. Brás do Amaral numa reunião da referida comissão, e aprovado numa outra reunião da mesma que se realisou, sob a presidencia e em casa do Dr. José Francisco da Silva Lima. A medalha destinou-se a ser distribuida pelas autoridades mais elevadas do país, e às sociedades congéneres do Instituto.

Cedendo ao pedido que lhe fez o Dr. Brás do Amaral, secretário da comissão executiva do centenário, na ocasião de terminar uma parada militar que fazia parte dos festejos, o governador do Estado, distribuiu alguns exemplares a certos personagens de categoria que a ela tinham assistido.

Ao que fica dito podemos ainda acrescentar, que, segundo nos informáram, a execução da medalha foi encomendada ao Sr. Henri Gris, gravador estabelecido em Lisboa, na Rua do Ouro, e que este encarregou o gravador da Casa da Moeda desta mesma cidade, o Sr. Domingos Alves do Rego, de gravar os cunhos.

N.º 347 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** No arco superior esquerdo da orla, a legenda: 1500 BRAZIL 1900, e no exergo, que está limitado por um tronco de arvore deitado no chão, numa linha curva: PRIMEIRA MISSA. Junto do tronco, do lado direito, a assinatura: LAUER. Por fóra da legenda, circunferência de pontos. Padre a celebrar missa num altar armado ao ar livre, junto de uma cruz, muito alta e espetada no chão, na qual está gravado em cima, o brazão de armas português, que só é visivel com auxilio de lente. Por detrás do padre, vê-se a figura de Pedro Alvares Cabral, de joelhos, e a segurar uma lança em cuja ponta se prende uma bandeira grande com a cruz da Ordem de Cristo gravada. Em frente, e ao lado do altar, assistem à missa, muitos

companheiros do grande navegador e alguns selvagens, dois dos quais estão de pé, do lado direito, junto de uma palmeira que se ergue perto da cruz. Ao fundo, do lado esquerdo, avista se o mar, com tres navios de vela.

℞. — Na orla, circunferência de pontos. Ao centro, a inscrição, em sete linhas horizontais: 1500 || DESCOBERTA || DO || BRAZIL || 4° CENTENARIO || 1900 || PERNAMBUCO. Por baixo desta ultima palavra, um travessãozinho.

Em cima tem saliência com orificio.

Æ. dourado. Diametro: 35 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 236 (estampa).

Depreende-se da assinatura que figura nesta medalha que ela foi feita em Nuremberg, na casa fundada por Ludwig Christoph Lauer ([1]).

N.º 348 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** Na orla, que está limitada por um cordão delgado, a legenda, assim dividida: no arco superior: DEUS, PATRIA E LIBERDADE, e no arco inferior, que daquele está separado por duas cruzinhas: BRAZIL. Ao centro, a esfera armilar assente numa cruz da Ordem de Cristo.

℞. — Na orla, que está limitada por um cordão delgado, a legenda, que começa em baixo e não tem nenhuma interrupção: SOC(iedade). COMM(emoradora). DO 4° CENT. DO DESCOBRIM^TO DO BRAZIL. Em baixo, entre as extremidades da legenda, uma cruzinha. No campo, mais a seguinte legenda, em duas linhas curvas, estando uma em cima, e a outra em baixo: SÃO VICENTE || ESTADO DE S. PAULO. Entre as extremidades das linhas, duas cruzinhas. Escudo de fantasia que tem inscritos, em duas linhas obliquas, os milésimos: 1500 || 1900.

Esta medalha tem no alto um apendice composto de dois liões, a segurarem uma chapinha circular, que tem na frente uma cruz, e à qual se liga, em cima, uma argolinha em que se

---

([1]) Vid. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists, s. v.* Lauer, Ludwig Christoph.

prende um gancho ornamentado com um lacinho de fita de seda verde e amarela (cores brasileiras).

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 237 (estampa).

N.º 349 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** — No arco superior da orla, a legenda: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DO BRAZIL. No semicirculo superior do campo, o busto de Pedro Alvares Cabral, voltado a tres quartos para a esquerda, por baixo do qual se lê, numa linha curva, a legenda: PEDRO ALVARES CABRAL. No semicirculo inferior, o brazão das armas portuguesas do tempo de El-Rei D. Manuel I, e o emblema da republica brasileira, colocados obliquamente e separados um do outro pelos pés de dois ramos de louro que os ornamentam por cima. Por baixo do brazão e do emblema, lêem-se, respectivamente, os milésimos: 1500-1900. A orla está separada do campo por uma corda que dá duas voltas aos lados, em forma de 8, e uma outra volta simples, em baixo, junto dos pés dos ramos de louro.

℞. — No arco superior da orla, o seguinte dístico, em duas linhas: A MASCOTTE — E. BAPTISTA || LISBOA (nomes da casa editora da medalha e do respectivo proprietário), e no arco inferior, no lugar do exergo, a legenda: A PRIMEIRA MISSA NO BRAZIL. Padre a celebrar missa num altar, armado ao ar livre junto de uma cruz muito alta que está espetada no chão, e na qual está gravado, em cima, o brazão de armas português, que só é visivel com o auxilio de lente. Por detrás do padre vê-se a figura de Pedro Alvares Cabral, de joelhos e a segurar uma lança em cuja ponta se prende uma bandeira com a cruz da Ordem de Cristo gravada. Em frente e aos lados do altar, assistem à missa muitos companheiros do grande navegador e alguns selvagens, dois dos quais estão de pé, do lado direito, junto de uma palmeira que se ergue perto da cruz. Do lado esquerdo vê-se uma outra palmeira. Ao fundo, do lado esquerdo, avista-se o mar com cinco navios.

O tipo desta face é muito semelhante ao do anverso da medalha supra descrita com o n.º 347, tendo sido ambos copiados do mesmo original que supomos ser um quadro a óleo.

Em cima tem uma saliência com orificio no qual gira uma argola.

Aluminio: Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer, por especulação mercantil, pelo Sr. E. Baptista, proprietário de uma casa editora de medalhas, intitulada: *A Mascotte*, situada na Rua do Ouro, em Lisboa.

N.º 350 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** Na orla, em duas circunferências concentricas, as seguintes legendas, que começam em baixo: MEDALHA COMMEMORATIVA AO (sic) 4.º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL — 22 DE ABRIL DE 1900 || HOMENAGEM DA GRANDE MANUFACTURA DE CIGARROS DE HENRIQUE BASTOS & C.º. Por fóra da legenda, circunferência de pontos. Busto de Pedro Alvares Cabral, voltado a tres quartos para a esquerda, descoberto, com barba em bico bastante comprida, com vestuário simples, e um pedaço de manto sobre o ombro esquerdo.

℞. — No arco superior da orla, a seguinte legenda, escrita em duas linhas curvas, sendo a segunda mais curta do que a primeira: PEDRO ALVARES CABRAL TOMANDO POSSE DO BRAZIL || A 22 DE ABRIL DE 1500. Na orla, por fóra da legenda, circunferência de pontos. Figura de Pedro Alvares Cabral, voltada à direita, com a fronte erguida, de pé e em atitude de dar um passo numa praia em que acabou de desembarcar; com a mão esquerda, que está estendida para a frente, segura uma lança em que se prende um estandarte que tem gravada uma cruz; e com a mão direita, segura os copos de uma espada que tem a ponta firmada no chão. Atrás dele seguem alguns dos seus companheiros tendo um deles uma espada na mão. Do lado direito vê-se um grupo de selvagens, agáchados, e ao fundo avista-se o mar, onde, do lado esquerdo, estão dois navios ancorados.

No bordo tem serrilha simples, e no alto, tem, sucessivamente: uma saliência com orificio, duas argolinhas de diferentes tamanhos, e um alfinete de segurança em que se prende, com

linha, um lacinho de fita de seda, verde e amarela (côres brasileiras).

PB. (?). Diâmetro: 30,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 243 (estampa).

N.º 351 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** No arco superior da orla, a legenda: PEDRO ALVAREZ CABRAL. Busto de Pedro Alvares Cabral, voltado de perfil para a esquerda, com o cabelo farto a encobrir-lhe as orelhas e a nuca, e com um vestuário simples. Por baixo do busto, duas ancoras cruzadas e dois ramos, um de louro, outro de carvalho.

℞. — Na orla, que está limitada por uma circunferência de pontos, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: 4.º CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRASIL. Em baixo, no lugar do exergo, entre dois pontos e separados por um traço, os milésimos: 1500-1900.

Navio de vela antigo, voltado a tres quartos para a direita, preso pela pôpa a uma corrente que mergulha na água, e com uma flamula atada numa corda.

Em duas velas e na flamula estão gravadas cruzes da Ordem de Cristo. Em cima tem saliência com orificio e uma argolinha de arame.

Aluminio. Diâmetro: 29,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 244 (estampa).

N.º 352 — **Variante da medalha antecedente.** Anverso: igual.

℞. — Legenda: igual. Tipo: Armas Riais Portuguesas, do tempo de El-Rei D. Manuel I, assentes numa cruz da Ordem de Cristo.

Tem orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 29,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti, *ob. cit.* n.º 245 (estampa).

N.º 353 — Outra variante da medalha n.º 351. Anverso: igual.

℞. — Orla despolida. Legenda: 4.º CENTENARIO DA DESCOBERTA DO BRAZIL. Em baixo os milésimos: 1500-1900, separados um do outro por uma estrelinha. Tipo: Esfera armilar assente numa cruz da Ordem de Cristo.

Tem orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 29,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *ob. cit.* n.º 246 (estampa).

N.º 354 — Outra variante da medalha n.º 351. Anverso: igual.

℞. — Legenda: igual. Tipo: emblema da republica brasileira assente numa cruz da Ordem de Cristo.

Tem orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 29,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *ob. cit.* n.º 247 (estampa).

Alem das variantes da medalha n.º 351 que acabámos de apontar, existe mais uma outra, que não possuimos, cuja estampa vem publicada na já citada obra da Senhora Viscondessa de Cavalcanti, sob o n.º 249.

A diferença consiste em ter o tipo do reverso substituido pela seguinte inscrição: 1000 || PRATA || SERÁ PAGO || O PORTADOR || NO || 5.º CENTENARIO || NA || CASA CYPRIANO. Na orla, que não está limitada por circunferência, a mesma legenda da do n.º 351.

N.º 355 — 1900 — **Outra, comemorativa do quarto centenário do descobrimento do Brasil.** Na orla, que está limitada por uma circunferência, a legenda, assim dividida: no arco superior: IV CENTENARIO DO DESCOBRIMENTO DO BRAZIL, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: MD - MDCCCC. No primeiro plano, um navio com as velas enfunadas, e com um só mastro encimado por uma bandeira, a navegar no alto mar, a tres quartos para a direita, e com cruzes da Ordem de Cristo gravadas nas duas velas de trás. Do lado direito, um pouco mais afastado do primeiro, navega um outro navio de vela, em direcção a uma montanha que se ergue ao fundo, e do lado esquerdo, divisa-se ainda um terceiro navio, proximo da linha do horizonte.

℞. — Na orla, que está separada do centro por uma circunferência, a legenda, assim dividida: no arco superior: INDEPENDENCIA DO BRAZIL, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: 7 DE SETEMBRO DE 1822. Vista de mar, e ao fundo um resplendor, ou aurora, em cujo foco se lê a palavra: LIBERDADE, escrita em arco. Na linha do horizonte divisam-se montanhas.

AR. Diâmetro: 20 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 248 (estampa).

Esta medalha foi editada e mandada fazer, por especulação mercantil, pelo Sr. Ernesto Taborda, conhecido esmaltador que durante muitos anos esteve trabalhando na oficina de condecorações do Sr. Frederico Gaspar da Costa, situada na Rua de S. Julião, em Lisboa. O desenho do tipo foi executado pelo filho do editor, o Sr. Humberto Taborda. Os cunhos, cremos que foram gravados pelo Sr. José Sergio de Carvalho e Silva, e a cunhagem, que foi avultada, fez-se no *balancé* do Sr. Frederico Gaspar da Costa.

Devido, talvez, ao facto de a medalha se ter vendido no Rio de Janeiro, na casa comercial de Laemmert, diz a Senhora Viscondessa de Cavalcanti (*ob. cit.* p. 119), por equivoco, que ela se fez por *commemoração* da referida casa.

Consta-nos que o editor teve um prejuizo de cerca de 400$000 réis com esta medalha.

N.º 356 — 1900 — Com.ª do Congresso Eucarístico de Goa. Medalha oval. Na orla, que está limitada por uma série de pontos, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: SAN FRANCISCO JAVIER RUEGA POR NOSOTROS. Ainda na orla, em baixo tres estrelinhas. Imagem de S. Francisco Xavier, voltada à esquerda, nimbada, paramentada e a conchegar ao peito, com a mão direita, um ramo de lirios.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo: RECORDAÇÃO DO CONGRESSO EUCHARISTICO. Em baixo, entre as extremidades da legenda, uma cruzinha. No centro, a inscrição, em seis linhas horizontais: REUNIDO EM ‖ GÔA ‖ EM ‖ 4 DE DEZEMBRO ‖ DE ‖ 1900.

Em cima tem saliência com orificio.

Æ. dourado. Eixo maior: 28 milímetros; eixo menor: 23. M. b. c.

O Congresso Eucarístico que esta medalha comemora, segundo um programa que dele temos presente, foi promovido pelo Rev.do Fr. Gaspar C. D., Director Geral da Liga Eucaristica de Sacerdotes para a India, e presidido pelo Arcebispo de Goa, Primaz do Oriente e Patriarca das Indias Orientais, D. Antonio Sebastião Valente.

A abertura soléne realisou-se no dia 4 de Dezembro de 1900 (dia imediato ao da festa de S. Francisco Xavier, Defensor do Oriente e Padroeiro de Goa), e as sessões, que foram quatro, realisaram-se nos dois dias seguintes (duas em cada dia). A cerimónia da abertura foi precedida de *uma procissão do clero com sobrepeliz, e dos Prelados com mitra, desde a Sé Primacial e Patriarcal, até à Igreja do Bom Jesus.* Nos dias das sessões celebraram-se missas de Pontifical, e proferiram sermões, entre outros, o Bispo de Cochim e o de Meliapor.

Em seguida ao encerramento, houve procissão do Santissimo Sacramento, *Te-Deum*, sermão, benção, e *concerto eucarístico*, em que se cantaram vários hinos apropriados.

No programa veem indicados, como se segue, os *temas* que deveriam ser discutidos no Congresso e os nomes dos respectivos relatores:

«1.º Thema: «*A Liga Eucharistica. Seu auxilio ao Sacerdote no seu* »*munus*» pelo Ex.mo e Rev.mo Sr. D. Pedro José Hurth, C. S. C. Bispo de »Dacca. — 2.º Thema: «*O dia da primeira communhão deve ser o grande* »*dia da vida do christão*» pelo M.to Revd.º P.e N. Rondy, Vigario Geral »de Coimbatore... — 3.º Thema: «*A communhão frequente*» pelo Revd.º »F. Romulo, O. C. — 4.º Thema: «*Missa diaria e Visitas ao Santissimo* »*Sacramento*» pelo Revd.º P.e Manoel Campos, S. J... — 5.º Thema: »«*Procissões Theophoricas*» pelo Revd.º P.e W. Wallrath, S. J. — 6.º The»ma: «*Cuidado da Egreja, do Altar e do Tabernaculo*» pelo M.to Revd.º »P.e Polycarpo, C. D., Superior Regular».

N.º 357 — 1900 — **Com.va da representação de Portugal na Exposição Universal de Paris.** Placa com a forma aproximada à de um rectangulo, da qual apenas difere por ter um dos lados maiores (o superior), encurvado.

No campo: do lado esquerdo, a legenda numa linha: TROCADERO, e do lado direito, em tres linhas: RVE || DES || .NATIONS. Em baixo, tem mais esta outra legenda, escrita na frente de uma espécie de muro, em tres linhas horizontais: LE. PORTUGAL. || A L'EXPOSITION UNIVERSELLE. || — PARIS 1900 —. Um pouco abaixo e à direita deste milésimo, a assinatura do gravador :. T. SZIRMAÏ.

Ao centro, sobre o *muro*, um anjo de grandes proporções, de pé, entre dois pavilhões que representam aqueles que na exposição se destinaram a produtos portugueses, nu da cintura para cima, com o corpo de frente e a cabeça voltada à direita, laureado, a segurar uma coroa de louro com a mão direita, e a amparar, com a outra mão, a ponta de uma tuba em que está soprando; os braços estão estendidos e as ásas abertas, de modo que ficam colocadas por cima dos pavilhões.

No angulo do lado esquerdo, tendo junto de si as Armas Riais Portuguesas ornamentadas com um ramo de louro, está sentada a *Lusitania*, personificada numa mulher, vestida com leves roupagens, e manto, a amparar com a mão esquerda um globo e um papel desenrolado, e com uma ancora entre os pés. No angulo do lado direito, tendo junto de si uma prensa de fazer vinho e um cesto cheio de uvas, está sentada uma outra figura de mulher, vestida tambem com leves roupagens, com a perna esquerda colocada sobre a direita, com o cotovelo do braço esquerdo apoiado numa videira carregada de frutos, e a cabeça firmada na mão do mesmo braço, e com a outra mão a suspender um cacho de uvas por cima da prensa.

No arco do pórtico do pavilhão do lado esquerdo, lê-se o seguinte dístico:.COLONIES. || PORTUGAISES.

℞. — Liso.

Æ. Galvanoplastia. Comprimento: 88 milímetros; altura maxima: 63; altura minima: 45,5. M. b. c.

O autor desta medalha é um escultor-medalheiro hungaro residente em Paris, Tony Antoine Szirmaï, que se dedica especialmente ao fabrico de medalhas comemorativas de acontecimentos sucedidos em paises estrangeiros, com o fim de as vender aos coleccionadores desses paises. As medalhas e séries de medalhas, comemorativas das *representações das nações* em congressos e conferências internacionais, teem sido a sua especialidade; mas a par dessas tem feito muitas outras, comemorativas de factos própriamente locais, como por exemplo, aclamações de soberanos, inaugurações de monumentos, etc. Umas são cunhadas, outras, como a que acabámos de descrever, feitas pelo processo da galvanoplastia. Em algumas notam-se, nos respectivos tipos, figuras e detalhes aproveitados de outras, bem como alguns erros de redacção nas legendas. Para a nossa

colecção adquirimos umas tantas que se referem ao nosso país, mas deixámos de adquirir outras, por nos parecerem pouco interessantes [1].

N.º 358 — 1901 — **Com.va da visita Regia às Ilhas Adjacentes, e da Exposição na Ilha de S. Miguel.** Na orla, a legenda, que começa em baixo: VISITA REGIA ÁS ILHAS ADJACENTES. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um florão. No centro, que está limitado por uma circunferência de arquinhos, mais esta legenda, escrita em arco: D. CARLOS I REI E D. AMELIA RAINHA. Bustos conjugados dos dois Soberanos, voltados à esquerda. O busto de El-Rei, que está no primeiro plano, tem farda e ostenta ao peito quatro condecorações. Nele se lê com bastante dificuldade, por baixo da dragona, a assinatura: V. A. (Venancio Alves); o da Rainha está decotado e tem ao peito uma joia, pendente de um colar. Estes bustos são iguais aos que figuram nas moedas de dez tostões, comemorativas do centenário da India.

℞. — Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo: EXPOSIÇÃO NA ILHA DE S. MIGUEL. No exergo, que não está separado por friso, o milésimo: 1901, separado do começo da legenda por um florão. Ao centro, um açor, de ásas abertas, pousado num raminho de oliveira, com o corpo voltado um pouco para a esquerda, e a cabeça para a direita e envolvida por nove estrelas, que simbolisam as nove ilhas de que se compõe o arquipelago dos Açores.

Æ. prateado. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Occidente, de 30 de Julho de 1901, vol. XXIV, p. 163 (estampa); *Diario de Noticias*, de 12 de Junho do mesmo ano (estampa reduzida) [2]; Vid. tambem o jornal: *Portugal, Madeira e Açores*, onde a estampa da medalha vem reproduzida, junto do respectivo titulo, desde o n.º 913, de 29 de Outubro de 1903.

N.º 359 — **Outro exemplar.**

Æ. com a côr natural. M. b. c.

---

(1) Vid. a biografia do artista e a lista das suas obras, em Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. V, p. 721, sgs. s. v. Szirmaï.

(2) As estampas publicadas nos dois jornais que acabámos de citar, veem acompanhadas de breves noticias em que se diz que esta medalha se destinou a servir de premio na exposição de Ponta Delgada, o que não é exato, como adiante diremos.

Tanto este exemplar como o antecedente, foram-nos oferecidos pelo Sr. Venancio Alves.

Esta medalha comemóra não só a visita Regia às Ilhas Adjacentes, em 1901, como tambem a exposição que então se realizou em honra dos Soberanos em Ponta Delgada; mas não serviu para premiar os industriais que àquela concorreram com os seus produtos, como poderia supôr-se (1). Segundo o *programa geral* da exposição os premios que a *comissão promotora* concedeu, foram os seguintes: *diplomas* de medalha de ouro, *diplomas* de medalha de prata, diplomas de mérito, e prémios pecuniários. *O custo da medalha correspondente ao diploma seria pago pelo expositor que a pretendesse* (arts. 13 e 14).

De acordo com esta disposição, a comissão concedeu autorisação para mandar fazer a medalha e para a vender a quem quizesse compral-a, ao Sr. Antonio Palhares, proprietário de uma papelaria muito conhecida, situada na Rua do Ouro em Lisboa (2).

Deixando o estudo dessa medalha para o lugar que noutro volume do nosso trabalho lhe competirá, como medalha de galardão ou premio, continuaremos a ocuparmo-nos da que se destinou simplesmente a *comemorar* a visita régia e a exposição, a respeito da qual conseguimos saber o seguinte: os cunhos foram gravados: o do anverso pelo Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, e o do reverso pelo Sr. Domingos Alves do Rego, ambos gravadores da Casa da Moeda de Lisboa. A cunhagem fez-se neste estabelecimento, com autorisação do Ministro da Fazenda,

---

(1) No estudo das medalhas referentes à viagem régia às Ilhas, prestou-nos valioso auxilio, enviando-nos programas e catálogos referentes ao assunto, e fornecendo-nos importantes informações, o abalisado jurisconsulto e respeitavel advogado de Ponta Delgada, o Sr. Dr. Aristides da Mota, que foi tambem presidente da comissão dos festejos na Ilha de S. Miguel. Cumpre-nos, pois, deixar aqui registados os nossos agradecimentos ao Sr. Dr. Mota.

(2) Essa medalha contem o seguinte: no arco superior da orla, a legenda: VISITA DE SS. MM. EL-REI D. CARLOS 1.º E D. MARIA AMELIA, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: HONRA AO MERITO. Por cima destas tres ultimas palavras, o seguinte dístico: PALHARES — R. DO OURO — LISBOA. Escudos, com as armas de Portugal (do lado esquerdo), e as de Ponta Delgada, que se compõem de tres setas reunidas por um laço (do lado direito), colocados obliquamente, de modo que se tocam no alto, encimados por uma coroa rial e ornamentados com dois ramos, um de carvalho, outro de louro, cujos pés estão ligados com um laço.

R. — Na orla, a legenda que começa em baixo, do lado esquerdo: EXPOSIÇÃO D'INDUSTRIAS ARTES E SCIENCIAS E FEIRA FRANCA; no exergo, que não está separado por friso, entre dois florões, o milésimo: 1901. No centro, em cima, numa linha curva: ILHA DE S. MIGUEL, e em baixo, em duas linhas horizontais: PONTA DELGADA || AÇORES.

Açor com as ásas abertas, com o corpo de frente e a cabeça voltada à esquerda, e ornamentado por cima, com nove estrelas dispostas em curva. Diâmetro: 54 milímetros.

dada na Portaria de 22 de Abril de 1901, a pedido da comissão promotora dos festejos nas Ilhas. A distribuição fez-se, por oferta dessa comissão ás autoridades e a várias pessoas distintas.

O numero de exemplares que se remeteram para as Ilhas foi de 570 de cobre, sendo 45 prateados e 25 dourados, tendo cada um deles o seu estojo, e mais 4 de ouro.

Referem-se a esta medalha os seguintes documentos, existentes no arquivo da Casa da Moeda:

a) Oficio n.º 2952:

«Ill.mo Ex.mo Sr. Tenho a honra de informar V. Ex.ª relativamente »á projectada cunhagem de medalhas commemorativas da visita de Suas »Magestades ás ilhas dos Açôres, que o custo de 575 medalhas de co»bre, incluindo 50 prateadas e 25 douradas e competentes estojos, é de »500$000 réis, e que 4 exemplares das referidas medalhas em ouro, »pesando cada um approximadamente 180 grammas, importam, com os »estojos respectivos em 654$000 réis. Cumpre-me egualmente dizer a V. »Ex.ª que ha toda a conveniencia em que o diametro das medalhas de »que se trata não exceda cincoenta millimetros, isto a fim de simplificar »os trabalhos de gravura e cunhagem, em razão da escassez do tempo, mo»tivo este, que me leva tambem a pedir a V. Ex.ª se digne communicar»me com a maior brevidade possivel qualquer resolução sobre este as»sumpto.

»Deus Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado em 11 de »Abril de 1901.

»Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Director Geral da Thezouraria».

b) Registado sob o n.º 4390:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Accusando a recepção do officio de V. Exa. N.º »2952 de 11 do corrente tenho a honra de declarar a V. Exa. que por »despacho de Sua Exa. o Sr. Ministro da Fazenda de hontem ficou auc»torisada a cunhagem das medalhas de cobre e ouro commemorativas »da visita de S. S. M. M. ás ilhas dos Açores com o diametro designado »no mesmo officio. Rogo pois a V. Exa. se digne dar as instrucções ne»cessarias para que as medalhas fiquem promptas dentro do prazo indis»pensavel. Deus Guarde a V. Exa. Direcção Geral da Thesouraria 23 de »Abril de 1901. Illmo. e Exmo. Sr. Conselheiro Director da Administrac»ção Geral da Caza da Moeda = O Director Geral da Thesouraria = L. Pe»restrello de Vasconcellos».

c) Oficio n.º 3307:

«Illmo Exmo Sr. Afim de habilitar este Estabelecimento a fornecer »as medalhas commemorativas da visita de Suas Magestades ás ilhas dos »Açôres, de que trata o meu officio n.º 2952 de 11 de Abril ultimo, ve»nho rogar a V. Ex.ª se digne enviar-me uma ordem de pagamento pas»sada pela quantia de 1:154.000 reis, custo das referidas medalhas.

»Deus Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado em 27 de »Maio de 1901. Illmo Exmo Sr. Conselheiro Director Geral da Thezouraria».

d) Registado sob o n.º 4919:

«Illmo Exmo Snr. Foi-nos communicado por intermedio do Exmo »Governador Civil d'este Districto em 26 de maio ultimo que Sua Excel»lencia o Snr. Ministro da Fazenda auctorisara por seu despacho de 22 »d'abril a cunhagem das medalhas commemorativas da nossa Exposição »e proxima visita de Suas Majestades a esta ilha, pelo que tomamos a »liberdade d'ir rogar a V. Ex.^ia o favor do seu empenho para que as di»tas medalhas sejam aqui recebidas a tempo da abertura da Exposição »que deve ser a 8 de Julho proximo.

»O que muito agradecemos desde já a V. Ex.^ia

»Deus Guarde a V. Ex.^ia Ponta Delgada, 1 de Junho de 1901. Illmo »Exmo Snr. Conselheiro Augusto José da Cunha, D.^mo Director da Casa »da Moeda = O presidente da Commissão = Aristides Moreira da Motta».

e) Registado sob o n.º 4920:

—«Illmo. e Exmo. Snr. Declarando o Governador Civil de Ponta»Delgada que as medalhas, de que trata o officio enviado a V. Exa. em »23 de Abril ultimo, devem ser remettidas pelo paquete de 20 do corrente, »assim tenho a honra de o participar a V. Exa. rogando-lhe se digne dar »em conformidade as ordens necessarias. Deus Guarde a V. Exa. Direc»ção Geral da Thesouraria, 11 de Junho de 1901.

»Illmo. Exmo. Snr. Conselheiro Director Administrador Geral da Casa »da Moeda. = O Director Geral da Thesouraria. L. Perestrello Vascon»cellos».

f) Oficio n.º 4032:

—«Illmo Exmo Sr. Tenho a honra de remetter a V. Ex.ª uma caixa »contendo as seguintes medalhas commemorativas da visita de Suas Ma»gestades ás ilhas adjacentes:

» 4 medalhas de ouro
» 25 » » cobre dourado
» 45 » » » prateado
» 500 » » » bronzeado.

»As referidas medalhas vão acondicionadas nos competentes estojos.
»—Deus Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado em 19 de Ju»nho de 1901 —
»Ill.mo Ex.mo Sr. Conselheiro Director Geral da Thezouraria».

N.º 360 — 1901 — **Outra, comemorativa da visita Régia às Ilhas Adjacentes.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: D. CARLOS I REI E RAINHA D. AMELIA. No exergo, que não está separado por friso, um florão. Bustos conjugados dos dois Soberanos, voltados à esquerda. O busto de El-Rei, que está no primeiro plano, tem farda e ostenta ao peito quatro condecorações. No campo, por baixo deste busto, lê-se a assinatura: V. ALVES. O da Rainha está decotado e tem ao peito uma joia pendente de um colar. Estes bustos são iguais aos que figuram nas moedas de cinco tostões, comemorativas do centenário da India.

℞ — Dentro de uma coroa feita com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, que teem as pontas separadas e os pés ligados em baixo com um laço, a seguinte inscrição, em cinco linhas, sendo a primeira curva e as restantes horizontais: VIAGEM || ÁS || ILHAS || ADJACENTES || 1901.

Não tem a argola que lhe compete.

AR. Diâmetro: 32,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Realisada a viagem de SS. MM. às Ilhas Adjacentes em 1901, mandou El-Rei D. Carlos cunhar esta medalha, comemorativa desse acontecimento, supomos que para a distribuir particularmente às pessoas que o haviam acompanhado e a várias autoridades. Com o fim de ser submetido à aprovação do Soberano, fez-se para ela um projecto, cujo tipo, pelo que se depreende de uma estampa que vem publicada no jornal, *O Seculo*, de 28 de Agosto de 1901, apenas diferia do que se adoptou por ter a legenda do anverso assim redigida: CARLOS I REI E AMELIA RAINHA, e por ter a primeira linha da inscrição do reverso, horizontal e não curva.

Estas medalhas destinaram-se a serem usadas ao peito, sendo por isso providas de argolas, de fivelas, e de fitas cujas côres nos não foi possivel averiguar, pois que as pessoas a quem consultámos a tal respeito, ou não souberam responder-nos, ou nos disseram que se não recordavam, ao certo, se eram verde e branca (côres da Casa de Bragança), ou azul e branca (côres nacionais).

Os cunhos foram gravados pelo Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, primeiro gravador da Casa da Moeda, e a cunhagem fez-se neste mesmo estabelecimento, em virtude do *Despacho* do Ministro da Fazenda, de 19 de Novembro de 1901.

A respeito desta medalha publicou o jornal: *Portugal, Madeira e Açores*, n.º 808, de 26 de Agosto de 1901, a seguinte noticia: «Medalha »official commemorativa da viagem de Suas Magestades às ilhas adja»centes.

»Na casa da moeda estão sendo gravados os cunhos para uma meda»lha official, commemorativa da viagem de Suas Magestades às ilhas da »Madeira e Açores.

»Essa medalha será cunhada em ouro prata e cobre, e distribuida pe»las entidades que intervieram na referida viagem, como auctoridades, »civis ou militares, particulares, etc., etc., em recordação devida á inicia»tiva de Sua Magestade El Rei, que foi quem de facto, teve a idéa da sua »instituição.

»De um lado terá as effigies de El Rei e da Rainha, e do outro, entre »laureis, a legenda commemorativa da viagem».

Referem-se, tambem, a esta medalha, os seguintes documentos que se conservam no arquivo da Casa da Moeda:

a) Registado sob o n.º 2046:

—«Ill.mo e Ex.mo Snr. Tenho a honra de participar a V. Ex.ª para »seu conhecimento e effeitos convenientes, que Sua Ex.ª o Snr. Ministro »da Fazenda fez lavrar em 19 do corrente um despacho auctorisando a »Administração ao digno cargo de V. Ex.ª a cunhar cem moedas (sic, em »vez de medalhas) — commemorativas da visita de Suas Magestades ás »Ilhas adjacentes no anno corrente de 1901, sendo 50 de prata dourada »e 50 do mesmo metal sem revestimento, devendo todas ter o seu res»pectivo estojo, argola, fivela e fita. Deus Guarde a V. Ex.ª, Direcção Ge»ral da Thesouraria, 28 de Novembro de 1901 — Ill.mo e Ex.mo Snr. Con»selheiro Director da Adm.ção Geral da Caza da Moeda = O Director Ge»ral da Thesouraria = L. Perestrello de Vasconcellos».

b) Oficio n.º 1418:

—«Ill.mo Ex.mo Sr. Tenho a honra de communicar a V. Ex.ª que »se acha concluida a cunhagem das medalhas commemorativas da visita »de Suas Magestades ás ilhas adjacentes de que trata o officio de V. Ex.ª »de 28 de Novembro ultimo e bem assim que a mesma cunhagem im-

»portou, incluindo as respectivas argolas, fivellas, fitas e estojos em rs. »482,500.

»Rogo, portanto, a V. Ex.ª se digne enviar-me a necessaria ordem »de pagamento. Deus Guarde a V. Ex.ª Casa da Moeda e Papel Sellado »em 20 de Dezembro de 1901 — Ill.mo Ex.mo S. Conselheiro Director »Geral da Thezouraria».

c) — «Copia. Conta das despesas feitas com a cunhagem das meda- »lhas commemorativas da visita de Suas Magestades ás Ilhas Adjacentes »a que se refere o officio da Direcção Geral da Thesouraria, de 28 de »Novembro.

»Cunhos e argolas	220$000
»50 exemplares da medalha em prata dourada	100$000
»50 exemplares em prata	80$000
»50 fivellas de prata douradas, argolas e fita	25$000
»50 fivellas em prata, argolas e fita	17$500
»100 estojos em veludo	40$000
»Somma Rs	482$500

»Lisbôa e Casa da Moeda 19 de Dezembro de 1901.

»O 1.º gravador
»(a) Venancio Pedro de Macedo Alves».

As medalhas foram remetidas para a Direcção Geral da Tesouraria, acompanhadas do oficio n.º 1643, de 27 de Janeiro de 1902.

N.º 361 — 1901 — Outra, comemorativa da visita Régia ás Ilhas. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: D. CARLOS. I. E. D. AMELIA. REIS. DE. PORTUGAL. Bustos dos dois Soberanos, conjugados, voltados à esquerda. O busto de El-Rei, que está no primeiro plano, tem farda e ostenta ao peito quatro condecorações; o da Rainha está decotado e adornado com um colar duplo do qual pendem duas joias. No exergo, que não está separado por friso, ha uma coroa rial, colocada sobre o peito do busto de El-Rei, e ladeada por dois ramos de louro que ornamentam a parte inferior dos dois bustos. Esta face da medalha é igual à de uma outra, que mais adiante vai descrita, comemorativa da visita do Rei de Hespanha a Portugal, em 1903.

℞.—Na orla, que é mais saliente do que o centro, e que deste está separada por uma circunferência de pontos, dois ramos de louro, separados em cima, e ligados em baixo com uma fita cruzada. A superficie da orla está despolida. Ao centro, a seguinte inscrição, em sete linhas, sendo a 2.ª, e a 6.ª curvas e as restantes horizontais: MEDALHA || COMMEMORATIVA || DA || VIZITA. DE. S. S. M. M. || ÁS || ILHAS. ADJACENTES || 1901. Por baixo da inscrição, numa linha curva, o dístico: A MASCOTTE E·BAPTISTA-LISBOA. Em cima tem saliência com orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 29 milímetros. M. b. c.

N.º 362 — Outro exemplar com saliência e orificio, mas sem argola.
Æ. M. b. c.

Esta medalha, foi mandada fazer, por especulação mercantil, pelo Sr. E. Bátista, proprietário da conhecida casa editora de medalhas, intitulada: *A Mascotte*, situada na Rua do Ouro, em Lisboa.

*

A visita oficial de El-Rei, o Senhor D. Carlos, e da Rainha, a Senhora D. Amelia, às Ilhas Adjacentes, que foi um acontecimento bastante notavel, não só pela imponencia com que foi revestido, como tambem pelas provas de simpatia e respeito que os insulanos dispensaram aos seus Regios Hospedes, realizou-se no ano de 1901.

Os Soberanos partiram do porto de Lisboa, a bordo do cruzador *D. Carlos*, e acompanhados dos cruzadores, *D. Amelia* e *S. Gabriel*, em 20 de Junho; desembarcaram sucessivamente, nas principais ilhas, da Madeira e dos Açores, e regressaram ao continente em 14 de Julho seguinte. Em Ponta Delgada, onde foram esplendidamente recebidos, assistiram a vários festejos, e inauguraram, no dia 5 de Julho, uma exposição inter-insular, de industrias, artes, e sciencias e feira franca.

Segundo o respectivo programa, (art. 3.º *alinea g)*, um dos meios de custear as despesas dessa exposição, foi a venda da medalha comemorativa, supra descrita sob o n.º 358 (1).

(1) Os pormenores da viagem Régia às Ilhas veem minuciosamente relatados nos jornais da epoca: *Diario dos Açores; Portugal, Madeira e Açores; Seculo; Diario de Noticias*, etc. Vid. tambem, Alfredo Luis Campos: *Memoria da Visita Regia á Ilha Terceira*, livro que poderia ser muito util e interessante, se, em vez de tratar tão desenvolvidamente (até pag. 586), de historia geral do Reino, contivesse uma crónica completa ou pelo menos, mais ampliada, da viagem.

Alem das medalhas a que acabámos de nos referir, fizeram-se tambem uns medalhões de barro, duas ou tres variedades, para comemorarem igualmente a visita Regia às Ilhas. Deles tencionamos acuparmo-nos noutro volume do nosso trabalho, numa secção destinada a medalhões.

N.º 363 — 1901 — **Ded.ᵈᵃ ao Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas.** No arco superior da orla, a legenda: MANUEL FRANCISCO DE VARGAS, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: MINISTRO DAS OBRAS PUBLICAS. Busto do Sr. Conselheiro Vargas (com bastante semelhança), voltado de perfil para a esquerda, com traje civil e descoberto. Na secção do busto, do lado direito, a assinatura: V. A. (Venancio Alves).

℞. — Na orla, a legenda: ORGANISAÇÃO DA ENGENHARIA CIVIL. Em cada extremidade da legenda, um florão.

Ao centro, e tambem no exergo, que não está separado por friso, a seguinte inscrição, em cinco linhas horizontais: DECRETO || DE || 24 DE OUTUBRO || DE || 1901.

Æ. bronzeado. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Foi-nos oferecida pelo Sr. Conselheiro Vargas.

O busto que figura nesta medalha foi modelado pelo Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho), e gravado, bem como os letreiros, pelo Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, primeiro gravador da Casa da Moeda de Lisboa, onde se fez a cunhagem.

As noticias que se seguem referentes a esta medalha, foram extraídas de uns apontamentos que o nosso amigo, o Dr. José Leite de Vasconcelos, pôz ao nosso dispôr, não obstante tel-os reunido com o fim de os publicar num livro que está preparando.

O Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, nascido em Mértola a 23 de Novembro de 1849, bacharel formado em Matemática pela Universidade de Coimbra, e engenheiro civil pela Escola do Exercito de Lisboa, tendo sido nomeado Ministro das Obras Publicas em 1900, empreendeu, e levou a efeito, por Decreto de 24 de Outubro de 1901, uma nova reforma dos serviços de engenharia, de tal modo vantajosa para a classe dos engenheiros, que estes, na sua maioria amigos pessoais do ilustre Ministro, resolveram, como prova de gratidão, dedicar-lhe a medalha acima descrita, que eles mandaram cunhar por subscrição.

Para o Sr. Conselheiro Vargas cunhou-se um exemplar de ouro, que lhe foi entregue familiarmente, no gabinete do ministério, pelo decano dos engenheiros portugueses, o Sr. Silverio Pereira da Silva, na presença de vários colegas, e acompanhado da seguinte mensagem impressa:

«Os abaixo assignados, Engenheiros do Corpo de Engenharia Civil, »considerando que a organização dos serviços de Engenharia de Obras »Publicas e Minas, decretada em 24 de Outubro de 1901, representa para »a classe uma prova de apreço e consideração pelos seus serviços por »parte dos Altos Poderes do Estado, e entendendo que tal facto é digno »de registo perduravel, resolvem mandar cunhar uma medalha comme»morativa com a effigie do Ministro a cuja iniciativa se deve aquelle di»ploma e offerecer ao mesmo Ex.mo Ministro, Engenheiro Manuel Fran»cisco de Vargas, o unico exemplar que da referida medalha se cunhar »em ouro».

O Sr. Conselheiro Vargas, é não só um dos mais distintos engenheiros portugueses, na especialidade de caminhos de ferro, como tambem um erudito numismático. Possue uma importante colecção de moedas, que começou a organizar sendo ainda muito novo, e tem ultimamente publicado vários estudos sobre numismática arabico-hispanica.

N.º 364 — 1901 — **Com.$_{va}$ da visita de uns excursionistas portugueses a Mondariz.** Em cima, a primeira parte da legenda, escrita em duas linhas, sendo a primeira curva e a segunda horizontal: RECUERDO || DE; no exergo, que está limitado por friso, numa linha curva, a continuação da legenda: MONDARIZ. Ainda no exergo, do lado direito, junto do friso, a assinatura do gravador: E. RUIZ. Vista de um grande edificio moderno, que supomos ser o de qualquer *hotel* importante de Mondariz, em frente do qual ha um jardim.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: A LOS EXPEDICIONARIOS PORTUGUESES: e no arco inferior, entre seis florões, o milésimo: 1901. Por cima deste, a assinatura: E. R. Dois escudos, contendo o do lado esquerdo, que é encimado por uma coroa de torres, as armas do municipio de Mondariz (?), e o do lado direito, que é encimado por uma coroa rial, as portuguesas; colocados obliquamente, separados em cima por uma es-

trela radiante, e ornamentados, em baixo, com tres ramos de lôuro que teem os pés ligados com um laço. O escudo do lado esquerdo contem, ao centro, um calix rodeado de sete cruzes, e em volta a legenda: FIDEI FIRMITER. PROFITEMUR HOC. HIC. MISTERIUM.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c. Não é comum.

N.º 365 — 1902 — **Ded.ᵈᵃ à memoria do Dr. José Tomás de Sousa Martins.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo, e é interrompida no exergo: JOSÉ THOMAZ DE SOUZA MARTINS. No exergo, que não está separado por friso, um florão. Busto de Sousa Martins, voltado de perfil para a esquerda, descoberto, e com traje de professor da Escola Médica. Na secção do busto, a assinatura: SIMÕES.

℞. — Em seis linhas horizontais, a seguinte inscrição, um tanto desviada para o lado esquerdo, e ornamentada, do lado direito e em baixo, com dois ramos de louro: Á ‖ MEMORIA ‖ DO ‖ EMINENTE ‖ MEDICO ‖ PORTUGUEZ. Nos ramos de louro enleia-se uma fita na qual se lê, em baixo, o milésimo: 1902.

Æ. Diâmetro: 51,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Illustração Portugueza (1.ª serie), n.º 18, de 7 de Março de 1904, p. 274 (estampa).

Esta medalha foi feita pelo Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho), a pedido do Sr. Casimiro José de Lima. A cunhagem foi bastante limitada.

O Sr. Simões de Almeida executou esta medalha quando era ainda um simples praticante de gravura, e por um processo com o qual não simpatisava e que depois veio a pôr completamente de parte, o da gravura a buril. Em tais condições não podia, portanto, o distinto artista produzir uma obra tão perfeita, como muitas outras obras que veio a produzir, depois de ter estudado no estrangeiro os processos que modernamente se adoptam na execução da medalha.

N.º 366 — 1903 — **Com.ᵛᵃ das entrevistas de El-Rei D. Carlos com Eduardo VII.** Placa rectangular. Em cima, dois medalhões, contendo o do lado esquerdo, o busto de Eduardo VII e o do lado direito, o busto de El-Rei D. Carlos. Ambos os bustos estão fardados e voltados um para o outro.

Ao meio da placa e entre os medalhões, está colocado verticalmente um ramo de louro, que tem atada no pé uma fita, cujas pontas se prolongam horizontalmente para um e outro lado, por baixo dos medalhões, e nas quais se lêem as seguintes legendas incusas: EDWARD VII (do lado esquerdo), CARLOS I (do lado direito). No angulo inferior direito, a assinatura: TONY-SZIRMAÏ.

℞. — No angulo superior esquerdo, a legenda, em duas linhas horizontais: SIGNUM || MEMORIÆ. Vista de um terreno arborisado sobre o qual paira a figura de Mercurio, nua, voltada à direita, e a segurar com os dois braços estendidos uma tabela que está ornamentada por detrás com uma palma e que tem inscrita a seguinte legenda, em quatro linhas horizontais: 1902 || LONDON || 1903 || LISBON.

Æ. Galvanoplastia. Comprimento: 71 milímetros; altura: 55. M. b. c.

Esta medalha comemóra as visitas: de El-Rei D. Carlos, a Inglaterra, em 1902, e de Eduardo VII, a Portugal, em 1903. Foi feita em Paris, por espéculação mercantil, pelo conhecido escultor-medalheiro hungaro, Tony Szirmaï ([1]).

A figura de *Mercurio*, simbolo do *Comércio*, que nela está representada, significa que as visitas que os dois Soberanos, acima mencionados, fizeram um ao outro, contribuiram para o desenvolvimento comercial entre as nações que eles representavam.

N.º 367 — 1903 — **Com.ᵛᵃ da visita do Rei de Hespanha, D. Afonso XIII, a Portugal.** Na orla, a legenda: ALFONSO XIII (do lado esquerdo), CARLOS I (do lado direito). Bustos conjugados dos dois Soberanos, estando o de El-Rei D. Carlos no primeiro plano, voltados à esquerda, fardados e descobertos. O busto de D. Afonso XIII, ostenta ao peito os colares das Ordens: do Tosão de Ouro e da Torre e Espada; e o de El Rei D. Carlos, tem penduradas no casaco quatro condecorações. Na secção do braço deste ultimo, lê-se a assinatura: TONY A SZIRMAI.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: LISBOA BELEM CINTRA ESTREMOZ VILLA-VICIOSA (sic); no campo, por baixo do meio do arco formado pela legenda, ELVAS (nomes das localida-

([1]) Vid. retro, p. 414.

des visitadas pelo Rei de Hespanha). No exergo, que é um pouco saliente, em duas linhas horizontais, a data: 10 16 XII || 1903. Do lado esquerdo, a *Hespanha*, representada por uma mulher, descalça, vestida com leves roupagens, de pé, a amparar, com a mão direita, o escudo coroado das suas armas, que está apoiado no chão, por detrás dela, e a oferecer, com a outra mão estendida, tres lirios à *Lusitania*, que do lado oposto está representada por uma outra mulher, coroada e sentada, tambem descalça e vestida com leves roupagens, a qual tem a mão direita estendida para receber a oferta e a esquerda apoiada no escudo, sem coroa, das armas de Portugal. Entre este e a orla, lê-se a assinatura: TONY SZIRMAI. Ao fundo avistam-se: o campo, montes e o sol nascente e radiante. No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção, o que indica que foi cunhada na Casa da Moeda de Paris.

BR. Diâmetro: 55 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita em Paris, por especulação mercantil, pelo escultor-medalheiro hungaro alí residente, Tony Szirmaï [1].

N.º 368 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida no exergo: D. CARLOS. I. E. D. AMELIA. REIS. DE. PORTUGAL. Bustos dos dois Soberanos, conjugados, voltados à esquerda. O busto de El-Rei, que está no primeiro plano, tem farda e ostenta ao peito quatro condecorações; o da Rainha está decotado e adornado com um colar duplo do qual pendem duas joias. No exergo, que não está separado por friso, ha uma coroa rial, colocada sobre o peito do busto do Soberano, e ladeada por dois ramos de louro que ornamentam a parte inferior dos dois bustos. O tipo desta face é igual ao de uma outra medalha, comemorativa da visita Régia ás Ilhas Adjacentes, retro descrita sob o n.º 361.

℞. — Na orla, a legenda, que começa em baixo, do lado esquerdo e é interrompida no exergo: VISITA A PORTUGAL DE S. M. EL REY D'ESPAÑA. No campo, aos lados do tipo, e em duas linhas verticais: D. ALFONSO XIII || LISBOA-1903. No exergo, que não está separado por friso, numa linha ondeada, o dístico da

[1] Vid. retro, p. 414.

casa editora: A MASCOTTE — LISBOA. Busto do Rei de Hespanha, fardado, descoberto, e voltado de perfil para a esquerda.

No alto tem saliência com orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 28,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: José Leite de Vasconcelos: *Lista das Medalhas da Bibliotéca Nacional* (estampa).

Esta medalha foi editada por especulação mercantil pela conhecida casa: *A Mascotte*, situada na Rua do Ouro, em Lisboa.

*

A visita oficial do Rei de Hespanha, D. Afonso XIII, aos Soberanos Portugueses, que estas medalhas comemoram, realisou-se no ano de 1903. O Monarca do Reino visinho chegou a Lisboa, à estação do Rossio, no dia 10 de Dezembro, e dalí foi conduzido para o Palacio de Belem, num dos coches ricos da Casa Rial, em que iam tambem El-Rei, o Senhor D. Carlos e o Principe herdeiro, o Senhor D. Luis Filipe, e acompanhado de luzido cortejo. A Rainha, a Senhora D. Amelia e o Infante, o Senhor D. Manuel, aguardaram-no no Palacio.

Nos dias seguintes D. Afonso XIII, visitou sucessivamente: o Museu de Artilheria, o Castelo de S. Jorge e outros pontos da cidade, foi a Cintra, assistiu a vários festejos que em sua honra se realisaram, tais como: iluminações, récita de gala, no teatro de S. Carlos, banquete e baile, no Palacio da Ajuda, tiro aos pombos, etc., deu recéção na Legação de Hespanha e ofereceu um almoço ao Soberano de Portugal, a bordo do navio de guerra hespanhol, *Carlos V*.

No dia 14 foi com a Familia Rial para Vila Viçosa, onde tomou parte em algumas caçadas, e a 17 seguiu para Hespanha, num comboio que partiu da estação de Elvas [1].

N.º 369 — 1904 — **Com.va da fundação do Instituto Central da Assistencia Nacional aos Tuberculosos.** Na orla, que é bastante espaçosa e está limitada do centro por uma circunferência de pontos, a legenda, assim dividida: no arco superior: ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS; e no arco inferior, que daquele está separado por dois florões: 11 DE JUNHO DE 1899.

[1] Vid. os jornais da epoca.

Busto da Rainha, a Senhora D. Amelia, com o tronco quasi de frente e a cabeça de perfil para a esquerda, e com um vestido rico decotado. Ao peito, do lado esquerdo, ostenta uma insignia, e no pescoço tem um colar duplo, do qual pendem tres joias. No campo, por baixo do busto, a assinatura: V. ALVES.

℞. — Na orla, circunferência de pontos. Em oito linhas, sendo a primeira e a ultima curvas, e as restantes horizontais, a inscrição: INSTITUTO CENTRAL ‖ — ‖ FUNDADO EM LISBOA ‖ POR ‖ INICIATIVA E SOB A PROTECÇÃO ‖ DE ‖ S. M. A RAINHA D. AMELIA ‖ EM ‖ 10 DE JANEIRO DE 1904.

Æ. Diâmetro: 50,5 milímetros: M. b. c. Rara.

Bibl.: *O Seculo*, de 27 de Dezembro de 1903 (estampa que reproduz a medalha datada de *Dezembro de 1903*, em vez de 10 de *Janeiro* de 1904). Vid. na *Parodia*, n.º 51, de 31 de Dezembro de 1903: *A Medalha da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. A causa. O efeito. O reverso da medalha* (estampa que representa duas faces de uma medalha imaginária em cujo anverso intitulado: *o efeito*, se vê uma mulher andrajosa e seguida por dois famintos, para a qual se estendem duas mãos protectoras (as da Rainha), estando uma delas a entregar-lhe dinheiro *para pão* e a outra a deitar-lhe *remedios* para a boca, com uma colhér. No reverso, intitulado: *a causa*, veem-se, aos lados, duas mãos estendidas, e a oferecerem dois *pães de gesso* a uma mulher do povo, que está agáchada junto de um grupo de famintos e a protestar, com os punhos cerrados e erguidos, contra a oferta).

N.º 370 — 1904 — Com.va da fundação do Hospital de Repouso, da Assistencia Nacional aos Tuberculosos. Esta medalha apenas difére da antecedente na primeira linha da inscrição do reverso, na qual se lê: HOSPITAL DE REPOUSO, em vez de *Instituto Central.*

Æ. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Rara.

Estas duas medalhas, segundo nos consta, foram feitas na Casa da Moeda de Lisboa por iniciativa do falecido director deste estabelecimento, o Sr. Casimiro José de Lima.

Os cunhos foram executados gratuitamente pelo primeiro gravador, o Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, o qual aproveitou para os dois

anversos o mesmo punção com o busto da Rainha, que ele havia gravado para a *medalha militar de D. Amelia*, segundo um modelo executado pelo Sr. Simões de Almeida Junior.

Cunharam-se poucos exemplares de cobre, alguns dos quais estiveram à venda na ourivesaria do Sr. Cunha, na Rua da Palma, e uns outros de prata, destinados aos Soberanos e a serem lançados nos alicerces do Instituto Central e do Hospital de Repouso.

*

A creação da sociedade intitulada: *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, foi resolvida numa sessão magna e solene em que tomaram parte muitas das principais pessoas da capital e algumas do resto do País, a qual se realisou no dia 11 de Junho de 1899 (data inscrita na medalha), na sala do Conselho de Estado do Ministério do Reino, a convite e sob a presidencia de Sua Majestade a Rainha a Senhora D. Amelia.

Os fins desta benemerita sociedade, acham-se assim determinados nos dois primeiros artigos dos seus estatutos:

«Artigo 1.º Por iniciativa de Sua Magestade a Rainha, Senhora D. »Amelia, e sob a Sua Presidencia perpetua, é creada, com a denomina»ção de *Assistencia Nacional aos Tuberculosos*, uma sociedade portu»gueza de beneficencia, para exercer acção no continente do Reino, ilhas »adjacentes e possessões ultramarinas, a qual terá séde em Lisboa e será »regida pelos presentes Estatutos.

»Art. 2.º A Assistencia Nacional aos Tuberculosos tem por fins espe»ciaes:

»1.º Estabelecer hospicios, asylos ou enfermarias, privativos para ti»sicos, a fim de minorar-lhes o soffrimento e impedir o contagio, de que »elles possam ser causa;

»2.º Construir sanatorios para tratamento de tuberculosos curaveis;

»3.º Crear hospitaes maritimos para creanças escrofulosas, ou dispos»tas por qualquer tara hereditaria, ou vicio nutritivo adquirido, a con»trahir tuberculose;

»4.º Fundar institutos regionaes de observação, estudo e tratamento »da tuberculose e distribuição de soccorros aos doentes d'esta molestia »e suas familias;

»5.º Centralisar e fortalecer quaesquer meios de acção preventivos do »augmento da tuberculose, capazes de minorar os seus effeitos, ou con»ducentes a fazer praticar as regras de hygiene em todos os capitulos »referentes á mesma doença e destinados a suspender-lhe a marcha, di»minuir o soffrimento dos enfermos e procurar a cura d'elles.

»§ unico. Os estabelecimentos creados pela Assistencia Nacional aos »Tuberculosos poderão ser custeados e mantidos pela sociedade ou por »ella confiados, depois de organisados, ás administrações de hospitaes do »estado, de corporações administrativas ou de associações de caridade, »nos termos e condições que forem accordados».

Para poder pôr em pratica este grandioso plano, conseguiu a benemérita sociedade obter vários recursos pecuniários, entre os quaes se destacaram: o produto de uma subscrição publica, aberta durante a celebre sessão de 11 de Junho de 1899, que logo atingiu a importante soma de 56.518$100 réis; e diversos subsidios que lhe foram concedidos por Lei de 17 de Agosto de 1899, sendo um deles de 20.000$000 réis anuais, pagos pelo Estado.

Achando-se assim habilitada para poder cumprir a sua missão, pensou desde logo a nova sociedade em construir alguns edificios de que necessitava e que eram, entre outros, os dois a que as medalhas acima descritas se referem: *O Instituto Central, de D. Amelia*, e o *Hospital de Repouso, de D. Carlos 1.º*. Para o primeiro escolheu-se um terreno na Ribeira Nova, que o Estado cedeu à *Assistencia*, por Portaria de 2 de Junho de 1900; e para o segundo pensou-se, primeiramente num outro terreno, situado na Avenida de Antonio Maria de Avelar (às Picoas), que a Camara Municipal cedeu à sociedade a troco de uma parte disponivel do terreno que esta possuia na Ribeira Nova.

A 10 de Janeiro de 1904 lançou-se, com bastante aparato, a primeira pedra do edificio destinado ao Instituto Central, lavrando-se desse acontecimento o seguinte:

«Auto.

»Aos dez dias do mês de janeiro do Anno do Nascimento de Nosso »Senhor Jesus Christo de 1904, nesta cidade de Lisboa, na Rua 24 de »Julho e local do antigo mercado da Ribeira Nova, foram presentes Sua »Majestade El-Rei o Senhor Dom Carlos Primeiro, Sua Majestade a Rai»nha a Senhora Dona Amelia, e bem assim as pessoas abaixo assinadas, »a fim de se proceder á cerimonia de assentamento da pedra fundamen»tal do Instituto Central, que tem como annexo o Hospital de Repouso »da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, do que se lavrou o presente »auto em duplicado, destinando-se um exemplar ao Archivo Nacional da »Torre do Tombo e o outro a ser encerrado na propria pedra fundamen»tal do edificio, juntamente com a respectiva medalha commemorativa, »exemplares das moedas correntes no Reino: em fé do que se lavrou o »presente auto, que vae por mim subscrito na qualidade de secretario

»geral. = D. Antonio Maria de Lencastre. — El-Rei D. Carlos, Rainha D. »Amelia, Ernesto Rodolpho Hintze Ribeiro, D. Maria Francisca de Mene- »zes, Condessa de Seisal, D. Marianna I. do Casal Ribeiro de Carvalho, »José, Arcebispo de Mitylene, D. Maria Ignacia de Sousa Botelho de Bre- »derode, Conde de Sabugosa, Marquês da Praia e de Monforte, Antonio »de Azevedo Castello Branco, José Maria dos Santos, João Ferraz de »Macedo, Miguel Bombarda, José Joaquim da Silva Amado, Antonio Au- »gusto de Carvalho Monteiro, Carlos Roma du Bocage, Guilherme Jones, »João Ulrich».

Com esta cerimónia considerou-se tambem fundado o Hospital de Repouso, e por isso fizeram-se as duas medalhas ao mesmo tempo e com a mesma data; contudo, vindo depois a reconhecer-se que o terreno destinado ao referido hospital, na Avenida de Antonio Maria de Avelar, não satisfazia às condições desejadas, escolheu-se um outro, mais apropriado, na Quinta das Mouras, perto do Lumiar, o qual foi pela *Assistencia* comprado por 14.140$000 réis, ao Asilo Municipal, mediante autorisação do Governo.

Só a 20 de Fevereiro de 1909, porêm, se realizou alí a cerimónia do lançamento da primeira pedra do edificio destinado ao referido hospital, o que se fez sem aparato, na presença de S. M. a Rainha, a Senhora D. Amelia, e da comissão executiva.

Segundo nos consta ficou depositada junto da pedra uma das medalhas de prata, que em 1904 havia sido feita para comemorar a fundação do Hospital de Repouso (1).

N.º 371 — 1904 — **Com.va do quinquagésimo aniversário da fundação da Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio e Industria.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: ASSOCIAÇÃO DE SOC.OS MUT.OS DOS EMPREGADOS NO COM.º E IND.A Em baixo, a palavra: LISBOA, separada das extremidades da legenda por dois florões. Circulo, radiado e limitado por uma circunferência de pontos, no qual se vêem duas figurinhas simbólicas, apenas cobertas com leves panos, de pé e de frente. A primeira, que está do lado esquerdo,

(1) Para maior desenvolvimento do assunto desta noticia, vid. os *Relatórios do Conselho Central* da Assistencia Nacional aos Tuberculosos, referentes aos anos de 1899, (apresentado à assemblêa geral de 30 de Dezembro de 1900); 1903-4; 1908-9; e 1909-10.

Vid. tambem, Vitór Ribeiro: *Historia da Beneficencia Publica em Portugal*, p. 363, sgs.

segura: com a mão direita, uma espada, e com a esquerda uma varinha encimada por uma mão alada; e a segunda, que representa *Mercurio*, segura, com a mão esquerda, a competente vara, e com a direita suspende, pela ponta, uma cornucopia, cheia de flores, e que tem a boca voltada para baixo. O tipo desta face é o do emblema da Associação ([1]).

℞. — Em cinco linhas a seguinte inscrição, que está desviada para a direita e ornamentada do lado esquerdo e por baixo, com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, que teem os pés ligados com um laço: 50º || ANNIVERSARIO || DA || SUA FUNDAÇÃO || 1854 A 1904.

Tem em cima uma argola adaptada por meio de parafuso.

Æ. dourado. Diâmetro: 34 milímetros. M. b. c.

Em sessão de assemblêa geral realisada em 28 de Fevereiro de 1903 a *Associação de Socorros Mutuos dos Empregados no Comércio e Industria*, resolveu, de acordo com uma proposta apresentada pelo conselho fiscal no relatório do ano anterior, celebrar festivamente o quinquagésimo aniversário da sua fundação, em 6 de Novembro de 1904, e nomear uma comissão executiva dessa celebração, a qual, logo nas suas primeiras reuniões traçou o seguinte plano: «*realisação de uma sessão solemne* »*na sala Portugal da Sociedade de Geographia; confecção de uma mo*»*nographia da nossa vida associativa; convite aos socios para apresenta*»*rem alvitres referentes á festa commemorativa; acquisição de terreno para* »*a construcção da séde associativa devendo a primeira pedra ser lançada* »*no dia 6 de Novembro; album commemorativo; tributo de respeito aos* »*mortos illustres*».

Ao convite que a comissão, de harmonia com este plano, dirigiu a todos os socios, por meio de circulares, para apresentarem alvitres *tendentes a tornar grandiosa a comemoração*, responderam entre outros, os dois seguintes:

Antonio Joaquim Leite Ribeiro, que propôs que se fizesse *uma medalha gravada em cobre com o emblema da associação e as inscrições indispensaveis com referencia ao aniversário da colectividade a qual seria dourada e distribuida aos socios com uma percentagem sobre o custo primitivo, a fim de se cunharem seis medalhas de ouro, para serem distri-*

([1]) «A associação (segundo consta de vários estatutos pelos quais se tem regido), usará »de um timbre em forma oval, tendo no centro gravada uma cornucopia segura por dois »genios, e em volta escripto o nome da Associação».

buidas na sessão soléne aos seis socios fundadores, que eram os seguintes: Antonio José Freixão Coelho, José Antonio Dias Pinheiro, José Romão Colares, João Alfredo Dias, José Leocadio Porfirio e José Francisco Lisboa;

Francisco Guilherme Dias Alves, que alvitrou que se poderia cunhar *uma medalha de prata do tamanho da moeda de 500 réis, sem serrilha e com argolinha para servir de berloque e com o peso de 8 gramas, na qual se gravariam, o timbre da associação e as datas da comemoração do 50.*[mo] *aniversario.*

Este ultimo proponente calculava que se todos os sócios comprassem as medalhas pelo preço de 300 réis cada uma, no caso de elas custarem a 200 réis, poderiam ser beneficiadas com o lucro daí resultante, 50 viuvas residentes em Lisboa e com filhos menores.

Submetidos todos os alvitres ao *parecer* de uma sub-comissão, deliberou esta que se deviam adoptar as lembranças dos dois sócios, Leite Ribeiro e Dias Alves, referentes à cunhagem da medalha, mas *com os fins aplicaveis* no proposta do primeiro.

Em vista deste *parecer*, foi pela comisssão executiva encarregado de fornecer as medalhas o conhecido fabricante de condecorações, o Sr. Frederico Gaspar da Costa, o qual, segundo nos consta, receando não poder apresental-as concluidas no praso combinado, mandou logo fazer dois pares de cunhos, um em Paris, outro em Lisboa a um gravador de apelido Barros, parecendo que foi com este ultimo par que se fez, senão toda, pelo menos grande parte da cunhagem.

Cunharam-se ao todo 1500 exemplares de cobre, que importaram a 350 réis cada um, e 6 de ouro, que custaram 100$000 réis, sendo, portanto o custo total dos 1506 exemplares, de 625$000 réis, que se pagaram em duas prestações, a primeira, de 100$000 réis, no acto do contrato, e a segunda, dos 525$000 réis restantes, em 28 de Outubro de 1904 (1).

Os exemplares de ouro, como já se disse, foram destinados aos sócios fundadores, cujos nomes acima ficaram indicados.

A medalha esteve à venda não só na sede da Associação, como tambem numa loja da Rua do Ouro, onde adquirimos o nosso exemplar. A venda foi, porem, diminuta, como consta da seguinte passagem do *Relatorio* da comissão executiva: «A vossa commissão vê com pezar que não »obstante os seus esforços para a collocação das medalhas, que conside-

(1) Vid. no arquivo da associação o respectivo recibo, passado pelo Sr. Frederico Gaspar da Costa.

»rava uma fonte de receita para attenuar as despezas com a commemo»ração, os dignos associados apenas teem adquirido 521 medalhas até »esta data ([1]), o que equivale a uma percentagem de 13 % — treze por »cento — sobre o numero de 3968 que tantos eram os socios existentes »em 31 de Dezembro de 1904 ([2])».

*

A Associação dos Empregados no Comércio e Industria fundou-se em 1854 com os fins de: 1.º ministrar subsidios pecuniários aos associados que por efeito de molestia aguda, ou crónica, se achassem impossibilitados ou inhabilitados de exercerem as suas profissões: 2.º procurar obter ocupação no comércio, ou industria para todos os associados que a perdessem e subsidial-os quando desempregados; 3.º estabelecer aulas noturnas de escrituração mercantil e linguas vivas para instrução dos associados; 4.º estabelecer uma casa de venda por comissão; e, 5.º estabelecer uma caixa de emprestimos.

Os seus primeiros estatutos foram aprovados por Alvará de 20 de Fevereiro de 1856, os segundos por Alvará de 12 de Junho de 1862, os terceiros por Decreto de 3 de Dezembro de 1872 e os ultimos por Alvará de 14 de Dezembro de 1893.

Em virtude dos relevantes serviços que prestou durante a epidemia da febre amarela, em 1858, foi esta associação condecorada: por El-Rei D. Pedro V, com o hábito da Ordem da Torre e Espada, e pela Camara Municipal de Lisboa, com a medalha por esta instituida.

N.º 372 — 1904 — **Com.va da visita de SS. MM., El-Rei, o Senhor D. Carlos, e a Rainha, a Senhora D. Amelia, a Inglaterra.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: T(heir). M(ajesties). THE KING AND QUEEN OF PORTUGAL. Bustos dos dois Soberanos, estando o de El-Rei no primeiro plano, conjugados, voltados à esquerda e ornamentados em baixo, com dois ramos, um de carvalho, outro de louro, nos

---

(1) 24 de Janeiro de 1905.

(2) Para a historia desta medalha, vid: o *Relatorio da commissão encarregada de promover a commemoração do 50.º anniversario*, publicado a pag. 35 e sgs. do *Relatorio e Contas da Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria relativo ao anno de 1904 — Lisboa, 1905.*

Vid. tambem, um folheto-album, intitulado: *Associação de Soccorros Mutuos dos Empregados no Commercio e Industria — Lisboa = 6 Novembro 1904 — 50.º anniversario de fundação = 1854 - 1904.*

quais assenta uma fita que tem inscrita, com letras incusas, a legenda: VISIT || TO ENGLAND || 1904. Em baixo, do lado direito, junto da fita, a assinatura do fabricante: SPINK. LOND(on). O busto de El-Rei está descoberto, tem farda, e ostenta ao peito uma condecoração; o da Rainha, está decotado, e tem: uma rosa ao peito, tres joias suspensas de um colar de perolas duplo, e diadema de estrelas.

℞. — A seguinte inscrição em catorze linhas, sendo a primeira e a ultima curvas, e as restantes horizontais: IN COMMEMORATION || OF THE — VISIT OF || T. M. KING CARLOS — & QUEEN AMÉLIE || OF PORTUGAL || TO ENGLAND || AND || THE PRESENTATION || AND || GRACIOUS RECEPTION || BY THEM OF AN ADDRESS || FROM MEMBERS OF || PORTUGUESE ORDERS OF KNIGHTHOOD. || LONDON, || DECEMBER 1.ST, 1904.

Hábitos das Ordens: de Cristo, de Aviz e de Santiago, estando o primeiro colocado em cima, de modo que corta a 2.ª e a 3.ª linhas da inscrição, e os outros dois aos lados desta, em baixo.

AR. dourada. Diâmetro: 76 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: Mala da Europa, anno XII, n.º 505, de 15 de Outubro de 1905 (estampa reduzida e com uma breve nota por baixo); Jeronimo da Camara Manuel: *Portugal e a Inglaterra*. Neste livro vem simplesmente publicada uma estampa, reduzida, da medalha, a seguir à pg. 46. Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, s. v. *Spink*, vol. V, p. 639 (estampa só do anverso).

Esta medalha comemóra não só a visita dos Soberanos de Portugal, El-Rei, o Senhor D. Carlos, e a Rainha, a Senhora D. Amelia, a Inglaterra, no ano de 1904, como tambem o facto de os mesmos Soberanos se dignarem aceitar uma mensagem que lhes foi apresentada pelos membros ingleses das Ordens Portuguesas de Cavalaria.

Tanto a medalha como a mensagem, foram entregues a SS. MM. no palacio da Legação de Portugal em Londres, no dia 1 de Dezembro de 1904, por uma comissão composta de(1) sir Albert Rollit, membro do Parlamento, lord Armstring, sir Clements Markham, presidente da Royal Geographical Society, mr. A. G. Sandman, antigo governador do Banco de Inglaterra, coronel A. Dalzell, sir Walter Wilkin, antigo Lord-Mayor de Londres, e mr. Duncan Campbell, que tendo sido em tempos comis-

(1) Vid. *The Morning Post*, de 2 de Dezembro de 1904, e *O Seculo* de 7 do mesmo mês.

sário das alfandegas chinesas, foi quem negociou o tratado de comércio feito em 1887, entre Portugal e a China.

Segundo cremos, a entrega da mensagem e a cunhagem da medalha foram levadas a efeito por iniciativa de sir Albert Rollit e do Barão de Sousa Deiró.

Da mensagem, que foi lida pelo primeiro na presença dos Soberanos, vieram publicados no jornal: *O Seculo* (1), os seguintes trechos:

«Referimo-nos com prazer aos laços politicos e commerciaes que de »longa data existem entre os reinos da Gran-Bretanha e Portugal, reco »nhecendo, como realmente o fazemos, no de Portugal um antigo e muito »valioso alliado da Gran-Bretanha, e congratulamo-nos pelo tratado de »Windsor assignado durante a presente visita de suas magestades, para »resolver amigavelmente, por meio de arbitragem, qualquer divergencia »que possa vir a haver entre os dois paizes.

»Não nos esquecemos do grandissimo serviço prestado ao mundo in- »teiro e muito particularmente á Gran-Bretanha por esse grande mari- »nheiro portuguez Vasco da Gama, na sua descoberta do caminho para »as Indias pelo Cabo da Boa Esperança, empreza para o que muito con- »correram as investigações scientificas do Infante D. Henrique, «o nave- »gador».

»Este principe, como bisneto de Eduardo III de Inglaterra, foi um »valiosissimo elo da união entre os dois paizes, união esta que felizmente »ainda hoje subsiste.

»O Infante D. Henrique foi tambem Grão-Mestre da antiga e eminente »Ordem de Christo, de Portugal, da qual muitos de nós temos a honra »de ser membros e Cavalleiro da mui nobre ordem da Jarreteira, de In- »glaterra, unindo assim as maiores ordens de Cavallaria das duas nações. »Esperamos que a visita de Vossas Magestades a Inglaterra tenha sido »realisada com prazer e satisfação; que a recepção feita pela corporação »da City em Guildhall seja considerada uma prova do sincero respeito e »amizade do povo inglez para com Vossas Magestades e para com a »grande nação portugueza que tem a felicidade de ser governada por »Vossas Magestades, e que as relações politicas e commerciaes entre as »duas nações possam ser ainda mais estreitadas no mutuo interesse dos »dois povos».

A medalha foi feita, com o produto de uma subscrição entre os agraciados, nas oficinas dos conhecidos joalheiros de Londres, os Srs. Spink & Son. Dela se cunharam apenas cerca de oito exemplares de prata, sendo quatro dourados, os quais foram pelos fabricantes entregues à pes-

(1) De 7 de Dezembro de 1904. Supomos que a mensagem foi escrita em inglês.

soa que lhes havia encomendado a medalha, e mais dois ou tres, tambem de prata dourada, que pelos mesmos fabricantes foram vendidos a coleccionadores.

A prata empregada nesta medalha é quasi pura([1]).

O nosso exemplar custou-nos quatro libras, e por ele pagámos de direitos na alfandega cerca de 10$000 réis!

*

Com o fim de irem retribuir ao Rei de Inglaterra a visita que este lhes havia feito no ano antecedente, os Soberanos de Portugal sairam de Lisboa no dia 12 de Novembro de 1904 e dirigiram-se pelo caminho de ferro, directamente a Cherbourg, onde chegaram no dia 14 pelas 2 horas e meia da tarde. No dia seguinte, logo de manhã, foram conduzidos deste porto para o de Portsmouth, a bordo do iate rial inglês *Victoria and Albert*, e acompanhados por uma esquadra inglesa e outra francesa. Em Portsmouth desembarcaram, e, depois de receberem os cumprimentos do Principe de Gales, que alí tinha ido expressamente para os receber, tomaram um comboio especial em que seguiram para Windsor, em cujo castelo historico ficaram hospedados. Dias depois foram para Londres. A Familia Rial, a corte e o povo de Inglaterra receberam os seus Régios Hospedes com excepcionais demonstrações de entusiasmo e de afecto, e obsequiaram-nos com deslumbrantes festejos, tais como: caçadas, iluminações, almoços, banquetes, recepção no Guildhall, passeios, etc.

A Rainha, a Senhora D. Amelia, teve de se retirar precipitadamente de Inglaterra, em 5 de Dezembro, para ir a Italia visitar sua Irmã, a Senhora Duqueza de Aosta, por esta ter adoecido gravemente; El-Rei, o Senhor D. Carlos, saiu de Londres para Paris no dia 10 do mesmo mês, tomando o comboio em *Victoria Station* e atravessando a Mancha, de Dover a Calais, a bordo do vapor *Queen*.

Os dois Soberanos reuniram-se depois, novamente em Paris, e chegaram a Lisboa no dia 20 de Dezembro.

N.º 373 — 1904 — **Com.va do quinquagésimo aniversário da definição do Dogma da Imaculada Conceição.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida em cima e no exergo: PADROEIRA — DO REINO. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, de frente, nimbada de estrelas, e assente num segmento do globo terrestre, que está envolvido de nuvens e que tem em cima a meia lua. Por entre as nuvens saem três figurinhas, tendo uma delas uma espada na mão direita.

([1]) Estas ultimas informações foram-nos dadas pelo Sr. Spink.

℞. — A seguinte inscrição em cinco linhas curvas: 50º ANNIVERSARIO || DA || DEFINIÇÃO DO DOGMA || DA IMMACULADA CONCEIÇÃO || 1854-1904. Ao centro, entre a terceira e a quarta linhas da inscrição, o monograma: *A M* (Ave Maria).

Em cima tem uma argola, fixada por meio de parafuso, na qual se prendem com linha, um alfinete de segurança e um lacinho de seda azul e branca.

AR. Diâmetro: 34 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi editada pelo Sr. Frederico Gaspar da Costa, conhecido fabricante de condecorações, e esteve exposta à venda no recinto destinado ao Templo da Imaculada Conceição, quando em 8 de Dezembro de 1904, alí se lançou solénemente a pedra fundamental deste projectado edificio.

No *Diario Illustrado* da referida data, p. 2, diz-se que a imagem do anverso da medalha, foi copiada *fielmente* de uma outra que existe na Igreja da Conceição Velha, atribuida a Machado de Castro.

N.º 374 — Outra, comemorativa do mesmo facto. Tem forma oval. Na orla e na parte superior do campo, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: OH MARIA CONCEBIDA SEM PECCADO ROGAI. P(or). N(os) || QUE RECOR — REMOS A VOS. No exergo, que não está separado por friso, o milésimo: 1830. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, nimbada, de frente, de pé, com as mãos abertas, resplandecentes e descaídas para os lados, e assente numa base em que está enroscada uma serpente.

O tipo desta face foi copiado do da conhecida *Medalha Milagrosa*, sendo por isso que nele figura o milésimo de 1830.

℞. — A seguinte inscrição, em nove linhas, sendo a primeira e a ultima curvas e as restantes horizontais: RECORDAÇÃO || DO || 50.º ANNIVERSARIO || DA || DEFINIÇÃO DOGMATICA || DA || IMMACULADA CONCEIÇÃO || 1854-1904 || 8 DE DEZEMBRO.

Em cima tem saliência com orificio e argola.

Aluminio. Eixo maior: 33 milímetros; eixo menor: 29. M. b. c.

N.º 375 — Outro exemplar com o tipo igual ao do antecedente, mas com menor módulo.

Aluminio. Eixo maior: 29 milímetros; eixo menor: 24,5. Tambem tem argola. M. b. c.

Estas duas ultimas medalhas apareceram abundantemente à venda, por ocasião do aniversario que elas comemoram.

N.º 376 — Outra, comemorativa do mesmo facto, e da Peregrinação Nacional ao Sámeiro. No arco superior da orla, a legenda: AVE GRATIA PLENA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: 1854-1904. O campo é radiado. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, levemente voltada à esquerda, com os braços cingidos ao tronco, com a mão esquerda assente no peito e a direita um pouco erguida, coroada, e assente na meia lua, estando esta envolvida por nuvens, por entre as quais aparecem tres cabeças de anjos. Esta imagem é copiada da que existe no Sámeiro.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: PEREGRINAÇÃO NACIONAL AO SAMEIRO EM 12-6-1904. No exergo, que não está limitado por friso, entre as extremidades da legenda e delas separada por dois pontos, a palavra: BRAGA. Ao centro, a inscrição, em sete linhas horizontais: 50.º || ANNIVERSARIO || DA || DEFINIÇÃO DOGMATICA || DA || IMMACULADA || CONCEIÇÃO. Por baixo desta ultima linha, um traço.

Em cima tem saliência, com orificio e argola.

Aluminio. Diâmetro: 33 milímetros. M. b. c.

Este exemplar foi-nos oferecido pelo nosso amigo, o Dr. Arthur Teixeira Fontes.

N.º 377 — Outro exemplar com o mesmo tipo.

Æ. amarelado (latão). M. b. c.

Em cima tem saliência, sem orificio.

Este exemplar foi-nos oferecido pelo autor.

Esta medalha foi feita pelo Sr. Domingos Alves do Rego, por ordem da comissão encarregada de promover em Braga os festejos do quinquagésimo aniversário da definição do Dogma da Imaculada.

A cunhagem, que se fez na Casa da Moeda de Lisboa, foi de cerca de 12.000 exemplares de diversos metais: prata, bronze, aluminio, *tombac* e latão.

N.º 378 — (1904) — 1905 — **Outra, comemorativa do mesmo facto.** No arco superior da orla, a legenda: IMMACULADA CONCEIÇÃO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos: VILLA VIÇOSA.

Imagem de Nossa Senhora, de frente, de pé, coroada e a sustentar no braço esquerdo a imagem do Menino Jesus, tambem

coroada. No campo, por baixo da primeira imagem, do lado esquerdo, a assinatura do editor da medalha: E. B. (Eduardo Bátista).

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo: QUINQUAGENARIO DA DEFINIÇÃO DOGMATICA. No exergo, que não está limitado por friso, entre as extremidades da legenda e destas separado por dois florõezinhos, o milésimo: 1905 (em vez de 1904). Ao centro, tres castelos.

Em cima tem uma argolinha fixa e outra movel.

AR. Diâmetro: 20,5 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi mandada fazer, não sabemos se por conta própria, ou por encomenda de alguem, pelo Sr. E. Bátista, proprietário da conhecida casa editora de medalhas, situada na Rua do Ouro, em Lisboa, e denominada: *A Mascotte*.

*

O quinquagésimo aniversário da proclamação da definição do Dogma da Imaculada, feita por Pio IX em 8 de Dezembro de 1854, na Bula *Inefabilis Deus*, celebrou-se em todo o mundo católico, desde 8 de Dezembro de 1903 até igual dia do ano seguinte. A ideia desta comemoração partiu da associação da mocidade católica de Roma, denominada: *Circulo da Imaculada*, e foi depois secundada pelo Papa, que em 26 de Maio de 1903, encarregou de a levar a efeito uma comissão composta dos Cardiais: Vicente Vanutelli, Rampolla, Ferrata e Vives y Tuto (1).

Em Portugal (2) celebrou-se o ano jubilar, sob a direcção de comissões diocesanas, por meio de actos de caridade, missões, academias e publicações literário-religiosas, congressos, festejos, etc., e abriu-se uma subscrição para se mandar erigir um Templo, na Avenida de Antonio Maria de Avelar, dedicado à Imaculada, cuja pedra fundamental foi solénemente benta pelo Cardial Patriarca e assente nos respectivos alicerces, em 8 de Dezembro de 1904, pela Rainha, a Senhora D. Maria Pia, que então se achava investida no alto cargo de Regente do Reino.

Dentre todos os festejos destacaram-se, porêm, os seguintes, que se realizaram em Braga, nos dias 10, 11 e 12 de Junho de 1904, por iniciativa de uma grande comissão presidida pelo Arcebispo Primaz (3): dia

(1) Vid. *O Legionario de Maria*, tomo I, p. 27, sgs.

(2) Ibidem, p. 438, sgs.

(3) Vid. o folheto ilustrado: *Festas Jubilares da Definição Dogmatica da Immaculada Conceição no Sameiro. — Braga. 1854 — 1904.*

10: comunhão geral, festa na Sé, Academia literaria no Seminário, e procissão do terço; dia 11: missa de Pontifical na Sé, majestosa procissão em que figuraram artisticos carros alegóricos e que percorreu várias ruas da cidade, e à noite iluminações; dia 12: grande peregrinação ao Sámeiro, que foi uma das mais imponentes que se teem realizado no País (1).

Nela tomaram parte: o Nuncio de S. Santidade, o Cardial Patriarca de Lisboa, os Arcebispos e Bispos de todas as dioceses, centenares de Sacerdotes, muitas congregações religiosas e milhares de fieis. O cortejo dos peregrinos organizou-se junto da Sé de Braga e começou a desfilar pelas 7 horas da manhã, em direcção ao Santuário do Sámeiro, acompanhado de muitas bandas de musica. No Sámeiro celebrou-se missa campal e em seguida foi pelo Nuncio coroada solénemente a imagem da Virgem. Por fim cantou-se um *Te-Deum* e conduziu-se processionalmente a imagem para a sua capela.

N.º 379 — 1904 — **Ded.da ao Sr. Augusto José da Cunha pelos empregados da Casa da Moeda**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida no exergo: AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA. Busto, voltado à esquerda, descoberto, vestido civilmente. No campo, em baixo, junto da secção do busto, a assinatura: V. ALVES.

℞. — A seguinte inscrição, em sete linhas horizontais e ornamentada, do lado esquerdo e em baixo, com um ramo de flores cujos pés estão ligados com um laço: AO SEU ‖ PRECLARO DIRECTOR ‖ HOMENAGEM ‖ DOS ‖ EMPREGADOS ‖ DA ‖ CASA DA MOEDA. No exergo, que não está separado por friso, o milésimo: 1904. No campo, junto dos pés do ramo, a assinatura: V. ALVES.

AR. Diâmetro: 50,5 milímetros. M. b. c. Muito rara, neste metal.

Bibl.: Illustração Portugueza (1.ª série), n.º 22, de 4 de Abril de 1904, p. 352 (estampa).

N.º 380 — Outro exemplar.

Æ. M. b. c. Rara.

(1) Vid. *Programma da Grandiosa Procissão comemorativa do quinquagesimo anniversario da proclamação do dogma da Immaculada Conceição da SS. Virgem Maria Mãe de Deus — 1854 — 1904 — Recordação do Sameiro — Braga.* Vid. tambem: *O Legionario de Maria*, tomo I, p. 249, sgs.

Esta medalha foi dedicada pelos empregados da Casa da Moeda ao seu director, a quem foi oferecido um exemplar de ouro. Além deste, fizeram-se mais alguns exemplares de cobre, e apenas cerca de tres de prata.

Os cunhos foram gravados pelo Sr. Venancio Pedro de Macedo Alves, e o modelo do busto foi executado pelo escultor-medalheiro, o Sr. Simões de Almeida (Sobrinho). Servindo-se desse mesmo modelo, fez este ultimo artista, no ano seguinte, uma outra medalha, que ele dedicou particularmente ao Sr. Cunha, a qual a seguir vai descrita.

N.º 381 — 1905 — **Outra, dedicada ao Sr. Cunha pelo Sr. Simões de Almeida (Sobrinho).** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, e é interrompida no exergo: CONSELHEIRO. AUGUSTO. JOSE. DA CUNHA. Busto, voltado à esquerda, descoberto e vestido civilmente. No campo, do lado esquerdo, em baixo, a assinatura: *Simões* || *1905.*

℞. — Na parte de cima, a seguinte inscrição, em seis linhas horizontais: A || A. J. DA. CUNHA || COMO || TESTEMUNHO || DE. GRATIDÃO || 1905. Por detrás da inscrição, o sol radiante. Na parte de baixo, ha uma nuvem, atravessada por um ramo de louro, na qual está sentado um anjinho, voltado à direita, nu e alado, a segurar um livro com a mão esquerda e a apontar com um estilo, que ele segura com a mão direita, para a ultima letra da palavra *gratidão*. Na orla, em baixo, do lado direito, a assinatura: *Simões (Paris) — 1905.*

Æ. prateado. Galvanoplastia. Diâmetro: 68,5 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Bibl.: *O Seculo*, de 2 de Dezembro de 1905 (estampa reduzida).

O Sr. Simões de Almeida (Sobrinho), dedicou esta medalha ao Sr. Cunha, como prova de gratidão, por este ter contribuido para que ele fosse completar os seus estudos no estrangeiro.

Para a execução do busto serviu-se o Sr. Simões de um modelo que ele havia feito no ano antecedente para a medalha oferecida ao mesmo Sr. pelos empregados da Casa da Moeda, cujos cunhos foram gravados pelo Sr. Venancio Alves (vid. a medalha antecedente).

Para esta medalha não se fizeram cunhos. Os poucos exemplares que dela existem foram feitos em Paris, pelo processo da galvanoplastia, nas oficinas de Vert & Ozana.

N.º 382 — 1905 — **Com.ª do enterro do Grau.** Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa em baixo do lado esquerdo: GRADUM BACHALAUREORUM — ANNO — 1905. Entre as palavras: *Bachalaureorum* e *Anno*, ha uma caveira assente em dois ossos que se cruzam. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso, à maneira de exergo: 4.º ANNO. Quatro estudantes cujas cabeças são desproporcionadas em relação aos corpos, com suas capas, voltados à esquerda, e a conduzirem, aos ombros, um esquife no qual vai deitado um defunto com borla na cabeça, o qual representa o *Grau*. Um dos estudantes que seguem na frente empunha uma colhér, o outro segura uma moca. Um dos detrás tem na mão esquerda uma tesoura. Junto do esquife segue tambem um sacristão a tocar uma campainha. Ao fundo vê-se, levemente esboçada, a parte superior da torre da Universidade a desmoronar-se.

℞. — Na orla, que é um pouco mais saliente do que o centro, a legenda, que começa em baixo e não tem interrupção: Ó TERRA! Ó CEOS! Ó NUMES! Ó TERRA, DÁ CÁ O GRAU. No campo, em baixo, num espaço limitado por friso à maneira de exergo: 5.º ANNO. Minerva, coroada, com manto, e com um scetro, encimado por uma esfera e firmado nas pernas, sentada do lado esquerdo, e a olhar tristemente para uma lápide, que em frente dela está encostada ao chorão do Largo da Feira e que tem inscrita a legenda: *Aqui* ‖ *Jaz* ‖ *o* ‖ *Grau*. No chão, junto da lápide, vêem-se: uma palma, e uma borla caida de lado. Ao fundo estão levemente esboçadas: a parêde do chafariz do Largo da Feira, com o competente gradiamento, e as janelas do edificio que se ergue por detrás daquele.

Em cima tem saliência com orificio e argola.

AR. Diâmetro: 21 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Seculo, de 18 de Maio de 1905 (estampa ampliada).

N.º 383 — Outro exemplar.

Aluminio. M. b. c.

Esta medalha foi feita por especulação mercantil pelo Sr. Manuel Martins Ribeiro, conhecido ourives estabelecido em Coimbra, na Rua do Visconde da Luz, n.º 75. O tipo do reverso foi desenhado pelo filho do gravador, o Sr. Dr. Mario Martins Ribeiro, que então era ainda estudante

de Medicina. A cunhagem fez-se na própria oficina do Sr. Ribeiro, num aparelho a que os franceses chamam *martinet*.

Fizeram-se ao todo cerca de 1500 exemplares, sendo uns de prata e outros de aluminio. Cada um dos primeiros vendeu-se a 200 réis e dos segundos a 80 réis. A venda fez-se na loja do Sr. Ribeiro e tambem pelas ruas, sendo desta ultima encarregado um conhecido moço de fretes de apelido Vaz (1).

Pelo mesmo gravador foi tambem feita uma outra medalha comemorativa do *centenário da Sebenta*, que neste trabalho ficou descrita retro, sob o n.º 342.

*

Na Universidade de Coimbra conferem-se três graus: de Bacharel, de Licenciado e de Doutor, sendo estes dois ultimos destinados sómente aos alunos que depois de concluirem o curso em qualquer das Faculdades, obtenham aprovação em actos especiais denominados de licenciatura e de conclusões magnas.

O grau de Bacharel, o mais vulgar, era pelos antigos estatutos de 1772, conferido com determinado cerimonial, a todos os alunos que ficassem aprovados no acto do 4.º ano e em seguida a esse acto. Quem fizesse depois o acto do 5.º ano, ficava sendo bacharel *formado*.

O Decreto de 24 de Dezembro de 1901 veio, porêm, alterar este antigo uso, (art. 44), ordenando que não existisse nenhum acto especial de formatura ou bacharelato, e que a aprovação no exame de todas as cadeiras que constituem o quadro das Faculdades, fosse habilitação suficiente para a colacção do grau de Bacharel. No artigo 197 do mesmo Decreto ficaram, porêm, garantidos os direitos dos alunos já matriculados, aos quais foi permitido o continuarem os seus cursos e a fazerem os seus actos, de harmonia com a antiga legislação.

Em virtude destas disposições legais, conferiu-se pela ultima vez, o grau de Bacharel em seguida ao acto do 4.º ano, em 1905, e por isso resolveu a Academia de Coimbra celebrar humoristicamente esse acontecimento, nos dias 31 de Maio e 1 de Junho daquele ano, realizando vários festejos e fazendo *o enterro do grau*, o qual foi acompanhado à sua *ultima morada* com um *imponente* cortejo. Junto da sepultura falaram, entre outros oradores, o *Rei D. Denis*, e o *Marquês de Pombal* (2).

---

(1) Foi o próprio autor da medalha quem nos deu todas estas informações.

(2) Vid. a descrição dos festejos nos jornais da epoca.

N.º 384 — 1905 — **Com.ᵛᵃ da representação de Portugal no Congresso de Agricultura de Roma**. Placa rectangular, com o tipo colocado ao alto. No horizonte, o sol nascente e radiante, sobre o qual está colocada a cabeça do Rei de Italia, voltada de perfil para a direita. No angulo superior esquerdo, a data: 25-JANVIER, e no sol, o milésimo: 1905. Na parte de baixo, uma paisagem que representa uma seara de trigo, do lado esquerdo, e montes do lado direito. Junto da seara, estão: um camponês, sentado num molho de espigas, e com uma foice roçadoura entre os braços, e uma camponesa, de pé e a segurar uma foice pequena na mão direita, a olharem ambos para a cabeça do Rei. Do lado direito avista-se um outro camponês, a conduzir um arado que é puxado por uma junta de bois. No angulo inferior esquerdo, a assinatura: T. SZIRMAÏ.

℞. — No angulo superior esquerdo, a legenda, em seis linhas horizontais: INSTITUT || INTERNATIONAL || D'AGRICULTURE || ROME || 28.V || 6.VI. Em baixo, numa tabela que assenta numa tira de papel que tem as pontas enroladas e ornamentadas com dois ramos de louro, esta outra legenda, em tres linhas horizontais: DÉLÉGATION PORTUGAISE || S. EXC. DE CARVALHO E VASCONCELLOS || F. A. DE OLIVEIRA FREIJAO, (sic, em vez de Feijão), S. MONTE PEREIRA. Paisagem que representa: um moinho colocado numa elevação do terreno, e alguns arbustos, do lado esquerdo, e uma charrua, uma foice roçadoura, e uma outra pequena, colocadas junto de uma seara de trigo, do lado direito.

No bordo, em baixo, está gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção.

BR. Altura: 74 milímetros; largura: 51,5. M. b. c.

Esta medalha foi feita em Paris, por especulação mercantil, pelo conhecido escultor-medalheiro, Tony Szirmaï.

N.º 385 — 1905 — **Com.ᵛᵃ da visita do presidente da republica franceza, Emilio Loubet, a Lisboa**. Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo em baixo, e é interrompida no exergo: EMILIO LOUBET PRESIDENTE DA REPUBLICA FRANCEZA. Busto de Emilio Loubet, voltado de perfil para a esquerda, de casaca e em cabelo. Ao peito ostenta uma condecoração. No córte do braço, a assinatura: A. REGO. No rebordo, um cordão.

℞. — No arco superior da orla, a legenda, que é interrompida

pelo tipo: SUA VISITA A — LISBOA. 1905. Em cima, o brazão darmas da cidade de Lisboa, do qual se desprendem, para os lados, duas fitas que teem inscrita com letras incusas, a legenda: EU VOS SAUDO. Em baixo, os brazões darmas, da França (do lado esquerdo), e de Portugal (do lado direito), obliquamente colocados e assentes em dois ramos, um de louro, outro de carvalho, que teem os pés cruzados e ligados com um nó. No rebordo, um cordão.

AR. Diâmetro: 33 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Diario de Noticias, de 23 de Outubro de 1905 (estampa); José Leite de Vasconcelos: *Lista das Medalhas da Bibliotéca Nacional* (estampa).

N.º 386 — Outro exemplar.

Aluminio. M. b. c.

Foi-nos oferecido pelo autor.

N.º 387 — Variante da medalha antecedente. O módulo é um pouco menor e o rebordo liso.

Em cima tem saliência com orificio e argola.

AR. Diâmetro: 30 milímetros. M. b. c.

Esta medalha foi feita particularmente pelo Sr. Domingos Alves do Rego em homenagem a Emilio Loubet, por ocasião da visita deste antigo presidente da republica francesa, a Lisboa.

Um exemplar de ouro e outro de prata, foram oferecidos pelo Sr. Rego a Loubet, e outros exemplares, de prata e de aluminio, estiveram à venda na loja do gravador, o Sr. Henri Gris, na Rua do Ouro, n.º 83, em Lisboa. Os exemplares de prata vendiam-se a 1000 réis cada um, e os de alumínio a 100 réis, como consta de uns impressos avulsos que se distribuiram nas ruas pelo publico. Os exemplares destinados ao presidente estiveram expostos no mostruário da loja do Sr. Gris [1].

N.º 388 — 1905 — Outra, dedicada a Emilio Loubet. Busto de Loubet, voltado a tres quartos para a esquerda, de casaca e descoberto. Não tem legenda nesta face.

---

[1] Vid. os jornais da epoca, como, por exemplo, o *Correio da Noite*, de 25 de Outubro de 1905.

℞. — Na parte de cima, em duas linhas, sendo a primeira curva e a segunda horizontal: PORTUGAL ‖ LAICO, e em baixo, em tres linhas curvas: A ‖ EMILIO LOUBET ‖ 1905. Ao centro, duas bandeiras, uma francesa e outra portuguesa, franzidas, e presas em lanças que se cruzam e que estão ligadas uma à outra, no ponto do cruzamento, com um laço.

Em cima tem uma saliência, com orificio, onde se prende com linha, um alfinete de segurança ao qual está cosido um laço de seda azul, branca e vermelha.

Æ. Diâmetro: 34 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Seculo, de 24 de Outubro de 1905 (estampa reduzida).

No jornal que acabámos de citar diz-se que esta medalha foi usada ao peito pelas crianças que tomaram parte no orfeon infantil, organizado pelos republicanos, e que cantou num palanque, armado no Aterro em frente da Rocha do Conde de Obidos, quando alí passou o presidente Loubet no dia da sua chegada a Lisboa.

Além das referidas crianças, outras pessoas livres pensadoras tambem a usaram ao peito, emquanto Loubet se consèrvou na capital.

N.º 389 — S. d. **Outra que se relaciona com o mesmo facto.** Medalha circular de porcelana vidrada, com o busto de Loubet, vestido de casaca e voltado a tres quartos para a esquerda, reproduzido por meio de fotografia. Nas costas tem uma chapa metálica com uma argola, em que se prende um alfinete de segurança ao qual está cosido um laço de seda azul, branca e vermelha.

Porcelana: Diâmetro: 32 milímetros. M. b. c.

*

Emilio Loubet, presidente da republica francesa, chegou a Lisboa, onde veio oficialmente visitar El-Rei D. Carlos, em 27 de Outubro de 1905, tendo feito a viagem por terra. Desde a estação do Rossio, até ao palacio de Belem, onde se hospedou, foi conduzido com um cortejo soléne em que figuraram os antigos coches da Casa Rial. Nos dias seguintes, foi passear a Cintra e a Cascais, visitou a Camara Municipal e a Sociedade de Geografia, e assistiu a vários festejos que em honra dele se realizaram. No dia 29 retirou-se para o seu país, a bordo do navio de guerra francês, *Leon Gambetta* [1].

[1] Vid. os jornais da epoca.

N.º 390 — 1905 — **Com.ª do trigésimo aniversário da Sociedade de Geografia de Lisboa.** No arco superior da orla, a legenda: SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE LISBOA. No exergo, que é bastante espaçoso e está limitado por friso: o Brazão Rial português, assente num papel enrolado nas extremidades e que tem gravados vários circulos. Do lado esquerdo, ainda no exergo, um telescópio com tripé, e do lado direito uma esfera. Caravela a navegar para a esquerda, com as velas enfunadas e bandeiras nos mastros e na popa.

℞. — Na orla, a legenda em holandês, que começa em baixo: HET NED. COMITE TER HERD. V. H 30 JARIG BESTAAN V. H. AARDRUKSK. GEN. TE LISSABON. *(O grupo neerlandês em comemoração de 30 anos de existencia da Sociedade de Geografia de Lisboa)*. Em baixo, entre as extremidades da legenda, um travessão. Esfera ornamentada do lado esquerdo e em baixo, com um ramo de louro cujo pé está ligado com uma fita que tem inscrita, com letras incusas, a seguinte data: 1875-10 NOV-1905.

Foi-nos oferecida pelo Sr. Ernesto de Vasconcelos.

Æ. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c. Rara.

Esta medalha foi mandada fazer por um grupo de sócios holandeses da Sociedade de Geografia de Lisboa, para comemorar o trigésimo aniversário desta sociedade. Segundo informações que nos foram enviadas pelo falecido negociante de moedas, de Amsterdam, o Sr. J. Schulman, soubemos mais que ela foi executada em Utrecht, na *Fabrique Royale d'Argenterie*, de C. J. Begeer, pelo medalheiro desta casa, J. J. Goor, tendo sido encomendada pelo Sr. Wilten, que então residia em Utrecht.

Na Sociedade de Geografia de Lisboa ha um exemplar de prata.

A tradução da legenda do reverso foi-nos tambem enviada pelo Sr. Schulman.

N.º 391 — 1905 — **Ded.ª pela Cidade de Paris a El-Rei, o Senhor D. Carlos I.** Na orla, em cima: VILLE DE PARIS. No exergo, que ocupa um pequeno espaço e está limitado por friso: FLVCTVAT NEC MERGITVR (moto do brazão darmas da Cidade de Paris que se compõe de um navio, encimado por flores de lis). Ao centro a *Cidade de Paris*, representada por uma mulher voltada para a esquerda, sentada, descalça, coroada de torres e vestida com leves roupagens artisticamente movimentadas, com a mão direita apoiada na perna do mesmo lado e a esquerda estendida

para trás e colocada sobre um escudo ornamentado que contem o brazão darmas da Cidade de Paris. Do lado esquerdo ha um galo, e por detrás deste, avista-se o *Hotel de Ville*. Na orla, do lado direito, a assinatura: G. PRVD'HOMME.

℞.—A inscrição, em seis linhas horizontais: LA || VILLE DE PARIS || A S. M. CARLOS 1ER || ROI DE PORTUGAL || 24 NOVEMBRE || 1905.

No bordo, tem gravada a palavra: ARGENT, precedida do algarismo 1 e de um punção.

AR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Esta medalha foi instituida pela Municipalidade de Paris, para ser conferida como recompensa ou oferecida como recordação a certas e determinadas pessoas, e está, por isso, preparada de modo que nela se possam imprimir oportunamente no reverso quaisquer inscrições indicativas dos motivos da concessão ou da oferta.

O exemplar oferecido a El-Rei, o Senhor D. Carlos, era de ouro. Os cunhos estão depositados na Casa da Moeda de Paris, mas não podem ser utilizados pela *Direcção* deste estabelecimento sem autorização do representante da corporação a que eles pertencem.

A cunhagem do nosso exemplar fez-se em 1908, em virtude de uma autorização especial, que tivemos de solicitar por escrito ao antigo Prefeito do Sena, e depois Ministro dos Negócios Estrangeiros, Mr. De Selves, a quem ficámos muito gratos pela forma gentil e rápida como nos atendeu.

*

A medalha foi oferecida a El-Rei, o Senhor D. Carlos, quando este Soberano se achava em Paris a visitar oficialmente o presidente da republica francesa.

O Rei de Portugal chegou àquela cidade no dia 22 de Novembro de 1905, pelas 3 horas da tarde. Apeou-se do comboio na estação da Avenida do *Bois-de-Boulogne*, onde foi recebido por Mr. Loubet, e dalí dirigiu-se para o palacio do Ministério dos Negócios Estrangeiros, onde se alojou, acompanhado de um luzido cortejo e de uma imponente escolta militar. Nas ruas por onde o cortejo passou havia álas de tropa e aglomerava-se enorme multidão de povo. A's cinco horas foi El-Rei visitar o presidente e à noite assistiu a um banquete que este lhe ofereceu no palacio de l'*Elysée*.

No dia seguinte, 23, houve uma caçada em Rambouillet, jantar no palacio do Ministério dos Negócios Estrangeiros e espectáculo de gala na *Opera*.

No dia 24, de manhã, El-Rei D. Carlos recebeu os seus subditos no palacio da Legação Portuguesa, e depois de almoçar, foi com o presidente da republica assistir a uma notavel solenidade scientifica, que se realizou no Museu de Historia Natural, e em que tomaram parte os seguintes sábios da França: Henri Becquerel (que falou sobre fenómenos de fosforescência e de rádioactividade); Madame Curie (que expôs os seus trabalhos e os de seu marido sobre o rádio); M. G. Lippmann (que expôs os resultados das suas investigações sobre fotografia colorida); M. Lacroix (que tratou das nuvens ardentes da Martinica); e, finalmente, M. Moissan (que expôs o estado de adiantamento dos seus estudos sobre a síntese dos metais e da redução de todos os corpos refractários, por meio de um forno electrico).

Terminada esta solenidade, dirigiu-se o Soberano de Portugal, acompanhado de M. Loubet, para o *Hotel de Ville,* onde foi recebido com extraordinário aparato. Os edificios próximos do majestoso palácio, tais como, a celebre basílica de *Notre-Dame* e a Prefeitura de policia, bem como o próprio palácio, estavam brilhantemente iluminados e ricamente ornamentados. Pelas ruas havia mastros com bandeiras e aglomerava-se enorme multidão de gente do povo.

Pelas quatro horas da tarde parou o cortejo rial em frente do palácio, onde se achavam reunidos para receberem os dois Chefes de Estado, o presidente do Conselho Municipal: M. Brousse, o Prefeito do Sena: M. De Selves, o Prefeito de policia: M. Lépine, e vários outros funcionários de categoria.

Feitas as apresentações do estilo na *Salle des Prévôts*, aonde se proferiram, tambem, os discursos oficiais, e se tocaram, sucessivamente, os hinos, português e francês, encaminharam-se os dois Chefes de Estado para os grandes salões de recepção, que se achavam artisticamente decorados e repletos de convidados, e alí estiveram ouvindo um concerto musical. Depois de se executar a primeira parte do concerto, assinou-se, num outro salão, o auto da visita régia, lavrado em pergaminho, sendo em seguida El-Rei D. Carlos brindado, pelo presidente do Conselho Municipal, com o exemplar de ouro da medalha supra mencionada, e com uma reprodução, em marmore policrómico, da estátua de Barrias — *a Natureza desvelando-se perante a Sciencia* —, cujo original existia no Museu do Luxemburgo.

Depois desta cerimónia os dois Chefes de Estado serviram-se de um *copo d'agua*, no *Salon des Lettres*, e em seguida retiraram-se do *Hotel de Ville.* Os convidados, porêm, ainda alí se conservaram cerca de uma hora, para tomarem, tambem, um *copo d'agua*, e para ouvirem a segunda parte do concerto.

El-Rei D. Carlos ainda assistiu nesse mesmo dia a um banquete que lhe ofereceu o presidente do Conselho de Ministros e Ministro dos Negócios Estrangeiros, M. Rouvier, e às onze horas e um quarto da noite tomou um comboio especial na estação dos Inválidos, para ir a Creusot ver as oficinas de Schneider, convencionando-se dar por terminada, naquele momento, a visita oficial.

A 26 de Novembro, El-Rei voltou a Paris, e alí se conservou, incognito, durante alguns dias, hospedado no *Hotel Bristol.*

Para a redacção desta notícia guiámo-nos por um livro intitulado: *Relation Officielle De La Réception de Sa Majesté Carlos Ier Roi de Portugal A L'Hôtel de Ville de Paris — Paris — Imprimerie Nationale* — MDCCCCVIII, onde, a pag. 45, se encontra a seguinte passagem referente à medalha, que, não obstante achar-se numa publicação oficial, contém várias inexactidões que nos cumpre rectificar:

«Les membres de la Municipalité ont ensuite présenté au Roi la mé»daille d'or, à l'effigie de la République, de Chaplain, frappée spécial»ment en l'honneur de sa visite à l'Hôtel de Ville. Cette médaille, du »module de 55 millimètres, porte au revers l'inscription: LA VILLE DE PA»RIS || À SA MAJESTÉ CARLOS Ier || ROI DE PORTUGAL || 24 NOVEMBRE 1905».

O módulo da medalha é de 50 e não de 55 milímetros; o artista que a esculpiu foi Prud'Homme e não Chaplain; e a efigie que nela figura é a da *Ville de Paris* e não a da *Republica.*

N.º 392 — 1905 — **Com.va da visita da Canhoneira «Patria» aos portos do Brasil.** No arco superior da orla, a legenda: CANHONEIRA PATRIA, e no exergo, que está limitado por friso, em duas linhas horizontais: 28 DE DEZEMBRO || 1903. Vista da canhoneira *Patria* a navegar para a esquerda.

℞. — Na orla, que está separada do centro por uma circunferência de traço liso, a legenda assim dividida: no arco superior: COLONIA PORTUGUEZA, e no arco inferior, que daquele está separado por duas estrelinhas: RIO DE JANEIRO. No campo, em cima, as Armas Riais portuguesas, sem ornatos, e por baixo, a seguinte inscrição, em seis linhas, sendo a primeira e a quinta, curvas, e as outras horizontais: LEMBRANÇA || DA || VISITA || DE || AGRADECIMENTO || 1903-1905.

Em cima tem saliência com orificio, e argola movel.

Foi-nos oferecida pelo Sr. Augusto de Sousa Lobo, do Rio de Janeiro.

AR. Diâmetro: 32,5 milímetros. M. b. c. Rara em Portugal.

Bibl.: Diario de Noticias, de 30 de Setembro de 1905 (estampa, acompanhada de uma noticia em que se diz que a medalha foi feita pelo joalheiro Jacob Fuoco, do Rio de Janeiro).

*

A canhoneira «*Patria*» foi construida em Lisboa, no Arsenal da Marinha, sob a direcção do engenheiro francês, o Sr. Croneau, com o produto de uma subscrição entre os portugueses residentes no Brasil, e para celebração do quarto centenário do descobrimento do caminho maritimo para a India. Começou a construir-se em 1901; a 17 de Abril de 1902 foi nela cravado solénemente, por El-Rei D. Carlos, o *primeiro rebite;* em 25 de Junho de 1903 foi benta pelo capelão da armada, Monsenhor Joaquim Antonio Sant'Ana, e dois dias depois, a 27 de Junho de 1903, foi lançada ao mar, com grande aparato, e na presença da Familia Rial.

A cerimónia da entrega da canhoneira ao Governo realizou-se a bordo dela, no dia 27 (e não 28 como erradamente ficou inscrito na medalha), de Dezembro de 1903. O Governo fez-se representar nesse acto pelo Ministro da Marinha, Rafael Gorjão, e a comissão executiva da construção do navio, pelo seu delegado em Lisboa, o contra-Almirante Augusto de Castilho.

Depois de se concluirem os ultimos arranjos na canhoneira, o que demorou ainda alguns meses, foi esta visitar os principais portos do Brasil.

Satisfeitas as despesas com a construção deste navio ficou existindo um saldo de alguns contos de réis, com o qual se fez construir uma lancha-canhoneira, que se denominou: «*Infante D. Manuel*», e que se destinou a serviços de fiscalisação [1].

N.º 393 — 1906 — **Com.va da visita de El-Rei, o Senhor D. Carlos, a Madrid.** Na orla, a legenda: ALFONSO XIII (do lado esquerdo), CARLOS I (do lado direito). Bustos conjugados dos dois Soberanos, estando o de El-Rei D. Carlos no primeiro plano, voltados, à esquerda, fardados e descobertos.

O busto de D. Afonso XIII, ostenta ao peito os colares das Ordens: do Tosão de Ouro e da Torre e Espada; e o de El-Rei

---

(1) Vid. *Relatorio da Commissão Executiva que fez construir no Arsenal da Marinha de Lisboa a Canhoneira Patria e a Lancha-canhoneira Infante D. Manuel a expensas da grande subscripção patriotica promovida entre a Colonia Portugueza do Brazil para celebrar, em 1897, o Quarto centenario do Descobrimento do Caminho Maritimo da India. 1907. Imprensa Libanio da Silva, Lisboa.*

D. Carlos tem penduradas no casaco quatro condecorações. Na secção do braço deste ultimo, lê-se a assinatura: TONY A. SZIRMAI. Esta face é igual à de uma outra medalha, feita pelo mesmo autor desta, para comemorar a visita do Rei de Hespanha a Lisboa. Vid. retro, a medalha n.º 367.

℞.—Tabela, ornamentada por detrás com um ramo de louro, e com a seguinte inscrição em tres linhas horizontais: MADRID ‖ 12-15-MARZO ‖ -1906-.

No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção.

BR. Diâmetro; 55,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Diario de Noticias, de 17 de Março de 1906 (estampa que representa o anverso da medalha, ampliado, e que é acompanhada da seguinte nota: «Medalha commemorativa da visita de »suas magestades a Madrid, encommendada pelo governo hes»panhol ao artista gravador Tony Szirmaï, do Boulevard Males»herbes, em Paris». Duvidamos, porêm, da exactidão desta afirmação, por nos parecer mais crivel que a medalha tivesse sido feita por especulação mercantil. Vid. retro, p. 414, a referência que fizémos ao autor dela).

*

El-Rei, o Senhor D. Carlos e a Rainha, a Senhora D. Amelia, foram a Madrid, no ano de 1906, com o fim de retribuirem oficialmente a visita que D. Afonso XIII lhes havia feito no ano antecedente, em Lisboa, sendo alí recebidos com deslumbrantes festejos e extraordinarias manifestações de simpatia. Partiram de Lisboa, em comboio especial, no dia 11 de Março, às 8,45 da manhã, e chegaram a Madrid, à estação do Meio-Dia, às 4 horas da tarde do dia seguinte.

O Rei de Hespanha, a Rainha D. Cristina e as Infantas foram esperar os seus Régios Hospedes à estação, e acompanharam-nos depois até ao palacio rial, onde ficaram hospedados.

Os Soberanos de Portugal sairam de Madrid no dia 15, pelas 6 horas e 25 minutos da tarde, e chegaram a Lisboa no dia 16, ás 11 horas e 35 minutos da manhã (1).

---

(1) Vid. os jornais da epoca.

N.º 394 — 1906 — **Com.ᵛᵃ do XV Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é interrompida no exergo: CARLOS I REI DE PORTUGAL. Busto de El-Rei D. Carlos, voltado à esquerda, fardado e descoberto. Ao peito ostenta duas medalhas e uma insignia com forma de cruz. Na secção do braço, a assinatura: TONY || SZIRMAÏ.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: XV CONGRÈS INTERNATIONAL DE MÉDECINE: no campo, em cima, em quatro linhas horizontais: LISBONNE || 19-26 || AVRIL || 1906. Do lado direito está sentada numa parede de pedra, uma mulher, laureada, descalça, de pernas traçadas, vestida com leves roupagens, com mangas curtas, a estender a mão direita para a frente e á tocar com o dedo polegar dessa mão na letra L da palavra LISBONNE, para a qual está tambem olhando; com a mão esquerda ampara, pelas costas, um menino nu, que junto dela está de pé, a olhar para o mesmo ponto, e que com a mão esquerda segura uma pasta. Do lado oposto está sentada num degrau, ao pé de um esqueleto humano, uma outra mulher, nua, com o corpo voltado de costas e a cabeça voltada para a direita, e disposta para escrever com um estilo numa tábula que ela ampara com a mão esquerda. Aos pés do menino, estão agrupados os seguintes objectos: uma ampulheta, um frasco, uma serra de cirurgia, um ramo de louro, uma palma, um livro fechado e um outro aberto, lendo-se na pagina deste ultimo, em duas linhas postas ao comprido, e escritas com letras incusas: HIPPO(crates) || GALi(eno).

Æ. Galvanoplastia. Diâmetro: 49 milímetros. M. b. c.

Bibl.: A Medicina Contemporanea, ano XXV, n.º 18, de 5 de Maio de 1907, pag. III da capa (estampa).

N.º 395 — **Outro exemplar**, cunhado. No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção.

BR. M. b. c.

Esta medalha comemora o XV Congresso Internacional de Medicina que se realizou em Lisboa nos dias 19 a 26 de Abril de 1906. Foi feita em Paris, por especulação mercantil, pelo conhecido escultor-medalheiro, Tony Szirmaï, não tendo, portanto, caracter oficial.

Primeiramente o autor fez alguns exemplares pelo processo da galvanoplastia, e depois resolveu fazer outros cunhados, encarregando de lhos venderem em Lisboa os proprietários da livraria de Rodrigues & Comp.ª, da Rua do Ouro, n.os 186 a 188, como consta do seguinte anuncio que vem publicado no citado numero de *A Medicina Contemporanea:* «XV »Congresso Internacional de Medicina — Medalha commemorativa do con»gresso, gravada e cunhada pelo insigne artista — Tony Szirmai (de Pa»ris —

»Preços { em bronze ou bronze prateado................ 3$000 réis
em prata.................................... 6$000 »

»Todas as encommendas serão executadas no prazo de um mez da »data do pedido e deverão ser dirigidas á *Livraria Rodrigues & C.ª— »186, Rua Aurea,* 188 — onde se encontra uma prova em exposição, afim »de poder ser examinada pelas pessoas que assim o desejarem».

N.º 396 — 1906 — (data que está ao pé da assinatura). **Ded.da ao Sr. Dr. João Joaquim Isidro dos Reis.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: A JOÃO JOAQUIM ISIDRO DOS REIS, OS CHAMUSQUENSES AGRADECIDOS.

Busto do Sr. Dr. Isidro dos Reis, voltado de perfil para a esquerda, descoberto e com traje civil. Na secção do braço, a assinatura: A. REGO (*Alves do Rego*, Domingos) || 1906.

℞. — A seguinte inscrição em seis linhas horizontais, tendo a quarta linha um travessão por cima e outro por baixo: PONTE || DA || CHAMUSCA || 18 DE JUNHO 1899 || 21 DE OUTUBRO || 1905.

Æ. Diâmetro: 47 milímetros. M. b. c. Rara.

*

O Sr. Dr. João Joaquim Isidro dos Reis, a quem esta medalha foi dedicada, nasceu na vila da Chamusca a 4 de Dezembro de 1849. Em 1876 concluiu o curso de Direito na Universidade de Coimbra e, pouco tempo depois, dedicou-se à vida politica filiando-se no partido historico. Tendo começado a sua carreira publica como amanuense da Direcção Geral dos Próprios Nacionais, alcançou sucessivamente vários outros cargos de mais alta categoria, tais como: chefe da repartição do gabinete do Ministro da Fazenda, vogal do conselho de administração dos caminhos de ferro do Estado, etc.; foi tambem deputado por Tomar, Santarem e Golegã [1].

[1] Conf. a biografia do Sr. Dr. Isidro dos Reis, publicada no *Diario de Noticias* de 18 de Fevereiro de 1906.

Devido à sua influência politica, conseguiu o Sr. Dr. Isidro dos Reis grandes beneficios e melhoramentos para a sua terra natal, destacando-se, dentre outros, a construção da ponte denominada da Chamusca, que se deve quasi exclusivamente ao seu esforço pessoal [1].

Pondo de parte a enumeração das primeiras tentativas para a realização desse importante melhoramento, pode dizer-se que o primeiro passo para o conseguir foi o *projecto de lei* n.º 43-B, datado de 18 de Junho de 1899 (primeira data que figura na medalha), em que o seu signatário, o Sr. Dr. Isidro dos Reis, pediu às camaras que concedessem ao Governo autorização para mandar concluir a estrada distrital n.º 121, de S. Jorge à Chamusca, e que na mesma autorização se compreendesse a da construção da ponte sobre o Tejo, entre a Chamusca e a Golegã. Na sessão de 22 de Julho de 1899 aprovou-se, quasi sem discussão, o projecto, o qual se converteu depois na Lei de 1 de Agosto de 1899 [2].

Por Portaria de 3 de Junho de 1905 [3], ordenou-se que se abrisse concurso publico para a adjudicação das obras da estrada, e da ponte, em harmonia com a referida Lei de 1 de Agosto, e com as condições estabelecidas num *programa*, que na mesma data se publicou. Encarregado de classificar as propostas e projectos apresentados ao concurso, o Conselho Superior de Obras Publicas e Minas, resolveu, em 21 de Outubro de 1905 (segunda data que figura na medalha), que se devia aprovar em primeiro lugar o projecto apresentado pela *Compagnie de Fives-Lille*, de Paris, representada pelo conhecido engenheiro o Sr. Leon Reynaud [4], a quem foi, por isso, adjudicada a empreitada, por Portaria de 13 de Novembro de 1905.

Em 31 de Agosto de 1909 fez se a entrega provisória da ponte ao Governo, sendo nessa data posta à disposição do publico; a entrega definitiva só se realizou, porêm, a 4 de Novembro de 1910.

Durante o seguimento dos trabalhos alterou-se o projecto primitivo, por se haver reconhecido a necessidade de se aumentar o comprimento da ponte. O taboleiro é metálico e os pilares e encontros são de alvenaria.

A noticia de que o Conselho de Obras Publicas e Minas havia dado parecer favoravel à construção da ponte, em 21 de Outubro de 1905, chegou nesse mesmo dia à Chamusca, pelo telégrafo, o que deu origem a

---

(1) Vid. *loc. cit.* na nota antecedente.

(2) O projecto vem publicado no *Diario da Camara dos Deputados* juntamente com a acta da sessão de 22 de Julho de 1899; a Carta de Lei de 1 de Agosto vem publicada no *Diario do Governo*, de 8 de Agosto de 1899.

(3) *Diario do Governo*, de 5 de Junho de 1905.

(4) A este engenheiro devemos o obsequio de nos ter dado bastantes indicações sobre o assunto de que estamos tratando.

que naquela vila se fizessem ruidosos festejos em honra do Sr. Dr. Isidro dos Reis, os quais duraram tres dias.

Além disso, os *chamusquenses*, querendo ainda dar mais uma prova do seu reconhecimento ao Sr. Dr. Isidro dos Reis, resolveram, por iniciativa e lembrança do Sr. Dr. José Felix Pereira, mandar cunhar, por meio de subscrição, uma medalha para lhe oferecerem. Dirigiu esta homenagem uma comissão composta dos Srs.: João Alves Pimenta de Avelar Machado, Antonio Severiano de Seixas, Benjamim Pereira de Amaral Neto, Manuel Vaz Monteiro e Antonio Jorge.

A comissão contratou o fornecimento da medalha com o conhecido gravador estabelecido na Rua do Ouro, em Lisboa, o Sr. Henri Gris, e este, por sua vez, encarregou de a fazer o gravador da Casa da Moeda, o Sr. Domingos Alves do Rego.

Cunharam-se 150 exemplares de bronze e um de ouro, por encomenda da comissão, e além desses mais alguns para experiências, tendo sido os de bronze distribuidos principalmente pelos subscritores.

O exemplar destinado ao Sr. Dr. Isidro dos Reis, que era o de ouro, foi-lhe entregue solénemente em 3 de Junho de 1906, conforme consta da seguinte correspondencia da Chamusca, publicada no *Diario de Noticias* de 7 de Junho de 1906, p. 9.[1]:

«Ás 11 horas partiu dos paços do concelho o grande cortejo que acom»panhou a commissão a casa do sr. dr. Isidro dos Reis e a qual fica dis»tante desta villa 4 kilometros, encorporando-se n'elle centos de carros, »carretas e bicycletes, a maior parte artisticamente ornamentados.

»O desfile foi imponente! Uma vez chegados á quinta dos Arneiros, »formou-se novo cortejo de todas as corporações, associações e pessoas »distinctas do concelho, sem distincção de cores politicas, e muitissimo »povo que subiu a pé a avenida que conduz á residencia do sr. dr. Isi»dro dos Reis, sendo ensurdecedor o barulho das musicas e foguetes e »dos vivas. Um delirio.

»Depois das apresentações adeantou-se a commissão dos festejos e »o presidente, sr. Avellar Machado, entregou ao sr. dr. Isidro dos Reis, »em nome dos chamusquenses, uma medalha de ouro com a effigie de »sua excellencia e a dedicatoria «Ao excellentissimo sr. dr. João Joaquim »Isidro dos Reis, os chamusquenses reconhecidos», e no reverso, «Ponte

---

[1] Esta correspondencia vem transcrita num folheto politico intitulado: *Ao povo do Concelho da Chamusca*, p. 15 e 16, o qual se publicou por ocasião das eleições de 1910, para defeza da candidatura do Sr. Dr. Isidro dos Reis. No mesmo folheto veem tambem transcritos vários outros artigos, não só do *Diario de Noticias*, como de outros jornais, referentes ao mesmo Sr.; mas deve notar-se que algumas das respectivas citações estão erradas.

»da Chamusca, 21 de outubro de 1905», acompanhando a entrega de al»gumas palavras de inteira justiça e de agradecimento, em que bem tra»duziu os sentimentos de gratidão de todo o concelho.

»A multidão levantou vibrantes e prolongados vivas ao dr. Isidro dos »Reis, que agradecia com os olhos cheios de lagrimas, e que, por sua »vez, com a sinceridade de um grande amigo e com o enthusiasmo de »verdadeiro filho da Chamusca lançou dois vivas ao sr. conselheiro José »Luciano de Castro e ao povo da Chamusca».

N.º 397 — 1906 — **Com.ᵛᵃ da festa da distribuição dos prémios aos alunos das escolas oficiais de Lisboa.** Folha de papel, enrolada na extremidade do lado direito, e ornamentada com dois ramos, um de louro, outro de carvalho, cujos pés se cruzam, em baixo. Junto destes está a assínatura do gravador: LUCIO GR. e na orla, do lado esquerdo, a do editor: JOÃO ANJOS. Não tem legenda nesta face.

℞. — A seguinte inscrição, em nove linhas horizontais: FÈSTA DA || DISTRIBUIÇÃO || DOS PREMIOS || AOS ALUMNOS || DAS || ESCOLAS OFFICIAES || DE || LISBOA || 14-10-906. Em cima tem saliência com orificio, e uma argolinha na qual se prende um gancho que tem atado um lacinho de seda azul e branca.

Aluminio. Diâmetro: 31,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Seculo, de 22 de Setembro de 1906 (estampa).

Esta medalha foi editada, por especulação mercantil, pelo Sr. João Anjos, e executada pelo gravador do Arsenal do Exercito, o Sr. Manuel da Silva Lucio.

Destinou-se a ser usada ao peito pelos alunos das escolas no dia da festa.

*

Tendo o Governo ordenado que a distribuição dos prémios aos alunos das escolas oficiais se fizesse anualmente, em todo o Reino, com vários festejos promovidos pelas Inspecções Escolares, tratou-se de se dar cumprimento a essa ordem de modo que os referidos festejos se realizassem, pela primeira vez, em 27 de Maio de 1906. Á ultima hora, porêm, houve necessidade de os transferir para 14 de Outubro seguinte.

A festa em Lisboa, realizou-se no velodromo de Palhavã, assistindo a o Principe Rial, o Senhor D. Luis Filipe, que fez a entrega dos pré-

mios, e o Sr. Conselheiro João Franco, que proferiu um discurso. As crianças depois de executarem vários exercicios de ginástica vieram em cortejo até à Praça dos Restauradores [1].

N.º 398 — 1906 — **Com.^{va} da celebração da primeira missa, na nova Igreja de Cedofeita.** No arco superior da orla, a legenda: VIRGEM DA CONCEIÇÃO. Imagem de Nossa Senhora da Conceição, de frente, com resplendor, e de pé sobre uma nuvem por entre a qual aparecem quatro cabeças de anjos. Junto da mesma nuvem, esvoaça, do lado direito, um outro anjo.

℞. — A seguinte inscrição, em oito linhas, sendo a primeira, a quinta e a oitava, curvas, e as restantes horizontais: RECORDAÇÃO || DA || 1.ª MISSA CELEBRADA || NA || NOVA IGREJA || DE CEDOFEITA || EM || 8-12-1906.

Em cima tem vestigios de ter tido argola.

AR. Diâmetro: 31 milímetros. M. b. c.

N.º 399 — 1906 — **Ded.^{da} a Miguel Bombarda.** Na orla, a legenda: PROF. MIGUEL (do lado esquerdo), BOMBARDA (do lado direito). No campo, em baixo, do lado direito, a assinatura do escultor-medalheiro: *Simões (sob)* || 1906. Busto voltado de perfil para a direita, com traje de professor e com o colar da Academia Rial das Sciencias.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: XV CONGRESSO INTERNACIONAL DE MEDICINA, e no arco inferior: LISBOA — 1906. A seguir a este milésimo lê-se, ainda na orla, a assinatura: *Simões (sob)* 1906. Tabela de fantasia *(cartouche)*, assente em ramos de louro, na qual está inscrita, com letras incusas, a seguinte legenda, em cinco linhas horizontais: AO || PROF. MIGUEL BOMBARDA || OS || MEDICOS. E. CONGRESSISTAS || PORTUGUEZES.

Sobre a tabela, do lado esquerdo, está sentado o *Genio da Sciencia*, representado por um menino nu e alado, que empunha um facho com a mão direita, que está erguida, e que tem a outra mão firmada na tabela. Ainda sobre esta, estão colocados, do lado direito, um livro fechado, e a taça simbólica com a serpente enroscada.

---

[1] Vid. os jornais da epoca, como, por exemplo, *O Seculo* de 14 e 15 de Outubro de 1906.

No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção.

BR. Diâmetro: 70 milímetros. M. b. c.

Bibl.: O Seculo, de 11 de Setembro de 1906, e de 2 de Janeiro de 1907 (estampas reduzidas); *Suplemento* ao n.º 31 de *A Medicina Contemporanea*, de 2 de Agosto de 1908 (estampa acompanhada de um anuncio para a venda da medalha, pelo preço de 3$500 réis cada exemplar, na Livraria Nacional e Estrangeira de José Antonio Rodrigues & C.ª na Rua do Ouro n.ºs 186 a 188, em Lisboa) (1); Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. V, p. 508 (estampa intercalada na biografia do Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho); *Serões*, vol. VII, 1908, n.º 41, p. 307 (estampa).

Esta medalha foi esculpida pelo Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho). A cunhagem fez-se na Casa da Moeda de Paris e os cunhos foram feitos mecanicamente na casa de Vert & Ozana, naquela mesma cidade. Dela se fez um exemplar de ouro, e vários outros exemplares de bronze.

A respeito desta medalha publicou-se um folheto de 16 páginas, do qual extraimos as noticias que se seguem, intitulado: *Relatorio e Contas da Commissão que tomou a seu cargo a homenagem ao Prof. Miguel Bombarda pela organisação do XV Congresso Internacional de Medicina* — Lisboa — Officina Typographica — 7, Calçada do Cabra, 7 — 1907.

Quando terminaram os trabalhos do XV Congresso Internacional de Medicina, que se realizou em Lisboa nos dias 19 a 26 de Abril de 1906, muitos médicos portugueses, que nele haviam tomado parte, quizeram prestar uma homenagem ao organizador do Congresso, Miguel Bombarda. Para esse fim constituiram-se alguns deles em comissão, sendo por esta resolvido que a homenagem consistisse na oferta de uma medalha de ouro, que seria fabricada no País e à custa de uma subscrição entre os congressistas portugueses.

Contribuiram para a homenagem 282 congressistas, sendo: 167 médicos de Lisboa, 99 médicos da provincia, 15 com várias profissões e 1 anónimo.

---

(1) Os exemplares que se expuzeram à venda pertenciam ao autor da medalha em virtude de uma clausula de um contrato adiante citado. Venderam-se muito poucos.

Obtida a quantia necessaria para o custo da medalha, encarregou se de a executar o distinto escultor-medalheiro, o Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho), por meio do seguinte contrato:

«Pelo presente declaramos nós: José Simões d'Almeida, Sobrinho, es»culptor-gravador, e Manuel Bordallo Pinheiro, na qualidade de presidente »da commissão de homenagem ao Professor Miguel Bombarda, ambos re»sidentes n'esta cidade, que entre nós temos contractado o seguinte:

»O primeiro obriga-se a executar os cunhos e medalha de ouro, en»commendada, pela referida commissão, pelo preço de seis centos e vinte »mil réis nas seguintes condições:

»*Primeira.* — A medalha será executada conforme os modelos appro»vados pela Commissão em sessão de sete de junho de mil novecentos e »seis, tendo no verso o retrato do Professor Bombarda, com o nome gra»vado em volta e no reverso o genio da sciencia rodeado dos emblemas »da Medicina, folhas de louro e a dedicatoria dos medicos e congressis»tas portuguezes;

»*Segunda.* — A medalha terá o diametro de sete centimetros e a es»pessura de tres millimetros e a liga do toque d'Aguia;

»*Terceira.* — O trabalho será apresentado completo no prazo de tres »mezes e meio, podendo este prazo ser ampliado por motivos de força »maior;

»*Quarta.* — A remuneração do trabalho será entregue em tres presta»ções: — a primeira de duzentos e quarenta mil réis na occasião da as»signatura d'este contracto; — a segunda, de duzentos e quarenta mil réis, »quando do estrangeiro chegarem os cunhos para a estampagem; a ter»ceira de cento e quarenta mil réis, quando concluido o trabalho, que »será entregue com estojo apropriado;

»*Quinta.* — Os cunhos e modelos ficam sendo propriedade da commis»são, mediante cuja auctorisação o primeiro outhorgante, José Simões »d'Almeida, Sobrinho, poderá executar medalhas em metal mais inferior, »se lhe forem encommendadas.

»O segundo outhorgante, na qualidade de presidente da referida com»missão e em nome d'esta aceita o presente contracto com as condições »que ficam estipuladas.

»Para constar se fez o presente documento que vae assignado por »ambos os outhorgantes e pelas testemunhas Luiz de Fausto de Castro »Guedes, casado, major do exercito, morador na Rua das Mercês (á Ajuda) »n.º 97, e Antonio Bernardino da Silva Pinto, casado, sollicitador encar»tado, morador na Rua Nova do Almada, 36 — 2.º. Seguem coladas as

»estampilhas no valor total de quinhentos e dez réis, sendo duzentos réis »pelo contracto e trezentos e dez réis pela importancia estipulada. Lis- »boa, 9 de junho de 1906. (Seguem-se as assignaturas e o reconheci- »mento)».

A medalha, depois de ter estado exposta, cerca de um mês, na joalharia dos srs. Leitão & Irmão, no Largo das Duas Igrejas, em Lisboa, foi entregue ao homenagiado na sua própria residencia, em 1 de Janeiro de 1907, por alguns membros da comissão executiva. Acompanhou-a a seguinte mensagem:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Professor Miguel Bombarda.

»Em virtude dos relevantes serviços prestados á classe medica por- »tugueza e a todo o paiz, na organisação do XV Congresso Internacional »de Medicina, reunido em Lisboa em abril proximo passado, movidos por »um grande sentimento de justiça, os medicos e congressistas portugue- »zes, quizeram demonstrar a V. Ex.a, como secretario geral do Congresso, »em perduravel homenagem, o seu muito reconhecimento.

»A commissão que tomou a seu cargo tão justo emprehendimento, »tendo colhido, por subscripção, entre os medicos e congressistas nacio- »naes, os fundos necessarios, resolveu que essa homenagem fosse repre- »sentada pela offerta de um objecto valioso, feito expressamente e devido »á arte e á industria portugueza.

»Nesse proposito incumbiu ao distincto esculptor-gravador Simões »d'Almeida, Sobrinho, a execução de uma medalha de ouro, em que d'um »lado fosse representada a effigie de V. Ex.a e do outro uma allegoria ao »Congresso.

»Sahiu-se o artista com notavel primor, do seu trabalho, que ficou tão »perfeito que faz honra á arte e á industria nacional, embora fosse, por »ventura, a primeira vez que no paiz se cunhasse, em ouro, medalha de »taes dimensões.

»Como a subscripção excedesse o custo da medalha, em quantia re- »lativamente importante, julgou a commissão interpretar fielmente o pen- »samento dos subscriptores, empregando esse excesso em fundos publicos, »cujo rendimento seja applicado a um premio annual, concedido ao alum- »no que mais se distinguir na cadeira de histologia que V. Ex.a proficien- »temente rege na Escola Medico-cirurgica de Lisboa.

»Desempenhou-se a commissão d'este novo encargo, entregando ao »Director da Escola inscripções d'assentamento na importancia desse ex- »cesso.

»Entre os subscriptores figuram, além dos medicos estabelecidos em »Lisboa e em varios pontos do paiz, outros profissionaes, que na sua »qualidade de congressistas, quizeram associar-se a tão justa manifes- »tação.

»Eis singelamente relatada a historia d'este movimento collectivo de »sympathia, que representa mais do que o valor material da offerta, o »grande apreço, em que foram tidos os esforços por V. Ex.ª empregados, »para conseguir o extraordinario exito que teve realmente o XV Con- »gresso Internacional de Medicina.

»1.º de janeiro de 1907 = A Commissão: *Manuel Bordallo Pinheiro — »Simões Carneiro — Antonio Bernardino Roque — Augusto de Vasconcel- »los — João Chaves — Arthur Ravara — Sebastião Peres Rodrigues — Car- »los Santos — Jayme Salazar de Souza — Avelino L. Cardoso — Francisco »Eusebio Leão — Mario Moutinho — D. Antonio de Lancastre — José Joa- »quim d'Almeida — José da Ponte e Souza»*.

Os documentos relativos à homenagem, bem como os cunhos da medalha, foram entregues pela comissão à *Associação dos Médicos Portugueses*.

A subscrição rendeu a quantia de 1.097$000 réis que teve a seguinte aplicação: ao escultor (pelos cunhos e por uma medalha de ouro): 620$000 réis; despesas diversas: 85$500 réis; saldo, que se aplicou ao premio acima referido: 391$500 réis.

N.º 400 — 1907 — **Com.ᵛᵃ da representação de Portugal na segunda Conferencia Internacional da Paz.** Placa com a forma aproximada á de um rectangulo, da qual apenas difere por ter um dos lados (o superior), encurvado. No campo, em quatro linhas horizontais, a legenda: LE. PORTUGAL || A. LA || II. CONFÉRENCE || POUR. LA. PAIX. Em baixo, numa tabela, ornamentada por detrás com ramos de louro e encostada a uma balaustrada, em duas linhas horizontais: LA. HAYE || 1907. Do lado esquerdo está sentada, na extremidade de uma outra balaustrada, uma mulher coroada, descalça, vestida com leves roupagens, voltada de perfil para a direita, e a olhar para um medalhão que está colocado do lado direito, em cima, e que contem o busto de El-Rei D. Carlos, fardado e voltado de perfil para a esquerda. A mulher tem as mãos um pouco estendidas para a frente e faz menção de oferecer ao Soberano umas flores soltas que ela tem na palma da mão direita. A seus pés está colocado um escudo que tem gra-

vado um lião. Na orla, do lado esquerdo, em baixo, lê se a assinatura do escultor: TONY SZIRMAÏ.

℞. — Em cima, a legenda: PAX, iluminada por um resplendor. Ao centro o anjo da Paz, de pé entre dois medalhões, nu da cintura para cima, com o corpo de frente e a cabeça de perfil para a direita, laureado, a segurar uma coroa de louro com a mão direita e a amparar, com a outra mão, a ponta de uma tuba em que está soprando; os braços estão estendidos, e as asas abertas para os lados de modo que ficam colocadas sobre os medalhões. O medalhão do lado esquerdo contém, ao centro, o busto do Imperador da Russia, fardado, descoberto e voltado à direita, e na orla, a legenda: NICOLAVS II; o medalhão do lado direito contém, ao centro, o busto da Rainha da Holanda, com traje de corte, voltado à esquerda, e na orla, a legenda: WILHELMINA. No angulo inferior direito, a assinatura: SZIRMAÏ.

Æ. Galvanoplastia. Comprimento: 90 milímetros; altura máxima: 72; altura mínima: 60.

Esta medalha foi feita em Paris, por especulação mercantil, pelo conhecido escultor-medalheiro Tony A. Szirmaï. Cremos que sómente se fizeram exemplares pelo processo da galvanoplastia e em numero limitado.

O anjo da Paz que figura nesta medalha já tinha sido aplicado pelo seu autor, com as proporções mais reduzidas, numa outra medalha, retro descrita sob o n.º 357, comemorativa da representação de Portugal na Exposição Universal de Paris, de 1900.

*

A segunda Conferencia Internacional da Paz, inicialmente proposta pelo presidente dos Estados Unidos da America, tendo sido convocada, a convite do Imperador de Todas as Russias, pela Rainha dos Paises Baixos, reuniu se em 15 de Junho de 1907, na Haia, na Sala dos Cavaleiros, com a missão de dar um novo desenvolvimento aos principios humanitarios que serviram de base á obra da primeira Conferencia, de 1899 [1].

Numa série de sessões, realizadas de 15 de Junho a 18 de Outubro, formularam-se as seguintes convenções e declaração, para serem submetidas à assinatura dos plenipotenciários:

I. Convenção para a solução pacifica dos conflitos internacionais;

---

(1) Vid. o acto final da Conferencia, no *Diario do Governo*, n.º 49, de 2 de Março de 1911.

II. Convenção relativa à limitação do emprego da força para cobrança de dividas derivadas de contratos;

III. Convenção relativa à abertura das hostilidades;

IV. Convenção relativa às leis e costumes da guerra terrestre;

V. Convenção relativa aos direitos e deveres das Potencias e das pessoas neutrais, no caso de guerra terrestre;

VI. Convenção relativa ao regimen dos navios mercantes inimigos, no principio das hostilidades;

VII. Convenção relativa à transformação dos navios mercantes em navios de guerra;

VIII. Convenção relativa à colocação de minas submarinas automaticas de contacto;

IX. Convenção relativa ao bombardeamento por forças navais em tempo de guerra;

X. Convenção para adaptação à guerra maritima dos principios da Convenção de Genebra;

XI. Convenção relativa a certas restricções do exercicio do direito de captura na guerra maritima;

XII. Convenção relativa à instituição de um tribunal internacional de presas;

XIII. Convenção relativa aos direitos e deveres das Potencias neutrais no caso de guerra maritima;

XIV. Declaração relativa à interdição de lançar, por meio de balões, projecteis e explosivos.

Na Conferencia fizeram-se representar 44 Potencias.

Os representantes de Portugal foram os Srs.: Marquês de Soveral, Conde de Selir, Alberto de Oliveira, tenente-coronel Tomás Antonio Garcia Rosado e capitão-tenente Guilherme Ivens Ferraz, os tres primeiros na qualidade de delegados plenipotenciários, e os ultimos de delegados tecnicos.

N.º 401 — 1907 — **Ded.da ao escultor Teixeira Lopes.** Na orla, a legenda: A. TEIXEIRA (do lado esquerdo) LOPES (do lado direito). Busto de Teixeira Lopes, com o corpo voltado a tres quartos e a cabeça de perfil, para a esquerda, descoberto e com traje civil. Na secção do busto, a assinatura: *Simões (sob)* 1907.

℞. — Do lado esquerdo, em onze linhas horizontais, a legenda: AO || EMINENTE || ESTATUARIO || HOMENAGEM || DOS || SEUS GRATOS || ADMIRADORES || OS || EMPREGADOS || DA CASA || ANJOS & C.IA;

do lado direito: 1907. Reprodução da estátua da *Historia*, feita por Teixeira Lopes para o tumulo de Oliveira Martins, a qual representa uma mulher sentada num trono de pedra, envolvida num manto, a olhar tristemente para o espaço, e a folhear um livro que ela tem sobre o joelho esquerdo e que está ornamentado com uma cruz e com uma palma. Uma outra palma, de maiores dimensões, ornamenta o trono.

Na orla, do lado direito, em baixo, a assinatura: *Simões (sob.)*.

Æ. prateado. Galvanoplastia. Diâmetro: 69 milímetros. M. b. c. Rara.

Bibl.: folheto artistico com as páginas ligadas com uma fita de seda branca, enlaçada na capa, intitulado: *A Polycarpo Pecquet Ferreira dos Anjos — Homenagem dos Empregados da Casa Commercial — Anjos & C.ª* – MCMVII (1) (estampa); *Illustração Portugueza*, n.º 101, de 27 de Janeiro de 1908 (estampa); *Diario de Noticias*, de 1 de Janeiro de 1908 (estampa), e de 9 do mesmo mês; *Serões*, vol. VII, 1908, n.º 41, p. 308 (estampa); *O Occidente*, vol. XXXI, 1908, p. 54 (estampa).

Tendo falecido, em 23 de Junho de 1905, o Sr. Policarpo Pecquet Ferreira dos Anjos, muito conhecido e respeitado comerciante da Praça de Lisboa, sócio da Casa de *Anjos & Comp.ª*, os seus antigos empregados resolveram mandar fazer, em marmore, o busto do finado, para ser colocado no escritório daquela casa. Teixeira Lopes foi o autor do busto e o seu trabalho agradou tanto aos promotores da homenagem que estes resolveram manifestar-lhe a sua admiração oferecendo-lhe a medalha acima descrita, a qual foi esculpida pelo escultor-medalheiro, o Sr. José Simões de Almeida, Sobrinho, e executada em Paris, pelo processo da galvanoplastia, na Casa de Vert & Ozana. Fizeram-se pouquissimos exemplares.

O exemplar destinado a Teixeira Lopes foi-lhe entregue em 30 de Dezembro de 1907, no escritório da casa dos Srs. Anjos, e na presença destes, dos seus empregados, e dos seguintes convidados: José Veloso Salgado, Columbano Bordalo Pinheiro, Manuel Gustavo Bordalo Pinheiro, José Simões de Almeida, Junior, e José Simões de Almeida, Sobrinho.

Ao entregar a medalha o empregado, José Augusto Ribeiro, leu a

(1) Possuímos um exemplar que nos foi oferecido pelo Sr. Afonso Vargas.

seguinte mensagem, que havia sido redigida pelo seu colega, o poeta Afonso Vargas:

«Ill.mo e Ex.mo Sr. Antonio Teixeira Lopes = Na impossibilidade de »melhor traduzirmos o vivo sentimento de gratidão que para todo o sem»pre vinculará os nossos corações ao nome e á obra de V. Ex.a, digne-se »V. Ex.a ver nas descoloridas palavras que aqui lhe endereçamos mais »do que ellas pretendem significar em homenagem ao seu levantado e »luminoso espirito e á sua illimitada e incomparavel bondade.

»De um e de outra recebemos nós constantes e inequivocas provas, »e a um e a outra quereriamos tecer especiaes louvores.

»Mas se a força soberana do genio elevou V. Ex.a á gloriosa culmi»nancia em que todo um paiz o vê e o festeja, a nós justamente nos »mantem na natural penumbra de obscuros e modestos trabalhadores »que somos, e d'onde não temos a pueril vaidade de tentar sair; pelo »que, em vão deligenciámos achar a forma propria a exprimir-lhe o que »gostariamos de dizer-lhe.

»Taes, porém, como somos, aqui nos tem V. Ex.a a prestar-lhe a sen»tida homenagem que lhe devemos e tão cordialmente lhe trazemos.

»Corporisou V. Ex.a n'um impeccavel e assombroso primor d'arte o »incoercivel sonho de todos nós, e se nos fallece a competencia para apre»cia-lo como criticos, sobra-nos, ainda bem, a sinceridade para admira-lo »como enthusiastas.

»Da nossa bocca não podem sair juizos que para um Mestre da es»tatura de V. Ex.a seriam impertinentes ou banaes, mas podem sahir, e »sahem, saudações frementes e convictas áquelle que assim comprehen»deu e realisou o nosso ideal.

»Permitta, pois, V. Ex.a que confessando-nos mais uma vez summa»mente reconhecidos, e ao deixarmos nas suas mãos a pequena lembrança »que tomamos a liberdade de offerecer-lhe, em recordação do penhorante »laço que entre nós se estabeleceu, e a que formosamente se associou »um já illustre e seu moço irmão d'arte, — lhe renovemos os protestos »da nossa mais entranhada sympathia e altissima consideração.

»De V. Ex.a

»Muito Att.os e devotados admiradores — Antonio Gonçalves d'Oli»veira — Luiz Cezar da Silva Brito — João Hygino das Neves — José Au»gusto Ribeiro — A. M. Rosa Valente — José Miranda — Francisco Victo»rino Pedroso — Joaquim José Collaço — Julio da Rocha — Henrique Fer»reira Lima — Raul Alberto Ferreira Flores — Manoel Rocha — Antonio »Barreiros Lopes — Guilherme Augusto da Rocha Neves — Joaquim Vi»cente Hortas — Antonio d'Assumpção Ramos — Jayme de Campos Silva —

»Manoel de Brito Magro — Julio Bruno Pereira — Joaquim Ignacio Lopes »Franco — Manoel Francisco Alvaro Junior — Antonio Nicolau Ferreira — »Innocencio Carvalho Martins — José Emygdio da Silva — Eusebio Nunes »da Silva — Antonio Vicente Hortas — Alfredo Ferreira — José dos Santos »Sobral — Thomaz Reis de Carvalho — Antonio Leal — João Eduardo da »Silva Loureiro — Francisco dos Santos — José Rodrigues Leite — José »Godinho Garcia — Affonso Vargas (1)».

N.º 402 — 1908 — **Ded.da ao escultor Simões d'Almeida, Junior.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo e é muito interrompida em cima e no exergo: JOSÉ SIMÕES — D'ALMEIDA J.or Busto do Sr. Simões de Almeida, voltado de perfil para a esquerda, com traje civil e descoberto. Na secção do braço, a assinatura: *F.do de Almeida* — 1908 —.

℞. — No campo, a seguinte legenda assim dividida: do lado esquerdo, em cinco linhas: AO || EMINENTE || ESTATUARIO || INSIGNE || PROFESSOR — e do lado direito, em baixo, em seis linhas tambem horizontais: E PRESTIMOSO || DIRECTOR || DA ESCOLA DE || BELLASARTES || DE || LISBOA.

Ainda no campo, em cima, do lado direito, o milésimo: 1908.

No exergo, que está demarcado, do lado direito, a assinatura: *Fdo de Almeida.* Reprodução da estátua da Vitória, executada pelo Sr. Simões de Almeida para o monumento da Praça dos Restauradores: mulher alada, de frente, vestida com leves roupagens, descalça, laureada, a sustentar, com a mão direita erguida, uma coroa de louro, e a segurar, com a outra mão, uma palma.

A seus pés vêem-se algumas armas, e um peito de armadura ornamentado com dois raminhos de louro.

Æ. prateado. Galvanoplastia. Diâmetro: 70 milímetros. M. b. c. Muito rara.

Foi-nos oferecida pelo autor.

Bibl.: Sociedade Nacional de Bellas-Artes. Catalogo Illustrado da 7.ª exposição... abril a maio de 1909 (estampa).

(1) Esta mensagem vem publicada no folheto, e no numero do *Diario de Noticias,* de 9 de Janeiro de 1908, já citados supra na bibliografia referente à medalha de que nos estamos ocupando.

Esta medalha foi modelada e esculpida pelo distinto esculptor medalheiro amador, o nosso amigo, D. Fernando de Almeida, e por este dedicada ao ilustre artista o Sr. José Simões de Almeida, Junior, como prova de admiração pelo seu talento.

A medalha foi executada em Paris, pelo processo da galvanoplastia, na casa de Vert & Ozana.

O autor apenas distribuiu tres exemplares, um ao Sr. José Simões de Almeida, Junior, outro ao Sr. José Simões de Almeida, Sobrinho, e o terceiro a nós.

N.º 403 — 1908 — **«Medalha commemorativa do quinquagesimo an»niversario da fundação do Collegio de Campolide.**

»Medalha de bronze com 5 centimetros de módulo.

»ANVERSO — Na orla uma faixa interrompida em certa altura por se »lhe prender nas extremidades uma fita que vae ligar-se em »baixo com o escudo d'armas do reino, egual ao que se fi»gura na medalha chamada «a Conceição», mandada cunhar »por El-Rei D. João IV em honra da Immaculada. Na parte »superior do campo, em posição diametralmente opposta ao »escudo, vê-se em meio de estrellas o busto da Immaculada »Conceição, que sae d'entre nuvens sobre a meia lua.

»Sobre a faixa da orla:

»COMMEMORAÇÃO DO QUINQUAGESIMO ANNIVERSARIO
»DA FUNDAÇÃO DO COLLEGIO

»Sobre a fita:

»GENERATIO RECTORUM BENEDICETUR

»No campo:

»DIRECTORES DE CAMPOLIDE
»1858 a 1908

»1.º	2.º
»P.e C. RADEMAKER	P.e J. MEAGHER
»3.º	4.º
»P.e FRANCO STURZO	P.e J. CAMPO SANTO
»5.º	6.º
»P.e A. CORDEIRO	P.e J. MAGALHÃES
»7.º	8.º
»P.e L. CABRAL	P.e A. BARROS

»REVERSO — Na orla uma fita que, depois de circumscrever a medalha, »se prolonga de modo que divide o campo em duas partes: »a de cima apresenta o Collegio como era na occasião da »fundação, vendo-se o sol nascente por traz d'uma collina, »e a data de 1858 em relêvo; a de baixo apresenta o edi»ficio como elle se tornou cincoenta annos depois, e a data »de 1908 em relêvo.

»Sobre a fita na parte superior:

»CAMPOLIDE

»Sobre a fita na parte inferior:

»COLLEGIO DE MARIA SS. IMMACULADA

»Na parte da fita que divide o campo:

»TABERNACULA JUSTORUM GERMINABUNT

»A medalha, tanto no anverso como no reverso está assignada »pelo auctor e gravador: **D. Fernando de Almeida**».

Transcrevemos esta descrição de um impresso que acompanha a medalha, feito pelo autor desta e que tem mais o seguinte manuscrito:

«NB. Esta medalha foi cunhada em Paris, cunharam-se 200 »exemplares em cobre, 2 em prata e um em oiro».

No bordo tem gravada a palavra: BRONZE, precedida de um punção.

Este exemplar foi-nos oferecido pelo autor.

BR. Diâmetro: 50 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Impresso avulso que acompanha a medalha, supra transcrito (descrição); *O Nosso Collegio* (publicação do Colegio de Campolide), ano de 1908 a 1909, n.º 5, pgs. 130-132 (estampa, acompanhada de um artigo firmado pelo Rev.do P.e Luis Gonzaga Cabral) [1].

Esta medalha foi modelada e esculpida pelo nosso amigo, D. Fernando de Almeida, antigo aluno do colegio de Campolide e escultor-medalheiro amador. Os cunhos foram feitos mecanicamente, em Paris, na casa de Vert & Ozana, e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda da mesma cidade.

---

[1] Vid. tambem o jornal: *O Mundo*, de 28 de Novembro de 1910, onde vem publicada uma gravura da medalha em tamanho reduzido, com a seguinte nota por baixo: «*O verso »e o reverso de uma medalha encontrada no colegio de Campolide e comemorativa do quin»quagesimo anniversario da fundação do coio»*; *História do Colégio de Campolide da Companhia de Jesus*, etc. Estampa XVI, e p. 142.

*

O Colegio de Maria Santissima Imaculada, vulgarmente conhecido por *Colegio de Campolide*, dirigido por padres da Companhia de Jesus, foi durante muitos anos o principal estabelecimento de ensino secundário particular de Lisboa, tendo sido por isso o escolhido pelas primeiras familias, não só da capital como tambem da provincia, para nele mandarem educar seus filhos.

Fundado em 1854 pelo Rev.do P.e Isler, numa casa modesta na Rua dos Cardais de Jesus, e destinado a principio a recolher e ensinar crianças pobres, em breve tomou tal desenvolvimento, devido à direcção do Rev.do P.e Carlos Rademaker, que pouco tempo depois teve de se instalar em edificio mais amplo no Largo da Pascoa. Mudou-se em seguida para a Travessa do Moinho de Vento e, por fim, no ano de 1858, instalou-se definitivamente na Quinta da Torre, em Campolide, num edificiozinho que veio a tornar-se sumptuoso e perfeitamente adequado ao fim a que se destinava, em virtude de sucessivas alterações que nele se fizeram (1).

N.º 404 — 1908 — **Com.va da projectada visita de El-Rei, o Senhor D. Carlos, ao Brasil.** Na orla, a legenda que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida do mesmo lado em cima, e no exergo: D. CARLOS - I - AMELIA. REIS DE PORTUGAL.

Bustos, a par, de El-Rei D. Carlos (do lado direito), e da Rainha D. Amelia (do lado esquerdo), voltados a tres quartos para a esquerda, e ornamentados por baixo com flores. O busto de El-Rei está fardado e descoberto, e o da Rainha, decotado.

℞. — Na orla, que está limitada por uma circunferência de pontos, a legenda assim dividida: no arco superior: VISITA AO BRAZIL 1908, e no arco inferior, que daquele está separado por duas flores: SALVE. Brazão darmas português (do lado esquerdo) e emblema do Brasil (do lado direito), colocados obliquamente, no meio de um ornato.

Em cima tem uma argola movel ligada a uma outra que está fixada no bordo.

AR. Diâmetro: 28 milímetros. M. b. c.

Foi-nos oferecida pelo nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 207 (estampa).

---

(1) Vid. *O Nosso Collegio*, já citado, e o *Diario de Noticias*, de 19 de Novembro de 1908.

Esta medalha era destinada a comemorar a visita, que se não realizou, dos Soberanos de Portugal ao Brasil, em 1908.

Diz a Senhora Viscondessa de Cavalcanti, *ob. cit.* p. 102, que ela se distribuiu no Rio de Janeiro por ocasião da Exposição Nacional de 1908.

N.º 405 — 1908 — **Ded.da a El-Rei, o Senhor D. Manuel II.** Na orla, a legenda: D. MANOEL. II (do lado esquerdo), REI DE PORTUGAL (do lado direito). Por fóra da legenda, circunferência de folhas de louro. Busto de El-Rei, levemente voltado à esquerda, fardado, descoberto e condecorado: com uma comenda sobre o lado esquerdo do peito, com o colar e insignia da Ordem do Tosão de Ouro, e com uma banda a tiracolo. No campo, por cima do busto, ha uma coroa rial, ornamentada com duas fitas, e a projectar raios luminosos sobre a cabeça do Soberano.

℞. — Na orla, que está limitada por uma circunferência de pontos, a legenda assim dividida: no arco superior, entre seis estrelinhas: 1889 - 1908, e no arco inferior: HOMENAGEM DO BRASIL. O tipo é igual ao do reverso da medalha antecedente: Brazão darmas português (do lado esquerdo), e emblema do Brasil (do lado direito), colocados obliquamente, no meio de um ornato.

Em cima tem uma argola movel ligada a uma outra que está fixada no bordo.

AR. Diâmetro: 28 milímetros. M. b. c.

Foi-nos oferecida pelo nosso amigo, Henrique de Campos Ferreira Lima.

Bibl.: Viscondessa de Cavalcanti: *Catalogo das Medalhas Brasileiras*, n.º 208 (estampa).

Diz a Senhora Viscondessa de Cavalcanti, *ob. cit.* p. 102, que esta medalha, tambem se distribuiu, como a antecedente, no Rio de Janeiro, por ocasião da Exposição Nacional de 1908.

N.º 406 — 1908 — **Com.va da aclamação de Sua Majestade El-Rei, o Senhor D. Manuel II.** Placa com a forma aproximada à de um rectangulo, da qual apenas difére por ter um dos lados menores recurvado, a qual contem o seguinte tipo, colocado ao

alto: Em baixo, a seguinte legenda, em tres linhas horizontais: REAL! REAL! REAL! PELO MUITO ALTO || MUITO PODEROSO E FIDELISSIMO REI || DE PORTUGAL O SENHOR D. MANUEL II (fórmula da aclamação dos Reis de Portugal). Do lado esquerdo, a *Historia*, representada por uma mulher vestida com leves roupagens, sentada numa cadeira que tem ao lado, como ornato, um lião alado, e a escrever numa tábula uma inscrição latina, vagamente esboçada. Do lado direito está de pé uma outra figura de mulher, a *Paz*, a apontar com a mão esquerda descaída, para a palavra PAX, que está gravada no sol que desponta por detrás dela, e a colocar uma coroa rial, com a mão direita erguida, sobre um medalhão que contem o busto de El-Rei, fardado, voltado a tres quartos para a esquerda, e rodeado da seguinte legenda: D. MANUEL II REI DE PORTUGAL. Por detrás das figuras ha um gradeamento que imita folhas de hera, e ao fundo avista-se arvoredo. No angulo inferior direito está colocado um ramo de louro, e no angulo superior esquerdo, lê-se a assinatura do escultor: T. SZIRMAÏ. As legendas desta face são incusas.

℞.—Na orla, em baixo do lado direito, a legenda: — PAX — LABOR —, e a assinatura: T. SZIRMAÏ. No campo, em cima, a data da aclamação do Soberano, em tres linhas horizontais: 6 DE MAIO || DE || 1908. Na parte de baixo, do lado esquerdo, está um anjo, de pé sobre um ramo de louro, nu e alado, a segurar, com a mão direita, uma espada que tem a ponta assente no chão, e a apoiar a mão esquerda num escudo com as armas portuguesas. Do lado direito está sentada, junto de um ramo de carvalho, uma mulher, vestida com leves roupagens, descalça, com o pé esquerdo desviado para trás e o direito assente em dois livros, com o cotovelo do braço esquerdo firmado num outro livro, que está aberto sobre o joelho direito, e com a mão direita estendida e a segurar uma palma que ornamenta a data do lado esquerdo. Ao fundo divisam-se alguns navios.

Æ. prateado. Galvanoplastia. Altura máxima: 74,5 milímetros; minima: 69; largura: 53. M. b. c.

Bibl.: Diario de Noticias, de 23 de Outubro de 1908 (descrição); *Serões*, n.º 43, Janeiro de 1909, p. 76 (estampa).

Esta medalha foi feita, por especulação mercantil, pelo conhecido escultor-medalheiro residente em Paris, Tony Szirmaï. Foi executada pelo processo da galvanoplastia.

*

S. M. El-Rei tendo subido ao trono de Portugal no trágico dia 1 de Fevereiro de 1908, foi solénemente aclamado *Rei*, pelas duas camaras reunidas e com o cerimonial do costume, no dia 6 de Maio do mesmo ano.

A' cerimónia oficial associou se grande parte do povo, que nesse dia fez ao novo Soberano uma das mais ruidosas e entusiásticas manifestações de simpatia que se teem realizado nos ultimos tempos.

N.º 407 — 1908 — **Com.va da 10.ª Conferência Telegráfica Internacional, realizada em Lisboa**. A *Telegrafia*, representada por uma mulher, sentada num banco de pedra, voltada a tres quartos para a direita, descalça, nua da cintura para cima, laureada, com uma estrela por cima da cabeça, e a manobrar um aparelho telegráfico, que está pousado nos joelhos e que se liga com a terra por meio de um fio. A' direita da figura está um ramo de carvalho, e à esquerda um outro aparelho telegráfico. Ao fundo divisa-se uma grande planície, limitada por montanhas nas quais estão espetados, de espaço a espaço, do lado direito, alguns postes telegráficos. O exergo está limitado por friso. Não tem legenda nenhuma nesta face.

℞. — No campo, em cinco linhas horizontais, a seguinte inscrição, que está colocada na parte de baixo e desviada para a direita: UNIÃO TELEGRAPHICA INTERNACIONAL || X || CONFERENCIA || LISBOA || MCMVIII. Por cima da inscrição, as Armas Riais Portuguesas, sem ornatos, e do lado esquerdo, uma palma. No bordo tem gravada a palavra: BRONZE.

BR. Diâmetro: 45,5 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Diario de Noticias, de 10 de Junho de 1908 (estampa).

No jornal que acabámos de citar vem a estampa da medalha acompanhada da seguinte noticia: «Foram hontem entregues ao sr. conselheiro »Alfredo Pereira, digno director geral dos correios, as medalhas que de»vem ser distribuidas aos membros da conferencia telegraphica, que se »tem realisado em Lisboa. Essas medalhas, como se vê pelos desenhos »que em seguida publicamos, são um bello trabalho executado em Lis»boa nas officinas do industrial sr. Frederico Costa, fabricante de con»decorações, sobre um croquis do sr. Arthur Lobo d'Avila e que honra »sobremaneira a industria nacional. As medalhas são de bronze e correc-

»tissimamente cunhadas, rivalisando em tudo com as que aos congres-
»sistas foram offerecidas em Roma por occasião da nona conferencia in-
»ternacional».

As informações que conseguimos obter para a historia da medalha não concordam, porêm, totalmente, com as que vem indicadas na noticia que acabámos de transcrever.

Segundo nos disseram, em Lisboa apenas se cunharam cerca de dois exemplares de prata, sendo um deles destinado ao Sr. Alfredo Pereira. Os outros, que eram de bronze, parece que se cunharam na Casa da Moeda de Paris, pois que teem impressa no bordo, como todas as obras que lá se fabricam, a designação do metal de que são feitos. Com respeito ao trabalho de gravura, cremos que tambem foi executado no estrangeiro, se não todo, pelo menos o do anverso.

Informaram-nos tambem, que a medalha foi mandada cunhar pela Administração Geral dos Correios, para ser distribuida aos membros da Conferência.

Alguns exemplares apareceram à venda na Casa Liquidadora da S.ra D. Maria Guilhermina de Jesus.

N.º 408—1909—**Ded.da ao Sr. Aprigio Lião.** Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: HOMENAGEM AO VENERANDO CHEFE DOS CAÇADORES. Busto do Sr. Aprigio Lião, voltado a tres quartos para a direita, descoberto, com a barba em bico e gravata de laço.

℞.—Na orla, que está limitada do centro por uma circunferência de pontinhos, a seguinte legenda assim dividida: no arco superior: APRIGIO AUGUSTO LEÃO, e no arco inferior, que daquele está separado por dois florõezinhos: PAÇOS DE FERREIRA. Cinto de caçador, atravessado por duas espingardas cruzadas, e por um saco de caça em que está inscrito o milésimo: 1909.

Em cima tem uma argola, triangular, ligada a um espigão que está fixado no bordo.

AR. Diâmetro: 36 milímetros. M. b. c. Rara.

*

O Sr. Aprigio Augusto Lião é um notário muito conhecido e estimado em Paços de Ferreira, que se dedica, nas horas vagas, a exercicios venatórios e que pela sua edade avançada, pois já é octogenário, é o decano dos caçadores daquele sitio. Em sua honra realizou-se em Paços de Fer-

reira, no ano de 1909, junto da capelinha de Nossa Senhora do Pilar, de onde se disfruta magnifico panorama, um concurso de tiro aos pombos, promovido pelo Sr. Comendador Francisco Jaime Pereira dos Santos, a cujos assistentes foram por este oferecidos exemplares da medalha supra descrita, a qual tinha sido por ele encomendada ao proprietário da casa intitulada: *A Mascotte*, situada na Rua do Ouro, em Lisboa, e executada, por mandado deste ultimo, em Turim, nas oficinas de Tabasso.

Depois da festa, os assistentes fotografaram-se em grupo, com as medalhas ao peito.

Ao Sr. Dr. Luis Alves Pinheiro Torres, muito considerado proprietário em S. Pedro de Raimonda, devemos parte destas informações.

N.º 409 — 1909 — **Com.va da visita de S. M. El-Rei, o Senhor D. Manuel II, a Inglaterra.** No arco superior da orla, a legenda: KING MANUEL II OF PORTUGAL, K. G. (Knihgt of the Garter = Cavaleiro da Jarreteira). No campo, do lado esquerdo, em tres linhas horizontais: VISIT || TO || ENGLAND, e do lado direito: 1909. Busto de El-Rei, voltado levemente para a esquerda e revestido com o traje e insignias da Ordem da Jarreteira.

℞. — Na orla, coroa de louro fechada, e ligada com duas fitas que se cruzam, de espaço a espaço, em seis pontos, e ornamentada com seis escudetes em que sucessivamente, a começar por cima do lado direito, se vêem gravadas as insignias das seguintes Ordens Portuguesas: de Cristo, mal reproduzida (?), de São Tiago, da Torre e Espada, de Aviz, do Mérito Industrial, e da Conceição. Ao centro, as Armas de Portugal, com o hábito da Ordem de Cristo pendente, amparadas por dois dragões, e encimadas por uma coroa rial cuja fórma difére bastante da que é adótada em Portugal.

No exergo, que não está separado por friso, por baixo da coroa de louro, a assinatura do fabricante: SPINK. LOND(ON).

AR. dourada. Diâmetro: 76 milímetros. M. b. c. Rara.

No jornal: *Correio da Manhã*, de 5 de Junho de 1910, vem publicada a seguinte noticia referente a esta medalha [1]: «Echos — O ultimo pre»sente de Eduardo VII a El-Rei D. Manuel — Para se desempenhar da »honrosa missão de que veiu encarregado de Londres, foi hontem rece»bido por Sua Majestade El-Rei, o nosso collega Joaquim Leitão, que, »ao Senhor D. Manuel — além de duas magnificas photographias de tre-

(1) Conf. O *Diario de Noticias* da mesma data.

»chos do cortejo dos funeraes do Rei Eduardo, em que se vê o Rei de »Portugal e que a El-Rei foram mandadas pela Familia Real Ingleza,— »entregou o ultimo presente de Eduardo VII.

»É uma delicada lembrança de Eduardo VII: uma medalha mandada »gravar pelo Rei Eduardo, para commemorar a primeira visita official »que El-Rei D. Manuel fez á Inglaterra.

»A medalha, sobriamente gravada, tem no anverso o busto do Senhor »D. Manuel, revestido das insignias da Ordem da Jarreteira, com estes »dizeres: *King Manuel II of Portugal.*

»Ao lado direito do busto lê-se: (Visit) *To England;* ao lado esquerdo, »apenas: 1909, a data da viagem do Rei de Portugal a Londres.

»O reverso occupa-o a corôa real e as armas nacionaes, orladas de »uma corôa formada pelo entrelaçamento das varias condecorações por- »tuguezas.

»Essa enternecedora memoria da viagem de El-Rei D. Manuel, viagem »que tanta e tão benefica importancia internacional teve, pois n'ella dei- »xou firmado o seu renome de chefe de Estado illustrado e dotado de »um excepcional tino politico; essa enternecedora recordação, diziamos, »é mais uma prova de deferencia do Rei Eduardo que a nenhuma outra »visita de monarchas estrangeiros dedicou.

»Infelizmente, a medalha que commemora a viagem de novembro de »1909, só ficou prompta nos ultimos dias da vida do Rei Eduardo.

»E ella fica, portanto, representando para S. M. El-Rei D. Manuel o »commovido legado do grande coração do *Pacificador.*

»El-Rei D. Manuel viu, n'esse posthumo e tão delicado presente do »Rei Eduardo, mais uma vez a situação excepcional de que se gosava e »se gosa juncto da Familia Real Ingleza, mais uma affirmação das atten- »ções excepcionalissimas de que o Rei de Portugal é alvo em Inglaterra.

»Declarando quanto o commovia essa recordação da viagem regia »feita á côrte de Eduardo VII, S. M. o Senhor D. Manuel demorou-se a »apreciar essa verdadeira reliquia, que se muito distinguiu o Rei de Por- »tugal muito nos desvanece a todos nós portuguezes, por que nos revela »mais uma vez o quanto El-Rei D. Manuel era apreciado e querido pelo »Rei a quem todo o mundo apreciava e queria.

»Como collegas e admiradores de Joaquim Leitão nos desvanecemos »tambem pela honra que lhe foi conferida de ser o portador de tão pre- »ciosa recordação de Eduardo VII como a que El-Rei D. Manuel acaba »de receber».

Pelo que conseguimos averiguar a respeito desta medalha, chegámos à conclusão de que a noticia que acabámos de transcrever está funda-

mentalmente errada. A medalha não foi, como alí se diz, cunhada por ordem de Eduardo VII, mas sim à custa de uma subscrição, entre os membros ingleses, e portugueses residentes em Londres, das Ordens de Cavalaria Portuguesas. Foi uma homenagem semelhante à que em 1904 havia sido prestada a El-Rei o Senhor D. Carlos [1], e que foi levada a efeito por uma comissão presidida por Sir Albert Rollit e composta dos seguintes membros: Barão de Sousa Deiró, Lord Denbigh, Sir Henry Green, Sir Ropper Parkington, Sir Clifton Robinson, Mr. A. G. Sandeman, Colonel Suarez, Mr. Glanville e Adelino Pinto Leite.

Esta comissão foi recebida por El-Rei no dia 24 de Novembro de 1909, no palacio da Legação de Portugal em Londres; mas como a medalha não estava ainda concluida, limitou-se a entregar ao Soberano uma mensagem, que foi lida por Sir Rollit, e em que se dizia que *uma medalha estava sendo cunhada por ordem dos cavaleiros das Ordens portuguesas, para comemorar a visita de El-Rei a Londres* [2].

Deve pois ter sido em nome da comissão promotora da homenagem, e não em nome de Eduardo VII, que o Sr. Joaquim Leitão entregou a El-Rei o exemplar da medalha acima mencionado.

A medalha foi feita, do mesmo modo que a que havia sido dedicada ao Senhor D. Carlos, nas oficinas dos conhecidos joalheiros de Londres os Srs. Spink & Son, tendo-se cunhado tambem igual numero de exemplares, isto é, cerca de quatro de prata dourada e outros tantos de prata com a côr natural, que foram pelos fabricantes entregues à pessoa que lhos havia encomendado, e mais dois ou tres, tambem de prata dourada, que pelos mesmos fabricantes foram vendidos a coleccionadores.

A prata empregada na medalha é quasi pura [3].

*

A medalha que acima ficou descrita, comemora a visita oficial de El-Rei o Senhor D. Manuel II, ao Rei de Inglaterra, Eduardo VII, a qual se realizou desde 15 até 27 de Novembro de 1909.

S. M. El-Rei, partiu de Lisboa em 7 do referido mês; mas como se deteve em Madrid até ao dia 12, para visitar, tambem oficialmente, o Rei de Hespanha, D. Afonso XIII, só no dia 15 (dia do seu aniversário natalicio), chegou a Inglaterra.

---

(1) Vid. retro, a medalha n.º 372, p. 435 sgs.

(2) Vid. o jornal inglês: *The Times*, de 25 de Novembro de 1909.

(3) Estas informações foram-nos dadas pelo Sr. Spink.

O Soberano de Portugal atravessou a Mancha, entre Cherbourg e Portsmouth, a bordo do iate rial inglês, *Victoria and Albert*, e acompanhado de uma esquadra inglesa que o saudou com estrondosas salvas. Em Portsmouth foi recebido pelo Principe de Gales. Depois seguiu para Windsor, em comboio especial, e alí ficou hospedado, durante alguns dias, no antigo e historico castelo. O Rei Eduardo, o Duque de Connaught e os Principes, Cristiano e Artur, foram esperal-o à estação, e as Rainhas, de Inglaterra e da Noruega, aguardaram-no na entrada do castelo.

No dia 22 El-Rei saiu de Windsor e foi para Londres, aonde ficou hospedado no palácio rial de Buckingham. Em 27 partiu de Londres, em direcção a Lisboa; mas só aqui chegou a 4 de Dezembro seguinte por se ter demorado alguns dias em Paris.

A visita de S. M. a Inglaterra foi solenisada com magnificos festejos, tais como: concertos, caçadas aos faisões, banquetes, almoço no Guildhall, oferecido pelo *Lord-Mayor* de Londres, e ainda com a sua investidura em cavaleiro da Ordem da Jarreteira, que se realizou com extraordinário aparato numa sala do castelo de Windsor, privativa da Ordem, pelas sete horas e meia da tarde de 16 de Novembro. Em seguida a essa cerimónia serviu-se um banquete ao qual assistiram 163 convidados([1]).

N.º 410 — 1910 — Com.va do Congresso Internacional de Numismática realizado em Bruxelas. No exergo, que está limitado por friso, a legenda: LA NUMISMATIQUE. Do lado esquerdo está sentada numa parede de pedra, a *Numismática*, representada por uma mulher, vestida com leves roupagens, e a olhar atentamente para uma moeda que ela segura com a mão direita. Do lado direito está um homem, nu da cintura para cima, com as pernas metidas numa cova, com a mão esquerda apoiada no cabo de uma enxada, a olhar para a *Numismática*, e a apontar com a mão direita, para um vaso quebrado e cheio de moedas, estando algumas destas caidas no chão, que ele acabou de desenterrar.

Ao fundo divisa-se uma paisagem, e ruinas.

℞. — Na orla, a legenda, que começa do lado esquerdo, em baixo, e é interrompida no exergo: SOCIETÉ ROYALE BELGE DE NUMISMATIQUE. CONGRÈS. INTL. BRUXELLES. 1910. STÉ. HOLLANDAISE-BELGE. DES AMIS. DE LA MÉDAILLE. No exergo, que está limitado

([1]) Vid. os jornais da epoca, e em especial a *Illustração Portugueza*, n.os 195, 196, 197, 198, 199 e 200, respectivamente de 15, 22 e 29 de Novembro e 6, 13 e 20 de Dezembro de 1909.

por friso, um ornato. No campo, do lado direito, em duas linhas horizontais, a legenda: LA MÉDAILLE || CONTEMPORAINE. Em baixo, do lado esquerdo, a assinatura: J. JOURDAIN.

Um artista de pé, voltado à esquerda, com o braço esquerdo em flexão e cingido ao corpo, e com o direito estendido e a dar os ultimos retoques num modelo para uma medalha que contem o retrato do Rei Leopoldo da Belgica e que está colocado sobre um cavalete.

AR. Diâmetro: 65 milímetros. M. b. c.

Bibl.: Procès-verbaux et Mémoires du Congrès International de Numismatique et d'Art de La Médaille Contemporaine (estampa).

*

O Congresso que esta medalha comemora, e que teve extraordinário exito, realizou-se em Bruxelas, nos dias 26 a 29 de Junho de 1910, sob a protecção do Rei da Belgica e por iniciativa da *Société Royale Belge de Numismatique* e da *Société Hollandaise-Belge des Amis de la Médaille.*

Por parte de Portugal ninguem assistiu ao Congresso, tendo porêm subscrito para ele, o nosso amigo o Doutor José Leite de Vasconcelos, e o autor destas linhas.

A medalha fez-se de acordo com o artigo 12 do Regulamento do Congresso, que diz o seguinte: «Il sera frappé pour les seuls membres du »Congrès, une médaille commémorative, modelée par le sculpteur bru»xellois J. Jourdain. L'exemplaire en bronze sera mis en vente au prix de »10 francs; celui d'argent, au prix de 25 francs».

N.º 411 — 1910 — (data em que foi cunhada). **Com.ᵛᵃ do Primeiro Centenário da Guerra Peninsular.** No campo, em cima, a seguinte legenda, em quatro linhas horizontais: I° CENTENARIO || DA GUERRA || PENINSULAR || 1908 1914. Na orla, do lado direito, em baixo, a assinatura: *Simões (sob°)* 1910. A *Fama*, representada por uma mulher, alada, descalça, vestida com leves roupagens, laureada, a soprar na competente tuba que ela segura com a mão direita, a empunhar com a mão esquerda a palma da vitória, e a elevar-se de um terreno em que se vêem pedaços de madeira quebrados, e uma peça de artilheria. Do lado esquerdo, estão agrupados: um ramo de carvalho, duas bandeiras desfraldadas e presas em lanças, e um ornato encimado por uma coroa rial e que tem gravado um escudo oval com as armas portuguesas.

Do lado direito, no primeiro plano, ha um pedaço de muralha com uma ameia truncada, e ao fundo aparece o sol nascente e radiante.

℞. — No arco superior da orla, a legenda: AO VALOR E PATRIOTISMO DO POVO E EXERCITO PORTUGUÊS. No exergo, que está limitado por friso: 1808-1814. Na orla, em baixo, do lado direito, junto do exergo, a assinatura: *Simões (sob.º)*. Agrupamento, muito movimentado, de figuras entre as quais se distinguem vários soldados, estando um deles a empunhar uma bandeira e um outro a tocar num tambor, alguns populares, um padre, e uma mulher a segurar, com o braço direito, um moribundo. Ao centro está uma peça de artilheria, e respectiva carreta com as rodas quebradas, por cima da qual se eleva a *Patria*, representada por uma mulher, alada, vestida à antiga, com os braços abertos, e a segurar uma bandeira com a mão esquerda. No chão, junto da carreta, vêem-se: uma espingarda e uma cartucheira.

No bordo tem impresso um punção e a seguir a este: 1 ARGENT.

AR. Diâmetro: 70 milímetros. M. b. c. Não é comum neste metal.

Bibl.: Forrer: *Biographical Dictionary of Medallists*, vol. V, p. 509 (estampa, intercalada na biografia do Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho); *Catalogo da Exposição Historica Commemorativa* do *primeiro centenario da Guerra Peninsular* (estampa do modelo da medalha a seguir à pg. 78).

Monthly Numismatic Circular, (publicação feita em Londres pelos Srs. Spink & Son, encarregados pela comissão do centenário da venda da medalha em Inglaterra), n.os de Março, Abril e Maio de 1911 (estampas acompanhadas do seguinte anuncio, e de uma transcrição do jornal: *The Times* muito honrosa para o autor da medalha: «A new commemorative medal officially struck by the commissão do centenario da Guerra Peninsular to commemorate the first centenary of the Peninsular War 1808-1814. = May be obtained from Spink & Son, Ltd., sole agents in the United Kingdom.

»Silver. 69 mill. (2 ¾) .... Price. £ 2. 2 s. 0d.
»Real Bronze. — .... Price. £ 0. 15 s. 0d.

»*Post Free.*

»There has been issued a very artistic medal to commemo-
»rate the Centenary, whose spirited design puts to shame many
»an official medal produced on our own side of the Channel.

»*Times.*

»(re. Centenary of Busaco, Oct. 4. 1910)».

N.º 412 — Outro exemplar.

No bordo, em seguida a um punção, tem gravada a palavra: BRONZE.

BR. M. b. c.

*

Tendo o Governo Português resolvido que a comemoração do primeiro centenário da Guerra Peninsular se fizesse oficialmente, encarregou, por Portaria do Ministério da Guerra, de 2 de Maio de 1908, uma comissão de oficiais do exercito, de estudar a fórma de se fazer a comemoração, de propor o programa a executar no País, e de indicar qual a representação que se deveria ter junto de comissões nomeadas em paises estrangeiros para identico fim. Aprovado pelo Ministério da Guerra o programa por essa comissão elaborado, foi encarregada de o executar, por Decreto de 19 de Agosto de 1908, uma outra comissão, presidida, como a primeira, pelo Sr. General João Carlos Rodrigues da Costa, e constituida pelos seguintes vogais: coroneis, Alfredo Pereira Taveira, Jaime Leitão de Castro e Maximiliano Eugenio de Azevedo; tenente-coronel Cristovam Aires de Magalhães Sepulveda; majores, João Severo da Cunha e Guilherme Luis dos Santos Ferreira; capitães, Lúis Henrique Pacheco Simões, José Justino Teixeira Botelho e Amilcar de Castro Abreu e Mota, e tenente Adelino Augusto da Fonseca [1].

Por Carta de Lei de 13 de Agosto de 1908 foi mandado executar o Decreto das Cortes Gerais que autorizou a cunhagem de 300 contos de réis de uma moeda especial, comemorativa do centenário, cujo produto se destinou às despesas da celebração deste.

De harmonia com o *Programa*, a comemoração fez-se em diferentes datas do periodo que começou no mês de Junho de 1908, e terminou em 10 de Abril de 1914, por ser este ultimo dia o do aniversário da batalha de Toulouse com a qual findou a guerra *na Peninsula.* Em 1908 comemorou-se o levantamento nacional levado a efeito em 1808 para o restabelecimento da nossa independencia, por meio de manifestações festivas

[1] Esta comissão sofreu depois várias alterações.

promovidas pelos municipios, fizeram-se conferências nas escólas, nos quarteis e a bordo dos navios de guerra, inauguraram-se padrões, e realizou-se uma parada militar, em Lisboa, no dia 15 de Setembro (aniversário do dia em que terminou o embarque das tropas francesas, em 1808), sendo nesse mesmo dia lançada solénemente a primeira pedra de um monumento à memoria dos herois da Guerra Peninsular. No Vimeiro inaugurou-se com grande aparato, e na presença de El-Rei, um padrão comemorativo.

Durante o ano de 1909 fizeram-se as seguintes comemorações: defeza do Minho, sitio e tomada de Chaves, defeza da ponte de Amarante, passagem do Douro e restauração do legitimo governo no Porto.

Em 1910 comemorou-se a celebre batalha do Buçaco, no próprio local, com imponentes festejos a que assistiu S. M. El-Rei. A esta comemoração seguiu-se a da defeza das praças de Abrantes e de Campo-Maior, que se realizou em 1911.

A comemoração fez-se ainda em várias outras datas, por meio de um concurso literário, duas exposições, uma histórica e outra bibliográfica, sessões solenes, etc., e ainda por meio da medalha que acima descrevemos, da qual nos vamos ocupar em seguida, guiados principalmente, pelos documentos oficiais que lhe respeitam e que se encontram no arquivo da Comissão Executiva do Centenário, no *Diário do Governo* e no livro intitulado: *1.º Centenário da Guerra Peninsular — Comissão oficial executiva — Actas, Contas e Bibliografia nos anos de 1908 a 1912* — etc. Imprensa Nacional de Lisboa, 1913 (1).

No Decreto de 19 de Agosto de 1908, que nomeou a Comissão Executiva do Centenário, e lhe fixou as atribuições, determinou-se o seguinte, no artigo 4.º: «É a comissão autorizada a fazer cunhar, na Casa da »Moeda ou na indústria particular, uma medalha de prata comemora»tiva do primeiro centenário da guerra peninsular, do tipo pela mesma »comissão adoptado, sendo as respectivas despesas custeadas pelos fun»dos que tenham sido postos à sua disposição e constituindo o produto »da venda da citada medalha receita dos mesmos fundos».

Usando desta autorização, resolveu a Comissão abrir concurso entre

---

(1) Este livro, e vários outros referentes ao centenário, foram-nos amavelmente oferecidos pelo Sr. General João Carlos Rodrigues da Costa, ilustre Presidente da Comissão Executiva do Centenário, a quem nos cumpre manifestar, mais uma vez, o nosso reconhecimento não só por essas amaveis ofertas, como tambem pela fórma atenciosa com que nos atendeu sempre que para este estudo tivemos de solicitar o seu valioso auxilio.

Na capa e na folha do rosto do livro supra citado vem reproduzido o reverso da medalha.

artistas nacionais, para a adjudicação do fabrico da medalha, publicando para esse fim, no *Diário do Governo*, n.º 197, de 2 de Setembro de 1909, o seguinte programa, que foi elaborado por uma comissão constituida pelo Presidente da Comissão Executiva do Centenário e pelos Srs.: Casimiro José de Lima, Director da Casa da Moeda, José Simões de Almeida, Junior, escultor e professor da Escola de Belas-Artes, Antonio Arroio, académico de mérito da Academia Rial de Belas-Artes, e Antonio Augusto da Costa Mota escultor, e membro da Sociedade Nacional de Belas-Artes:

«**Programma do concurso, entre artistas nacionaes, para a »adjudicação da medalha commemorativa da guerra peninsular.**

»Em virtude do que determina o artigo 4.º do decreto de 19 de agosto »de 1908 é aberto, perante a Commissão Official Executiva do Centena»rio, e entre artistas nacionaes, concurso por adjudicação da medalha »commemorativa, que, nos termos do referido decreto, a mesma commis»são é autorizada a fazer cunhar.

»O programma e clausulas d'esse concurso são as seguintes:

»1.ª

»Por espaço de noventa dias, que terminará ás quatro horas precisas »do dia 30 de novembro, está aberto o referido concurso entre artistas »nacionaes.

»2.ª

»O prazo de noventa dias (preceituado no artigo antecedente) é só »destinado á apresentação dos modelos (anverso e reverso) da medalha.

»3.ª

»Os modelos (anverso e reverso) deverão ser apresentados em gesso, »com as dimensões de 0,25 de diametro, acompanhados da reducção pho»tographica do mesmo modelo no tamanho definitivo da medalha, para »bem se poder ajuizar do seu merito.

»*a*) O diametro da medalha, no tamanho definitivo, será de 70 milli»metros com as tolerancias indicadas na clausula 11.ª

»*b*) Os modelos devem conter a seguinte legenda: no anverso «1.º Cen»tenario da Guerra Peninsular, 1908-1914», no reverso «Ao Valor e Pa»triotismo do Povo e Exercito Português, 1808-1814».

»4.ª

»Os modelos presentes em concurso serão julgados por um jury espe»cial formado de um representante da Commissão de Centenario, como »presidente, do director da Casa da Moeda, de um membro da Academia »Real das Bellas Artes, de um professor da Escola de Bellas Artes, de »um membro da Sociedade Nacional de Bellas Artes.

»5.ª

»Aos tres concorrentes mais classificados serão concedidos os seguin»tes premios:

»Ao primeiro 300$000 réis, ao segundo 250$000 réis e ao terceiro »200$000 réis.

»*a*) Alem do premio concedido ao primeiro classificado ser-lhe-ha feita »a adjudicação da medalha.

»6.ª

»De 1 a 8 de dezembro terão logar as reuniões que o jury julgar ne»cessarias para o exame dos modelos e adjudicação dos premios, se»guindo-se logo, durante oito dias, a exposição publica.

»7.ª

»O modelo premiado fica sendo propriedade da Commissão do Cen»tenario.

»*a*) Os modelos de segundo e terceiro premiados serão restituidos aos »seus autores depois de haverem sido entregues á Commissão do Cente»nario os cunhos e provas em metal do modelo approvado. Aquelles au»tores poderão explorar os seus modelos por conta propria, tão somente »a partir da data da entrega dos referidos cunhos e provas em metal.

»*b*) Será concedido ao concorrente classificado em primeiro logar a »faculdade de reproduzir, se isso lhe for necessario, uma prova em gesso »do modelo (anverso e reverso), a fim de servir para a reproducção defi»nitiva da medalha.

»8.ª

»O concorrente preferido deverá apresentar no prazo de quatro meses, »a contar da data do contrato, os cunhos em aço e duas provas da me»dalha sendo uma em prata e outra em bronze, nas dimensões definiti»vas. Estes cunhos e provas serão novamente apresentados á apreciação »e acceitação do jury.

»*a*) O prazo para a entrega dos cunhos e das provas só poderá ser »prorogado por caso de força maior.

»*b*) No caso dos cunhos e provas não estarem em condições de ser »acceites pela Commissão, esta reserva-se o direito de explorar o modelo »approvado (anverso e reverso), como entender, sem que para isso deva »ao seu autor qualquer outra indemnização alem do premio fixado na »clausula 5.ª

»*c*) É concedido ao concorrente preferido a liberdade de se servir dos »meios que julgar convenientes para a perfeita execução da sua obra, »satisfazendo a todos os preceitos indicados neste programma.

»9.ª

»Fica estipulado o preço de 800$000 réis para o trabalho de cunhos »em aço (anverso e reverso) e das medalhas de prova, conforme a clau»sula precedente.

»*a*) 75 por cento da respectiva quantia será entregue ao autor da me»dalha preferida, logo que os cunhos e medalhas de prova sejam acceites »pelo jury, e os restantes 25 por cento após a entrega da primeira serie »de medalhas definitivamente estabelecida no contrato.

»10.ª

»Tanto os cunhos em aço como as medalhas de prova serão expostas »ao publico por espaço de oito dias depois de terem sido julgadas pelo »jury.

»11.ª

»A cunhagem e fornecimento da medalha fica a cargo e responsabili»dade do concorrente preferido, mediante contrato em que sejam fixados »o preço de cada medalha correspondente ao material empregado e nu»mero preciso de exemplares a fornecer de cada metal.

»*a*) Ao artista premiado é permittida a apresentação de duas ou tres »propostas diversas para o fornecimento estabelecido, fixando o custo de »varias cunhagens, e tomando neste intuito por base o diametro de 70 mil»limetros com a tolerancia maxima de 3 por cento para mais ou menos.

»*b*) A Commissão resolverá qual a proposta a acceitar, podendo ouvir »sobre o assunto o jury consignado na clausula 4.ª

»12.ª

»Os cunhos de aço serão propriedade da Commissão do Centenario, »á qual deverão ser restituidos pelo artista depois de se cunharem as

»medalhas que se contratarem, e dando-lhes depois aquella Commissão »o destino que julgar mais adequado, a fim de ficarem na posse do Es»tado.

»13.ª

»Os modelos presentes ao concurso deverão ser marcados com uma »divisa igual á designada no sobrescrito da carta fechada que deve con»ter o nome do autor.

»14.ª

»Os concorrentes deverão entregar os seus modelos na sede da Com»missão Official Executiva do Centenario da Guerra Peninsular (Minis»terio da Guerra) a um representante d'essa commissão, opportunamente »designado, o qual passará o respectivo recibo, e em virtude d'este será »devolvido a cada concorrente o seu trabalho, em conformidade do pres»crito na clausula 7.ª

»*a*) Os modelos não premiados devem ser retirados no prazo de qua»renta e oito horas após encerramento da exposição, determinada na clau»sula 6.ª e 10.ª Passado este prazo cessa a responsabilidade da commissão.

»Lisboa, Sede da Commissão Official Executiva do Centenario da »Guerra Peninsular, 2 de agosto de 1909.=Pela Commissão, o Presi»dente, *J. C. Rodrigues da Costa*, general de brigada».

Decorrido o praso estabelecido no *Programa* para a apresentação dos modelos, seguiu-se o julgamento destes, feito por um júri constituido pelas mesmas pessoas que tinham elaborado o *Programa*. Desse julgamento lavraram-se as seguintes actas (1):

«ACTA N.º I

»1.º CENTENÁRIO DA GUERRA PENINSULAR

»CONCURSO PARA A ADJUDICAÇÃO DA MEDALHA COMEMORATIVA

»*Sessão do júri respectivo em 2 de Dezembro de 1909.*

»Reùnião do júri na Academia de Belas-Artes de Lisboa pelas 2 horas »da tarde.

»Presentes os Ex.mos Srs. General Presidente, e todos os membros do »júri.

»Aberta a sessão foi lida a lista das medalhas, memórias e envelopes »dos vários candidatos ao concurso, as quais são as seguintes:

»Medalha e Memória «Remember»; Medalha e Memória «Ad Gloriam»;

(1) Vid. o livro das *Actas*, já citado, p. 179 sgs.

»Medalha e Memória «Pela Pátria»; Medalha «Cosifranco». Todas estas »medalhas eram acompanhadas de envelopes e fotografias com idênticas »designações ou legendas. As memórias eram do teor seguinte:

»*Remember.* — Na minha medalha procurei apenas mostrar o senti»mento das figuras e o seu movimento geral. — Os temas tratados são os »seguintes:

»*Anverso.* — O génio da Pátria cavalga por sôbre trofeus conquis»tados ao exército fugitivo. Condu-lo a Fama entoando a fanfarra da vi»tória.

»*Reverso.* — Nas montanhas portuguesas o povo e o exército dão os »últimos tiros contra os franceses que fogem e que três bandeiras enci»madas de águias indicam por detrás das serras fronteiriças. Sôbre elas »paira a Liberdade ostentando na mão direita as algemas partidas e no »grupo do primeiro plano um homem do povo empunha a bandeira na»cional.

»«Ad Gloriam». — A medalha apresentada com esta divisa, nas con»dições do programa do concurso, pretende na sua composição traduzir »as páginas brilhantes da história pátria durante êsse assinalado período »de 1808-1814.

»*Anverso da Medalha.* — Sôbre os destroços das últimas batalhas ele»va-se o génio da Fama empunhando a palma da vitória, tendo ao lado »o escudo português protegido pelas bandeiras desfraldadas.

»Ao longe do vasto horizonte irradia o sol da liberdade e em volta a »inscrição — 1.º Centenário da Guerra Peninsular, 1908-1914.

»*Reverso da Medalha.* — Num agrupamento de soldados, gente do povo, »recordando toda essa luta gigantesca destaca-se a figura simbólica da »Pátria, incitando o povo à sua defesa e em volta a inscrição. «Ao valor »e patriotismo do povo e exército português», 1808-1814.

»«Pela Pátria». — Com esta divisa é apresentado o modêlo da meda»lha comemorativa do Centenário da Guerra Peninsular.

»*Anverso da Medalha.* — Sôbre os destroços das últimas batalhas, ele»va-se o génio da Fama, empunhando a palma da vitória, tendo ao lado »o escudo português protegido pelas bandeiras desfraldadas. Ao longe »no vasto horizonte, irradia o sol da liberdade e em volta a inscrição — »1.º Centenário da Guerra Peninsular, 1908-1914.

»*Reverso da Medalha.* — O génio da liberdade com as algemas que»bradas corre incitando a figura da Pátria à libertação do povo portu»guês. Tem em volta a inscrição — «Ao valor e patriotismo do povo e »exército português, 1808-1814, e num plano de inferioridade a águia na»poleónica abatida lutando num último esfôrço defender a bandeira do »Império.

»Terminada a leitura, o vogal Sr. *António Arroio* pediu a palavra para »uma questão prévia.

»Disse que tendo conversado com os seus colegas durante o estudo »que já haviam feito às medalhas presentes ao júri, deduzia que se sus»citavam dúvidas acêrca da interpretação de certas cláusulas do programa »do concurso, e que lhe parecia necessário esclarecer essas dúvidas antes »de se entrar no estudo e classificação das provas presentes.

»E pediu licença para formular essas dúvidas, que são as seguintes:

»1.ª ¿Deverá receber-se o envelope marcado a lápis com a divisa »«Cosifranco»?

»2.ª ¿Em vista do que prescrevem a cláusula 7.ª e a alínea *b*) da »cláusula 8.ª do programa do concurso, deverão ser rejeitadas as provas »que tenham o carácter de maquete e só ser aceitas aquelas provas que »possam servir para a cunhagem imediata da medalha?

»3.ª ¿Deverão ser rejeitadas aquelas provas cujo assunto tenha um »carácter geral e não especializado no sentido da comemoração que se »tem em vista?

»4.ª ¿Havendo sido presentes ao concurso duas medalhas que tem o »mesmo anverso, embora diferente reverso, o que prova que pertencem »a um só autor, deverá êste ser considerado como um só expositor, ou »como dois?

»O Sr. *Arroio* acompanha estas preguntas das seguintes considerações:

»Que o autor da medalha e memória «Remember» dá nessa memória »a nota de que considera as suas provas como uma maquete e não como »modêlo definitivo para a cunhagem das medalhas, o que de resto é evi»dente considerando as provas presentes ao concurso;

»Que o autor das medalhas «Ad Gloriam» e «Pela Pátria» é eviden»temente um só, mas que o programa do concurso nada diz sôbre a pos»sibilidade dum candidato poder apresentar mais duma medalha;

»Que o assunto tratado na medalha «Cosifranco» nada tem de espe»cial relativamente à comemoração que se trata de fazer, que o único »elemento específico é uma das fachadas do templo dos Jerónimos, e que »êste não define em cousa alguma o movimento da Guerra Peninsular, »acrescentando o facto de o autor não fazer acompanhar as provas duma »memória explicativa.

»Postas estas preguntas à discussão do júri, êste resolveu por unani»midade:

»1.º Que o envelope «Cosifranco» estava no caso de ser aceito.

»2.º Que a medalha «Remember» não pode ser aceita pelo carácter »da maquete que tem e que o próprio autor afirma; o programa declara »precisamente que as provas presentes ao júri devem servir para a ime-

»diata cunhagem das medalhas e não podem por isso mesmo ter o carác»ter de maquete.

»3.º Que a medalha «Cosifranco» não pode ser aceita pelo júri por »isso que o seu assunto em nada se relaciona com a comemoração que »se tem em vista.

»4.º Que os autores das medalhas «Ad Gloriam» e pela «Pela Pátria» »só podem ser considerados como um único expositor.

»Seguidamente o júri, considerando as duas medalhas «Ad Gloriam» »e «Pela Pátria» como as únicas que estavam dentro das condições do »programa do concurso, passou a fazer o seu estudo comparativo e re»solveu, por unanimidade, aceitar a que tinha por divisa «Ad Gloriam», »propondo para ela o primeiro prémio.

»Aberto o respectivo envelope, viu-se que o seu autor é o escultor »medalhista José Simões de Almeida (Sobrinho).

»O Sr. *Presidente* preguntou ainda se não seria conveniente conferir »um segundo prémio à medalha «Remember» a título de reconhecimento »do seu real valor artístico.

»O júri reconheceu êsse valor e lamentou não poder propor êsse pré»mio, para evitar reclamações de terceiros.

»O vogal Sr. *Costa Mota* declarou saber de mais dum escultor que se »não apresentou ao concurso por não ter podido terminar a tempo os »seus modelos, de forma a estes se prestarem à imediata cunhagem das »medalhas.

»Finda a discussão a respeito dos assuntos propostos e como não hou»vesse nada mais a tratar naquele momento, o Sr. *Presidente* declarou »encerrada a sessão da qual se lavrou a presente acta, que foi seguida»mente lida e aprovada sendo assinada por todos os membros do júri.

»Lisboa e Academia Rial das Belas Artes, 2 de Dezembro de 1909.

»*João Carlos Rodrigues da Costa*, General de Brigada, Presidente da »Comissão do Centenário.

»*José Simões de Almeida Júnior, Casimiro José de Lima, António »José Arroio, António Augusto da Costa Mota.*

»ACTA N.º 2

»*Sessão do respectivo júri em 5 de Abril de 1910.*

»Aos 5 dias do mês de Abril de 1910 reüniu-se na sede da Comissão »do Centenário, sob a presidência do Sr. General Rodrigues da Costa o »júri nomeado para dirigir os trabalhos da cunhagem da medalha come-

»morativa do mesmo Centenário, achando-se presentes os vogais Srs. António José Arroio, Académico de mérito da Academia Rial de Belas-Artes de Lisboa, José Simões de Almeida, Director da Escola de Belas-Artes, e António Augusto da Costa Mota, escultor e sócio da Sociedade »Nacional de Belas-Artes de Lisboa, faltando por motivo de doença o »Sr. Director da Casa da Moeda, Casimiro José de Lima.

»Aberta a sessão o vogal Sr. *António Arroio* disse que, havendo notado na base 8.ª do programa do concurso para a adjudicação da medalha comemorativa, inserto no *Diário do Govêrno* de 2 de Setembro do »ano passado, um lapso tipográfico que consistia em empregar a palavra »*contrato* pela palavra *concurso*, e tendo resolvido procurar o concorrente »premiado José Simões de Almeida (Sobrinho), para lhe preguntar se êle »estava de facto à espera que se formulasse qualquer contrato para a »apresentação dos cunhos e provas a que a mesma cláusula se refere; »tendo obtido resposta afirmativa e pensando que a Comissão do Centenário não teria dado pelo referido lapso tipográfico, resolveu provocar »a presente reünião do júri para esclarecer os factos e ser tomada qualquer resolução, que não protele indefinidamente a apresentação daqueles cunhos e provas, visto que o contrato não foi ainda firmado nem »havia necessidade de o efectuar.

»O Sr. *Presidente* disse, que efectivamente a Comissão não havia até »hoje percebido a necessidade de se fazer o contrato a que se refere a »cláusula 8.ª do Programa, e sempre compreendera que apenas haveria »a fazer-se um único contrato, o qual seria aquele a que se refere a »base 11.ª que regula o fabrico das diversas séries da medalha comemorativa. Pôsto isto, entendia convir tomar o júri qualquer deliberação »que, sem prejuízo dos interêsses do concorrente premiado, fixasse a êste »definitivamente o prazo para a apresentação dos cunhos e provas a que »se refere a supradita base 8.ª

»O Sr. *Simões de Almeida* informou, que efectivamente o concorrente »premiado, guiando-se pelo programa oficial inserto no *Diário do Govêrno*, tem até aqui esperado que a Comissão do Centenário firmasse »com êle o contrato a que se refere a base 8.ª, mas que tem os seus trabalhos muito adiantados e que não será difícil conseguir que, mediante »acôrdo com êle concorrente, as provas e cunhos sejam apresentados à »Comissão do Centenário dentro do prazo não muito longo, segundo crê.

»O Sr. *Arroio* disse que lógicamente se infere da redacção da base 8.ª »ser a palavra contrato um êrro tipográfico ou de revisão, pois que os 4 »meses a que essa base se refere deviam naturalmente contar-se desde o »resultado do concurso ou da recepção da importância do 1.º prémio, e »nunca desde a elaboração dum contrato que não era preciso fazer-se,

»pois que as suas cláusulas já constavam do próprio programa do con-»curso e que o 1.º premiado implícitamente aceitou.

»O Sr. *Presidente* propôs então, como meio de resolver a dificuldade »que se apresentava, o seguinte: que se oficiasse ao Sr. José Simões de »Almeida (Sobrinho), concorrente premiado e ao qual será adjudicado o »fornecimento da medalha, caso satisfaça às condições da base 11.ª do »programa, comunicando-lhe o êrro tipográfico aqui reconhecido e convi-»dando-o a marcar êle próprio o prazo dentro do qual apresentará os »cunhos e provas a que se refere a já dita base 8.ª, sendo êsse prazo in-»dicado pelo concorrente, considerado para todos os efeitos como aquele »que é prescrito no programa e ocupando essa declaração o lugar de con-»trato. Acrescentou o mesmo Sr. Presidente, parecer-lhe que êste alvitre »não traz inconveniente, já porque o concorrente não tem competidores, »já por constar, segundo informação fidedigna, poderem aqueles cunhos »e provas ser apresentados à Comissão dentro dum prazo relativamente »curto.

»Entrando em discussão a proposta apresentada pelo Sr. Presidente, »usaram sôbre ela da palavra todos os vogais presentes, sendo igual-»mente aprovada por unanimidade.

»Não havendo mais nada a tratar se lavrou a presente acta, que vai »em seguida assinada pelo Sr. Presidente e membros do júri presentes.

»*João Carlos Rodrigues da Costa*, General de Brigada, Presidente da »Comissão do Centenário.

»*António José Arroio*, *José Simões de Almeida Júnior*, *Antônio Au-»gusto da Costa Mota.*

»ACTA N.º 3

»*Acta da sessão do júri do Concurso da medalha comemorativa.*

»Aos 6 dias do mês de Setembro de 1910, reùniu-se na sede da Co-»missão do Centenário, sob a presidência do vice-presidente da Comis-»são do Centenário, Sr. Coronel Taveira de Magalhães, o júri do concurso »da medalha comemorativa, estando presentes os vogais Srs. Simões de »Almeida, António Arroio e Costa Mota, faltando por motivo justificado »o Sr. Casimiro José de Lima, Director da Casa da Moeda.

»Pelo Sr. Presidente foram apresentadas duas medalhas, uma em »prata, outra em bronze e os respectivos cunhos em aço, que tinham sido »entregues à Comissão pelo adjudicatário, Simões de Almeida (Sobrinho).

»O júri, apreciando as medalhas, reconheceu que elas exprimiam fiel»mente e nas proporções devidas o modêlo em gesso aprovado; verifi»cando o diâmetro, notou que era de 70 milímetros e que por isso estava »compreendido nos limites indicados no Programa do concurso.

»Quanto ao trabalho de gravura e cunhagem reconheceu que ficara »muito perfeito e que por êsse motivo o adjudicatário era digno dos maio»res elogios. Tanto as medalhas como os cunhos foram unânimemente »aceitos.

»O Sr. *Presidente* informou o júri de que a Comissão do Centenário »desejava oferecer, por ocasião da batalha do Bussaco, uma medalha de »ouro a cada um dos monarcas de Portugal, Inglaterra e Espanha, e pre»guntou ao júri se poderia proceder-se desde já à cunhagem dessas me»dalhas.

»O Sr. *António Arroio* entende que a cunhagem das três medalhas de »ouro se deve fazer desde já mas, nesse caso, a exposição mencionada »na cláusula 10.ª do Programa do concurso só poderá realizar-se com »relação às medalhas; a dos cunhos ficará para mais tarde. Reconhece »contudo que a exposição dos cunhos é de facto inútil visto como a me»dalha se acha tam bem gravada.

»Lembra ainda à Comissão que é necessário que o artista adjudica»tário apresente sem demora a proposta dos preços, a que se refere a »cláusula 11.ª do Programa e suas alíneas, devendo êsses preços ser for»mulados indicando-se o custo de cada uma das medalhas de ouro e de »cada grupo de 10 medalhas de prata e de 100 de bronze, ou então es»colhendo-se grupos maiores, e, no caso de baratear o preço de cunha»gem, pelo aumento do número das medalhas.

»O Sr. *Presidente*, tomando na devida consideração as ponderações »do Sr. Arroio, que são tambêm as dos outros membros do júri, resolveu »dirigir-se ao artista adjudicatário para o fornecimento de três medalhas »de ouro e vinte de prata.

»Não havendo mais nada a tratar, encerrou-se a sessão, lavrando em »seguida a presente acta, que vai assinada por todos os presentes.

»*Alfredo Pereira Taveira de Magalhães*, Coronel do Serviço do Es»tado Maior.

»*José Simões de Almeida Júnior*, *António José Arroio*, *António Au»gusto da Costa Mota*».

O *Diario de Noticias* de 9 de Dezembro de 1909, referindo-se ao resultado do concurso da medalha, diz, a respeito do projecto intitulado: *Remember*, o seguinte: «Este projecto «Remember», que é de notavel



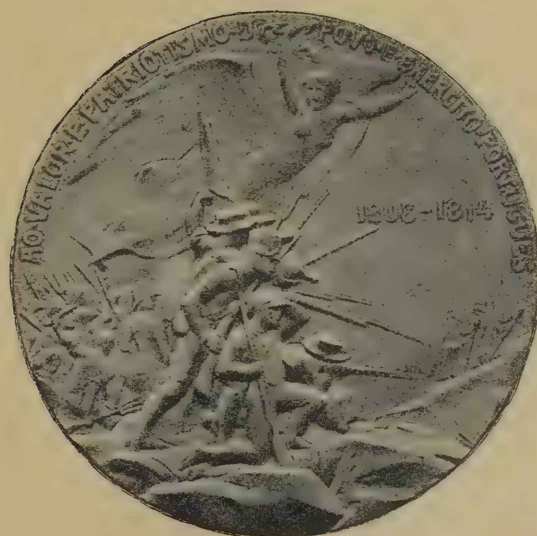


Fig. n.º 15

Projecto de João da Silva

Divisa: *Remember*



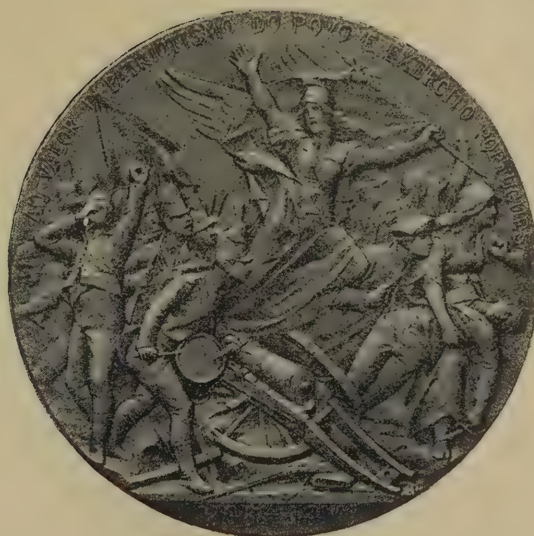


Fig. n.º 16

Projecto, que foi aprovado, de Simões de Almeida (Sobrinho)

Divisa: *Ad Gloriam*

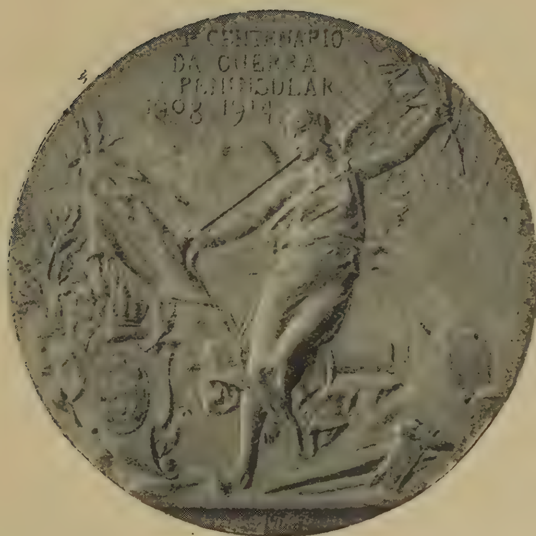




Fig. n.º 17

Outro projecto de Simões de Almeida (Sobrinho)

Divisa: *Pela Patria*

Estampa P



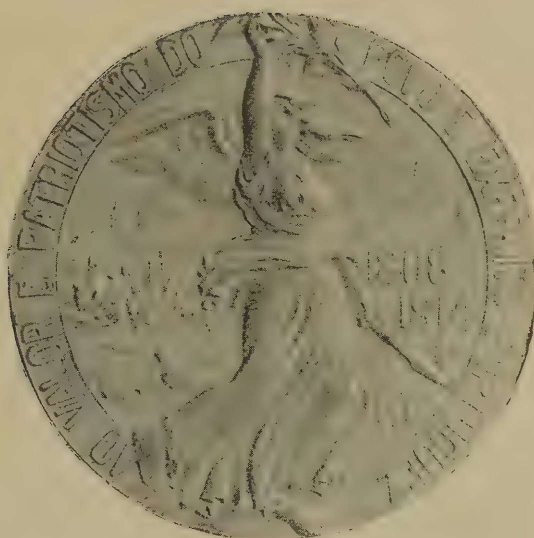


Fig. n.º 18

Projecto de Francisco dos Santos

Divisa: *Cosifranco*

»criterio artistico e de bella execução no modelo, foi muito louvado pelo »jury, mas não foi classificado por ter sido julgado incompleto, pois que »a cunhagem teria forçosamente de soffrer alterações».

Não concordando com a redacção desta noticia, o distinto escultor-medalheiro, o Sr. João da Silva, como autor do referido projecto, enviou a seguinte carta ao director do *Diario de Noticias*, a qual foi publicada no n.º de 10 de Dezembro de 1909, p. 2:

«Sr. director do *Diario de Noticias* — Tendo lido no seu muito con»ceituado jornal, a noticia sobre o concurso dos modelos da medalha »commemorativa do centenario da Guerra Peninsular, e como a sua lei»tura me dá a impressão de pouco justa, no que diz respeito ao trabalho »enviado sob a divisa «Remember», de que sou auctor, julgo-me no »direito de pedir a v. a seguinte rectificação:

»I. Todo o modello de medalha, acabado ou não, pode ser «fiel»mente» reproduzido em aço;

»II. O meu trabalho, na sua composição artistica, não soffreria a »mais ligeira alteração;

»III. Não foi admittido pelo jury por ser considerado incompleto, »visto a parte technica não estar definitivamente tratada.

»Parece, ao ler-se, que apresentei um trabalho impossivel de rea»lisar.

»Isto magôa-me.

»O artista que sujeita á apreciação d'um jury qualquer obra, deve »ter a consciencia da sua realisação, e eu tenho-a.

»Creia-me de v., etc.

»*João da Silva*».

Depois de classificados estiveram os modelos expostos ao público, durante alguns dias numa sala da Academia Rial de Belas-Artes.

O projecto que tinha por divisa a palavra: «*Remember*», vid. *figura* n.º 15 (*Estampa* M), foi feito pelo escultor-medalheiro, o Sr. João da Silva; o que tinha por divisa: «*Ad Goriam*», e que foi aprovado, vid. *figura* n.º 16 (*Estampa* N), e bem assim o que tinha por divisa: «*Pela Patria*», vid. *figura* n.º 17 (*Estampa* O), foram feitos pelo Sr. José Simões de Almeida (Sobrinho); e o que tinha por divisa a palavra: «*Cosifranco*», vid. *figura* n.º 18 (*Estampa* P), foi executado pelo Sr. Francisco dos Santos.

Com o escultor-medalheiro adjudicatário da medalha, fez-se o seguinte contrato, de harmonia com a base 11.ª do Programa, mas já depois

de o artista ter apresentado os cunhos concluidos e alguns exemplares da medalha, entre os quais se contavam os de ouro:

«Escriptura a folhas vinte do Livro numero tresentos noventa e cinco »de notas para actos e contractos entre vivos do notario May d'Oliveira, »de Lisboa: — Aos sete dias do mez de Dezembro do anno de mil novecen»tos e dez, nesta cidade de Lisboa, rua dos Sapateiros (arco do Ban»deira), numero cento e quatro, primeiro andar e meu cartorio, perante »mim o notario Alfredo May d'Oliveira, e as duas testemunhas idoneas, »ao deante nomeadas e assignadas, compareceram: — em primeiro logar, »o general de divisão João Carlos Rodrigues da Costa, casado e morador »nesta cidade na rua do Sol ao Rato, numero quarenta e trez, outorgan»do em nome e na qualidade de Presidente da Commissão Official do Cen»tenario da Guerra Peninsular; e em segundo logar, José Simões d'Al»meida (sobrinho) maior, solteiro, esculptor e morador nesta cidade na »villa Bertha (á Graça) ambos os outorgantes pessoas cuja identidade re»conheço: — E, logo, por elles foi dito: — Que entre o segundo outorgante »e a Commissão Official do Centenario da Guerra Peninsular que o pri»meiro outorgante representa como seu Presidente foi ajustado o con»tracto do fornecimento da medalha commemorativa do mesmo centenario, »com as condições que redusem á presente escriptura nos termos se»guintes: — Primeiro — O segundo outorgante obriga-se a fornecer as me»dalhas, postas em Lisboa, na sede da Commissão do Centenario pelos »preços seguintes: — Medalhas de ouro: — Cada uma cento e cincoenta e »cinco mil reis: — Medalhas de prata — Cada uma quatro mil e quinhen»tos reis: — Medalhas de bronze: — Cada grupo de cem medalhas, setenta »mil reis. — As fracções deste grupo contam-se ao preço de trinta e sete »mil e quinhentos reis por cada grupo de cincoenta medalhas, ou mil »reis, por cada medalha separadamente: — Segundo — O segundo outor»gante obriga-se a satisfazer quaesquer fornecimentos que lhe sejam pe»didos, mantendo nelles o preço constante da clausula anterior: — Terceiro »— O primeiro outorgante, em nome da Commissão do Centenario, acceita »os preços indicados pelo segundo outorgante, fasendo desde já uma en»commenda de trez medalhas de ouro, cincoenta medalhas de prata, e cem »medalhas de bronze: — Quarto — Todas as requisições feitas pelo pri»meiro outorgante, na qualidade que representa, deverão ser safeitas pelo »segundo outorgante, salvo caso de força maior, no praso improrogavel »de sessenta dias: — Quinto — Os cunhos das medalhas ficarão em poder »do segundo outorgante até que ao primeiro outorgante, na qualidade que »representa, convenha rehavel-os, findando então o presente contracto: — »*a)* Emquanto os cunhos permanecerem em poder do segundo outorgante »será este ultimo por elles responsavel devendo, portanto, prover á sua se-

»gurança e que delles se não faça uso illicito; — *b)* no acto da entrega dos »cunhos será verificado o seu estado de conservação e facilidade de futuro »emprego, sendo o segundo outorgante responsavel por qualquer damno »ou deterioração: — Sexto — Os pagamentos de encommendas feitas pelo pri- »meiro outorgante, na qualidade que representa, effectuar-se-hão no acto »da entrega da mesma encommenda: — Que tal é o seu contracto que esti- »pulam e acceitam reciprocamente pela parte que a cada um respeita e se »obrigam a cumprir e guardar. — Assim o disseram e outorgaram do que dou »fé. — O sello devido na importancia de mil reis vae pago em seguida ás »assignaturas. Foram testemunhas presentes Amilcar de Castro Abreu »Motta, casado, capitão do serviço de Estado Maior e morador nesta ci- »dade na rua Anthero do Quental numero cincoenta e seis, e Manuel Bap- »tista dos Reis, casado, constructor civil e morador nesta cidade na rua »de Santo Antonio á Estrella, numero cento e oito, os quaes nesta escrip- »tura vão assignar com os outorgantes, depois de ser por mim lida em »voz alta na presença de todos. — João Carlos Rodrigues da Costa — Ge- »neral Presidente da Commissão do Centenario — José Simões d'Almeida »(sobrinho) Amilcar de Castro Abreu e Motta — Manuel Baptista dos Reis » — (signal publico) Em testemunho de verdade — Alfredo May d'Oliveira. » — Logar de uma estampilha do imposto do sello de mil reis devidamente »inutilisada. — etc. — » (1).

A cunhagem dos exemplares de ouro e de bronze fez-se por delibe- ração da Comissão Executiva do Centenário, visto que o artigo 4.º do Decreto de 19 de Agosto de 1908, sómente determinava que a medalha fosse de prata.

Com respeito aos exemplares de bronze foi a deliberação tomada em sessão de 24 de Agosto de 1908, depois do Sr. Presidente ter feito vá- rias considerações sôbre a fórma da redacção do Decreto, a qual lhe pa- recia inaceitavel (2).

Os cunhos da medalha foram feitos mecanicamente em Paris, na casa de *Vert & Ozana*, e a cunhagem fez-se na Casa da Moeda da mesma cidade.

Na sessão de 16 de Janeiro de 1911 (*Livro das Actas*, p. 140), a comissão decidiu «que ao Museu de Artilharia e para a sala da Guerra »Peninsular fôssem oferecidos os cunhos e «medalha de prova», em prata »e bronze, que foram adoptados para a cunhagem da «medalha comemo- »rativa do Centenário».

---

(1) Vid. uma cópia desta escritura existente no arquivo da Comissão do Centenário.
(2) *Livro das Actas*, p. 73.

Cunharam-se ao todo, alêm das medalhas-provas, tres exemplares de ouro, destinados aos Soberanos: de Portugal, Hespanha e Inglaterra, e que pelo Presidente da Comissão foram entregues a El-Rei no Buçaco, por ocasião dos festejos que alí se realizaram, em 27 de Setembro de 1910, 50 de prata e 100 de bronze.

A medalha vendeu-se em Lisboa, na sede da Comissão, a 6$000 réis cada exemplar de prata, e 1$500 réis cada exemplar de bronze, e tambem em Londres, na casa dos conhecidos joalheiros-numismaticos os Srs. Spink & Son, respectivamente a £ 2 2s; e 15 shillings.

A venda foi, porêm, diminuta e por isso a Comissão resolveu, em sessão de 7 de Agosto de 1911 (*Livro das Actas*, p. 149), o seguinte: «não fazer cunhar mais exemplares, convidar o fornecedor Sr. José Si-»mões de Almeida, Sobrinho, a fazer entrega dos respectivos cunhos, »que já foram oferecidos ao Museu de Artilharia, e distribuir os exem-»plares, que restam, tanto pelos vogais da Comissão Oficial e membros »do júri do concurso para a adjudicação da referida medalha, como pelos »gabinetes numismáticos, de cuja existência oficial deu notícia à Comis-»são do Centenário o ilustre inspector das bibliotecas e arquivos, Sr. Ga-»briel do Monte Pereira».

Não só de acordo com esta resolução, como tambem por outros motivos, foram pela Comissão oferecidos exemplares da medalha às seguintes pessoas: aos tres Soberanos, de Portugal, Hespanha e Inglaterra, exemplares de ouro; aos membros da Comissão Executiva do Centenário, exemplares de prata; aos membros do júri do concurso da medalha, exemplares de prata; ao tenente-coronel Francisco Xavier Correia Mendes, por ter sido da sua iniciativa o projecto de lei para a comemoração do centenário, um exemplar de prata; ao Sr. José Luis Monteiro, arquitecto e professor da Escola de Belas-Artes, pelos serviços prestados à Comissão, ao Arquivo Nacional da Torre do Tombo, aos arquivos municipais de Lisboa e Porto, ao Gabinete Numismático da Bibliotéca Nacional de Lisboa, e ao Museu Militar do Buçaco, exemplares de prata; às bibliotécas: da Universidade de Coimbra, da Academia Rial das Sciências, de Evora e de Braga e ao Museu Etnológico Português, medalhas de bronze[1]; à Sociedade «Martins Sarmento», de Guimarães, à *Revista Militar*, por lhe pertencer a iniciativa da comemoração do Centenário da Guerra Peninsular e à Sociedade de Geografia, como testemunho de reconhecimento pela sua contribuição para a comemoração centenária,

---

[1] Vid. Acta da sessão de 22 de Dezembro de 1911, in fine (*Livro das Actas*, p. 154).

exemplares de bronze [1]; ao Duque de Wellington, um exemplar de prata, que lhe foi entregue no Buçaco pelo Presidente da Comissão do Centenário [2]; ao professor C. Oman, que assistiu aos festejos no Buçaco, como representante da Academia Britanica, um exemplar de prata [3]; ao *Army and Navy United Service Institution*, um exemplar não sabemos de que metal [4].

Nas còntas da gerência dos fundos da Comissão, estão assim especificadas as despesas e receitas referentes à medalha [5]:

Despesas:

1910

«Despesas feitas com a medalha comemorativa [6]

»A Simões de Almeida (Sobrinho) prémio de concurso	300$000
»Idem pelas provas das medalhas (cunhos)	800$000
»Idem por 3 medalhas de ouro a 155$000 réis	465$000
»Idem por 20 medalhas de prata a 4$500 réis	90$000
»A Leitão & Irmão por 3 estojos para as medalhas de ouro	25$000
Soma..........	1:680$000

»Lisboa e sede da Comissão, 31 de Dezembro de 1910. = O Tesoureiro, *Adelino Au- »gusto da Fonseca Lage*, Tenente da Administração Militar».

1911

«Despesas feitas com a medalha comemorativa do Centenário [7]

»A Eduardo dos Reis Pinto por 18 estojos para medalhas...	5$400
»A Simões de Almeida Sobrinho por 100 medalhas de bronze e 30 de prata	205$000
»Importância do transporte para Londres duma caixa com medalhas	5$385
»Á Alfândega de Lisboa, direitos de medalhas vindas de Londres	2$302
Soma...........	218$087

»Lisboa e sede da Comissão Oficial Executiva do Centenário da Guerra Peninsular, »31 de Dezembro de 1911. = O Tesoureiro, *Adelino Augusto da Fonseca Lage*, Capitão da »Administração Militar».

---

(1) Acta da sessão de 12 de Fevereiro de 1912 (Liv. das *Actas*, p. 156).
(2) Acta da sessão de 17 de Outubro de 1910 (Liv. das *Actas*, p. 132).
(3) Acta da sessão de 21 de Novembro de 1910 (Liv. das *Actas*, p. 135).
(4) Acta da sessão de 20 de Fevereiro de 1911 (Liv. das *Actas*, p. 142).
(5) Livro das *Actas*, já citado, p. 185 sgs.
(6) Livro das *Actas*, p 196.
(7) *Ibidem*, p. 198.

1912

«Estojos para medalhas (Liv. das Actas, p. 202)	7$200»
Total das despesas	1:905$287 réis.

Receitas (*Livro das Actas*, pgs. 197 e 200)

«Ano de 1911

»Importância de medalhas comemorativas que se venderam	111$000
»Importância de 10 medalhas de cobre e 5 de prata que foram vendidas em »Londres na casa Spink & Sons, Limited	61$535»
Soma	172$535

«Ano de 1912

»Produto da venda de 6 medalhas de cobre, a 1$500 réis	9$000
»Produto da venda de 1 medalha de prata, a 6$000 réis	6$000»
Soma	15$000
Total das receitas	187$535

FIM DO PRIMEIRO VOLUME

INDICES

Indice das estampas

INTERCALADAS NO TEXTO

Indice das Medalhas

PELOS ASSUNTOS OU PERSONAGENS A QUE ELAS SE REFEREM

Indice dos Gravadores

ALGUMAS ERRATAS

Pag.:	Linha:	Onde se lê:	Leia-se:
Prefácio	9	reuni-as	reunia-as
XVIII	29	et	*et*
XIX	20	fez-se, também	fez-se também
XX	nota (5)	*Memorias Relativas Os Gravadores*	*Memorias Relativas Os* (sic = aos) *Gravadores*
XXI	nota (7)	a Mengin de abrir	a Mengin que abrisse
XXXVII	13 sgs.	a D. Pedro IV, a Sua Santidade Pio IX, a D. Pedro II, Imperador do Brasil, a El-Rei D. Luis e uma outra a Sua Santidade Pio IX.	de D. Pedro IV, de Sua Santidade Pio IX, de D. Pedro II, Imperador do Brasil, de El-rei D. Luis e uma outra de Sua Santidade Pio IX.
XLI	13	oficina sdo	oficinas do
LI	24	* *Almanach de Lembranças Madeirense para 1901.*	*Almanach de Lembranças Madeirense para 1908.* A pag. 190 sgs. contem um estudo muito interessante sobre *Fichas da Madeira*, assinado pelo Sr. Dr Carlos [de Meyrelles da Silva] Carvalho. Por obsequiosa oferta deste illustrado numismático possuimos já um exemplar do Almanaque, que é rarissimo.
LII	14	por S. M. (Simões de Castro, Dr. Augusto Mendes)	por S. M. (Serra Mirabeau, Dr. Bernardo Antonio)
LXXIII	3	quinguagenario	quinquagenário
LXXV	14	por ele ter sido substituido na Casa da Moeda por Carlos Wiener.	por ele ter sido preterido na Casa da Moeda por Carlos Wiener e premiado na Exposição de Paris.
LXXVIII	17	*Os Gravadores*	*Os* (sic = aos) *Gravadores*
»	18	*O Serviço*	*O* (sic = ao) *Serviço*
LXXX	6 sgs.	* *Commendas (As)* etc.	Elimine-se a estrelinha por já possuirmos um exemplar desta obra.
3	22	apocrifa	Elimine-se esta palavra.

Pag.:	Linha:	Onde se lê:	Leia-se:
6	33	Etonológico	Etnológico
13	24	simbolo da timidez	emblema da Hispania. Vid. José Leite de Vasconcelos: *De Campolide a Melrose*, p. 15.
14	10	entufadas	enfunadas
15	2	entufadas	enfunadas
16	23	que montou	que havia montado
27	24	Adecamia	Academia
28	33	16°	160
34	5 e 6	ervas e plantas; olha	ervas, olha
41	8, e ultima	(2)	(1)
43	15	a *Inveja* (?)	a *Discordia* (?)
44	10	riaes	riais
45	1	riaes	riais
46	24	Depois de cursar leis em Coimbra e de ter servido	Depois de ter servido
46	32	reedificaddo	reedificando
51	penultima	(1)	(2)
56	13	segundo alguns autores, baseados no testemunho de Jacome Ratton	segundo o testemunho de Jacome Ratton
59	17	———————	acrescente-se no começo: Porcelana.
86	21	*cale*	*calle*
110	3	comenda	condecoração
111	25	comenda	condecoração
122	18	atravessál-as	atacá-las
129	24 e 31	Cadis	Cadiz
131	28	a pôpa de um navio romano	a proa de um navio romano (simbolo do poder maritimo),
153	3	bolas	esferas
162	26	pulço	pulso
193	21	membros	pelos membros
206	14 e 15	Novarra	Novara
211	21, 22 e 23	comenda	condecoração
230	35	istuario	estuário
256	3	1824	1834
283	25 sgs.	em Agosto de 1877 explorava-se até Caide, e em Setembro do ano seguinte até ao Juncal.	em Agosto do mesmo ano explorou-se até Caide, e em Setembro de 1878 até ao Juncal.
303	23	bolas	esferas
347	ultima	(2) V id.	(2) Vid.
381	27	Olá,	Olá (?),
385	7	Brazil	Brasil
422	23 e 24	nas principais ilhas, da Madeira e dos Açores	na ilha da Madeira e nas principais ilhas dos Açores

Pag.:	Linha:	Onde se lê:	Leia-se:
432	ultima	Vitór	Vítor
438	12	iate	*yacht*
473	9	comenda	insignia
480	2	iate	*yacht*

No indice das medalhas esqueceu mencionar a do Sr. Conselheiro Manuel Francisco de Vargas, que está descrita no texto sob o n.º 363 a pag. 423.

NOTA

A pag. XXV *in fine*, e sgs. da *Introdução* apresentámos as provas da existencia de uma medalha comemorativa da Revolução de 1820, feita no Porto por Manuel Correia J (?), e dissemos que essa medalha não era conhecida; mas que supúnhamos que era dela uma prova que pouco tempo antes tinhamos visto rapidamente na Casa Liquidadora da Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus, onde estava depositada para ser vendida em leilão, o que se não levara a efeito por ter sido roubada por uns malfeitores que na referida casa entraram por meio de arrombamento.

Não estando esta informação absolutamente exacta, cumpre-nos rectifica-la e amplia-la como se segue: é certo, conforme nos comunicou a Sr.ª D. Maria Guilhermina de Jesus, que a medalha, que é efectivamente comemorativa da Revolução de 1820, fazia parte de uma colecção de moedas e de medalhas, que se achava depositada na Casa Liquidadora para ser vendida em leilão, quando alí se praticou o roubo; porêm os malfeitores, tendo levado uma porção avultada de moedas, deixaram, felizmente, ficar a medalha, a qual, depois de retirada da referida casa pelo próprio dono, nos foi por este vendida e faz hoje parte da nossa colecção.

Depois de impresso o nosso livro, deu-se a coincidencia de aparecer ainda um outro exemplar da mesma medalha, mas esse de cobre e muito bem conservado (apesar de ter sido utilizado durante algum tempo como castiçal!!!), o qual, segundo uma inscrição que tem no bordo, foi feito *sem cunho* por Manuel Correia Junior. Junior é, pois, o desdobramento da sigla J. sobre cuja decifração tivemos duvidas.

Este exemplar está hoje, felizmente, livre do perigo de ser destruido, porque foi adquirido pelo distinto amador de antiguidades, que lhe sabe apreciar o valor histórico, o Sr. Luis Filipe F. d'Andrade Albuquerque de Bettencourt.

Abstemo-nos de dar mais desenvolvida notícia a respeito desta interessantissima medalha porque o Sr. Afonso Dornellas tenciona, conforme nos disse, publica-la brevemente, com a respectiva história, na sua Revista: *Historia e Genealogia.*

Apenas observaremos que, tendo comparado esta medalha com a que comemora a fundação do monumento consagrado à Revolução de 1820, que se projectou erigir no Porto, retro descrita sob o n.º 115, a pag. 139, cujo autor é desconhecido, notámos que havia entre ambas muita semelhança nos módulos, nas letras de certas legendas, e na tecnica, e daí fomos levados a concluir que esta ultima foi provavelmente, tambêm, executada pelo mesmo Manuel Correia Junior. Corrobora ainda esta opinião a circunstância de ambas as medalhas terem sido feitas no Porto, de onde Manuel Correia Junior era natural e onde supomos que residia, num espaço de tempo de cerca de dois anos apenas.

Da medalha dedicada à memoria de Carlos Alberto, Rei da Sardenha, descrita sob o n.º 139 a p. 205, a respeito da qual dissémos, a p. 206, que só tinhamos visto exemplares de estanho, adquirimos ultimamente um exemplar de cobre.

OBSERVAÇÃO

As fotogravuras que se seguem, assim como a maior parte das que vão intercaladas no texto, foram executadas cuidadosamente na oficina do Sr. José Moreira Gomes, intitulada: *A Ilustradora*, e ficaram muito perfeitas, como se provou com várias experiencias que se fizeram; a impressão delas fez-se, bem como o texto do livro, na tipografia do Sr. Adolfo de Mendonça, com os cuidados indispensaveis para este genero de trabalho. Infelizmente, porêm, não foi possivel conseguir-se que elas ficassem impressas com a nitidez precisa, devido ao papel empregado não ser apropriado para fotogravuras e à circunstância de não termos podido encontrar nos mercados, por causa da crise provocada pela guerra, outro melhor.

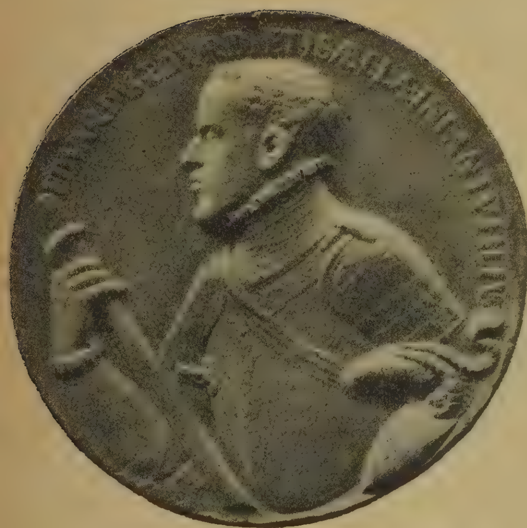
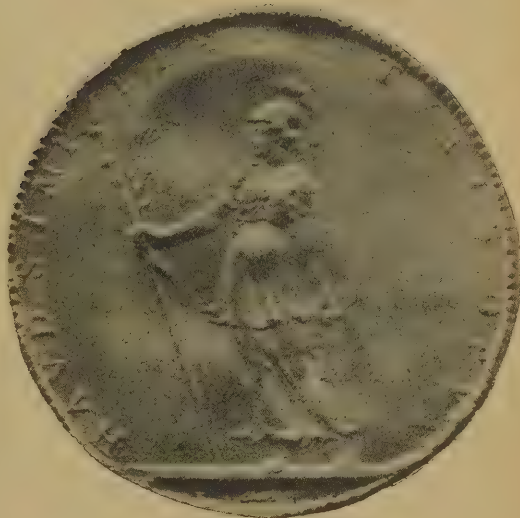
Tendo, contudo, conseguido obter, posto que por um preço bastante elevado, duas resmas de cartolina, nela fizemos imprimir as estampas para 46 exemplares da obra, as quais ficaram sensivelmente mais nitidas do que as outras.

ESTAMPAS

Estampa **1**




1

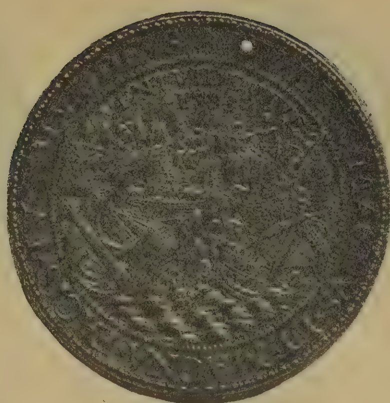



2




3



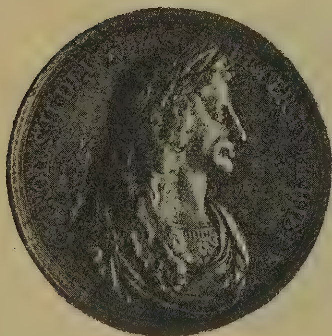



4





5



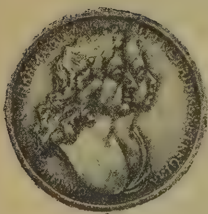
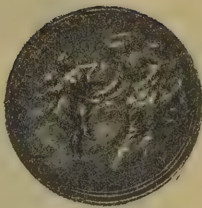

6



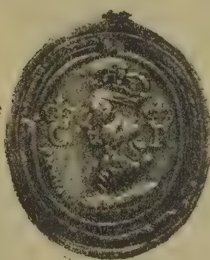

7




8

9

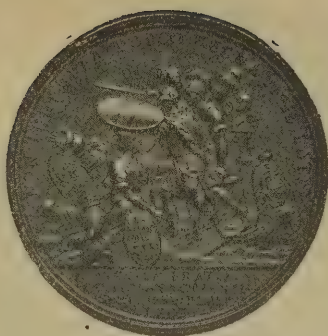



10

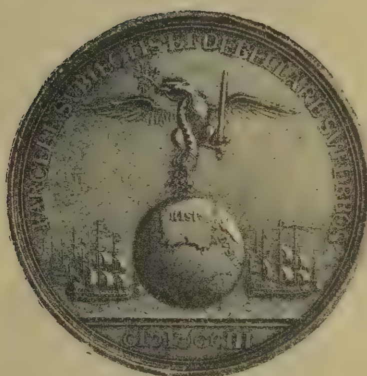


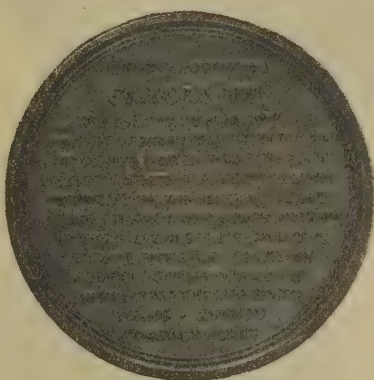

11





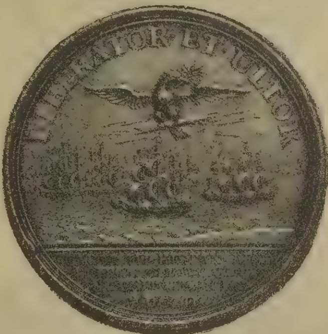
12



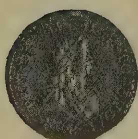


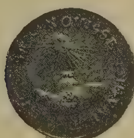
13

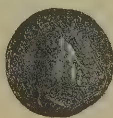


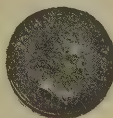


14









15

16





17





18





19




20




21





22





23





24





25





26





27





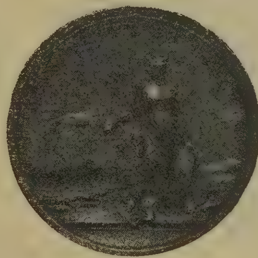
28





29





30




31



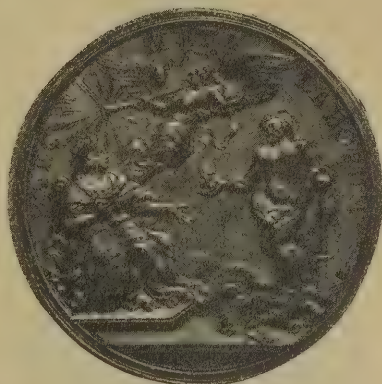

32




33




34

35
(e 36)




37



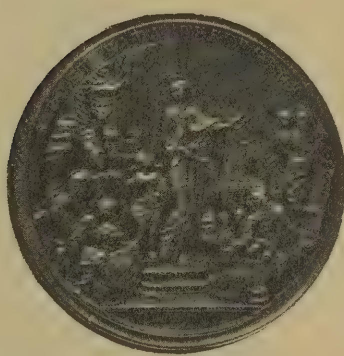

38





39





40
(e 41)

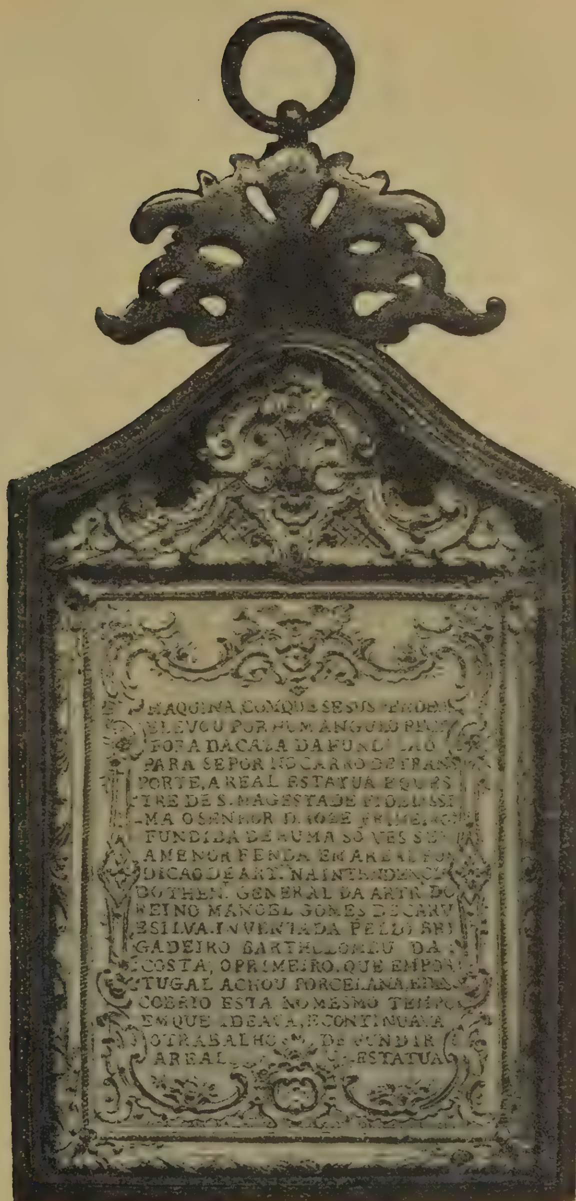




42
(e 43)



44 (e 45), anverso

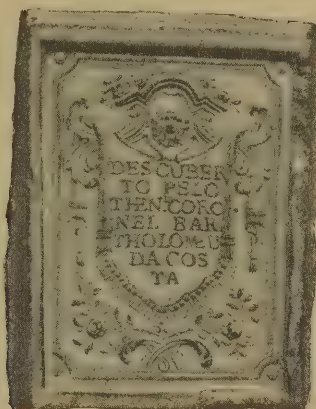

ELEVOU POR HUM ANGULO
PARA SE POR NO CARRO DE TRANS
PORTE, A REAL ESTATUA EQUES
TRE DE S. MAGESTADE
MA O SENHOR D.
FUNDIDA DE HUMA SO VES
A MENOR FENDA
DICAO DE ART.
DO THEN. GENERAL DA ARTR. DO
REINO MANOEL GOMES DE CARV
E SILVA. INVENTADA PELLO BRI
GADEIRO BARTHOLOMEU DA
COSTA, O PRIMEIRO QUE EM POR
TUGAL ACHOU PORCELANA, E DES
COBRIO ESTA NO MESMO TEMPO
EM QUE IDEAVA, E CONTINUAVA
O TRABALHO
A REAL
ESTATUA

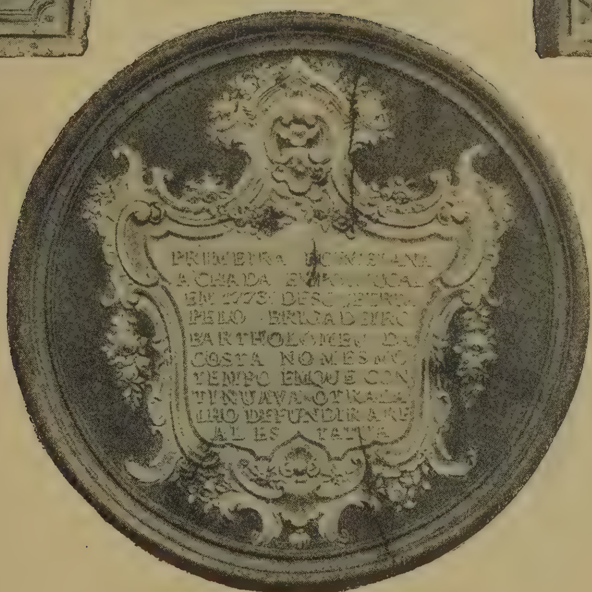
44 (e 45) ℞


ESTATUA EQUESTRE DE



46


DESCUBER
TO PELO
THEN. CORO
NEL BAR
THOLOMEU
DA COS
TA


COSTA NO MESMO
TEMPO EM QUE CON

47



48



49 (50 e 51)



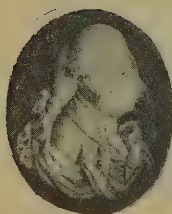
52



53



54



55





56 (57 e 58)





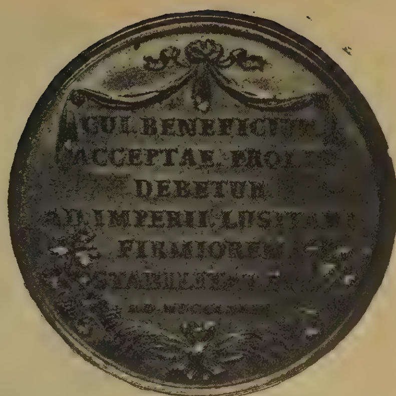
59 (60 e 61)





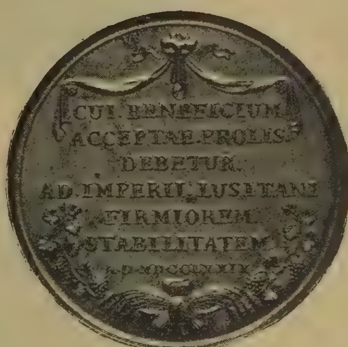
62 (e 63)





64 (e 65)





66 (67, 68 e 69)





70





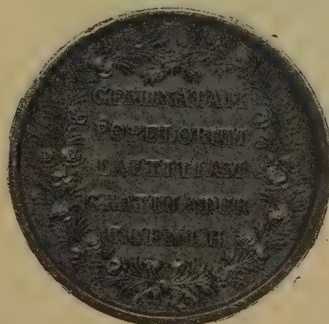
71 (e 72)


STABILITAS. ARTIUM

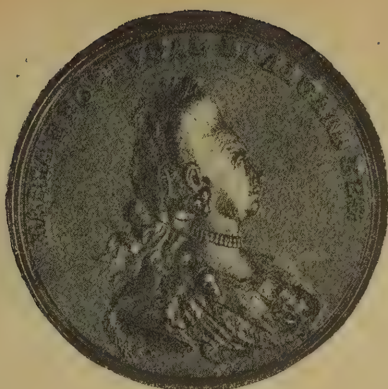
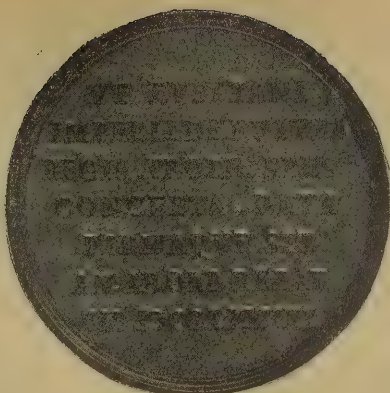

MARIÆ. AVGVSTÆ
LVSITANORVM. REGINÆ
FAVTRICI. ET. ORNATRICI. SVÆ
ACADEMIA. SCIENT. OLISIP.
REGIO. AVCTA. ÆRE
ET. NOMINE

73 (e 74)





75

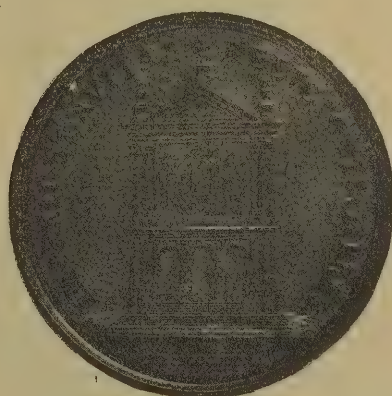
76





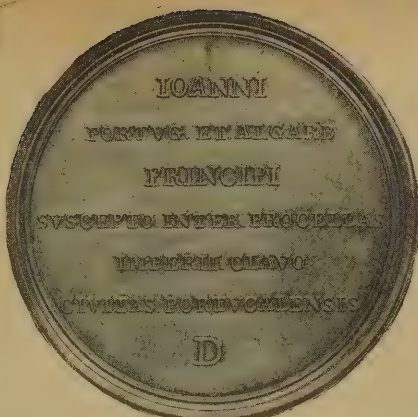
77



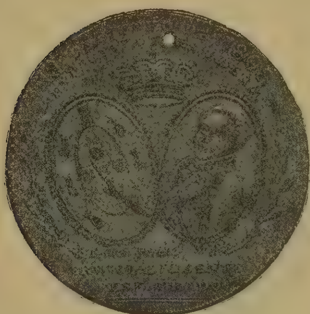


78



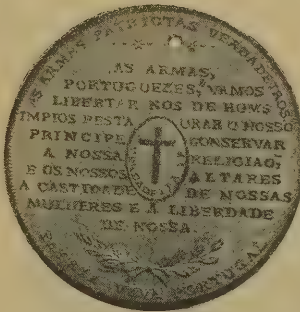


79 (e 80)

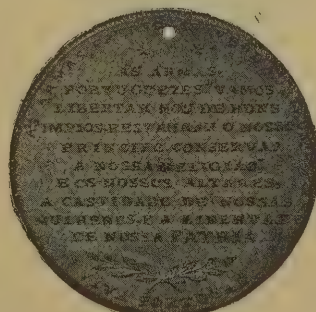



81

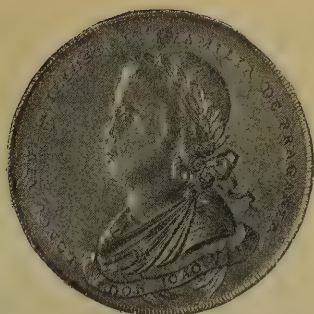
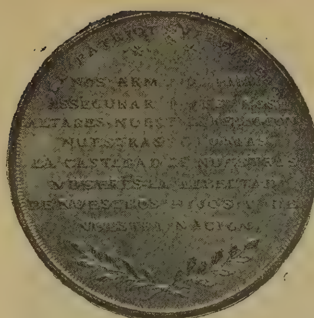




82

83

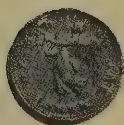
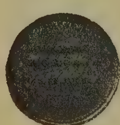
84




85




86

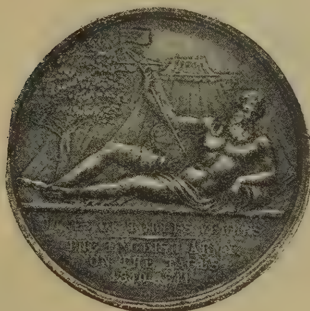
87




88

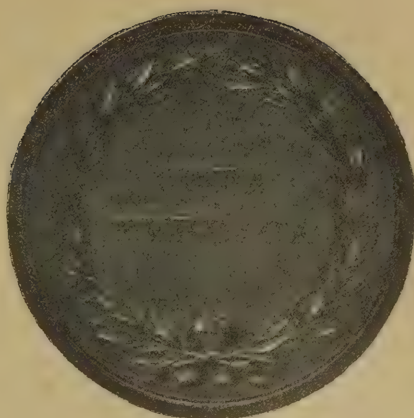



89

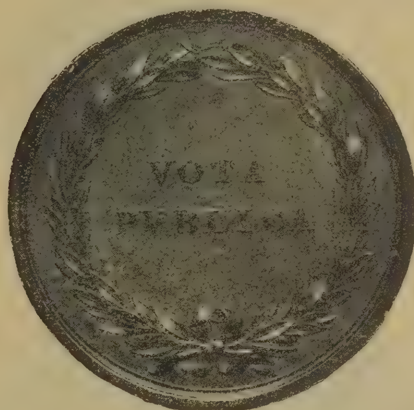
90 (e 91)



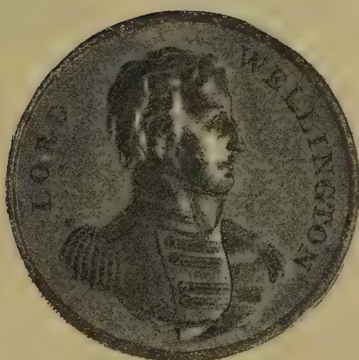


92





93



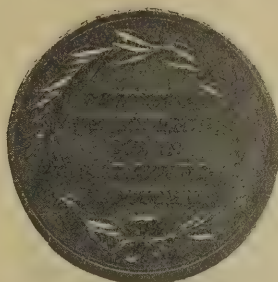


94

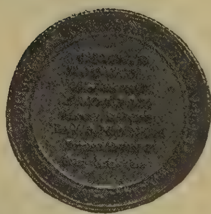




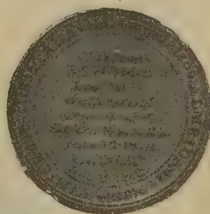
95 (e 96)

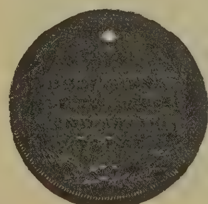
97

98

99 (e 100)

101




102



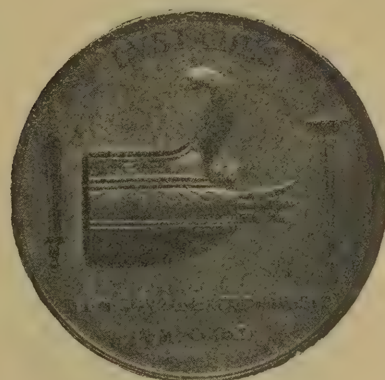

103 (e 104)



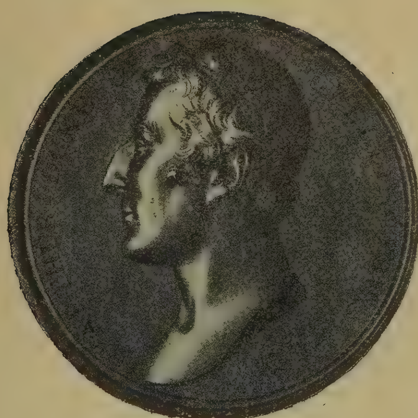
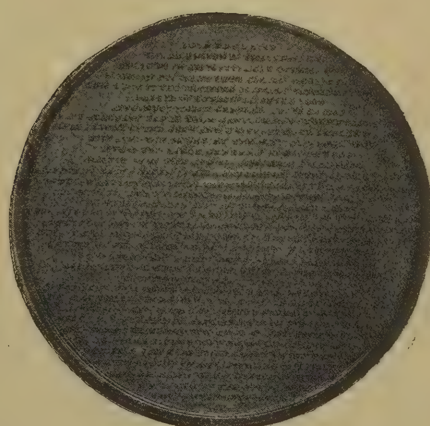

105



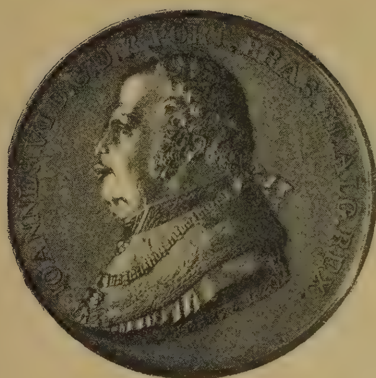

106

107

108





109





110

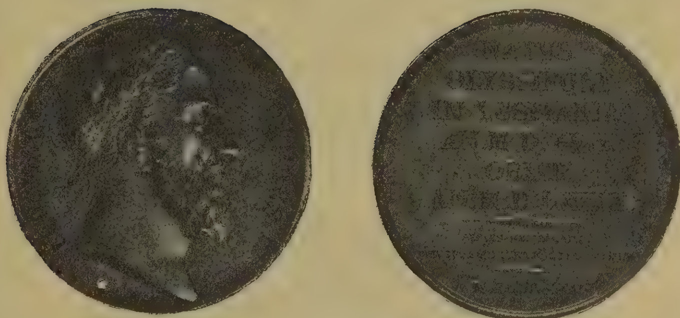




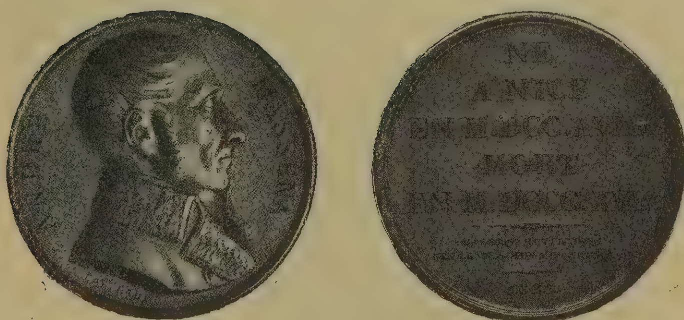
111



112

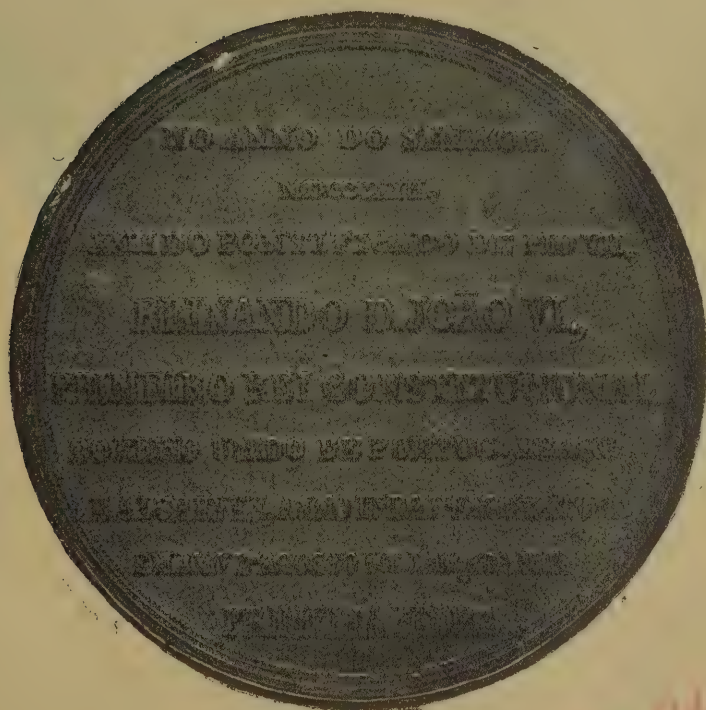


113



114







116 (e 117) anverso



116 (e 117) ℞





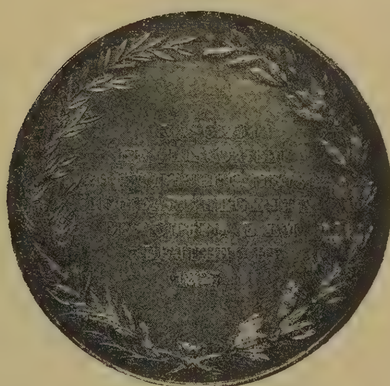
118





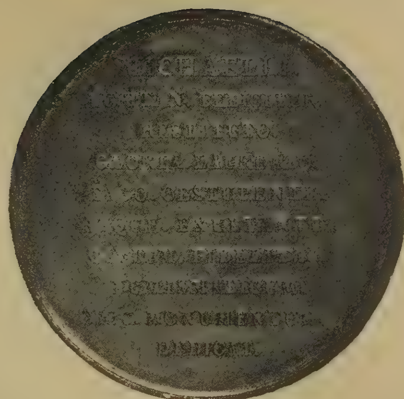
119 (e 120)





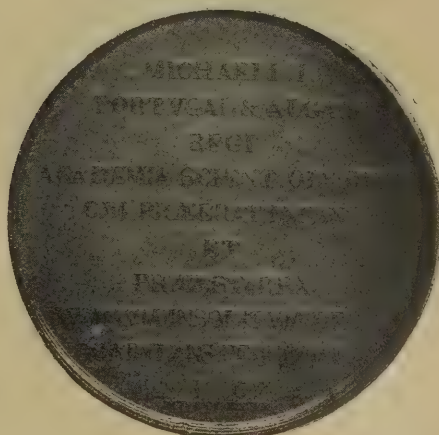
121 (e 122)





123





124

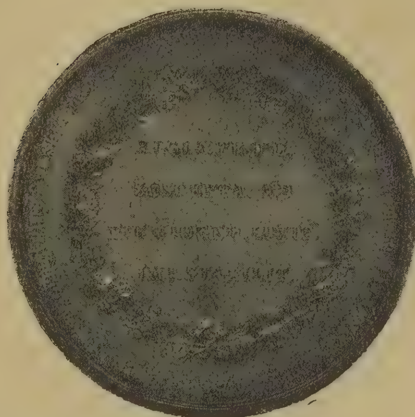




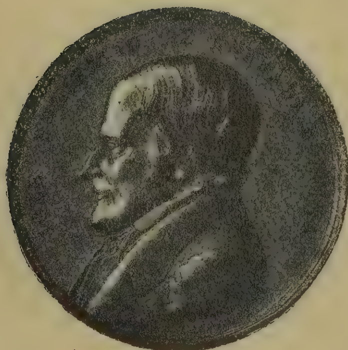
125 (126 e 127)



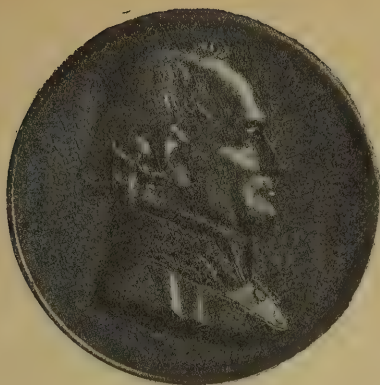

128 (e 129)

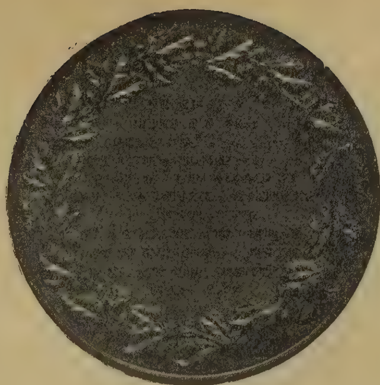



130 (e 131)

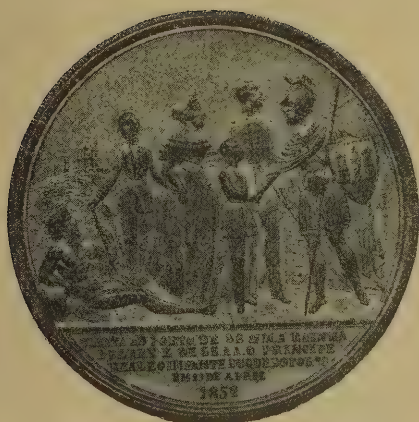


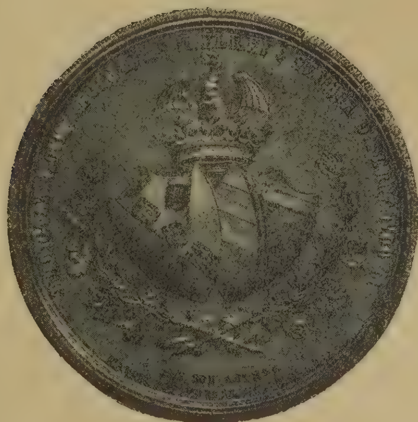

132



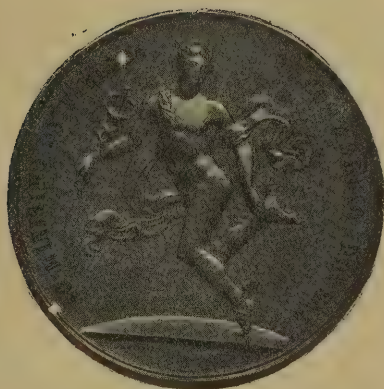


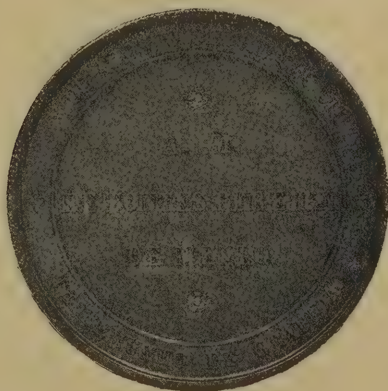
133



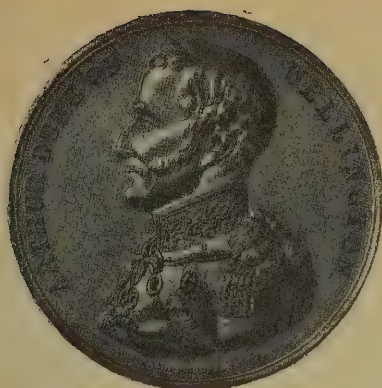


134 (e 135)



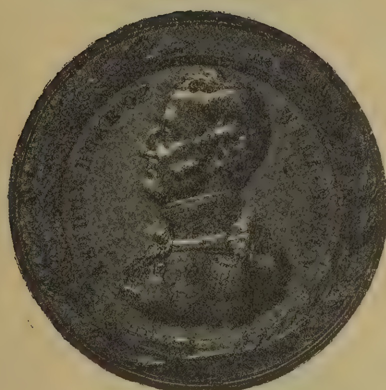
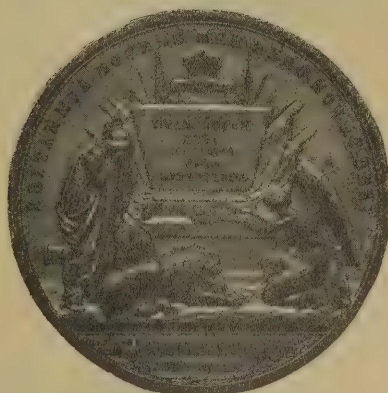


136

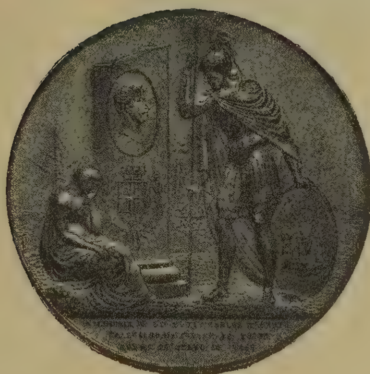
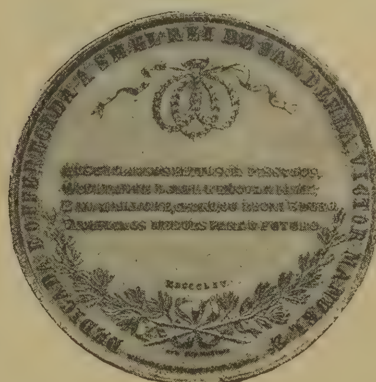




137

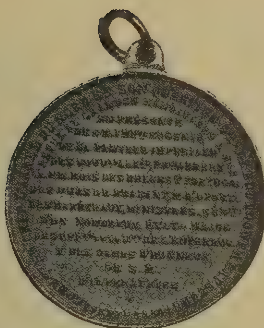
138

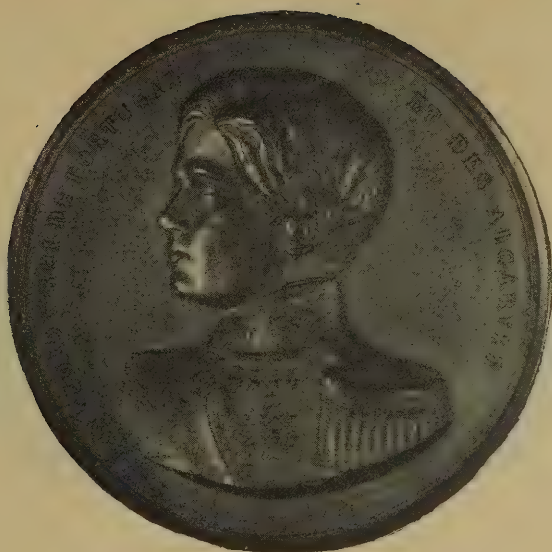
139




140

141





142

143 (e 144)

145 (e 146)





147 (e 148)





149 (e 150)





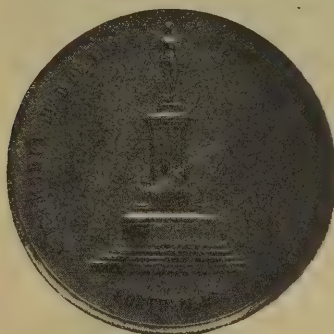
151 (e 152)




153




154 (e 155)

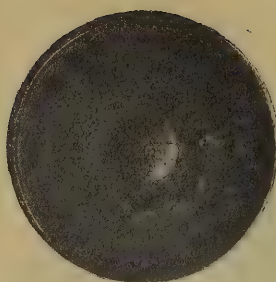



156



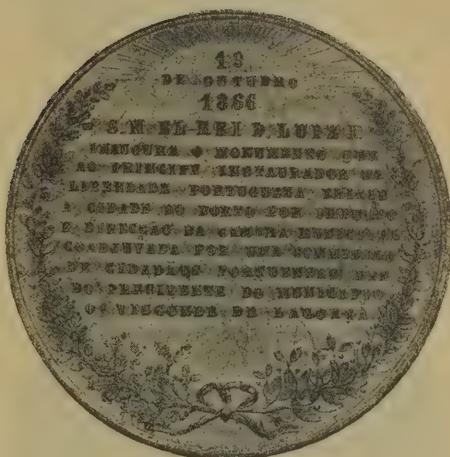

157





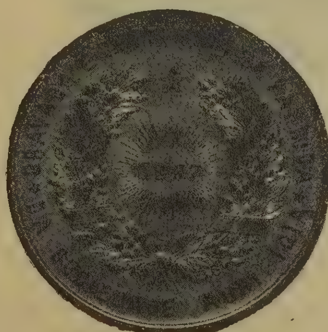
158 (e 159)





160 (161 e 162)



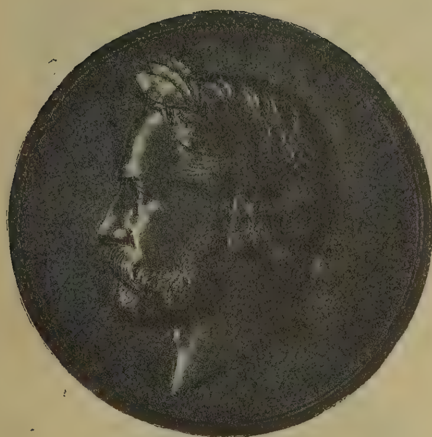


163



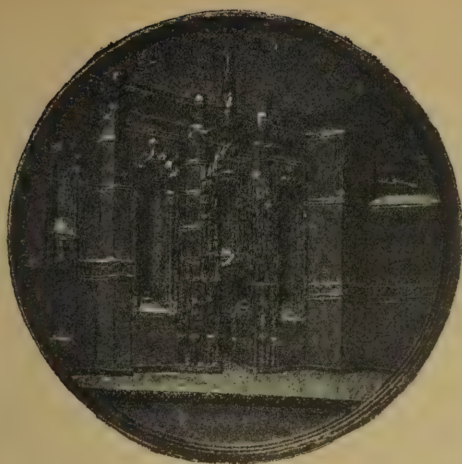


(164 (e 165)





166





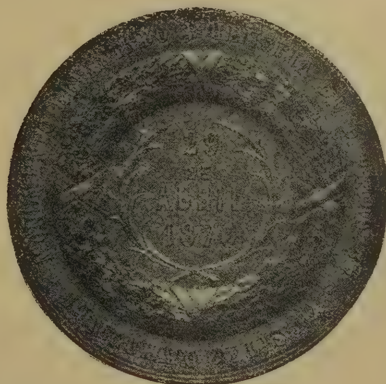
167





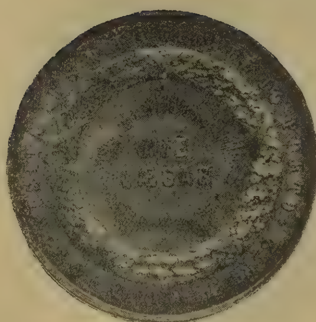
168





169 (170 e 171)





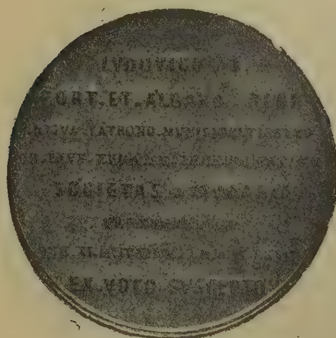
172 (e 173)





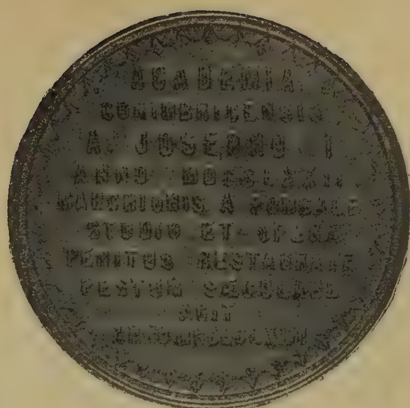
174





175





176





177 (178 e 179)





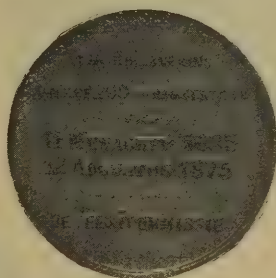
180





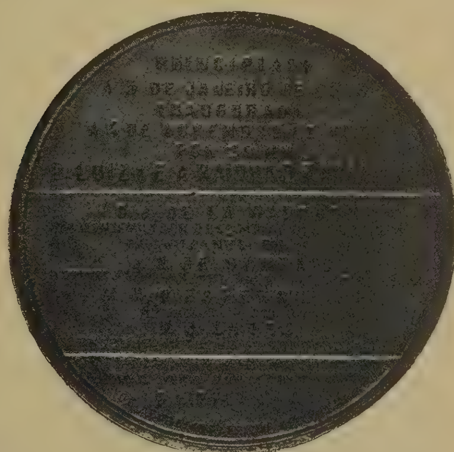
181 (e 182)





183





184




185





186

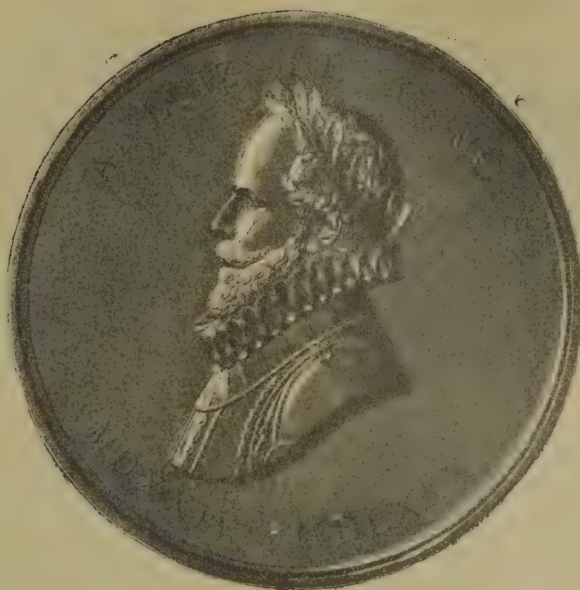


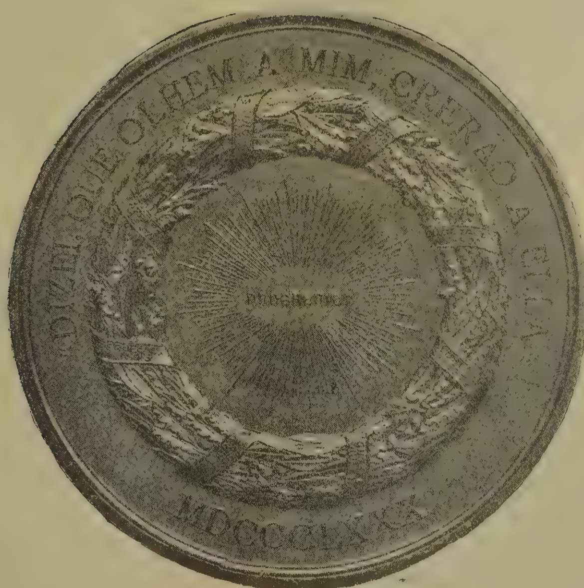
187




188







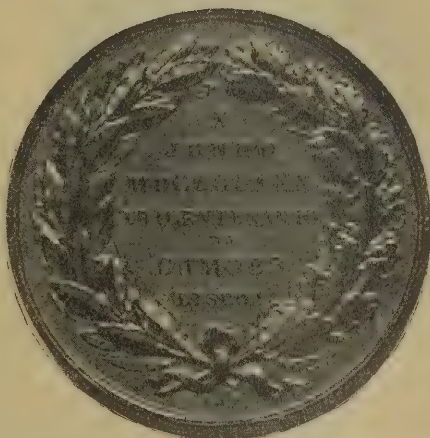
189



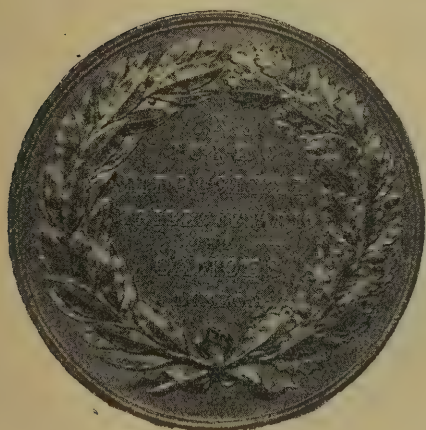


190





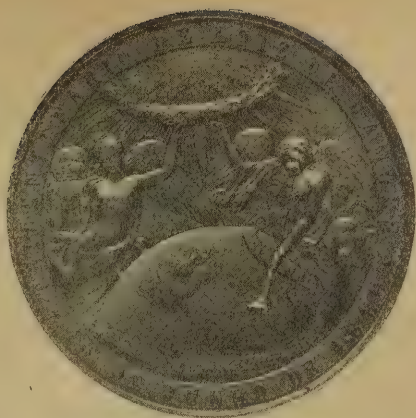
191 (e 192)





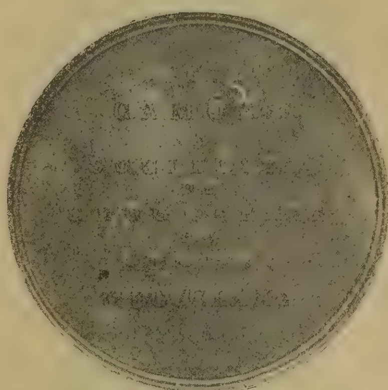
193





194





195

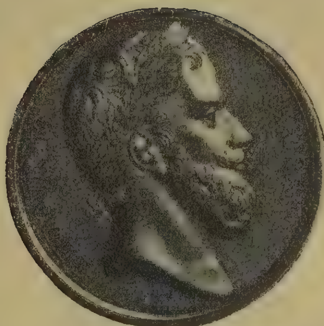




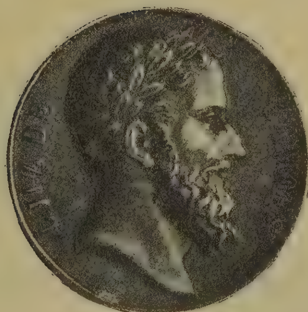
196




197 (198 e 199)




200 (201 e 202)




203 (e 204)




205





206

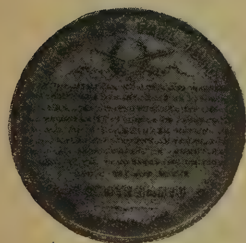


207





208 (e 209)



210 (211 e 212)



213 (214 e 215)



216 (e 217)



218 (e 219)





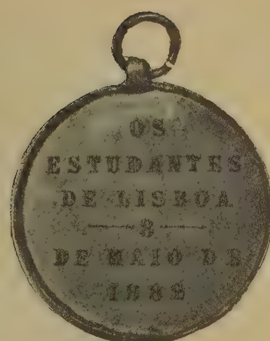
220



221



(223 e 224)

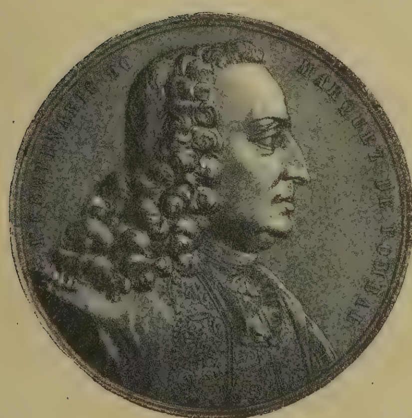


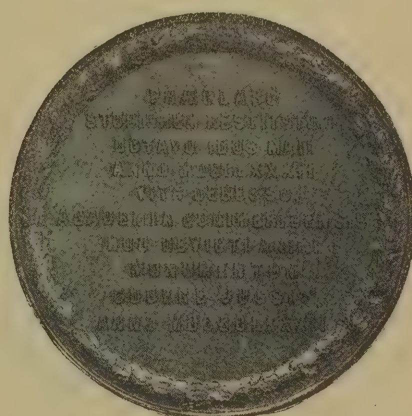
222





225



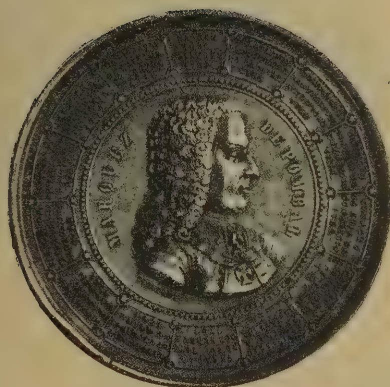


226





227 (e 228)





229 (e 230)

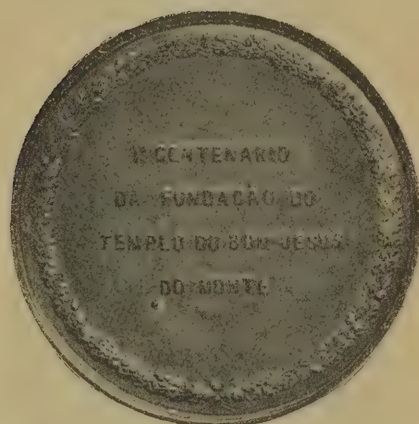




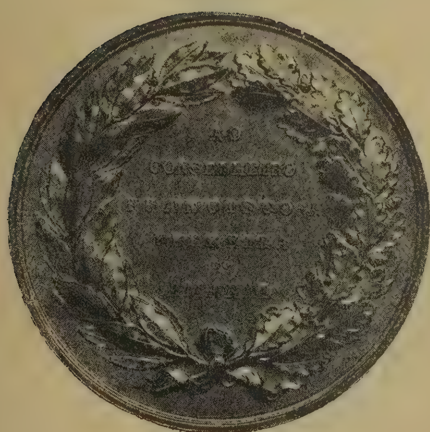
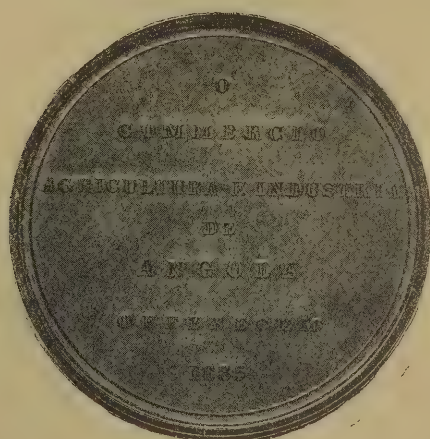
231 (e 232)



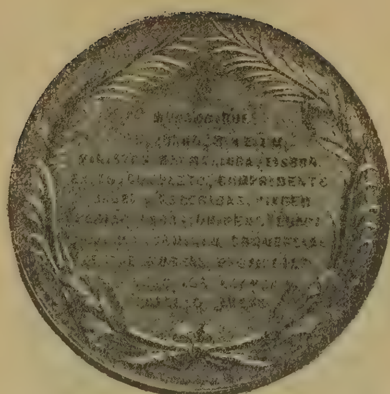

233

234

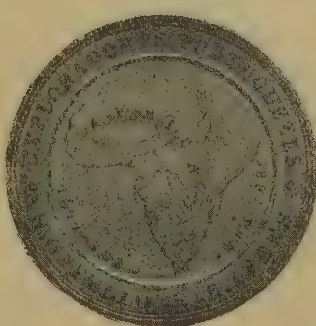
235

236




237

238





239 (e 240)



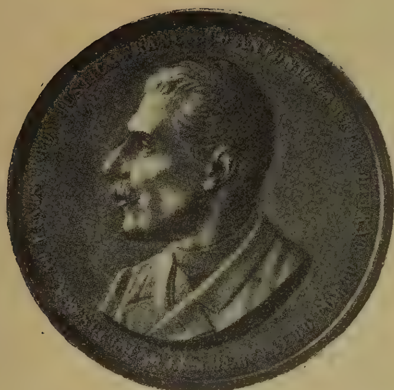


241 (e 242)

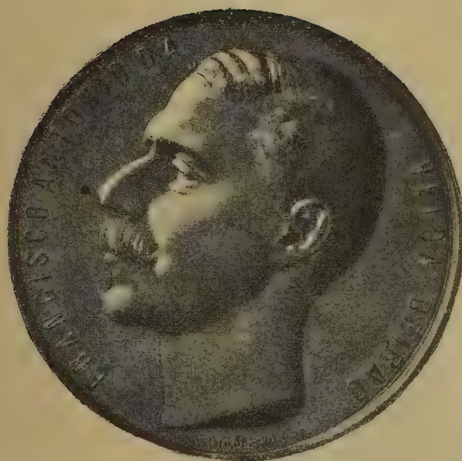
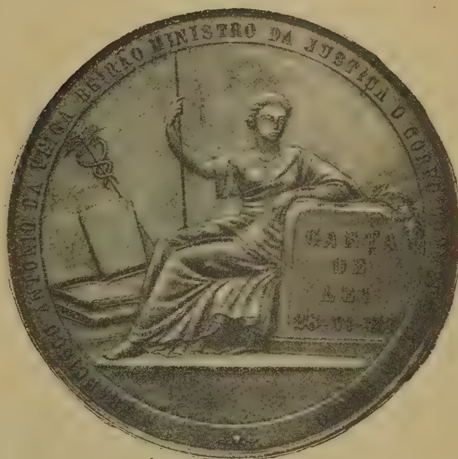




243




244 (245 e 246)

247

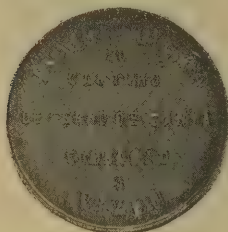



248



249





250 (e 251)





252 (e 253)



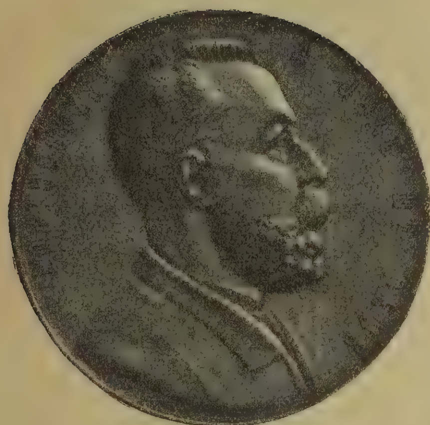


254 (e 255)



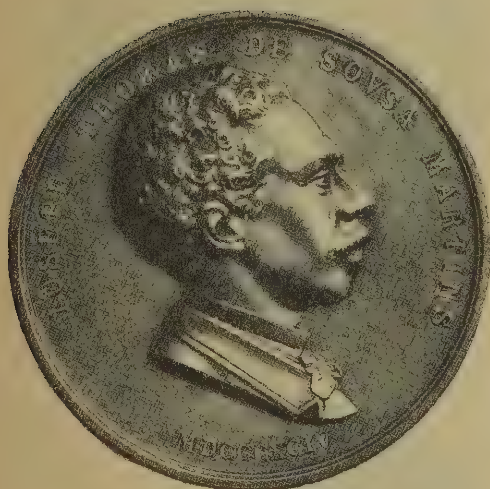


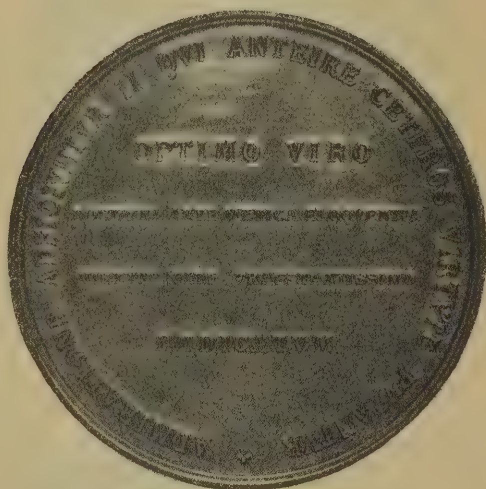
256



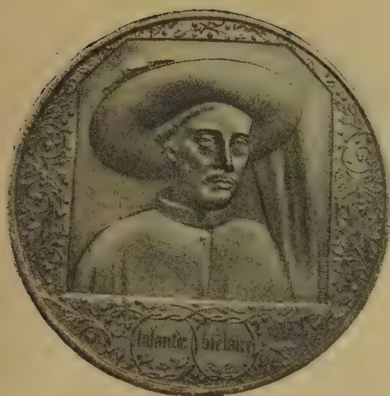


257 (e 258)

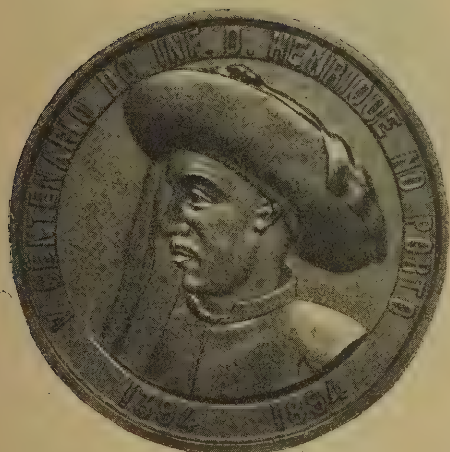


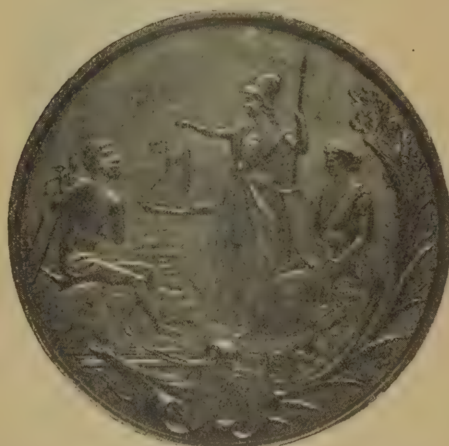


259 (e 260)




261 (e 262)

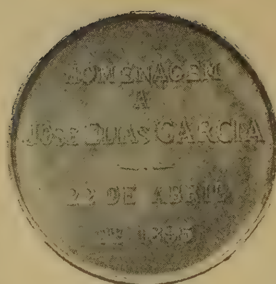




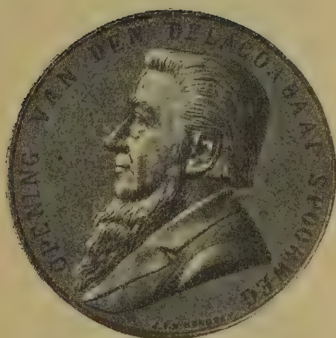
263




264 (265 e 266)

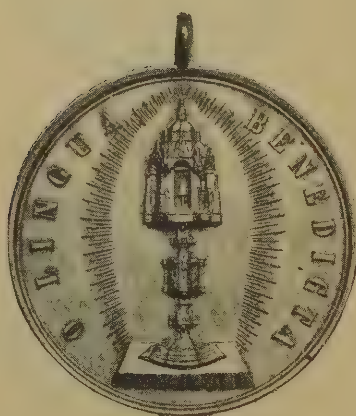

1830
1892

HOMENAGEM
A
GARCIA

267



NEDERLANDSCHE ZUID-AFRIK
1895

268


NASCITA
ASSOCIAZ. UNIVERSALE
PADOVA

O LINGUA BENEDICTA

269



270



271



272



273 (274 e 275)




276




277-A




278-B (e 279)




280-C




281-D




282




283




284



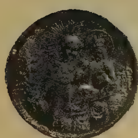

285



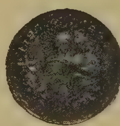

286 (287 e 288)




289 (e 290)




291 (e 292)



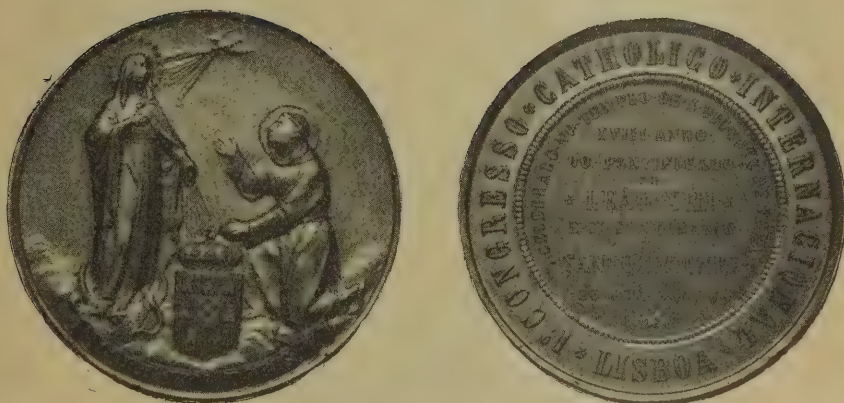

293 (294 e 295)




296



297



298



299 (e 300)



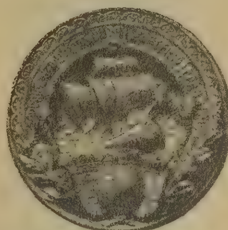
301 (e 302) anverso



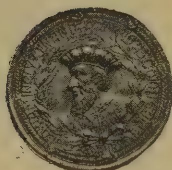
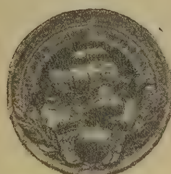
301 (e 302) ℞




303 (e 304)

305 (e 306)

307 (e 308)



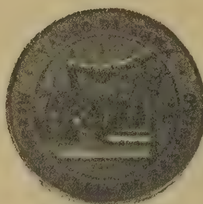


309 (e 310)





311 312 (e 313)

314

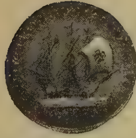



315 (e 316)

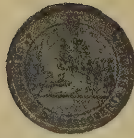




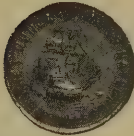
317

326 (e 327)




328 (e 329)

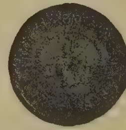
330




331



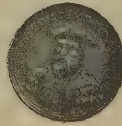
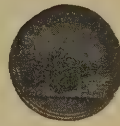

332

333




334

335 (e 336)




337



338, anverso



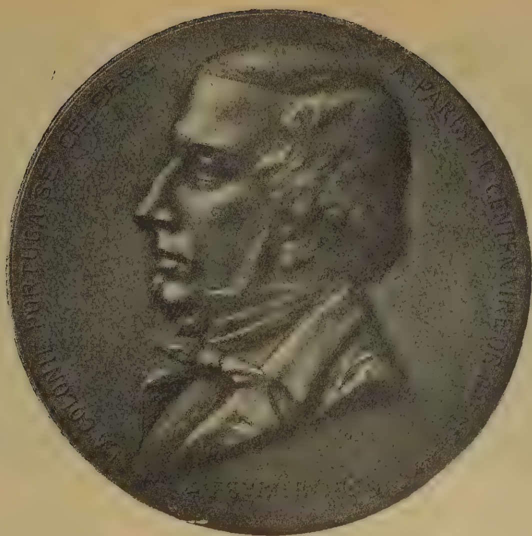
338, ℞



339



340





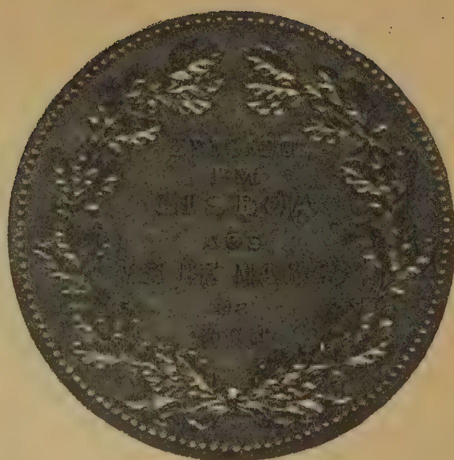
341





342



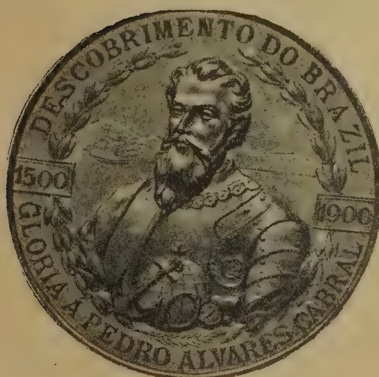


343


PEDRO ALVARES CABRAL DESCOBRIDOR DO BRAZIL


1500
1900
PORTO SEGURO DA ILHA DA VERACRUZ 3 DE MAYO

344


DESCOBRIMENTO DO BRAZIL
1500
1900
GLORIA A PEDRO ALVARES CABRAL


INSTITUTUM HISTORIC. GEOGRAPHIC. IN URBE FLUMIN. CONDIT. DIE XXI OCTOBRIS A.D. MDCCCXXXVIII
AUSPICE PETRO SECUNDO
PACIFICA SCIENTIAE OCCUPATIO

345




INSTITUTO
GEOGRAPHICO E HISTORICO
DA BAHIA

346


PRIMEIRA MISSA


1500
BRAZIL
4º CENTENARIO
1900
PERNAMBUCO

347





348




349




350




351





352



354



353





355



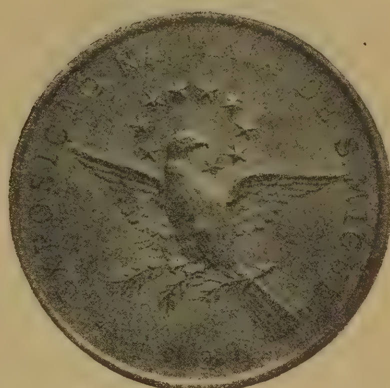


356



357





358 (e 359)



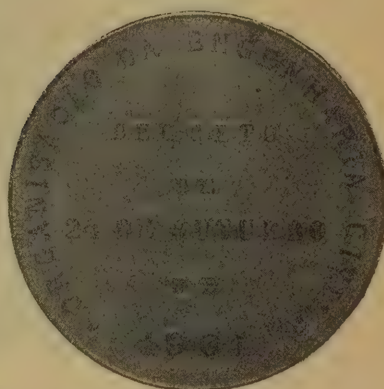


360



361 (e 362)



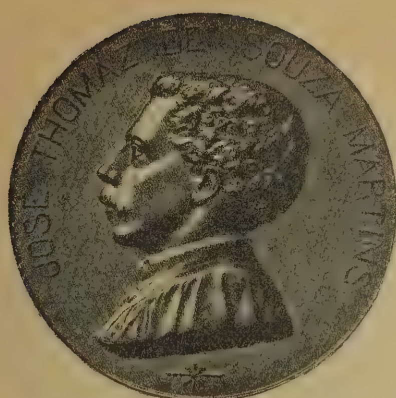


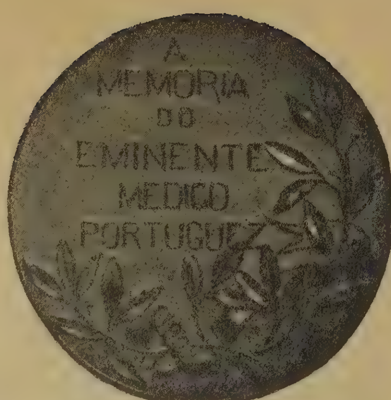
363





364


JOSE THOMAZ DE SOUZA MARTINS

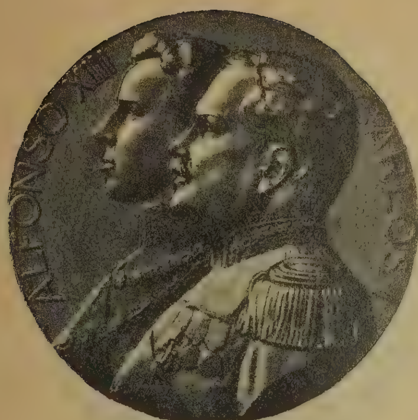

A
MEMORIA
DO
EMINENTE
MEDICO
PORTUGUEZ

365


EDWARD VII
CARLOS I
TONY SZIRMAI


SIGNUM
MEMORIÆ
1902
LONDON
1905
LISBON

366


ALFONSO XIII

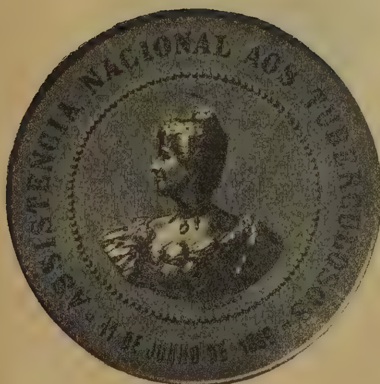


367





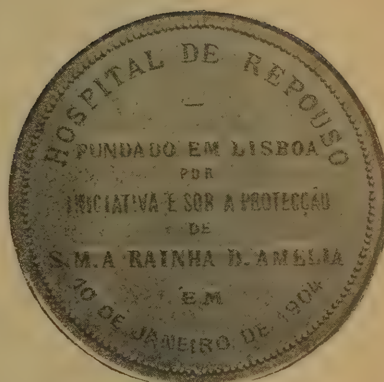
368


ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS


INSTITUTO CENTRAL
FUNDADO EM LISBOA
POR
DE
S.M.A RAINHA D. AMELIA
DE JANEIRO DE

369


ASSISTENCIA NACIONAL AOS TUBERCULOSOS
11 DE JUNHO DE 1899

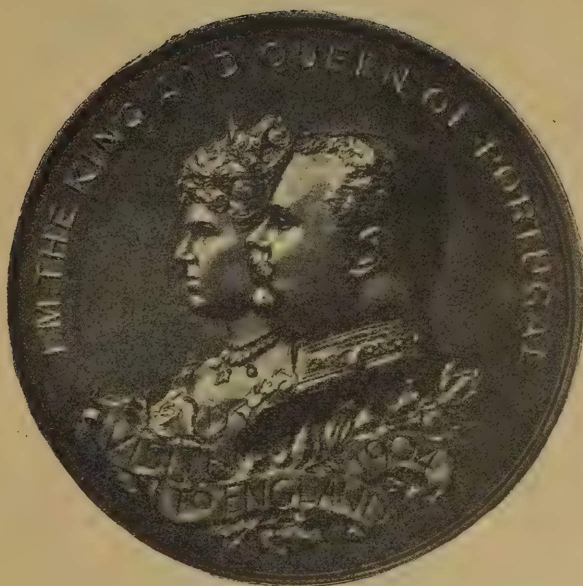

HOSPITAL DE REPOUSO
FUNDADO EM LISBOA
POR
INICIATIVA E SOB A PROTECÇÃO
DE
S.M.A RAINHA D. AMELIA
EM
10 DE JANEIRO DE 1904

370




50
ANNIVERSARIO
DA
SUA FUNDAÇÃO
1854 A 1904

371


OF PORTUGAL
TO ENGLAND


IN COMMEMORATION
OF THE
VISIT OF
OF PORTUGAL
TO ENGLAND
THE PRESENTATION
GRACIOUS RECEPTION
BY THEM OF AN ADDRESS
FROM MEMBERS OF

372





373





374 (e 375)





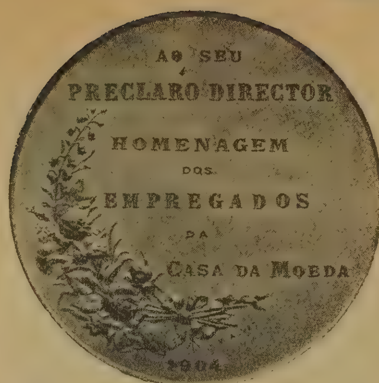
378



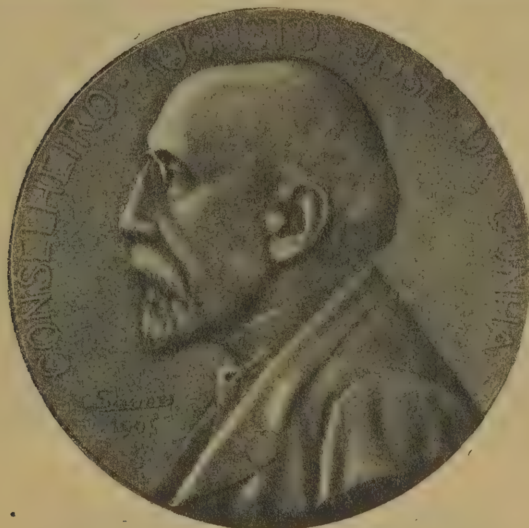


376 (e 377)


AUGUSTO JOSE DA CUNHA


AO SEU
PRECLARO DIRECTOR
HOMENAGEM
DOS
EMPREGADOS
DA
CASA DA MOEDA
1904

379 (e 380)




A
A. J. DA CUNHA
COMO
TESTEMUNHO
DE GRATIDÃO

381



382 (e 383)





384



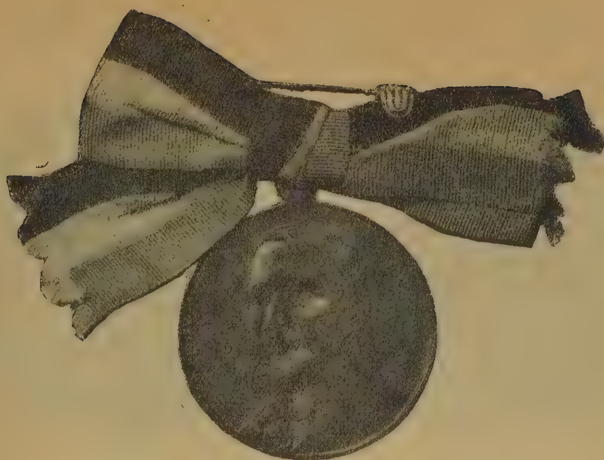


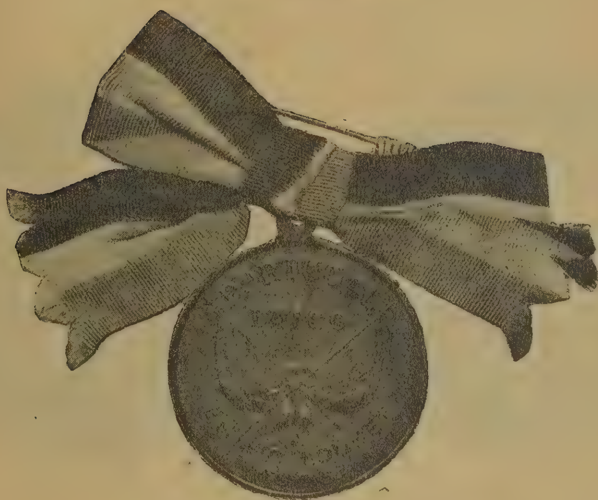
385 (e 386)





387





388



389


LISBOA

— HET NED.
LISSABON

390


PARIS

LA
VILLE DE PARIS
A S.M. CARLOS 1er
ROI DE PORTUGAL
24 NOVEMBRE
1905

391



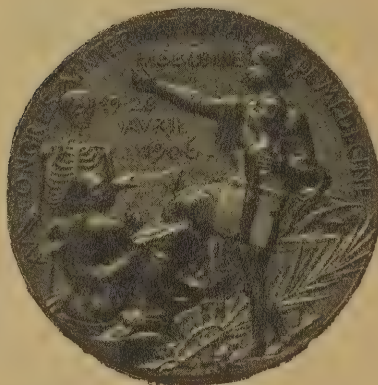

392



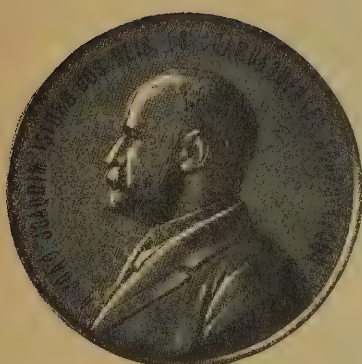


393



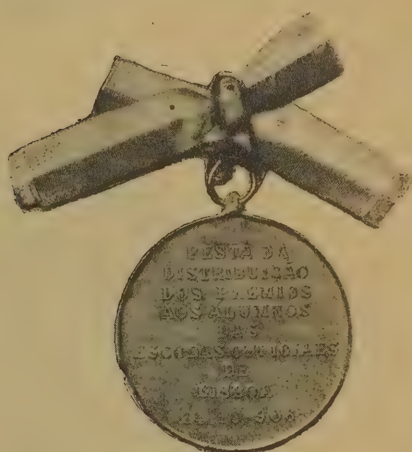


394 (e 395)



PONTE
DA
CHAMUSCA

396



FESTA DA
DISTRIBUIÇÃO

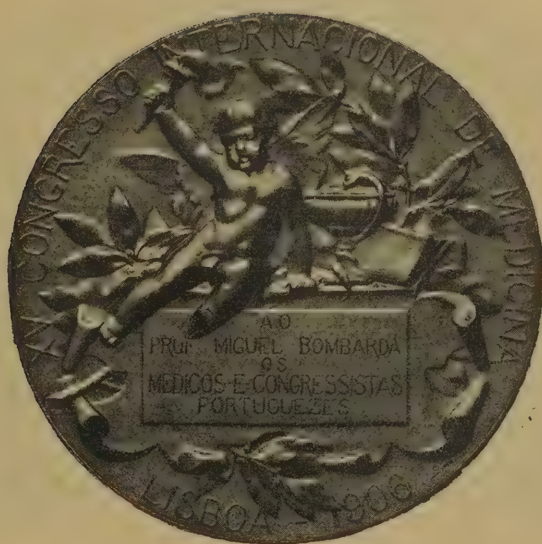
397



RECORDAÇÃO
DA MISSA CELEBRADA
NOVA IGREJA
DE CEDOFEITA
8-12-1906

398


PROF. MIGUEL BOMBARDA


AO
PROF. MIGUEL BOMBARDA
OS
MEDICOS E CONGRESSISTAS
PORTUGUEZES
LISBOA 1906

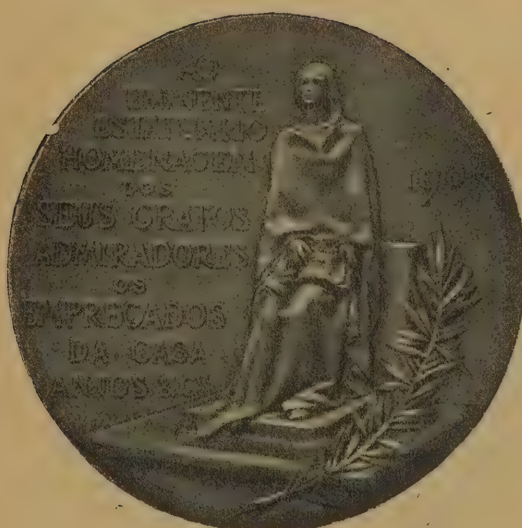
399


LE PORTUGAL
A LA
II CONFERENCE
POUR LA PAIX
LA HAYE
1907


PAX
NICOLAUS II
WILHELMINA

400



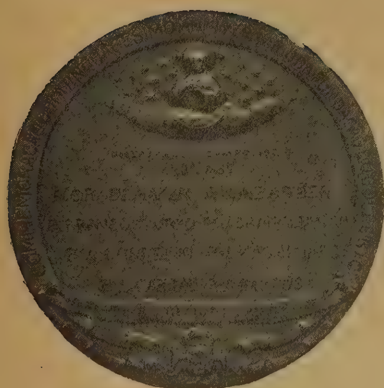


401





402




403




404




405


SZIRMAI
D. MANUEL II REI DE
REAL! REAL! REAL! PELO MUITO ALTO
MUITO PODEROSO E FIDELISSIMO REI
DE PORTUGAL O SENHOR D. MANUEL II


6 DE MAIO
DE
1908
-PAX-LABOR-
SZIRMAI

406





407





408





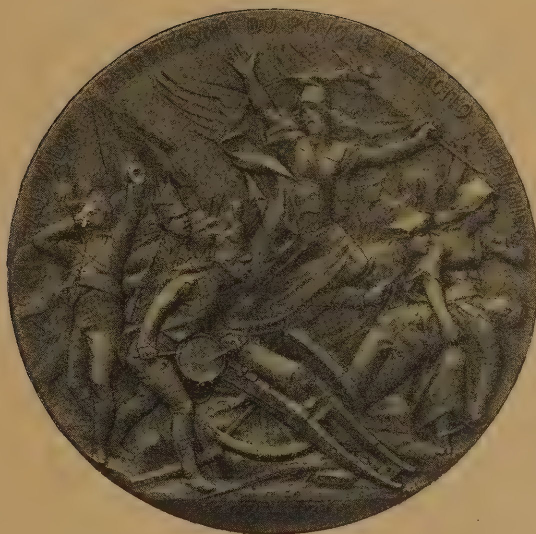
409





410





411 (e 412)

1.600

E

C 62

VII/60

Numismática